



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

RONALD FERREIRA DA COSTA

LA CHANSON DE ROLAND – O CANTAR DE ROLDÃO:
MANUSCRITO DIGBY 23B

RONALD FERREIRA DA COSTA

LA CHANSON DE ROLAND – O CANTAR DE ROLDÃO:
MANUSCRITO DIGBY 23B

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito obrigatório à obtenção do Título de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes.

Londrina
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Costa, Ronald Ferreira.

LA CHANSON DE ROLAND – O CANTAR DE ROLDÃO: : MANUSCRITO DIGBY 23B /
Ronald Ferreira Costa. - Londrina, 2019.
281 f. : il.

Orientador: Frederico Augusto Garcia Fernandes.

Coorientador: Antoni Rossell.

Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

Inclui bibliografia.

1. La Chanson de Roland - Tese. 2. O Cantar de Roldão - Tese. 3. Épica medieval - Tese. 4. Tradução - Tese. I. Fernandes, Frederico Augusto Garcia. II. Rossell, Antoni. III. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. IV. Título.

RONALD FERREIRA DA COSTA

LA CHANSON DE ROLAND – O CANTAR DE ROLDÃO:
MANUSCRITO *DIGBY 23B*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito obrigatório à obtenção do Título de Doutor em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Frederico Augusto Garcia
Fernandes
Universidade Estadual de Londrina –UEL

Prof. Dr. Luiz Carlos Mogliozzi F. de Mello
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profª. Dra. Regina Celia dos Santos Alves
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profª. Dra. Angelita Marques Vissalli
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profª. Dra. Luci Maria Dias Collin
Universidade Federal do Paraná - UFPr

Londrina, 29 de abril de 2019.

DEDICO ESTE TRABALHO

ao Belo Filho,

à Bailalinda,

à Catalana

ao Velho Amigo

e a todas as *M.* da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A meus pais porque, com tudo o que há para agradecer, justamente, isto deveria estar aqui configurado como um panegírico; porque meu pai sempre me lembra que isto é apenas um trabalho, o que me reforça Camões, “Para tão longo amor, tão curta a vida”.

Aos meus três filhos, cujas demandas nem sempre oportunas, porém o mais das vezes divertidas, me preservam do enfrascamento de que sofrera o fidalgo *Quijote*, e me recordam que há mundo e vida fora dos livros. Agradeço-lhes por cada importunação, atenção roubada, passeios, jogos, músicas e conversas nas horas mais insólitas. Vocês recobram-me a vida quando eu definhava em versos nos Pirineus navarros.

A minha esposa, pela paciência e resignação, pela força em mostrar que, contra todas as lendas da academia, o matrimônio pode sim sobreviver a um doutorado, não sem dificuldades, mas bem. Aqui devo estender o agradecimento à prospecção de minha esposa, por imagem e semelhança, de minha sogra. A vó Marilda que tão vovómente não se furtou ao matriarcado Mattos quando em tantos momentos que precisei de um pouco de silêncio fez de sua casa a agradável estância daquelas três nada fáceis criaturas, e lá foram todos, esposa e filhos, tantos domingos, tantas tardes, tantas noites...

Mas, em algum momento é preciso reconhecer. Um trabalho é tão bom quanto melhores são os amigos daquele que empreende realizá-lo. Igualmente necessário é relativizar a presunção, pois as imperfeições são todas minhas, mas eu tenho tão bons amigos e melhores na medida que tão poucos e seletos. A eles, cumpre também agradecer:

Ao prof. Frederico Augusto Garcia Fernandes, pela coragem e generosidade em acolher-me quando não havia nada, por acreditar, por deixar, pela justa palavra, pelo apoio incondicional e, sobretudo, por este trabalho, pois sem suas provocações e sensibilidade poética, isto não seria o que é, do que hoje nos orgulhamos. Foi dura a caminhada, mas Fred é a antonomásia da orientação mais precisa. Deixo meu agradecimento, meu respeito, admiração e minha amizade.

Al prof. Antoni Rossell, quien me decía que no hay que agradecer un trabajo bien hecho pues es la obligación. Es que, sin embargo, él ha hecho más. Le agradezco, no por el trabajo tan bien hecho – por ello queda mi admiración – pero sí, por la acogida, por las anécdotas, por las canciones, por los paseos, por Verdi, por creer.

E aos amigos que deixaram sua contribuição não menor, ao prof. Ricardo Töws, ao Pe. Alexandre Alves Filho, ao já muito antes medievalista Elimar Plínio Machado, meu padrinho em tantos sentidos. E, finalmente, feito Blau Nunes, de jovem revolucionário a velho paisano – nem tão velho e nem tão paisano, ah quantas batalhas! – que inspirara as trovas de João Simões Lopes Neto, o também guasca de muitas paragens, comandante prof. Amir Limana, sobre quem, nesses versos, eu escutava sempre o mandato do treveiro: “Patrício, escuta-o!” Meu profundo agradecimento.

Dente na batalha na guéla ines adiante.

Se o vulto legenda bem lembrado barão.

(*Chanson de Roland*, vv. 3509 e 3760, trad. Théo Ferreira e Mattos)

μηνιν ἄειδε θεὰ Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος
ούλομένην, ἣ μυρὶ Ἄχαιοῖς ἄλγε' ἔθηκε,
πολλὰς δ' ἰφθίμους ψυχὰς Ἄϊδι προΐαψεν¹

Canta, oh deusa, a cólera do Pélida Aquiles
funesta cólera que causou aflição aos aqueus
e que precipitou ao Hades muitas almas de heróis valentes.

¹ *Pélida* é patrônimo, significa filho de Peleu. Transcrição do grego: *Homer. Homeri Opera in five volumes. Oxford, Oxford University Press. 1920*, vv. 1-3, disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0133>).

COSTA, Ronald Ferreira da. *La chanson de Roland – O cantar de Roldão*: Manuscrito Digby 23b. 2019. 281p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

RESUMO

A Tese apresenta como resultado uma tradução bilíngue, crítica e comentada da Chanson de Roland, composta pela apresentação paleográfica do manuscrito de Oxford Digby 23b, com sua transcrição em Anglo-Normando e a tradução poética à língua portuguesa: O cantar de Roldão. A este resultado antecedem, como primeira parte da Tese, estudos críticos embasados na tradição filológica europeia. Inicialmente, apresenta-se um panorama do gênero épico medieval, os cantares de gesta, suas características e as hipóteses de origem do gênero até hoje teorizadas. Em seguida traça uma contextualização com os estudos da dinastia carolíngia em seus aspectos ético, político e histórico, que se podem reconhecer no cantar. Acerca de sua pré-história, apresentam-se as hipóteses mais trabalhadas e aceitas no âmbito da filologia europeia quanto à data de composição de um prototípico cantar, do qual se fez copiar o Manuscrito de Oxford, seu limite de anterioridade possível e o de posterioridade. O aspecto da autoria é estudado a partir de uma hipótese de identificação de Tuoldus que aparece no explicit do cantar e, a seguir, os principais personagens do poema são tratados em suas características literárias e históricas, quando cabe. Abordamos ainda o evento histórico da batalha de Roncesvales e consideramos a constituição da matéria lendária do cantar no transcurso do tempo. Então apresentamos o enredo tal como se lê no poema e seus aspectos formais, bem como o processo tradutológico, apresentando-o com alguma ênfase ao ritmo dos versos, o que mais revela do ineditismo do trabalho, apontando às possibilidades performáticas da tradução. A segunda parte constitui-se, propriamente, da transcrição do manuscrito e da tradução, do idioma original, Anglo-Normando, à língua portuguesa, de todos os 4002 versos do cantar em decassílabos assonantados no ritmo de martelo agalopado. Estas, transcrição e tradução, acompanham-se de notas críticas e comentários de ordem filológica, paleográfica, poética e literária. A divisão que se apresenta na segunda parte, não presente no manuscrito, é proposta como forma de facilitar a leitura, compreensão e referência do narrado, nos 35 episódios que se distribuem nas quatro partes do cantar, a saber, a traição, a derrota, a vitória e a justiça.

Palavras-chave: La chanson de Roland. O cantar de Roldão. Manuscrito Digby. Épica medieval. Tradução.

COSTA, Ronald Ferreira da. *La chanson de Roland – The Song of Roland*: Digby Manuscript 23b. 2019. 281p. Dissertation (Doctorate in Letters) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

ABSTRACT

This thesis presents a critically annotated translation of the *La chanson de Roland*, achieved through the paleographic presentation of the Oxford Digby 23b manuscript with its Anglo-Norman transcription and the poetic translation to the Portuguese language: *O Cantar de Roldão*. The first part of the thesis is a critical study based on the European philological tradition. Initially, we overview characteristics and hypothesis about the origin of the songs of geste in the medieval epic genre. Next, we contextualize the work through the ethical, political and historical aspects of the Carolingian dynasty. With regards to its pre-history, this work presents a more elaborate hypothesis in the field of European philology that is related to the composition date of a prototypical chanson, which was copied to the Oxford Manuscript, with the possible limits of its anteriority or posteriority. The study of the authorial aspect is based on a hypothesis of the identification of Toroldus before the main characters of the poem are treated in according to their literary and historical traits. The Battle of Roncevaux Pass is also discussed, and the constitution during the period of the song. We then present the plot with its formal characteristics. The translation process puts emphasis on the rhythm of the verses revealing more of the novelty of the work and pointing out the performative possibilities of the translation. The second part is the transcription of the manuscript and the translation of all the 4002 verses of the poem in ten rhymed syllables from the original Anglo-Norman language to Portuguese and in the rhythm of *martelo agalopado* (galloper hammer). Both transcription and translation are accompanied by critical notes and comments of philological, paleographic, poetic and literary order. The division used in the second part – not present in the original manuscript – is proposed here in order to facilitate the reading, comprehension and reference to what is being narrated over the 35 episodes composing the four parts of the song, which are the betrayal, the defeat, the victory and the justice.

Keywords: *La chanson de Roland*. The song of Roldan. Digby Manuscript. Medieval epic; translation.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	10
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	11
LISTA DE ABREVIATURAS MAIS COMUNS NO MANUSCRITO	12
PROPÓSITO DO TRABALHO.....	13
II - A ORIGEM DOS CANTARES DE GESTA.....	26
III - A MATÉRIA CAROLÍNGIA.....	33
IV – O MANUSCRITO DE OXFORD.....	37
V - ARQUEOLOGIA DO CANTAR	39
VI - A AUTORIA	41
VII - ALGUNS PERSONAGENS	46
VIII - DO FATO À LENDA	60
IX - VOZES QUE SILENCIAM A HISTÓRIA	65
X - A ESTRUTURA DO CANTAR	69
XI - TRADUÇÃO E TRADIÇÃO, RITMO E ORALIDADE	77
XII - ANÁLISE DA SÉRIE I DO MANUSCRITO <i>O</i>	85
XIII - A NOSSA TRADUÇÃO: A Fórmula Rítmica e a Variabilidade Épica	87
O CANTAR DE ROLDÃO	94
I - A TRAIÇÃO	94
Conselho de Marsílio	94
Conselho de Carlos Magno	104
Embaixada de Carlos Magno	112
Premonições de Carlos Magno.....	134
A hoste de Carlos Magno	135
II- A DERROTA	140
A hoste nos Pirineus.....	140
Primeira alteração entre Roldão e Oliveiro	147
Primeiro esquadrão sarraceno	156
Esquadrão de Marsílio.....	168
Segunda alteração entre Roldão e Oliveiro	179
Roldão toca o olifante e Carlos empreende o retorno	181
O esquadrão de Marsílio deserta	186
O Califa Margonício e o terceiro esquadrão	188
A morte de Oliveiro	189

A fuga dos sarracenos	193
O minuto triunfal de Roldão.....	199
A morte de Turpino.....	201
A morte de Roldão	203
III - A VITÓRIA	209
Lamentando os mortos	209
O encalço aos pagãos	211
Novas premonições de Carlos Magno.....	214
Rei Marsílio em Saragoça	216
Emir Baligão chega à Espanha.....	218
De volta a Roncesvales	227
Formação das hostes	232
A Batalha.....	246
Combate singular entre Carlos Magno e Baligão.....	257
A tomada de Saragoça.....	260
IV - A JUSTIÇA	262
Regresso a <i>Aix</i>	262
Morte da Bela Alda	263
O Juízo de Galalão	265
Combate entre Teodorico e Pinabel	268
Suplício de Galalão	274
A conversão.....	275
A sina do Imperador.....	275
BIBLIOGRAFIA.....	277

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Genealogia de Müller.....	38
Figura 2: Tapeçaria de Bayeux – detalhe <i>Tuoldus</i> de Fécamp.	44
Figura 3: Dintel <i>Chanson de Roland</i>	54
Figura 4: Códice Emilianense, 39, fl. 245r.....	67
Figura 5: Destaque: Nota Emilianense.	67
Figura 6: Olifante de Roldão, Museu da Catedral de Santiago de Compostela.	92
Figura 7: Mapa	93
Figura 8: Ms. <i>O</i> fl. 11r. vv. 579-581.....	126
Figura 9: Ms. <i>O</i> fl. 11v. vv. 603-606.....	127
Figura 10: Ms. <i>O</i> fl. 14r. vv. 738-739.....	135
Figura 11: Ms. <i>O</i> fl. 18v. vv. 994-995.....	147
Figura 12: Ms. <i>O</i> fl. 25v. vv. 1387-1390.....	164
Figura 13: Ms. <i>O</i> fl. 26v. v. 1441.	167
Figura 14: Ms. <i>O</i> fl. 26v. v. 1444.	167
Figura 15: Ms. <i>O</i> fl. 30r. vv. 1629-1631.....	177
Figura 16: Ms. <i>O</i> fl. 32v. vv. 1777-1779.....	182
Figura 17: Ms. <i>O</i> fl. 33r. v. 1809.....	184
Figura 18: Ms. <i>O</i> fl. 33r. v. 1814.....	184
Figura 19: Ms. <i>O</i> fl. 33v. v. 1835.....	185
Figura 20: Ms. <i>O</i> fl. 34r. v. 1862.....	186
Figura 21: Ms. <i>O</i> fl. 37v. v. 2052.....	195
Figura 22: Ms. <i>O</i> fl. 51v. v. 2832.....	226
Figura 23: Ms. <i>O</i> fl. 51v. vv. 2839-2841.....	226
Figura 24: Ms. <i>O</i> fl. 54r. vv. 2981-2983.....	232
Figura 25: Ms. <i>O</i> fl. 72r. v. 3984.....	276

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AND	<i>Anglo-Norman Dictionary</i>
ant.	anterior
ar.	árabe
fl.	Fólio
germ.	germânico
ms.	manuscrito
n.	nota
<i>O</i>	[manuscrito de] Oxford
p.	página
pp.	páginas
r.	recto (frente)
s.	série
ss.	séries
seg.	seguinte
trad. lit.	tradução literal
v.	verso
vv.	versos

LISTA DE ABREVIATURAS MAIS COMUNS NO MANUSCRITO

ã	<i>am</i>
ḃ	<i>ber</i>
carl̄t	<i>Carles</i>
d'f	Deus
.ě.	<i>est</i>
ě	<i>em / en</i>
ḡ	<i>men</i>
nrě	<i>nostre</i>
ō	<i>om / on</i>
oliù	<i>Oliver</i>
ḡ	<i>pre / pri</i>
p	<i>per / pro</i>
f	s
Rol̄t	<i>Rolland</i>
vrě	<i>vostre</i>
≈	<i>est</i>
⊖	<i>us</i>

PROPÓSITO DO TRABALHO

A *Chanson de Roland* é, consensualmente, o mais belo e mais antigo dos cantares épicos preservados nas línguas românicas: “A mais antiga e também a mais bela [gesta]”¹ (BÉDIER, 1927), ou, nas palavras de Léon Gautier², editor de clássica edição do cantar, a *Chanson de Roland* trata-se de o mais célebre dos cantares de gesta e o mais belo monumento da epopeia francesa. Concebido até hoje como um texto de leitura necessária, destinado tanto aos estudos superiores de filologia românica como aos cursos secundários na Europa, no Brasil encontramos ainda escassa difusão dessa obra. A dramática batalha que vitimou Roldão e toda a retaguarda francesa nos altos cumes do Pirineu navarro é o enredo do cantar que, em boa medida, repousa nas historiografias preservadas, ainda que nem sempre consensuais entre si; muitos outros aspectos, no entanto, pertencem à mais pura ficcionalidade.

Após a reflexão que segue acerca de quase dois séculos de estudos debruçados sobre o cantar, e após a experiência com o próprio poema, aqui transcrito na língua original, traduzido ao português, anotado e comentado, confiamos que o leitor compartilhará da nossa impressão de que as mais poéticas e belas passagens que se destacam nos seus 4002 versos são protagonizadas pela ficção. As disputas entre Roldão e Oliveiro, o combate singular entre Carlos Magno e Baligão, a morte da Dona Alda, são exemplos disso. Nada desmerecendo o valor histórico do poema, é inequívoco que o valor poético o fundamenta.

Inerente à sua poeticidade, muito se discutiu, ao longo do século XX, o que hoje está assentado como outra característica fundamental dos cantares de gesta, que é o seu pretendido caráter oral. Mais do que a presunção inicial aventada, já é comum serem apontados os índices de oralidade desses cantares, sobretudo a partir de sua evidente estrutura formular. Uma leitura que passe por alto dessa dimensão oral e desses aspectos formais do gênero épico trata-se de um equívoco epistemológico³. Não é sem desalento que percebemos, contudo, que as mais canônicas edições e traduções da *Chanson de Roland*, desde o descobrimento do mais antigo manuscrito em 1832, operam por uma

¹ [L]a plus ancienne et aussi la plus belle.

² GAUTIER, 1849.

³ ROSSELL, 1993, 2016.

sorte de apagamento dessa dimensão, na medida em que prescindem de alguns traços de oralidade ainda passíveis de se encontrar no texto, como a métrica, a rima e o ritmo.

Uma interessantíssima imagem desse fenômeno nos oferece Henri Meschonnic (2010), quando compara a tradução com o barqueiro. Importa para ele menos o atravessar, mas o estado em que chega aquele a quem atravessou; Caronte, conclui Meschonnic, atravessa os mortos que, no trajeto, perdem a memória, e é o que acontece com muitos tradutores. Aqui compartilhamos, pois, da tarefa que o linguista propõe: não traduzir o que dizem as palavras, mas o que elas constroem; recriar o sentido.

O sentido da *Chanson de Roland*, tenhamos-lo sempre em conta, escapa ao manuscrito, um trabalho para jogral, sem adornos nem iluminuras, portanto, não concebido para a leitura. Se o que se preservou desta obra em específico foi apenas o registro texto, não é verdade que nenhuma outra expressão da cultura europeia medieval tenha se preservado em sua integralidade oral, como nos revela a tese de Diego Catalán, *Siete siglos de romancero* (1969). Toda essa notória riqueza cultural dos séculos carolíngios, que em muitos aspectos perduram no imaginário ético e estético contemporâneo, nos move à busca de outro nível de significação do texto, não limitado aos saberes filológicos, mas transbordando a um equivalente de sentido, como nos instiga Meschonnic (*op. cit.*).

No Brasil, a única tradução à língua portuguesa até então existente é a de Lúcia Vassalo, de 1988, pela editora Francisco Alves, que não apresenta o trabalho paleográfico e é retradução de traduções para o francês moderno, cujo texto, enquanto forma, limitou-se à prosa. Diante desse panorama, entre as edições e numerosas traduções e retraduições que foram reiteradamente impressas desde o século XIX⁴, sobretudo na Europa, foi definido um *corpus* de pesquisa para o trabalho de tradução que considerasse o cotejo com algumas das mais conceituadas edições do cantar no âmbito da filologia europeia, quais sejam: as edições em francês de Joseph Bédier (1927) e Gérard Moignet (1985) e a tradução em língua espanhola do professor Martín de Riquer (2003), todas, não obstante ao exposto acima, em prosa – embora Moignet ensaie, em sua edição, uma forma versificada na apresentação de sua tradução, sem, contudo, atender à métrica ou integralmente à assonância.

⁴ Para um compêndio das publicações do cantar e acerca dele *vide* os boletins bibliográficos da *Société Rencesvals*, editados desde 1958, disponíveis em: <http://rencesvals.net/Bulletin/Bulletin.html>.

Se, por outro lado, de forma inédita no Brasil, nos propomos a atender, tanto a aspectos formais do manuscrito até aqui prescindidos pelos mais conceituados editores e tradutores, como à paleografia, com a transcrição arqueológica do texto original em Anglo-Normando e com a tradução direta deste, sem retraduzir alguma outra edição canônica da Europa, cumpre considerar que tal propósito requer fazer opções. Para o preenchimento das lacunas existentes no manuscrito, usou-se, o mais das vezes, consultar outras fontes do cantar⁵; houve, ainda, edições que, não isenta da crítica contra seu suposto purismo, se prestaram aos espaços em branco e a sustar o sentido de alguns versos na tradução, que facilmente poderiam haver sido facilitados ao leitor. De nossa parte, restringimo-nos ao manuscrito de Oxford (doravante *O*), o mais antigo, completo e, por isso, antonomásico manuscrito da *Chanson de Roland*, numa perspectiva arqueológica do trabalho de transcrição, corrigindo alguns aspectos das edições até aqui propostas e isentando-nos das atualizações e normatizações mais comuns que nelas encontramos. Não obstante a essa proposta paleográfica, porque não se queira nem possa ignorar os canônicos trabalhos que a filologia europeia produziu em pouco mais de dois séculos de estudos, não prescindiremos de referências a outras fontes. Nesse sentido, a transcrição do manuscrito foi realizada a partir do arquivo digital da biblioteca Bodleian de Oxford e segue integralmente sua apresentação original, inclusive nas abreviações, signos gráficos, erros de copista e lacunas, sempre guardados nossos limites tipográficos. Sem compreendermos nossa opção como purismo injustificado, diremos que, antes, se presta a proporcionar ao leitor a possível aproximação ao texto tal qual apresenta o manuscrito em sua beleza e imperfeição. As eventuais lacunas e os equívocos do copista estarão sempre anotados e remediados na tradução. Com essa opção, confiamos oferecer uma interessante experiência mais próxima do manuscrito na transcrição e, ao mesmo tempo, mais plena de sentido, no lado da tradução, e, com essa disposição de texto, uma interessante possibilidade de cotejo entre a língua de origem e a língua de destino, pois o conteúdo de ambas está rigorosamente disposto em paralelo, verso a verso.

Para a tradução, feita diretamente do texto Anglo-Normando, sem, mais uma vez, ignorar as traduções já realizadas, guardamos também uma importante diferença daquelas. Respeitando a integralidade do manuscrito *O*, anotamos sempre o que se afasta do literal, seja por obscurantismo de sentido, lacunas, falhas de copista, ilegibilidade ou rasura do manuscrito, seja por imposições métrico-asonantais. Assim, por integralidade

⁵ Vide fig. 1, p. 38.

entendemos o sentido pleno, que implica nas equivalências em semântica, métrica, assonância e demais índices de oralidade, estes sempre anotados, ao que se pretende uma equivalência, enfim, “dinâmica” (MESCHONNIC, 2010, p. 36), a que permite uma resposta do receptor suposto, equivalente a do receptor original. Se aqui devemos reconhecer por verdade as flagrantes diferenças entre o ato performático original da obra e o ato de leitura moderno, não será menos verdadeira a afirmação de Zumthor (1993, p. 154) acerca da autoridade da voz, que coexiste no oral e no escrito e que, no movimento de uma dimensão a outra, não se degrada, nem se esteriliza. Para isso, acreditamos, basta uma tradução que, poética, o tenha considerado, e basta uma leitura que, nela, o recorde.

Colocados os desafios da tradução direta do Anglo-Normando e da forma – em que pesariam a métrica, a assonância e o ritmo de cada verso num projeto tradutológico que, pelo objeto, já se apresentava de grande envergadura – o êxito só pareceu possível ao compreender que o percurso acadêmico progressivo, ainda que indiretamente, conformara as condições necessárias para tal. Desde o ano 2005, a participação do *ensemble* de música histórica da Universidade Estadual de Londrina, o NEUMA⁶, proporcionou um reiterado contato com o repertório de canções dos séculos IX ao XIV, sobretudo em francês antigo (línguas *d’oc* e *d’oil*), e com o canto gregoriano, predominantemente em latim, sob a direção do músico Elimar Plínio Machado. Em paralelo a essa prática, foram iniciados os estudos de latim na mesma Universidade sob orientação do professor Dr. João Bortolanza, cuja proposta pedagógica centrava-se na tradução de fábulas latinas de Esopo. No ano de 2008, seguiram os estudos de línguas clássicas, dessa vez trabalhando com traduções didáticas de poemas de Catulo, em latim, e exertos de escritos de Platão, em grego, na *Universidad Nacional de La Plata*. As reflexões acerca da poesia e da música, disciplina cuja formação clássica de conservatório já me havia oportunizado o registro profissional pela Ordem dos Músicos do Brasil em 1996, se fizeram presentes já com a pesquisa e dissertação de mestrado em Letras acerca do poema em sete cantos *Altazor*, de Vicente Huidobro, defendida em 2012 na Universidade Estadual de Londrina, ano em que inicia meu efetivo exercício de docência no Instituto Federal do Paraná (IFPR). Assim, a formação musical, o estudo das línguas clássicas e a experiência com o cancionário medieval mostraram-se fundamentais, no primeiro contato com o texto da *Chanson de Roland*, para a primeira tradução, aquela que ocorre com a apropriação dos sentidos do texto.

⁶ <http://www.uel.br/cc/divisaomusica/pages/neuma.php>

Com o apoio do IFPR e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o ano de 2017 foi decisivo para a concepção e compreensão do projeto de uma segunda tradução do cantar, em que se objetiva verter o sentido apropriado dos códigos de origem aos códigos de destino. A partir de um estágio de pesquisa doutoral no exterior, junto à *Universitat Autònoma de Barcelona* (UAB), sob a co-orientação do professor Dr. Antoni Rossell, titular de filologia românica na UAB e diretor do *Arxiu Occità*⁷ do *Institut d'Estudis Medievals*, foram traçados e trabalhados o objeto da pesquisa e o *corpus* literário, teórico e crítico necessário para um consistente trabalho de tradução do cantar, sob o paradigma da tradição filológica europeia. As reflexões em curso nesse período foram apresentadas na 22^a *Jornadas Occitanas*⁸ na UAB e, em 2018, no XXI congresso internacional da *Société Rencesvals*, ocorrido em Toronto⁹.

Dadas e compreendidas as condições para o êxito do projeto tradutológico, cumpria compreender a premência desse projeto, tal como se apresenta. A *Société Rencesvals*, fundada em 1956¹⁰, organiza, a cada três anos, desde sua fundação, o congresso internacional em que reúne os estudiosos da épica românica de todas as partes do mundo, na data comemorativa da batalha de Roncesvales. Trata-se de o maior e mais tradicional evento da área, mantendo atualizados todos os membros pesquisadores associados, mediante seu boletim bibliográfico bianual. Até o presente momento, o Brasil está representado no *bureau international*¹¹ da *Société Rencesvals* unicamente pelo autor deste trabalho, como membro associado à seção nacional *U.S.A. et Canada*, que representa, até então, todas as Américas. Por outro lado, havendo apresentado, sob a orientação do professor Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes, atual presidente da ANPOLL¹², resultados parciais da pesquisa doutoral no XXXIII ENANPOLL, como membro do Grupo de Trabalho de Literatura Oral e Popular, pude compreender a profunda relação entre a épica românica medieval e a cultura popular brasileira, desde as

⁷ <http://grupsderecerca.uab.cat/occita/>

⁸ <http://grupsderecerca.uab.cat/occita/node/204>

⁹ https://rencesvals2018.utoronto.ca/?page_id=527&lang=en

¹⁰ Membros fundadores: Belgique: Mme. Lejeune (†), MM. Jodogne (†) et Horrent (†); Espagne : MM. Menéndez Pidal (†), Lacarra (†) et de Riquer (†); France: MM. Frappier (†), Le Gentil (†) et Louis (†); Grande-Bretagne : M. McMillan (†); Italie : MM. Monteverdi (†), Roncaglia (†) et Ruggieri (†); Suisse: M. Burger (†).

¹¹ <http://rencesvals.net/Branches/Branches.html>

¹² Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística: <http://anpoll.org.br/>

cavalhadas como auto e teatralização missional jesuítica¹³ até os cordéis de Leandro Gomes de Barros¹⁴, e como a literatura românica medieval, originalmente difundida estritamente por tradição oral e popular na Europa, se refaz no Brasil, ainda em tradição oral, e assim pervive aqui desde o século XVII.

A expectativa acadêmica dessa tradução, portanto, para além do objeto fundamental da defesa de Tese ao título doutoral, aspira dar visibilidade e consistência à pesquisa da épica românica medieval no Brasil a partir de uma perspectiva transcultural¹⁵, a fim de propor no comitê que ocorrerá no congresso da *Société Rencesvals* de 2021 a seção nacional Brasileira do *bureau international* dessa associação. Nesse sentido, o objeto deste trabalho, a tradução e seus pressupostos formais, como a versificação métrica e rítmica, transculturados entre o verso heroico do manuscrito e o martelo agalopado da tradução, propõem-se como uma iniciativa-convite que pode colocar o Brasil no eixo da discussão acadêmica da épica românica medieval, seja com seus pesquisadores, seja como objeto.

Com esse intuito, o trabalho introdutório que segue oferece ao leitor um panorama das principais correntes de pesquisa europeia acerca do nosso objeto, a *Chanson de Roland*. Para isso, a Tese inicia com uma reflexão acerca da épica medieval – o que, numa teorização bem mais moderna chamaríamos de gênero literário – suas características, tipologias literárias e as principais teorias sobre a natureza e o surgimento dos cantares de gesta europeus, desde as primeiras, aventadas no século XIX, quando da descoberta dos primeiros manuscritos, até as mais recentes que foram contradizendo e complementando aquelas. Apresentados esses aspectos principais da épica medieval, cumpria tratar da noção que veio a ser substituída pelo conceito de gênero literário, a matéria carolíngia, também chamada de matéria de França. Sobre essa categoria, consideramos que em tempos medievais se reconheciam três matérias da literatura, a da França, a de Roma e a de Bretanha, que são âmbitos temáticos e composicionais bem distintos¹⁶. Assim, se a de Roma era considerada sábia e educativa, por tratar de exemplos do passado resgatando tempos heroicos e mitos fundadores; e se a de Bretanha era

¹³ BAPTISTA (2015).

¹⁴ Reedição: BARROS, 2012.

¹⁵ A transculturação é um conceito trabalhado pelo sociólogo cubano Fernando Ortiz: “*en todo abrazo de culturas sucede lo que en la cópula genética de los individuos: la criatura siempre tiene algo de ambos progenitores, pero también siempre es distinta de cada uno de los dos. En conjunto, el proceso es una transculturación*” (ORTIZ, 1991, p. 90).

¹⁶ GUAL, 1974, p. 65; ROSSELL, 2016, p. 271.

agradável, por introduzir aspectos do *fin amour* e da cortesia, que deram nova aparência à cavalaria, com temas e ambientes muito mais fantásticos; a matéria da França era considerada verdadeira, com modelos ético-estéticos de heróis concretos no empenho em favor da Cristandade europeia. Simplista e modernamente diríamos, a matéria da França se constitui do gênero épico com os cantares de gesta e a de Bretanha inaugura a novela na Europa medieval, enquanto gênero ficcional após uma não tão breve transição entre o verso da épica à prosa da novela, fase que chamaríamos de gêneros em contato. Anotada essa especificidade medievalista, trata-se a seguir da matéria carolíngia (a que entendemos, portanto, da França) e o contexto sócio-histórico que a inspira.

Visto o objeto no seu sentido macro enquanto gênero épico, discutem-se os diferentes aspectos e especificidades da *Chanson de Roland*, sua importância no panorama literário medieval, as hipóteses de datação e autoria, aspectos do enredo do cantar, como os personagens mais relevantes, e a apresentação do que se tem por factual e histórico no cantar, seguindo com aspecto estrutural do texto, em perspectiva multidisciplinar, com a linguística, a retórica, a poética e a música¹⁷, e a tradutológica. Para essa última, atentos ao nosso propósito durante todo seu processo, que ora se apresenta, *finit opus*, literalizada, não nos afastamos da compreensão de que uma proposta de tradução poética não se limita aos saberes filológicos, mas os transcende para um ato de linguagem com o menor prejuízo que se alcance lograr à principal característica dessa obra, a performatividade original. Tudo isso implica na nossa opção de tradução que, mais do que literal e literalizada, pressupõe a performance, pois a ela curvar-se-ia à poética literária por precedência histórica da poética oral? Ou bem o oposto, por força de uma bem mais recente tradição literária livresca? Aqui, porém, não há subordinação, ambas coexistem. Em outras palavras, a tradução tal qual entendemos, em sintonia com Henri Meschonnic, é uma prática experimental do laboratório de linguagem a que nos propomos se lançar (MESCHONNIC, 2010, XIII-XIX), e dada a natureza do objeto-passageiro que transladar, verá logo o leitor que cada verso canta e pode ser cantado, sem que este ato poético da travessia faça olvidar a margem de onde partira o passageiro, como Caronte, mas preserve-a no pleno sentido do texto.

Posto este propósito, foi necessário amadurecer o entendimento de o que uma nova tradução da *Chanson de Roland* requereria. Diante de tão numerosas obras

¹⁷ Para a pesquisa de épica e música *vide* ROSSELL, 2016.

canônicas e de irrepetível fôlego, a pergunta que se impunha era o que representa hoje traduzi-la no Brasil. E foram esses elementos de base, teóricos, literários e contextuais, que nos revelaram a relevância de uma nova tradução que, diferende do que se propôs até aqui, apresentasse, agora objetivamente:

- A. Um trabalho arqueológico da transcrição paleográfica o mais próximo do manuscrito que os limites tipográficos nos permitam, propondo algumas correções frente às edições consultadas.
- B. Uma tradução crítica, amplamente anotada e comentada, que consiga oferecer uma leitura contextualizada dos fatos históricos, lendários e ético-sociais do presente da produção e do narrado; esclarecedora das peculiaridades do manuscrito, da língua de origem da tradução, o Anglo-Normando, e da tradição filológica que antes traduziu; e intertextual, que traga referências nem sempre percebidas à luz da primeira leitura.
- C. Uma tradução poética que se queira plena de sentido, respeitando o possível da integralidade do emissor e do receptor originais, a partir dos elementos concretos do texto, que se perderiam numa tradução prosaica, direcionada a uma performance potencial, passível de ser concretizada.

Com tais objetivos, ao reproduzir a tradição métrica e de assonância do cantar na língua de origem, tanto na transcrição como na tradução, pareceu-nos premente apontar também em nota todos os elementos formulares do texto, que se inscrevem, para além da rima, da métrica e do ritmo, como índices de oralidade, um eco de uma performance a que foi destinado o manuscrito, sustada pela nossa tradição da leitura silenciosa. Esse é o sentido que entendemos por tradução poética, plena de sentido, emprestando de Meschonnic (2010, LXIV), de poética à poética, de um ato de linguagem a um ato de linguagem.

I - A ÉPICA E OS CANTARES DE GESTA

A palavra Gesta, no Anglo-Normando escrito na Inglaterra a partir do ano de 1066, é *geste*. Na tradução do professor Martín de Riquer encontramos o termo *linaje*. Assim também traduz esse termo numa passagem do *Cantar de Guillermo* o professor Joaquim Rubio, que, em nota, ainda esclarece:

O termo aparece muitas vezes na épica francesa com esse significado de “linhagem” ou “família cujas façanhas são famosas” (...). *Geste* é um termo com muitos significados e pode chegar a significar nação ou povo. *La geste francor* passa a significar os franceses e a *sarrazine geste*, a *paienne geste* ou a *geste Mahom* significa os sarracenos.¹⁸ (RUBIO, 1997, pp. 116, 117, n. 89).

Partindo desse princípio, quando *la geste* aparece no genitivo de um cantar, *la chanson de geste*, a encontramos como um subgênero tardio da épica clássica, que se trata de um gênero literário que celebra as façanhas de uma idade heroica e pretérita em que toda medida é extraordinária. Como uma “imitação metrificada de seres superiores”, já definia Aristóteles a poesia épica (ARISTÓTELES, 1997, p. 24), cuja fonte de tradição remonta a idade heroica da Grécia, entre os séculos XV e XII a.C., que inspiraria a *Iliada* de Homero quatro séculos depois. A mitologia clássica de que se constituía o argumento dessas narrativas heroicas, na Idade Média será substituída por uma ética cristã sob a estrutura feudal em formação na dinastia carolíngia, a partir do século VIII. Com este pano de fundo e sob estruturas composicionais e de divulgação muito similares, desenha-se uma das principais características dos cantares de gesta, enquanto gênero épico medieval: a nobreza e as façanhas heroicas de um protagonista, pressuposta sua linhagem nobre, em descendência e/ou ascendência, de perspectiva consanguínea e/ou nacional.

¹⁸ *El término aparece muchas veces en la épica francesa con este significado de 'linaje' o 'familia cuyas hazañas son famosas' (...). Geste es un término con muchos significados y puede llegar a significar nación o pueblo. La geste Francor pasa a significar los franceses y la sarrazine geste, la paienne geste o la geste Mahom significa los sarracenos.*

No concernente ao *leitmotiv* dos cantares de gesta, ou o que sejam seus temas narrativos, está bem ilustrado por Carlos García Gual, quando trata de comparar esse gênero épico com a novela medieval: “Na épica, a batalha tem uma trágica seriedade. O herói combate paladinamente em defesa de sua pátria, por cumprir com o dever sagrado de vassalagem a Deus e a seu rei, contra os infieis inimigos, ou por defender sua possessão feudal, e no combate ele perde sua honra e sua vida.”¹⁹ (GUAL, 1974, p. 58). E, mais adiante, o professor aponta, como marco da épica, um certo primitivismo de uma sociedade homogênea, rude e sem graves conflitos ideológicos, anterior aos refinamentos cortesões e psicológicos que veremos já na novela medieval (*op. cit.*, p. 61). Essa rudeza e austeridade típica dos cantares de gesta são características de uma sociedade em que os valores correspondem à honra, à audácia e à destreza na batalha campal e, por essa razão, não poderiam ser cantados com estrutura menos austera do que aquela que os inspira. Nisso radica a simplicidade dos seus versos, praticamente desprovidos de toda ornamentação.

Acepção direta das palavras, emprego reto, sem virtuosismos semânticos e um vocabulário reduzido ao literalmente necessário são algumas de suas características estruturais predominantes, que já foram comparadas com a arte românica, cujas catedrais recordam a *Chanson de Roland* no que elas têm de monumental, de austero e de sagrado; e cujos capitéis, arcos e abóbodas quebram, com ser detalhe, sua unidade fundamental. Um pequeno adorno ali, ao irromper inesperado do maciço, surpreende e magnifica: quando o rei Carlos, retornado ao campo de batalha em Roncesvales, vê Roldão jazer sob uma conífera, tem a seguinte impressão: “Robusto é o corpo, a cor é apagada. / os seus olhos giram, postos são em trevas.”²⁰ (vv. 2895, 2896). Comentando esses aspectos do poema, o professor Riquer afirma que “Ao traduzir o cantar percebe-se que nossa linguagem coloquial e cotidiana é infinitamente mais figurada que a desse poema”²¹ (RIQUER, 2009, pp. 132, 133). Quando, por outro lado, nos deparamos com o corpo falecido de Roldão e ali vemos um desvio do sentido literal com aquela metáfora, como exceção que sejam os olhos postos em trevas, a passagem destaca-se enormemente na aridez do relato. Não por acaso a metáfora figura num episódio tão pateticamente

¹⁹ [E]n la épica, la batalla tiene una trágica seriedad. El héroe combate paladinamente en defensa de su patria, por cumplir con el deber sagrado de vasallaje hacia Dios y su rey en contra de los infieles enemigos o por defender su posesión feudal, y en el combate le va el honor y la vida.

²⁰ corf ad gaillard pdué ad ja culur. / turnez jef oilz mult li junt tenebrof.

²¹ Al traducir el cantar se advierte que nuestro lenguaje coloquial y cotidiano es infinitamente más figurado que el de ese poema.

significativo quanto o luto do rei Carlos diante do falecido sobrinho. É uma breve concessão que se faz o poeta para ilustrar a gravidade dessa passagem.

Na estrutura métrica típica dos cantares de gesta também se destaca uma rigidez predominante, de versos octossílabos, decassílabos, dodecassílabos, ou mesmo anissossilábicos²², com rima consonantal para os cantares mais tardios, a partir do século XII, ou com assonância vocálica para os mais primitivos. Geralmente com cesura intermediária formando dois hemistíquios, esses versos agrupam-se em *laissez* – termo frequentemente traduzido por tiradas ou séries, este último que utilizaremos doravante – com número de versos variável. Em regra, as séries mantêm uma unidade argumental e melódica, mas, num manuscrito, os indícios mais claros de que acaba uma série e inicia outra é a alteração do padrão da assonância ou rima e a presença da letra capitular, a exemplo do manuscrito *O*; a maioria das edições modernas vem com essas séries numeradas, divisão que, portanto, não se apresenta nos manuscritos.

Acerca da natureza desses cantares, como a etimologia nos revela, ainda se insistíssemos em falar da épica nesse lato sentido, por um lado no plano de conteúdo e por outro no de técnicas narrativas, não faríamos justiça aos matizes que cobram uns e outros comparados. Ou seja, o que há de comum entre Roldão, *Cid*, *Willaume*, *Vivien*, *et al.*, quando todos transitam na mesma representação ético-estética do herói épico, a *etopeia* de que fala Montaner em sua edição do *Cantar de Mio Cid* (2000), não ajuda a desvelar o detalhe, o específico. Essa mesma *etopeia*, acrescida dos ideais de *fine amor* e de cortesia, também não deixa de se fazer presente nas novelas de cavalaria a partir de Chrétien de Troyes (1130-1191) na segunda metade do século XII até Miguel de Cervantes (1547-1616), por exemplo, apesar de a técnica narrativa ali ser completamente outra. Isso nos revela a necessidade de, saindo da compreensão generalista de uma *etopeia* prevalente, considerar, no plano do conteúdo, uma subdivisão entre modalidades épicas dentro do contexto de produção medieval.

A primeira diferenciação é marcada entre a *épica do interior* e a *épica do exterior*. A primeira modalidade, intestina, narra conflitos internos de uma sociedade, seja

²² Termo amplamente utilizado na escola filológica hispânica. Etimologicamente, seus prefixos gregos *áv-* (não) e *ἴσος* (igual) indicam a métrica silábica irregular, característica dos cantares de gesta mais primitivos. A equivalência ao conceito de versos livres nos remeteria a uma compreensão anacronicamente modernista. O emérito professor Segismundo Spina, em *Manual de Versificação Românica Medieval* (2013), utiliza a expressão “versificação amétrica” (p. 23) oposta, portanto, ao isossilabismo. Outro termo de equivalência possível, embora menos utilizado na tradição filológica europeia, é a heterometria.

como uma vingança pessoal, seja como um vassalo rebelde que se opõe ao poder estabelecido. A *épica do exterior*, por outro lado, é nacionalista e xenofóbica, apontando como inimigo um externo não nacional. Por antonomásia, na *épica românica medieval*, esse inimigo externo é o infiel “pagão”, o sarraceno, ou muçulmano. Essa última modalidade pode ter ainda outros dois matizes. Quando o motivo e os termos de enfrentamento dos cantares cobram ares de guerra santa, com um marcado maniqueísmo entre o bem e o mal, como ocorre hegemonicamente na *épica francesa*, a começar por *La Chanson de Roland*, cujo narrador sentencia num verso lapidar: “Têm pagãos o mal, cristãos têm a justiça”²³ (v. 1015), os qualificaremos como *épica de cruzada*. Quando, por outro lado, ainda que protagonizados pela mesma oposição religiosa, esse enfrentamento não se mostra tão radical, mas mais circunstancial no âmbito de uma ética própria das regiões limítrofes, trata-se da *épica de fronteira*. Nesses últimos, percebemos uma visão muito mais realista do inimigo, sem a fabulação ideológica (muito mais do que mera estereotipia) de que são pintados na *épica de cruzada*. Esse realismo circunstancial permite, no cantar, um alto nível de compreensão do outro e até uma certa admiração, como no *Cantar de Mio Cid*. Depois de desterrado *el Cid* e iniciada suas primeiras campanhas que culminam com a derrota do conde de Barcelona e com um rico espólio de guerra, *Cid* deixa, na segunda parte do cantar, as terras do interior e parte para o que será sua principal conquista, Valença. Como estratégia bélica, trata de isolá-la dominando todos os povoados do entorno. Quando então toma sua principal praça de resistência, *Murviedro* (atual Sagunto), em 1097, os mouros tentam deter o avanço das tropas do *Cid* assediando ali sua ocupação. Quando, no cantar, *Cid* percebe a situação de sítio, maravilha-se e agradece a Deus:

Viu *mio Cid* e começou a maravilhar-se: “- Graças a ti, Pai espiritual
 Estamos em suas terras, fizemos a eles todo o mal.
 Bebemos do seu vinho e comemos do seu pão,
 Se vierem nos cercar, com direito o fazem.
 Por menos de uma batalha isso não se resolverá²⁴ (*Poema de Mio Cid*,
 fls. 23, frente/verso, vv. 1102-1106)²⁵

²³ *Païen unt tort y xpïenfunt dreit.*

²⁴ *Violo myo çid tomos amarauillar grado ati padre sp'al / En sus t'rras somos, femos les todomal / Beuemos so vino, comemos el so pan / Si nos cercar vienen, coderecho lo fazen / Amenos de lid nos partira aq'sto.*

²⁵ Manuscrito Único, de Per Abbat. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/>

Quando se reconhece, dessa maneira, o direito do outro, logo percebemos que os motivos desses cantares de fronteira não são fundamentalmente religiosos, embora esse aspecto esteja sempre presente, mas, como compete ao modo de vida dessas regiões, a guerra se dá por subsistência, pelo butim, o espólio de guerra. Assim, o *Cantar de Mio Cid*, que inicia seu conflito como uma épica de interior, em que *Cid* se empenha em recuperar o amor do rei Fernando que o desterrara no início do cantar, terá também muito de espírito de fronteira com ainda algum ponto singular de cruzada, o que nos revela uma “singular combinação de modalidades épicas” (*Cantar de Mio Cid*, ed. MONTANER, 2000, p. 317) nesse cantar.

No que concerne à perspectiva conjuntural dos cantares de gesta, não é concebível imaginar uma relevante circulação de textos escritos fora dos muros monasteriais, como veremos ocorrer a partir do século XII nos grandes domínios feudais de Aquitânia, Bretanha, Normandia e Champanha. Em parte porque, houvesse escassez dos papiros orientais nos domínios europeus, sustada grande parte das transações comerciais com o oriente no período carolíngio, por outro lado, consideremos que essas gerações foram também caracterizadas pelo massivo analfabetismo, desde o próprio Imperador Carlos Magno até sua vassalagem nobre; a exceção estava praticamente restrita aos clérigos. Os anseios legendários do homem feudal eram então supridos pelos jograis e trovadores, estes sim, letrados por ofício.

Outro aspecto que devemos considerar é que esse auditório poderia ter maior ou menor afinidade com os eventos históricos cantados. O Anglo-Normando que encontramos na *Chanson de Roland* não deixa lugar a dúvidas de que a gesta, nesse estado de evolução, deveria ser cantada em regiões muito distantes da Espanha, onde tem lugar os sucessos. Esses elementos explicam como é possível haver no cantar tantas inconsistências, como uma Saragoça no alto da montanha ou uma permanência do rei Carlos nas terras hispânicas extremamente dilatada no tempo, frente à brevíssima incursão histórica. Do contrário, em que se situe a divulgação da gesta mais proximamente, no tempo e no espaço do evento histórico, como ocorre com o *Cantar de Mio Cid*, certamente o público advertiria o jogral e não aceitaria essa sorte de invenções. É nesse aspecto épico-histórico que repousa a íntima natureza dos cantares de gesta.

II - A ORIGEM DOS CANTARES DE GESTA

“A épica canta os heróis de um passado glorioso. Nesse sentido, é essencial sua vinculação com a história.”²⁶ (GUAL, 1974, p. 60). Se admitimos, por pressuposto, esse caráter épico-histórico dos cantares de gesta, estamos de acordo com o professor Gérard Moignet (1985), editor e tradutor de reconhecida versão francesa da *Chanson de Roland*, em que qualquer evento ou figura histórica da época carolíngia (época que corresponderia, nessa perspectiva, àquele “primitivismo de uma sociedade homogênea” na cita de Gual, *op. cit.*) poderia ser objeto de recitações lendárias que constituem a matéria da épica até a sua formulação literária nos cantares de gesta. É assim que a vida de Rodrigo Díaz ou o desastre com a retaguarda do rei Carlos em Roncesvales dão origem ao *Cantar de Mio Cid* e à *Chanson de Roland*, respectivamente. A diferença reside no que Martín de Riquer (2003) chamou de um caso aberrante, dentro do panorama da epopeia universal, referindo-se ao *Cantar de Mio Cid*, por este distar apenas meio século das façanhas do Cid histórico, estando no mesmo estado de evolução linguística o castelhano medieval falado por Cid e o cantado nos versos da gesta. Já o Anglo-Normando da *Chanson de Roland*, que dista três séculos da batalha de Roncesvales de 778, por outro lado, pouco tem a ver com a língua germânica que falavam o rei Carlos e Roldão que, mais apropriadamente deveriam chamar-se *Karel* e *Hrodlandus* à época do evento histórico ao invés de *Charles* e *Rollant* que encontramos no manuscrito *O*. Em qualquer caso, a origem dos cantares de gesta é sempre histórica e, ressalvada a exceção de o *Cantar de Mio Cid*, a regra é uma lacuna de três séculos entre o evento histórico e o manuscrito, o que Joseph Bédier chamou de o “silêncio dos séculos” (*apud* RIQUEUR, 2009).

A questão que se impõe e de que se ocuparam três gerações da filologia europeia é: O que haverá ocorrido nesse intervalo entre o surgimento da dinastia carolíngia e o final do século XI, quando se inicia a floração da épica medieval europeia? Em tela de juízo temos, por um lado, eventos históricos pouco, precária e, às vezes, contraditoriamente documentados e, por outro, um material poético esmeradamente elaborado, com intrigas e peripécias extraordinárias. A esta questão, diferentes épocas deram diferentes respostas, às vezes complementares, às vezes contraditórias. No

²⁶ *La épica canta a los héroes de un glorioso pasado. En este sentido, le es esencial la vinculación a la historia.*

conjunto e em diferentes medidas, não obstante, todas as hipóteses deixaram alguma contribuição à matéria. Uma visão sumária parece, portanto, imprescindível a qualquer reflexão posterior.

A Teoria Romântica ou Teoria das Cantilenas elaborava-se no sucessivo a 1832, quando foi descoberto o manuscrito, catalogado como número 23 do fundo *Digby* da Biblioteca de Bodléienne de Oxford, da *Chanson de Roland*. Esses primeiros estudos históricos se debruçaram sobre um novo objeto, mas sua compreensão predominante não diferia daquela então vigente na Alemanha, acerca da epopeia em geral, que propugnavam, entre outros estudiosos, os irmãos Grimm. Era a visão romântica de que a poesia surge anônima e coletivamente do gênio popular. Nessa perspectiva, também a épica francesa seria esse produto espontâneo da alma germânica que, na época carolíngia, havia invadido as terras francas e dominaria também sua produção cultural.

Essa primeira abordagem é o que Martín de Riquer qualificou como uma “magnífica intuição” (2009, p. 79), a de que importantes eventos históricos haveriam suscitado um determinado número de cantos populares, concisos e rústicos, em que cada um retratava um episódio específico de um mesmo fato, originalmente na voz dos próprios personagens ou testemunhas diretas. Esses cantos, de caráter épico-lírico, haveriam sido difundidos através dos tempos na memória popular, desde aqueles coetâneos aos fatos e às gentes até os já muito avançados no tempo e nos elementos alterados do original, segundo o sabor das épocas. Todo esse percurso do canto épico-lírico haveria sido traçado paralelamente à tradição culta, eclesiástica e historiográfica do latim e vivia, portanto, na oralidade da língua romance, dada sua origem popular, o que explica o hiato de três séculos entre o evento histórico e os mais antigos manuscritos conservados.

Das gestas, podemos extrair alguns indícios disso. Quando tem lugar a primeira divergência entre Roldão e Oliveiro, retornado este da cima da colina havendo avistado o ingente exército inimigo, solicitando ao paladino que peça ajuda ao rei Carlos, Roldão justifica sua negativa: “que não cantem de nós canção maldosa”²⁷ (v. 1014). Do mesmo modo que os heróis, também as espadas, numa recorrente prosopopeia, devem ser preservadas de má canção: “Delas, mau cantar jamais será cantado!”²⁸ (v. 1466). O

²⁷ *Que maluaiſe cançun de n^o chantet ne feit.*

²⁸ *Male chancun nen deit eſtre cantee.*

medievalista francês Gaston de Paris, com a obra *Histoire poétique de Charlemagne*, de 1865, difunde a hipótese dessas canções, já então denominadas cantilenas, como a primeira formulação teórico-filológica acerca do problema.

Em oposição a essa perspectiva de composição coletiva e popular, a Teoria Individualista foi concebida entre 1907 e 1914 por Joseph Bédier, com a publicação dos quatro volumes de sua canônica obra *Les légendes épiques*, com a qual defende um tardio surgimento da épica medieval, puramente francesa e não anterior ao século XI. Para elaborar sua muito consistente argumentação, Bédier quer localizar no tempo e no espaço as lendas que deram origem aos cantares de gesta. Para tanto, identifica com precisão as igrejas, monastérios e abadias onde estariam ou estiveram conservadas as relíquias dessas lendas, os sarcófagos dos heróis e seus objetos veneráveis.

Depois de tomada a cidade de Saragoça, então guarnecida de gentes cristãs e consumada a vingança do rei Carlos, as hostes francas empreendem o retorno a Aix, na França e, no caminho: “Chegam a Bordéus, famosa a cidade, / sobre o altar do barão São Severine, / com ouro e com mancusos deixa o olifante; / os peregrinos que vão ali o veem.”²⁹ (vv. 3682-3694). Como não sendo incomum que os poemas épicos precisassem esses lugares santos, o cerne de sua teoria está em identificá-los geograficamente, havendo demonstrado que se situavam ao longo de rotas de peregrinação, por onde, além das relíquias, documentos históricos, sobretudo hagiográficos, também são mencionados:

diz a gesta e quem no campo houve também,
o barão São Gil por quem Deus fez mercê,
e em Laon, quis sua carta escrever;
quem não sabe disso, pouco há de entender. (vv. 2095-2098)³⁰

O que se postula com essa teoria é que haveria um interesse particular na divulgação dessas lendas então conservadas nos lugares santos. Esse interesse era cultivado pelos próprios monges e abades, para quem um grande fluxo de peregrinos interessados em cultuar as relíquias representava um importante acréscimo das oferendas.

²⁹ *uint a burdelef la citet de (...) / defur lalter feint feurin le baron. / Met loliphan plein dor y de mangunf. / Li pelerin le ueient ki la uunt.*

³⁰ *co dit la geste e cil ki el camp fut. / Liber Gilie por qui d'f fait uertuz. / e fift la chartre el mufter de loum. / ki tant ne fet nel ad pd entendut.* Tratam-se, esses versos, da lenda do ermitão São Gil que haveria sido arrebatado por um anjo e levado até Roncesvales para presenciar a batalha, pois do contrário, porque havendo sido todos mortos, ninguém saberia o que exatamente ocorreu ali, não fosse a milagrosa presença de São Gil e sua posterior documentação em carta.

Terminada a primeira cruzada em 1099, houve um apogeu nas rotas de peregrinação. Essa haveria sido a ocasião mais propícia para o surgimento das primeiras canções de gesta, segundo Bédier, para quem a *Chanson de Roland* não haveria sido concebida antes de 1100. Assim, diante de um velho olifante quebrado na basílica de Bordéus (*vide* fig. 7, p. 80), que haveria pertencido ao paladino do rei Carlos; diante de uma rocha fendida em Roncesvales, como obra de um golpe de espada de Roldão na iminência de sua morte; e diante de tantas lendas locais e documentos hagiográficos acerca do martírio dos doze pares de França, um inspirado poeta do século XI, em alguma medida doutrinado por clérigos não desinteressados, poderia haver extraído de tudo isso uma obra poética coerente, bem construída e de grande dramaticidade. Essa teoria individualista de Bédier, tão rigorosamente elaborada, anulava, desse modo, a possibilidade da existência de precedentes poéticos anteriores à *Chanson de Roland* e admitia com essa, e apenas a partir dela, o início do gênero épico medieval. Muitos desses documentos que serviram de argumento para Bédier se mostraram, contudo, apócrifos. Outros, por outro lado, de validade consensual entre a comunidade histórica, que garantiriam soluções para as inconsistências geográficas e históricas presentes nas gestas, foram estranhamente ignorados nessas rotas, embora estivessem ali para qualquer jogral ou clérigo lançar mão deles. Toda essa refutação incontestada foi empreendida pelo historiador Ferdinand Lot³¹.

Mesmo quando já havia deixado de ser consensual a tese de Bédier, o filólogo italiano Antonio Viscardi (1952), também adepto ao autor individual, foi incisivo em afirmar que antes de *Roland* não há epopeia francesa, não há nada, nem sequer uma lenda rolandiana ou carolíngia nas rotas de peregrinação, nem uma poesia popular ou conjunto de tradições lendárias sobre a gesta de Roldão, já que é impossível encontrar um testemunho em textos anteriores à época em que se situa a criação da *Chanson*, ou seja, o segundo terço do século XI (*apud* RIQUEUR, 2003, pp. 83-84), data que julga ser unanimidade entre os filólogos, o que se demonstrou uma perspectiva tão retórica quanto equívoca. Ao admitir, porém, a ideia de autor único, essa perspectiva filológica oferece um importante legado aos posteriores estudos da épica românica medieval. Por primeira vez se considera a existência de um gênio criador para os cantares de gesta, em que uma consciência poética subjaz aos textos, e essa ideia já não poderá ser totalmente abandonada, havendo ou não admitidos os precedentes literários e de tradição popular.

³¹ *Études sur les legendes épiques français. V. La chanson de Roland, Romania, 1928 (apud RIQUEUR, 2003, p. 80).*

Como contribuição ibérica à filologia europeia, a Teoria Neotradicionalista surge de duas novas direções de pesquisa: a refutação que Menéndez Pidal faz às proposições de Gaston de Paris, trazendo para a discussão o *romance* espanhol enquanto gênero descendente da épica, por um lado, e, por outro, a atenção dos filólogos em um novo objeto que lhes servirá de comparação fenomênica, a poesia épica ainda existente em algumas culturas do sudeste europeu, como Sérvia, Bósnia e Herzegovina. Com essa pauta de análise, Menéndez Pidal³² sustenta a tese de que o gênero épico, assim como o *romance*, vive de variantes, combinando as noções de abertura e conservadorismo. Seguindo essa premissa, o então presidente do Seminário Menéndez Pidal, Diego Catalán, afirma, na introdução de *Siete siglos de romancero: historia y poesia* (1969), que não se sabe o que admirar mais nessas obras, se – o que se compreende por conservadorismo – essa memória coletiva, capaz de reter durante séculos os pormenores de sucessos pretéritos em forma de canto, ou se – enquanto abertura – essa capacidade recriadora da tradição oral, que omite, acrescenta e modifica elementos a conferir uma eterna atualidade da tradição. Não se trata, portanto, de uma alteração radical, pois a mensagem herdada da tradição oral continua sendo sempre reconhecível. Assim, em fenômenos de transmissão cultural como o *romance* na península ibérica e a épica contemporânea no sudeste europeu, os cantares de gesta encontraram significativos paralelos.

O que decorre dessa concepção é admitir que, como toda poesia oral tradicional, a épica românica seja anônima por definição e não porque não se saiba o nome do autor, mas por ser uma criação coletiva e contínua no período de sua *pervivência*³³. Assim, *Turolfus*, que assina o *explicit* de *La Chanson de Roland* (v. 4002), não se trataria de autor dessa obra, mas de um refundidor.

Essa concepção da autoria coletiva, como se percebe, parte do mesmo pressuposto da teoria tradicional das cantilenas. A diferença reside em que, pela perspectiva neotradicionalista, sendo esses cantares um devir da tradição, as cópias que nos chegaram preservadas em manuscritos representam um momento único dessa longa evolução, que haveria começado no imediato do sucesso histórico com canções de atualização. Seriam poemas cantados, de caráter informativo, que com o tempo foram

³² PIDAL, 1959.

³³ Optamos pelo termo como se encontra em castelhano (*pervivência*), por ser largamente utilizado em referência a essa matéria, prescindindo de equivalentes como “sobrevivência”. Há, nesse aspecto, uma clara opção semântica que quisemos preservar, seguindo a tese de Diego CATALÁN (*op. cit.*, 1969).

ganhando nuances épico-heroicas, diferente, portanto, das prototípicas cantilenas épico-líricas defendidas por Gaston de Paris.

Para além dessas três principais correntes teóricas, importa mencionar duas outras vertentes que, se menores diante da tradição filológica das anteriores, resultaram em importantes aportes ao entendimento que se tem hoje da épica românica medieval. Trata-se da teoria dos historiadores e da mais recente teoria de síntese.

Na teoria dos historiadores, destacam-se: 1) Ferdinand Lot, que se recusa a aceitar a hipótese de Bedier do “silêncio dos séculos”, apontando a documentos muito anteriores aos manuscritos então recém descobertos, como o fragmento *La Haye*, um texto latino que corrobora a circulação de um núcleo lendário do ciclo de *Guillaume* anterior aos manuscritos mais antigos preservados; e 2) a historiadora belga Rita Lejeune, que se debruça sobre a importante questão onomástica, identificando pares de irmãos chamados *Roland* e *Olivier* já no princípio do século XI, o que revela ser célebre, antes da primeira cruzada, esse par épico, portanto, a lenda mesmo, pois, como demonstra o filólogo suíço Paul Aebischer³⁴, é totalmente quimérico supor um *Olivier* de precedência histórica. A tese dos historiadores é que haveria uma circulação oral constituída de crônicas parcialmente realistas que, antecedentes às gestas que nos chegaram, não deixaram nelas nenhum rastro, pois, de ser assim, as gestas não conteriam tantos equívocos históricos e geográficos. Sua origem devia ser, portanto, gestas mais primitivas e não conservadas, de caráter fundamentalmente lendário³⁵. Nesse sentido, lemos os versos 1443 e 3742 da *Chanson de Roland* em que, entre uma e outra batalha contra as forças de Marsílio, quando saem a recolher seus mortos, Roldão tenta reavivar o ânimo das hostes francas:

“Nossos homens são valentes – diz Roldão –
sob o céu não há quem os superarão!
Escrito está na *Francor Gesta*, uma canção,
que o nosso Imperador é um durão!”³⁶ (vv. 1441-1445)

³⁴ AEBISCHER, 1973, pp. 517-533.

³⁵ RIQUER, 2009, pp. 80-81.

³⁶ *Roll Dift nrě hume funt mult proz. / Suz ciel nad home pl³ en ait de meillorf. / Il est escrit en la geste francor / Que uaffalf ≈ li nrě empeur.*

Mais adiante, já consumada a vitória de Carlos Magno, o Imperador dará início ao juízo de Galalão, para o que convoca os nobres de todo o reino:

Está escrito numa tão antiga gesta,
que o rei chamou vassallos de todas suas terras.
Reuniu-os todos em *Aix*, na Capela.³⁷ (vv. 3742-3744)

Em ambos os casos, o argumento de autoridade é conferido pela “gesta”, a “antiga gesta” que, nesse contexto, se toma como verdade. Essa “*anciene geste*”, que se cita ainda em outros versos do cantar, poderia ser, conforme indica Riquer (2009, p. 173, n. 1443), a fonte de informação que em algum momento se utilizou um dos copistas ou refundidores da *Chanson de Roland* até chegar à forma do manuscrito *O*. Acredita-se que a antiga gesta se trate de um arquétipo do cantar em latim, que haveria chamado *Gesta Francorum* (RIQUER, 2009, pp. 85-117) e que a “*geste francor*”, conforme indica Bédier, no quarto volume de *Légendes épiques*, seja referente ao exposto em *Vita Karoli*, texto historiográfico de 1050 que menciona gestas cantadas em francês pelo vulgo em forma de poema (*apud* RIQUER, 2009, p. 100).

Já a teoria de síntese, que tem início na terceira geração da filologia europeia, da segunda metade do século XX, tem como principal nome o medievalista e filólogo romanista, o barcelonês, Martín de Riquer. Diante do conturbado percurso da filologia na tentativa de oferecer diferentes explicações para os mesmos problemas do mesmo objeto, impunha-se perguntar se de fato todas as precedentes teorias eram irredutivelmente opostas. As conclusões são pela não oposição e pela complementariedade. Nesse sentido, apresenta-se como um evidente excesso a afirmação de que *La Chanson de Roland*, por exemplo, seja fruto exclusivo do gênio criativo de *Tuoldus*, sem nenhum precedente literário. Por outro lado, se já não se pode negar a precedência da lenda, tampouco a existência de uma inspirada pena que, diante de uma pujante tradição oral, fruto da sabedoria popular e coletiva, tenha operado literariamente para elaborar uma tão bela arquitetura textual de tamanha intensidade dramática, com plena consciência de sua arte. Assim, ao manuscrito *O*, antecederia um arquétipo, a “antiga gesta”. Se isto é assim, diremos que ele representa apenas um momento privilegiado de uma evolução que começa muito antes, logo depois do sucesso histórico em estado informativo, que seguiu

³⁷ *Il est escrit en lanciene geste. / Q^e carl mandet humef de pluifurf teref. / afemblez junt ad aif a la capele.*

depois *pervivendo* e se moldando segundo épocas e lugares até chegar à própria forma de *O*, passando a formas e influências posteriores, até os dias de hoje. Percurso esse que não anula a marca pessoal de *Turolodus*, criador-refundidor de uma obra-prima baseada na longa tradição oral de Roncesvales. A conclusão dessa teoria de síntese é que os individualistas, mais literários em sua concepção, e os tradicionalistas, de perspectiva mais histórica, já não se opõem, mas se complementam para formar o aparato teórico de que dispomos hoje.

III - A MATÉRIA CAROLÍNGIA

Chama-se matéria da França, ou carolíngia, o núcleo narrativo dominante no século XII que cantam as glórias da dinastia homônima surgida no século VIII e que, modernamente, chamaríamos de gênero épico. Sua influência transcende, contudo, fronteiras, fazendo-se presente em toda a românia e, transcorridos os séculos, nas terras do além-mar.

No marco literário do século XII, há ciclos inteiros de cantares de gesta que seguem essa tradição histórica. Esses ciclos da épica francesa são divididos segundo a relação parental do protagonista com o rei Carlos, em quem se centra as diversas lendas dessa matéria. Desse modo, preservam-se cantares de três grandes ciclos, o do próprio rei, o do conde Guilherme, leal ao rei Luis, sucessor de Carlos Magno, e o ciclo dos vassallos rebeldes.

Do ponto de vista histórico, Henri Pirenne não menoscaba esse período conhecido como o renascimento carolíngio ao afirmar que “O Império carolíngio, ou melhor, o Império de Carlos Magno, é o marco da Idade Média”³⁸ (2017, p. 197). Para compreender o universo ético-estético que se canta nessas gestas, é preciso recordar alguns aspectos da ascensão de Carlos, primeiro ao trono do reino franco e, mais tarde, ao Império cristão ocidental, e de sua governabilidade.

A consagração de Carlos Magno foi resultado de uma aproximação da nova dinastia pipínida com o papado, começando pela coroação de seu pai Pipino, o Breve, como rei dos francos e *Patricius Romanorum* – embora seja seu sucessor, o primogênito Carlos, quem emprestará, pela sua importância histórica, o nome à dinastia – o que legou

³⁸ *El Imperio carolíngio, o mejor dicho Imperio de Carlomagno, es el marco de la Edad Media.*

à coroa e ao império um compromisso inquebrantável com a Santa Sede, cuja relação, em nada desinteressada, se afirmava, por um lado, por ambição de poder e, por outro, por proteção territorial dos domínios da fé. Diferente da monarquia merovíngia que os antecedeu, a coroa carolíngia esteve sempre pautada pela moral cristã e a natureza do seu exercício de poder consistia em imprimir essa moral por todos os seus domínios. A partir desse momento, caracterizou-se a ética espiritual dominante em toda a Idade Média europeia que foi idealmente cantada e impressa na sua literatura.

A dinastia carolíngia será também marcada por uma outra estrutura, transcendente à vigência do próprio império, surgida já nos tempos merovíngios. Sem outras garantias de subsistência do seu poder, os reis das gerações decadentes protegiam-se detrás dos prefeitos palacianos – cargo ocupado, por sucessivas gerações, pelos Pipínidas – cujas forças bélicas eram mais expressivas. Essa força era constituída pelos *vassi*, soldados mercenários aos quais entregavam propriedades em troca de serviço militar. Essa estrutura persistiu na coroa carolíngia. Condes são beneficiados com quantidade de terra proporcional ao tamanho de suas hostes e devem render homenagem ao rei, um juramento de vassalagem. Esse sistema feudal, então nascente no século VIII, é a transfiguração da relação dos reis merovíngios com seus prefeitos e suas milícias. Desse modo, Carlos Magno já não tem súditos, tem vassalos. Esses, à diferença daqueles, gozam de certa independência e de hereditariedade proprietária.

Dos últimos versos da *Chanson de Roland* podemos inferir boa ilustração dessa estrutura social. Terminada a batalha contra os sarracenos e feita a sua justiça, finalmente o rei Carlos descansa em sua alcova abobadada. Naquela noite, Carlos é surpreendido pelo anjo Gabriel que, da parte de Deus, lhe requer nova incursão contra os infiéis, em auxílio a *Vivien*. Sua reação é a menos entusiasta:

O Imperador, que acudir mais não queria,
disse então: “Deus, penosa é minha vida!”
Chora os olhos e da barba branca tira.³⁹ (vv. 3999-4001)

Chamamento dos cristãos, solicitação divina e socorro do defensor da Cristandade é o panorama ideal das gestas da matéria carolíngia. Podemos, contudo, reinterpretar os motivos literários à luz dos fatos históricos. O rei, não a propósito de

³⁹ *Li empere ni uolfift aler mie. / d'f dift li reif fi penuse eft ma uie. / pluret def oilz fa barbe blanche turet.*

Deus, mas da sua própria governabilidade, está fadado às empresas militares, pois se o seu poder – ou a sua fragilidade – repousa nas relações de vassalagem que tem, esse poder será tão mais duradouro quanto mais mantenha o ingresso da moeda de troca para firmar esses juramentos: as propriedades que distribuir. A gesta nos sugere essa constância bélica, apenas o motivo é parcialmente diverso no fato histórico.

Poderíamos convir, portanto, que a belicosidade é mais uma característica do *modus operandi* carolíngio no exercício do seu poder, mas ainda podemos apontar outros possíveis fatores que também possam haver contribuído para a caracterização de uma sociedade da que apenas nos resta “despojos do poder”, na expressão de Duby (1982, p. 19), e idealismos cantados por essas gestas. Henri Pirenne (2017) defende a tese, já não consensual e integralmente aceita, de uma profunda decadência econômica da Europa ocidental devida, em parte, ao isolamento comercial do mediterrâneo com a invasão islâmica da península ibérica. Fosse ou não tão expressivamente hegemônico esse domínio marítimo e, esse mesmo, o fenômeno causador da anulação de qualquer comércio exterior do império carolíngio com o oriente, um refreamento comercial nesse período parece bastante claro. Por outro lado, seguindo a rudimentar estrutura administrativa dos últimos merovíngios e seu decadente sistema financeiro, a dinastia carolíngia já não dispunha de um sistema de impostos viável que sustentasse a coroa. Sem comércio pujante e sem impostos, os únicos ingressos parecem ser os provenientes da renda das propriedades da coroa. Como essas sejam também sua moeda de troca, Carlos Magno, ao que parece, só poderia governar adicionando a essa precária estrutura econômica a pilhagem oriunda da guerra; essa seria, em complementação à necessária conquista de territórios, um recurso de sobrevivência.

Diremos portanto que, se a defesa da Cristandade com a expulsão ou impedimento dos sarracenos não era mero pretexto à guerra pela riqueza e pelo poder, era um nobre motivo, mas apenas um deles. A pilhagem se tornou, assim, uma norma ética aceita e não exclusiva das guerras religiosas:

Sabe-se que no final do século X o feudalismo estava criando uma sociedade cuja característica mais marcada era o direito de os grupos familiares organizarem o território e fazerem a guerra a seus vizinhos. As expedições de pilhagem (...) eram parte de um ritual guerreiro com o qual se regenerava a sociedade.⁴⁰ (RUIZ-DOMENEC, 1997, pp. 500-501)

Essa ética, decorrente da autonomia que a nobreza vinha cobrando na dinastia carolíngia, se construía a despeito da moral cristã já vigente e prevaleceu na estrutura feudal até o Concílio de Charroux em 989-990, em Poitou e em Narbona, quando foi criada a *Pax Dei*. Numa sociedade assustada com as atrocidades crescentes de espoliação cometida, sobretudo, pelos cada vez mais numerosos homens de armas, cavaleiros ou não, a Paz de Deus, afirma Georges Duby,

[t]inha por finalidade defender os direitos temporais das igrejas, nessa região onde a avidez dos poderosos já não era refreada pelo monarca, onde as gentes de guerra começavam a sangrar “o povo desarmado” e isto até no interior dos domínios eclesiásticos. (1982, pp. 158-159)

A fim de institucionalizá-la, juramentos coletivos de todos os que levavam armas ligavam essa nova ordem, a dos *calabarius*, a uma moral específica que se ajustava e ordenava todos os âmbitos de sua vida, como num ofício positivo não apenas de restrições à espoliação, mas de deveres. Desse modo, a defesa e a não opressão dos mais fracos e o sentido da justiça e da moral cristã influenciaram o código ético das ordens de cavalaria.

No que antecede ao concílio, a moral cristã se relativizava diante dos códigos e do juramento feudal e, como demonstra o professor José Enrique Ruiz-Domènec (1997), era habitual um arrebatado nostálgico desses valores na literatura do século XII (p. 503), as canções de gesta francesas. Passado o concílio, sem que com isso se compreenda um fluxo da história tão preciso, o que há na literatura do ciclo artúrico, conhecido como matéria de Bretanha, imediatamente posterior aos cantares de gesta, é uma alteração do paradigma ético frente ao vigente na épica medieval; a virtude cavalheiresca passa a ser

⁴⁰ *Es bien sabido que a finales del siglo X, el feudalismo estaba creando una sociedad cuyo rasgo más distintivo era el derecho que los grupos familiares tenían para organizar el territorio y hacer la guerra a sus vecinos. Las expediciones de pillaje (...) eran parte de un ritual guerrero con el que se regeneraba la sociedad.*

um reflexo da Paz de Deus, cujos valores serão retratados nessas novelas de cavalaria desde Chretien de Troyes até Miguel de Cervantes, enquanto, na matéria carolíngia, a virtude é heroica, é rude, é bélica.

IV – O MANUSCRITO DE OXFORD

De um arquétipo perdido de uma *Chanson de Roland* primitiva, preserva-se o manuscrito *O*, em pergaminho de escrita sóbria sem iluminuras, que é uma cópia do cantar prototípico, encadernada junto com uma tradução latina de *Timeo*, de Platão, sendo o cantar sua segunda parte, denominada *part b*. Essa segunda parte, escrita em Anglo-Normando, apresenta letras capitulares em tinta vermelha para as iniciais de cada uma das 291 séries (estrofes de número variável de versos) e predominante simetria no parágrafo esquerdo dos 4002 versos, com um padronizado espaço entre a primeira letra e o corpo do texto⁴¹. Sob o ponto de vista da escansão poética, os versos são predominantemente decassílabos com cesura que marca dois hemistíquios com rimas assonantes⁴², aspectos que analisamos no capítulo X e apêndice.

O estado geral de preservação do manuscrito é bom, apesar das intervenções de segunda mão, correções, raspagens e pontos com deteriorações do pergaminho e de legibilidade comprometida. Todas essas dificuldades de leitura, porque se viram sempre enfrentados os editores do cantar, estão anotadas em notas de rodapé, apontando a soluções encontradas que consideraram as alternativas assumidas pelos editores do *corpus* selecionado para o cotejo delas. Esse arquivo foi inventariado na biblioteca de Oxford em 1622 como fundo Digby 23, permanecendo exatos 200 anos inadvertido. Em 1837 foi pela primeira vez publicado em Paris, sob os primeiros cuidados de Francisque Michel⁴³, já com o título *La Chanson de Roland*, que não figura no manuscrito e que, referente a esse cantar, passou a cobrar valor de antonomásia frente aos outros do mesmo assunto para as publicações modernas. As hipóteses paleográficas mais aceitas datam essa cópia do segundo quarto do século XII, embora haja opiniões de fundamento linguístico que prefiram datá-lo na segunda metade do mesmo século⁴⁴.

⁴¹ Para o estudo da caracterização da grafia do manuscrito, *vide* o trabalho de FRANÇOIS, 2006.

⁴² Para o estudo da técnica composicional e lirismo do cantar, *vide* o trabalho de HEINEMANN, 1973.

⁴³ Para a cronologia das primeiras publicações do cantar, *vide* BÉDIER, 1937, 1938, 1938a.

⁴⁴ Para as hipóteses de datação e topografia da escrita do manuscrito, *vide* BÉDIER, 1938a.

Além de *O*, como cópia de um arquétipo, preservam-se outros manuscritos mais amplamente aceitos como cópias de refundições que se afastam de *O* – e, portanto, de uma hipotética protoforma do cantar – à medida que essas alteram forma e conteúdo do modelo. Ou seja, difere-se a ideia de refundição da cópia em que essa objetiva a fidelidade ao modelo e aquela a atualização de uma matriz lendária, preservando elementos e alterando outros.

Estabelecida essa diferença, a genealogia do cantar mais aceita é a hipótese de um arquétipo de versos com rimas assonantes do qual se fez uma cópia em princípios do século XII, que é esse manuscrito *O*, intitulado modernamente como *La Chanson de Roland*. Desse mesmo arquétipo, foi realizada uma refundição, também assonante, cuja cópia preservada é o manuscrito IV da Biblioteca São Marcos de Veneza (*V*₄), datado do século XIV em dialeto franco-italiano, com muitas semelhanças com *O* e alguns episódios particulares. Essa primeira refundição assonante haveria sido modelo para uma segunda refundição, já rimada, que deu origem a mais cinco manuscritos entre o final do século XII e o século XV, e dois fragmentos. Essas versões originadas da segunda refundição de rimas consonantais são chamadas de *Roncesvaux*⁴⁵, enquanto as versões assonantadas, *O* e *V*₄, porque ambas mais primitivas, *Chanson de Roland*. Desse modo temos a seguinte genealogia:

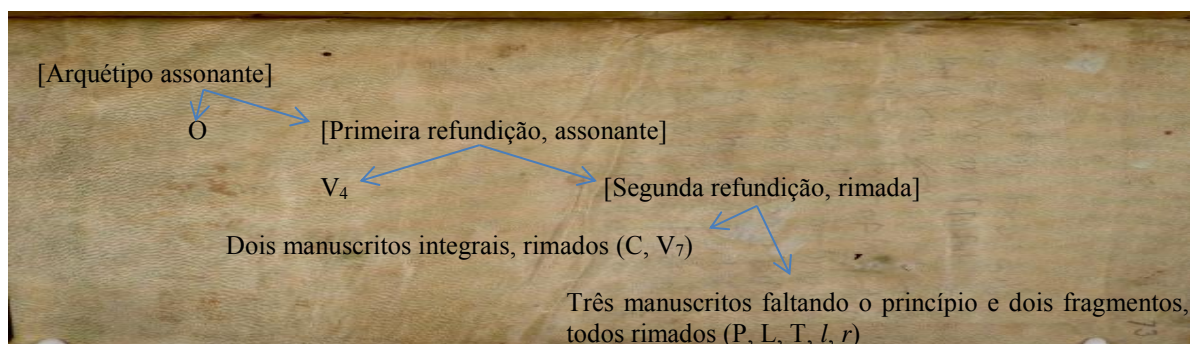


Figura 1: Genealogia de Müller⁴⁶

Théodor Müller, primeiro editor crítico da *Chanson de Roland* (1878), estabelece com essa genealogia a superioridade do manuscrito de Oxford, o qual segue

⁴⁵ Os manuscritos *Roncesvaux* são: *C* (Biblioteca de Châteauroux, século XIII); *V*₇ (manuscrito VII da Biblioteca São Marcos de Veneza, século XIII); *P* (manuscrito 860 da Biblioteca Nacional de Paris, final do século XIII); *L* (manuscrito 984 da Biblioteca Municipal de Lyon, século XIV); *T* (manuscrito R 3.32. da Biblioteca do Trinity College de Cambridge, final do século XV); e *l* e *r* (fragmentos leoneses da Biblioteca Nacional de Paris).

⁴⁶ Genealogia do manuscrito *O*, proposta por Th. Müller em 1863 (*apud* RIQUER, 2009, p. 89).

integralmente para sua edição, em contraste com outros editores que lançaram mão das outras fontes do cantar. Afirmado essa tese da autoridade do manuscrito de Oxford sobre os demais⁴⁷, Joseph Bédier, no prefácio de sua edição da *Chanson de Roland*, adverte que “[a] cópia de Oxford é única, é o nosso único bem tangível e real. Eu aceitei esse fato em sua plenitude”⁴⁸ (BÉDIER, 1927, XI-XII). Dessa maneira, o editor e crítico opta por respeitar os usos do copista Anglo-Normando e as limitações daquele manuscrito. Por outro lado, usou-se também valorizar o manuscrito V₄ de modo a lançar mão dele para preencher as lacunas, rasuras ou quaisquer outras dificuldades na leitura de *O*, como alternativa a apresentar ao leitor os espaços em branco ou preenchimentos, muitas vezes, os mais criativos.

Não obstante às diversas opções que se puderam empregar na apresentação de trabalhos que, no conjunto, compõem um vasto *corpus* de alto valor filológico do estudo do cantar, como lastro científico às dificuldades inerentes à leitura do manuscrito, a leitura mediante o uso de luzes de raios ultra-violeta puderam revelar marcas que dilucidaram dúvidas do olho nú, sem comprometer o pergaminho com reagentes químicos. Lançando mão desses estudos⁴⁹, que em boa medida referendam as edições do cantar que aqui cotejamos, complementamos a leitura fac-similar a fim de acatar ou prescindir uma ou outra hipótese de leitura ou, ainda, traçar a nossa própria, sem furtar-nos de apresentar, em nota, outras hipóteses aventadas.

V - ARQUEOLOGIA DO CANTAR

O idioma do manuscrito é sempre a primeira pista. Pode ajudar a situá-lo no tempo e no espaço, mas sempre e quando se considere a possibilidade de estar impregnado de vícios dialetais que não refletem seu tempo concreto de escritura se o copista optou por preservar as características de um modelo muito anterior, ou que refletem, se optou, por outro lado, por deixar as marcas de seu tempo ou se o modelo lhe é mais contemporâneo. Em qualquer caso, o manuscrito *O* está grafado em francês antigo com muitas características anglo-normandas, “uma espécie do mais puro francês que se falava na Inglaterra por volta do ano 1190, segundo alguns críticos, ou por volta do ano

⁴⁷ Tese estabelecida por BÉDIER (1912) e BLISS (1913).

⁴⁸ *La copie d'Oxford est unique, elle est notre seul bien tangible, réel. J'ai accepté ce fait en sa plenitude.*

⁴⁹ Seguimos as publicações de SAMARAN (1929) e WATERS (1930).

1150, segundo outros” (BÉDIER, 1938a, p. 489)⁵⁰. A partir disso, a chave para determinar o provável período de circulação do cantar no ponto alto de sua existência, que culminou na sua cristalização literária arquetípica, se encontrou, pelo limite de anterioridade, no que relatam alguns de seus versos e, pelo de posterioridade, no que não se relata ao longo do cantar.

Em 1086 as forças almorávidas de Marrocos desembarcaram em Toledo dispostas a ajudar os reinos andaluzes da península contra o empurre das forças cristãs de Alfonso VI. Estala-se então a batalha de Zalaca⁵¹ que terminou com mais uma derrota do rei cristão. Nessa batalha foi quando, pela primeira vez, os cristãos ouviram o redobrar de tambores almorávidas como elemento bélico, e os cavalos experimentaram ouvir o desconcertante grito dos camelos sobre os quais montavam guerreiros muçulmanos. O início do cantar relata a tentativa do rei Marsílio de enganar o rei Carlos enviando-lhe valiosos presentes, a fim de que desistisse de ocupar Saragoça e retornasse à França. Em cinco ocasiões o cantar menciona esses presentes, entre os quais constam setecentos camelos (vv. 31, 129, 184, 645 e 847) que de nada serviriam às tropas cristãs, não fosse para a batalha. Além disso, nos dois confrontos que narra o cantar, o primeiro do rei Marsílio contra a retaguarda francesa e o segundo do exército de Baligão contra o próprio Carlos Magno, o texto revela o redobre dos tambores sarracenos: “em Saragoça, os tambores são tocados”⁵² (v. 852); e “[p]or toda a hoste os tambores vão soando”⁵³ (v. 3137). Dessa maneira, se a historiografia relata que a batalha de Zalaca marca o assombro dos cristãos com esses até então inauditos elementos de guerra do exército almorávida, ocorrida em 1086, podemos afirmar com segurança que essa é a anterioridade limite do arquetipo de nosso cantar, pois já os registrava.

Pela hipótese da posterioridade, consideramos que já em meados do século XI, Santiago de Compostela era uma importante rota de peregrinação e uma referência para toda a Cristandade. *La Chanson de Roland*, no entanto, nada menciona dessa sede

⁵⁰ [U]n spécimen très pur du français qui se parlait et s'écrivait en Angleterre vers l'an 1190 selon certains critiques, vers l'an 1150 selon d'autres.

⁵¹ Por esta ocasião Rodrigo Diaz, *el Cid*, que se encontrava em seu segundo exílio, na condição feudal da *rex ira*, estava à serviço dos reis andaluzes, mas não consta que estivera na batalha de Zalaca lutando contra seu senhor natural, Alfonso VI. Não se pode determinar se por isso ou por quê, mas foi logo reintroduzido às forças cristãs. O *Cantar de Mio Cid* relata esse ato de perdão de Alfonso VI como resultado da insistente fidelidade de Rodrigo Diaz em enviar-lhe as prebendas que recebia de suas conquistas em terras muçulmanas, mesmo enquanto roto esse pacto feudal, pois naquela sociedade dos séculos X e XI, o vassalo devia ao seu senhor natural sempre um quinto daquilo que conquistasse.

⁵² [E]n farraguce fait funer sef taburf.

⁵³ Par tute loft funt lur taburf funer.

apostólica. A tese do romanista Aurelio Roncaglia⁵⁴ é que esse silêncio é reflexo da dissensão que houve entre o Papa Leão IX e o Arcebispo da região, Crescônio, que acabou excomungado, por ocasião do Concílio de Reims em 1049, enquanto a Igreja de França mantinha-se da parte de Roma. O autônomo movimento de Crescônio para o engrandecimento de Santiago de Compostela, auto declarando ali uma sede apostólica, por possuir os restos mortais de São Tiago, o apóstolo, causou a reação desfavorável do Papa. Era natural que nosso cantar mantivesse a prudência de não mencionar Compostela e não aceitá-la como sede apostólica. Essa situação foi dirimida, no entanto, com o Papa Urbano II que reconciliou Roma e Compostela em 1095, a partir de quando já não faria mais sentido a omissão dessa importante referência cristã no cantar.

Desse modo, podemos afirmar com todas as reservas à imaginação que *La Chanson de Roland* começou a ser escrita, tal como encontramos na cópia de *O*, entre 1087 e deve haver sido concluída antes de 1095. Essas datas estão de acordo com outras conclusões, como as que buscaram alusões documentais e literárias acerca da *Chanson de Roland* e do par épico *Roland e Olivier*⁵⁵.

VI - A AUTORIA

As primeiras discussões que tiveram lugar no Congresso da *Société Rencesvals* de agosto de 1956 em Poitiers⁵⁶ concentraram-se, sobretudo, na pugna filológica entre os individualistas e os neo-tradicionistas que, naqueles tempos, pareciam inconciliáveis. Muitos estudos decorrentes desses mesmos congressos formaram o ingente *corpus* necessário para chegarmos à Teoria de Síntese, no que se refere à origem e autoria dos cantares de gesta. Temos, pois, o evento histórico da derrota da retaguarda franca nos desfiladeiros pirenaicos em 778 divulgado em cantares noticiários, seguido de um longo período de formação lendária de divulgação estritamente oral, a exemplo da ocorrida na batalha de Hastings, em 1066, como veremos. Em qualquer momento partir de 1087, muito provavelmente na região da Normandia ou da Inglaterra Normanda, a tradição oral do desastre de Roncesvales, já impregnada de um expressivo teor lendário, começa a ser escrita, havendo sido concluída, em todo caso, antes de 1095.

⁵⁴ RONCAGLIA, 1955.

⁵⁵ Para esas hipóteses *vide* LEJEUNE, 1954.

⁵⁶ *Vide* Boletim bibliográfico da *Société Rencesvals*, fasc. 2, 1960, pp. 91-122.

Localizadas as coordenadas da composição prototípica do cantar, nos enfrentamos com seu último verso: “*ci falt la gest que Tuold³ declinet*” (v. 4002). *Ci falt* é a forma comum de *explicit* em manuscritos medievais, que significa “aqui acaba”. O nome *Tuold³* vem marcado com uma abreviação recorrente no manuscrito de *-us*, que marca uma desinência latina, portanto, *Tuoldus*, que pode ter diferentes funções, de acordo com o que entendemos por *declinet*. Esse se trata de um latinismo acomodado ao idioma francês, que em latim seria o verbo *declinare*. Entre tantas acepções possíveis para *declinare* – transcrever, copiar, traduzir, narrar, dar a conhecer, amplificar poeticamente – fica difícil estabelecer que papel cumpre *Tuoldus*, será o copista do manuscrito *O*? Haveria transcrito o arquétipo de *O* a partir de um modelo ainda anterior, possivelmente a *Gesta Francorum*? Seria um poeta autor? Seria um jogral? De todas as dúvidas acerca do nosso cantar, talvez essa tenha alcançado as hipóteses menos consensuais. Seguiremos, portanto, com alguns pontos que parecem bastante razoáveis dentro do panorama filológico nessas questões.

A hipótese de autoria do cantar defendida por Martín de Riquer (2009, pp. 134-137) trata-se de uma obra de conjunto. Com todas as ressalvas de não se tratarem de respostas definitivas, o professor considera que Quintiliano já distinguia a *oratio recta* da *oratio declinata*, ou seja, a primeira como expressão natural e sem os ornamentos retóricos da segunda, que é uma forma de expressão artística. Desse modo, se seguimos o retórico romano, declinar seria ou uma expressão artística de um jogral ou bem a amplificação de uma *oratio recta*, para uma *oratio declinata*. Se aceitamos o fato de que é bastante improvável que figurasse o nome de um jogral num manuscrito em que a pena de outro havia trabalhado, deveríamos descartar a primeira hipótese em favor de que se trate da pluma de um clérigo culto, conhecedor do latim e dos abundantes recursos de retórica presentes no texto, que amplifica artisticamente um material menos retoricamente elaborado, como poderia ser a primitiva *Gesta Francorum* e/ou uma tradição oral lendária.

Em favor dessa hipótese, buscou-se encontrar um *Tuold* histórico, dentro das coordenadas cronológicas e geográficas das hipóteses que vimos apresentando até aqui. Onomasticamente, trata-se de um nome de origem nórdica, *Thorvaldr*, derivado do deus Thor que, entre 1050 e 1150, abundava nas regiões de Normandia e Inglaterra. Sua latinização para *Tuoldus* era um uso comum entre os clérigos, mas não entre os leigos. Martín de Riquer defende a ideia de que em muitas passagens do cantar encontramos

formas litúrgicas e expressões tipicamente eclesiásticas. Mais do que refletir uma devoção dominante na cultura europeia do século XI, argumenta o professor, são um claro indício de autoria clerical, posto não serem estruturas encontradas nos círculos leigos, o que lhe dá a base para afirmar, em conclusão, que o autor da *Chanson de Roland* foi um clérigo anglo-normando chamado Tuoldus (RIQUER, 2009, p. 141).

Três foram os Tuoldus encontrados como candidatos prováveis à compositor do nosso cantar, o beneditino Tuoldus de Coulombs; o bispo de Bayeux, Tuoldus de Envermeu; e Tuoldus de Fécamp, o qual, dos três, tem relevante favoritismo dadas as diversas coincidências biográficas encontradas. Vejamos. De Tuoldus de Fécamp⁵⁷ se dizia, era mais guerreiro que abade. Bédier (1985, p. 16) o identifica como meio-irmão⁵⁸ de Guilherme, o Conquistador, quem, de fato, o designou à proteção da abadia de Malmesbury na Inglaterra quando ainda era monge na abadia normanda de Fécamp. Guilherme II era Duque da Normandia quando em 1066 fez a guerra e derrotou o rei anglo-saxão Harold, em Hastings, tornando-se então o primeiro rei da Inglaterra de origem normanda e, assim, passou a ser conhecido como Guilherme I da Inglaterra, o Conquistador. A batalha de Hastings cobra especial importância para a *Chanson de Roland* com o relato que Gui de Ponthieu faz do ocorrido, havendo ele estado em campo na ocasião. Conta que antes de começar a batalha, em 14 de novembro de 1066, um jogral chamado Taillefer cantou, diante das forças normandas, a cantilena de Roldão, a fim de inflamar os contendentes com o exemplo do herói. Considerando as coordenadas cronológicas, fica evidente que o que se cantou ali não equivalia à cópia de Oxford, nem à prototípica obra cuja autoria buscamos, mas, provavelmente, foi uma divulgação primitiva mais próxima do que Gaston de Paris entendia pelas cantilenas de caráter épico-lírico, já avançada a suposta forma noticiária, mais coetânea aos fatos, no seu teor lendário. No que concerne a Tuoldus de Fécamp, sabemos que participou da batalha de Hastings a partir da Tapeçaria de Bayeux⁵⁹, um tapete bordado no século XI, com 70 metros de comprimento, em que se retratam cenas com inscrições em latim da conquista normanda da Inglaterra. No destaque em que vemos a figura *Tuoldus*, de estatura anã,

⁵⁷ Dados biográficos expostos com todo rigor pelo filólogo italiano Ettore LI GOTTI (1949), *La Chanson De Roland e i normanni*, Biblioteca del Leonardo, Florencia (Apud RIQUER, 2009, pp. 144-147).

⁵⁸ Martín de Riquer, por outro lado, afirma que *Tuoldus* seria filho ou sobrinho de Odão de Bayeux, esse sim, meio irmão de Guilherme, também conhecido como Guilherme, o Bastardo (RIQUER, 2009, p. 144).

⁵⁹ Vide <http://www.bayeuxmuseum.com/expositions.html>.

ele está conduzindo dois cavalos, que representam o palafrém e o destreiro⁶⁰ de Guilherme, em vermelho, à sua frente. A cenda sugere, portanto, que *Tuoldus* poderia estar no campo de batalha, na condição de um clérigo guerreiro:



Figura 2: Tapeçaria de Bayeux – detalhe *Tuoldus* de Fécamp.

Até aqui sabemos que Tuoldus era um clérigo experimentado na batalha e que, ademais, ouviu um jogral cantando uma primitiva cantilena de Roldão na batalha de Hastings, mas, é possível estabelecer ainda outras relações com o ocorrido em Roncesvales, por onde esteve Tuoldus. Manuscritos historiográficos da batalha em que morreu Roldão foram inventariados na abadia de Peterborough, onde Tuoldus terminou seus dias; Ricardo, o Velho, de Normandia é um personagem histórico que, apesar de haver vivido um século depois da batalha de Roncesvales, figura, no cantar, como um dos conselheiros de Carlos Magno e foi enterrado na abadia de Fécamp; e, finalmente, podemos apontar uma crônica historiográfica, feita por um clérigo historiador em Malmesbury, onde também oficiou Tuoldus, que reitera a cantilena ouvida em Hastings. É razoável também imaginar um forte patriotismo normando de Tuoldus sendo refletido numa gesta que canta a glória franca, mesmo após o desastre inicial da retaguarda.

A tudo isto acrescentamos que a *Chanson de Roland* pode, facilmente, ser lida como um panegírico aos usos e costumes da camaradaria entre guerreiros, além de apresentar um farto vocabulário e instruções de itens e movimentos de guerra. Universos muito distantes são o monastério e o campo de batalha para que um sujeito domine ambas

⁶⁰ Palafrém é um tipo de cavalo de boa monta, destinado às damas e, eventualmente, aos nobres em situações de largos translados. Já o destreiro é um animal mais forte e rápido, destinado ao combate; seu nome se deve a que era levado pelo lado destro do palafrém, até que se o necessitasse, a fim de preservá-lo apenas para sua finalidade, quando, nessa disposição, se passava rapidamente de um animal para outro. Para mais tipos de montaria, *vide* nota aos versos 479-481 e 1490.

as artes, exceto quando se trata de um guerreiro religioso ou de um clérigo afeito mais às armas que à contemplação oficiosa, não raro nos tempos médios, como o é o Arcebispo Turpino, quando se vê diante do desempenho épico de Roldão:

O Arcebispo diz: “Fazeis tão habilmente!
Ter valor tal o cavaleiro deve,
o que monte bom cavalo e armas porte.
Deve ser, na batalha, duro e forte,
do contrário quatro pratas se quer vale;
antes, num mosteiro, que se faça monge,
para todo dia orar por nossa iniquidade.”⁶¹ (vv. 1876-1882)

Na ausência de mais copiosos registros de tempos remotos a que pertenceu um objeto de pesquisa qualquer, a arqueologia se inscreve como uma ciência com certa dose de ousadia no laboratório das hipóteses, sempre amparada, claro está, pela maior quantidade de elementos conservados disponíveis, que orientam umas e contradizem outras hipóteses. Desse modo, sem a pretensão da verdade única, chegamos a compreender que Tuoldus de Fécamp, ator histórico de meados do século XI, como um clérigo versado nos ofícios, nas artes poéticas e retóricas, aparentado de Guillerme I da Inglaterra, foi também sujeito experimentado na batalha campal. Oficiava o sacramento com a mesma desenvoltura que brandia a espada. Sem margem à dúvida, esteve na mais importante batalha para os Normandos do seu tempo, em Hastings, provavelmente ao lado de Guilherme, e ali ouviu Taillefer entoar versos que cantavam as virtudes heroicas de Roldão e Oliveiro. Que em ato contínuo pudesse empunhar a pena com a mesma destreza que fazia com as escrituras Sagradas e as armas, não é descabida a hipótese, e motivação e elementos para levar a cabo um projeto de dominação cultural dos francos, lhe sobejava. Assim, Tuoldus de Fécamp é mais um personagem nesse jogo de verossimilhanças e de plausibilidade arqueológica acerca da *Chanson de Roland*; daí o paralelo com o Arcebispo dom Turpino, é consequente.

⁶¹ Dift larcuefjq; afez le faitef ben. [Roldão ao atacar aos sarracenos] / Jtel ualor deit aueir cheualer. / ki arnef portet y en bon cheual fet. / en bataille deit efre forz y fierf. / V autrement ne ualt .iiii. denerf. / einz deit monie efre en un de cez muftierf. / Si perat tuz iurz por noz peceez.

VII - ALGUNS PERSONAGENS

Carlos Magno, como vimos, é o *centro orbis* de toda a matéria da França na épica medieval. Que os críticos decimonônicos do nosso cantar tenham convencionado orbitá-lo em Roldão, não é em prejuízo do protagonismo do poderoso Imperador da barba florida. Embora sua data de nascimento seja imprecisa, Martín de Riquer, (2009, p. 57) dá mais por seguro saber que não houvesse chegado aos quarenta anos, mas, na sua tradução do cantar, já havia afirmado que, em 778, Carlos teria 36 anos (2003, p. 99). Em qualquer caso, o cantar apresenta Carlos Magno como um homem idoso. Sua idade, no entanto, não é precisada, apenas se a apresenta a partir da impressão do rei Marsílio, nos versos 523, 539 e 552, quando, em discurso direto, diz que, em seu parecer, Carlos tem mais de 200 anos, admitindo sua grande admiração pelo inimigo. A idade hiperbólica é comum nos cantares de gesta e, com isso, quer-se significar a sabedoria inerente à longevidade com seu modo ponderado de falar no início do poema (vv. 140 e 141).

Sua descrição física, além de indicar essa longevidade com os cabelos e barbas brancas⁶², mostra uma vitalidade exuberante digna de um grande rei, bravo e destemido, na sua melhor forma, como se espera do defensor da Cristandade, que de fato representou em seu tempo, não sem alguns desvios históricos desse ideal. No verso 117 sabemos que tem o semblante altivo e o corpo “*gent*”, que aqui traduzimos por nobre, mas além dessa, podemos encontrar outras significações possíveis, segundo o *Anglo-Norman Dictionary* (doravante AND), como elevado, gentil, bonito, bem torneado, atraente, esplêndido, todas as quais, deve-se notar, adequadas ao Imperador como nos é cantado no poema. Quando se procura por ele, não é preciso mostrar quem é (v. 119), tem o corpo robusto, vigoroso e com boa postura (vv. 3115; 3116). Fala e faz calar quando quer (vv. 259; 273); manda ir (v. 318), manda ficar (v. 260) e manda sentar (v. 272); e quando Galalão invoca esposa e filhos, acreditando-se condenado à morte pela missão que lhe toca, Carlos sentencia, do alto de sua rigidez épica: “*tro avez tendre coer*” (v. 317), um coração demasiado terno, aquele que se atenta a essas questões.

Se, por um lado, do ponto de vista da matéria carolíngia, o que se espera de um herói épico é sua invariabilidade e sua coesão que façam dele um personagem facilmente definível, por outro lado, veremos como o cantar não nos isenta de propor uma

⁶² Vide nota ao verso 117.

certa complexidade em alguns casos. Em contraste com os atributos acima mencionados, Carlos é paternal com seus doze pares, sobretudo com Roldão, seu sobrinho: chora por havê-lo deixado na retaguarda quando já está do outro lado dos desfiladeiros pirenaicos, na França (v. 825, 827, 1404); chora pelos franceses mortos ao chegar em seu auxílio no campo de batalha (vv. 2855, 2856, 2873); arranca barbas e cabelos (vv. 2414, 2906, 2930); e desmaia diante do cadáver de Roldão (vv. 2879, 2891). É de se notar que esse luto hiperbólico de arrancar-se os cabelos e de desmaiar – poderíamos acrescentar arranhar-se o rosto e rasgar-se as vestes – é muito próprio de cenas fúnebres nos textos medievais, muitas vezes recorrendo à tradição das carpideiras. Carlos incorpora um luto menos próprio a sua condição de Imperador ponderado e de rigidez épica, mas equivalente à relevância a que se quer elevar a morte de Roldão. Seu poder e sua fama também são motivo de lamentações ao entendê-los minguados com a morte de seus doze pares, sobretudo de Roldão. A despeito do impacto emocional de ver estendido o corpo de seu sobrinho no campo de batalha, a iminência de Carlos perder sua glória na Doce França e de sofrer privações com as potenciais rebeliões de povos vizinhos, uma vez que Roldão já não o defenderá, é motivo de igual monta para as hiperbólicas lamentações (ss. 207-208).

Esse mesmo poder, com o que se quer representar o império carolíngio do século VIII, aperece no cantar com alguns matizes próprios do seu contexto de composição do século XI. É bem verdade, como vimos, que o poder do Carlos Magno histórico foi relativo a sua capacidade bélica, sempre havendo mantido o apoio da Santa Sede, mas o cantar apresenta uma estrutura híbrida do poder do Imperador. Ao mesmo tempo que Carlos mostra amplo domínio sobre os seus e é reconhecidamente poderoso, altivo e soberbo, por uma volição muito subjetiva, ele mantém uma estrutura muito própria da dinastia dos reis Capetos da França, em que os barões dos ducados mais importantes, como Normandia, Aquitânia e Borgonha, não raro detinham um poder equivalente ao do rei. Isso é claro no início do cantar, com o conselho dos barões, em que Carlos em tudo quer ir guiado pelos franceses (v. 167), e com o conselho que, contrariamente à vontade do Imperador, absolve Galalão e se lamenta: “Desleais sois comigo!” – O rei falou.”⁶³ (v. 3814), o que demonstra não apenas a ponderação do rei, mas uma patente disposição a ceder diante dos poderosos que devem avaliar qualquer decisão.

⁶³ *co dift li reif uof estef mi felun.*

Além dos seus doze pares e dos seus barões, Carlos Magno, como defensor da Cristandade, tanto no âmbito histórico como ainda mais no lendário, mantém, ao que parece, uma relação feudal muito especial, a de estar subordinado ao seu Senhor, o Deus verdadeiro. Como sendo a fidelidade, a obrigação do vassalo e o auxílio, a do Senhor feudal, Carlos recebe intervenções angelicais e revelações proféticas que são sempre alegóricas e enigmáticas. Assim, Carlos tem quatro sonhos, sendo dois na primeira parte do cantar, que sugerem a traição de Galalão e a morte de Roldão (s. 56), e uma investida contra os francos (s. 57), e dois na segunda parte, que sugerem sua batalha contra Baligão (s. 185) e o juízo de Galalão (s. 186). Ainda tem uma oração milagrosamente atendida (*vide* nota aos versos 2452-2456) e, no fragor de sua épica batalha contra o Emir Baligão, recebe o auxílio de São Gabriel (vv. 3610-3611). É o desfecho conclusivo em que, sob a ótica dos franceses primeiro (vv. 3359 e 3367) e do seu inimigo Baligão depois (v. 3554), Carlos, como defensor da Cristandade, tem razão sobre a gente pagã. A derrota do Emir é a consumação da vingança.

Para compreender, por sua vez, o papel que cumpre Roldão no cantar, recordemos que *La Chanson de Roland* é um título atribuído tardiamente pelos editores modernos e que, ainda que haja um grupo de manuscritos derivados de uma segunda refundição rimada, denominados *Roncesvaux*, por difirenciá-los de *O* e de *V₄*, como primeiro grupo assonantado e derivado da primeira refundição (*vide* fig. 2, p. 36), fica evidente o privilégio ao paladino com o título rolandiano. Não seria diferente, havendo em conta ser o nosso herói épico e, como tal, mártir no cantar e, por sobre todos os demais mortos em Roncesvales, o mais forte, o mais fiel, o mais orgulhoso e o mais esforçado. Não se quis pintá-lo como Sir Galahad da mesa redonda, o mais puro e perfeito cavaleiro do ciclo artúrico, digno de alcançar o Santo Graal, sendo a própria reencarnação de Cristo. Como herói épico, a bravura e a prudência não podem coexistir em Roldão, cabendo essa última a seu par Oliveiro e, por isso mesmo, é culpado. Culpado pelo que, no seu mundo, só são virtudes: “A bravura vossa, em má hora a vimos”⁶⁴, o reprova Oliveiro (v. 1731).

Sentam-lhe tão bem as armas que, quando postas, além de belo o corpo, deixam seu rosto claro e sorridente (s. 91). Na iminência da batalha, engrandecem-se seus brios (v. 1088) e se torna mais feroz que o leão ou o leopardo (vv. 1110-1111). O próprio

⁶⁴ *Vrě pecce Roll mar la ueinef.*

Galalão, ao tramar sua morte, admite que não há, sob a capa do céu, melhor vassalo do que Roldão (vv. 545; 558). Mas, diante de tudo isso, é seu orgulho e a preocupação com sua própria fama, com uma dose do ímpeto juvenil pela batalha, que o impedem de, sob a insistência do prudente Oliveiro, tocar o olifante, o corno de guerra que, chamando de volta Carlos antes da batalha, haveria salvado a todos (ss. 83-85). Sua hiperbólica atuação em campo de batalha não pode, contudo, salvar os franceses, dada a desproporcionalidade dos contingentes, o que em nada ofusca o desfecho heroico.

Numa segunda discussão entre Roldão e Oliveiro, intervém o arcebispo Turpino em favor de Roldão, que decide tocar o olifante, para que Carlos retorne quando já houverem todos mortos, mas em tempo de guardar os corpos e vingar a tragédia. Se a morte do herói não poderia ser pelas mãos de um sarraceno, sua *causa mortis* é o esforço. Toca com tanto vigor o olifante que se lhe estouram as têmporas e emana sangue da boca (vv. 1763, 1764; 1785, 1786). Nada disso é, no entanto, bastante para evitar que volte ao campo de batalha e dê fuga aos últimos sarracenos, quando somente sobrevivem Roldão e o arcebispo, que declara: “vosso e meu, pela mercê de Deus, é o campo!”⁶⁵ (v. 2183). Não lhe faltam forças para sair a buscar, sozinho no campo de batalha, os cadáveres dos doze pares da França, o que Moignet (1985, p. 165) chama de minuto sagrado de Roldão, antes de sua morte, como um privilégio reservado ao herói. Perfila-os então diante do bispo Turpino, ferido de morte, a fim de que esse ofereça aos doze pares uma suprema benção, uma oração fúnebre em que os encomenda a Deus. Quando só Roldão resta vivo, já cego e não querendo que sua espada Durindana caia em mãos de infiéis, tenta romper seu aço, mas só faz fender a rocha. Assim, deita seu expirante corpo sobre ela e o olifante no alto de um monte escarpado com o rosto voltado à gente pagã, a fim de que saibam que morreu conquistando (ss. 174, 175). Como não querendo esquecer de si mesmo (v. 2382), faz seu ato penitencial e oferece sua luva direita, como último gesto de vassalagem e, juntadas as mãos, recebe sua morte (*vide* notas aos versos 223 e 247). São Gabriel lhe toma a luva e, com outros anjos, levam sua alma ao paraíso. Do ponto de vista literário, o martírio do herói⁶⁶ é o preço de sua redenção, na medida em que pesa sobre ele o orgulho e a desmesura que acabaram por vitimar toda a hoste franca.

⁶⁵ *cift camp eft urě mercit deu y mien.*

⁶⁶ Para a caracterização ética de Roldão, *vide* LE GENTIL, 1968.

Do personagem histórico, pouca documentação há sobre sua existência, o que deixou margem a que fosse questionada. A biografia *Vita Karoli*⁶⁷ de Eginardo⁶⁸, enumera os paladinos tombados no campo de Roncesvales em 15 de agosto de 778, entre eles, *Hruodlandus Brittanici limitis praefectus*, o prefeito da marca⁶⁹ da Bretanha. Se à primeira vista parece inquestionável a historicidade de Roldão, pelo fato de um biógrafo contemporâneo nomeá-lo, inúmeras reservas foram feitas a esse aspecto de *Vita Karoli*, como se as convencionou editar modernamente, pois em outros códices não incluídos em nossas edições (todos da família B), na mesma passagem, é justamente o nome que não figura na relação de mortos em batalha. O fato de o nome de Roldão constar nos outros códices de *Vita Karoli* (todos das famílias A e C) poderia configurar ou uma revisão do próprio Eginardo, e não se saberia por que o haveria primeiramente omitido, tão raro que nos parece, ou seria uma inclusão apócrifa de copista. Por outro lado, há um documento de juízo em *Heristal*, atual Herstal na Bélgica, datado de 772, em que consta, entre quinze juízes, um conde *Rothlandus*, latinização comum em ofícios do adequado nome germânico *Hrodlandus*, documento esse firmado por *Karolus gratia Dei rex francorum*, o título do rei Carlos antes de ser investido como Imperador. Esse último documento, contudo, não bastou para se afirmar irrevogavelmente a historicidade do paladino do rei Carlos⁷⁰.

Do ponto de vista literário, o cantar nos pode ajudar com alguns elementos a esse respeito. A hipótese de Bédier, fundada nas relíquias deixadas em abadias e monastérios, traçando um caminho de peregrinação, de uma coisa não deixa dúvidas, essas relíquias tratam-se de referências conhecidas e reconhecidas pelos ouvintes primeiros da gesta. Cantar o verso 3687, que relata o costume da visitação ao corpo de Roldão, à sua espada e olifante, é revelador de que algo existiu naqueles lugares. A única hipótese em contrário é supor que se tratasse não apenas das relíquias, mas também de

⁶⁷A biografia escrita entre 829 e 836 foi preservada em cerca de oitenta manuscritos copiados, sendo considerados provenientes de três famílias (A, B e C), segundo a maior ou menor proximidade do original, das quais, cinco códices copiados nos séculos IX e X, são os que compõem majoritariamente as edições modernas.

⁶⁸Eginardo foi recomendado pelo próprio Alcuíno de Iork a que o substituísse em seus trabalhos na escola palaciana da corte de Carlos Magno para hermenêutica dos clássicos latinos e questões de engenharia e aritmética, quando o preceptor se quis retirar a um monastério. Havendo Eginardo sido surpreendido pelo próprio Carlos na alcova de sua filha Emma, o rei não quis puni-los, mas os casou. Assim se conta a proximidade do biógrafo com o sogro Imperador. *Vita Karoli* foi escrito depois de falecido Carlos Magno, mantendo-se Eginardo sempre em posições destacadas na corte de seu sucessor, Ludovico Pio. Para as notas biográficas de Eginardo sigo a edição francesa de *Vita Karoli*.

⁶⁹ Vide nota ao verso 190.

⁷⁰ Para as reflexões acerca da ficcionalidade ou historicidade de Roldão, vide AEBISCHER, 1965.

uma tumba apócrifa. Outra hipótese em favor da existência de Roldão pode explicar o fato de não estar primeiramente relacionado na lista de *Vita Karoli*, mas anula o juízo de *Heristal*. Trata-se de sua filiação, que afinal, nada de concreto se sabe. A gesta apresenta-o como sobrinho de Carlos e filhastro de Galalão, sem mais esclarecimentos de parentesco, o que faz supor havê-lo por sabido entre os ouvintes originais. No verso 312, é-nos revelado que Galalão, personagem por certo ficcional, é casado com uma irmã de Carlos, mas a única irmã histórica do rei, Gisla, foi prematuramente entregue à vida religiosa, a que nunca abandonou. Intriga, contudo, a conflituosa relação entre Roldão e seu padrasto. Após Roldão manifestar seu descrédito na palavra do rei Marsílio, parece gratuita a investida que Galalão faz contra seu filhastro (s. 15). A hipótese que melhor explica esse conflito inicial, aparentemente de causa anterior, é embasada em toda uma tardia tradição agiográfica, literária e iconográfica em que Roldão aparece como filho incestuoso de Carlos Magno com sua irmã Gisla e que teria nascido em 771, o que faz dele um infante no evento de Roncevaux (RIQUER, A., 1999, p. 37). Não é um absurdo histórico que isto fora assim, dado que Pipino e Ludovico foram feitos reis em Itália e Aquitania, aos três e quatro anos, respectivamente, no ano de 781. Tampouco estranho seria que Carlos levasse seus filhos às campanhas militares consideradas de menor gravidade, como deveria ser a da Espanha. Que Roldão, já prematuramente nomeado prefeito da marca de Bretanha aos sete anos, houvesse estado na retaguarda, seguramente aos cuidados de um senescal, tampouco é de estranhar. Riquer (2009, p. 70) aponta que em certa *Vida*⁷¹ de São Gil⁷², a *Vita Aegidii*, relata-se que Carlos o havia procurado por um grande pecado que havia cometido, tradição que alcançou tardias versões escandinavas do cantar. Assim, podemos compreender que Roldão ignoraria sua paternidade, mas não Galalão, cujo desafeto pelo filhastro se justificaria, bem como o impacto que é para Carlos a perda de seu primogênito. *Vita Karoli* haveria omitido e a *Chanson de Roland* haveria apenas sugerido, para os *entendedors*, essa pecaminosa filiação, sempre com o fundamental propósito de não empanar a Cristandade de Carlos. Elevar Roldão a sua posição de herói épico haveria sido a justiça histórica a uma elipse biográfica.

Ao lado do valente Roldão, seu par, o prudente Oliveiro. Já vimos como, na hipótese dos historiadores para a data do surgimento do cantar, a perspectiva onomástica

⁷¹ “Vida” aqui compreendida como a Vida de Santos, um gênero literário de tradição medieval em que se relatam dados biográficos dos santos, mesclados com aspectos lendários.

⁷² Para São Gil, *vide* nota 16.

demonstra a notoriedade de Oliveiro já no século XI como par épico de Roldão, considerando os casos de irmãos assim batizados. Isso nos indica que, sendo Oliveiro um personagem que carece de historicidade, não foi uma criação arbitrária de Tuoldus – se o admitimos como refundidor do cantar – mas a conservação de uma matriz lendária pré-existente. Não fosse por isso, estaríamos confortáveis em afirmar que a origem de Oliveiro segue princípios claramente literários, pois assim parece, dada a sua relevância na trama.

Do herói homérico à doutrina de Isidoro de Sevilha sobre a epopeia⁷³, o *topos fortitudo et sapientia* é desdobrado no par épico da *Chanson de Roland*: “É Roldão valente, é sábio Oliveiro”⁷⁴ (v. 1093). Se, por um lado, Oliveiro pode acusar Roldão por sua insensatez, nada pode pressupor covardia em Oliveiro:

Diz Roldão: “Por que vos zangais comigo?”
 Replica ele: “Vós buscastes, companheiro,
 pois valentia com bom senso não é engano,
 vale mais mesura do que o arrojo;
 francos morrem por vosso estouvamento.”⁷⁵ (vv. 1722-1726)

A mesura de Oliveiro⁷⁶ não o impede de lutar até ferido de morte, mas regula sua coragem com a prudência. Oliveiro luta ao lado de Roldão, com a mesma bravura. Nada nos indica, portanto, que haveria fugido da batalha quando avistou a ingente tropa inimiga, mas passamos a entender que sua prudência em querer tocar o olifante poderia havê-los garantido a vitória e a vida, se os acudisse em tempo Carlos Magno. A exacerbada coragem de Roldão, sem metro de razoabilidade, condenou à morte os doze pares da França e, com eles, toda a retaguarda.

Do ponto de vista literário, portanto, Oliveiro confere equilíbrio à ação, sem o qual, a irresponsabilidade de Roldão ficaria de tal modo evidente e descontrolada que sua designação para o mando da retaguarda pareceria uma irresponsável condena à morte. Sem, ao contrário, ofuscar as glórias e virtudes de Roldão, a prudência de Oliveiro coloca em evidência sua bravura épica.

⁷³ “Chama-se canto heroico porque relata feitos de homens valorosos. Denominam-se, sobretudo heróis os homens dignos do céu por sua sabedoria e valor” (*Et.*, I, 39,9, *apud* CURTIUS, 2013, p. 230).

⁷⁴ *Roll ~ p̄z y oliü est jäge.*

⁷⁵ *Co dift Roll por quei me portez ire. / [E] il respont cumpainz uof le feiftef. / kar uaffelage par fenf nenef folie. / Mielz ualt mesure que ne fait estultie. / Franceif fī morz par urē legerie.*

⁷⁶ Vide nota ao verso 93; para o par épico Roldão e Oliveiro, vide MISRAHO e HENDRICKSON, 1979.

Essa fórmula, *fortitudo et sapientia*, que como vimos encontramos desdobrada no par épico Roldão-Oliveiro, mas que tradicionalmente se concentra num mesmo herói, é a que veremos na tradição das novelas de cavalaria de Chrétien de Troyes à Cervantes, passando pelo ciclo artúrico. Podemos afirmar sem suposições que esse *topos* clássico encontrou um forte eco na ética medieval cortês que encontra, ao lado da *fortitudo*, todo um programa ético que nos leva ao ideal cavaleiresco, já com matizes que o distanciarão do ideal do guerreiro épico de uma sociedade feudal e rude, que é justamente a *sapientia*. Não por acaso, talvez, seja Oliveiro, muito antes de Perceval e Galahad, o primeiro na história da literatura medieval a ser merecedor do epíteto “cortês” (vv. 576; 3755).

Sugestivamente como um elemento de equilíbrio do par épico, está o arcebispo Turpino, uma figura histórica e contemporânea aos eventos de 778. Devia-se chamar *Turpinus*, com a devida latinização usual a um clérigo, ou *Tylpinus*, mas, diferente do que nos mostra o cantar, terminou seus dias passivamente na abadia de Rems, entre 789 e 794. Sua atuação na batalha de Roncesvales, além do que consta na *Chanson de Roland*, nos é sugerida apenas por figurar também na Nota Emilianense⁷⁷ entre os que ali tombaram, mas nada de sua constância encontramos em *Vita Karoli*.

A partir do século IX com o início das guerras de Reconquista espanhola, seguidas das Cruzadas de ultramar, os sucessivos Papas garantiam a vida eterna àqueles cristãos que morressem em defesa da fé. Não obstante a isso, foi nessa época que se dissemina o costume de clérigos marcarem presença junto a diversas tropas, com a função primordial de receberem a confissão e ofertar a absolvição aos moribundos⁷⁸, além dos officios (como vemos no v. 164) e, em casos de afeitos a tal, dos combates, a exemplo do histórico *Tuoldus*, presente na batalha de Hastings⁷⁹.

O Arcebispo Turpino cumpre todas essas funções, é o guerreiro de Carlos (v. 2242). Quando Roldão está já designado ao mando da retaguarda e negocia com Carlos

⁷⁷ Vide fig. 4, p. 67.

⁷⁸ Na *Chanson de Guillaume*, quando Guilherme encontra ao moribundo Vivien, lemos a seguinte cena (vv. 2024-2030): “Diga, podeis vós falar, senhor querido? / E reconheceis o corpo do Deus Altíssimo? / Se nisso vós creeis, que Ele foi na cruz pendido, / no meu embornal há do pão sagrado / se pela vossa garganta for descido / já não temeríeis o ataque do maligno” (*Dites bel sire purriez uus parler / e reconuistre le cors del altissime Deu. / Si tu ço creez qu’il fu en croiz penez / en m’almonere ai del pan sacré / del demeine que de sa main saignat Deus. / Se de uus le col en aveit passé / Mar creindreies achaisun de malfé*). É significativo que Guilherme, sendo um laico, carregue a óstia consagrada e possa ele mesmo oferecê-la a Vivien. A partir do estudo de vários concílios, identificou-se que, embora não seja uma prática extendida, nem um consenso, muito excepcionalmente com a atorização prévia de um clérigo, o laico poderia oferecer a óstia (Vide RUBIO, 1997, p. 142, n. 123).

⁷⁹ Vide fig. 2, p. 44.

aqueles que o acompanharão nessa posição mais arriscada por se compor do contingente mais exíguo das tropas, Turpino adianta-se: “...Eu vou, por meu pelego!” (v. 799)⁸⁰. No fragor da batalha, quando Turpino se enfrenta ao gigante Abismo (s. 126), nota-se ao detalhe o que se tornou conhecido como o “*coup de Turpin*”, golpe em que a lança quebra o escudo, desmalha a lorica e atravessa o corpo do adversário. Tão emblemática é sua atuação que ainda hoje podemos observar na fachada da Catedral de Angolema, na comuna francesa de Nova Aquitânia, um dintel com três cenas da *Chanson de Roland*: à esquerda o *coup de Turpin* contra o sarraceno Abismo; no centro, Roldão cercea com sua espada Durindana o braço do rei sarraceno Marsílio que, à direita, cai ante as portas de Saragoça:



Figura 3: Dintel *Chanson de Roland*.

Assim como os mais ilustres cristãos do cantar, o Arcebispo não cai derrotado por inimigo singular. Quando restam vivos apenas Roldão, o croata Gualter de Hum, e Turpino de Heims, enfrentados a mais de 40 mil sarracenos que não se atrevem a se aproximar, sofrem uma pesada investida de lanças, flechas e dardos. Nessa investida, morre Gualter e Turpino cai ferido por quatro lanças, havendo morto seu cavalo (s. 154). É sobre a cena seguinte o testemunho de São Gil em que relata na sua carta que o Arcebispo ainda pôde desferir mais de mil golpes derrubando a cerca de 400 sarracenos, sobre cujos corpos dirá Carlos, ao deparar-se com eles, que Turpino não perdoou a nenhum (s. 155). Cenas depois, havendo feito a oração fúnebre aos corpos dos doze pares trazidos por Roldão, morre Turpino tentando buscar água para o desvanecido conde, com as entranhas espalhadas pela relva e o cérebro escorrido na face (ss. 165-167) e, tão excepcionalmente, o poeta lhe oferece um epitáfio:

⁸⁰ ...io irai par mun chef.

Turpino é morto, o guerreiro da coroa,
 por sermões tão belos, grandes as batalhas,
 foi campeão contra os pagãos toda a sua vida;
 conceda Deus, sua benção mais santa.⁸¹ (vv. 2242-2245)

Não parece seguro afirmar que o histórico Arcebispo *Turpinus de Reims* tenha participado da batalha de Roncesvales, sobretudo na retaguarda dizimada naquele agosto de 778. Mas, o que sim salta aos olhos do leitor moderno e, seguramente, aos ouvidos do espectador original é o interesse e o cuidado excepcional com que o poeta retrata esse personagem, se em todo caso plausível, incomum nos cantares de gesta: Turpino, o que jamais cantou missa tonsurado e que tantas proezas realizou com seu corpo (vv. 1563-1564), como um clérigo culto, conhece a *Gesta dos Francos* e a cita como autoridade do valor de Carlos (vv. 1441-1444); da fórmula heroica desdobrada entre Roldão e Oliveiro, a *fortitudo* também lhe é própria, pois donos do campo de batalha não são Roldão e Oliveiro, mas ali está Roldão e Turpino, o autor do emblemático golpe de lança; a *sapientia* também lhe caracteriza quando se coloca como mediador dos conflitos entre Roldão e Oliveiro (s. 132); além de sua santidade o fazer merecedor único de um epitáfio, uma santidade imagneticamente representada pela Cruz de Santo Andrés⁸² formada pelos seus braços.

Assim, no que Turpino possa se afastar de um retrato biográfico do *Turpinus* histórico – retrato esse jamais almejado pela gesta – não será demasiado supor que se aproxima de um *Tuoldus* histórico, clérigo de formação e ofício, afeito às armas e, talvez, à pena. Não será demasiado supor também que, três séculos depois de *Turpinus*, *Tuoldus* queira se reconhecer num personagem e que, para isso, antes idealizou a ambos, tornando-se, o autor, o modelo de uma criação híbrida entre o *alter-ego* idealizado e a referência histórica.

O outro personagem que devemos destacar, carece, como Oliveiro, de historicidade. Se é a cólera de Aquiles⁸³ o mote e a entonação de *Ilíada*, Galalão, a seu homérico exemplo, não dá apenas o tom inicial, mas carrega sobre si o peso da culpa histórica por aqueles que tombaram em Roncesvales.

⁸¹ (*Morz ef turpin le guerreier charlun.*) / *par granz bataillef y par mult belf fermonf.* / *cuntre paienf fut tuz tenf campiunf.* / *d'f li otreit la sue feinte beneicun.* (Vide nota ao verso 2242).

⁸² Vide nota ao verso 2250.

⁸³ Vide epígrafe.

Parece que alguns eventos e personagens históricos, desde o século IX, cobriu esse nome *Guenef* com o pesado manto da traição. No ano de 859, Carlos II da França, o Calvo, neto de Carlos Magno, denunciou ao conselho um abade de nome *Wanilo* por traição de motivos pecuniários. Está também relatada, na vida de *Saint Léger*⁸⁴ datada do século X, uma traição cometida por um *Waningus*, em sua base latina: “E Galalão foi pegado em grande dolo”⁸⁵. Já em 1044, o tesoureiro da basílica de São Martinho de Tours, *Ganelon*, caiu em desgraça ante o conde Godofredo II de Anjou, segundo documentos da época. Coincidências à parte, parece razoável supor que antes da composição do cantar havia, no imaginário popular, um vínculo do nome *Guenef* com a ideia de traição, pois na catedral de Nepi, uma comuna italiana, se podia ler em princípios do século XII a seguinte inscrição: “Sofrerá a mesma morte de Galalão aquele que trair seu próximo”⁸⁶, como uma espécie de juramento a que eram obrigados os condes da cidade. Para tão grave falta⁸⁷, como é a traição para a ética feudal, tão desonrosa morte: Galalão foi atado pelos quatro membros a quatro destreiros corredores que o desquartejaram (s. 289).

Mas Galalão não é só vício. Ele é sempre descrito como belo, nobre e gentil e é dos mais sensatos (v. 279); se fosse leal, bem pareceria um barão (vv. 3763, 3764). Sua ira contra Roldão, que deixa transparecer o vício onde era só virtude, não parece ser iniciada com uma breve altercação no Conselho de Barões para decidir quem será designado para a embaixada ao rei Marsílio, embora essa missão represente um efetivo risco de morte ao designado. Tomando por referência sua primeira e aparentemente gratuita investida contra Roldão, que jocosamente ri do padraço, ficamos imaginando outras razões que o movem às injuriosas insinuações que lança a Roldão, como nécio e insensato, se não parece ser por mera divergência de opinião. Consideramos primeiro uma anafórica hipótese⁸⁸: Roldão seria fruto incestuoso de Carlos com sua irmã, na gesta casada com Galalão, quem então teria justificada sua cólera contra o filhastro. Como não bastasse, se isso pode ser assim, depois de negadas todas as disposições espontâneas à investidura da embaixada porque Carlos não quisesse preterir dos doze pares, Roldão

⁸⁴ *Vie de saint Léger, édité par D'Arco Silvio Avalle, Pavia, Tipografia del libro, 1967*. Disponível em: <http://txm.ish-lyon.cnrs.fr/bfm/pdf/slethgier.pdf>

⁸⁵ *Et Ewruïns ott-en gran dol*. Para a tradução *Ewruïns* à Galalão, sigo a proposta onomástica de DELBOUILLE, M., *Sur la gènese de la Chanson de Roland*, Bruxelas, 1954 (*apud* RIQUER, 2009, p.114), em que *Ewruïns* (fr.med.) – *Wenilo* (germ.) – *Waningus* (lat.). Daí a relação com *Guenef* (AN) – *Ganelon* (fr.) – *Ganelón* (esp.) – Galalão (pt.), este por tradição da literatura de cordel brasileira.

⁸⁶ *item sustineat mortem ut Ganelonem qui suos tradidit sócios*.

⁸⁷ Comparável, no cantar, à traição de Judas Iscariotes. *Vide* nota aos versos 170-178.

⁸⁸ Para o mito do pecado de Carlos Magno, *vide* DUGGAN, 1992.

sugere o nome de Galalão e esse é prontamente aceito pelos franceses ante o silêncio de Carlos. É, pois, nesse momento que sua ira se compara a de Aquiles. E, como Aquiles faz com Agamenon depois de aplacado por Ateneia seu ímpeto de matá-lo ali mesmo no conselho, Galalão lança também a seu filhastro as mais duras ameaças (vv. 290-291; 300-301), que há de cumprir, como faz o herói homérico de pés ligeiros contra os aqueus.

No caminho ao encontro com o rei sarraceno, Galalão urde e prepara seu plano de vingança. Não sem muitas recompensas, trata a morte de Roldão comprometendo-se a que ele esteja no mando da retaguarda, empreendido o retorno à França, quando Carlos e o maior contingente já houverem cruzado os Pirineus.

Na última parte do cantar, a que nos referimos como “a justiça”, ocorre o juízo de Galalão, que já se encontrava preso e já havia sofrido uma paliçada encomendada pelo próprio rei. Ouvindo, porém, a acusação que se lhe imputa como traidor, sua defesa é plausível (s. 273): sempre foi um fiel vassalo, e quando Roldão o designa à morte indicando-o à embaixada do pérfido Marsílio, Galalão o desafia e disso recorda a todos os barões que o ajuizarão. Há, pois, grande vingança, mas não há traição, pois aquela era anunciada. Quando é absolvido pelo conselho de Barões, no entanto, Terrino de Anjou, irmão de Godofredo, o alferes do rei, se opõe ao juízo alegando que, estando Galalão a serviço do rei não poderia havê-lo prejudicado, o que configura a traição, alegação, contra a qual, Teodorico se manifesta e desafia quem quer que queira desmenti-lo pelo juízo de sua espada (s. 277). É dada a batalha entre Teodorico e Pinabel, um parente de Galalão que o representa, e o primeiro sai vitorioso, o que referenda o juízo da culpa. Essa é uma fórmula jurídica característica até o final século IX, portanto, um resgate poético dos costumes feudais da época do evento histórico, também chamada de “juízo de Deus”, em que, num duelo entre dois representantes das partes, o juízo divino prevalece em favor sempre do justo.

Se Galalão foi morto pela traição, sentenciada pelo juízo de Deus, não é desnecessário lembrar que, numa primeira análise, estando prefigurado como a antítese de Roldão, contra o herói nenhuma traição foi cometida; se sim, contra o rei, nada que estranhasse, numa revisão histórica das Primeiras Cruzadas, atitudes muito similares de personagens como o Conde Bohemundo ou Raimundo de Tolosa⁸⁹. Ou, ainda, se

⁸⁹ Vide JENKINS, 1921.

buscamos uma nobre justificativa, Galalão a oferece na série XLV. Morto Roldão, Carlos deixaria de conquistar; francos e sarracenos encontrariam a paz, mas Roldão é o preço⁹⁰.

Do outro lado de um marcado maniqueísmo, estão os personagens sarracenos. A fórmula lapidar “[t]êm pagãos o mal, cristãos têm a justiça”⁹¹ (v. 1015) nos revela que o ponto de vista do autor é o cristão e que o outro, representado pelos sarracenos, é o inimigo, dito “pagão”. Sobre a mistificação ideológica desse muçulmano prevalece, contudo, a ignorância de seu mundo.

Todo o universo muçulmano retratado no cantar é imerso na mais absoluta fantasia, criada a partir da referência possível do poeta e de seu público num claro paralelismo: Seja do ponto de vista das práticas militares, da organização e hierarquia social ou da profissão religiosa, segue-se a estrutura do mundo cristão. No início do cantar, o rei Marsílio delibera a partir de um Conselho de barões, prevalecendo a palavra do “mais sábio dos pagãos” (ss. 2 e 3), seguindo a mesma relação feudal dos franceses, tal como veremos fazer Carlos no seu Conselho (ss. 12 e seguintes). O culto dos sarracenos, a despeito do monoteísmo incontroverso da religião muçulmana, está baseado numa trindade pitoresca: Mahomé, Apolo⁹² e Tervagam. São ainda retratados como idólatras (vv. 3663-3665), quando na verdade, o Alcorão, desde sua redação em tempos de Mahomé, no século VI, condena a idolatria, antes, portanto, de iniciado o movimento iconoclasta na Igreja Católica em tempos de Carlos Magno, no século VIII. No aspecto militar, desde a formação dos esquadrões, as características de armas e táticas militares até o grito de armas, homônimo às espadas de Carlos Magno e Baligão, encontramos correspondentes esses dois mundos.

Se em todos esses aspectos prevalece o paralelismo entre os antagônicos universos, a diferença reside em que o cantar, a todo momento, endemoniza o inimigo muçulmano, na onomástica criativa, na origem topográfica dos povos que compõem os esquadrões, nas suas práticas religiosas e na descrição física que flerta com o fantástico. Nada disso, contudo, é óbice para enaltecer algumas virtudes inimigas, em igual paralelismo, com os mais nobres cristãos. Assim, vemos uma longa e epidítica descrição da robustez de Baligão, que culmina com a exclamação do jogral-narrador: “que barão,

⁹⁰ Vide RAPSARDA, 2013.

⁹¹ *Paien unt tort y xpíenf unt dreit*. Para uma reflexão acerca da representação da alteridade no cantar, abreviada nesse verso, vide o artigo de KINOSHITA, 2001.

⁹² Vide nota ao verso 8.

Deus! Se cristianizado!”⁹³ (v. 3164). Se Marsílio admite sua admiração a Carlos em virtude de sua avançada idade bicentenária (vv. 523, 539 e 552), é o próprio narrador que afirma ser Baligão avançado em anos, pois sobreviveu a Virgílio e Homero (vv. 2615, 2616), e nisto reside sua grande sabedoria (v. 3279) nas coisas de sua lei (v. 3174), ostentando, igual que Carlos Magno, as barbas e os cabelos brancos como a flor de estíó (vv. 3162, 3173). Evidentemente, o objetivo retórico desses aspectos não é enaltecer o inimigo muçulmano, mas a própria Cristandade na figura de Carlos, pois o valor da vitória é equivalente à dignidade e o valor de um inimigo à altura. Nesse sentido, se vemos sempre um contingente muito superior do exército muçulmano na massa dos esquadrões inimigos, o que confere, por essa desproporção numérica, o heroísmo dos franceses na batalha, no combate singular, por outro lado, os personagens sarracenos devem ser virtuosos, assim enfrentam-se emblematicamente Carlos e Baligão.

Fora dos combates singulares, caímos na pejoração dos sarracenos, já indicada pela sua insólita e fantasiosa onomástica. Podemos destacar três grupos mais numerosos de fórmulas onomásticas: 1. Os de grau diminutivo, depreciativos em *-in*, como *Blancandrín*, *Clarín*, *Estramarín*, *Eudropín*, *Gemalfín*, etc; 2. Os prefixados em *Mar*⁹⁴, como *Marsil*, *Margariz*, *Marcule*, *Marganices*, etc.; e 3. Os nomes formados por *mot-valise*, amálga de palavras francesas como *Malbien*, *Malcuit* (mal-pensado), *Malduit* (mal-educado), *Malprimis* (mal-prometido), *Maltraien* (mal-vindo) e *Malpalin* (mau-bastão), todos eles levados pelos demônios quando caídos em batalha, enquanto os anjos descendem aos cristãos.

⁹³ *d'f'quel baron fouft xpientet.*

⁹⁴ No *AND* a entrada *Mar* está traduzida como um advérbio: em má hora, infortúnio, desgraçada, ou desastrosamente e, numa segunda acepção, como uma partícula de negação.

VIII - DO FATO À LENDA

A narrativa da *Chanson de Roland* é uma versão poética construída a partir de um evento histórico ocorrido em 15 de agosto de 778⁹⁵ no alto do Pirineu navarro, reino autônomo da Espanha. A reconstituição dos fatos só foi possível com estudos comparatísticos⁹⁶ entre a historiografia árabe e os anais carolíngios da época e imediatamente posterior.

Após a morte de Maomé, o poder político do profeta foi dividido entre quatro califados primordiais, os Omíadas, os Abássidas, os Fatímidas e os Otomanos, divisão essa que é o cerne das dissensões no islamismo desde os eventos de 756, que ora nos interessam. Quando o Omíada *'Abd al-Raḥmān* II de Córdoba, cuja dinastia havia sido derrotada e expulsa de Damasco pelos califas Abássidas, se proclama deles independente, inicia-se uma série de conflitos internos e revoltas no território de Al-Andalus⁹⁷. Em 777, o uáli⁹⁸ de Barcelona e Girona, *Ibn al-'Arabī*, se aliou ao uáli de Saragoça, *Ibn al-'Ansarī*, em oposição a *'Abd al-Raḥmān* que, em resposta a essa sublevação, enviou uma ofensiva, sob o mando do general Thalaba, contra *Ibn al-'Arabī*. Derrotado e aprisionado Thalaba, o uáli de Barcelona se deslocou até Paderborn⁹⁹, a conferenciar com o Carlos, o rei dos francos, ou *Alfaranja*, como os árabes o chamavam. Talvez extrapolando no relato da conjuntura de levante em que se encontraria Al-Andalus, *Ibn al-'Arabī* convenceu Carlos de auxiliá-lo contra as forças de *'Abd al-Raḥmān*, garantindo para isso que *Ibn al-'Ansarī* lhe abriria as portas de Saragoça para que o rei franco ocupasse essa importante praça e ali estabelecesse um estratégico protetorado contra o empurre iminente dos omíadas de Córdoba. Na ocasião, Carlos gozava da plenitude do seu poder como protetor da Cristandade ocidental, pois acabara de derrotar os aquitanos, os lombardos e os insubmissos saxões. Parecia irrecusável a oferta de submeter facilmente o território de Al-Andalus. Para isso, bastou o prazo de reunir as forças procedentes de todo ou seu reino que, na páscoa de 778, já estavam todas organizadas em duas colunas, a ocidental e

⁹⁵ A precisão da data da batalha se conhece graças ao epitáfio preservado de Eggihardo, senescal de Carlos, tombado nos vales de Roncesvales. Já o registro da localização foi preservado na Nota Emilianense e na própria *Chanson de Roland*, mas nem a historiografia árabe, nem nos anais carolíngios constam essas informações.

⁹⁶ Aqui nos baseamos principalmente no trabalho de conjunto de Riquer (2009).

⁹⁷ Nome atribuído à península ibérica sob a dominação muçulmana.

⁹⁸ Em transliteração do ár. *wāli*, equivale, no mundo árabe, ao cargo de Governador de uma província.

⁹⁹ A cidade de Paderborn, na Alemanha é muito rica em águas, erige-se sobre duas centenas de fontes que formam o rio Pader. Apreciador dos banhos, Carlos frequentava Paderborn a fim de usufruí-los, assim como o fazia em Aquisgrão (*vide* nota ao v. 36).

a oriental, que deveriam se encontrar às portas de Saragoça. A ocidental, mandada pelo próprio Carlos, era proveniente do norte da França, da Bretanha e Nêustria. Essa se encontrou em Poitiers e passou pelo reino cristão independente dos navarros, os que, embora não devessem ver com bons olhos essa incursão, entregaram Pamplona sem resistência. A coluna oriental era proveniente de diversas regiões: Austrásia; Baviera, na Alemanha; Borgonha e Provença, na França; e Lombardia, na Itália. Essa se encontrou, provavelmente em Rossilhão, região da Septimânia, de onde seguiu por Barcelona e Lérida, onde *Ibn al-‘Arabī* e *Ibn ‘Abu Tawr* se reuniram com seus exércitos muçulmanos às forças de Carlos.

Chegadas as duas colunas às portas de Saragoça, encontraram-nas fechadas por *Ibn al-‘Ansarī* que, não havendo participado do trato com Carlos, jamais havia concordado. Por isso mesmo, nessa ocasião, já estava aliado com *‘Abd al-Rahmān*. Diante desse imprevisto, que mais soava à traição, Carlos, sem nenhuma alternativa, acampou ante os muros da cidade e fez prender *Ibn al-‘Arabī*.

Porque se previa a rendição imediata, a expedição militar de Carlos não trazia consigo nenhum tipo de aparato bélico para subjugar uma cidade amuralhada feita Saragoça¹⁰⁰, nem tampouco recursos para um longo assédio¹⁰¹. Sem a menor possibilidade de sair vitorioso dessa empresa, as tropas de Carlos não permaneceram ali mais do que um mês e meio, período dedicado apenas a negociações malogradas.

Não havendo encontrado termo de acordo e assumindo o ônus do fracasso, Carlos se decide pela retirada das tropas, que, no entanto, se demonstrou precipitada. Havia mobilizado um grande contingente de soldados por terras distantes e desconhecidas, na qualidade de aliado a reis muçulmanos; havia fracassado nas tentativas de negociação e estavam, há pelo menos três meses, longe de suas terras. A retirada parecia forçosa e urgente. A decisão seguinte lhe custou ainda mais do que um mero

¹⁰⁰ São as armas de cerco, como as catapultas, de origem grega, os trabucos e as manganelas, essas já propriamente medievais. Têm a mesma finalidade de lançar grandes projéteis a longas distâncias com grande impacto a fim de derrubar muralhas ou suplantá-las na altura. Diferem-se na precisão e no princípio físico de propulsão, ou por corda tensionada, como as catapultas e as manganelas, essa de trajetória mais baixa, ou por contra-peso, no caso do trabuco, mais preciso e de trajetória mais alta. Outra possibilidade era o emprego da torre de cerco, construída em madeira forrada em couro molhado, resistente ao fogo das flechas inimigas. Era, portanto, mais segura que uma escada para que os soldados suplantassem o muro. Uma vez no alto da torre, tendia-se uma ponte até a fortificação a ser invadida. Para armas de cerco *vide* fac-simile do manuscrito *De machinis* do engenheiro Mariano di Jacopo “Tacola”, disponível pelo Museo Galileo em: <https://brunelleschi.imss.fi.it/genscheda.asp?appl=LIR&xsl=slideshow&chiave=100993>

¹⁰¹ O cerco ou o assédio trata-se de um bloqueio militar prolongado no entorno de uma fortificação ou cidade amuralhada, com o objetivo de impedir a evasão do inimigo. Eventualmente, poderia seguir-se um assalto, a fim de ganhar a praça pela força da invasão ou, do contrário, impedia-se a entrada de provisões, desgastando o inimigo até sua rendição pela fome, já que, em geral, a principal fonte de alimento encontrava-se em campos extra-muros dessas cidades, que eram saqueados pelos sitiadores.

fracasso nos objetivos. Carlos, sob o mando da vanguarda, perfilou atrás de si todo o contingente das duas colunas que ali se encontraram, para seguir o caminho da coluna ocidental, os escarpados e estreitos desfiladeiros pirecaicos.

O que ocorreu em seguida está silenciado nos anais carolíngios, mas a historiografia árabe relata que, havendo *Ibn al-'Arabī* como prisioneiro, houve uma primeira atividade militar sobre o “grosso do exército”¹⁰² de Carlos, quando este se encontrava já próximo a Pamplona. Os dois filhos de *Ibn al-'Arabī* atacaram com suas tropas o exército franco, como um golpe de mão, e conseguiram resgatar seu pai. Nada indica, nos registros existentes, que essa atividade teve alguma consequência maior ou que se prolongasse numa batalha, pois, uma vez alcançado este, que seria seu objetivo, não parecia haver sentido prosseguir na ofensiva.

Passado meio século desse 15 de agosto, por volta de 830, Eginhardo, o biógrafo de Carlos Magno, relatou o que houve nessa data com a retaguarda, quando este já se aproximava da França, estando aquela ainda no alto do Pirineu navarro:

(...) [R]etornando, pelos mesmos cumes dos Pirineus, ocorreu experimentar subitamente a perfidia gascona. Com efeito, quando o exército avançava numa grande e estendida coluna, tal como permitia sua posição no estreito terreno, os gascões, emboscados no ponto mais alto dos montes — pois este lugar, à sombra dos bosques onde há mais possibilidades, é ideal para preparar emboscadas — se atiraram sobre a retaguarda, que levava os equipamentos e cobria as tropas avançadas, e os lançaram ao fundo do vale. Uma vez travada a batalha, mataram a todos, sem interrupção, até o último, além disso, saquearam a bagagem e se dispersaram por todas as partes com grande rapidez, resguardando sua direção sob o amparo da noite. Nessa ocasião, estavam favorecidos os gascões pela leveza de seu armamento e a disposição do terreno onde a operação bélica teve lugar; os franceses, pelo contrário, dado o pesado armamento e a irregularidade do terreno, ficaram em desvantagem frente a todos os gascões. Nesta batalha, Eginhardo, o senescal do rei, Anselmo, conde palaciano, e Roldão, prefeito da marca de Bretanha, entre muitos outros, encontraram a morte. Esse fato nem sequer pôde ser vingado no imediato, porque, levado a termo o ataque, o inimigo já estava disperso, de tal modo que não restou se quer indício de em que país poderiam buscá-los.¹⁰³ (EGINHARDUS, *Vita Karoli Magni*, cap. IX)¹⁰⁴

¹⁰² Ou seja, em nenhum caso se trata da retaguarda. É muito provável que Carlos mantivesse o prisioneiro sob sua supervisão, na vanguarda.

¹⁰³ [P]raeter quod in ipso Pyrinei iugo Wasconicam perfidiam parumper in redeundo contigit experiri. Nam cum agmine longo, ut loci et angustiarum situs permittebat, porrectus iret exercitus, Wascones in summi montis vertice positus insidiis - est enim locus ex opacitate silvarum, quarum ibi maxima est copia, insidiis ponendis oportunus - extremam impedimentorum partem et eos qui novissimi agminis incedentes subsidio praecedentes tuebantur desuper incursantes in subiectam vallem deiciunt, consertoque cum eis proelio usque ad unum omnes interficiunt, ac direptis impedimentis, noctis beneficio, quae iam instabat, protecti summa cum celeritate in diversa disperguntur. Adiuuabat in hoc facto Wascones et levitas armorum et loci,

Se embora pareça um erro evidente perfilar todo o contingente em posição tão desfavorável quanto a que estavam expostos os soldados de Carlos ao passar pelos desfiladeiros de Roncesvales, há considerar que se acreditassem seguros pela superioridade presumida de que gozavam os defensores da Cristandade. Certo é que foi uma derrota imprevisível e de grande impacto ao reino carolíngio. Além das armas, cavalos e suprimentos saqueados, Carlos perdeu muitos soldados e, como sabemos por Eginhardo, ao menos três homens do alto escalão da corte.

Uma outra versão dos fatos, não havendo presente no uníssono dos trabalhos filológicos acerca da *Chanson de Roland*, esses consensualmente embasados em *Vita Karoli*, encontramos em um artigo de Jesús Riosalido (1997), embaixador da Espanha. O autor apresenta um breve histórico sobre a presença viquingue na península ibérica, dividindo-a em três fases: um primeiro período de penetração indireta (séculos VIII ao IX), com mercadores de escravos e em atividades de espionagem a mando dos normandos; segundo período de invasões, do século IX ao XI, contra os muçulmanos primeiro e contra os cristãos depois; e o terceiro período de assentamento, em que identifica uma confusão étnica, havendo sido esses povos do Norte assimilados pela cultura espanhola já cristianizada. Do primeiro período, Riosalido exemplifica como uma atividade de espionagem a atuação de um eslavo viquingue que foi enviado pelo rei Carlos para provocar a sublevação de *Ibn al-'Arabī*, de Saragoça e *Ibn Tawr*, de Huesca, contra *'Abd al-Raḥmān II* de Córdoba. O plano, então aceito e empreendido conforme a vontade do rei normando, era que seus novos aliados acompanhassem suas tropas às portas de Saragoça, mas encontrando-as então fechadas por *al-Husain Ibn Yahyà*, desencadeou-se uma desordenada fuga que terminou em Roncesvales, onde as tropas foram aniquiladas pelos Gascões, a quem o Califa havia prometido as prebendas, ou seja, a quinta parte do butim. Por fim, Riosalido dá por incerto que o rei Carlos estivesse nessa desastrosa expedição, ou se em seu lugar, algum general, talvez o próprio Roldão, mas a diferença entre as versões históricas, em qualquer caso, salta aos olhos.

Por muito tempo acreditou-se que os responsáveis pela emboscada de Roncesvales eram os bascos, do País Basco, uma região independente entre a Espanha e a

in quo res gerebatur, situs, econtra Francos et armorum gravitas et loci iniquitas per omnia Wasconibus reddidit impares. In quo proelio Eggihardus regiae mensae praepositus, Anshelmus comes palatii et Hruodlandus Britannici limitis praefectus cum aliis conpluribus interficiuntur. Neque hoc factum ad praesens vindicari poterat, quia hostis re perpetrata ita dispersus est, ut ne fama quidem remaneret, ubinam gentium quaeri potuisset.

¹⁰⁴ Obra latina disponível na Biblioteca Augustana, consultada em 06/11/2018, em: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost09/Einhardus/ein_ka09.html

França que, embora compreenda também a comunidade de Navarra, os textos latinos deixam claro não se tratarem desses últimos. A dificuldade de precisar a autoria do ataque está em que o léxico *Wascones*, que aparece no texto de Eginhardo, tanto pode se referir aos bascos, um povo da montanha, que vive no alto do Pirineu, quanto aos habitantes da *Wasconia*, da Gascunha francesa, onde fica o ducado de Aquitânia, região essa, toda sob o domínio de Carlos desde Pipino, embora sempre rebelde.

Do ponto de vista filológico, portanto, não poderíamos afirmar nenhuma precisão acerca de qual país¹⁰⁵ haveria sido responsável pelo massacre à retaguarda franca. Essa dúvida parece haver sido dirimida apenas considerando que, em 24 de setembro do mesmo ano de 778, Carlos já se encontrava em Heristal, na Bélgica, quando tomou drásticas medidas contra a Gascunha, destituindo todas as autoridades da região da Aquitânia. O que parece ser uma medida dura e precipitada, sem que haja registro disso nos anais carolíngios, pode ser razoável se Carlos considerasse culpados os gascões. Tanto mais grave, sendo eles cristãos e vassalos do rei franco. Em qualquer caso, bascos ou gascões, foi um ataque de forças cristãs contra o defensor da Cristandade.

Parece haver uma carta perdida de Carlos endereçada ao Papa Adriano I, justificando sua expedição à Espanha, pois o que sim se conserva é a resposta. Nessa, o Santo Pontífice mostra-se contente em que Carlos se oponha aos sarracenos de *Al-Andalus*, comprometendo-se a orar pela sua vitória em nome da Santa Cristandade. Antes, pois, de iniciada a campanha, percebemos que alguns aspectos dela não convinham ser admitidos e divulgados.

Dez anos depois do texto de Eginhardo, no ano de 840, aparece a biografia do sucessor de Carlos Magno, Ludovico Pio. Trata-se de um texto anônimo, mas frequentemente atribuído a “Astrônomo Limosin”, nome que faz referência a diversos comentários de astronomia ao longo do texto. Nessa biografia, *Vita Hludowici imperatoris*, o autor retoma o evento de 778, mas em termos bem diferentes:

¹⁰⁵ As traduções consultadas do texto de Eginhardo (HALPHEN, 1947, in RIQUER, M., 2003, 2009; e CASTIELLA, 2016) propõem, na última sentença, para a tradução do advérbio *ubinam*, seu equivalente em língua espanhola “*dónde*”, ou o literal “*en qué parte*” (CASTIELLA, *op. cit.*). Não obstante, havendo em vista toda a perífrase *ubinam gentium*, consideramos mais acertada a tradução por “em que país” (entrada *gens, gentis*, *Diccionario Ilustrado Vox Latino*, 1998, p. 211), o que reforça a ideia da dúvida entre que “país”, o país Basco ou a Gascunha.

Superadas as dificuldades dos montes pirenaicos, [Carlos] decidiu ir a Espanha socorrer, com o apoio de Cristo salvador, a Igreja que sofria o cruelíssimo jugo dos sarracenos (...) e sucedeu um certo infortúnio com a retaguarda real: no mesmo ponto da montanha, seus exércitos foram exterminados. Porque são muito conhecidos, me abstenho de dizer os nomes [dos mortos em combate].¹⁰⁶ (Anônimo, *Vita Hludowici imperatoris*)¹⁰⁷

Vemos com esse texto que, sessenta anos depois do evento histórico, já havia uma versão oficial mais conveniente para a imagem do defensor da Cristandade. Podemos dar por certo o amplo conhecimento do ocorrido nos eventos de Roncesvales, nesses termos, a partir da opção do biógrafo de Ludovico de se abster, por serem muito conhecidos, de listar os nomes das vítimas da ofensiva, cuja autoria omitida dá margem a que se acredite numa nova versão dos fatos e numa outra culpa: o cruelíssimo jugo sarraceno. A partir desse ponto, começa a lenda.

IX - VOZES QUE SILENCIAM A HISTÓRIA

A expressão “silêncio dos séculos”, com que Bédier se propõe a explicar o hiato entre uma idade épica medieval e o surgimento dos primeiros cantares de gesta, não explica senão a ignorância dos caminhos porque percorreram diferentes tradições narrativas até se conformarem em matérias lendárias. Muitos estudiosos, contudo, desde o século XIX, empenharam-se em reconstituir esses caminhos, resgatando e trazendo à luz elementos que, no conjunto, nos ajudaram a auscultar o silêncio de Bédier que, afinal, se pôde ouvir. Essa empresa, no que concerne à *Chanson de Roland*, não se apouca na mera curiosidade de fatos contrapostos à lenda, mas, recuperando a opinião de Martín de Riquer (2009, p. 47), se engrandece à medida de que nos permite mais admirar o valor poético do cantar e, no limite do contemporâneo, seu valor literário, pois que aquele precede a esse, e não se opõe.

A lenda que empana os fatos históricos na tradição oral e posteriormente na literária, como vimos, começa a ser esboçada, não gratuitamente, já com o biógrafo do sucessor de Carlos no século IX. Desde esse ponto até a circulação oral de um cantar

¹⁰⁶ (...) *statuit Pyrinaei montis superata difficultate ad Hispaniam pergere, laborantique aecclesiae sub Sarracenorum acerbissimo yugo Christo fautore suffragari (...) infortunio obviantem extremi quidam in eodem monte regii caesi sunt agminis. Quorum, quia vulgata sunt, nomina dicere supersedi.*

¹⁰⁷ Vide PERTZ, 1829, p. 608.

prototípico do manuscrito *O* por volta do século XI e início do XII, se algo foi silenciado, foi a história. Prevaleceu a lenda. Compreendendo isso, não poderíamos afirmar que a fantasiosa narrativa do cantar é fruto exclusivo da inventividade do autor, mas de uma tradição prévia que alimenta seu poder criativo, o que nos leva a concordar com a teoria de síntese da origem dos cantares de gesta.

Essa tradição lendária, prévia à composição do cantar, está modesta, porém, inequivocamente documentada em diferentes momentos da história e regiões de abrangência da lenda. O *Liber Sancti Jacobi*, também conhecido por *Códice Calixtino*, é um manuscrito do século XII, pulcramente iluminado, composto por cinco livros, os quais, *Liber I*: liturgia; *Liber II*: milagres de Santiago; *Liber III*: da trasladação do corpo de Santiago à *Compostella*; *Liber IV*: “*Historia Karoli Magni et Rothalandi*”; e *Liber V*: guia do peregrino de Santiago de Compostela. Aqui nos interessam os livros IV e V.

A história da atuação de Carlos Magno e Roldão em terras hispânicas, narrada no códice, é conhecida como *Crônica do Pseudo Turpino*, pois se trata de uma atribuição apócrifa ao arcebispo Turpino de Reims como autor. Com muitos pontos comuns com a *Chanson de Roland* que encontramos no manuscrito *O*, difere-se em que a motivação da expedição de Carlos é dada como uma aparição do Santo apóstolo Tiago a Carlos, quem lhe manda deixar livre de “pagãos” o caminho que conduz a seu sepulcro em Compostela; e, na batalha travada em “*Runciavalles*”, Turpino deve sobreviver, já que se propõe ser dele a autoria.

No livro V, o guia de peregrinos traz uma série de conselhos práticos a quem queira empreender a peregrinação e, sobretudo, a descrição dos pontos de interesse ao longo do caminho:

Depois, ainda encontram-se, na descida da mesma montanha, uma hospedagem e uma igreja em que está a pedra que Roldão, poderosíssimo herói, fendeu de cima abaixo com três golpes de sua espada. Em seguida, encontra-se Roncesvales, seguramente o local que, em outro tempo, ocorreu a grande guerra na qual o rei Marsílio, Roldão e Oliveiro, junto com outros 40 mil guerreiros cristãos e sarracenos, foram mortos.¹⁰⁸ (Anônimo. *Liber de miraculis S. Jacobi*. In: *Le codex de Saint-Jacques de Compostelle*. 1882, p. 15).

¹⁰⁸ *Postea vero in descensione eiusdem montis invenitur hospitale et ecclesia, in qua est petronus, quem Rotolandus heros potentissimus, spatha sua, a summo usque deorsum per médium trino ictu scidit. Deinde invenitur Runciavallis, locus scilicet quo bellum magnum olim fuit factum, in quo rex Marcius, et Rotolandus, et Oliverus, et alii pugnatoris CXL millibus christianorum simul et sarracenorum occisi fuere.*

E continua descrevendo, no capítulo seguinte, a igreja de São Romão em Blaye, onde descansa o corpo de Roldão e a basílica de São Severino em Bordéus onde se pode observar o olifante do herói (*vide* nota aos vv. 3686 e 3693).

Em 1954, Dámaso Alonso trouxe à luz o que se considera hoje o mais importante, porque mais antigo, documento que faz referência à lenda carolíngia de Roncesvales. Encontra-se no Códice Emilianense 39 da *Real Academia de Historia de Madrid*¹⁰⁹, que foi retirado do monastério de *San Millan de Congola*, em *La Rioja*, uma localização próxima ao Caminho de Santiago de Compostela. A escrita visigótica, própria do século X na Espanha, contribuiu a datar o manuscrito, na antecedência mais da mesma mão, à margem direita do fólio 245r, que conhecemos por *Nota Emilianense*:

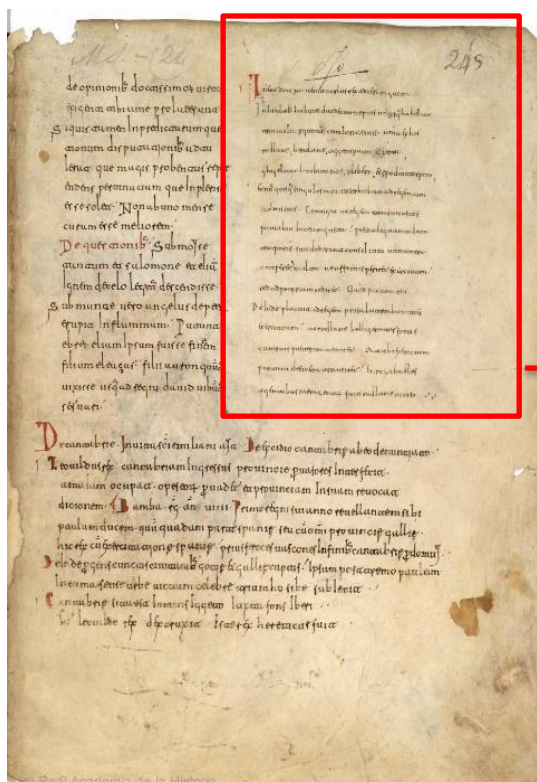


Figura 4: Códice Emilianense, 39, fl. 245r.

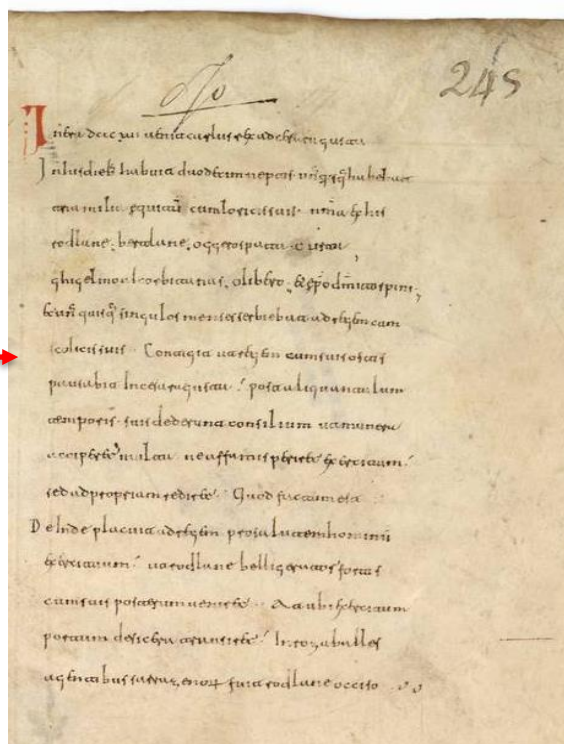


Figura 5: Destaque: Nota Emilianense.

¹⁰⁹ *Enchiridion de fide, spe et caritate [Manuscrito] ; Liber questionum / Augustinus [Hipponensis]. Instructionum libri II / Eucherius Lugdunensis*, Biblioteca Digital da Real Academia de História, Fólio 245r, Disponível em: <http://bibliotecadigital.rah.es>

A partir da transcrição da Nota, lemos:

Na era de 816¹¹⁰ o rei Carlos veio a Saragoça. Naqueles dias, tinha doze sobrinhos¹¹¹, cada qual com três mil cavaleiros com suas lorigas. O nome deles era: Roldão, Alberto, Ogier espada curta, Guilherme do nariz curvo, Oliveiro e o Arcebispo Don Turpino. E cada um deles, por um mês, servia ao rei com sua mesnada. Ocorreu, pois, que o rei, com suas hostes, parou em Saragoça. Depois de algum tempo, os seus declararam em conselho que aceitasse os muitos presentes a fim de que seu exército não percesse de fome e retornasse a seu país. O que, de fato, aconteceu. Logo, ajuizou o rei que, pela conservação de todo o seu exército, Roldão, guerreiro robusto, fosse com os seus na retaguarda. Quando o exército atravessava o porto de Cícera, em Roncesvales, Roldão foi morto pelas gentes sarracenas.¹¹² (Nota Emilianense)¹¹³

O fato de ser o próprio rei Carlos quem designa Roldão para a retaguarda descarta qualquer pretexto de traição e, nesse aspecto, a Nota se aproxima de *Vita Karoli*, sem a construção ficcional da culpabilidade de Galalão. Por outro lado, já temos os sarracenos como responsáveis pelo ataque à retaguarda, e não mais os *wascones*, o que nos remete à *Vita Hludowici* e ao *Liber Sancti Jacobi*. Estando, portanto, o estágio da lenda registrado na *Nota Emilianense* entre o de *Vita Karoli* e o de *Sancti Jacobi*, ponderamos aqui mais um aspecto não pouco relevante: o texto indica doze *neptis* de Carlos e anuncia, em seguida, que os relacionará. Na lista, porém, só figuram seis, dos quais apenas Roldão e Oliveiro coincidem com os pares da *Chanson de Roland*. Outros, ainda, que figuram na Nota, excetuando-se Turpino e Ogiero, se quer aparecem no cantar. O fato de estarem omitidos seis nomes levou Riquer (2009, p. 104) a afirmar que se trata de uma cópia, pois o copista, evidentemente, haveria saltado duas linhas do texto que tinha à frente. Sendo isso assim, podemos imaginar que o estágio da lenda que se apresenta na *Nota Emilianense* deva ser ainda anterior a 1065.

Tudo isso implica em que, já na primeira metade do século X, possamos conceber a prolixa circulação de uma matéria lendária que silenciara a história que a

¹¹⁰ A era hispânica parte de 38 a.C., em referência à romana. O ano 816, portanto, corresponde a 778.

¹¹¹ *Neptis* aqui não deve fazer referência a laços sanguíneos, mas aos doze pares da França.

¹¹² *In era dcccxi uenit carlus rex ad cesaragusta In his diebus habuit decim neptis · unusquisque habitat tria milia equitum cum loriceis suis · nomina ex his rodlane · bertlane · oggero spata · curta ghigelmo alcorbitanas · olibero · et episcopo domini torpini. Et unusquisque singulos menses serbiebat ad regem cum scoliceis suis · Contigit ut regem cum suis ostis pausabit In cesaragusta / Post aliquantulum temporis · suis dederunt consilium ut munera aciperet multa · ne a ffamis periret exercitum / sed ad propriam rediret · Quod factum est : · Deinde placuit ad regem pro salutem hominum exercituum / ut rodlane belligerator fortis cum suis posterum ueniret · At ubi exercitum portum de sicera transiret / In rozaballes a gentibus sarrazenorum fuit rodlane occiso.*

¹¹³ *Archives de littérature du Moyen Âge*. Transcrição de Françoise Rainville, disponível em: <https://arlima.net/no/5230>.

originou. Desse modo, podemos afirmar que a lenda do massacre em Roncesvales, já por volta do ano 1000, integrava todo um imaginário popular da Europa medieval de tradição oral, apenas parcial, eventual e tardiamente registrada e que Galalão é de fato uma criação inteiramente ficcional do poeta, mais tardia, ao que parece, do que a criação de Oliveiro. Tal é a dimensão do que hoje podemos apenas entrever ou, quando muito, auscultar.

X - A ESTRUTURA DO CANTAR

A obra *Los cantares de gesta franceses*, de Martín de Riquer, surge sem maiores ambições do que ser um manual para estudantes e estudiosos do assunto. Em cartas a Dámaso Alonso, diretor da coleção *Biblioteca Románica Hispánica* da editora Gredos, que lhe encomendou o livro, Riquer se orgulhava de seus alunos da cátedra de Literaturas Românicas, pois comprovava que conheciam melhor a literatura francesa medieval que os alunos de Sorbonne. Compilando, pois, em pouco mais de 400 páginas o que foram suas aulas na Universidade de Barcelona, dois anos depois de sua primeira edição em 1952, o livro é também publicado em francês e se torna uma obra de referência e consulta obrigatória para todo estudante de românicas na Europa. O autor não teve dúvida (a despeito da resistência inicial de seu editor) de dedicar o primeiro e mais extenso capítulo, de 110 páginas, exclusivamente à *Chanson de Roland*, justamente onde encontramos sua mais iluminada reflexão acerca da matéria:

Tarefa inútil haveria sido todo o precedente, assim como os esforços de mais de um século de pesquisa e a constante análise de que foi objeto a mais insignificante passagem, verso ou vocábulo da *Chanson de Roland*, se não se tratasse de uma das mais belas manifestações do gênio artístico do mundo românico dos tempos médios (...) poder-se-ia discuti-la desde o ponto de vista histórico ou lendário, mas, no final das contas, a única fórmula válida é desde o ponto de vista estético.¹¹⁴ (RIQUER, 2009, pp. 117-118).

Atendendo a essa inspirada observação do professor Riquer, percebemos que, se todo o exposto até aqui esteve eclipsado pelos véus da dúvida e das hipóteses, fossem

¹¹⁴ *Tarea inútil hubiera sido todo lo que antecede, así como los esfuerzos de más de un siglo de investigación y el constante análisis de que ha sido objeto el más insignificante pasaje, verso o vocablo de la Chanson de Roland, si no se tratara de una de las más bellas manifestaciones del genio artístico del mundo románico de los tiempos medios (...) podrá discutirse desde el punto de vista histórico o legendario, pero al fin y al cabo es la única fórmula válida desde el estético.*

complementares ou excludentes, a despeito de todo rigor empenhado em traçá-las, no plano estético, a análise repousa sobre as únicas certezas não apagadas pelo tempo. Ainda que essa análise tampouco se reclame unívoca, trata-se da certeza de estarmos diante de um material criteriosamente trabalhado, artística e poeticamente urdido por uma pena, não apenas inspirada, mas dedicada.

Já vimos como a composição dos dois mundos em conflito respondem a diferentes princípios composicionais: o cristão segue uma ordem ideológica, amparada na doutrina histórica; o muçulmano, dito pagão, segue a lógica ficcional, amparada pelo paralelismo ao primeiro. Já nesse aspecto, identificamos uma perfeita simetria de elementos, como a dos doze pares sarracenos sendo reflexo dos pares franceses e, esses, históricos, inspirados na numerologia bíblica¹¹⁵, sendo doze as tribos de Deus, no Velho Testamento, e doze os apóstolos de Cristo, no Novo Testamento, além dos apocalípticos múltiplos de 12. Seguindo essas correspondências numéricas, perceberemos que no cantar aparecem exatos 56 personagens cristãos e 56 personagens sarracenos, que outras reflexões poderiam suscitar¹¹⁶.

Quanto à unidade, o cantar se permite dividir, perfeitamente, em quatro partes, que se correspondem, ainda que alguns críticos e editores não reconheçam a autenticidade de todas elas¹¹⁷. Essas conjecturas, no entanto, e sobretudo nessa perspectiva estética do cantar, têm se mostrado cabalmente infundadas, justamente por essa necessária e manifesta correspondência. Assim, temos:

A traição (vv. 1 a 813): Marsílio, o sarraceno que reina em Saragoça, a única cidade não invadida pelas tropas cristãs do rei Carlos, está apavorado com sua interminável presença nas terras da Bela Espanha. Temeroso de sua própria sorte, pede conselho a seus barões e lhe é sugerido que envie ricos presentes a Carlos, com a enganosa promessa de receber sua lei espiritual, na condição de que o rei franco retorne a seu país. Diante da proposta que lhe foi então comunicada, Carlos consulta seus barões e Roldão se precipita em opinar por não crer em Marsílio e sitiá-lo até que se renda, mas seu padasto, Galalão, convence os demais do contrário. Deliberado, pois, por enviar uma embaixada a Marsílio para tratar os termos do acordo, deve-se escolher quem irá para a arriscada missão, pois Marsílio já havia matado outros em circunstância

¹¹⁵ Para tal afirmação nos embasamos na intertextualidade demonstrada na nota aos vv 170-178.

¹¹⁶ Isto percebendo, Riquer (2003, p. 51) nega qualquer possibilidade de intenções simbólicas ou estruturais. Não nos parece fortuito, contudo, apontar que, na simbologia medieval cristã, o número 5 representa a perfeição e o 6 a imperfeição; dualismo que, como veremos, está presente em todo o cantar e não é raro encontrar correspondências com esses números, o que não passa, contudo, de conjecturas.

¹¹⁷ Vide RIQUER, 2009, pp. 119-121 e comentário “Episódio de Baligão” à p. 217.

equivalente no passado. Carlos recusa a solicitude de Roldão e de outros pares, dos quais não poderia prescindir, mas quando Roldão sugere que vá Galalão, esse é aceito. Enfurecido por se entender prescindível ao rei, jura prejudicar seu filhastro no futuro. Assim, uma vez em Saragoça, Galalão aceita muitos presentes de Marsílio ao tramar com ele a morte de Roldão, o que enfraqueceria o poder bélico de Carlos.

A derrota (vv. 814 a 2396): Acreditando no mal acordo, Carlos empreende o retorno à França, para o qual Galalão, consumando a tramada traição, indicara Roldão para o mando da retaguarda, liderando os doze pares da França e mais vinte mil soldados. Quando Carlos já está chegando ao porto de Cícera, na França, com o grosso do exército, a retaguarda encontra-se ainda no alto dos desfiladeiros pirenaicos. Oliveiro sobe a uma colina e vê aproximar-se o ingente exército de Marsílio, com mais de 100 mil sarracenos. Apressura-se então a pedir que Roldão soe seu olifante a fim de que Carlos retorne para acudi-los em tempo, mas Roldão se recusa por querer preservar sua fama, querendo, pois, a batalha. O combate é duro e, quando Roldão se dá conta de que todos cairão em Roncesvales, quer finalmente soar o olifante para que Carlos os possa vingar, mas Oliveiro alterca com ele, pois não quis fazê-lo quando devia. O arcebispo Turpino intercede por soar a fim de que ganhem justa sepultura e seus corpos não sejam profanados. Roldão soa o olifante com tanto vigor que se lhe estouram as têmporas. Quando Carlos ouve o chamado de Roldão, entende que Galalão o havia traído, ao que manda prendê-lo e empreende rápido retorno. Depois de todos os demais mortos, e os últimos sarracenos saírem em fuga, inclusive Marsílio com a mão direita cerceada por Roldão, restam vivos apenas esse e Turpino, os donos do campo de batalha. Roldão sai então em busca dos doze pares tombados a fim de que Turpino os conceda uma oração fúnebre, depois do que, morre também o clérigo guerreiro. Roldão tenta romper sua espada a fim de que não caia em mãos inimigas, mas só faz fender a pedra contra a qual resiste a lâmina. Fracassado o intento, deita-se na relva mortuária sobre sua espada, pede perdão e entrega sua luva direita a Deus, símbolo de vassalagem e última homenagem feudal. Recolhe-a o anjo Gabriel que, com outros querubins, leva a alma do conde ao Paraíso. Tombou como queria, com a cabeça direcionada às terras da Espanha, como um conquistador.

A vitória (vv. 2397 a 3674): Chegando, porém, ao campo quando todos já estão mortos, o rei manda que cuidem e guardem os corpos dos francos e sai em perseguição dos poucos sarracenos sobreviventes. Como o crepúsculo se aproxima,

Carlos pede a Deus que detenha o sol e retarde a noite a fim de que não escapem os sarracenos. Opera-se o milagre. Saem então em perseguição e os que não são alcançados e mortos pelos francos, afogam-se no rio Ebro, exceto Marsílio, que alcança Saragoça. Derrotados todos os sarracenos, Carlos ajoelha-se para agradecer a Deus, e o sol se põe. Sete anos antes, porém, quando Carlos chegava à Espanha, Marsílio havia pedido auxílio ao Emir Baligão, da Babilônia, senhor de Marsílio e de todos os sarracenos. Naquela mesma noite, quando Carlos está acampado às margens do Ebro, Baligão chega a Saragoça com exército de 40 nações e Marsílio lhe entrega a luva, a cidade e todos os feudos. No dia seguinte, Carlos retorna a Roncesvales e vai em busca de seu sobrinho, por quem mostra grande dolo, desmaia duas vezes, arranca cabelos e barbas, cem mil também choram e também desmaiam. Anuncia-se a grande batalha entre as forças do senhor de todos os francos e as do senhor de todos os sarracenos. Ao final, tem-se o combate singular entre Carlos e Baligão. Quando o Emir, num golpe, escarpela o rei franco, que quase cai, o anjo Gabriel lhe fala ao ouvido, incitando a recobrar batalha. Carlos então recupera suas forças e derrota Baligão, com o que, parece haver limpado a Terra de todos os sarracenos, o que não se mostrará verdadeiro nos últimos versos. Quando Marsílio vê chegar vitoriosas as tropas de Carlos a Saragoça, morre de dor. Os sarracenos que ali não queiram se converter, são mortos e todas as imagens e ídolos são quebrados. Apenas Bramimonda, a rainha, será levada à França para se converter por exemplo e amor.

A justiça (vv. 3675 a 4002): Chegados à Aix, na França, Alda, a irmã de Oliveiro, prometida de Roldão, morre ao saber do trágico fim do herói. Começa o juízo de Galalão, quem alega inocência, pois havia prometido a vingança contra Roldão e todos o testemunharam, o que não se trataria, em sua perspectiva, de traição, com o que convence os barões, mas Carlos se lamenta. Teodorico de Anjou se opõe a esse argumento dizendo que Galalão estava a serviço do rei e, ao prejudicá-lo, incorreu em traição, assim, desafia quem quer que se lhe oponha, sob o juízo de sua espada. Pinabel, parente de Galalão, aceita combatê-lo, no que parece ser um duelo entre David e Golias e para o quê, Carlos pede mais 30 parentes de Galalão como reféns. Quando Teodorico dá morte a Pinabel, diz-se haver sido operado um milagre. Todos os parentes de Galalão são enforcados e ele é atado a quatro destreiros corredores, que o desquartizam. Bramimonda, a rainha da Espanha, viúva de Marsílio, é enfim convertida e recebe o nome de Juliana. Quando toda a justiça é feita, Carlos quer descansar em sua alcova, mas

recebe a visita do anjo Gabriel que lhe manda reunir as hostes em socorro de *Vivien*, sitiado por mais sarracenos. Carlos chora e arranca-se as barbas.

Do enredo do cantar, podemos perceber que, de forma inequívoca, a primeira parte corresponde à última, e a segunda parte corresponde à terceira. A derrota de Roncesvales é, em seguida, vingada quando Carlos vence todas as tropas de Baligão, mas só é feita justiça à traição urdida na primeira parte, quando Pinabel perde o combate para Teodorico e Galalão e seus parentes são todos mortos. São, portanto, duas unidades temáticas que se correspondem: a traição e a justiça; a derrota e a vitória.

Para a cabal vitória, o personagem de Baligão é central, do ponto de vista ético de uma sociedade feudal. Se Roldão, depois de muito resistir, como vassalo, pede auxílio a Carlos, seu senhor feudal, esse tem o dever de lhe atender. Mas o retorno do sobrevivente Marsílio a Saragoça não é fortuito nem tem ares de vitória, mas tem a função narrativa de trazer Baligão, a quem havia pedido auxílio, por isso Marsílio não poderia haver morto em Roncesvales. Carlos, por sua vez, pouco tem que ver com Marsílio, sua justiça deve ser feita contra o senhor do vassalo que afrontou seu vassalo. Assim, chegamos na épica cena do embate entre os dois anciãos de barba florida, sábios e nobres. A vitória, nessa circunstância, diferente dos sucessivos embates entre francos e sarracenos que vimos até esse ponto, não pode ser resultado de uma superioridade física, maior bravura ou de habilidade com as armas, porque essa é uma questão maior, trata-se da justiça, não dos homens, mas Divina. Dois indícios nos dá o poeta sobre este combate singular: “sem homem morto, não há como termine”¹¹⁸ (v. 3578) e “já não pode prosseguir essa batalha, / sem que um reconheça a injustiça”¹¹⁹ (vv. 3587-3588). A justiça deve ser inequívoca, e só será a partir do reconhecimento e da morte por parte do injusto. O combate, portanto, ganha forma de juízo, pois ambos tentam, entre golpes, convencer o outro da sua injustiça, a que, como vimos, sempre estará, na forma do “Juízo de Deus”, ao lado do derrotado, pois é Deus quem a põe de manifesto e a cobra, e, no cantar, o faz pela vitória de Carlos sobre Baligão, quem compreende tarde que falsa é a sua fé e o seu deus (vv. 3553-3554). A mesma fórmula das negociações entre golpes e do juízo de Deus se repetirá no combate entre Pinabel e Teodorico, e a vitória do remedo de David é reconhecida como milagre porque aí também opera o Deus dos justos. As duas metades temáticas têm, portanto, o mesmo formulário desfecho: o direito que, enfrentado à injustiça, afinal prevalece. Nesse sentido podemos compreender que *La Chanson de*

¹¹⁸ *Seinz hume mort ne poet estre acheuee.*

¹¹⁹ *cefte bataille ne poet remaneir unkef./ Jofque li un ffun tort i reconuiffet.*

Roland é um poema epídítico não só à Cristandade em detrimento dos muçulmanos, não só dos francos contra os sarracenos, mas de todo um sistema ético e estético de um modelo de sociedade que se queria enaltecer e preservar.

Ao compreender essa simetria como não casual, logo nos atentamos que o cuidadoso emprego de recursos retóricos no poema, de notórios, reforçou significativamente os argumentos em favor da hipótese de autor culto e clérigo, único estrato social a dominar hegemonicamente essa disciplina em tempos de franco analfabetismo. Apesar de toda sobriedade dominante no cantar, encontramos dois procedimentos estilísticos mais significativos:

Oppositum: recurso da *amplificatio* que trata de afirmar e, em seguida, negar o contrário, a fim destacar a afirmação, como em: “Morto é o conde, já não mais perdura”¹²⁰ (v. 2021). E, seguindo a lógica da mesma *amplificatio*, poderíamos compreender esse *oppositum* no plano temático, como a afirmação ética e estética do cristão e a negação ética e estética do seu oposto sarraceno, ao longo de todo o cantar.

Paralelismo: É o recurso mais largamente explorado, que encontramos em todos os níveis linguísticos. Além do paralelismo temático que já apontamos entre as duas metades traição e justiça, e derrota e vitória, encontramos esse recurso em todos os demais níveis linguísticos, como nos pares substantivos, “e por honra e bem vos tornareis vassalo”¹²¹ (v. 39); nos pares adjetivos, “por Carlos Magno, que é grisalho e velho”¹²² (v. 538, em trad. lit.); nos pares sintagmáticos, “pela barba e o bigode meus floridos”¹²³ (v. 249); nos pares de versos, como o “[q]uando fez, o Imperador, sua vingança”¹²⁴ (v. 3975) com o “[q]uando fez, o Imperador, sua justiça”¹²⁵ (v. 3988); e, finalmente, nos pares estróficos, também reconhecidos como séries paralelas ou similares. São exemplo delas as séries 84 e 85, na primeira disputa entre Roldão e Oliveiro, e as 174 e 175, que narram a morte de Roldão, além de outras, sempre as mais pateticamente significativas, em progressão narrativa. A partir do estudo de suas séries similares, pôde-se comprovar duas características fundamentais da épica medieval que assenta a discussão em favor da teoria

¹²⁰ *Morz est li quens que plus ne se demuret.*

¹²¹ *Serez jef hom par hon y par ben.*

¹²² *De carlemagne ki est canuz e vielz.*

¹²³ *par ceste barbe y par cest men gernun.*

¹²⁴ *Quant li emperef ad faite sa ueniance.*

¹²⁵ *Qvant lempere ad faite sa iustife.*

de síntese: sua origem oral, admitindo a repetição como própria da narrativa oral, e a autoria individual, a partir da ideia de “estilo elaborado”¹²⁶. Nestas séries, podemos ainda reconhecer como anáforas e epístrofes sintagmáticas o paralelismo frasal entre os primeiros e últimos versos de cada série similar, como as primeiras “[o] olifante, Roldão, soai agora”¹²⁷ (v. 1059) e “[s]oai já, Roldão, vosso olifante”¹²⁸ (v. 1070); e as últimas “[os pagãos] têm a morte, vos juro, assegurada.”¹²⁹ (v. 1069) e “os da Espanha, não há quem salve da morte”¹³⁰ (v. 1081), das séries 84 e 85, respectivamente.

Considerados os procedimentos estilísticos de metataxe, observamos que, marcando a divisão entre as 291 séries de versos, estão 22 assonâncias diferentes¹³¹, que caracterizam a versificação de cada série, desse modo, padronizando cada qual. Essas assonâncias, coincidentes nas vogais das palavras finais do verso, mas não nas consoantes¹³², incidem sobre a última vogal tônica – caso em que se chamam masculinas, como a série V em *-e* (*finet, Balaguet, per, barbet*, etc.), com palavras oxítonas – ou sobre a última e penúltima vogais, sendo a última sílaba uma vogal surda – caso em que a assonância é chamada feminina, como a série I, em *-an/-e* (*magnes, Espagne, altaigne, remaigne*, etc.), com palavras paroxítonas¹³³.

Os versos são predominantemente regulares, em decassílabos com cesura intermediária, sendo o primeiro hemistíquio, com 4 e o segundo com 6 sílabas. Essa cesura é, em geral, um corte bem marcado, normalmente de valor sintático, em que há independência sintagmática entre ambos, e confere, ainda, o ritmo ao cantar. Não é raro encontrarmos também o que Moignet chama de cesura épica (1985, p. 288), em que o primeiro hemistíquio termina com a vogal *-e* surda e inicia-se o seguinte com uma consoante, o que deixa especialmente claro o ritmo. No aspecto métrico também é possível encontrar uma certa tolerância de uma ou duas sílabas átonas depois de uma vogal *-e* surda, tanto no primeiro quanto no segundo hemistíquio, portanto, nos casos de assonância feminina. A sintaxe dos versos responde a uma forte tendência ao dístico, sempre evitando o encavalgamento sintático (*enjambement*) para além do dístico, a romper sua unidade. Em versos de entonação de série, as quadras são mais comuns, ao

¹²⁶ CARTON, 1987, 1990, 1996.

¹²⁷ *Cumpainz Roll lolifan car funez.*

¹²⁸ *Cumpainz Roll funez urë olifan.*

¹²⁹ *Jo uof pleuif tuz funt a mort liürez.*

¹³⁰ *Ja cil despaigne naürunt de mort guarant.*

¹³¹ As assonâncias do cantar são: *-a, -a/-e, -an, -an/-e, -è, -è/-e, -é, -é/-e, -ei, -ei/-e, -en, -en/-e, -i, -i/-e, -ié, -ié/-e, -ò, -ò/-e, -ó, -ó/-e, -u, -u/-e*, vide RAYNAUD, 1894.

¹³² ROSSELL, 2016, p. 273.

¹³³ Para o estudo das assonâncias do cantar como técnica composicional, vide HEINEMANN, 1973.

passo que, nos versos de conclusão, prioriza-se a sintaxe em terceto. Do mesmo modo, as construções subordinativas tornam-se raras frente às simples e coordenadas. Na série LXIII, observamos um exemplo da quadra de entonação, do padrão em dístico no corpo da série e dos versos conclusivos em trístico:

Li emperef apelet Jef nief Roll. ¹³⁴	O Imperador a Roldão, o seu sobrinho,	}
Bel fire nief or fauez ueirement.	diz: “Em verdade, sobrinho, é sabido,	
demi mun host uof lerrai en p̄sent.	785 meia hoste haveis por oferecido,	}
Retenez lef co ≈ uofstre faluement.	nela há salvação do precavido.”	
co dit li quenf io nen ferai nient.	Disse o conde: “Em nada a necessito,	}
d’f me cfunde fe la gefte en desment.	Deus me perca se a gesta eu desminto.	
.xx. milie francf retendrai ben uaillanz	Vinte mil francos quero destemidos,	}
paiffez lef porz trestut fourement	790 em segurança, passai aquele átrio;	
Ja mar crendrez nul hume a mun uiuant.	não temais homem enquanto eu for vivo.”	}

(vv. 783-791)

Na organização estrófica do manuscrito, os versos são marcados pelo ponto final, com exceções guardadas para possíveis falhas do copista ou por apagamento do pergaminho. Assim, a quadra, o dístico e o trístico podem ser identificadas apenas a partir de um princípio sintático do narrado, que mantivemos na tradução e indicamos com os signos de pontuação proposto para cada verso. Irregulares em número de versos e marcadas por um *timbre* de entonação e um de conclusão, as séries épicas, originalmente, deveriam ser improvisadas¹³⁵, numa expressão prosódico-musical de jograis que encontravam no canto, e suas pertinentes modulações, seu recurso mais eloquente para constituir uma unidade estrófica do narrado.

Do ponto de vista fonético, a assonância em anglo-normando é, no exemplo acima, masculina, formada em *-en* e *-an* e, na tradução, a assonância feminina, formada com as paroxítonas em *-i/-o*. Se em língua portuguesa fica claro haver um padrão fixo de assonância nessa série, a variação que o manuscrito de Oxford apresenta pode ser compreendida se considerarmos plausível que fosse a pronúncia do Anglo-Normando mais próxima da *langue d’oc* ou do francês moderno, em que *-an* e *-en* compartilham a fonética da vogal nasal [ã], ou bem ao considerarmos que as séries épicas ou estrofes dos

¹³⁴ O nome *Roll* que conclui o verso 783 não está fora do padrão de assonância em Anglo-Normando, pois se trata da abreviação gráfica de *Rollant*.

¹³⁵ RYCHNER, 1959.

cantares de gesta têm uma realidade musical, acerca da qual uma interpretação puramente literária não alcançaria compreender¹³⁶. Sobre esse aspecto, Bédier (1921, p. 480) afirma que as variações de assonância em *O* não são uma questão de linguagem, mas de prosódia e, analisando vinte passagens do cantar cujas variações usou-se padronizar, assume conclusivamente sua tarefa de manter e interpretar o manuscrito e de menos intervir nele – uma postura arqueológica diante do manuscrito em que estamos de acordo. Definitivamente, a dimensão fonética dos cantares de gesta vive numa realidade musical¹³⁷.

Além da progressão narrativa e do padrão da assonância, como vimos, de princípios mais prosódicos do que literários, as passagens de séries são identificáveis no manuscrito sempre pelo primeiro verso, com a letra capitular, e pelo último, em 180 passagens, nas que o último verso da série que se conclui (com algumas exceções de versos iniciais ou no meio da série), lê-se as letras AOI¹³⁸. É possível que hajam sido escritas por segunda mão, mas também sobre isso não há consenso. As possíveis hipóteses de significação já aventadas foram: indicação de refrão, alguma vocalização incerta, indicação também incerta para o jogral, abreviação para fórmulas musicais litúrgicas do *amen* ou do *aleluya*, letras gnósticas, grito de batalha, exclamação de encorajamento, ou convite à escuta para o público. Para essa última hipótese, caberia compreender AOI como uma abreviação de *adaudi* (escutai!), do verbo latino *audire*. Em todo caso, alguma indicação referente ao aspecto oral ou musical do cantar que marque alguma passagem – se não as de série – cuja especificidade nos escapa, parece razoável.

XI - TRADUÇÃO E TRADIÇÃO, RITMO E ORALIDADE

A poética do cantar revela muito de sua origem oral e é através dela, aliás, que se pode alcançar essa dimensão original. Toda a tradição filológica europeia, desde o século XIX, tem por assentado, no entanto, que a oralidade dos cantares de gesta, enquanto material melódico, é uma dimensão perdida: “Há uma propensão rítmica que deveria ser acentuada na recitação melódica que os jograis imprimiam no cantar, sobre a qual nada sabemos”¹³⁹ (RIQUER, 2009, p. 135). Alberto Montaner, editor de o *Cantar de*

¹³⁶ RYCHNER, 1999.

¹³⁷ ROSSELL, 1999, p. 136.

¹³⁸ Para o estudo das hipóteses já aventadas, vide GRACE, 1933 e CROWLEY, 1960.

¹³⁹ *Hay una propensión rítmica que debería acentuarse en el recitado melódico que los juglares imprimían al cantar y del cual nada sabemos.*

Mio Cid, pela *Real Academia Española*, também faz uma reflexão acerca desse tema e afirma que “sobre a melodia do canto, é muito pouco o que se sabe”¹⁴⁰ (MONTANER, 2000, p. 369), embora ali mesmo mencione as diversas publicações acerca de uma hipótese plausível, a de Antoni Rossell (2004, 2016, 2017), que é uníssona entre a crítica especializada.

Essa hipótese não havia ainda sido apresentada quando Paul Zumthor, em 1987, afirmou que até então jamais se havia tentado interpretar a oralidade da poesia medieval (1993, p. 17), mas já compreendia que observar a existência dessa oralidade a partir dos manuscritos equivale a separar um esqueleto fóssil dos sedimentos que o aprisionam, no caso em tela, o texto escrito. Isso equivale, para emprestar os termos do medievalista, a uma vontade de abertura para com esses textos e uma tomada de consciência histórica (*op. cit.*, pp. 18; 35), já que, de acordo com o professor Antoni Rossell¹⁴¹, a oralidade, além dos aspectos estritamente literários, é um sistema linguístico e musical que coesiona texto e música para assegurar sua transmissão e sua recepção na performance. Nesse sentido, a oralidade desses cantares de gesta configura-se como uma interação entre a gestualidade, a tímbrica vocal, a representação cenográfica e o público. Uma análise de todos esses elementos consubstanciais à métrica – ainda com Rossell – requer uma abordagem interdisciplinar e comparatística, mais de tipo antropológica que filológica.

O equívoco na leitura da *Chanson de Roland* estaria, nessa perspectiva, em ignorar a música que subjaz nos elementos formais de significação codificados no manuscrito, restringindo-se filologicamente, se não apenas ao conteúdo narrativo, a uma abordagem linguística de escansão, que busca incansavelmente uma regularidade perfeita e artificial à improvisação estrutural dos cantares de gesta. Em contraposição, a variabilidade, por um lado, e a estrutura formular, por outro, nos oferecem os indícios de uma performance germinal¹⁴².

Opondo-nos, portanto, a uma tradução do apagamento, que elimine toda a tradição oral precedente ao texto, seguimos a perspectiva de uma tradução poética no sentido que a entende Henri Meschonnic (2010). Trata-se aqui de reconhecer no texto uma oralidade e o ponto de encontro de historicidades, tal como se coloca Zumthor: “procuro minha própria história na singularidade do meu objeto; e ele encontra em mim,

¹⁴⁰ *En cuanto a la melodía del canto, es muy poco lo que se sabe.*

¹⁴¹ ROSSELL, 2016, pp. 278, 279.

¹⁴² ROSSELL, 1991.

como em prospectiva, a sua” (2007, pp. 107-108). Meschonnic, nessa mesma direção, busca as categorias do *continuum* do texto, o que implica numa tradução diferente daquela de signo a signo, mas a que se proponha ser de um ato de linguagem a um ato de linguagem, que busca um equivalente de sentido na obra de destino, a partir da identificação do modo de significar da obra de origem. Trata-se, pois, menos de uma tradução palavra-palavra, mas de um exercício de estilística comparada; menos de um trabalho de língua de origem para língua de destino, mas de obras com sua historicidade que buscam equivalência de sentido pleno – e por historicidade compreendemos uma dimensão não restrita a sua arqueologia, mas uma que a considere e ainda compreenda o *continuum* de sua existência até o ponto onde se inscreve o ato poético mais coetâneo, em potência na leitura ou em performance na execução/escuta.

Se à estrutura formular de organização textual se aplicavam sistematicamente estruturas melódicas coetâneas ao presente da divulgação desses cantares, entendemos que é tarefa do tradutor contemporâneo encontrar um sistema tal que, acordes com a variabilidade, tanto sintagmática – havendo o caso, sobretudo em versos heterométricos – quanto paradigmática – de número de versos em cada série – e com a estrutura formular do texto, coesione os elementos musicais e literários num ato de linguagem de abertura e conservadorismo.

As estimulantes pesquisas do prof. Antoni Rossell, que resultaram na reconstrução, enquanto hipótese filológica plausível, como sempre adverte o professor, de o *Cantar de Mio Cid* (2017), a partir de sua hipótese de intermelodicidade (2004), por *contrafactum* entre a música salmódica e os cantares de gesta, instigam a novas perspectivas a que nos reclama receber a *Chanson de Roland*. Até o momento, basta compreender, com Zumthor, que...

...a leitura do texto poético é escuta de uma voz. O leitor, nessa e por essa escuta, refaz em corpo e em espírito o percurso traçado pela voz do poeta: do silêncio anterior até o objeto que lhe é dado, aqui, sobre a página (ZUMTHOR, 2007, p. 87).

Ora, é sobre as páginas que seguem que buscaremos entrever uma performance da pré-história do manuscrito de Oxford, não perdida nem apagada, mas apenas oculta no texto. A tradução que propomos para isso, talvez ousada e audaciosamente – conforme propõe Henri Meschonnic – chama à escuta mais que à leitura; transborda a filologia por uma fidelidade comprometida menos com um léxico

descontínuo e mais com uma prosódia musical; e, enfim, propõe uma ação poética sobre a historicidade do poema.

De nosso ponto de observação, o *continuum* deve, pois, considerar que a tradição lendária carolíngia – e não propriamente a *Chanson de Roland* – chega ao Brasil a partir de outro material literário originado do cantar de gesta *Fierabrás*. Esse cantar narra Carlos Magno, acompanhado dos seus doze pares, indo ao socorro da Santa Sede, ocupada e saqueada pelo Emir Balão e seu filho Fierabrás, que é derrotado por Oliveiro e por ele capturado. Morto Balão, recuperam-se as relíquias retiradas de Roma e Fierabrás se converte cristão bem como sua irmã Floripes, que se casa com Gui de Borgonha. Em meados do século XV, esse cantar foi prosificado em francês e, quase um século depois, traduzido ao castelhano sob o nome de “*Hystoria del emperador Carlomagno y de los doze pares de Francia, e de la cruda batalla que hubo Oliveros com Fierabrás, rey de Alexandria, hijo del grande almirante Balán*”, que ganhou grande repercussão até o século XIX e se reimprimiu em português sucessivamente até chegar às xilogravuras dos cordéis no Brasil, como refundição sobre a qual também cantavam nossos cantadores e pajadores, de sul a norte. A partir desse material literário vindo com os jesuítas, desde o século XVII, registra-se no Brasil a tradição das cavalcadas que se celebram junto com a festa do Divino, principalmente nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Goiás, onde se destaca a de Pirenópolis, e assim, as lendas carolíngias foram impregnando nossa cultura religiosa, oral e performática.

Como capitalíssimas expressões das pesquisas sobre o tema da cavalaria medieval no Brasil e da matéria carolíngia aqui pervivente, por um lado, Jerusa Pires Ferreira afirma que “[n]o caso do sertão brasileiro, do Nordeste ou de outras regiões isoladas, as histórias do rei ajustaram-se tão bem que se uniram aos componentes principais da épica popular do cangaço” (2012, p. 303); e, por outro lado, desde Barcelona, o professor Antoni Rossell destaca-se em demonstrar como a matéria carolíngia, ao longo do processo de colonização, e posterior a ele, cumpriu uma “estratégia ideológica de evangelização com o objetivo da conversão, do respeito e do reconhecimento dos colonizadores como figuras necessárias de uma história atávica” (2017, p. 198). Evidentemente – ainda com Rossell (*op. cit.*) – o academicismo que busca arqueologicamente compreender essas representações contemporâneas, como o auto de Floripes nas cavalcadas, como uma tradição medieval, torna-se artificioso ao resgatar, quando muito, um “momento da tradição e não a tradição mesma”. Por isso que, diante

dessa “imagem poliédrica” que é a matéria carolíngia no Brasil, para resgatar hoje uma tradição olvidadamente literária com a tradução da *Chanson de Roland* frente à pujança pervivente dessa tradição oral e performática dos autos de Floripes, requer-se fazer o caminho inverso de Caronte, o deslembrador. Nesse recurso, nossa tradição reclama à *chanson* o que dela se olvidou no *silêncio dos séculos* que nos a trouxe à luz, sua dimensão oral. Nessa tradição, pois, se inscreve nossa tradução, sobre a qual, se faz saber: reservamos à semântica de nossa proposta tradutológica um profundo enraizamento com nosso objeto de origem, sem nos afastar dele mais do que o expressamente justificado em notas; por outro lado, as estruturas léxica, onomástica, de assonância, métrica e rítmica que apresentamos revestem-se de toda a tradição oral da matéria carolíngia aqui pervivente; e, finalmente, a dimensão sintática está a serviço de ambas opções, ora replicando uma, ora atendendo as necessidades da outra. Assim, apresentamos os critérios da tradução:

- Léxico: Prescindindo de uma proposta tradutológica palavra-a-palavra, o léxico em língua portuguesa foi escolhido em atenção a um ato de linguagem. Prestou-se, contudo, devido e especial cuidado com a escolha do justo léxico que nos parece mais caro ao cantar, pressuposto do autor um profundo conhecimento de algumas especificidades como a arte e heráldica bélica¹⁴³, o universo clerical¹⁴⁴, os arneses¹⁴⁵ e a cavalaria¹⁴⁶.
- Onomástica: Para nomes cristãos, preservamos a forma lusófona guardada na tradição de cordel¹⁴⁷, quando se tratam de personagens nela presentes – como a opção por Roldão, ao invés de Roldando, etc. – ou, quando não, traduzimos buscando o mesmo princípio da lusofonia. Para os nomes sarracenos, mantivemos o tom burlesco e pejorativo do cantar¹⁴⁸, com jogo de palavras ou etimologias insinuantes em língua portuguesa. Para as topografias, na medida da conveniência, atualizamos algumas referências identificáveis, evitando, sempre que possível, a forma não lusófona – as exceções se marcam em itálico.
- Assonância: Mantivemos o mesmo princípio assonantal do cantar, evidentemente, propondo assonâncias específicas à fonologia em língua portuguesa, como aquelas em -ão. Ainda que buscando uma similitude estrutural com os versos em Anglo-Normando, nas assonâncias masculinas e femininas, no caso dessas últimas, fomos tolerantes, na estrita medida da necessidade, com a penúltima sílaba, mantendo o rigor na vogal surda.

¹⁴³ Estamos baseados, sobretudo, em REIS, 1961, 1961a.

¹⁴⁴ Todas as passagens bíblicas foram retiradas da *Vulgata latina*.

¹⁴⁵ Baseados, sobretudo, no vocabulário de armaria medieval portuguesa com MELLO e CASTRO, 1932.

¹⁴⁶ O vocabulário empregado às montarias foi emprestado da cultura cavalheiresca rio-grandense, por mais preservada a tradição.

¹⁴⁷ Vide BARROS, 2012; 2012a.

¹⁴⁸ O que, evidentemente, jamais reflete um juízo de valor ou posicionamento depreciativo nosso acerca de etnias, nacionalidades, ou expressões religiosas quaisquer.

- Métrica: Mantivemos o padrão da métrica do texto de *O* com os versos decassílabos de cesura em dois hemistíquios, acrescentando a essa forma um padrão rítmico sobre o qual um sistema melódico ritmicamente correspondente se possa acomodar.

De todos esses critérios apresentados, a dimensão rítmica como proposta de tradução é a que mais destaque merece, pois fala mais evidentemente a uma poética do traduzir e a sua potencial performatividade. Da métrica predominantemente decassílabo preservada do original, parecia ser necessário chegarmos a uma proposta de versificação – igualmente decassílabo – que resgatasse uma tradição em cuja forma refundira-se e sobre a qual pervive a tradição carolíngia no Brasil. Com esse propósito, chegamos à tradição dos cantadores e cordelistas nordestinos, na forma do *martelo agalopado*¹⁴⁹. Em termos métricos, trata-se de um verso decassílabo com acento nas sílabas três, seis e dez, formado, no seu padrão mais tradicional, por dois anapestos intercalados por um peônio de teiceira¹⁵⁰:

	1 anapesto:	1 peônio de 3ª:	1 anapesto:
Pés:	◡ ◡ –	◡ ◡ – ◡	◡ ◡ –
Sílabas:	1 2 3	4 5 6 7	8 9 10

A correspondência entre a escansão do pé poético com o ritmo musical se dá da seguinte maneira:

	◡ ◡ –	◡ ◡ – ◡	◡ ◡ –
	♪ ♪	♪ ♪	♪ ♪ ♪ ξ
Tempos musicais:	1 2	3 4	1 2 3 4

¹⁴⁹ Segundo Câmara Cascudo, o metro do *martelo* foi inventado pelo professor de literatura da Universidade de Bolonha, Pedro Martelo (1665-1727), inicialmente com doze sílabas. Trazidos à cultura popular brasileira pelos portugueses letrados no século XVIII, esses versos jamais se adaptaram aos cantadores como alexandrinos, reconfigurando-se aqui como *martelo agalopado*, de dez sílabas poéticas e seis pés (ou tempos musicais). Vencer um desafio em *martelo agalopado* é ambição de todo cantor sertanejo. *Vide* CASCUDO (1972).

¹⁵⁰ As possíveis variações a esse padrão rítmico, *vide* apêndice.

Em que, a figura musical /J/ representa um tempo inteiro (equivalente a uma sílaba recitada/cantada) e a figura /JJ/ representa a subdivisão do tempo musical em duas metades (equivalente a duas sílabas recitadas/cantadas). A figura /ξ / representa um valor negativo, portanto segue-se o tempo musical com o silêncio. Assim, temos:

◡ ◡ - ◡ ◡ - ◡ ◡ ◡ -
 CA-VAL-GAN- DO/EM MAR-TE-LO/A - GA-LO-PA-(DO)

Assim, os acentos do canto ou recitado (representados por / . /) recaem sempre na terceira, na sexta e na décima sílaba, para o que se devem considerar todos os casos de elisões entre palavras de vogais finais com as de vogais iniciais átonas, comuns na escansão. No exemplo acima, ocorre elisão nos pés quatro e sete, contando-se, portanto, cada qual como apenas uma sílaba poética, no caso, breves.

Após a última sílaba poética, sob essa estrutura poético-musical, a décima acentuada – trata-se de acento do recitado com sílaba forte e não necessariamente de acento gráfico – restará uma, fraca e sempre átona, embora soante, em caso de versos de assonância feminina. No exemplo acima, essa última sílaba fraca está marcada parenteticamente. Em caso de séries com assonância masculina, cujas últimas palavras são oxítonas, as sílabas de assonância final são sempre fortes, como no verso 2196, cujas sílabas coincidem à perfeição com o pé e a estrutura rítmica:

Sílabas: 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Pés: ◡ ◡ - ◡ ◡ - ◡ ◡ ◡ -

QUEI-RA DEUS, VOS-SAS AL-MAS EM PER-DÃO

Tempos musicais: 1 2 3 4 1 2 3 4

Nesses casos de assonância masculina, o penúltimo tempo musical torna-se mais um valor negativo, ao se substituir a figura soante /J/ pela figura negativa / ζ /, passando-se a contar dois tempos de silêncio. Essa é a fórmula rítmica que prevalece sobre a escansão poética dos versos que seguem.

Ao comentar as variações métricas do manuscrito, embora não predominantes, Moignet (1985, p. 288) considera que “é provável que as regras de versificação, sobretudo dentro do domínio Anglo-Normando, fossem muito menos rigorosas do que se imagina”¹⁵¹, mesmo atento às possíveis elisões vocálicas. Tal afirmação poderia ser válida, ainda que como conjectura, se restringíssemos nossa leitura a uma dimensão estritamente métrico-literária. Em nossa perspectiva, no entanto, devemos discordar. Assim como em Anglo-Normando, na proposta tradutológica que apresentamos nas páginas seguintes, pode o leitor deparar-se com exceções às dez sílabas poéticas, não obstante, o que pode parecer uma imperícia poética, justifica-se pelo princípio da variabilidade sintagmática própria da estrutura formular musical¹⁵², já que seu caráter oral demanda outras pautas composicionais e de análise. Uma métrica estanque, rígida, serve à leitura; a performance cobra outras dimensões. Nesse sentido, a partir dessa estrutura rítmica como proposta de tradição e tradução, nosso Cantar de Roldão se apresenta e reclama por sua natureza oral, pode ser cantado.

¹⁵¹ *Il est vraisemblable que les règles de la versification, surtout dans le domaine anglo-normand, étaient beaucoup moins rigoureuses qu'on ne l'imagine.*

¹⁵² Como vimos, conforme Rossell, 1999, 2016.

XII - ANÁLISE DA SÉRIE I DO MANUSCRITO O

1	˘ ˘ ˘ _ ˘ ˘ ˘ ˘ ˘ ˘	Car/lef / li / reif // nof/tre / em/pe/ / ma(<u>gnel</u>)	10 (4, 10)
2	˘ ˘ ˘ _ ˘ ˘ ˘ ˘ ˘ ˘	Set / anz / tuz / pleinf // ad / ef/tet / en / ef/pai(<u>gne</u>)	10 (4, 10)
3	˘ ˘ ˘ _ ˘ ˘ ˘ ˘ ˘ ˘	Tref/quen / la / mer // c̄/quift / la / te/re_al/ <u>tai</u> (<u>gne</u>).	10 (4, 10)
4	˘ ˘ ˘ _ ˘ ˘ ˘ ˘ ˘ ˘	Ni / ad / caf / tel // ki / de/uant / lui / re/m <u>ai</u> (<u>gne</u>).	10 (4, 10)
5	˘ ˘ ˘ _ ˘ ˘ ˘ ˘ ˘ ˘	Mur / ne / ci/tet // ni / eft're/mef / a / fra <u>in</u> (<u>dre</u>).	10 (4, 10)
6	˘ ˘ ˘ _ ˘ ˘ ˘ ˘ ˘ ˘	Forf / far/ra/gu(<u>ce</u>) // ki_elf / en / u/ne / mun/ <u>tai</u> (<u>gne</u>).	10 (4, 10)
7	˘ ˘ ˘ _ ˘ ˘ ˘ ˘ ˘ ˘	Li / reif / mar/fi(<u>lie</u>) // la / tient / ki / deu / nen / <u>ai</u> (<u>met</u>).	10 (4, 10)
8	˘ ˘ ˘ _ ˘ ˘ ˘ ˘ ˘ ˘	Ma/hu/met / fert // y / a/po/l ^l in / re/c <u>lei</u> (<u>met</u>)	10 (4, 10)
9	˘ ˘ ˘ _ ˘ ˘ ˘ ˘ ˘ ˘	Nef / poet / guar/ <u>der</u> // ã / malf / ne / li / a/ <u>tei</u> (<u>gnet</u>).	10 (4, 10)

(transcrição do Manuscrito Digby 23b, fl. 1r)

A primeira série do cantar, acima transcrita, apresenta a assonância feminina, sendo paroxítonas as últimas palavras de cada verso, terminadas em *-an-/-e* (RAYNAUD 1874, p. 290), marcadas em destaque. Fazendo a escansão desta série, percebemos a divisão em 10 sílabas poéticas sendo fortes a quarta e a décima, marcadas pelo signo de pé longo / - /, que indicamos também pelo esquema métrico 10 (4, 10). A barra dupla // marca a divisão dos hemistíquios que, como podemos perceber, têm suas unidades sintagmáticas bem definidas. Nos primeiros hemistíquios de cada verso desta série destaca-se ainda a assonância em *-e*, embora não seja predominante no cantar as assonâncias nessa posição intermediária. As sílabas parentéticas são surdas, portanto, não são contadas no esquema métrico de escansão, caracterizando assim os versos femininos.

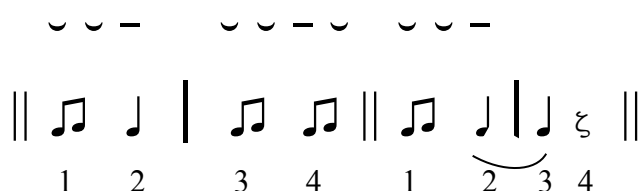
Comentários aos versos:

1. Há uma abreviação gráfica e uma apócope na palavra *empe*, que corresponde a *emperere*, portanto, na sílaba *-pe*, contamos duas sílabas poéticas, não a sílaba da apócope (*-re*), mas sim a abreviação gráfica (*pe = pere-*), restituída na prosódia.
3. Na quinta sílaba, encontramos outra abreviação em *c̄quist*, que corresponde a *cunquist*, e uma sinalefa na nona sílaba: *tere_altaine*, em que *-re_al-* deva-se contar apenas uma sílaba.
6. No final do primeiro hemistíquio, encontramos uma sílaba surda, não contada na escansão (como ocorre no verso 7) o que, embora incomum, é admissível dentro da variabilidade prosódica do cantar. Na sexta sílaba, ocorre também a sinalefa.
- 8 e 9. A assonância desses versos varia de *-an-/-e* para *-en-/e* (assim como a variação de *n* para *m* nessas posições de assonância), o que, prosódica e foneticamente, não oferece nenhum estranhamento à escuta.

XIII - A NOSSA TRADUÇÃO: A Fórmula Rítmica e a Variabilidade Épica

1	◡ ◡ - ◡ ◡ - ◡ ◡ ◡ -	
	O / rei / Car(los), // nos/so / Ma/gno_Im/pe/ra/d <u>or</u> ,	10 (3, 6, 10)
2	◡ ◡ - ◡ ◡ - ◡ ◡ ◡ -	
	Se/te / a/nos, // na_Es/pa/nha, / já / f <i>ĩ</i> /c <u>ou</u> ,	10 (3, 6, 10)
3	◡ ◡ - ◡ ◡ - ◡ ◡ ◡ -	
	Des/de_o /mar //à_al/ta / ter/ra / con/quis/t <u>ou</u> ,	10 (3, 6, 10)
4	◡ ◡ - ◡ ◡ - ◡ ◡ ◡ -	
	nã <u>o</u> há / cas/te/lo // que / pos/sa / se / o/p <u>or</u> .	10 (3, 6, 10)
5	◡ ◡ - ◡ ◡ - ◡ ◡ ◡ -	
	As / ci/da/des // e_os / mu/ros, / der/ro/c <u>ou</u> ,	10 (3, 6, 10)
6	◡ ◡ - ◡ ◡ - ◡ ◡ ◡ -	
	Sa/ra/go/ça, // no / al/to, / só / f <i>ĩ</i> /c <u>ou</u> .	10 (3, 6, 10)
7	◡ ◡ - ◡ ◡ - ◡ ◡ ◡ -	
	Rei / Mar/sí/lio / que_a / tem, // Deus / não / a/m <u>ou</u> ,	10 (3, 6, 10)
8	◡ ◡ - ◡ ◡ - ◡ ◡ ◡ -	
	pois / o /cã <u>o</u> (e) / Ma/o/mé, // os / in/vo/c <u>ou</u> ;	10 (3, 6, 10)
9	◡ ◡ - ◡ ◡ - ◡ ◡ ◡ -	
	já / não / po/de_e/vi/tar // o / mal / e_a / d <u>or</u> .	10 (3, 6, 10)

A assonância desta série é masculina em *-o*, conforme o destaque da última sílaba das últimas palavras de cada verso, portanto, oxítonas. A escansão dos versos acima, por sua vez, apresenta o padrão tradutológico que segue a métrica dos decassílabos com acento nas sílabas 3, 6 e 10, o que caracteriza o ritmo de *martelo agalopado*, cujo padrão de pé podemos definir como dois anapestos (breve, breve, longa; breve, breve, longa) intercalados por um peônio de terceira (breve, breve, longa, breve), que podem variar assim como o número de sílabas métricas (variação sintagmática) mas sempre mantendo a fórmula rítmica. Assim, com a fórmula padrão de pé e ritmo temos:



No primeiro verso observamos uma sílaba parentérica logo após o primeiro anapesto: “O / rei / Car(los)...”, e assim também ocorre no verso 8: “pois / o /cão (e)...”, o que indica que as sílabas “-los”, no primeiro verso, e “e”, no oitavo, não serão contadas na escansão. Considerando que, desde a Grécia antiga, a Música e a Retórica sempre estiveram emparentadas numa mesma base estética (CORBÍ, 2007, p. 11), podemos definir o procedimento utilizado nesses versos como a figura retórica da *glosa*, ou *diminutio*, que consiste em dividir uma nota longa em duas ou mais notas mais curtas. No âmbito do nosso procedimento tradutológico, como no exemplo dos versos 1 e 8, a variação sintagmática possível é a glosa do segundo tempo musical, ao final do primeiro anapesto:

O/rei/ Car(los),//nos/so / Ma/gno_Im/pe/ra/dor, (v. 1)
 pois/o/ cão (e) // Ma/o / mé,/os / in/vo/cou; (v. 8)

A diferença encontra-se marcada com o que, nos tratados de *glosa* (*apud* CORBÍ, 2007), se denomina parênteses rítmico, assim, as sílabas parentéticas, no exemplo acima, indicam que foram glosadas. Do tempo inteiro da forma padrão /J/ destinado à prosódia ou ao canto de uma sílaba, a glosa divide de uma para duas sílabas que particionam em duas metades o tempo musical, passando a ser representado por /J̣/. Analogamente, em pés, vemos que poderia ser acrescentada uma breve, o que alteraria o padrão de pés para dois peônios de terceira e um anapesto e, conseqüentemente, sob um ponto de vista rigorosamente filológico, alteraria também a escansão para um verso endecassílabo. Admitindo, porém, a primazia pela prosódia do cantar, entendemos que o resultado prosódico e musical não será minimamente afetado, por ser preservada a fórmula rítmica, *a tempo*, pelo que optamos, seguindo a lógica da escansão francesa, manter a classificação como decassílabos.

Assim também, observemos o que ocorre na escansão de um verso de assonância feminina, como o v. 2259:

∪	-(∪)	∪	-∪	∪	-	(∪)						
	J̣	J̣		J̣	J̣		J̣	J̣		(J̣)	ξ	
1	2	3	4	1	2	3	4					
Rol/dão/sen/(te) / que/a /mor/te /se_a/pro / xi / (ma) -												

A fórmula rítmica padrão de cada verso – dois compassos de quatro tempos musicais cada, nos quais se distribuem, idealmente, os dois peônios intercalados pelo anapesto de terceira em dez sílabas poéticas – tem o tempo 3 do segundo compasso como prolongação do tempo forte anterior, o que representamos pela ligadura (∪) que liga ambas as notas, referentes às duas últimas sílabas do verso (*vide* fórmula padrão acima). Na escansão francesa (assim como a portuguesa), em que as sílabas posteriores à última forte não são contadas, temos, como resultado prosódico da assonância feminina, a articulação desse último som que, a rigor, deveria ser apenas prolongação do anterior. Sob o ponto de vista da Retórica musical, esse tipo de glosa se denomina *archeggiari*, por razões de técnica musical, em que o arco do instrumento articula o som para a glosa (CORBÍ, *op. cit.* p. 30), do mesmo modo em que, em prosódia, articula-se o canto. Nesse

sentido, uma articulação fraca em posição de pé longo, que caiba no tempo musical, não altera o resultado prosódico e é tolerado até pela escansão métrica.

No exemplo acima, a métrica se conta até a sílaba /xi/, que recai sobre o segundo tempo musical do segundo compasso, posição do último pé longo do verso, mas observamos que há uma sílaba posterior /ma/, que, embora fraca, é efetivamente pronunciada, em articulação prosódica, mas não considerada na escansão francesa, pois o resultado prosódico-musical do decassílabo não é, por isso, alterado ou estendido. Exatamente assim, nesse mesmo exemplo, ocorre no segundo tempo musical do primeiro compasso, em que observamos uma sílaba fraca /te/ excedente ao primeiro anapesto, a que marcamos parenteticamente. Sob o mesmo princípio da escansão francesa (como vimos nos exemplos dos vv. 1 e 8), não se altera também nesse ponto o resultado prosódico, pois ali a glosa também é possível.

Outro tipo de variação que podemos observar é, no verso 4, a anacruse. Trata-se de uma sílaba fraca que precede a primeira sílaba do pé inicial e que tampouco é contada na escansão. Na tradução do cantar, as anacruses estão marcadas com a sílaba (ou sílabas, quando ocorre elisão da anacruse) em sobrescrito antecedente ao verso. A possibilidade desse acréscimo é explicada pelo funcionamento da anacruse na música, pois se trata de uma nota (ou grupo de notas) que antecede a primeira nota da linha melódica, apropriando-se de parte do tempo final do compasso anterior, o que mantém a entrada da melodia principal *a tempo*, ou seja, justo com o início do tempo musical. Assim, se o verso melódico não é alterado ou estendido, por estar *a tempo*, o resultado prosódico ou musical não conflita com a versificação em metro, porquanto não se conte a anacruse na escansão. Na fórmula padrão, como podemos observar, o quarto tempo musical do segundo compasso está indicado com a figura / ζ /, considerada negativa, pois indica silêncio, até que se inicie o verso seguinte. A anacruse, a rigor do tempo musical, recai sobre esta figura do verso anterior ao que, sintagmaticamente, pertence a sílaba em anacruse.

Observe-se o exemplo dos versos 3 e 4:

1 2 3 4 1 2 3 4
 Des/de_o/mar // à_al/ta / ter/ra / con/quis/tou, (não...)

1 2 3 4 1 2 3 4
 (...) há/cas/te / lo//que /pos/sa / se/o /por.

Diferente do modo como indicamos a anacruse na tradução, colocando-a em sobrescrito à sua própria unidade sintagmática, ou seja, ao verso que lhe corresponde, no exemplo acima, posicionamos a sílaba em anacruse no tempo musical em que ela efetivamente ocorre, com a finalidade de ilustrar o espaço que ela ocupa a fim de que não seja estendido ou alterado o metro.

Desse modo, consideradas as glosas, as anacruses, as sinalefas e os versos de assonância feminina como recursos e procedimentos retórico-musicais, podemos reconhecer, com Rossell (1991), que essas variações sintagmáticas, em par com as paradigmáticas, de número de versos em cada série, não estão em desacordo com a tese de “estilo elaborado” de Carton (1987, 1990, 1996), mas constituem a própria estrutura formular dos cantares de gesta.

Os comentários e notas de rodapé seguem a numeração dos versos a que se referem e são de naturezas diversas: Anotamos questões do processo tradutológico e paleográfico, apontando os desafios que nos oferece a leitura o manuscrito e o idioma, sempre em perspectiva comparativa da tradição filológica europeia e nunca em hipótese unívoca; procuramos esclarecer alguns sentidos menos óbvios de vocabulário específico e esclarecer ou apontar hipóteses topográficas; comentamos os aspectos literários considerados mais relevantes na obra e apontamos auto-referências ao texto e outros paralelos e referências literárias que se pode identificar, mas que nem sempre estão advertidas já na primeira leitura; e, finalmente, anotamos em tradução literal (trad. lit.)

cada verso que, por razões métricas, rítmicas e/ou de assonância, se afaste minimamente da dimensão semântica do verso original. Na transcrição, marcamos com colchetes o que se identifica como a presença de uma segunda mão de corretor no manuscrito, e adotamos os parênteses para marcar correções ou preenchimentos por hipótese de editores do cantar, no âmbito da tradição filológica europeia. Esperamos, assim, oferecer ao leitor tanto um material de estudo e apoio, em que poderá fazer uma leitura lenta e atenta às auto-referências e comentários, como uma experiência de leitura corrida, ou canto, ou recitado de versos que resgatam tradições e historicidades, e preservam integralmente o material lendário original.

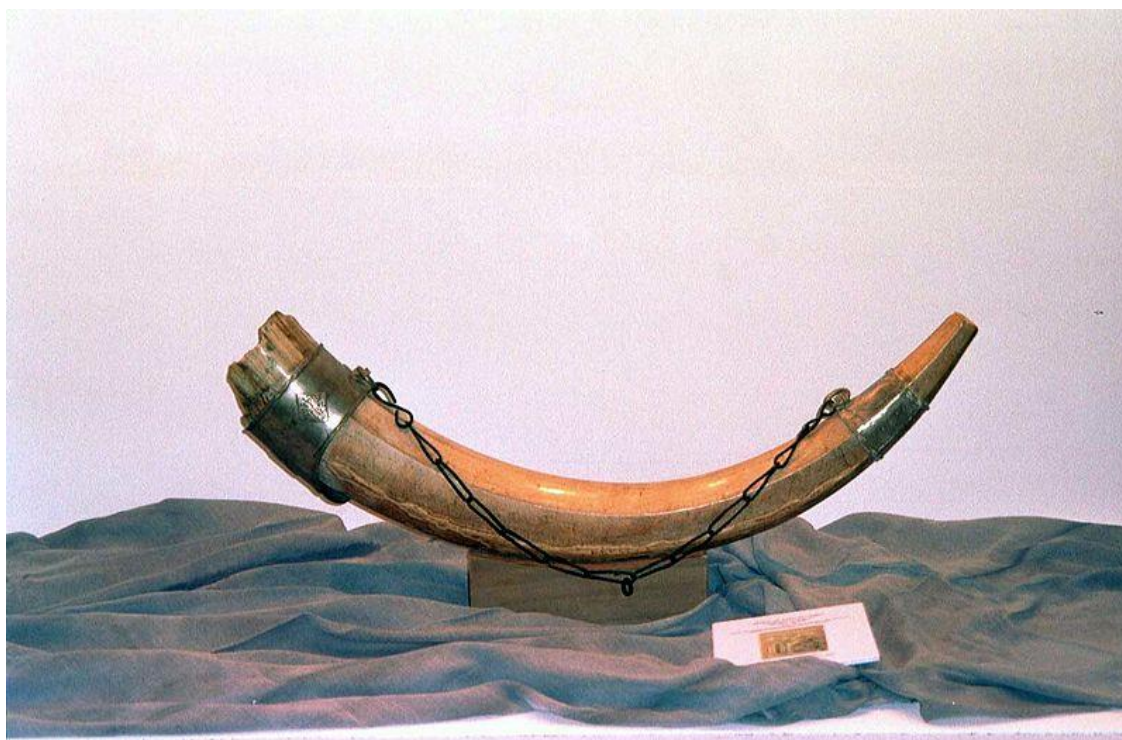


Figura 6: Olifante de Roldão, Museu da Catedral de Santiago de Compostela.



Figura 7: Mapa

LA CHANSON DE ROLAND

O CANTAR DE ROLDÃO

I - A TRAIÇÃO

Conselho de Marsílio

I

<p>Carlef li reif nojtre empe magnef Set anz tuz pleinf ad estet en espaigne tresquen la mer c̄quist la tere altaigne. Ni ad castel ki deuant lui remaigne. Mur ne citet ni est' r̄emef a fraindre. Forf sarraguce ki est en une muntaigne. Li reif marfilie la tient ki deu nen aimet. Mahumet fert y apollin reclimet Nef poet garder q̄ malf ne li ateignet. AOI.</p>	<p>¹ O rei Carlos, nosso Magno Imperador, sete anos, na Espanha, já ficou, desde o mar à alta terra conquistou, não há castelo que possa se opor. ⁵ As cidades e os muros, derrocou, Saragoça, no alto, só ficou. Rei Marsílio que a tem, Deus não amou, pois o cão e Maomé, os invocou; já não pode evitar o mal e a dor. AOI.</p>
--	---

1. No tempo histórico do cantar, em 778, Carlos ainda não era Imperador, seu título era *rex Francorum*. Só em 800 obteve esse título, passando a se chamar *Karolus Magnus et Pacificus Imperator*. A gesta, contudo, é arbitrária nesse aspecto, às vezes intitulando-o rei, às vezes Imperador.

2. A campanha do rei Carlos nas terras hispânicas não passou de três meses, entre meados de maio de 778 até 15 de agosto do mesmo ano, quando empreenderam o retorno à França, perdendo a retaguarda nos desfiladeiros de Roncesvales.

3. A ideia da conquista total do território hispânico expressa nesse verso é igualmente fantasiosa. As únicas cidades temporariamente dominadas pelas tropas francas foram as que se situavam na rota até Saragoça, ou seja, Roncesvales, Pamplona e Tudela.

6. Em tradução literal: “Exceto Saragoça, que está numa montanha”. Saragoça se situa no vale do rio Ebro, uma região plana a 199m de altitude. Por ficar sete anos sem que se conseguisse conquistá-la, parece necessário que se situe em lugar inacessível, como no alto da montanha. O jogral, por sua vez, não devia ter problemas em apresentar tamanha inconsistência, visto que a gesta prototípica, copiada no manuscrito *O*, devia ser cantada em regiões muito distantes da marca hispânica.

7. *Marsilie*, um nome notadamente latino, sem nenhuma relação com a onomástica moura. O desconhecimento da espiritualidade muçulmana é notório quando afirma que não amam a Deus, por tão devotos que sejam a Alá.

8. Riquer (2003, p. 48) afirma que *Apollin* é derivado da divindade mitológica romana, Apolo. Moignet (1984, p. 27), por sua vez, nega essa relação e alega que seja um nome atribuído a Satanás pelos árabes, que significa “o maldito”.

9. A antecipação é um recurso muito frequente na poética de transmissão oral. Para AOI, *vide* p. 77.

II

Li reif marfilie esteit en farraguce.	10 Rei Marsílio está em Saragoça,
alez en ~ en un uerger fuz lumbre	num vergel, foi buscar a sua sombra.
Sur un prun de marbre bloi je culchet	Sobre o mármore azul, o rei recosta,
enuirun lui pluř de uint milie humef.	Ao redor dele, vinte mil cabeças:
Il en apelet y fef dux y fef cuntef	Os seus duques e condes o rei chama:
oez feigñf quel pecchet nuř encübret	15 “Oh senhores, ouvi tal injustiça,
Li epeř carlef de france dulce	Carlos Magno, que é rei na Doce França,
en ceřt paif noř ~ uenuz cunfundre.	para extinguir-nos, está aqui na Espanha.
Jo nen ai ořt ã bataille li dunne.	Não lhe tenho armada a dar batalha,
Ne nai tel gent ki la fue derupet.	nem tal gente que destroçar-lhe possa.
cunfeilez mei cume mi fauie hume	20 Dai conselho, meus homens de ciência,
Si me guarifez y de mort y de hunte.	e guardai-me da morte e da vergonha.”
Ni ad paien ki un ful mot respundet	Não há pagão que palavra então responda,
Forř blancandriņf de cařtel de ualfunde.	só Blancandrim, do Castelo Valfonda.

11-12 *Sur* tem valor preposicional amplo, segundo o AND: “*sur: (prep.) 1. on 2. on (top of) 3. above 4. over 5. on 6. on (the person of) 7. into 8. (present) at 9. by, beside 10. towards, in the direction of 11. on, behind 12. on (day, date) 13. at the time of, during...*”, etc. Isso deu margem a diferentes traduções para *prun* (= *perrun*): *grada* (degrau de uma escada, soleira); *perron* (alpendre, pórtico). A sombra do vergel torna, contudo, desnecessária a existência de um alpendre; o texto não indica uma construção contígua ao pórtico, o que devia ser pressuposto, ou a uma escada, a que, ademais, torna difícil e improvável o recostar-se. Optamos assim pela pressuposição de *perrun* como apenas uma pedra, ressemantizando, como valor absoluto, o mármore e deixando em aberto esse sentido específico da locação, o que condiz com a preposição *sur* e com a evocação de riquezas valorizadas no mundo oriental, como o mesmo mármore.

13. As concentrações de pessoas, sobretudo de contingentes militares, são comumente hiperbólicas nos cantares de gesta. Aqui, a metonímia substitui o sentido literal de “homens”, por respeitar a proposta de assonância.

14. *Dux* é latinismo da palavra *ducs*, que eram os caudilhos das tropas; já os condes, compõem o séquito do rei. Essa hierarquia militar aplicada ao exército muçulmano segue a estrutura feudal das sociedades cristãs, o que não corresponde com a realidade.

15. A entrada *pecchet*, no AND, é traduzida como *moral wrong, injustice*. Foi, não obstante, traduzido em outras edições como mal, desgraça, calamidade, flagelo. Optamos pela aceção do AND porque, como veremos, condiz melhor com a percepção de Marsílio acerca da atuação do rei Carlos. /(*feigñf* = *Seignurs*, senhor feudal).

16. A “Doce França” é um epíteto recorrente do cantar, com o sentido de “França, onde a vida é boa” (Moignet, p. 27), como ocorrerá com “a Bela Espanha”. Nesse caso, o sintagma de adjetivo precedente do substantivo, como uma estrutura de valor afetivo, é considerado um epíteto épico, frequente no cantar.

17. Sigo a tradução de Riquer (2003, p. 50) para *cunfundre* e a tradição paleográfica, pois se trata de palavra ilegível. O verbo é *fundre* (destruir), com o sufixo *cum*, de valor adverbial para intensidade.

20-21. Apesar de as formas e estruturas sociais replicarem o mundo cristão para os muçulmanos, quando se trata de seus personagens o retrato é normalmente vil. Nesses versos Marsílio demonstra sua covardia.

23. Não há notícia de um Castelo de Valfonda, trata-se de lugar desconhecido.

III

Blancandrin ^f fut def plu ^f ^f aiue ^f paien ^f	Blancandrim, entre os pagãos, é o mais sabido,
de ua ^f ffelage fut a ^f ez cheualer	25 por vassalo, assaz foi cavaleiro,
pzdom iout pur fun ^f aignur aider	por leal, do seu senhor é conselheiro.
e dist al rei ore ne uuf ^f esmaiez	Diz ao rei: “Não sejais desvanecido!
Mandez carlun al orguillu ^f y al fier	Enviai para o rei ufano e altivo,
(Fe)deilz ^f erui ^f es ^f y mult granz amistez	os serviços fiéis como um amigo.
(V)of li durrez urf y leon ^f y chen ^f .	30 Vão cães, ursos, leões oferecidos
Set cenz camelz y mil hostur ^f muer ^f .	mil falcões, setecentos camelídeos.
Dor y dargent .IIII.C. mul ^f chargez,	Com o ouro e com prata vão os mulos,
Cinq ^a nte carre quen ^f erat carier.	nos caleches, cinquenta carreados,
Ben en purrat luer ^f es ^f foldeier ^f .	^{com} isso o rei saldará a seus soldados.
en ce ^f te tere ad a ^f ez ofsteiet.	35 Se essa terra ele tem tanto explorado,

24. A apresentação de *Blancandrin^f* como o “mais sábio” é necessária na medida em que é o conselheiro do rei, em paralelismo com o Duque Nemé, conselheiro de Carlos.

25. O termo “*cheualer*” carrega uma extensão semântica ético-estética difícil de abarcar e que, em todo caso, requer o apontamento. No século XII, o apogeu de seu estatuto social, ser cavaleiro pressupunha a adequação a algumas normas éticas, as que aponta Micheline de Combarieu Du Gres: proeza e coragem; vida social em sua corte, nos tempos de paz, com o exercício das normas de cortesia; lealdade e generosidade; fé e piedade (COMBARIEU du GRES, 1979, pp. 10-38).

27. O desmaio é um *topos* na literatura medieval, como reação a situações conflituosas e impactantes e se repetirá nos vv. 1988, 2031, 2416, 2575, 2695, 2880, 2891 e 2932 e, por iminência de morte, no v. 2270.

30. Para o leão, recorde-se, na terceira parte de o *Cantar de Mio Cid*, (vv. 2279-2310), o episódio que põe de manifesto a covardia dos genros do Cid ao esconderem-se do leão, em contraste com a valentia do herói em adestrar o animal que havia se soltado da rede. Embora o cantar não justifique a súbita presença de um leão, o que parece ser apenas um mote narrativo para desmoralizar os genros do Cid, a participação da fera completa seu sentido se compreendemos ser ela de estimação de Rui Diaz, o que justifica a submissão com que o felino reage à simples presença do seu dono, se isso é assim. Logo, compreendemos que no imaginário medieval, grandes senhores feudais poderiam criar essas feras como símbolo de sua valentia. Provavelmente, no entanto, o leão se tratasse de um felino de médio porte, como o lince ibérico, mais comum naquela região, já que a família *felidae* era então pouco e mal definida.

31. A referência a camelos no poema, que ainda veremos nos vv. 128, 184, 645 e 847, foram determinantes para precisar o início provável de composição do prototípico cantar (*vide* pp. 37-38). Os falcões, sobretudo os “mudados”, quando trocam a plumagem e se tornam adultos, também eram muito valorizados em virtude da estendida prática de cetraria nas cortes feudais. Recorde-se o verso 5 do *Cantar de Mio Cid*, quando Rui Diaz lamenta a expropriação de que sofre ao ser exilado pelo rei Alfonso VI: “*e sin falcones e sin adtores mudados*”.

32-33. Em tradução literal, são quatrocentas mulas que puxam cinquenta carroças de ouro e prata.

34. Esse verso revela a comum prática feudal de acrescentar às tropas vassalares, exércitos mercenários, aos quais se devia pagar por tempo de serviços prestados.

35. *Vide* versos 2-5 (e notas), em que o cantar apresenta uma hiperbólica campanha de Carlos Magno, contra a realidade histórica.

en france ad aif fen deit ben repaier.
 Vof le fiurez a la feste feint michel.
 Si receurez la lei de xpïenf.
 Serez Jef hom par hon... y par ben.
 Sen uolt ofstagef y uof len enueiez.
 v dif .u. uint pur lui afiancer.
 enueiuf i lef filz de noz muillerf.
 par nũ docire i enueierai le men.
 afez eft melz quil i p̄dent le cheff.
 Que nuf p̄dunf lonur ne la deintet
 Ne n^o feiunf conduiz a mendeier. AOI.

para França em *Aix*, vá retornado.
 Se^egui-lo-eis na grande festa Miguel Santo,
 em sua lei sereis cristianizado;
 e por honra e bem vos tornareis vassalo.
 40 Se lhe aprouver os reféns, hão destacados,
 vinte ou dez, pela lei afiançados.
 Das mulheres, mandeis todos os filhos –
 à ruína, o meu também vai enviado.
 É melhor que sejam já decapitados,
 45 do que em honra e haver sejamos nós privados;
 ou que a esmolar, sejamos nós levados.” AOI.

IV

Diſt blancandrinſ pa ceſte meie deſtre
 Y par la barbe ki al piz me uentelet.
 Loſt deſ franceiſ uerrez ſempſ deſſere.
 Francſ fen irunt en france la lur tere.
 Quant caſcunſ ert aſun meillor repaie.
 carleſ ſerat ad aif a ſa capele.

Disse então Blancandrim: “Por esta destra,
 e pela barba que ao peito me voeja,
 logo se dispersará a hoste franca,
 50 retornarão a sua terra, a Doce França.
 Quando cada um houver na sua estância,
 estará, o rei, em *Aix*, na sua capela.

36. *Aix* trata-se da atual *Aix-la-Chapelle*, ou Aquisgrão, Aquisgrano, em português, no extremo Oeste da Alemanha (*Aachen*), em cuja catedral encontra-se o sepulcro de Carlos Magno. No cantar aparece sempre localizada na França, o que seria a França oriental do império carolíngio, em que, desde a Aquitânia até a Saxônia, compunha o reino franco. A cidade de Aquisgrão é famosa por suas águas termais, já conhecidas pelos romanos que atribuíam sua origem a um milagre divino. Etimologicamente o nome já o indica: *Aachen* – *Aix* – *aqua* (vide vv. 154-155). Provavelmente foi sua cidade natal, também escolhida pelo Imperador como Capital do Sacro Império Romano-Germânico, onde erigiu um portentoso palácio (vide nota ao v. 2556) no mesmo lugar em que apenas havia uma residência dos Pipínidas sobre as águas termais romanas. Na tradução, optamos por referenciar essa topografia em sua forma original, *Aix*, por isso sua fonte aparece destacada em itálico.

39. Em trad. Lit.: “Sereis seu homem, por honra e por bem”. Há uma lacuna no manuscrito, onde os editores do cantar consensualmente corrigem com o termo *honur*.

43. Esse verso foi saltado pelo copista, e está colocado à margem direita do texto, seguindo as linhas dos vv. 42 e 44.

45. A entrada *deinté*, *deintet*, no AND, é traduzida por riqueza, posseção, embora tenha sido traduzida por *dignités* (Moignet, 1985, p. 29) e *rango*, ou posição feudal (Riquer, 2003, p. 52). Esse verso é citado no dicionário como exemplo.

48. Na iconografia medieval, a barba longa é associada à sabedoria, à honra e ao poder. Tem especial protagonismo no *Cantar de Mio Cid*, cujo herói apresenta o crescimento da barba ao passo que ele cresce em honra e possessões (vv. 268, 274, 830, 2192, 1226, 1587, 2373 e 2410). Vide nota ao verso 117.

49-50. Como aponta Riquer (2003), os termos *franceiſ* (franceses) *françſ* (francos) são usados indistintamente ao longo do cantar, sem que se suponha nenhuma diferença semântica.

a feint michel tendrat mult halte feste.
 vendrat li iurz fi paſſerat li termeſ
 Norrat de noſ paroleſ ne nuuelef.
 Li reif ~ fierſ y ſiſ curageſ peſmeſ.
 de noz oſtageſ ferat trecher leſ teſteſ.
 aſez eſt mielz quil i pdent leſ teſteſ.
 Que nuſ pdunſ clere eſpaigne la bele.
 Ne nuſ aiunſ leſ malſ ne leſ ſuffraiteſ.
 Dient paien iſſi poet il ben eſtre.

Do Arcanjo haverá uma grande festa,
 e vão passar os termos junto com os dias;
 55 não terá assim de nós, nova ou palavra.
 Arrogante é o rei, vil a sua alma:
 Dos reféns irão cortar suas cabeças,
 é melhor que eles percam as cabeças,
 que percamos nós a clara e bela Espanha;
 60 ou soframos do mal e da carência.”
 “Bem assim pode ser!” Pagãos afirmam.

Embaixada de Marsílio

V

Li reif marſilie out fun cunfeill finet.
 Sin apelat clarin de balaguet.
 eſtamarin y eudropin ſun per.
 eſpamun y guarlã le barbet.
 e machiner y ſun uncle maheu
 y iouner y malbien dultremer.
 y blancandrinſ por la raiſun cunter.
 Deſ pluſ felunſ diſ en ad apelez.
 Seign^{aſ} barunſ a carlemagneſ irez.
 Il eſt al ſiege a cordref la citet.
 Brancheſ doliueſ en uoz mainſ porterez.

Rei Marsílio, o seu conselho finda,
 logo chama o Clarim, da Catalunha,
 e Eudropim e Estamarim, seu par e ainda,
 65 Priamão e Guarlão, da grande barba;
 Maquineu e tio Maheu também estavam.
^{Mal}-bem e Júnior de terra ultramarina,
 e Blancandrim, por razões que já contadas.
 Dos perversos, os dez mais já lhes chamava:
 70 “Meus barões, a Carlos ide em embaixada,
^{est}á em Córdoba, a tem assediada.
 Vais levar os ramos dessa oliveira,

57-60. Iniciado já nos versos 42-46, aqui se define o perfil de Blancandrim de extrema crueldade, que se faz ainda mais notória em virtude de sua posição no séquito de Marsílio como o mais sábio. Exemplo claro de como a gesta inscreve os sarracenos como figuras odiosas. A epístrofe como repetição do termo *teſteſ* (cabeças) em posição de assonância não é raro nos cantares de gesta, nem pode ser considerado um equivoco do copista ou falta de habilidade poética (*vide* nota aos vv. 3919-3920).

63. Em tradução literal, trata-se do personagem Clarim de Balaguer, cujo gentílico é um município na província de Lérida, da comunidade autônoma da Catalunha, a que optamos em adequação à proposta de assonância.

63-67. A apresentação dos “barões” de Marsílio (*barunſ*, v. 70) designa os principais personagens à serviço do rei, sem pressupor com isso alguma hierarquia feudal. À exceção de Maheu, a onomástica aqui também é fantasiosa, sem referência de origem árabe, apenas um retrato pejorativo da alteridade que representa o mundo muçulmano.

71. *Cordref* foi imediatamente identificada a Córdoba, na Andaluzia, em que pese sua distância de Saragoça, que faria impossível o breve traslado a cavalo da embaixada de Marsílio a Carlos, como se verá nos vv. 119-121 chegarem os mensageiros. Assim, tentou-se identificar o topônimo com Cortes de Aragão, na província de Teruel, a apenas uma centena de quilômetros de Saragoça. Tanto Moignet (1985), quanto Riquer (2003), embora optem por não traduzir o topônimo, entendem que todo auditor no século XI, contudo, deveria identificar *Cordref* com Córdoba, já tão famosa naqueles tempos. A inverossimilhança narrativa, com essas coordenadas geográficas, ficaria inadvertida com o generalizado desconhecimento da geografia espanhola na longínqua região da Normandia.

6par uoz faueirf fem puez acorder.
 aco fenefiet paiſ y humilitet.
 Jo uof durrai or y argent afez.
 tereſ y fiéz tant cū uof en uuldrez.
 Dient paien de co auū nuſ afez. AOI.

seu sentido é humildade e pacífica.
 Se podeis isto acordar por vossa astúcia,
 75 ouro e prata darei-vos por sobrada;
 e mais quanto quereis em feudo e terras.”
 Os pagãos dizem: “Com isto já basta!” AOI.

VI

Li reif marfilie out finet fun cunfeill.
 Diſt a ſeſ humeſ ſeign^af uof en ireiz
 Branchef doliue en uoz mainſ portereiz
 Si me direz a carlemagne le rei.
 pur le ſoen deu q’l ait mércit de mei.
 Ja einz ne uerrat paſſer ceſt pmer meif.
 Que iel ſiurai od mil de meſ fedeilz.
 Si receūrai la xpīene lei.
 (S)erai ſeſ hō par amur y par feid.
 Sil uoelt oſtageſ il en aūrat par ueir.
 Diſt blancandriſ mult bon plait...
 /en aūreiz. AOI.

Rei Marsílio findou o seu conselho,
 disse aos homens: “Meus senhores, ide juntos!
 80 Da oliveira portai esses seus ramos,
 e, pra mim, ide dizer a Carlos Magno;
 que por Deus, seja a mim apiedado.
 Não verá passar mês aproximado,
 seguirei-o com mil dos meus fiados.
 85 Na sua lei, de cristão, por batizado,
 eis seu homem por fé, serei amado.
 Se refêns, ele os quer, serão levados.
 Blancandrim disse: “Eis um bom...
 /tramado!” AOI.

VII

Diſ blanchef muleſ fiſt amener marfilief.
 Que li tramiſt li reif de ſuatilie.
 Li frein ſ’t dor leſ ſeſeſ dargent miſeſ.
 cil ſunt muntez ki le meſſage firent.

Fez, Marsílio, trazer dez mulas brancas,
 90 regalou-lhas o rei de Suatília;
 áureos freios e em prata urdida a sela,
 já montados estão os seus escribas.

73-74. No manuscrito *O*, há uma ligeira marca paratextual com a inscrição das letras *b* e *a*, que indicam um equívoco do copista na ordem desses versos. Diferente de outras edições do cantar que os invertem já na transcrição, optamos por manter o equívoco do manuscrito e procedemos à inversão apenas na coluna da tradução.

78. Verso irmanado com o v. 62.

80. Verso irmanado com o 72.

90. *Suatília* é topografia desconhecida.

92. Em trad. lit.: Esses são montados, os que a mensagem fizeram.

enz en lur mainf portent branchef doliue. ^{Em} suas mãos levam ramos de oliva,
 vindrent a charlef ki france ad en baillie. vão a Carlos, que reina sobre a França;
 Nef poet garder q^e alq^ef nel engignent. AOI. ⁹⁵ não evitam, em algo se enganam. AOI.

VIII

Li emperef je fait y balz y liez. O rei Carlos está feliz e ledó,
 cordref ad þfe y lef murf peceiez. demoliu, pois, de Córdoba seus muros,
 od sef cadablef lef turf en abatied. baluartes, eis todos destruídos,
 Mult grant efchech en unt þi cheualer o butim é tão grande aos cavaleiros;
 Dor y dargent y de guarnermz cherf ¹⁰⁰ muito ouro e prata e armamentos.
 En la citet nen ad remef paien, Na cidade, não há pagão restado,
 Ne seif ocif v deuiet xpïen. sem que esteja ou morto ou batizado.
 Li emperef est en un g^ant uerger. O rei Carlos está num verde prado,
 enþemblod lui Rold y oliuer. tem consigo, Roldão e Oliveiro;

93. Os ramos da oliveira têm dupla representação, a sabedoria e a paz. Por ser uma árvore longeva, é consagrada à sabedoria na mitologia grega com Apolo e na mitologia romana com Minerva. Não é demais fazer aqui uma relação onomástica com o personagem Oliveiro. Em Gênesis 8: 10-11, a pomba lançada por Noé desde a arca retorna com um ramo de oliveira no bico e torna-se, assim, o símbolo cristão da paz.

98. Em trad. lit.: Com as catapultas, as torres foram abatidas. Baluarte, que substituímos por “torres”, são construções avançadas das fortificações, ligadas a essas por um de seus lados, cuja função, assim como a das torres, que podem ou não integrar o próprio baluarte, é a defesa, dificultando a aproximação inimiga. Esse tipo de construção foi introduzida na Europa pelos povos de origem árabe, primeiro na península ibérica.

99. A entrada *efchek*, *efchech*, no AND, é traduzida como *booty*, o butim, produto da pilhagem realizada em decorrência de vitória e dominação bélica, um espólio de guerra, que era compartilhado proporcionalmente de acordo com a hierarquia feudal. Esse verso é citado no dicionário como exemplo.

101-102. Admitindo as hipóteses apresentadas à data de composição do cantar (1087-1095, *vide* pp. 39-41), é comum encontrar tentativas de inscrevê-lo no contexto de uma pré-cruzada, já que a primeira ocorreu entre 1096-1099. Não obstante, nesses versos vemos uma conduta totalmente estranha à dominante na época da composição do cantar: a opção de conversão dos sarracenos dominados como possível. O “espírito cruzado” (Moignet, 1985, p. 33), no entanto, era implacável com os inimigos, cujo destino era o fio da espada. Provavelmente, a opção da conversão pudesse ocorrer em tempos do Carlos Magno histórico.

104. Roldão e Oliveiro, juntos, formam o *par épico* do cantar e de toda uma tradição lendária, além de comporem os doze pares da França, dos quais seis aqui são nomeados (*vide* nota ao v. 262). No cantar de *Girart de Vienne*, ambos, motivados pelo enamoramento de Roldão com a bela Alda, irmã de Oliveiro, lutam bravamente por sete combates até que, esgotados e admirados com a valentia um do outro, um anjo os separa, pois estavam destinados a lutar, não entre si, mas como par nas terras da Espanha, contra os sarracenos.

Sanfun li dux y anfeif li fierf. 105 mais Sansão com Anselmo, o elevado,
 Gefreid daniou le rei gunfanuner. e o alferes do rei o Godofredo.
 Y fi i furent y gerin y gererf. Lá estavam o Gerson e o Geraldo,
 La u cift furent def altres iout bien. mais além desses, outros situados.
 De dulce france iad q'nze millierf. Só da França são quinze mil soldados,
 Sur palief blancf fiedent cil ceualer. 110 sobre mantos tão brancos são sentados.
 af tablef iuent pur elf efbaneier. O gamão jogam muito entretidos,
 Y af eſchecf li plus faiue y li ueill. mas xadrez, só os velhos mais sabidos;
 Y eſcremiſſent cil bacheler leger. e a esgrima, os jovens que mais vivos.
 defuz un pin delez un eglenter. Num silvestre rosal, sob um pinheiro,
 vn faldeſtoed iunt fait tut dor mer 115 há um trono todo feito em ouro puro,
 La fiet li reif ki dulce france tient. onde senta, da França, o rei, seu dono.
 Blanche ad la barbe y tut flurit le chef. Branca a barba, floridos os seus canos,
 Gent ad le corf y la cuntenance fier. nobre o corpo e o porte tão ufano.
 Seft kil demandet ne leſtoet enſeigner. Se o buscam, não há que apontá-lo,
 Y li meſſage deſcendirent a pied 120 os mensageiros já descem caminhando,
 Sil ſaluerent par amur y par bien. e o saúdam por bem e por amado.

106. Godofredo I d'Anjou é o terceiro conde da dinastia de Anjou, atual Angers, na região de Loyre, Oeste da França. É uma figura histórica e, efetivamente, foi alferes da coroa francesa, mas viveu na segunda metade do século X, sendo, portanto, um personagem anacrônico.

111-112. O gamão é um jogo de tabuleiro (*tablef*) de origem remota e muito popular nas cortes medievais, também conhecido como jogo do rei. Era idealmente atribuído a um público jovem e inexperiente, já que se joga mediante a intervenção do azar, diferente do xadrez, igualmente popular, mas próprio aos mais velhos e experientes na estratégia.

115. *Faldeſtoed*, termo de origem germânica. Trata-se de um trono próprio para campanha, que se pode carregar e depositá-lo ao ar livre.

117. A entrada *flurir*, no AND, é traduzida como *garlanded; beautified, adorned; radiant, glorious; white-bearded, hoary; white-haired*. O cantar apresenta Carlos Magno sempre canoso e de barba e cabeça florida, como representação da sabedoria, do alto de sua glória, embora, naquele período, não houvesse chegado aos 40 anos. No museu do Louvre encontra-se a *Estátua Equestre*, um figura feita, por volta do ano 870, em bronze, de 24 cm, que bem pode representar a Carlos Magno, como a Carlos, o Calvo, quem já reinava naquele período. Já, na Biblioteca Nacional da França, em Paris, está a incontestada figura de Carlos Magno estampada num denário de prata, cunhado entre os anos 804 e 814. Ambas imagens apresentam uma figura imberbe. A barba se tornou moda e costume apenas no século XI.

IX

Blancandrinſ ad tut þmereinſ parled	Blancandrim o primeiro a haver falado,
Y diſt al rei ſaluet ſeiez de deu.	disse: “Oh rei! Que por Deus sejais salvado,
Le gliuſ q ^e dſ auez	cuja glória, adorar todos devemos,
Jco uuſ mandet reif marſilieſ li berſ.	125 vos deseja o nobre rei Marsílio,
enq’ſ ad mult la lei de ſaluetez	^{que} tanto a lei da ſalvação tem inquirido.
De ſun aueir uoſ uoelt afez duner	Quer vos dar, dos haveres seus, sobejo,
Vrſ y leunſ y ueltreſ enchainez	^a correntados os cães, leões, e os ursos;
Set cenſ cameilz y mil hoſturſ muez.	os camelos e mil falcões mudados.
Dor e dargent .IIII. cenſ mulſ truſſez.	130 Tracionando, a prata e o ouro, os mulos,
Cinqu ^a nte care q ^e carier en ferez	são cinquenta carroças em carroto,
tant i aûrat de beſanz eſmerez.	^{em} que haverá tanto cunho bizantino,
dunt bien p ^a rez uoz ſoldeierſ luer.	com que bem pagareis os seus soldados.
en ceſt paiſ auez eſtet afez.	Já houvestes aqui demasiado,
en france ad aiſ deuez bië repairer.	135 para França, em Aix, sejais tornado;
La uoſ ſiurat co dit miſ auoez.	para ali, diz meu rei, vai lhe seguindo.
Li emperereſ tent ſeſ mainſ uerſ deu.	Mãos aos céus, alça o rei, o Carlos Magno,
Baiſſet ſun chef fi cumencet a penſer. AOI.	baixa a frente e em pensar é concentrado. AOI.

128. A entrada *uealtre, ueltre*, no AND é traduzida como *hound*. São cães da família dos lebréis, de corpo robusto, tórax proeminete e cintura estreita, muito apreciados desde a antiguidade. Foram largamente utilizados como cães de caça e de corrida. O cantar, provavelmente, tenha como referência o galgo espanhol, da mesma família.

129. *Set cenſ cameilz*: setecentos camelos.

130. Em trad. lit.: De ouro e de prata, quatrocentas mulas de carga.

132. O termo *beſanz* se refere às valiosas moedas de ouro cunhadas em Bizâncio. Esse verso condiz com a dramática situação econômica em que se via imerso o império carolíngio (*vide* Pirenne 2017, pp. 199-208). No período carolíngio já não eram alcunhadas as moedas de ouro, mantendo um sistema monometalista. Isso não significa que o ouro houvesse desaparecido do ocidente, mas sim a sua alcunha regular, então realizada apenas em Bizâncio. Esse contexto explica a vultuosa oferta do rei Marsílio e o valor que isso representa a Carlos Magno, com a possibilidade de pagar seus soldados mercenários, sem dispor de suas exíguas reservas em libras de prata ou de suas terras (v. 133).

137. Em trad. lit.: O Imperador tem as mãos em direção a Deus. Há uma marca de rasura no manuscrito, o que não supõe uma corrupção ou perda de sentido no verso, mas uma correção do copista.

X

Li empereres en tint fun chef enclin
 de ja parole ne fut mie hastif.
 Sa custume est q'l parolet a leisir.
 Quant se redrecet mult par out fier lu uif
 Dist as messages uif auez mult ben dit.
 Li reis marfilief ~ mult mis enemif
 De cez paroles que uof auez ci dit.
 En quel mesure en purrai estre fiz
 Voet par hostages co dist li farrazin.
 Dunt uof auez .ú.dif. ú q'nze ú uint.
 Panũ de ocire i metrai un mien filz
 e fin auez co quid depluf gentilz.
 Quant uof ferez el palais feign'ill.
 a la grant feste feint michel del pil.
 Mis auoetz la uof f'urat co dit.
 enz enuoz bainz q' d'f pur uof i fist.
 La uuldrat il xpïenf deuenir.
 Charlef respunt uncore purrat guarir AOI.

Inclinou o Imperador sua cabeça,
 140 ele nada presto era em suas palavras,
 seu costume era a fala mais sensata,
 ao reerguer, sua face iluminava;
 disse então ao pagão, que bem falava:
 “O Marsílio, seu rei, me pouco estima;
 145 a proposta que há pouco me aludias,
 poderei me fiar em que medida?”
 “Por reféns – o sarraceno lhe afirma –
 dez ou quinze ou vinte que haveria.
 A própria morte o meu filho é garantia,
 150 e tereis outros mais belos ainda.
 Quando houverdes na imperial morada,
 em São Miguel dos perigos, grande festa,
 meu senhor vos seguirá, isto dizia.
 Nos seus banhos que Deus, por vós, fizera,
 155 um cristão, se tornar, meu rei quisera.”
 Disse Carlos: “Poderá salvar-se agora!” AOI.

XI

Belf fut li uestres e li foleilz fut cler.
 Les dif mulez fait chares establer.
 El gnt uerger fait li reis tendre un tref.

Bela a tarde e claro foi o solar,
 as dez mulas fez o rei estabular.
 No vergel, Carlos tenda fez armar,

142. A entrada *fer, fier*, no AND, é traduzida como *cruel, wild, powerful, strong, proud vaillant, vehement, exuberant*. O termo foi, normalmente, traduzido como orgulhoso ou altivo. A opção pela presente tradução dá apenas destaque à expressão facial de Carlos Magno, deixando aberta a impressão do observador, que, segundo o AND, poderia ser de medo, se cruel ou selvagem, ou de admiração, se poderoso ou exuberante, ou mesmo tudo isso junto. Em todo caso, é um rosto cuja expressão não deve ser despercebida, por isso, iluminado.

143. O discurso direto do personagem Carlos começa, originalmente, nesse verso: *...uus auez mult ben dit* (vós aveis muito bem dito). Na nossa tradução, o discurso direto se inicia no verso seguinte.

151. Em trad. lit.: Quando vós sereis no palácio senhoril. Trata-se do palácio de Aquisgrão (*vide* nota aos vv. 36 e 2556).

154-155. *Vide* nota ao verso 36.

158. Está claro que, nesse verso, o copista saltou a letra /l/ de *charlef*.

Lef dif meffagef ad fait enz hofteler.	160 ^{os} mensageiros ali vai albergar;
XII. ferianz lef unt ben cunreez	os serventes lhes quer tão bem cuidar.
La noit demurent trefque uint al iur cler.	Tarda a noite para vir novo raiar,
Li emperef ~ par matin levet.	o Imperador pela manhã quis despertar,
Meffe e matinef ad li reif efcultet.	para o officio e as matinas escutar.
Defuz un pin en ~ li reif alez	165 Foi para baixo, o rei, de um pinho alvar,
Sef barunf mandet pur fun cunfeill finer.	com os barões quer conselho acabar;
Parcelf de France uoelt il del tut errer. AOI.	nos da França quer em tudo se guiar. AOI.

Conselho de Carlos Magno

XII

Li empef fen uait defuz un pin.	o Imperador está debaixo de um pinho,
Sef barunf mandet pur fun cunfeill finer.	seus barões chama, a ter conselho findo:
Le duc oger y larceuefque turpin.	170 Duque Ogiero e o arcebispo Dom Turpino,
Richard li uelz y fun ne henri.	o Ricardo, o velho, e Henri seu sobrinho;
e de gafcuigne li proz quenf acelin.	da Gascunha, o conde Acelino;
tedbald de reinf y milun fun cufin.	Teobaldo, de Reims, e o primo Emílio.
Y fi i furent y gererf y gerin.	Também foram o Gerson e o Geraldo,

164. Esse verso marca o início do segundo dia na cronologia do cantar.

165. *Pinus* é um gênero da classe das árvores coníferas, em que se diferem vários subgêneros e espécies, entre os quais, o pinho alvar, que mencionamos dada a proposta de assonância na língua portuguesa. Sua presença é abundante na Península ibérica.

170-178. O cantar relaciona os doze barões de Carlos Magno que compõem aqui seu conselho, que não correspondem integralmente aos doze pares da França (*vide* nota ao verso 262). Galalão figura nessa passagem como o décimo-segundo mencionado (v. 178) num paralelismo evidente com o Evangelho de São Lucas (6: 13-16): “E quando se fez dia, chamou seus discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais chamou apóstolos: Simão, a quem chamou de Pedro, e André, seu irmão, Tiago e João, Filipe e Bartolomeu, Mateus e Tomé, Tiago, filho de Alfeu e Simão, chamado de Zelotes, e Judas, de Tiago, e Judas Iscariotes, quem foi o traidor” (*Et cum dies factus esset, vocavit discipulos suos : et elegit duodecim ex ipsis (quos et apostolos nominavit) : Simonem, quem cognominavit Petrum, et Andream fratrem eius, Iacobum, et Ioanem, Philippum, et Bartholomaeum, Matthaem, et Thomam, Iacobum Alphaei, et Simonem, qui vocatur Zelotes, et Iudam Iacobi, et Iudam Iscariotem, qui fuit proditor*). Entre o grande contingente de franceses, Carlos Magno escolhe os seus barões e, do último, o poema oferece uma antecipação, como no texto bíblico (v. 178, p. 93).

170. O duque Ogiero, ou Ogiero da Dinamarca, é um personagem mítico daquele país, que seria filho de Godofredo I, rei da Dinamarca, na Escandinávia viquingue. É a figura do valete de espada no baralho francês, dada sua relação com Carlos Magno nos cantares de gesta.

171. Ricardo, o Velho, ou o Destemido, ou Ricardo I, duque da Normandia, reinou na segunda metade do século X, portanto, um personagem histórico anacrônico. Sua tumba já se encontrava na abadia de Fécamp, quando ali foi monge Turolfus, antes de se transladar a Inglaterra (*vide* pp. 41-43). Do mencionado sobrinho Henri, ou Henrique, nada se sabe.

172-174. *Acelin, Tedbald, Milun, Gererf e Gerin* são personagens ficcionais e os dois últimos também compõem os doze pares de França.

enſemblod elf li quenſ Rollant i uint.	175 e com eles Roldão, o conde, é vindo,
Y oliuer li proz y li gentilz.	e Oliveiro, o nobre aguerrido.
deſ francſ de france en i ad pluſ de mil.	Só da França, são mais de mil os francos,
Gueneſ i uint ki ^{la} traifun fiſt.	° Galalão, que haverá todos traído,
Deſ ore cumencet le cunſeill que mal p'ſt. AOI.	no conselho que mal será cumprido. AOI.

XIII

Seignurf baronſ diſt li empere carlef	180 “Meus senhores barões! – disse o rei Carlos –
Li reiſ marſilie mad tramif ſeſ meſſageſ	° rei Marsílio mandou-me o seu recado:
De ſun auer me uoelt duner grant maſſe.	quer, do haver seu, me dar farto bocado,
Vrf y leunſ y ueltreſ caeignableſ.	os leões, ursos, cães acorrentados.
Set cenz cameilz y mil hoſturſ muableſ.	Os camelos e mil falcões mudados,
Quatre cenz mulz cargez del ór darabe.	185 do seu ouro, os muares carregados
auoec i co' pluſ de cinquante care.	e com tal há cinquenta ou mais de carros.
Maiſ il me mandet que en france menalge.	Mas que eu volte à França, é o seu mandato,
Il me ſiurat ad aíſ a mun eſtage.	segue em pós, para <i>Aix</i> , no meu palácio,
Si receurat la noſtre lei pluſ ſalue.	e terá o batismo assegurado,
Xp̄ienſ ert de mei tendrat ſeſ marcheſ.	190 pois será meu cristão embandeirado.
Maiſ io ne ſai queiſ en ≈ ſiſ curageſ.	Mas não sei, no seu peito, o que há tramado.”
Dient franceiſ il nuſ i cuuent garde. AOI.	Dizem francos: “Convém-nos o cuidado.” AOI.

185. Em trad. lit.: Quatrocentas mulas carregadas de ouro árabe. Para o ouro, *vide* nota ao verso 132.

187. (*menalge* = *m'en alge*) Moignet (1985, p. 38) aponta que o sufixo em *-ge* de *Alge* é a forma normanda para o subjuntivo de *alez*.

190. Em trad. lit.: Cristão se tornará e de mim terá suas marcas. Martín de Riquer (2003, p. 68) esclarece que a marca (*germ. Marka*) é a fronteira mais remota do império carolíngio, como se tornará a Marca Hispânica, ao norte da Catalunha. Esse território deveria ser bem guarnecido a fim de evitar a invasão de povos vizinhos, daí o papel de um marquês. Um abandeirado, ou alferes, é o conde ou marquês que leva a bandeira com a insígnia do rei. Em todo o período da cavalaria medieval houve regras sobre a heráldica, como os usos de cada signo militar que, no século XV, foi instituído como lei com o código alfonsino, as *Sete Partidas* do rei Alfonso X de Castilha e Leão. Essa regulamentação, contudo, não bastou para que a terminologia dos signos militares fosse isenta de confusões. O mais certo, baseando-se naquelas partidas (*vide* Mello e Castro, 1932), é compreender que cada signo de agrupamento miliar faz referência ao número da hoste sobre a qual está seu mando. Assim, temos: A bandeira real, que primordialmente era chamada de Estandarte, só pode ser ostentada por um príncipe ou soberano e deve ser quadrada, cuja inteireza, que ostenta a insígnia ou brasão, representa o reino onde se é senhor, que não deve ser partido; o pendão, que é um termo genérico para todos os outros signos abaixo da bandeira real, é um triângulo isósceles, apenas com as cores do brasão, na haste ou lança dos mestres da ordem militar no mando de 50 a 100 homens; e abaixo desse, o gonfalon, com duas pontas farpadas e todo ondulado, na haste de senhores feudais. O termo estandarte, mais tardiamente, aparece referido a signos com duas pontas farpadas da mais baixa posição, no mando de 5 a 10 homens, contradizendo o uso anterior da mais alta posição. No âmbito composicional do cantar, portanto, não devemos exigir a clara especificidade do código alfonsino, já que o termo *gunfanun* aparece de forma bastante genérica, por uma provável imprecisão terminológica no século XI.

XIV

Li emperef out fa raifun fenie.
 Li quenſ Roſſ. ki nel otriet mie.
 en piez ſe drecet ſi li uint cuntredire.
 Jl diſt al rei ia mar crerez marſilie.
 Set anz pleiſ que en eſpaigne uenimeſ.
 Jo uoſ cūq’ſ y nopleſ y cōmibleſ.
 Priſ aqualte__rne y La tere de pine.
 y balafgued y tuele y ſezilie.
 Li reiſ marſilie iſiſt mult que traitre.
 De ſeſ paienuelat quinze.
 Chancunſ portout une branche doliue.
 Nuncerent uoſ cez paroleſ meſme.
 A uoſ Franceiſ un cunſeill en preſiſteſ.
 Loerent uoſ alqu’ſ de legerie.
 Douſ de uoz cunteſ al paien trameſiſteſ.
 Lun fut baſan y li altreſ baſilieſ.
 Leſ cheſ en pſt eſ puif defuz haltilie.
 Faiteſ la guer cū uoſ lauez enpſe.
 en ſarraguce menez uoſtre oſt banie,
 Metez le ſege a tute urē uie.
 Si uengez celſ que li felſ fiſt ocire. AOI.

o Imperador terminou o ſeu juízo,
 mas Roldão, quis então ſer divergido,
 195 pôs-se em pé a propor ſeu contradito,
 diſſe ao rei: “Não creiais neſſe Marſílio!
 Na Eſpanha, já hemos um ſetênio,
 hei-vos, Noples, Comibles, invadido,
 mais Valterra e Pina, além diſſo;
 200 e Tudela e Balaguer, Coria do Rio.
 Rei Marſílio foi um grande perfidio,
 dos pagãos, mais de quinze foram vindos,
 cada qual com ſeu galho de olivo;
 reportaram-vos, mesmo palavrio.
 205 Dos franceſes, conſelho preſumido,
 ſugeriram a vós com ligeirio.
 Deſſes condes, dois idos a Marſílio –
 o Baſão e o outro o Baſílio –
 as cabeças perderam ſob o Haltílio.
 210 Dai-lhe a guerra qual havíeis pretendido,
 em Saragoça, com homens reunidos,
 dei-lhe ſítio, enquanto fordes vivo;
 e vingai os mortos teus por eſſe infido. AOI.

198. Riquer (2003, p. 69) apresenta “cōmibleſ” como uma corrupção de *Morinde*, atual Miranda de Arga, em Navarra. Moignet (1985, p. 38) considera ſer “*nopleſ*”, a cidade de Pamplona que, efetivamente, Carlos Magno dominou por algum período, ambos embaſados, para eſſas informações em AEBISCHER, P. (1967), *Rolandiana et Oliveriana: recueil d’études sur les chansons de geste*, Ginebra. Já Roncaglia (1967), identifica “cōmibleſ” como Montemor-o-Velho, uma vila em Coimbra, município a que ſe referiria, ſegundo eſſa consideração, a topografia referente a “*nopleſ*”, ambas, contudo, geográfica e historicamente muito inverosſímeis até para ouvintes de conhecimento geográfico questionável (*vide* nota ao verso 71). Diante da imprecisão e da provável ficcionalidade, optamos pela não tradução deſſas topografias.

199. Ambas topografias identificadas ao Sul do rio Ebro: *Valtierra*, em Navarra, e *Pina del Ebro*, em Aragão, a poucos quilômetros ao Sul de Saragoça.

200. *ſezilie* é identificada como Sevilha por Cesare Segre em ſua edição do cantar de 1971 (*apud* Riquer, 2003, p. 69). Traduzimos por Coria do Rio, cidade da província de Sevilha, ſempre considerando haver ſido local invadido, desde o ſéculo IX, por normandos viquingues, aſeſar da longínqua localização deſſes povos eſlavos, como demonstra Riosalido (1997, p. 339).

201. Roldão começa a narrar um evento pretérito, ſem ſe referir aos mensageiros há pouco chegados.

202. Há uma apócope na palavra *paienuelat* que corresponde a *paienſ enveiat*.

203. *Vide* nota ao verso 93.

209. Monte Haltílio é localização não identificada que ſerá mencionada novamente no verso 491.

212. Em trad. lit.: Metei-lhe aſſédio por toda voſſa vida.

XV

Li empe en tint fun chef enbrunc.	Abaixada, o rei, tinha a cabeça,
Si duiſt ſa barbe afaitad fun gernun.	215 seu bigode e a barba afaga e ajeita.
Ne ben ne mal ne reſpunt fun neuuld.	Bem ou mal, a Roldão, não lhe contesta,
Franceiſ ſe taiſent ne maiſ que guenelun.	Galalão quis falar, pois se aquietam.
en piez ſe drecet ſi uint deuant carlun.	Quando em pé, ante Carlos, fez presença,
Mult fieremt cuñcet ſa raiſun.	do falar, tão brioso, argumenta:
e diſt al rei ia mar crerez bricun.	220 Diz ao rei: “Não creiais a uma besta!
Ne mei ne altre ſe de uoſtre pd nun.	Outro ou eu, se sem vossa conveniência.
Quant co uoſ mandet li reiſ marſiliun	Quando disso Marsílio dá ciência,
’Ql devendrat iointeſ ſeſ mainſ tiſ hom.	que, juntadas as mãos se, a vós, sujeita;
e tute eſpaigne tendrat par uoſtre dun.	que tereis, sob o vosso dom, a Espanha,
Puiſ receurat la lei que nuſ tenum.	225 e que a nossa lei a quer por recebida,
Ki co uoſ lodet que ceſt plait degetunſ.	quem sugere desse pacto a repulsa,
Ne li chalt ſire de quel mort nuſ muriunſ.	não se importa com que morte se expira.
cunſeill dorguill neſt dreiz que a pluſ munt.	Que o conselho ufano não prossiga,
Laiſſũ leſ folſ aſ ſageſ nuſ tenunſ. AOI.	e os tolos deixemos, por prudência. AOI.

220-229. Tratam-se esses versos de um brevíssimo, porém estruturado discurso retórico, cujo conhecimento por parte do autor, logo advertimos: (v. 220) a proposição é a parte do discurso em que o orador mostra sua posição. A ausência de um artigo definido em “*crerez bricun*”, faz a acusação a Roldão ser sutilmente indireta; (v. 221) o exórdio é a parte introdutória do discurso, cujo objetivo é conseguir a benevolência do ouvinte e torná-lo dócil. Com “*...ſe de uoſtre pd nun*” (que de vosso proveito não seja), mostra a exclusiva preocupação com o rei por parte de Galalão; (vv. 222-225), na *narratio*, apresentam-se os fatos implicados no discurso, sempre claros e verossímeis, o que Galalão garante apelando à força do ritual vassalático (*vide* abaixo nota ao v. 223); (v. 224) a *argumentatio*, nesse caso, é do tipo refutativa, quando Galalão refuta a tese de Roldão pela repulsa aos fatos elencados e desqualificando, indiretamente a Roldão, por generalizar com o pronome “*ki*”, aquele que não se importa com os demais, um *oppositum* ao *exórdio*, quando o orador se mostrava preocupado com o rei; (vv. 228-229) na *peroratio*, o orador faz uma recapitulação, recuperando a proposição do seu adversário como movido pelo orgulho, e faz um apelo ético aos valores da justiça, *dreiz* (direito), e prudência, *ſageſ* (sabedoria). Para a estrutura do discurso retórico, *vide* TRINGALI, 1988, pp. 82-86.

223. “Juntadas as mãos” faz referência a um ritual de juramento vassalático em que, ao reconhecer-se como tal, o vassalo junta as mãos em homenagem ao seu senhor que, por sua vez, simbolizando a proteção que deve a seu vassalo, fecha as suas mãos sobre as dele. Essa cerimônia era conhecida por *immixtio manuum* (RIQUER, 1999, p. 103).

227. Em trad. lit.: Pouco lhe importa, senhor, de qual morte nós morramos – esse verso é a antecipação de uma ampla oposição da narrativa entre os valores da prudência e da bravura. Há uma morte para o prudente, de idade avançada, na segurança do seu feudo, e há uma morte para o herói épico, prematura, que se entrega à batalha, em qualquer circunstância.

XVI

Apref ico i eſt neimeſ uenud
 Meillor uaffal naueit en la curt nul.
 Y diſt al rei ben lauez entendud.
 Gueneſ li quenſ co uuf ad reſpondud.
 Saueir i ad maiſ q'l ſeit entendud.
 Li reif marſilie eſt de guere uencud.
 Vof li auez tuz ſeſ caſtelſ toluz.
 od uoz caableſ auez fruiſet ſeſ m'f.
 Seſ citez arſeſ y ſeſ humeſ uencuz.
 Quant il uof mandet quaiez mercit de lui.
 Pecchet ſereit ki dunc li feſiſt pluſ.
 V par oſtage uof en uoelt faire ſourſ.
 ceſte grant guerre ne deit munter a pluſ.
 Dient franceiſ ben ad parlet li dux. AOI.

230 Depois diſſo Nemé, o duque, vem,
^{me}lhor vassalo eſſa corte já não tem.
 Diſſe ao rei: “Vós haveis ouvido bem,
^a objeção que o duque aqui voſ fez.
 Se entendermoſ, aqui há ſenſatez,
 235 já vencido eſtá, Marſílio o rei;
 oſ caſtelos tomado, vós haveis.
^{Com} catapultas oſ muros já não eiſ,
 aſ cidadeſ caem e oſ homeniſ também.
 Quando pede que voſ apiedeis,
 240 ^{se} maiſ fizerdeſ em pecado eſtareiſ.
 Se iſſo voſ quer guardar com oſ refêniſ,
 eſſa guerra, não há que maiſ manter.”
 Diſ oſ francoſ: “O duque falou bem!”. AOI.

XVII

Seignurſ barunſ qui i enueierunſ
 en ſarraguce al rei marſiliunſ.
 Reſpunt dux neimeſ io irai par urē dun.
 Liürez men ore le quant y le baſtun.
 Reſpunt li reif uof eſteſ ſaiueſ hō.
 par ceſte barbe y par ceſt men gernun,
 Vof nirez paſ uan de mei ſi luign.
 alez fedeir quant nulſ ne uof ſumunt.

“Meuſ ſenhoſeſ, a quem enviaremoſ
 245 ^a Saragoça, a ter com o Marſílio?”
 Diſ o duque Nemé: “por dom eu poſſo,
 entregai-me a luva e o cajado”.
 Diſ o rei: “Soiſ o meu homem maiſ ſábio,
 pela barba e o bigode meuſ floridoſ,
 250 não ireiſ, vós de mim, longe eſſe ano;
 ſentai, poiſ, que não foſteſ requerido.

230. *Naimon* (caſo ſujeito de *neimes*) é o conſelheiro de Carlos Magno, ſem título ou procedênciã indicadoti no cantar, maſ por outras geſtaſ ſe ſabe ſer duque da Baviera, um perſonagem lendário (RIQUER, 2003, p. 73). Optamoſ pela tradução como duque Nemé, conforme apreſenta a tradiçã do cordel no Braſil. O título *duc* não aparece em Anglo-Normando.

238. Em trad. lit.: Aſ cidadeſ queimasteſ e oſ homeniſ venceſteſ.

247. A luva e o baſtã (*baſtun*), aqui traduzido como cajado, ſão ſignoti da inveſtidura de um feudo, de uma dignidade ou de uma importante miſſã, que é o caſo no contexto do cantar. Simbolizam a mã e o cetro do ſenhor que, entregando-oſ ao vassalo, delega a ele ſua autoridade.

249. Por eſſa barba e eſſe meu bigode. A tradução poética reſpeita a propoſta de aſſonãnciã, recuperando a referênciã à canoſidade da barba de Carlos Magno (*vide* nota ao verſo 117). A jura pela barba e pelo bigode é um *topoſ* na literatura medieval.

250. Conforme indica Moignet (1985, p. 42), *uan* = *hoc anno*: eſſe ano.

XVIII

Seignurf baunf q' i purrunf enueiek.
 al farrazin ki farrageuce tient.
 Refpunt Roll io i puif aler mult ben.
 Nu ferez certef dift li quenf oliver.
 Vofre curagef eft mult pefmef y fierf.
 Jo me crendreie que uof uof meflifez.
 Se li reif uoelt io i puif aler ben.
 Refpunt li reif amb dui uof en taijez
 Ne uof ne il ni porterez lef piez
 Par ceftre barbe que ueez blarcher
 Li duze per mar i feit iugez.
 Franceif fe taijent af lef uuf aquiwez.

“Meus barões, quem enviar eu poderia
 ao sarraceno que está em Saragoça?”
 Diz Roldão: “Muito bem eu mesmo iria.”
 255 “Não esteis certo! – seu par lhe dizia –
 vossa verve é terrível e ativa,
 me faz crer que peleja haveria;
 mas se o rei quer eu bem que poderia.”
 “Vós, calai! – Assim Carlos respondia –
 260 pois nem ele nem vós o pé arreda!
 Pela barba que vedes albugínea,
 dos meus doze pares nenhum se designa!”
 Hei-vos quietos e os francos já se calam.

XIX

Turpinf de reinf en ~ leuet del renc.
 y dift al rei laifez efer uoz francf.
 en ceft paif auez eftet fet anz.
 Mult unt oud e peinesf y ahanf.
 Dunez men fire le bastun y leguant.
 y io irai al farazin en efpaigne.
 Sin uoif uedeir alq'f de fun semblant.
 Li emperef respunt par maltalant.
 alez fedeir defur cel palie blanc.
 Nen parlez maif fe jo nel uof cumant. AOI.

O Turpino de Reims surgiu do renque,
 265 disse ao rei: “Deixe estar vossos franceses.
 Sete anos aqui sois permanente,
^acompanhados por penas, ansiedades.
 O cajado e a luva, senhor, dai-me,
 na Espanha, ao sarraceno, eu posso ir, crede,
 270 pois eu quero algo ver do seu semblante.”
 Já responde o Imperador impaciente:
 “Sobre o seu branco manto, sentar ide,
 não faleis se eu não vos dou a ordem!” AOI.

261. O infinitivo *blarcher* é correção de *blancher* a partir da análise ultra-violeta do manuscrito, proposta por Samaran (1929, p. 406) e Waters (1930, p. 96).

262. Os doze pares formam a elite dos cavaleiros de Carlos Magno, em referência aos doze apóstolos de Cristo, assim como os doze conselheiros, com alguns cavaleiros comuns a ambos os grupos (*vide* nota aos versos 170-178). São os doze pares, Roldão, Oliveiro, Sansão, Anselmo, Gerson e Geraldo, Ivan, Ivo, Otto, Berenguer, Engels e Girard de Rossilhão. Essa lista, que aparece completa na terceira parte do cantar (vv. 2403-2409), pode diferir segundo o texto, notadamente o da Nota Emilianense (*vide* p. 67). Na tradição do cordel no Brasil, ocorreu um equívoco de interpretação ao termo *par* e, às vezes, contaram-se vinte e quatro cavaleiros.

263. Moignet (1985, p. 42) aponta que a fórmula *as les vos* (hei-vos), mais do que se referir aos interlocutores, associa o auditório à ação, com o que concordamos inteiramente. Se isto é assim, o público se veria calado ante o imperativo mandato do rei Carlos, no verso 259.

269. Em trad. lit.: Eu irei ao sarraceno na Espanha.

XX

Francs chevalers dift li empere carlef.	“Cavaleiros franceses! – Diz rei Carlos –
car meflifez un barun de mar̄marche.	275 Escolhei-me um barão embandeirado,
Qua mar̄filiun me portaft mun meffage.	um que leve a Marsílio meu recado”.
co dift Rol̄l co ert guenef miſ paraſtre.	Roldão diz: “Galalão, o meu padrasto!”
Dient Franceif car il le poet ben faire.	Francos dizem: “Bem pode ele fazê-lo!
Se lui leffez ni t’metrez pluſ faiue	Se rejeitá-lo não tereis outro mais sábio.”
Y li quenſ Guenef en fut mult anguiſableſ.	280 Galalão fica muito atormentado,
Defun col getet ſeſ grandef pelſ de martre	rica pele, arremessa do pesçoço;
Y eſt remeſ en ſun blialt de palie.	resta a túnica de fino o tecido.
Vairſ out [les oilz] y mult fier lu uifage.	Brilham verdes, seus olhos, rosto altivo,
Gent out le corſ y leſ coſtez out largeſ.	largos ombros e esplêndido indivíduo;
Tant par fut belſ tuit ſip len eſguardent.	285 os seus pares o fitavam, tão bonito.
Dift a Rol̄l tut fol pur quei teſrageſ	A Roldão, disse: “Tolo! Estais zangado?
Co ſet hõ benq ^e iofui tiſ paraſtreſ.	Todos sabem que sou vosso padrasto;
Si aſ iuget q ^a Mar̄filiun en alge	condenaste-me a ir até Marsílio!
Se d’ſ co dunet que io de la repaire.	Se meu Deus conceder-me o meu regresso,
Jo ten muära un ſi grant contrire.	290 causarei a vós um magno ſuplício;
Ki durerat a treſtut tun edage.	que durará todo o quanto fordes vivo.”

275. *mar̄marche* = *ma marche*, evidentemente o copista coloca um *r* por engano. Para o barão embandeirado, *vide* nota ao v. 190.

280. A entrada *anguiſableſ*, no AND, é traduzida como angustiado, atormentado, preocupado, e utiliza esse verso como exemplo. O termo já foi traduzido por *sufocado* (MOIGNET, 1985), *angustiado* (BÉDIER, 1927) e irritado (RIQUER, 2003), esses últimos justificando o perfil corajoso do personagem. A presente opção condiz com a causa, que é menos o medo e mais a indignação, com a atitude seguinte e com seu perfil cavalheiresco (vv. 280 e seguintes).

281. Em trad. lit.: De seu pesçoço arremessa sua grande pele de marta. Marta é um mamífero do gênero *martes*, como a fuinha, abundante na Europa e muito valorizada pela sua pele. *Vide* nota ao verso 462.

282. *Blialt* é uma longa túnica que lã ou tecido fino que os cavaleiros, como signo de nobreza, vestiam por baixo de uma pele, como a de marta, ou, para a batalha, sob a cota de malha, esta em aço (*vide* nota ao v. 384). Na armada portuguesa foi chamada de *laud* (*vide* Agostinho, 2013).

283. No manuscrito o verso está: *Vairſ out y mult fier lu uifage*. O acréscimo do substantivo *les oilz* (os olhos) é consensual visto que o plural de *Vairſ* (brilhantes), normalmente atribuído aos olhos, não estabelece concordância com o singular do substantivo *uifage* (rosto). Admite-se, portanto, uma falha do copista em saltar o substantivo referente a *Vairſ*. A entrada no AND de *vair* apresenta *vert* (verde) como uma variação daquele, portanto, consideramos uma relação polissêmica de *vairſ*, à qual responde nossa tradução por “brilham verdes, seus olhos...”, considerando ainda que os olhos verdes estão culturalmente associados à tração.

288. *Iuget* foi comumente traduzido por “designar”, mas a acepção jurídica fica clara no AND: *juſger*, traduzido como *to judge*, *condemn oneself*, que cobra pleno sentido ao considerar a reação de Galalão ante o iminente perigo dessa designação (*vide* vv. 201-209). Para *alge*, *vide* nota ao v. 187.

Refpunt Roll orgoill ói y folage.
 co fet hõ ben nai cure de manace.
 Mai faiuef hõ il deit faire meffage.
 Si li reif uoelt prez fui por uus le face.

Diz Roldão: “Tanta asneira eu escuto!
^{Com} ameaças, bem sabem, eu não me importo,
 a mensagem, porém, que a leve um sábio;
 295 se o rei quer, em seu lugar eu ir bem posso!”

XXI

Guenef respunt pur mei niraf tumie. AOI
 Tu nief mef hõ ne io ne fui tif fire.
 carlef comandet que face fun feruife.
 en farraguce en irai a Marfilie.
 einz i frai un poi degerie.
 Que io nefclair cepte meie grant ire.
 Quant lot Roll fi cumcat a rire. AOI.

Galalão diz: “Por mim, não ireis jamais! AOI
 Por meu homem e eu senhor não nos tenhais.
 Que eu cumpra o serviço a Carlos praz,
 a Marsílio, em Saragoça, irei, sem mais,
 300 não sem, antes, fazer algo mordaz;
 minha ira só assim se satisfaz!”
^{En}quanto ouvia, Roldão ria demais. AOI.

XXII

Qvant co ueit guenef que ore fen rit Roll.
 Dé ad tel doel purpoi dire ne fent.
 a ben petit que il ne pt le fenf.
 E dit al cunte io ne uus aim nient.
 Sur mei auez turnet falf iugement.
 dreiz empre ueiz me ci en present.
 a demplir uoell urẽ comandermt.

Galalão, quando ouve rir Roldão,
 tal a ira, quase racha em aflição
 305 e, por pouco, não perde a razão.
 Disse ao conde: “Já não te amo não!
 Sobre mim puseste falsa opinião,
 justo rei, eis aqui o seu barão;
 para cumprir vossa determinação.

XXIII

En farraguce fai ben aler meftoet. AOI.
 hõ ki la uait repairer ne fen poet.
 enfur que tut fi ai io urẽ foer
 Sin ói un filz ia pluf belf neneftoet.
 co ~ baldewin co dit ki ert pzdoem.

310 “^A Saragoça, bem sei que a ir me toca, AOI.
 quem ali vai bem sei que já não volta.
 Sobretudo, eu tenho a irmã vossa,
 e meu filho, o mais belo que há, é dela:
 é Baldovino, a quem lhe sobra a honra,

297. Em trad. lit.: Tú não és meu homem e eu não sou teu senhor.

310. Há uma rasura no manuscrito que é consensual preenchê-la com a conjunção *que*.

313. A preposição *ói* é correção de *ai*, proposta pela análise ultra-violeta de Samaran (1929, p. 406).

a lui laif io mef hon^of y mef fieuf. 315 para ele, meus feudos, minha fama;
 Guadez le ben ia nel uerrai def oilz. cuidai-o, pois, já não o verão as minhas vistas.”
 carlef respunt tro auez tendre coer. Disse Carlos: “Vossa alma é tão meiga,
 puif quel comant aler uus en estoet. mas porque eu comando a ir vos toca.”

Embaixada de Carlos Magno

XXIV

Co dift li reif guenef uenez auant. AOI. Disse o rei: “Aproximai-vos, Galalão AOI.
 Si receuez le bastun y lu guant. 320 ^e recebei essa luva e esse bastão;
 Oit lauez fur uof le iugent franc. a favor de que vades os francos são”.
 Sire dift guenef co ad tut fait Roll Galalão diz: “Senhor, foi o Roldão,
 Nel amerai a trestut mun uiuant. ^{por} toda vida, já não o amo não,
 Ne oliuer por co quil est fi cumpainz. ^{nem} Oliveiro, que é como seu irmão;
 li duze per por co quil laiment tant. 325 ^e os doze pares, que o amam tanto então,
 Deffi lef enfire urë ueiant. eu os repto ante tal observação”.
 Co dift li reif trop auez mal talant. Disse o rei: “Tendes má disposição,
 Or irez uof certef quant iol cumant. certamente ireis, por obrigação.”
 Jo i puif aler maif ni aurai guarant. AOI. “Posso ir mas, bem sei, sem proteção, AOI.
 Nul out basilies ne fíf freref basant. 330 como foram Basílio e o Basão”.

XXV

Li emperes li tent jun guant le destre. ^o Imperador lhe estende a luva destra,
 Maif li quenf guenef iloec ne uoljift estre. mas o conde, estar ali, já não queria.
 Quant le dut pndre fíli cait a tere. Quando quase a pegou, caiu-lhe à terra,
 Dient franceif d’f que prat co estre. e os francos dizem: “Deus, o que significa?
 de cest meffage nof auendrat grant pte. 335 Com o mensageiro virá grande perda”.
 Seignurf dift guenef uof en orrez nouelesf. Galalão diz: “Barões, tereis notícias”.

333. Moignet (1985, p. 48) esclarece de “*dut*” significa “estar a ponto de” ou, se em perífrase com verbo em pretérito (*pndre* = *prendre*, pegou), passa a significar que o fato quase ocorreu.

334. *prat* = *purat*, *poer*, ter a habilidade, a capacidade, o poder ou a oportunidade de.

335. A entrada *meffage* no AND é traduzida como mensagem, mensageiro ou enviado. Trata-se de mais uma antecipação da *grant pte* (*pte* = *perte*), a grande perda que será acarretada pelo mau acordo de Galalão.

XXVI

Sire dist guenef dunez mei le cungied.
 Quant aler dei ni ai plus que targer.
 co dist li reif al ihu y al mien.
 de fa main destre lad a solf y feignet.
 puif li liurat le bastun y le bref.

Galalão diz: “Senhor, dai-me licença,
 já que devo ir, não quero mais tardança.
 Disse o rei: “Com a de Jesus e com a minha.”
 340 Com a destra o absolve e o persigna;
 entregou-lhe o bastão e a missiva.

XXVII

Guenef li quenf fen uait a fun oftel.
 de garnemz fe pnt a cunreer.
 de sef meillorf que il pout recuêrer.
 espunf dor ad en sef piez fermez.
 ceint murglied sefpee a fun costed.
 en tachebrun fun destreer est munted.
 Lestreu li tint fun uncle guinemer.
 La ueifez tant cheualer plorer.
 Ki tuit li dient tant mare fustef ber.
 en la cort al rei mult i auez ested.
 Noble uaffal uof i solt hõ clamer.

Galalão vai a seu alojamento,
 e começa a arrumar o indumento
 com que então possar ser melhor coberto.
 345 Nos seus pés, as esporas pôs de ouro,
 sua espada, Murgleis, cingiu ao lado.
 Já montou em Tachebrum, o seu destreiro,
 o estribo lhe sosteve o seu tio.
 Lá verieis chorar os cavaleiros,
 350 que diziam: “Barão, sois desditado!
 Pois na corte do rei muito haveis estado,
 vos chamavam nobre e bom vassalo.

339. *ihu* = *Jhesu*, Jesus.

340. Na liturgia, esse ato de bendizer e persignar missionários antes da partida à terra dos ditos infiéis, chama-se *benedictio finalis*. Era, contudo, normalmente realizado pelos clérigos e não laicos, como é o caso de Carlos Magno, embora não seja incomum os cantares de gesta elevarem seus heróis em santificação.

346-347. Espadas e cavalos, a partir da *Chanson de Roland*, cumprem um notável protagonismo em toda a tradição da literatura cavallheresca medieval, até a mítica Escalibur na matéria bretã e o insólito Rocinante de *Quijote*. São frequentes, nessa longeva tradição e no cantar, as prosopopeias que, muitas vezes, ultrapassam a mera onomástica, esta que é sempre sugestiva de uma característica, qualidade ética ou origem lendária, concordes sempre a uma idealização épica. Nesses versos, nos são apresentados a espada e o cavalo de Galalão, o Tachebrum, ou *tache de brun* (manchado de marrom) e a Murgleis, de *Mur* e *gladium*, em latim, “espada de mouro” que, portanto, pressupõe-se haver sido arrebatada a um mouro em algum combate singular no passado. Era comum o cavaleiro, vitorioso no combate, adonar-se de armas e cavalo do derrotado, o que lhe é extremamente vexatório, uma vez que não termine morto. Para destreiro, *vide* nota 39 e nota ao v. 1490.

352. O étimo *hom* pode, em algumas construções frasais, sempre como complemento de verbo auxiliar (*set hõ* no presente, como nos vv. 287, 293; ou *solt hõ*, no pretérito, como no v. 352), em locução com verbo principal no infinitivo (*clamer*), ter valor de indeterminação de sujeito que, nesse verso, traduzimos com a terceira pessoa do plural, do infinitivo *clamer*, flexionado no pretérito de *solt*.

Ki co iugat que doufez aler.
 par charlemagne nercf guariz ne tenfez.
 Li quenf Rolł nel fe douft penfer.
 Que eſtrait eſteſ de mult ġnt parented.
 enps li dient ſire car noſ menez
 co reſpunt gueneſ ne placet dānedeu.
 mielz eſt que ſul moerge tant bon cheualer.
 en dulce France feign^{aſ} uoſ en irez
 de meie part ma muiller ſaluez.
 e pinabel mun ami e mun per.
 e baldewin mun filz que uoſ fauez.
 y lui aidez y pur feignur le tenez.
 entret en ſa ueie ſi feſt achiminez AOI.

^Aquele, que a partir, vos quis designado,
 não será salvo nem por Carlos Magno;
 355 é o conde Roldão, o deslembrado
 de que sois de tão nobre aparentado”.
 Depois dizem: “Senhor, também levai-nos!”
^{Res}ponde, Galalão: “A Deus não é de grado!
 Melhor eu morrer que tão bons cavaleiros.
 360 Para França, Barões, tomeis trajeto,
 e a minha esposa, dai meus cumprimentos;
 e também a Pinabel, par companheiro;
 e a meu filho conhecido, o Baldovino.
 Cuidai dele e por senhor tomai-o”.
 365 ^{Na} via entra e empreende o caminho. AOI.

XXVIII

Gueneſ cheualchet ſuz une oliue halte.
 aſemplet feſt aſ ſarracins meſſag
 Maiſ blancandriſ ki enuerſ lu ſatarget.
 par grant ſaueir parolet li unſ al altre
 Dist blancandriſ merueiulſ hō eſt Charleſ. 370 Blancadrim diſſe: “Carlos me admira,

Galalão, sob oliveiras, cavalgava,
 já unido à sarracena comitiva.
 Blancandrim, ao seu lado se detinha,
 com prudência eles se conferenciam.

XXVIII – XXX. Nessas séries evidencia-se o que Moignet (1985, p. 51) chama de *finesse psychologique* do autor do cantar com o diálogo entre Galalão e Blancandrim: caminhando detidamente lado a lado, Blancandrim, iniciando com um elogio à Carlos a fim de conseguir a afabilidade de Galalão, quer desvendar as intenções do inimigo; Galalão, por sua vez, quer convencê-lo de que todo o mal que recai sobre os sarracenos advém de Roldão, assim, com toda a prudência retórica que os desvia da explicitude da traição que se está tramando, a morte de Roldão é um acordo entre cavaleiros.

354. Todas as transcrições paleográficas consultadas (BÉDIER, 1927; MOIGNET, 1985; E RIQUER, 2003) já corrigem a grafia *nercf* por *n'ert* (não será). Por nossa opção de fidelidade até ao manuscrito *O* como experiência de leitura no lado da transcrição, preservamos a grafia original, mas a corrigimos no lado da tradução, de acordo com os editores consultados.

356. O termo *parented* , que traduzimos por “aparentado”, faz referência à linhagem de Galalão, à nobreza dos seus antepassados.

358. *dānedeu* , é a forma contrativa da expressão *dampnedeu* , *damnedeu* , Senhor Deus.

367. Em trad. lit.: Juntou-se aos mensageiros sarracenos. *Vide* nota ao verso 335.

370. Apesar da construção ambígua em língua portuguesa, está claro que Carlos não é o sujeito da oração, mas objeto do verbo admirar-se.

Ki cunq'jt puille y treftute calabre. conquistou a Calábria e a Apúlia,
 verʃ engleterre paʃʃat il la mer ʃalʃe. e cruzou, para a Inglaterra, águas salgadas,
 ad oef ʃeint pre en cunq'jt le cheuage. e a São Pedro tal tributo ele conquista;
 Q^e nuf requert ca en la nrē marche. o que, afinal, quer de nós em nossa marca?"
 Guenef reʃpunt itelʃ ≈ ʃiʃ curageʃ. ³⁷⁵ Galalão diz: "É tanta sua audácia,
 Ia maiʃ nert hume ki encuntre lui uaille. AOI. que não há ante ele quem lhe valha." AOI.

XXIX

Diʃt blancandriʃ francʃ funt mult gētilz hōe. Blancadrim diz: "Os francos são mui nobres,
 Mult ġnt mal funt y cil duc y cil cunte grande mal fazem duques e os condes
 a lur ʃeignur ki tel cunʃeill li dument. ^a seu senhor que do conselho o dissuadem;
 Lui y altrui trauaillēt y cunfundent. ³⁸⁰ ele e a outros fadigam e confundem."
 Guenef reʃpunt io ne ʃai ueirʃ nul hume. Galalão diz: "Não sei de nenhum homem
 Ne meʃ Rolʃ ki uncore en aūrat hunte. ^{sem} ser Roldão, que por isso se envergonhe.
 er matin fedeit li empere ʃuz lumbre. Sentou o rei, à sombra, na manhã de ontem,
 Vint i ʃeʃ nieʃ out ueʃtue ʃa brunie. ^{eis} seu sobrinho que, vindo, a cota, veste;

371. Identificamos *Puille* com Apúlia e *Calabre* com Calábria, ambas na Itália. São conquistas que não pertencem ao Carlos Magno histórico e que se tornaram lendárias com a *Chanson d'Aspremont*, um longo cantar que supera os 11000 versos, escrito no final do século XII, na Itália. Este cantar foi considerado a pré-história de Roldão, retratado ali como um infante que é, ao final, armado cavaleiro por Carlos, já havendo dado morte ao sarraceno *Aumont*, de quem obtém seu olifante, sua espada *Durendal* e seu cavalo *Veilantiu*. Para o cavalo de Roldão, *vide* nota ao v. 1553.

372. O rei Carlos histórico, não possuindo naus em seu exército, nunca esteve na Inglaterra, só conquistada pelos normandos em 1066. Em 786, Carlos invadiu a Bretanha continental, aqui provavelmente confundida com a Gran Bretanha insular. Outra hipótese que pode explicar essa imprecisão é que o normando *Tuoldus*, se o admitimos como autor do cantar, houvesse querido normandizar o cantar atribuindo a Carlos as conquistas normandas, tanto a de Guilherme o Conquistador, na Inglaterra, como a de Roberto Guiscardo na Calábria, v. 371.

373. *ʃeint pre* = *Seint Perre* (São Pedro). No AND *ues, oes, ops*, é traduzido como *purpose, use, tom y advantage*; *ad oef* seria "em benefício de", que aqui condensamos apenas na preposição "a". Trata-se de um imposto pago ao papa datado de finais do século VIII, o *denarius Sancti Petri*.

374. Para marca, *vide* nota ao verso 190.

384. No séc. VIII, até o séc. X aproximadamente, as defesas de malha consistiam em uma vestimenta de couro cru cruzado em formas losangonais, cujos intervalos se refoçavam com placas metálicas, e se chamavam lorigas (lat. *lorica*). Essa defesa evoluiu à loriga anelada e à de escamas, com anéis ou placas de aço substituindo o couro, por vezes chamada de lorigão a partir do séc. XI até o séc. XIII, quando passam a dar lugar ao arnês, a armadura feita em placas de aço inteiriças. O cantar narra anacronicamente as defesas contemporâneas à época de sua composição, com as malhas de aço, que entrelaçam milhares de pequenos anéis metálicos que podem ser: as grandes lorigas, que se estendiam até os joelhos, fendidas nas pernas e que pesavam de 7 a 10 kg, ou as menores e mais tardias cotas de malha, que não ultrapassavam o baixo-ventre e pesavam entre 3 e 5 kg. Posteriormente essas malhas passaram a se estender também até os punhos, como se pode observar na Tapeçaria de Bayeux (*vide* fig. 3, p. 41), e serem reforçadas por dupla malha. A palavra *brunie* pode indiferentemente ser tratada como sinônimo de *osberc* ou *hausberc*, traduzida por *coat of mail* (cota de malha), mas, considerando o ensaio dessas diferenças (estamos embasados, sobretudo, em Reis, 1961, 1961a; e Agostinho, 2013) e que no cantar também não se tratam da mesma vestimenta (*vide* v. 3088), traduzimos, conforme Riquer (2003), *bruine* por "cota" e *osberc* por "loriga", embora todas essas considerações não sejam definitivas.

e out predet deiufte carcafonie.
 en ja main tint une uermeille pume
 tenez bel fire dift roll a jun uncle.
 de treftuz reif uof p'sent lef curunef.
 Li foenf orgoiz le deureit ben cunfundre.
 Kar chafcun iur de mort fabandunet.
 Seit kil ociet tute paif puif auriúmeſ. AOI.

385 saqueado havia Carcassonne.
 Em sua mão uma maçã ele estende:
 ‘Tomai, senhor – a seu tio Roldão lhe disse –
 vos darei os reinos todos de presente.’
 Tanto é o seu orgulho que ele se confunde,
 390 pois a cada dia se lança à morte;
 haverá paz quando então alguém o mate.” AOI.

XXX

Dift blancandrinſ mult eft peſmeſ Rollant.
 Ki tute gent uoelt faire recreant.
 e tuteſ tereſ met en chalengement.
 Par quele gent quiet il eſpleiter tant.
 Gueneſ reſpunt par la franceiſe gente
 Jl la ment tant ne li faldrunt nient.
 Or e argent lur met tant en p'ſent.
 Mulſ y deſtreſ y palieſ y guarnemenz.
 Lempere meifmeſ ad tut a jun talent.
 Cüquerrat li leſ tereſ dici quen orient. AOI.

Blancandrim diz: “Roldão é tão maldoso,
 quer fazer capitular todos os povos;
 e reclama para si os países todos.
 395 Com que gente supõe fazer-se tanto?”
 Galalão lhe responde: “Com os francos!
 Tanto o amam, que jamais foi malogrado,
 ouro e prata lhes traz tão regalados;
 mais destreiros e mulas e armamentos.
 400 Mesmo o rei é a mercê dos seus caprichos,
 ao Oriente, desde aqui, quer invadido.” AOI.

XXXI

Tant cheualcherent gueneſ y blancandrinſ.
 Que lun al altre la fue feit p'leuit.
 Que il q'erreient que Roll fuſt ocif.

Galalão e Blancandrim montaram tanto,
 que um ao outro fizeram juramento
 de buscarem de Roldão o extermínio,

385. *Carcassonne* é uma comuna da Occitânia francesa, muito distante de Saragoça, conforme aponta Riquer (2009, p. 86), o que não oferece segurança geográfica de identificá-la com *carcafonie*.

386-388. Galalão quer mostrar a Blancandrim que, com a adulação de Roldão a Carlos, o paladino ambiciona induzir o rei a constituir um grande império cristão, o que representaria um iminente perigo aos sarracenos. A maçã, como símbolo máximo da tentação, aqui representa todas as nações do mundo, em referência ao evangelho de São Mateus (*Matthaeum*, 4, 8-10): “Mais uma vez o diabo subiu em um monte muito elevado e mostrou a ele todos os reinos do mundo e sua glória, e lhe disse: Tudo isto eu te darei se, prostrado, me adorares.” (*Iterum assumpsit eum diabolus in montem excelsum valde : et ostendit ei omnia regna mundi, et gloriam eorum, et dixit ei : Haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me*).

388. Em trad. lit.: De todos os reis, vos ofereço as coroas.

390. *Chafcun iur*, todos os dias.

397. Há uma lacuna no manuscrito: em *Il la ment*, o copista saltou uma letra /i/, com a qual ficaria *Il l'aiment* (eles o amam).

398. Está claro que o sujeito é Roldão e o objeto indireto os francos – *lur* pron. pess. m. dativo plural (AND) – a quem, com tantas conquistas bem sucedidas (v. 397), o herói distribui o butim a suas hostes, em ouro e prata e etc. (v. 399).

tant cheualcherent e ueief e cheminj.
 Que en farraguce descendent fuz un if.
 vn faldestoet out fuz lumbre dun pin.
 enuolupet fut dun palie alexandrin.
 La fut li reif ki tute espaigne tint.
 tut entur lui uint milie farrazinj.
 Ni ad cei ki mot fuint ne mot tint.
 Pur lef nuuelef quil uuldreient oir.
 Atant af uof guenef y blanchandrinj.

405 cavalgaram tantas vias e caminhos;
 em Saragoça desmontaram sob um teixo.
 Há um trono à sombra de um pinho,
 todo em seda alexandrina estofado.
 Lá é o rei, que da Espanha toda é dono,
 410 ao redor, vinte mil os sarracenos.
 Ali não há quem expresse ou diga um verbo,
 por notícias que queriam ouvir todos;
 Galalão e Blancadrim, ante vós ei-los!

XXXII

Blancandrinj uint deuant lempour.
 par le puig tint le cunte guenelun.
 e dist al rei faluez seiez de mahũ.
 y dapollin q' feintef leif tenuns.
 Vofstre meffage fefime acharlun.
 Ambef Jef mainj en leuat cuntremunt.
 Loat fun deu ne fift altre respunf.
 Ci uof enueiet un fun noble barun.
 Ki eft de france fi eft mult richef hom
 par lui orrez fi auez paif u nun.
 Respunt marfilie Or diet nuf lorum. AOI.

Blancandrim se apresentou perante o rei,
 415 e a Galalão, pela mão o traz e o tem.
 Disse ao rei: “Que vos salve Maomé,
 e Apolo, pois guardamos suas leis.
 A mensagem, a Carlos eu levei,
 ambas suas mãos, as elevou além.
 420 Vai louvando a seu Deus sem responder,
 mas vos envia um barão nobre por bem.
 Muito rico é o homem e é francês;
 se termos a paz, dele ouvireis.”
 Diz Marsílio: “Eu vos escutarei.” AOI.

406. O teixo é considerado a árvore da morte pela toxicidade de suas folhas; é significativo que desmontem ali Blancandrim e Galalão. Seu extrato venenoso foi muito utilizado em flechas e lanças.

414. O termo *lempour* = *l'empereur* (Imperador) é um lapso do copista. Marsílio, que é apenas rei em Saragoça, é a quem Blancandrim se apresenta nesse verso. Essa correção é consensualmente admitida pelos editores do cantar que, geralmente, a apresentam já no lado da transcrição. Aqui a apresentamos apenas no lado da tradução.

415. No AND o termo *puig* é traduzido como *closed hand* e tem esse verso como exemplo.

417. Para Apolo como divindade, *vide* nota ao verso 8.

422. Na sociedade feudal, um rico-homem o é em posses e feudos e, conseqüentemente em poder, no âmbito que lhe cabe; a honra e a nobreza pressupõem essas condições. Assim vemos, nos primeiros versos do *Cantar de Mio Cid*, as lágrimas do herói, contemplando suas hereditariedades perdidas ao ser despossuído pelo rei e, por outro lado, crescer em honra e valor quando volta a enriquecer com o acúmulo do espólio das guerras que trava autonomamente contra os sarracenos.

XXXIII

<p>Maiſ li quenſ gueneſ ſe fut ben p^apenſet par grant ſauer cumcet a parler. cume celui ki ben faire le fet. y diſt al rei ſaluez ſeiez de deu. Li gloriuſ q' deuſ aurer Jco uuf mandet carlemagneſ li uer. Que receuez ſeinte xpientet. Demi eſpaigne uoſ uoelt en fiu duner. Se ceſt acorde ne uulez otrier. priſ e liez ſerez par poeſted. al ſiege ad aiſ en ſerez amenet. par iugement ſerez iloeç finet. La m^aurrez uus a hunte y a uiltet. Li reiſ marſilief en fut mult eſfreed. Vn algier tint ki dor fut enpenet Ferir len uolt ſe nen fuſt deſturnet. AOI.</p>	<p>425 Galalão muito bem havia pensado, com prudência começa o seu recado, como quem para isso é bem treinado. Disse ao rei: “Que sejais por Deus, vós salvo, ^{ao} que devemos louvar, o glorioso. 430 Carlos Magno me manda dizer isto: Que na fé cristã tomeis nosso batismo; meia Espanha vos quer doar em feudo. Se não derdes aqui consentimento, vós sereis, à toda força, atado e preso. 435 Para a sede de <i>Aix</i> sereis levado, e à morte ali já condenado; morrereis com vergonha e aviltado.” Rei Marsílio ficou apavorado, tinha um dardo em ouro emplumado; 440 quis feri-lo, não fosse impedido. AOI.</p>
--	---

XXXIV

<p>Li reiſ Marſilief ad la culur muee. de ſun algier ad la hanſte crollee. Quant le uit Gueneſ miſt la main a leſpee.</p>	<p>Rei Marsílio, de cor está mudado, e agita a haste do seu dardo. Galalão viu, toca a espada do seu lado,</p>
---	--

XXXIV – XXXV. Essas séries, que se fecham com o verso 467 (...eis aqui um nobre barão!), anulam a tese da covardia e vileza de Galalão. Nelas se retrata a imagem de um homem valente, disposto a vender caro sua vida (*vide* nota ao v. 449), com a espada sempre à mão. Isso configura todo o enredo da traição como um mal entendido e um desejo de vingança.

439. *Algier* é um tipo de dardo, mais precisamente uma javalina, que era utilizada, originalmente, para a caça e a pesca. Maior que um dardo e menor que uma lança, é uma arma de lançamento, hoje em dia utilizada como esporte olímpico. A estabilidade no lançamento é dada mediante as rêmiges, ou aletas, emplumadas na parte traseira; a de Marsílio tem as penas da rêmige em ouro, o que revela ser uma arma decorativa ou de luxo. Na sociedade medieval, no entanto, era considerada uma arma menos nobre, não própria dos cavaleiros. Vale lembrar que Perceval, o galês, em *Li contes del Graal*, de Chrétien de Troyes, carregava consigo três javalinas, as que utilizava para caçar. Com uma dessas, Perceval dá morte ao cavaleiro vermelho, cujo arnês, armas e cavalo, lhe serão apropriados para ser armado cavaleiro na corte do rei Arthur, quando só então aprenderá a empunhar uma espada e levar lança e escudo.

cuntre douf deie lad del furrer getee.	retirou-a da bainha uns dois dedos:
Si li ad dit mult eſteſ bele y clere.	445 “Sois tão clara e tão bela – disse isto –
Tant uuf aùrai en curt a rei portee.	vos carrego, na corte, há tanto tempo!
Ja nel· de france li empere. dirat	Não dirá, jamais, o Imperador, o franco,
Que ſulſ i moerge en leſtrange cuntree.	que em país estrangeiro só eu morro;
einz uof aùrunt li meillor cumperee.	os melhores, antes, vos terão comprado.”
Dient paien deſfaimeſ la mellee.	450 Pagãos dizem: “Aplaquemos o conflito!”

XXXV

Tuit li pierent li meillor ſarrazin.	Tanto rogam os melhores sarracenos,
Quel faldeſtoed ſeſ Marſilief aſiſ.	que no trono sentou-se o rei Marsílio.
Diſt lalgalifeſ mal noſ auez baillit.	O Califa então diz: “Trazе-nos dano,
Que li franceiſ aſmaſteſ a ferir.	quando ao franco, ferir tenhais visado;
Uof ^{le} douſſez eſculter y oir.	455 vós devíeis valer-vos de escutá-lo.”
Sire diſt gueneſ mei lauent a ſuffrir.	Galalão diz: “Senhor, bem o suporte,
Jo ne lerreie por tut lor q ^e d'ſ fiſt.	se bem-vindo não sou, nem pelo ouro,
Ne por tut laueir ki ſeit en ceſt paiſ.	nem por todas as riquezas desse solo,
Que jo ne li die ſe tant ai de leiſir.	se há ocasião a meu dizer, não calo

444. No AND o verbo *furrer* é traduzido como *to stuff, to wrap up snugly*; e, no particípio, que é o valor semântico em que se encontra no verso, *lined, dressed*. Bédier (1927) corrige o termo para *furrel*, para o qual o AND não apresenta entrada. Em todo caso, todas as edições consultadas seguem a transcrição de Bédier e o traduzem por bainha, que não se afasta do termo no manuscrito.

445-449. Esses versos são uma apóstrofe com um breve epidídico feito por Galalão à sua espada.

447. Nesse verso, o verbo *dirat* foi saltado pelo copista, escrito depois do verso concluído, à margem direita, indicando sua posição com o símbolo matemático */::/*, depois do advérbio de negação *nel*.

449. No AND a entrada do verbo *comprer, cumperee* é traduzida como *to buy, to pay for, be punished for*. A fórmula “comprar caro”, portanto, tem o sentido de alguma ação do agente custar-lhe a vida em razão do combate que aquela ação desencadeará.

451. No AND o advérbio *tut, tuit*, na sua 9ª acepção, é traduzido por *very, most*. Bédier (1927), porém, corrige esse termo por *tant* (tanto) e é seguido por Moignet (1985) e as edições posteriores, mas o manuscrito *O* (fl. 9r) não deixa margem a essa leitura, por isso, transcrevemos como *Tuit*.

453. No AND o termo referente à tradução por “califa” apresenta as seguintes variações: *califfe, calif, caliphe; kalif, kalifre*. A referência ao étimo *algalifes* se encontra apenas no *Französisches Etymologisches Wörterbuch* (FEW), projeto da *Université de Lorraine*, disponível em: <https://apps.atilf.fr/lecteurFEW/index.php/page/view>. Califa é um chefe de um Califado muçulmano, portanto, tem status de sucessor de Maomé. Nesse verso, refere-se ao personagem Marganices, tio de Marsílio, que aparecerá assim nomeado a partir do verso 1914. *Baillit* é o verbo *baillor*, no AND, traduzido por “aquele que entrega” (*on who delivers*).

454. No AND, o verbo *asmer, esmer* (*to estimate, to value*), na forma *asmer a*, como em *aſmaſteſ a*, tem o sentido de “visar” (*to aim to*), e utiliza esse verso como exemplo.

455. *douſſez* é o verbo *user, ouser*. No AND, é traduzido como *to use, to make use*.

Que Charlef li mandet li reif poeſteif],
 par mei li mandet ſun mortel enemi.
 afublez eſt dun mantel ſabelin.
 Ki fut cuuert dun palie alexandrin.
 Getet le a tere ſil receipt blancandrin.
 Maiſ de ſeſpee ne uolt mie guerp
 en ſun puign deſtre par lorie punt la tint
 dient paien noble baron ad ci. AOI.

460 o que faz saber, rei Carlos, poderoso,
 por mim enviado a vós, seu inimigo.”
 Tem vestido um manto zibelino,
 que é coberto por tecido alexandrino;
 joga ao chão e Blancandrim vai recolhê-lo,
 465 mas da espada não quer ser apartado;
 a retém com a destra pelo d’ouro pomo.
 Os pagãos dizem: “Barão nobre é isto!” AOI.

XXXVI

Enverſ le rei ſeſt guenef apifmet.
 Si li ad dit a tort uoſ curuciez.
 Quar co uoſ mandet carlef ki france tient:
 Que receuez la lei de xpïenf].
 Demi ſpaigne uuf durat il en fiet.
 Laltre meitet aurat Rolſ ſif nieſ
 Mult orguilloſ parcuner i aûrez
 Si ceſte acorde ne uolez otrier.
 en ſarraguce uuf uendrat aſeger.
 Par poeſtet ſerez priſ e liez.
 Menet ſerez dreit ad aif le ſiet.
 Vuſ ni aûrez palefreid ne deſtrer

470 Pois vos faz saber rei Carlos, o francês,
 que dos cristãos deveis tomar a nossa lei,
 e que, em feudo, meia Espanha ganhareis,
 e com seu sobrinho a dividireis;
 que arrogante parceiro vós tereis!
 475 Se esse acordo assim não vos convém,
 Saragoça sitiada vós tereis,
 pela força, atado e preso então sereis,
 logo ireis assim levado à sede em Aix.
 Sem destreiro e sem o palafrém,

462. Manto zibelino é confeccionado em pele de marta, da espécie zibelina, que habita os países norte-asiáticos. Tem a cor castanho-escuro e é a pele mais valorizada entre as espécies de marta.

470. Em trad. lit., “...*carlef ki france tient*” seria “Carlos, que tem a França”; “...o francês” não deve ser compreendido como um gentilício, mas como um aposto que identifica Carlos como rei franco, ou seja, com os domínios franceses da sua coroa. Carlos era, em todo caso, germânico – naturalidade que não interessa ao cantar, pois busca enaltecer a cultura normanda.

479-481. O cavalo é tão apreciado na Idade Média e tamanha é sua importância para aquela sociedade que toda uma classe social de alta posição hereditária foi instituída a partir desse animal, os cavaleiros, a partir dos quais, também se cria uma ética cavalheresca que repousa sobre todo o imaginário medieval. Não há, pois, maior afronta e motivo de maior vergonha para um cavaleiro do que ser despossuído de seu animal. Nesse sentido, o cavalo torna-se uma extensão do próprio homem. Nesses versos, a ameaça de Galalão se concentra na desonra que recairá sobre Marsílio, expressa pela condição da montaria que lhe caberá, uma vez recusado o acordo. Para destreiro e palafrém, *vide* nota 39 – *sumer, summer* (bucéfalo, pileca) é um cavalo de carga, menos valorizado que o *mul* (mula ou burro), porque menos favorecido fisicamente, o que ridiculariza e envilece seu montador. Também conhecido por rocim, como montaria de escudeiros, é o cavalo de *Don Quijote*, a que se deve seu nome, *Rocinante*.

<p>Ne mul ne mule que puiſſez cheualcher Getet ſerez ſur un maluaiſ ſumer Par iugement iloeç pdrez le chef. Nrë empere uuſ enueiet çeſt bref el deſtre poign al paien lad liu,ret.</p>	<p>480 nem tampouco em burro ou mula montareis; mas num vil rocim jogado então sereis, e condenado a cabeça ali perder; esta carta, vos envia o nosso rei.” O pagão, na destra mão, quer receber.</p>
--	---

XXXVII

<p>Marſilieſ fut eſculurez del ire. freint le ſeel getet en ad la cire. Guardet al bref uit la raifun eſcrite. carle me mandet ki france ad en baillie. Que me remembre de la dolur y del ire. co eſt de baſan y de ſun frere baſilie. dunt þſ leſ cheſſ aſ puiſ de haltoie. Se de mun corſ uoeil aquiter la vie dunc li enuei mun uncle lalgalife. altreñt ne mamerat il mie. apſ parlat ſeſ filz enuerſ marſilieſ. e diſt al rei gueneſ ad dit folie. tant ad erret nen eſt dreiz qe pluſ uiuet. liürez le mei ioen ferai la iuſtife</p>	<p>485 Ficou pálido Marsillio em tanta ira, rompe o selo e atira longe a cera. Olha a carta e a razão ali escrita: “Faz saber, Carlos, quem domina a França, que eu recorde da dor e da sua fúria. 490 O Basão e o Basílio, os que sejam, que cortei, sob o Haltílio, suas cabeças. Se salvar, do meu corpo, eu quero, a vida, que lhe envie, então, meu tio Califa; ou não me amará de outra maneira.” 495 Ao seu lado, seu filho depois fala, diz ao rei: “Galalão só conta asneira, foi tão longe, que não siga mais com vida, entregai-me que eu o farei justiça!”</p>
---	---

485. Não estando seguro da documentação do verbo *esculurer* e, considerando outros editores como Jenkins, Roncaglia e Segre, Riquer (2003, p. 94) transcreve esse verso como “*Marsilies fut bien escolez de lire*” (Marsílio, que estava bem instruído na leitura), conforme consta em V₄ e em *Karlamagnús saga*, tradução norueguesa do cantar, datada da primeira metade do século XIII. Sendo assim, compreenderíamos que o cantar esclarecesse a condição de Marsílio como homem letrado, o que, embora incomum, não era tão improvável, tratando-se de um nobre, sobretudo em *Al-andalus* – condição essa de que não gozava o histórico Carlos Magno. O verbo *esculuré*, *escoloré*, contudo, tem entrada no AND, que utiliza esse verso como exemplo, e também no FEW, traduzido como “empalidecer-se”. Como o manuscrito *O* não deixa margem à dúvidas e como o próprio Marsílio, ao receber, lê a carta, tornando a informação do seu alfabetismo desnecessária, parece ser arbitrária a alteração, embora a ira de Marsílio houvesse sido aparentemente já aplacada por seu tio no verso 453. Em todo caso, seguimos o que se lê claramente no manuscrito, conforme Bédier (1927) e Moignet (1985).

487-494. Ao longo desses versos há uma interessante sobreposição discursiva. Ouvimos a voz de Marsílio, em discurso direto, narrando em altavoz o que, em tempo, está lendo na carta, revelando aos ouvintes, em discurso indireto, o que faz saber a voz de Carlos Magno. O cantar alcança, nesses versos, uma singular dramaticidade protagonizada pelo caráter consubstancialmente oral da obra.

493. Sobre o Califa como refém, *vide* nota aos vv. 681-691.

Quant loit guenef leſpee en ad branlie.
Vait ſapuier ſuz le pin alatige.

Quando o ouviu, Galalão brande a espada,
500 sob um pinho, no tronco se apoia.

XXXVIII

Enz el uerger ſen ≈ alez li reif.
Seſ meillorſ humeſ en meinet enſemblod ſei.
e blancandriſ i uint al canud peil
e iurfaret ki eſt ſeſ filz y ſeſ heirſ.
y lalgalifeſ ſun uncle y ſiſ fedeilz
Diſt blancandriſ apelez le franceiſ
De nrē pd mad pleuie sa feid
co diſt li reif y uos li ameneiz.
e gueneſ lad priſ par la main deſtre ad deiz.
enz el uerger len meinet ioſ q^al rei.
La purparolent la traiſun ſeinz dreit. AOI.

Num vergel, foi parar Marsílio, o rei,
os melhores vassalos com ele vêm,
e Blancandrim, o grisalho, foi também,
e seu filho e herdeiro, Juafrei,
505 e o Califa, seu tio, dos mais fiéis.
Blancadrim diz: “Chamai esse francês!
Em prol a nós, ele jurou-me a sua fé.”
Disse o rei: “Vós, aqui, me o trazei.”
E Galalão, pelos destros dedos, é
510 no vergel, conduzido até o rei.
Conspiraram traição ali sem lei. AOI.

XXXIX

Bel ſire gueneſ co li ad dit marſilie.
Jo uoſ ai fait alqueſ de legerie.
Quant por ferir uoſ demuſtraí grant ire.
Guaz uoſ en dreit par cez pelſ ſabelineſ.
Melz en ualt lor que ne funt cinc cenz liüref.
Einz demain noit en iert bele lamendife.
Gueneſ reſpunt io nel deſ otrei mie.
d’ſ ſe lui plaiſt a bien le uoſ mercie. AOI.

“Galalão, belo senhor – disse Marsílio –
fui convosco algo leviano,
pois, por ira, fiz menção de atacá-lo.
515 Com essas peles zibelinas vos abono –
mais de cem libras vale o seu ouro –
e amanhã já seréis recompensado.”
Galalão responde: “eu não o recuso,
se vos praz, Deus vos seja agradecido.” AOI.

515-517. Na tentativa de estabelecer a confiança de Galalão e retratando-se por sua atitude inicial, Marsílio oferece, como garantia da recompensa prometida, as peles de zibelina, cravejadas em ouro. Para a pele de Zibelina, *vide* notas aos versos 281 e 461.

XL

Co dift marfilief guenef par ueir facez.	520	“Em verdade sabeis – diz rei Marsílio –
en talant ai que mult uof uoeill amer.		minha intenção é querer muito amar-vos.
de carlermagne uof uoeill oir parler		Quero ouvir-vos discorrer sobre o rei Carlos,
Jl ~ mult uielz jĩ ad fun tenf ufet.		é tão velho que seu tempo foi usado.
Men efcient douf cenz anz ad paſſet.		Acredito ter mais de duzentos anos,
par tanteſ tereſ ad fun corſ demened.	525	^a tantas terras o seu corpo tem levado;
tanz ad priſ fur fun eſcut bucler		já tomou tanto no escudo abroquelado;
tanz richeſ reiſ conduit a mendifteſ.		^a mendigar tantos reis foram levados;
Quant ert il maiſ recreanz doſteier.		quando, enfim, de guerrear terá cansado?”
Gueneſ reſpunt carles neſt mie telſ.		Galalão responde: “Assim não é o Carlos!
Neſt hom kil ueit y conuiſtre le ſet.	530	Que o conheça e o veja não há sujeito,
Que co ne diet que lempere eſt ber.		que não diga ser valente o Imperador.
tant nel uof fai ne preiſer ne loer		Quão possais estimá-lo ou louvá-lo,
Q ^e pluſ ni ad doñ y de bontet.		ele é mais bondoso e honrado.
Sa grant ualor kil purreit acunter		Quem em tanto valor pode louvá-lo?
De tel barnage lad d’ſ enluminet	535	^{De} tal nobreza Deus o tem iluminado;
Meilz uoelt murir que guerpir fun barnet.		quer morrer a abandonar os seus soldados.

XL-XLII. Aqui começa o primeiro caso de séries similares. Numa perspectiva muito mais lírica, a progressão é menos narrativa e mais psicológica à medida em que Galalão vai paulatinamente explicitando sua intenção. Na série XL, a resposta de Galalão se restringe a enaltecer a Carlos; na XLI, tem-se uma resposta concreta, mas se refere apenas a *ſif niéf* (seu sobrinho), havendo ocultado seu nome; e é somente na série XLII que revela ser Roldão o responsável pela belicosidade franca. Ainda que se possa reconhecer nessa estrutura paralelística um eficiente recurso de oralidade, essa progressão psicológica deixa a curiosa dúvida acerca da retórica de Galalão: haverá respondido, dramática e efetivamente, três vezes a mesma pergunta?

524. Não há consenso sobre a idade que tinha o rei Carlos histórico no ano de 778, o que nos leva apenas a admitir que não houvesse alcançado os quarenta anos. Essa hiperbólica referência ao bicentenarismo de Carlos voltará a aparecer nos versos irmanados 539 e 552 (*vide*), sempre como mera impressão do inimigo sarraceno. Essa característica de idades épicas de dimensões bíblicas nos cantares de gesta alcança seu apogeu na *Chanson de Guillaume*, quando, nos versos 1334-1335 o personagem *Willame* afirma: “Trezentos e quinquenta anos passaram / Desde que eu fui, da minha mãe, o primeiro nascido” (*Treiz cenz anz ad e cinquante passez / Que jo fu primes de ma mere nez*). Sobre tal afirmação, é preciso recordar que, na mesma gesta, o pai de *Willame*, o visconde de Narbona, *Neimere*, ainda é vivo e luta a seu lado.

526. Nesse verso Bédier (1927) propõe um acréscimo: *tanz [colps] ad priſ...* (tantos golpes recebeu...). Essa alteração foi seguida por todos os editores posteriores, no entanto, como a pressuposição fica clara em língua portuguesa e o manuscrito não oferece qualquer indício de rasura, preterimos da alteração de Bédier. O escudo abroquelado (*eſcut bucler*) trata-se de um escudo reforçado pelo broquel, um escudo menor, todo em aço, que se usava fixar no centro dos escudos confeccionados em madeira.

527. *Cunduit* é correção de *cunduiſ* proposta pela análise ultra-violeta de Samaran (1929, p. 406) e Waters (1930, p. 96).

533. *doñ* = *d'onur* (honra).

XLI

Dift li paiens mult me puis merueiller.	O pagão diz: “Muito me maravilha,
De carlemagne ki est canuz e vielz.	o rei Carlos que, encanecido, velha;
Men escientre douf cenz anz ad e mielz.	^{ci} ente eu, duzentos anos já supera.
par tanteſ teref ad sun corſ traueillet	⁵⁴⁰ O seu corpo fez cansar por tantas terras,
tanz colſ ad priſ de lanceſ y despiet.	tantos golpes sofreu de hasta e lança,
tanz richeſ reif cunduiz a mendistiet.	já levados, tantos reis à mendicância.
Quant ert il maif recreanz doſteier.	Quando, enfim, será cansado dessa guerra?”
co niert dift gueneſ tant cū uiuet ſif niéf.	^{Diz} Galalão: “Nunca, enquanto um deles viva!
Nat tel vaſſal fuſ la cape del cieł.	⁵⁴⁵ ^{Va} ssalo igual não há sob a celeste capa.
Mult par ~ proz ſif cūpainz oliuer.	Oliveiro, seu bravo camarada,
Leſ .xii. perſ que carleſ ad tant cherſ.	^e os doze pares, que o rei tanto aprecia,
funt leſ enguardeſ a .xx. milie cheualerſ.	^{com} vinte mil cavaleiros faz vanguarda;
Sourſ ~ carleſ que nulſ home ne crent. AOI.	está seguro Carlos, não teme mais nada. AOI.

XLII

Dift li ſarrazinſ merueille en ai grant.	⁵⁵⁰ ^O sarraceno disse: “eu me maravilho
de carlemagne ki ~ canuz y blancſ.	^{por} Carlos Magno, grisalho e encanecido.
Mien escientre pluſ ad de .ii.c. anz.	Que eu saiba, excedeu duzentos anos,
par tanteſ teref ~ alet cunquerant.	tantas terras passou já conquistando.
Tanzſ colpſ ad pſ de bonſ eſpiez trenchanz.	^{De} agudas lanças tantos golpes recebidos,
Tanz richeſ reif morz y uencuz en champ.	⁵⁵⁵ tantos reis vencidos, mortos pelos campos,

539. *Men escientre* é uma construção culta que remete à forma do ablativo absoluto em latim: *me sciente*, sabendo eu. A referência aqui é a palavra *anz* (anos), apenas pressuposta na tradução.

541. Os termos *hanſteſ*, *lanceſ* e *despiet* não encontram tradução consensual, mas está claro não se tratarem de armas iguais, embora seja difícil precisar suas diferenças. Traduzimos esses termos equivalentes por lança, sempre que se possa considerá-la no cantar como uma arma de choque, maior e mais adequada às justas e torneios medievais, próprias de cavaleiros nobres, diferenciando-a das pequenas armas de tiro por propulsão muscular, como o dardo, a javalina ou o venablo, mais utilizadas pelos guerreiros vilãos que, sem o arnês adequado ao combate singular porque inacessível a sua condição, tentava derrubar o cavaleiro à distância. Quando se faça necessária uma diferenciação, é possível utilizar os termos hasta, áscuma, alabarda ou chuço, todas equivalentes na armeria portuguesa medieval, sem que se possa hoje precisar suas sensíveis diferenças (Reis, 1961a); *vide* nota aos vv. 2074-2075.

544. ... *tant cū uiuet ſif niéf* (enquanto viva seu sobrinho). A fim de não romper a progressão psicológica com a omissão do nome de Roldão, ao mencioná-lo nesse verso apenas pelo parentesco com Carlos (*vide* nota às séries XL-XLII), traduzimos *ſif niéf* por “um deles”, por exigência métrica.

Quant ier il maif doſteier recreant.
 co niert diſt guenef tant č uiuet Rollant.
 Nad tel uafſal dici quen orient.
 Mult par ≈ proz oliuer ſiſ cumpainz.
 Li .xii. p q^e carlef aimet tant.
 funt leſ enguardef a .xx. milie de francſ.
 Sourſ ≈ carl̄ ne crent hume uiuant. AOI.

quando, enfim, da guerra haverá cansado?”
 Diz Galalão: “Nunca, enquanto é Roldão vivo!
 De Leste a Oeste, igual não há vassalo,
 Mui valente é seu par, o Oliveiro,
 560 e os doze pares, que Carlos ama tanto,
 fazem vanguarda a vinte mil dos francos.
 Confiante é Carlos, não teme homem vivo. AOI.

XLIII

Bel ſire guenef diſt marſilief li reif.
 io ai tel gent pluſ bele ne uerreiz.
 Quatre cenz milie cheualerſ puiſ aueir.
 puiſ men cūbatre a carl̄ y a franceif.
 Guenef reſpunt ne uuf a ceſte feiz.
 De uoz paienſ mult grant pte i aūreiz.
 Leſſez la folie tenez uoſ al ſaueir.
 Lempeur tant li dunez aueir.
 Ni ait franceif ki tot ne ſen merueilt.
 par .xx. hoſtageſ q^e li enueiereiz.
 en dulce france ſen repairerat li reif.
 Sa reregarde lerrat derere ſei.
 Jert i ſiſ nieſ li q^euſ Rol̄ co crei
 Y oliuer li pz y li curteif.
 Mort funt li cunte ſe .ě. ki mei en creit.
 carl̄ uerrat ſun grant orguill cadeir.
 Naurat talent q^e ia maif uuf guerreit. AOI.

“Galalão, nobre senhor – Marsílio diz –
 mais bela gente do que a minha não vereis,
 565 quatrocentos mil soldados posso haver;
 combater francos e Carlos, poderei.”
 Galalão responde: “Não por essa vez,
 dos pagãos, grande perda amargareis;
 não sejais tolo, atentai à sensatez!
 570 Tanto dai, ao Imperador, do seu haver,
 que não haja admirar não um francês.
 Com uns vinte reféns que enviareis,
 à Doce França voltará o nosso rei.
 Na retaguarda, onde atrás é sua vez,
 575 estará ali Roldão, já crer podeis,
 e Oliveiro, o valente e cortês,
 serão mortos se crer-me aqui alguém.
 Verá Carlos, cair sua altivez,
 guerrear-vos já não vai mais querer. AOI.

566. Moignet (1985, p. 62) apenas coloca a possibilidade de esse verso ser assertivo, visto que a resposta de Galalão (v. 567) apenas sugere pergunta, mas não é condicionada a uma. A interrogação é, no entanto, reproduzida em todas as edições consultadas do cantar, inclusive Moignet (*op. cit.*), o que implica já no estabelecimento de confiança entre Marsílio e Galalão. Dentro da perspectiva da progressão psicológica, se é interrogativo, quem primeiro avança para o pérfido acordo é Marsílio, buscando com sua pergunta a traição do outro; se é afirmativo, no entanto, Galalão, que até aqui apenas enalteceu os francos e mesmo Roldão, seu desafeto, dá o primeiro passo, explicitando finalmente sua disposição à deslealdade. Ambas as leituras parecem possíveis, mas optamos pela assertiva entendendo-a como réplica às respostas de Galalão nos versos 536, 549 e 562.

XLIV

Bel sire guenes õfaiement purrai Roll ocire.⁵⁸⁰ “Bom senhor, como então Roldão matar?”
 Guenes respont co uof fai io ben dire. Galalão diz: “Isso eu sei bem vos contar:
 Li reis ferat af meillor f porz de fizer. Estará o rei em Cízer, grão portal,
 Sa reregarde aúrat detref sei mife. ^{de}trás de si, na retaguarda o deixará.
 Jert i fíf nief li q^enf Roll li richef. ⁵⁸⁵ ^{Con}de Roldão, o poderoso, ali estará,
 Y oliuer en qui il tant se fiet. ^e Oliveiro, em quem ele fia mais;
 xx. milie francf unt en lur cūpaignie. vinte mil francos, os acompanhará.
 de uoz paienf lur enueiez .c. milie. ^{En}viareis, dos pagãos, um cem milhar,
 vne bataille lur i rendent cil p’mef. ^e uma primeira batalha os dará.
 La gent de france iert blecee e blefmie. ⁵⁹⁰ ^A gente franca rota e lesa ficará,
 Nel di por co def uoz iert la martirie. ^{mas}, admito, dor aos vossos haverá.
 altre bataille lur liúrez de meifme. Novamente, outra batalha se dará,
 De quel que feit Roll nestoertrat mie. ^{de} uma ou outra Roldão não escapará.
 dunc aúrez faite gente cheualerie. Tão valente cortesia assim será,
 Naúrez maif guere en tute urē uie. AOI. ⁵⁹⁵ ^{já} não tereis que em vossa vida guerrear.” AOI.

580. Há consenso entre os editores em considerar aqui haver dois versos. “*Bel sire guenes*” concluiria esse e “*õfaiement purrai Roll ocire*” se conta como o 581^o. No manuscrito, no entanto, nada sugere essa divisão, exceto pela extensão do verso, com 14 sílabas poéticas, numa perspectiva métrica de escansão; na perspectiva rítmico-melódica, embora não se possa precisar as possibilidades de oralidade em Anglo-Normando, a integralidade parece, no entanto, mais factível do que um verso tão curto como “*Bel sire guenes*”. Para resolver esse problema, Riquer (2003, p. 102) emenda esse, em paralelismo com o verso 563, desse modo: “*“Bel sire Guenes’, ço dist li reis Marsilies”* (‘Caro senhor Ganelão’, diz o rei Marsílio); já Bédier (1927, p. 46) e Moignet (1985, p. 64) apresentam uma solução lacunar, adotando as reticências. Seguimos o manuscrito na sua integralidade mas, não obstante, admitimos a contagem de versos de acordo com a tradição filológica a que, uma vez desmembrado este verso em dois, implica em que devemos acrescentar aqui uma unidade.

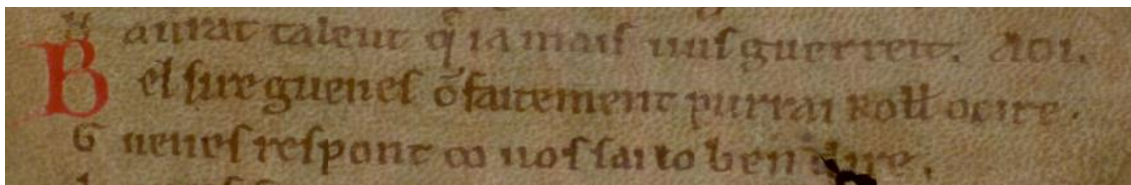


Figura 8: Ms. O. fl. 11r. vv. 579-581.

583. *Porz de fizer* é toponímia com grande variedade de nomenclaturas como o pórtico de *Cize*, *Sizer*, *Sirie* (v. 2939), *Cisere*, *Cícera*, *Sícera*, localizado em Roncesvales, no vale que é atravessado pela estrada que liga esse município à Aquitânia, na França, cerca de 64 km de Pamplona. Depois de 778 passou a ser conhecido como *Valcarlos*, município emancipado no final do século XVI, pois ali Carlos Magno haveria acampado em meio aos tombados em batalha.

590. *blecee e blefmie* (rota e lesa) é um par substantivo, construído com participios.

593. A palavra *nestoertrat* (escapar, com a partícula adverbial de negação *n-*) é correção de *nestoerdrat*, proposta por Waters (1930, p. 97).

XLV

Chi purreit faire que Roll i fust mort.	“Se pudessem fazer Roldão ser morto,
dunc pdreit carl le destre braz del corf.	perderia o rei, então, seu destro braço;
Si remeindreient lef merueillufes oz.	o magno exército seria então detido.
Na femblereit iamaif carl fi grant eforz.	Outras forças tais jamais teria Carlos,
tere maior remeindreit en repof.	600 nossos lares ficariam em repouso.”
Quan lot marfilie filad baijet el col.	Rei Marsílio, ouvindo, o beija no pescoço,
puij fi cumencet a uenir fes tresorf. AOI.	logo faz trazerem tantos dos tesouros. AOI.

597. “...*destre braz del corf*”, o “braço direito do corpo de Carlos é Roldão, seu paladino, a quem o rei entregará o mando da retaguarda. Essa expressão se repete no v. 1195. O *Cantar de Mio Cid* também apresenta essa fórmula, quando, no v. 753 *el Cid* exclama a *Minaya Álbar Fañez*: “-¡*Cabalgad, Minaya, vós sodes el mio diestro brazo!*” (Cavalgai, Minaia, que és meu braço direito!).

600. *Tere maior* é consensualmente compreendida como terra dos ancestrais, a pátria-mãe. Como no discurso de Galalão não fica claro a que terra se está referindo – embora haja, entre a crítica especializada, uma tendência a compreendê-la como o império carolíngio – optamos por traduzir com uma expressão comum em sentido compartilhado, o que é coerente com o pacto proposto.

601. Os beijos nos cantares de gesta não são sinais de afeto, mas um testemunho público, como um rito de homenagem rendida do vassalo ao seu suserano ou, como nesse caso, apenas confirmando a reciprocidade de um pacto. *Vide* Moignet (1985, p. 67). Na primeira série da gesta occitana *Daurel e Beto*, quando o conde Gui aceita ser vassalo do rico Duque *Boues*, o pacto se dá mediante uma cerimônia: “Duque Bob diz: “Façamos sacramento!” / Faz trazer um livro onde há o evangelho. / Joram companhia, beijam-se no queixo, / quando houveram conjurado, companheiros; / um amou em fê o outro em fingimento.” (*So respont lo duc Boves : “Lo sacrament farom” / Fai aportar .j. libre on lhi evangeli son, / Juran si companhia, lhi bauzo sus el mento / Can si foron juratz (juratz) amdoy li compa[n]ho, / E l’us ama per fe, (e) l’aute per trasiho.*). Não é arbitrário imaginar, conforme a tese de Gual (1997), que essas relações de vassalagem com seus padrões de conduta e formas de celebração conformaram no século XII seu simulacro nas relações amorosas do amor cortês, quando percebemos a semelhança desse sacramento com a tradição cristã do sacramento matrimonial, o juramento sobre o livro sagrado e o selo desse “amor”, que pressupõe a fidelidade, mediante o beijo.

XLVI (Seg.) – Essa série apresenta claras interferências de uma segunda mão nos três primeiros versos. Riquer (2003, p.104), considerando corrompidas as palavras, afirma que os outros manuscritos do cantar não ajudam na sua identificação e adota uma hipotética reconstrução da edição de Roncaglia. Moignet (1985, p. 64) considera a segunda mão um mal preenchimento de revisor e apresenta lacunas onde, no manuscrito, figura a outra caligrafia. De nossa parte, considerando que o revisor tivesse mais elementos na escolha do que devesse ser lido ali pela mão do copista, talvez até traços minimamente legíveis no próprio manuscrito ou outro material à vista; considerando que o anotado pela segunda mão não carece de sentido; e considerando, enfim, valer mais seguir um revisor do que apresentar lacunas ou hipóteses ainda mais extemporâneas, marcamos com colchetes o que corresponde à segunda mão no manuscrito.

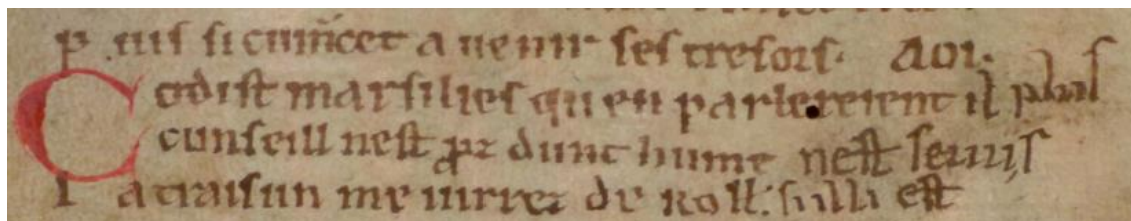


Figura 9: Ms. O. fl. 11v. vv. 603-606.

XLVI

co dist marfilief quen parlereient [il plus]
 cunseill neft pz dunt hume [neft fewif]
 La traifun me iurrez de Roll [fulli eft].
 co respunt guenes iffi fait cū uof plaiſt.
 Sur les reliques de ſeſpee murgleif
 La traifun iurat y ſifen ≈ forffait. AOI.

Diz Marsílio: “Por que mais aludir?
 Plano digno, não é sem a quem seguir.
 605 ^{Mal}dito é Roldão, jurai-me o atrair.”
 Galalão diz: “Bem como preferir.”
^{Sob} as relíquias da espada, a Murgleis,
^{Ju}ra atraí-lo e culpado ali se fez. AOI.

XLVII

Un faldeſtoed i out dun olifant.
 Marfilief fait porter un liüre auant.
 la lei i fut mahū e teruagan.
 co ad iuret li ſarrazinf eſpanf.
 Se en reregarde troeuet le corſ Roll.
 cūbatrat ſei a treftute ſa gente.
 e ſe il poet murrat i ueirement.
 Guenef respunt ben ſeit urē comant. AOI.

Ali há um trono feito de marfim,
 610 fez trazer, Marsílio, um livro ante de si;
^{de} Tervagão e Maomé há sua lei.
 O espanhol sarraceno, jura que
 se a Roldão, na retaguarda, ele o vir,
 combatê-lo com sua gente ele quer ir,
 615 e, se pode, morrerá, de fato, ali.
 Galalão diz: “Vossas ordens vou cumprir!” AOI.

604. O verbo *sivre*, *sewer* é traduzido no AND como *to follow as a leader* (seguir como a um líder); *fewif* pode estar no infinitivo, no particípio, ou mesmo no imperfeito subjuntivo. O sentido do verso indica que Marsílio quer confiar que Galalão passe a seguir seus desígnios e não os de Carlos.

605. Depois da palavra *Roll* há um ponto, o que provavelmente fez os editores acreditarem que originalmente o verso terminava ali, ainda que essa palavra não satisfaça a assonância da série e a métrica também fique deficiente em três sílabas, como as que anota o revisor. Não sendo isto suficiente para afirmar se se conclui ou não o verso em *Roll*, seguimos o manuscrito, incluída sua revisão, sob os argumentos expostos na nota à série. Riquer (2003, pp. 104,105) aponta a possibilidade de uma outra tradução para *La traifun*, a que não emprega, nem tampouco os demais editores, que consensualmente traduzem por “jurai-me trair Roldão”. Como veremos na última parte do cantar (v. 3778), Galalão não se considera traidor, pois sua atitude foi por vingança e era anunciada (vv. 289-291), o que faria incoerente que aqui fizesse tal juramento. Na possibilidade apenas aventada por Riquer (*op. cit.*), *traisun* seria uma má interpretação da palavra latina *traditio*, o que, no entando, possibilitaria a tradução por “entregar”. De nossa parte, encontramos que *traisun* pode ser a forma impessoal do verbo *traire*, traduzido no AND por *to attract* (atrair). Em favor dessa hipótese, a entrada “*la*” no AND, além de um artigo, pode ser também um advérbio de locação, e “*de*” uma preposição locativa. Sem, com isso, sugerir maior acerto semântico, optamos por uma tradução plausível, menos óbvia, e que parece mais interessante do ponto de vista narrativo e retórico, com uma paranomásia que se repetirá no v. 608, entre “atraí-lo” e “a traí-lo”.

607. Era comum as espadas serem forjadas com alguma relíquia sagrada no pomo, consideradas então espadas de virtude, diferentes, portanto, das consteladas, forjadas sob alguma configuração astral favorável. Jurar pela espada tem aqui um alto valor simbólico, o que Moignet (1985, p. 63) considera um alto preço pela traição, e que culmina, no verso seguinte, com a irreparável culpabilidade de Galalão.

609. A palavra *olifant* tem variações de raiz etimológica como *eliphant*, *elefant*. Tanto o trono como o corno de guerra de Roldão (embora esteja claro não se tratar de um chifre, mas de um dente) segue um princípio metonímico, pois ambos são feitos de marfim.

610-611. O livro se trata do Corão e Tervagão, de onomástica desconhecida, compõe a insólita trindade moura no cantar, com Maomé e Apolo (*vide* nota ao v. 8), em paralelismo com a cristã. O cantar parece ignorar que a religião muçulmana é monoteísta.

XLVIII

Atant i uint unſ paienſ ualdabrunſ.
 Icil en uait al rei marſiliun.
 cler en riant lad dit a guenelun.
 tenez meſpee meillur nen at nulſ hom.
 entre leſ helz ad pluſ de mil mangunſ.
 par amiſtiez bel fire la uoſ duinſ.
 Que noſ aidez de Roll le barun.
 Quen reregarde trouer le pousũ.
 Ben ferat fait li quenſ gueneſ reſpunt.
 puiſ ſe baiſerent eſ uif y eſ mentunſ.

Um pagão, Valdebrum, então é vindo,
 se aproxima, então, do rei Marsílio,
 vai dizendo a Galalão, claro e sorrindo:
 620 “Tomai minha espada, não há melhor gladio!
 No seu punho, incrustados, mil mancusos,
 meu senhor, vos a darei como amigo,
 por que com conde Roldão vais ajudar-nos;
^{na} retaguarda, que possamos encontrá-lo.”
 625 “Pois será assim” – já Galalão tem dito;
 e beijaram-se no queixo e no rosto.

XLIX

Apref i uint un paien climorinſ.
 cler en riant a guenelun lad dit.
 tenez mun helme uncheſ meillor ne ui.
 Si noſ aidez de Roll li marchif.
 par quel meſure le pouffũ hunir.
 ben ferat fait gueneſ reſpundit.
 puiſ ſe baiſerent eſ bucheſ y eſ uif. AOI.

Depois veio o de nome Climorim,
 vai dizer a Galalão, claro, sorri:
 “O meu elmo, tomai, melhor não vi,
 630 com Roldão, o marquês, nos ajudai,
^{em} tal medida que o possamos destruir.”
 Respondeu Galalão: “Será assim!”
 E beijaram-se na boca e no nariz. AOI.

615. (Ant.) Conforme aponta Moignet (1985, p. 66), o Anglo-Normando pode, sem sinalização mais clara, mudar de sujeito em relação ao de um verbo precedente. Enquanto *poet* (pode) tem Galalão como sujeito, em *murrat* (morrerá), o sujeito é Roldão. O contexto elimina qualquer equívoco de interpretação.

617. Seguindo a lógica pejorativa aos sarracenos, encontramos a possibilidade de que esse nome, Valdebrum, se componha de *Val* (AND): *valley*; e *Brun*, (AND): *dark*, assim, vale das trevas.

618. Diferente de todos os outros editores consultados, Riquer (2003, p. 106) lê, em lugar de *Icil en uait* (ele vai, se aproxima), *Ici levat* que significa, literalmente, elevar, patrocinar e, por extensão, armar cavaleiro, segundo os tradutores (*op. cit.*). Busca, com essa leitura, um paralelismo com o verso 1563, em que se lê: “[Valdebrum] / que à Marsílio, lhe deu a sagração” ([Valdabrun /] *Celui levat le rei Marsiliun*).

621. Trata-se de uma moeda utilizada na baixa idade média românica, de origem anglo-saxã, documentada desde o século IX. O sentido etimológico do termo refere-se a que era alcunhada à mão, “*manu-cosa*”. Agradecemos a Antoni Rossell por esses esclarecimentos, quem ainda exemplifica que, em 1067, o conde de Barcelona comprou os direitos sucessórios dos condados Carcassona e Rasses por quinhentos mancusos, o que à época equivaleria a cerca de 71 onças de ouro.

633. Em trad. lit. E depois beijaram-se as bocas e as faces. *Vide* nota ao v. 601.

L

Atant i uint la reine bramimüde.
 Jo uoſ aim mult ƒire diſt ele al cunte.
 car mult uoſ ƒſet mi ƒire y tuit ƒi hume.
 a üre fême enueierai douſ nuſcheſ.
 Bien i ad or maticeſ y iacunceſ.
 eleſ ualent mielz q^e tut laueir de rume.
 vrë empere ƒi boneſ ne nout uncheſ.
 Jl leſ ad ƒſeſ en ƒa hoeſe leſ butet. AOI.

Bramimonda, a rainha, então veio,
 635 disse ao conde: “Muito eu vos amo,
 pois vos querem meu senhor e seus vassalos.
 Enviarei a vossa dama dois adornos,
 com zircões, ametista e farto ouro.
 Valem mais que Roma e todo seu dinheiro;
 640 o seu rei jamais teve desse tipo;
 ele os toma e na bota os pôs guardados.

LI

Li reiſ apelet malduit ſun treforer.
 Laueir carlun ~ il apareilliez.
 e cil reſpunt oil ƒire aſez bien.
 .vii. C. cameilz dor y argent cargiez
 e .xx. hoſtageſ deſ pluſ gentilz deſuz cel. AOI.

O rei chama o tesoureiro Malduíto:
 “Está pronto o tesouro para Carlos?”
 Ele diz: “Meu Senhor, afirmativo!
 645 Setecentos camelos carregados,
 vinte refêns, sob o céu não há mais belos.” AOI.

LII

Marſilief tint guen par leſpalle.
 Si li ad dit mult par ief ber e fage.
 par cele lei que uoſ tenez pluſ ſalve
 Guardez de noſ ne turnez le curage.
 de mun aueir uoſ uoeill duñer ġnt maſſe.
 .x. mulſ chargez del pluſ fin or darabe.
 Ja maiſ niert an altretel ne uoſ face.
 tenez leſ cleff de ceſte citet large.

Rei Marsílio abraça a Galalão,
 e lhe diz: “Sois tão sábio e tão barão,
 pela lei que o garante a salvação,
 650 ^{gua}rdai-vos, pois, de não mudar de intenção.
 Quero dar do meu haver em profusão,
^{do} melhor ouro dez mulos levarão,
 e sem mais, os anos não vos passarão.
 Tens a chave daqui, sois cidadão,

627. Cabe a possibilidade de que *Climorinf* seja, pejorativamente, o diminutivo de *moro*, sendo *cleie*, *cliis* traduzido no AND por *hurdle* (obstáculo).

629. O elmo é a proteção para a cabeça que à época era um capacete cônico, frontalmente aberto, deixando a frente descoberta, exceto pelo nasal, quando havia. A proteção completa, com abertura apenas na viseria, só seria conhecida na segunda metade do século XII, e nada sugere que os elmos até então não fossem como os retratados na Tapeçaria de Bayeux, *vide* p. 44.

641. *Hoefe* é um tipo de bota alta e resistente utilizada como proteção, como uma armadura para a tibia. Podia ser usada também como bolso para pequenos objetos. Aparece no *Cantar de Mio Cid* quando *el Cid* vai encomendar a Minaya que leve dinheiro a sua mulher e filhas (vv. 820-821): “Tomai aqui ouro e prata / uma bota cheia, em nada lhe falta” (*Evades aqui oro e plata / una huesa llena, que nada no.l' mingua*).

645. *Dor y argent*: ouro e prata é a carga dos camelos. Supressão por exigência métrica.

Le grant aueir en presentez al rei carlef. 655 regalai, desse haver, ao rei cristão.
 pois me iugez Rold a reregarde. Indicai, para retaguarda, a Roldão,
 Sel poif trouer a port ne a paſſage. se eu o encontro em algum passo ou portão,
 Liuerrai lui une mortel bataille. travarei, mortal e bélica ação.”
 Guenef respunt mei ~ uif q^e trop targe. “Já parece-me tardar” – diz Galalão;
 pois .ě. munted entret en ſun ueiage. AOI. 660 montou presto e começa a viação. AOI.

LIII

Li empereſ aproiſmet ſun repaire. ^o Imperador se aproxima a sua morada,
 venuz en eſt a la citet de galne. e é chegado à cidade de Galna,
 Li quenſ Rold il lad y pſe y fraite. foi rendida ante Roldão que a destruíra;
 puif icel iur en fut cent anz deferte. desde então, por cem anos foi deserta.
 de guenelun atent li reiſ nuuelef. 665 ^{De} Galalão o rei espera as notícias,
 e le treud deſpaigne la grant tere. e o tributo da Espanha, a grande terra.
 par main en lalbe ſi cū li iurz eſclaireret. De manhã, quando o dia faz aurora,
 Guenef li quenſ eſt uenuz aſ herbergeſ. AOI. Galalão é chegado à campanha. AOI.

LIV

Li empereſ eſt par matin leuet. ^o Imperador despertou ao clarear,
 Meſſe y matineſ ad li reiſ eſcultet. 670 escutou o officio e a missa já,
 Sur lerbe uerte eſtut deuant ſun tref. ante a tenda sobre o verde prado está,
 Rold i fut y oliuer li ber. Oliveiro e Roldão também são lá,
 Neimeſ Li dux e deſ altreſ aſez e Nemé, o duque, e outros muito mais.
 Gueneſ i uint li feſ li pariurez. Também veio Galalão, perjuro e mal,
 Par grant ueiſdie cumencet a parler. 675 com ardil, já começa então falar;
 e diſt al rei ſaluez ſeiez de deu. disse ao rei: “Queira Deus, a vós, salvar!

661. A palavra *repaire* pode ser o verbo *repairer* (AND), que significa o domínio ao qual retornamos, ou pode ser o substantivo *repair*, *repaire* (AND), como retorno, casa ou morada. Traduzem como “acampamento” Bédier (1927, p. 53) e Riquer (2003, p. 111); e Moignet (1985, p. 69) como “seu país”. Como havendo já a ocorrência, no mesmo verso, do verbo *aprismer*, *aproismet*, e considerando que para “acampamento” está a palavra *herbergeſ* (AND, vide v. 668), optamos por compreender *repaire* como substantivo, traduzindo com o termo “morada” que concorda com a opção de Moignet (*op. cit.*).

662. *Galne* é topografia desconhecida. Outros manuscritos propõem aqui *Valtierra*, em Navarra, próxima de Saragoça, mas muito distante de Córdoba, se ali estava Carlos (v. 71). Em todo caso, se aproxima da “sua morada” (v. 661), a França. Optamos, contudo, por manter a imprecisão geográfica do manuscrito *O*, conforme fazem a maioria dos editores do cantar.

667. Terceiro dia na cronologia do cantar.

De farraguce ci uos aport les clef.
 Mult grant aueir uof en faz amener.
 e .xx. hoftagef faitef lef ben garder.
 e fĩ uof mandet reif marfĩlief li ber
 del algalifej nel deuez paj blafer.
 Kar a mef oilz ui .iiii. c. milie armez.
 halberf ueftuz alquanz healmej fermez.
 ceintef efpreef af punz dor neielez
 ki len cunduiſtrent trefquen la mer.
 de marcilie fen fuient por la xpĩentet.
 Q^e il ne uoelent ne tenir ne garder.
 einz q'l ouffent .iiii. liuef fĩglet.
 Sif aquillit y tẽpeſte y ored.
 La funt neiez iamaif nef en uerrez.
 Se il fuſt uif iol ouffe amenet.
 del rei paien fĩre par ueir creez.
 Ja ne uerrez ceſt pmer meif paſſet.
 Q'l uof fĩurat en france le regnet.
 Si receurat la lei q^e uof tenez
 Jointef jeſ mainf iert urẽ comandet.
 De uof tendrat eſpaigne le regnet.
 co diſt li reif graciet en feit deuſ.
 Ben lauez fait mult grant pd i aũrez.
 par mi cel oſt funt mil grailleſ funer.
 Franc deſherbergent funt lur fumerf troſſer.
 Verf dulce france tuit funt achiminez. AOI.

Eis as chaves de Saragoça cá,
 muito haver eu trago a vós para regalar;
 de refêns, vinte, fazei-os guardar.
 680 Rei Marsílio, o barão, vos quer rogar:
 Do Califa não devei-lo reprochar,
 pois eu vi, quatrocentos mil se armar,
 de loriga e elmo foram se envergar,
 as espadas cingiam em ouro assaz.
 685 Conduziam-no assim até o mar,
 por Marsílio e por batismo escapar,
 pois não querem recebê-lo nem guardar.
 Mas as léguas não deixaram-se singrar,
 já os colheu a tempestade e o aguar.
 690 Não os vereis jamais, pois jazem baixo-mar,
 fosse vivo o traria; já não há.
 Sobre o rei, senhor, prestai-vos confiar,
 vê-lo-eis antes de mais um mês passar;
 pois ao franco reino, em pós, vos seguirá.
 695 Vossa lei, ele aceita professar,
 sob as ordens vossas as mãos irá juntar;
 da Espanha o reino só por vós terá.”
 Disse o rei: “A Deus devemos graças dar!
 Agiste bem, assaz vos devo premiar.”
 700 Pela hoste mil clarins fazem soar,
 desacampam e os rocins vão carregar;
 para a Doce França partem par em par. AOI.

679. Desde o início do cantar é reiterada a menção a esses refêns que, finalmente, são entregues a Carlos como garantia do acordo com Marsílio, que não se cumprirá. Consumada a traição, pressupõe-se que fossem imediatamente decapitados, mas essa é a última vez que se os menciona. A pressuposição do seu destino óbvio faz relevar a descontinuidade.

681-691. Nesses versos, Galalão expõe uma história inverossível para explicar por que o Califa não está incluído entre os refêns, pois era essa uma exigência do rei Carlos (v. 493).

696. *Vide* nota ao verso 223.

697. Significa que, uma vez tornado vassalo de Carlos Magno, Marsílio continua com poder sobre a Espanha, mas então subordinado a seu senhor.

LV

Carlef li magnef ad espaigne guaſtede.	Carlos Magno a Espanha devastou,
Lef caſtelf priſ lef citez uioleef.	^o brou castelos e as cidades violou.
co dit li reif que ſa guere out finee.	⁷⁰⁵ Disse o rei que a guerra terminou,
Verf dulce france cheualchet lempere.	para a França, cavalga o Imperador.
Li quenſ Rolł ad lenſeigne fermee.	O Roldão, sua insígnia afixou,
en ſum un tertre cuntre leciel leuee.	bem no alto da colina ao céu a içou;
Franc ſe herbergent par tute la cuntree.	^a campam francos pelo chão superior.
païen cheualchent par cez greign ^a ſ ualeef.	⁷¹⁰ Os pagãos vão pelo vale interior,
halbercſ uestuz y tref bien [fermez].	as lorigas vestem e atam com vigor.
healmeſ lacez e ceinteſ lur eſpeeſ.	Cada um com espada e elmo protetor,
eſcuz aſ colſ y lanceſ adubeef.	com escudo e com lança se armou.
en un bruill par ſum leſ puiſ remeſtrent.	Num arbóreo monte a hoste adentrou,
. iiiii . c . milie atendent la iurnee.	⁷¹⁵ quatrocentos mil esperam o arrebol.
d'ſ quel dulur que li franceiſ nel ſevent. AOI.	Que os franceses não saibam, Deus, que dor! AOI.

703-704. Esses versos resumem o *introito* do cantar, recuperando aquela ideia (vv. 1-5). Moignet (1985, p. 73) chama essa fórmula de “reprise épica”, que se repetirá nos versos 2609-2610, no início do episódio de Baligão. Do ponto de vista da oralidade, cabe conjecturar um esquema tripartido em que essas reprises marcariam o início de cada uma das três funções que jogral necessitaria para cantar toda a obra. Sendo assim, esses versos cumprem a função de recuperar no auditório o tema inicial da gesta, a partir do quê, se poderia seguir com a progressão narrativa.

707-708. Roldão é marquês (v. 630) da *marka* de Bretanha (*vide* nota ao v. 190). O verbo *fermer* tem aqui o sentido de atar a insígnia de sua marca à ponta da lança e cravá-la ao solo. Isso simboliza haver conquistado aquele território. Embora até aqui, o momento do acordo feito por Galalão, o mérito não seja dele, ao colocar sua insígnia, Roldão dá mostras de sua presunção.

711. Segundo a leitura de Waters (1930, p. 97), a palavra *fermer* foi originalmente escrita, mas teve o *-r* apagado e alterado para um *-z* por mão de corretor.

713. O sentido de *adubeef* (armada), para a lança, e de *aſ colſ* (ao pescoço), para o escudo, não são contemplados na tradução. Os escudos, já não tão grandes, vão posicionados nas costas e as lanças apoiadas no arção da sela para descanso, ou em riste, termo derivado do inglês *rest* (descanso); e, para combate, os escudos posicionam-se no pescoço e as lanças vão abaixadas.

Premonições de Carlos Magno

LVI

Trefuait le iur la nuit ≈ aserie.	Transcorreu o dia vai anoitecer,
carles se dort li emperef richef.	vai o rico Imperador adormecer,
Suniat quil eret al greignurf porz de fizet.	sonha estar no grande átrio de Cizer.
entre sef poinz teneit fa hanfte fraifnine.	⁷²⁰ Sua lança de freixo, nas mãos tem,
Guenef li q ^{ens} lad sur lui faifne.	arrebatá-la, Galalão, o conde, vem.
Par tel air lat ^{ef} truiffet y brandie.	Muito irado, a brande e quebra por desdém,
Quenuerf le çel en uolent lef efciclef.	aos pedaços, voa ao céu, não se sustém;
carles se dort quil ne sefueillet mie.	Carlos dorme, o despertar não lhe devém.

LVII

Aprez icefte altre auifun funiat.	⁷²⁵ Depois disso, sonhou outra visão:
Q'1 en france [ert] a fa capele ad aif.	Que, em França, na capela de Aquisgrão,
el destre braz li morft unj uerf fi malj.	o destro braço lhe mordida um gramunhão,
deuerf ardene uit uenir unj leuparz.	e desde Ardenas, via vindo um leão;
Sun corf demenie mult fieremt afalt.	^{que} sobre ele investia a agressão.
Denz de fale unj ueltref aualat.	⁷³⁰ Desde a sala descendia um galgo cão,
Que uint a carles le galopf y lef falz.	veio a Carlos saltando em carreirão.
La destre oreille al pmer uer trenchat.	Amputou-lhe ao primeiro o orelhão,
Ireemt se cubat al lepart.	furioso, combate o leão.
Dient franceif que grant bataille i ad.	Francos dizem cruel batalha travarão,
Il ne feuent liquelf delf la ueintrat.	⁷³⁵ mas não têm, da vitória, a previsão;
carles se dort mie ne sefueillat. AOI.	Carlos dorme e não acorda não. AOI.

LVI. Os presságios cumprem a importante função de constituir a atmosfera dramática nos cantares de gesta. Nesse primeiro, a lança de freixo – madeira de alta densidade e, por isso, muito usada na construção de arcos e lanças – simboliza Roldão, com sendo a arma de impacto do Imperador.

719. *fizer* foi traduzido, no verso 583, como Cizer e aqui o fazemos como Cizer, com atenção ao ritmo do poema. Esse hiperbibasmo é intencional e não deve ser um procedimento estranho numa perspectiva rítmica para transmissão oral, nem do poema nem da tradução.

724. O *oppositum* consiste em apresentar uma mesma ideia com expressões opostas. É um dos poucos recursos retóricos presentes no poema. Paralelismo com o v. 736.

726. Para Aquisgrão, *vide* nota ao v. 36.

727. A palavra *uerf* tem compreensão não consensual entre os editores do cantar. Bédier (1927), lendo *uerf* (ou *vers*) como *urs* – porque no manuscrito a letra /u/ grafa-se também no lugar de /v/ – traduz como “urso”; Moignet (1985) e Riquer (2003) traduzem a palavra como javali, conforme é traduzida entrada *uer* no AND. Uma pequena variação, condizente com a grafia do manuscrito, *uerf*, é traduzida como “verme”, “réptil” ou “monstro”; não havendo orelhas o segundo (v. 732), nossa tradução nos aproxima do último; *vide* v. 2563.

728. Para a alteração de *leuparz* (leopardo), por leão, *vide* nota ao v. 30.

A hoste de Carlos Magno

LVIII

Trefuait la nuit y apt la clere albe.	^{Trans} corre a noite e amanhece a alba clara,
Par mi cel host [fuuët e menu reguarded]	pela hoste o seguiam com a vista,
Li emperes mult fieremt cheualchet.	o rei Carlos cavalgava com firmeza.
Seignurf baronf dist li empere carlef.	⁷⁴⁰ “Meus barões – disse o rei da Doce França –
Veez lef porz y lef destreiz passagesf.	observai essas passagens tão estreitas,
Kar me iugez ki ert en la reregarde	e indicai-me quem será minha retaguarda.
Guenef respunt Roll cist mienf fillastre.	“O Roldão!” – Galalão já respondia –
Nauetz baron de fi grant uaffelage.	“Não há barão com tamanha valentia.”
Quant ^{lot} li reif fierement le reguardet.	⁷⁴⁵ ^O rei escuta e severamente o fita,
Si li ad dit uof estef uiff diablef.	e lhe diz então: “Sois um diabo em vida,
el corf uof ≈ entree mortel rage.	tens o corpo afeito a mortal ira.
e ki ferat deuant mei en lanfguarde.	^E quem irá, defronte mim, como vanguarda?”
Guenef respunt oger de denemarche.	^{Diz} Galalão: “Ogiero, o da Dinamarca,
Nauetz barun ki mielz de lui la facet	⁷⁵⁰ ^{não} há barão melhor que ele pra formá-la.”

LVII (Ant.) – Esse presságio pode ser interpretado de duas formas: Numa perspectiva reiterativa, retoma significado semelhante ao presságio anterior, assim, o gramunhão seria Marsílio, o leão que o ajuda, seu tio, o Califa, e o cão que luta por Carlos seria Roldão. Numa perspectiva cronológica das premonições, considerando que a lança já foi quebrada por Galalão na anterior, essa visão anteciparia a última parte do cantar, o juízo de Galalão. Assim, o gramunhão seria Galalão, o leão Pinabel, quem luta por Galalão no duelo final e o cão seria Teodorico de Argona, quem luta em nome de Roldão no mesmo duelo.

737. Quarto dia na cronologia do cantar.

738. O segundo hemistíquio do verso está preenchido por mão de revisor. Riquer (2003, p. 117) propõe um preenchimento arbitrário: “...sonent mult halt ses graisle” (soam muito alto os clarins). Os demais editores consultados apresentam uma proposta lacunar, tanto na transcrição como na tradução. Admitimos a mão do revisor, segundo princípios expressos na nota à série XLVI.

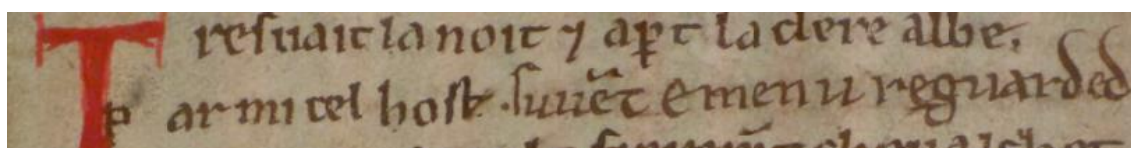


Figura 10: Ms. O. fl. 14r. vv. 738-739.

LIX

Li q ^e ñf Roll quant il foit iuger. AOI.	Ao se ouvir, conde Roldão, designado, AOI.
Dunc ad parled a lei de cheualer.	replicou à guisa de bom cavaleiro:
Sire paraſtre mult uof dei aueir cher.	“Muito hei, senhor padraſto, de querer-vos,
La rereguarde auez ſur mei_ iugiet.	pois me haveis, à retaguarda, indicado.
Ni pdrat carl li reif ki france tient.	755 Não perderá, Carlos, que da França é dono,
Men eſcientre palefreid ne deſtrer.	ciente eu, nem palafrém e nem destreiro.
Ne mul ne mule que de'et cheualcher.	Cavalgantes, nem mula, nenhum mulo,
Ne ni pdrat ne runcin ne ſumer.	nem pileca, nem rocim será perdido;
Que aſ eſpeeſ ne ſeit einz eſlegiet.	sem que antes com as espadas, vão pagados.”
Gueneſ reſpunt ueir diteſ iol fai bien. AOI.	760 Galalão diz: “Disso estou já convencido.” AOI.

LX

Quant ot Roll q'l ert en la rereguarde.	Quando ouviu Roldão que era a retaguarda,
Ireemnt parlat a ſun paraſtre.	furibundo, a seu padraſto ele falava:
ahi culuert maluaiſ hõ de put aire.	“Sacripanta, velhaco, estirpe baixa!
Quiaſ le guant me caiſt en la place.	Cr ^e eis que a luva cairia-me na praça?
cume fiſt a tei le baſtun deuant carle. AOI.	765 Como, com o baſtão, fizesteis na embaixada. AOI.

LIX. A retaguarda, além da defesa – pois ataques surpresa não se usam fazer pela frente – é também responsável por toda a carga dos pertences da hoste, como armas, mantimentos e demais haveres. Por essa razão, essa posição é a mais perigosa. Nessa série, Roldão mostra sua heroica simpatia pelo perigo, mostrando-se capaz zelar até pelo menos valioso dos animais, mas também uma carga de ironia ao dirigir-se a Galalão “à guisa de bom cavaleiro”.

756-758. Para cavalos, *vide* nota aos vv. 479-481.

LX. Roldão deixa o tom irônico da série anterior, explicitando a Galalão todo seu desafeto, sabendo que a indicação é motivada por vingança.

763. Moignet (1985, p. 74) esclarece que o termo *culuert* designa uma condição social baixa, entre a escravidão e a liberdade, mas que, sobretudo, em francês antigo, cobra um amplo sentido de injúria. A partir desse verso, o termo será recorrentemente empregado aos sarracenos, e sua tradução será variada.

765. Na série XXV, o que cai das mãos de Galalão é a luva (v. 333) e não o bastão. Um pequeno equívoco que, provavelmente, passasse despercebido pelo público que ouviu a cena há centenas de versos atrás, quiçá, numa função e dia anterior.

LXI

Dreiz emperere dijt Rolf le barun.
 dunez mei larc que uof tenez el poign.
 Men efciente nel me repuerunt.
 Que il me chedet cũ fijt a guenelun.
 de ja main deftre q'nt recut le bastũ
 Li emperej en tint fun chef enbrunc.
 Si duijt ja barbe y detoerjt sun gernun.
 Ne poet muer que def oilz ne plurt.

“Justo rei – diz Roldão, assaz barão –
 dai-me o arco que está em vossa mão.
 Ciente eu, não me dareis reprovação,
 por derrubá-lo, como fez o Galalão;
 770 de sua destra, recebendo o bastão.”
 O Imperador tinha os seus olhos ao chão,
 a faga a barba e torce o bigodão;
 vai chorar dos olhos por preocupação.

[LXII]

anprej ico i est neimej uenud.
 Meillor uaffal nout en la curt de lui.
 e dijt al rei ben lauez entendut.
 Li q'nf Rolf il ~ mult irafcut.
 La reregarde est iugee sur lui.
 Nauez baron ki iamaif la remut.
 dunez li larc que uof auez tendut.
 Si li truuez ki tref bien li aiut.
 Li reif li dunet y Rolf la recut.

Aproximou-se o Nemé ali então,
 775 melhor vassalo, na corte, outros não são.
 Disse ao rei: “Tendes já compreensão,
 muito irado está conde Roldão,
 a retaguarda ele tem indicação.
 Por trocá-lo não há outro barão,
 780 dai-lhe o arco que haveis posto em tensão;
 e buscai aqueles que o ajudarão.”
 O rei lhe dá e recebe-o bem Roldão.

773. Em trad. lit.: Não pode evitar de chorar dos olhos. Acerca do belíssimo primeiro verso do *Cantar de Mio Cid*: “*De los sos ojos, tan fuertementre llorando*”, Montaner (2000, p. 5) esclarece que, apesar de aparentemente redundante, essa expressão significa “chorar em silêncio”, ou seja, que o pranto se reduz às lágrimas, sem o acompanhamento de gestos, soluços e gemidos, tão comum em situações mais dramáticas da literatura medieval. Numa outra perspectiva, enquanto frase física, o pleonasma é admitido como recurso retórico para aumentar a carga dramática. É, de qualquer modo, uma fórmula muito comum nos cantares de gesta.

LXII – É consenso, entre os editores do cantar, enumerar aqui uma série nova, embora, no manuscrito, não haja ocorrência da letra capitular, o que coloca em suspeição a necessidade de apartar os versos 774 a 782 da série anterior. Isso posto, em todo caso, optamos por seguir a numeração usual a fim de não dificultar futuros estudos comparatísticos entre as edições e, igualmente ao manuscrito, mantivemos a mesma assonância da série LXI.

780. Moignet (1985, p. 77) aponta o extranhamento que causa ao leitor a presença de um arco na mão de Carlos Magno, sendo esta, sob o ponto de vista cavaleiresco, uma arma pouco valorizada, diferente do que ocorria antes do século X e, provavelmente, em tempos do império franco. Remonta, de qualquer modo, uma tradição muito antiga, cujo pleno sentido, aqui no contexto do cantar, nos escapa.

LXIII

Li empereſ apelet ſeſ nieſ Rold.
 Bel ſire nieſ or ſauuez ueirement.
 demi mun hoſt uoſ lerrai en pſent.
 Retenez leſ co ≈ uoſtre ſaluement.
 co dit li quenſ io nen ferai nient.
 d’ſ me éfunde ſe la geſte en deſment.
 .xx. milie francſ retendrai ben uaillanz
 paſſez leſ porz treſtut ſourement
 Ja mar crendrez nul hume a mun uiuant.

^o Imperador a Roldão, o seu sobrinho,
 diz: “Em verdade, sobrinho, é sabido,
 785 meia hoste haveis por oferecido,
 nela há salvação do precavido.”
 Disse o conde: “Em nada a necessito,
 Deus me perca se a gesta eu desminto.
 Vinte mil francos quero destemidos,
 790 ^{em} segurança, passai aquele átrio;
 não temais homem enquanto eu for vivo.”

LXIV

Li quenſ Rold eſt muntet el deſtrer. AOI.
 cuntre lui uient ſiſ cūpainz oliuer.
 vint i gerīſ y li pz quenſ gererſ.
 e uint i oteſ ſī i uint berengerſ.
 y uint i aſtorſ y anſeiſ li ueillz.
 Vint i gerart de roſſillon li fierſ.
 Venuz i ≈ li richeſ dux gaifierſ.
 Diſt larceuesq; io irai par mun chef.
 E io od uoſ co diſt li quenſ gualterſ.
 hō ſui Rold io ne li dei failir.
 entre ſ eſliſen .xx. milie cheualerſ. AOI.

Já montou, conde Roldão, no seu destreiro, AOI.
^a seu encontro foi seu par, o Oliveiro.
^o nobre Gerson, com Geraldo, o conde, veio,
 795 mas o Otto e o Berenguer primeiro.
 Veio Astor e o Anselmo já tão velho,
 e, de Rossilhão, Girard, tão altivo;
 também veio o rico duque Gaifeiro.
^o Arcebispo disse: “Eu vou, por meu pelego!”
 800 ^E o conde Gualter diz: “Também eu vou de esteio!
 Homem seu, Roldão, eu sou não me meneio.”
 Entre estes, vinte mil os cavaleiros. AOI.

788. Para gesta *vide* p. 21.

790. Esse *porz* (átrio) se refere ao pórtico de Cizer (*vide* nota ao v. 583) que simbolicamente separa, no cantar, os reinos da Espanha e de França, no porto do alto das montanhas de Roncesvales.

798. O Duque Gaifeiro, conforme traduzimos, é um personagem histórico documentado entre os anos de 745 e 768, portanto, ligeiramente anacrônico. Era duque de Aquitânia e sua fortuna se tornou lendária, por isso o epíteto. Está integrado às lendas épicas francesas e protagoniza ainda muito romances posteriores.

800. Gualter está identificado, por tese de Rita Lejeune (1957, *apud* Moignet, 1985, p. 79; Riquer, 2003, p. 122) a *Gautier de l’Hum*. Esse personagem é o herói de um antigo poema épico latino do século X, *Waltharius manus fortis*, cujos sucessos se passam no século V, na Aquitânia visigótica. O argumento dessa gesta é que *Waltharius*, filho do governador de Aquitânia, haveria sido levado como refém por Átila, rei Huno que invadira aquelas terras por impostos e contra quem *Waltharius* lutará singularmente, saindo vitorioso. Esta seria a origem do sobrenome *de l’Hum* (o Huno), ou poderia simplesmente evocar o fato de ser *l’Hum* (o Homem) de Roldão (v. 801).

LXV

Li quenſ Rolſ gualter del hum apelet.
 pnez mil francſ de france norë tere.
 Si purpnez leſ deſerz e leſ tertref.
 Que lempere niſ um deſ foenſ ni pdet. AOI.
 Reſpunt gualter pur uoſ le dei ben faire.
 od mil franceiſ de france la lur tere.
 gualter deſrenget leſ deſtreiz y leſ tertref.
 Nen deſcendrat þ maluaiſeſ nuueleſ.
 enceiſ quen ſeient .vii.c. eſpeeſ traiteſ.
 Reiſ almarif del regne de belferne.
 Vne bataille lur liürat le iur peſme.

O Roldão já chamou Gualter, o Huno:
 “Eis da França, nossa terra, esses mil francos,
 805 ocupai as montanhas e os ermos,
 para que, nenhum do rei seja perdido.” AOI.
 Gualter diz: “Por vós, eu devo bem fazê-lo!”
 Com ele, da sua terra, a França, vão mil francos.
 Já se destacam por cerros escarpados,
 810 nem por novas más, dali serão baixados
 sem que antes hajam gáudios bem brandidos.
 Almaris, que Belferna tem por reino,
 naquele dia os deu um combate pavoroso.

803. Segundo a leitura de Waters (1930, p. 97), originalmente estava escrito *del hum*, mas posteriormente o *h* foi apagado e alterado por *l*.

805. A maioria dos editores do cantar – dos consultados, exceto Moignet (1985) – transcrevem *deſtreiz* (desfiladeiros) em lugar de *deſerz* (desertos), conforme lê-se no manuscrito, pressupondo, com isso, um lapso do copista, o que se confirmaria pelo segundo hemistíquio do v. 809. Concordando com Moignet (*op. cit.*), admitimos ser possível manter o termo original. Traduzimos, contudo, *deſerz* por “ermos” a fim de não lhe atribuir um sentido de características geográficas.

810-813. Antecipação.

II- A DERROTA

A hoste nos Pirineus

LXVI

halt junt li pui e li ual tenebruf.	Altos os montes e os vales, tenebrosos;
Lef rochef bifej lef deftreiz merueilluf.	⁸¹⁵ negras rochas, sublimes os penhascos,
Le iur pafferent franceif a grant dular.	^{na} quele dia, em suplicio, os cruzam francos;
de .XV. liuf en ot hõ la rimur.	ouve-se o rumor desde uns quinze sítios.
puij que il uenent a la tere maiur.	A sua Terra Maior já são chegados,
Virent guafcuigne la tere lur feignur.	Gascunha viram, seu senhor é o dono.
dunc le remembret def fiuf y def hon ^a f.	⁸²⁰ Dos seus feudos e então dos seus domínios,
y def pulcele y def gentilz oixurf.	^e das donzelas e esposas vão lembrando;
cel nen i ad ki de pitet ne plurt.	não há quem ali não chore consternado.
Sur tuz lef altres eft carl anguijuf.	Mais que os outros Carlos vai angustiado,
af porz despaigne ad leffet fun neuold.	pois deixara, na Espanha, seu sobrinho;
pitet len pnt ne poet muer nen plurt. AOI.	⁸²⁵ foi tomado em dor, já não evita o pranto. AOI.

LXVII

Li .xii. per junt remef en espaigne.	^{Os} doze pares ficaram na Espanha,
xx. milie francj unt en lur cūpaigne.	e dos francos vinte mil os acompanham,
Nen unt pour ne de murir dutance.	que, da morte, não têm medo ou covardia.
Li empere jen repairet en france.	^O Imperador se aproxima já da França,
Suz fun mantel en fait la cuntenance.	⁸³⁰ sob o manto ele esconde sua angústia.
deiuſte lui li dux neimef cheualchet.	Ao seu lado, Nemé, o duque, cavalga,
e dit al rei de quei auez peſance.	e inquiri ao rei: “O que é que vos assola?”
carl respunt tort fait kil me demandet.	Carlos diz: “Mal faz quem me o pergunta!
Si ġnt doel ai ne puij muer nel pleigne.	Minha dor é tal, só posso lamentá-la.

817. A maioria dos editores, excetuando-se Moignet (1985) entre os consultados, transcreve *liues* (léguas) em lugar de *liuf* (lugares), como está no manuscrito. Prescindimos dessa correção.

818. *Vide* nota ao v. 600.

820. Aqui a correção é impositiva: em lugar do artigo *le*, que não ostante transcrevemos conforme o manuscrito, supomos o possessivo *lur*, o qual traduzimos. Lapsos do copista.

830. O sentido de *cuntenance* (semblante, comportamento) aqui é metafórico, e invoca a angústia estampada no seu rosto pelos premonitórios sonhos que o afligem.

par guenelun ferat destruite france.
 enoit mauint un auifjun dangelé.
 Quentre mef puinz me depecout ma hanfte.
 chi ad iuget miſ nef a^{la} reregarde.
 Jo lai leſſet en une eſtrange marche.
 d’ſ je iol pt ia nen aurai eſcange. AOI.

⁸³⁵ Por Galalão, será a França destruída,
 tive à noite uma visão por anjos vinda:
 Que das mãos foi quebrada minha lança,
 por quem indicou, meu sobrinho à retaguarda.
 Eu deixei ele numa estranha marca,
⁸⁴⁰ se o perder, não me consolarei com nada!” AOI.

LXVIII

Carlef li magneſ ne poet muer nen plurt.
 .c. milie francſ pur lui unt grant tendrur.
 e de Rolſ merueilluse pour.
 Gueneſ li feſ en ad fait traifun.
 del rei paien en ad oud granz dunſ.
 or y argent palief y ciclaturſ.
 Muſ y cheualſ y cameilz y leunſ.
 Marſilieſ mandet deſpaigne leſ barunſ.
 cuntet uezcuntet y dux y almacurſ.
 Leſ amirafleſ y leſ filz aſ cunturſ.
 .iiii. c. milie en aiuſtet en .III. iurz.
 en farraguce fait funer ſeſ taburſ.
 Mahumet leuent en la pluſ halte tur.
 Ni ad paien nel pt y nel aort.
 puiſ jñ cheualchent par mult grāt čtencun.
 La t’e certeine y leſ ualſ y leſ munz.
 de celſ de france uirent leſ gunfanunſ.
 La reregarde deſ .xii. cūpaignunſ
 Ne leſſerat bataille ne lur dunt.

Carlos Magno não evita o seu pranto,
 sentem comoção, por ele, cem mil francos,
 e por Roldão, um receio horroroso.
 Galalão, o traidor, foi um perjuro,
⁸⁴⁵ do rei pagão recebeu grandes regalos:
 De ouro e prata, a seda e os brocados,
 leões, camelos e mulas e cavalos.
 Da Espanha, Marsílio chamou todos:
 Duques, condes, alcaçores, dignitários,
⁸⁵⁰ os Emires e, dos nobres, os seus filhos.
 Quatrocentos mil em três dias juntados,
 em Saragoça, os tambores são tocados,
 Maomé, na alta torre, é elevado,
 não há pagão que não ore o adorando.
⁸⁵⁵ Já cavalgam com muito grande empenho
 pelos campos, por vales, pelos cerros;
 logo viram o gonfalo dos francos.
 A retaguarda dos doze companheiros,
 não deixará, não deixará, de combatê-los.

852. A presença dos tambores de Marsílio no cantar foram determinantes para estabelecer a tese do limite de anterioridade de sua composição, *vide* pp. 39-41.

856. *t’e* é elisão de *terre*; A expressão *La terre certeine* suscitou diversas dúvidas e traduções, as mais variadas. Aceitamos a hipótese de Mc Millan (1949) acerca do v. 1704 da *Chanson de Guillaume*: “[Guilherme] vai dar-lhes batalha em terra firme” (*A terre certeine lur vint estur doner*). Admitindo a similaridade semântica da expressão entre os cantares, consideramos que todo o enredo da *Chanson de Guillaume* se passa numa dualidade topográfica: em *Aspremont*, identificada com o município de Argenton, região litorânea próxima de Barcelona, e a *terre certeine*, considerada terra firme, afastada do litoral. Na *CHR*, a *terre certeine* significaria, portanto, toda a planície que se estende desde Saragoça (*vide* notas ao v. 6) até o pé dos Pirineus.

857. Para classificação dos signos militares, *vide* nota ao v. 190.

859. A epizeuxe compensa a métrica deficitária do verso em Anglo-Normando, mantendo estrito o sentido.

LXIX

Li nief marçilie il ≈ uenuz auant.	860 Avançou o sobrinho de Marsílio,
Sur un mulet od un bařtun tuchant.	com um bastão, açoitando o seu mulo;
Dift a fun uncle belement en riant.	disse ao tio, tão alegre, assim sorrindo:
Bel fire reif io uof ai feruit tant.	“Belo rei e senhor, já os servi tanto,
Sin ai out y peines y ahanř.	e sofri muitas penas, infortúnios.
Faites batailles e uencues en chăp.	865 Já batalhas vos dei, venci nos campos,
Dunez mun feu co ≈ le colp de Roll.	a Roldão, o golpe, dai-me como feudo;
Jol ocirai a mun eřpriet trenchant.	com esta lança, afiada, matarei-o.
Se mahumet me uoelt eřtre guarant.	E se Mamomé quiser-me protegido,
des porz despaigne entresqua dureřtant	desde o átrio da Espanha até Durango,
de tute espaigne aq’terai les panř.	870 ^{em} toda a Espanha livrarei os califados.
Laf ferat carl ři recerrunt ři frăc.	Farto Carlos, render-se-ão os francos;
Ja naurez maiř guere en tut uořtre uiuant.	não tereis mais guerra enquanto fordes vivo.”
li reif marçilie len ad dunet le quant. AOI.	Deu-lhe a luva então o rei Marsílio. AOI.

LXX

Li nief marçilies tient le quant en fun poign.	O sobrinho de Marsílio <i>enluva</i> a mão,
Sun uncle apelet de mult fiere raifun.	875 fala ao tio com altiva sua razão:
Bel fire reif fait mauez un grant dun.	“Belo rei, senhor, me deste um grande dom,
eřlizez mei .xii. de uoz barunř.	escolhei-me doze, cada um, barão;
Sim cūbatrai ař .xii. cūpaignunř.	^{comb} baterei, assim, os doze dos cristãos.

866. A expressão “*feu co est*” (como feudo) poderia traduzir-se por “como vosso dom”, ou ainda, “como um privilégio”, que é o direito ao “*le colp de Roll*” (o golpe a Roldão), o que pressupõe ser um primeiro golpe, seja na batalha, seja contra o chefe inimigo; uma alta honraria disputada entre os guerreiros mais jovens.

869-870. Todas as edições consultadas invertem a ordem desses versos sem haver nenhuma indicação disso no manuscrito (*vide* nota aos vv. 73-74), nem justificativa em nota. Riquer (2003, p. 128) ainda altera o verso 869, omitindo a epanalepse, corrigindo “*des porz despaigne*” (desde os átrios da Espanha) por “*des porz d’Aspre*”. Quanto à topografia *Dureřtant*, consideram irreconhecível Riquer (2003) e Moignet (1985, p. 84). A identificamos com Durango, ou *Merindad de Durango* um comarca de *Vizcaya* no país Vasco, extremo Norte da península ibérica, cujos primeiros registros com essa toponímia datam de 1050. Para essa identificação, consideramos que os “*porz despaigne*” (átrios da Espanha) pudessem fazer referência ao extremo Sul da península, que foi a porta de entrada das tribos bérberes do Norte da África, os primeiros muçulmanos a invadirem aquela região. Sob essa hipótese, compreendemos que o cantar traça um meridiano de Norte a Sul dos domínios de *Al-andalus* que se reafirma no verso seguinte.

874. “*tient le quant en fun poign*”, em trad. lit.: tem a luva na sua mão.

tut þmerein len reþpunt falþaron.
 Icil ert frere al rei marþiliun.
 Bel þire nieþ e íó e uoþ í irum
 ceþte bataille ueirement la ferum.
 La reregarde de la grant hoþt carlun.
 þl ~ iuget que nuþ leþ ocirum. AOI.

“Pri-meiramente – lhe responde Falaþrão,
 880 que do rei Marsílio era outro irmão –
 vou contigo, meu sobrinho, não abro mão,
 em verdade ali daremos-lhes ação.
 Carlos tem, na retaguarda, um esquadrão,
 da-remos morte a eles, é a decisão!” AOI.

LXXI

Reiþ corþaliþ il ~ del altre part.
 barbarinþ eþt y mult de maleþ arz.
 cil ad parlet a lei de bon uaþþal.
 pur tut lor deu ne uolt eþtre cuard.
 Aþ uoþ poignant malþmif de brigant
 pluþ curt a piet que ne fait un cheual.
 deuant marþilie cil þeþcriet mult halt.
 Jo conduirai mun corþ en renceþualþ.
 Se truiþ Rold ne lerrai que nel mat.

885 Rei Corsálio está do outro lado,
 é um bérbere de péssimo artifício;
 ele disse à guisa de um bom vassalo:
 “Não serei polþrão nem por divino ouro!”
 Eis veloz, Malprimis, o de Barbastro,
 890 corre à pé muito mais que um cavalo!
 Diante de Marsílio, grita muita alto:
 “A Roncesvales levarei esse meu corpo,
 se Roldão eu vir, não deixo de matá-lo!”

LXXII

Vnþ amurafleþ i ad de balaguez.
 corþ ad mult gent elz uiþ fier y cler.
 puþ que il ~ þur þun cheual muntet.
 Mult þe fait fierþ de þeþ armeþ porter.
 de uaþþelage ~ il ben aloþez
 fuþt xpþtienþ aþez ouþt barnet.
 deuant marþilie cil en ~ eþcriet.
 en renceþualþ irai mun corþ iuer.

Era ali, de Balaguer, um grande Emir,
 895 rosto claro e altivo, seu corpo gentil.
 Quando sobre seu cavalo ele montou,
 levando as armas se o vê tão varonil.
 Por valor, fama se lhe atribuiu,
 se cristão fosse, era todo brio.
 900 Diante de Marsílio arma um griterio:
 “Em Roncesvales o meu corpo vai surgir,

LXX-LXVIII A partir da investidura do sobrinho de Marsílio com a luva, o que pressupõe o mando da vanguarda, ele solicita seus 12 pares sarracenos com que fazer frente aos pares cristãos. Seguem-se oito séries de apresentação desses personagens insólitos que segue uma fórmula similar e crescente: nome ou título de nobreza, lugar de origem, descrição do personagem e presunção da atuação na batalha, em cuja performance nota-se uma intensificação gradual nas séries. Esses pares serão também formularmente mortos nos versos 1187-1337, pela mesma ordem de apresentação, exceto Margarino, que consegue fugir.

880. “*Icil ert frere*” indica apenas que Falaþrão, conforme traduzimos, era irmão de Marsílio; “outro irmão” implica considerar o pai do sobrinho.

882. “Ação” aqui, porque traduzimos *bataille*, pressupõe uma ação militar.

889. Barbastro é um município da província de Huesca, em Aragão.

894. Balaguer é um município da província de Lérida, na Catalunha.

Se truíf Rollant de mort ferat finet.
 Y oliuer y tuz lef .xii. perf.
 Franceif murrunt a doel y aultiet.
 carlef li magnef uelz ~ y redotez.
 Recreanz ert de ja guerre mener.
 e in⁹ remeindrat espaigne en q' tedet.
 Li reif marfilie mult len ad merciet. AOI.

se Roldão eu vir de morte o vou ferir,
 e Oliveiro e todos os doze bis;
 em dor e pejo vão os francos se extinguir.
 905 Carlos Magno é caquético e senil,
 temerá a sua guerra resistir;
 em liberdade vai a Espanha ressurgir!”
 Rei Marsílio, agradecido, assentiu. AOI.

LXXIII

Unf almacurf i ad de moriane.
 Nad pluif felun en la tere despaigne.
 Deuant marfilie ad faite ja uantance.
 en rencefulf guierai ma cumpaigne.
 .xx. milie ad efcuz y a lancef.
 Se troif Rollant de mort li duinf fiance.
 Jamaif nert ior que carlef ne se pleignet. AOI. 915

É ali um almaçor de Moriana,
 910 não há mais falaz na terra da Espanha;
 diante de Marsílio faz sua jactância:
 “^A Roncesvales levarei minha campanha,
 vinte mil com seus escudos, suas lanças.
 Se a Roldão eu vir, da morte dai fiança!
 Não haverá dia que Carlos não padeça.” AOI.

LXXIV

Daltre part est turgif de turtelufe.
 cil est unf quenf fi est la citet fue.
 De xpñf uoelt faire male uode.
 deuant marfilie af altres fi ja iuft.
 co dist al rei ne uof esmaiez unchef.
 pluif ualt mahũ que feint pre de rume.
 Se lui feruez lonur del cãp ert noftre.
 en rencensualf a Rollant irai iuindre.
 De mort naurat garantifun p`hume.
 Veez mespee ki est y bone y lunge.
 A durenal io la metrai encuntre.
 Afez orrez laquele irat defure.

Do outro lado está Turgão de Tortelosa,
 ele é conde e a cidade é sua;
 quer levar os cristãos a sua desgraça.
 Diante de Marsílio aos outros se assoma,
 920 e diz ao rei: “Não desmaieis jamais ou agora!
 Maomé vale mais que Pedro em Roma,
 se o servir será do campo nossa a glória.
 Em Roncesvales de Roldão eu vou em busca,
 de sua morte então nada o preserva.
 925 Vede o quão longa e boa é minha espada,
 contra Durindana eu irei usá-la;
 ouvireis de qual então será a vitória.

909. Moriana está localizada na província de Burgos, em Castilha e Leão.

916. Tortelosa corresponde a Tortosa, na província de Tarragona, na Catalunha.

926. *Durenal* é o nome da espada de Roldão, a que traduzimos por “Durindana”, conforme aparece na versão da lenda nos cordeis dos cantadores nordestinos. O nome em AN parece derivar do árabe, como referência ao brilho de sua lâmina, *Du l'andar* (Riquer, 2003, p. 133, n.926).

Franceis murrunt jī a nuf sabandunent.
 carlef li uelz aūrat y deol y hunte.
 Jamaif en tere ne porterat curone.

Morrerão se nos enfrentam os da França,
 sentirá Carlos, o velho, dor e infâmia;
 930 ^J“mais na Terra levará outra coroa.”

LXXV

De laltre part .ē. eſcremiz de ualterne.
 Sarrazinſ .ē. jī eſt ſue la tere
 Deuant marſilie ſeſcriet en la pſſe.
 en renceſualſ irai lorgoill deſfaire.
 Se troiſ Rollant nen porterat la teſte.
 Ne oliuer ki leſ altreſ cadelet.
 Li .xii. per tuit ſunt iugez a pdre.
 Franceiſ murrunt y France en ert deſerte.
 De bonſ uaſſalſ aūrat carlef ſuffraite. AOI.

Do outro lado, o Excremildo de Valterra,
 é sarraceno e aquela é sua terra.
 Diante de Marsílio a toda gente grita:
 “^{Em} Roncesvales desfarei toda soberba,
 935 se eu vir Roldão, rolar vai sua cabeça,
 como a de Oliveiro que aos demais caudilha.
^{Os} doze pares os condeno à agonia,
^{com} francos mortos, deserta será França;
 Carlos não terá mais seus bons todavia. AOI

LXXVI

Daltre part eſt unſ paienſ eſturganz.
 eſtramariz i eſt un ſoenſ cumpainz.
 cil ſunt felun traitur ſuduiant.
 co diſt marſilie ſeign^aſ uenez auant.
 en renceſualſ irez aſ porz paſſant.
 Si aiderez a cunduire ma gent.
 e cil reſpudent ^{sire} aiūre comandernt.
 Nuf aſaldrum oliuer y rollant.
 Li .xii. per naurunt de mort guarant.
 Noz eſpreeſ ſunt boneſ y trenchant.
 Nuf leſ ferūſ uermeilleſ de chald ſanc.
 Franceiſ murrunt carlef en ert dolent.
 Tere maiur uoſ metrū en preſent.
 Venez i reiſ ſil uerrez ueirement.
 Lempeor uoſ metrū en preſent.

940 O pagão Esturgão é do outro lado,
 é Estramarim, que é dele um conluiado;
 enganosos, traidores, leoninos.
 “Achegai, meus senhores – diz Marsílio –
^{em} Roncesvales cruzareis ali os seus átrios,
 945 ^e ajudareis a conduzir os meus soldados.”
 Eles dizem: “Sim, senhor, vosso comando:
 O Oliveiro e o Roldão assaltaremos,
^e os doze pares serão exterminados!
 Nossos gládios tão bons e afiados,
 950 voltarão de quente sangue avermelhados;
 mortos francos e Carlos arrasado.
^A Pátria-Mãe vos daremos por regalo,
 vinde, oh Rei, e vereis em vero fato,
^o Imperador, vos traremos subjugado!”

931. Para Valterra, *vide* nota ao v. 199.

952. Para “Pátria-Mãe”, *vide* nota ao v. 600.

LXXVII

Curant i uint margariz de fibilie.	955 Vem correndo o Margarino de Sevilha,
cil tient la tere entre quaſ cazmarine.	que a possui até as Camarinhas.
pur ſa beltet dameſ li ſunt amieſ.	É tão belo que as moças lhe admiram,
cele nel ueit uerſ lui ne ſeſclargiſſet.	as que o veem, seus rostos iluminam,
Quant ele le ueit ne poet muer ne riet.	° quando o veem, não há a que não sorria;
Ni ad paien de tel cheualerie.	960 não há pagão que é com tal cavalaria.
Vint en la preſſe ſur leſ altreſ ſeſcriet.	No tropel, grita mais que a maioria,
e diſt al rei ne uoſ eſmaiez mie.	° diz ao rei: “Não desmaieis todavia!
en renceſualſ irai roſ ocire.	^{Em} Roncesvales, de Roldão termino os dias,
Ne oliuer nen porterat la uie.	^{nem} Oliveiro sairá de lá com vida;
Li .xii. per ſt’ remeſ martirie.	965 ^{os} doze pares ao martírio se destinam.
Veez meſpee ki dor eſt enheldie.	Vede a guarda de ouro dessa espada,
Si la tramiſt li amiralz de pmeſ.	que me foi, por um Emir bem regalada,
Jo uoſ pleuiſ quen ũmeill ſanc ert miſe.	juro que em vermelho sangue vem tingida.
Franceiſ murrunt y France en ert hunie.	Francos mortos e a França humilhada,
carleſ li uelz a la barbe flurie.	970 ^{e o} velho Carlos, com a sua barba florida,
Jamaiſ nert iurn q’l nen ait doel y ire.	não terá dia que não lamente em ira.
Juſqua un an aũrum france ſaiſie.	Em um ano será a França conquistada,
Gefir porru el burc de ſeint deniſe.	de <i>Saint-Denis</i> faremos nossa morada;
Li reiſ paienſ parfundement lenclinet. AOI.	^{pro} fundamente, o rei pagão se inclinava. AOI.

LXXVIII

Del altre part eſt chernubleſ de munigre.	975 De outro lado vem Chernublo de Monegros,
Juſqua la tere ſi cheuoeſ li balient.	até o chão, lhe ondulam os cabelos.
Greignor faiſ portet par giu quant il ſenuieiſet	^{Por} diversão, quer levar um maior peso,
Que .iiii. mulez ne funt q ^{ant} il ſumeient.	que nem mesmo suportam quatro mulos.
Jcele tere co dit dũ il eſteit.	Dizem que naquela terra de onde é vindo,

955. Moignet (1985, p. 88) aponta que *Margariz*, em gr. Bizantino, significa “infiel”, “proscrito”.

956. A correspondência de *Cazmarine* com Camarinhas, ao Norte de Santiago de Compostela, é uma hipótese apontada por Moignet (1985, p. 88). Em todo caso, de Sevilha até Camarinhas seria um domínio muito extenso, cortando o Oeste da Espanha de Norte a Sul.

966. A “guarda” (*enheldie*) é a proteção que recobre o punho da espada, guardando a mão de quem a esgrima.

973. *Saint-Denis*, localizada no subúrbio de Paris, foi capital da França em tempos carolíngios.

975. *Los Monegros* é uma cormarca de Aragão, uma região árida de clima semi-desértico.

Soleill ni luiſt ne blet ni poet paſ creiſtre	980 ° sol não luz e não cresce nem o trigo,
pluie ni chet ruſee ni adeiſet.	nem a chuva cai, nem mesmo o orvalho,
piere ni ad q ^e tute ne ſeit neire.	nem há seixo que não seja todo negro;
Dient alquanz que diableſ i meignent.	há quem diga que habita ali o Diabo.
ce diſt chernubleſ ma bone eſpee ai ceinte.	“Eu cingi minha boa espada - diz Chernublo -
en renceſualſ io la teindrai ũmeille.	985 ^{em} Roncesvales vou tingi-la em tom rubro!
Se troiſ roll li pz enmi ma ueie	Se o audaz Roldão eu vir no meu caminho,
Se ne laſaill dē ne faz io que creire.	° não lhe ataco, não sou digno de ser crido!
Si cunquerrai durenal od la meie.	Com a minha, a Durindana a consigo,
Franceiſ murrunt y France en ert deferte.	será a França deserta e os francos mortos.”
Aicez moz li .xii. ſalient.	990 Já reúnem-se os doze, isto dito,
Jtelf .c. milie ſarrazinſ od elf meinent.	^{os} acompanham uns cem mil sarracenos,
Ki de bataille ſarguent y haſteient.	que à batalha vão prestos e animados;
Vunt ſaduber defuz une ſapide.	vão armar-se sob um bosque de pinheiros.

Primeira alteração entre Roldão e Oliveiro

LXXIX

Païen ſadubent def oſbcſ ſarazineiſ.	Os pagãos vestem lorigas sarracenas,
tuit li pluſur en ſ ^t (dublez en treiſ).	995 ^a maioria é de tripla espessura.
Lacent lor elmeſ mult bonſ ſarraguzeiſ.	Vestem elmos tão bons de Saragoça,
ceignent eſpeeſ del acer uianeſ.	^{de} vianês o aço, cingem suas espadas.

975. (Ant.) *Chernubleſ* sugere referências obscuras, *vide* vv. 980-983. É possível que o nome *Chernubleſ* tenha uma relação etimológica com *chorni* (negro, escuro), de diversas línguas eslavas, e com *nubleſ* (nublado), em Anglo-Normando, de acordo com a aparência de Monegros, a terra de onde é vindo. 994-998. No cantar, o armamento dos sarracenos, sempre forjados na Espanha, como signo de qualidade (*vide* nota ao v. 2091), segue o modelo dos cristãos, um armamento extremamente pesado (*vide* nota ao v. 384). As lorigas *dublez en treiſ* (de três dobras), certamente exageradas, são reforçadas com três camadas de malha de aço, como aquelas que vestiam os covardes infantes de *Carrion* no *Cantar de Mio Cid*. Já na *Chanson de Guillaume*, não por covardia, mas por desmesura do próprio personagem e do inimigo, “Reginaldo diz: ‘Dai-me sete escudos!’ / E com sete lorigas cobre o corpo. / Na cabeça veste sete agudos elmos, / toma o seu porrete e vai a seu encontro.” (*Dist Reneward*: “*Baillez me set escuz!*” / *E set halbercs ad en sun dos vestuz, / E sun chef ad mis set healmes aguz, / Prent sun tinel, si vait encuentre lui*, vv. 3243-3246). Para *oſbcſ* = *osberc* (loriga). Para o aço vianês das espadas, considere-se a forja em Viana, Navarra. 995-996. No manuscrito fica claro que o copista se equivoca no segundo hemistíquio do v. 995, copiando ali o atributo de origem dos elmos, *ſarraguzeiſ*. A solução parece impor-se como três hemistíquios ao v. 996, iniciando-o com o atributo das lorigas, *dublez en treiſ*, omitido no v. 994, seguindo com uma pontuação excepcional dentro do verso e o início da apresentação dos elmos, estes sim, *ſarraguzeiſ*. Sendo tão claro o lapso do copista e por dificuldades de diagramação de um verso tão longo como o v. 966, optamos por proceder à adequação, como a maioria dos editores.

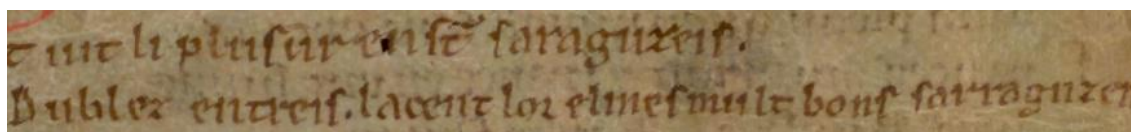


Figura 11: Ms. O fl. 18v. vv. 994-995.

efcuz unt genz efpiez ualentineif.	Os escudos belos, lanças de Valência,
e gunfanunf blancf y bloif y uermeilz.	o gonfalo tem cores branca, azul e vermelha.
clerf fut li iurz y belf fut li foleilz.	Claro é o dia e bela é a aurora,
Nunt garnement q ^e tut ne reflambeit.	não há armas que de todo não reluza.
Laijfent lef mulf y tuz lef palefreiz.	1000 Deixam seus palafréns e suas mulas,
ef deftrerf muntent jī cheualchent efreiz.	nos destreiros montam, estreita é a cavalgada.
Sunent mil graillef por co q ^e pl ³ bel feit.	Mil clarins soam e em tudo há mais beleza,
Granz .ě. la noiſe fil oirent franceif.	1005 o estrondo é forte, ouvem os da França.
Diſt oliuer fire cūpainz ce crei.	“Companheiro, eu creio – Oliveiro fala –
de farrazinſ purū bataille aueir.	que os sarracenos nos possam dar batalha.”
Reſpont Rolł y d’f la nuſ otreit.	Diz Roldão: “Pois que Deus nos a conceda!
Ben deuunſ ci eſtre pur nrē rei.	Aqui estaremos, ao rei, em deferência,
pur ſun ſeignor deit hō ſuffrir deftreiz	1010 o vassalo deve ao seu senhor angústias,
y endurer y granz chalz y granz freiz.	suportar grandes calores e friúras;
Sin deit hō pdre y del quir y del peil.	deve, o homem, perder couro e cabeleira.
Or quart chaſcunſ que granz colpf lempleit.	Cada qual seu melhor golpe asseste agora,
Que maluaiſe cancun de n ³ chantet ne feit.	que não cantem de nós canção maldosa.
Paien unt tort y xpïenſ unt dreit.	1015 Têm pagãos o mal, cristãos têm a justiça,
Maluaiſe eſſample nen ferat ia de mei. AOI.	mau exemplo de mim não há notícia!” AOI.

LXXX

Oliuer ≈ defur un pui [haut mütet]	Sobe numa alta colina Oliveiro,
Guardet ſu[z] deftre p mi un ual herbuſ.	à direita olha para um vale herboso,
Si ueit uenir cele gent paienur.	aquela gente pagã então vê vindo,
Sin apelat Rolł ſun cūpaignun.	1020 logo chama a Roldão seu companheiro:
Deuerſ eſpaigne uei uenir tel bruur.	“Da Espanha vejo vir grande tumulto,
tanz blancf oſbercs tanz elmeſ flambiuſ.	brilham brancas lorigas, brilham elmos!

998-999. Essas descrições poéticas da luminosidade é uma fórmula recorrente da estética épica, sempre sugerindo a valorização o caráter bélico nessa visão de mundo.

1009-1016. Nesses versos, Roldão apresenta-se em seu temperamento épico, próprio de um herói. A coragem como virtude máxima, o ímpeto à batalha quase juvenil, frente a como se comportará Oliveiro na série seguinte, e a vaidade estão nele patentes.

1015. Verso lapidar na abordagem do contexto do direito feudal em que o autor imprimiu seu poema. Para além de um espírito cruzado – que Menéndez Pidal quis refutar (*vide* nota aos vv. 1117-1119 e 1129) – dos cristãos é a justiça porque Marsílio é um traidor, que jurou converter-se e fazer-se vassalo de Carlos, mas, não obstante, tratou com outro traidor, Galalão, o ataque à retaguarda. Nesse verso temos o parecer conceitual de Roldão acerca do que sejam esses direitos e deveres entre senhores e vassalos da época do autor, o que veremos perpassar todo o desenvolvimento do poema.

Jciſt ferunt noſ franceiſ grant irur.	Causarão grande tormento aos nossos francos,
Gueneſ li ſout li fel li traitur	Galalão o sabia, o falso, infido,
Ki nuſ iugat deuant lempeur.	1025 ^{por} isso ante o rei nos quis designados!”
taif oliuer li quenſ rolſ reſpunt.	Respondeu o Roldão: “Calai, Oliveiro!
Miſ parraſtre .ě. ne uoeill que mot en funſ.	Eu não quero que o mencione, é meu padraſto!”

LXXXI

Oliuer eſt deſur un pui muntet.	Oliveiro subiu numa colina,
or ueit il ben deſpaigne le regnet.	vê agora bem o reino da Espanha,
E ſarrazinſ ki tant ſunt aſemblez.	1030 e a hoſte ſarracena aglomerada.
Luiſent cil elme ki ad or ſunt gêmez.	^{De} ouro ornados, os elmos cintilavam,
e cil eſcuz e cil oſbeſ ſafrez.	quais eſcudos, quais lorigas de ſafira!
E cil eſpiez cil gunfanun fermez.	^E gonfalões fixados em quais lanças!
Sul leſ eſcheleſ ne poet il acunter.	^{Nem} poderia contar só as eſquadras,
tant en i ad que meſure nen ſet.	1035 tantos há que nem ſabe a quantia.
e lui meiſme en eſt mult eſguaret.	No ſeu íntimo, tanto ſe inquieta,
cũ il einz pout del pui eſt aualet.	quando pôde, deſceu da alta colina;
Vint aſ franceiſ tut lur ad acuntet.	foi tão logo contando aos da França.

LXXXII

Diſt oliuer io ai paienſ ueuz	Oliveiro falou: “Eu vi os pagãos,
Vnc maiſ nulſ hom en tere nen uit pluſ.	1040 ^{ja} mais ſe viu na terra tal concentração!
cil deuant ſunt .c. milie ad eſcuz.	Na vanguarda hoſtil cem mil eſtão,
helmeſ laciez e blancſ oſbeſ ueſtuz.	^{lo} riga alva de elmo poſto eles virão.
Dreiteſ cez hanſteſ luiſent cil eſpiet brun.	^{Em} riſte as lanças, polidas as haſtas brilham,
Bataille ^{aürez} uncheſ maiſ tel ne fut.	^{te} reis batalha, qual não houve até então.
Seignurſ franceiſ de deu aiez uertut.	1045 Recebei, de Deus, oh Francos, ſua benção,
el camp eſtez que ne ſeium uencuz.	^{per} manecei no campo ou eles vencerão!”
Dient franceiſ dehet ait ki ſen fuit.	Francos dizem: “Ao que fuja, a maldição!
Ja pur murir ne uuſ en faldrat unſ. AOI.	Para morrer não faltará diſpoſição!” AOI.

1032. O termo *ſafrez* deve ſer derivado de *ſafre* (ſafira), pedra que apreſenta colorações diſverſas, entre branco, azul, vermelho, dourado, etc. Moignet (1985, p. 94) relaciona o adjetivo ao tom dourado. Riquer (2003, p. 141), reconhece uma outra etimologia com *ſafrán* (açafraão). As duas hipóteſes tradutológicas contrastam, no entanto, com os vv. 1022 e 1042, em que ſe adjetivam as mesmas lorigas como *blancſ* (brancas), cuja dupla adjetivação de *ſafre* e *blancſ* ſe repete no v. 2499. Ainda considerando que a ſafira pode ſer translúcida, de coloração eſbranquiçada, optamos pela tradução com o genitivo “de ſafira”.

LXXXIII

Dift oliuer paien unt grant eforz.		“Grandes forças, têm pagãos – diz Oliveiro –
de noz franceif mi semblet aueir mult poi.	1050	e tão poucos me parecem os nossos francos!
cūpaign roll kar funez urē corn.		Soai já, caro Roldão, o vosso corno,
Si lorrat carlef jī returnerat loft.		Carlos vai ouvi-lo e retornar o grosso.”
Respunt Roll io fereie que folf		Diz Roldão: “Eu agiria como um tolo!
en dulce france en pdreie mun lof.		^{Na} Doce França, perderia o meu prestígio.
Sempref ferrai de durendal granz colp.	1055	^{Com a} Durindana, tanto golpe, hei desferi-los,
Sanglant en ert li branz entref qua’l or.		que sua lâmina, sangrar vai até o ouro.
Felun paien mar uindrent af porz		Em má hora vem os infidos sarracenos,
Jo uof pleuif tuz junt iugez a mort. AOI.		condenados a morrer estão, eu juro!” AOI.

LXXXIV

Cumpainz Roll lolifan car funez.		“O olifante, Roldão, soai agora,
Si lorrat carlef ferat loft returner.	1060	ao ouvi-lo, a hoste de Carlos retorna;
Succurrat nof li reif od, ^{tut} fun barnet.		^{que} venha o rei com seus barões e nos socorra.”
Refpont Roll ne placet damneudu.		Diz Roldão: “Que o nosso Deus não queira,
Que mi parent pur mei feient blaifmet.		que por mim afrontem a minha parentela,
Ne france dulce ia cheet en uiltet.		ou que a Doce França seja aviltada.
einz i ferrai de durendal afez.	1065	Ao contrário atacarei com Durindana,
Ma bone efpée que ai ceint al costet.		a boa espada que a meu lado vai cingida;
tut en uerrez le brant enfanglentet.		sua lâmina a vereis ensanguentada.
Felun paien mar i junt asemblez.		Maus pagãos, reuniram-se em má hora,
Jo uof pleuif tuz junt a mort liürez. AOI.		têm a morte, vos juro, assegurada.” AOI.

LXXXIII-LXXXV. Essas três séries similares representam o que Bédier chamou de o “minuto sagrado” em que o autor concebeu o conflito entre Roldão e Oliviero, o núcleo fundamental de toda a obra (*apud* RIQUER, 2009, p. 84). Com a mesma fórmula das séries XL-XLII, com a pergunta de Masílio a Galalão, a alteração entre Oliveiro e Roldão parece deter a narrativa num momento decisivo do argumento do cantar, acumulando nessas séries a carga dramática da mesma cena sucessiva, se não se admitir com isso apenas um recurso de oralidade.

1051. O *corn* de Roldão trata-se do olifante, parecido a um berrante, mas que, em realidade, não é um corno e sim um marfim (*vide* fig. 7, p. 80), daí o nome olifante, *olifant*, *elefant*, *eliphant*. O cantar não discrimina essa etimologia e trata os termos como sinônimos.

1052. Traduzimos *l’ost* (a hoste) por “o grosso”, pois se trata, efetivamente, de o grosso do exército, sendo a retaguarda um destacamento mais exíguo, por isso vulnerável.

1056. “Até o ouro”, como aparece também em Anglo-Normando (*qua’l or*), refere-se à guarda forjada em ouro, na empunhadura da espada (*vide* nota ao v. 966).

LXXXV

Cumpainz Rolt̃ funez urē olifan.	1070 “Soai já, Roldão, vosso olifante,
Si lorrat carlef ki est af porz paſſant.	já nos átrios, ouvirá Carlos, distante;
Je uof pleuif ia retournerunt franc.	eu vos juro que retorna num instante.”
Ne placet deu co li reſpunt Rollant.	“Que não queira Deus – Roldão é replicante –
Que co feit dit de nul hume uiuant.	que isso diga qualquer homem vivente,
Ne pur paien que ia feie cornant.	1075 ^{que} por pagãos soei este meu berrante;
Ja nen aurunt reproece mi parent.	^e não reprochem-me nenhum de meus parentes.
Quant io ferai en la bataille grant.	Quando esteja eu na batalha grande,
e io ferrai e mil colpf e .vii. cenx .	^a ssesstarei mais de mil golpes cortantes.
De durald uerrez lacer ſanglent.	^{Na} Durindana vereis sangue brilhante,
Franceif ſunt bon i ferrunt uafſalment.	1080 ^{são} bons os francos e lutam bravamente;
Ja cil deſpaigne naürunt de mort guarant.	os da Espanha, não há quem salve da morte.

LXXXVI

Dift oliũ dico ne ſai io blaſme.	Oliveiro diz: “Não vejo aqui vergonha,
Jo ai ueut leſ ſarrazinſ deſpaigne.	pois eu vi os sarracenos da Espanha.
cuerz enſunt li ual y leſ muntaigneſ.	^{Estão} cobertos esses vales e montanhas,
e li lariz y treſtuteſ leſ plaigneſ.	1085 e as planícies e também essas encostas.
Granz ſunt leſ oz de cele gent eſtrange.	Grande é a hoste dessa gente estrangeira,
Nuſ i auum mult petite cūpaigne.	e nós vamos com minguada companhia.”
Reſpunt Rolt̃ miſ talenz en ≈ gaigne.	Roldão diz: “Assim meus ânimos aumentam!
Ne placet dānedeu ne ſeſ angleſ.	Nem o Deus, nem seus anjos isso queiram:
Que ia pur mei pdet ſa ualur france.	1090 Que, por mim, perca seu valor a França,
Melz uoeill murir que huntage me uenget.	antes morro que me alcance alguma mancha;
pur ben ferir lempere pluſ noſ aimet.	^{por} bem ferir o Imperador tanto nos ama.

1072. Traduzimos *retournerunt franc* (retornarão os francos) por “retorna num instante”, recuperando o sujeito “Carlos” do verso anterior.

1078. Traduzimos *mil colpf e .vii. cenx* (mil e setecentos golpes) por “mais de mil golpes cortantes”.

1091. Traduzimos *uenget* (vergonha) por “alguma mancha”.

LXXXVII

Rol̄ ~ p̄z y oliù est fage.	É Roldão valente, é sábio Oliveiro,
ambedui unt meueilluf uaſſelage.	de coragem excepcional são ambos.
puiſ que il ſunt aſ cheualſ y aſ armeſ.	1095 Quando estão com suas armas à cavalo,
Ja pur murir neſchiuerunt bataille.	não se furtam à batalha pelo medo;
Bon ſunt li cunte y lur paroleſ halteſ.	são tão bons os condes, de falar altivo.
Felun paien par grant irur cheualchent.	Já cavalgam pagãos em ira, infidos,
Diſt oliuer Rol̄ ueez en alqueſ.	Oliveiro diz: “Roldão, alguns já vejo,
ciſt nuſ ſunt preſ maiſ trop nuſ eſt loinz carleſ.	1100 estão perto e, tão longe de nós, Carlos.
Voſtre olifan ſuner uoſ nel deignaſteſ.	Não vos dignastes ao corno vós soá-lo,
Fuſt i li reiſ ni ouſſum damage.	^{se} o rei viesse não receberíamos dano.
Guardez amunt deuerſ leſ porz deſpaigne.	Óhai para cima, para estes desfiladeiros,
Veeir poez dolente ~ la reregarde.	podeis ver na retaguarda um lamento,
Ki ceſte fait ia maiſ nen ferat altre	1105 de quem forma esta não o fará de novo.”
Reſpunt Rollant ne diteſ tel ultrage	Roldão diz: “Não sejais tão ultrajoso!
Mal ſeit del coer ki el piz ſe cuardet.	^{Mal} dito o coração no peito do medroso.
Nuſ remeindrum en eſtal en la place.	Ficaremos aqui em nosso posto,
Par noſ i ert y li colpf y li capleſ. AOI.	haverá de nós os golpes e o esforço!” AOI.

LXXXVIII

Quant Rol̄ ueit que la bataille ſerat.	1110 Quando vê Roldão que haverá batalha,
pluſ ſe fait fierſ que leon ne leupart.	vai feroz, mais que o leão ou a pantera.
Franceiſ eſcriet oliuer apelat.	Grita aos francos e a Oliveiro chama:

1093. Esse verso é um dos centrais no cantar, epigráfico. Assim como o v. 1015, tem uma eficiente estrutura retórica de contraste por coordenação. Pode ser sintetizado pela fórmula *fortitudo et sapientia* (vide p. 52) que perpassa toda a literatura cavaleiresca como ideal ético. Aqui a vemos, nesse contraste, dissociada no par épico Roldão e Oliveiro, o que, como veremos no verso seguinte (1094), não pressupõe a covardia deste último. Apesar de constituir um tema tradicional, a *fortitudo et sapientia* no cantar não é só revestida de um outro valor quando em oposição complementar de um par épico, mas constitui uma peça chave na arquitetura do poema. Roldão acaba causando a morte de vinte mil franceses na retaguarda em nome de sua própria honra lançando, a si e aos outros, a uma batalha perdida, preterindo de qualquer ajuda possível e da prudência de Oliveiro, quem deixa isto bastante claro (vv. 1101 e 1102), mas em nada diminuirá a virtude do paladino em quem toda a retaguarda se espelha e se quererá amparar.

1096. Traduzimos *pur murir* (por morrer) por “pelo medo”.

1103. No AND, a entrada *port, porz* é traduzida por *mountain pass* (desfiladeiro); numa outra entrada, *porte, port, pors, porz*, encontra-se a acepção de porta, pórtico de entrada numa cidade, muralha ou castelo, átrio. Nossa tradução considera tais possibilidades, contextualizada a topografia da narrativa.

1109. Traduzimos *li capleſ* (a batalha) por “o esforço”.

1111. Traduzimos *leupart* (leopardo) por “pantera”. Para espécies felinas, vide nota ao v. 30.

Sire cūpainz amiſ nel dire ia.		“Se ^h nhor, amigo e par, não me digais mais nada!
Li empere ki franceiſ noſ laiſat.		° Imperador que nos deixou estes da França,
Jtelſ .xx. milie en miſt a une part.	1115	vinte mil que escolheu para a retaguarda,
Sun eſcientre nen i out un cuard.		° fez sabendo que nenhum covarde havia.
pur ſun ſeignur deit hō ſuffrir granz malſ.		° homem deve, a seu senhor, sofrer desdita,
E endurer y forz freiz y granz chalz.		° suportar brutal calor, feroz friúra.
Sin deit hō p̄dre del ſanc y de la char.		Deve o homem perder sangue e a carne sua,
Fier de ta lance y io de durendal.	1120	com a lança, vade, e eu com a Durindana,
Ma bone eſpee que li reiſ me dunat.		que o rei me deu, tão boa a minha espada.
Se io i moerc dire poet kil aūrat.		Quem poderá isso dizer, acaso eu morra:
[E] p̄runt [dire] que ele fut a noble vaſſal.		que a um nobre vassalo pertencia.”

LXXXIX

Daltre part eſt li arceueſqueſ turpin.		Do outro lado é o Arcebispo Dom Turpino,
Sun cheual broche y muntet un lariz	1125	sobe o aclave picando seu cavalo.
Franceiſ apelet un sermun lur ad dit.		Chama os francos e um sermão lhes dá início:
Seignurſ barunſ carleſ nuſ laiſſat ci.		“Meus senhores, aqui nos deixou Carlos,
pur noſtre rei devum nuſ ben murir.		pelo nosso rei devemos nós morreremos;
xp̄ientet aidez a ſuſtenir.		ajudai a sustentar o cristianismo.
Bataille aūrez uoſ en eſteſ tuz fiz.	1130	De haver batalha podeis vós estar seguros,
kar a uoz oilz ueez leſ ſarrazins.		com vossos olhos vede, pois, os sarracenos.
clamez uoz culpes ſi preiez deu m̄cit.		Confessai a culpa a Deus, o piedoso,
Afoldrai uoſ p ^a uoſ anmeſ guarir.		pelas vossas almas, absolverei-vos.
Se uoſ murez eſterez ſeinz martirſ.		Se morrerdes sereis mártires e santos,
Siegeſ aūrez el greignor pareiſ.	1135	e tereis lugar no alto paraíso.”
Franceiſ ^{de} ſcendent a tere ſe ſunt miſ.		Apõem francos à terra, submissos,
e larceueſque de deu leſ beneiſt.		e os bendisse em Deus o Arcebispo;
Par penitence leſ cumandet a ferir.		em penitência, os ordena atacá-los.

1115. Traduzimos *en miſt a une part* (separou por um lado) por “escolheu”, e acrescento “retaguarda”.

1117-1119. Nesses versos, Roldão apresenta o paradigma do bom e nobre vassalo, ou seja, ele mesmo, como se coloca no v. 1123. Ramón Menéndez Pidal reconhece aqui o credo de Roldão à batalha, a qual não se lança por Deus ou pela Cristandade, mas por Carlos, este por quem deve sofrer toda desdita e perder carne e sangue. Todas essas ideias, conclui, não pertencem aos tempos cruzados (*apud* Moignet, 1985, p. 101), mas estão imbuídos de um ideal cavaleiresco feudal que nem sempre pode ter correspondido a esse modelo perfeito.

1129. Trata-se do único verso em que o Arcebispo, como única personagem a fazê-lo, invoca a batalha como uma tarefa cristã, mas num segundo grau de importância frente ao rei (v. 1128).

XC

Franceif se drecent Ji se metent sur piez.		Sobre os pés, endireitam-se os francos,
Ben sunt afof eufitef de lur pecchez.	1140	estão livres, dos pecados perdoados.
e lardeuefque de deu lef ad feignez.		Já, em Deus, os bendisse o Arcebispo,
Puif sunt muntez sur lur curanz deftreuf.		e montaram em seus céleres destreiros.
adobez sunt a lei de cheualerf.		Vão armados como tão bons cavaleiros,
e de bataille sunt tuit apareillez.		à batalha, estão todos preparados.
Li quenf Rolł apelet oliuer.	1145	Conde Roldão vai chamar o Oliveiro:
Sire cūpainz mult ben le fauiez.		“Muito bem sabeis, senhor, meu companheiro,
Que guenelun nof ad tuz efpiez.		que Galalão a todos nós nos quer perdidos.
Priuf en ad or y aueir y denerf.		Aceitou ouro, haveres e dinheiro,
Li empere nof deureit ben uenger.		pelo Imperador devemos ser vingados.
Li reif marfilie de nof ad fait marchet.	1150	Rei Marsílio fez conosco seu negócio,
Maif af efpief leftuūrat eflerger. AOI.		com as espadas deveremos ser-lhe caros. AOI.

XCI

Af porz despaigne en .ē. paſſet Rolł.		Passa Roldão, na Espanha, pelos vales,
Sur ueillantif fun bon cheual curant.		sobre seu cavalo bom, o Vigilante;
portet ſef armeſ mult li ſunt auenanz.		cai-lhe tão bem as armas que ele veste:
Maif fun efpiet uait li berf palmeiant.	1155	Eis que empunha, o barão a sua haste,
cuntre le ciel uait la mure turnant.		cuja ponta, ao céu, mantém em riste,
Laciet en fu un gunfanun tut blanc.		em que atado leva um branco estandarte,
Lef reneuf li batent ioſquaſ mainf.		e na bainha vai roçando a mão dele.
corf ad mult gent le uif cler y riant.		Belo o corpo, rosto claro e sorridente,
Sun cūpaignun apreſ le uait ſiuant.	1160	logo em pós, seu companheiro ali o segue.

1147. Em trad. lit.: Que Galalão nos traiu a todos.

1153. A etimologia do nome do cavalo de Roldão não é unívoca. Riquer (2003, p. 158) apoia-se na expressão provençal *velh antic* para sustentar a hipótese de que *ueillantif* significasse “velho”, “antigo”; e aponta uma segunda hipótese, da que não compartilha, de ser um superlativo de *vaillant*, algo como “valentão” e, em qualquer caso, opta, como os demais editores consultados, por manter o nome em AN. Para nossa tradução, consideramos a entrada *veillant* no AND, traduzida por “vigilante”. Na tradição do cordel, esse cavalo se chama Bridadeouro, por influência dos textos italianos *Orlando innamorato* e *Orlando furioso*, datados do final do século XV e início do XVI, em que o animal se chama *Bride d’Or*.

1155. Traduzimos *espiet* por “haste”, como variação em língua portuguesa de “hasta”; vide nota ao v. 541.

1158. Todos os editores consultados, exceto Moignet, traduzem o termo *rengef* como as franjas do estandarte (*sic*). Discordando expressamente, Moignet (1985, p. 100) esclarece que *rengef* significa os fixadores da espada. Efetivamente, no AND, encontramos a tradução como *sword-belt* (cinto da espada), de modo que seguimos Moignet (*op. cit.*) traduzindo *rengef* como “bainha”.

y cil de france le cleiment a guarant.
 verʃ farrazinʃ reguardet fierement
 e uerʃ franceiʃ humeleʃ y dulcement.
 Si lur ad dit un mot curteifement.
 Seignurʃ baronʃ suef le paʃ^[alez] tenant
 ciʃt paien uont grant martirie querant.
 encoi aürü un eʃchec bel e gent.
 Nulʃ reiʃ de france nout unkeʃ ʃi uaillant.
 acez paroleʃ uunt leʃ oz aiuʃtant. AOI.

É clamado protetor pelos franceses,
 vai olhando os sarracenos, tão valente,
 fita os francos, humilde e docemente;
 as palavras, lhes dizia gentilmente:
 1165 “Meus senhores, suave o passo aqui tende,
 °sses pagãos, um martírio grande querem.
 Haveremos logo tão bela pilhagem,
 que jamais tão rica o rei da França houve!”
 Dito isto, encontraram-se as hostes. AOI.

XCII

Diʃt oliuer nai cure de parler.
 Vofre olifan ne deignaʃteʃ funer.
 Ne de carlun mie uoʃ nen auez.
 Jl nen ʃet mot ni ad culpeʃ li berʃ.
 cil ki la ʃunt ne funt mie a blaʃmer.
 kar cheualchez a quanque uoʃ puez
 Seignorʃ barunʃ el căp uoʃ retenez
 pur deu uoʃ pri ben ʃeiez purpenʃez
 de colpʃ ferir de receiüre y de duner.
 Lenʃeigne carle ni deuü ublier.
 aiceʃt mot ʃunt franceiʃ eʃcriet.
 ki dunc oiʃt munioie demander.
 de uafʃelage li pouʃt remembrer.
 puiʃ ʃi cheualchent dʃ par ʃi grant fiertet.
 Brochent ad ait pur le pluʃ toʃt aler.
 Si uunt ferir que fereient il el.
 e farrazinʃ neʃ unt mie dutez.
 Francʃ y paienʃ aʃ leʃ uuʃ aiustez.

1170 “Não importa o que digais – diz Oliveiro –
 o olifante não quiseste vós soá-lo,
 ° não tereis nada vós de Carlos Magno.
 Nada sabe, nem tem culpa o rei bravo,
 e os daqui não devem ser vituperados;
 1175 cavalgai quanto podeis, pois é preciso!
 Oh barões, resisti vós nesse campo.
 Eu vos peço em Deus que sede vós propensos,
 a receber os golpes e mais assestá-los;
 não esqueçamos a insígnia do rei Carlos.”
 1180 Gritam todos os franceses, isto dito:
 “*Monjoie!*” Quem então ouviu o chamado,
 do que é valentia foi lembrado;
 cavalgaram logo, oh Deus, quão ousados!
 Aguilharam forte, querem ir mais logo,
 1185 ao ataque vão, que mais podia ser feito?
 Os sarracenos, em nada os vão temendo,
 eis juntarem-se ali pagãos e francos!

1165. A palavra *alez* (território limítrofe, fronteira) está posta por mão de revisor, a que traduzimos apenas pelo advérbio de locação, por haver subentendido o cabal sentido de *alez*. Ao que parece, o revisor quis adequar a métrica do verso ao decassílabo.

1179. *Lenʃeigne* ou *lʃenseigne* significa tanto o estandarte da marca quanto o grito de armas de um exército, como aqui. Essa polissemia tem sua origem em que do grito surge a bandeira ou o inverso.

1181. *Munioie* ou *Monjoie*, *Monjoye*, *Montjoie*, no séc. XVI se tornou efetivamente o grito de guerra dos reis da França na forma “*Mont Joie! Saint Denis!*” presente nas armas da França desde o ano 1119, em referência ao santo mártir Dionísio de Paris, primeiro bispo a evangelizar a região no séc. III. A etimologia de *monjoie* não é consensual, mas o cantar oferece uma explicação, *vide* vv. 2501-2510 e, mais adiante, vv. 3092-3095.

Primeiro esquadrão sarraceno

XCIII

<p>Li nief marfilie il ad a num aelroth. tut p̄mereins cheualchet deuant loft. de noz franceif uait difant j̄i mal̄f moz. Felunf franceif hoi iufterez af noz. trait uof ad ki a guarder uof out. Fol̄f eft li reif ki uof laiſſat af porz enquoi pdrat france dulce fun lof. charlef li magnef le deſtre braz del corf. Quant lot Roll d'f j̄i grant doel en out. Sun cheual brochet laiſet curre a eſforz. vait le ferir li quen̄f quanq̄ il pout. Leſcut li freint y lofberc li deſclot, trenchet le piz j̄i li briſfet leſ of. tute leſchine li deſeuret del dof. od fun eſpiet lanme li getet forf. enpeint le ben fait li brandir le corf. pleine ja hanſte del cheual labat mort,</p>	<p>O sobrinho de Marsílio é o Aécio, cavalgando frente a hoste vai primeiro, vai dizendo seus ultrajes contra os francos: “Falsos francos, hoje justareis conosco! Quem devia proteção a vós, traiu-vos, tolo é o rei que vos deixou nesses penhascos. Perde hoje a Doce França seu prestígio, e o rei Carlos, do seu corpo, o braço destro!” Quando ouviu, Roldão, oh Deus, quão dolorido! Corre forte aguilhando seu cavalo, vai o conde, o quanto pode, atacá-lo. Já desmalha a loriga, roto o escudo, quebra os ossos, arreventa-lhe o peito, toda a espinha lhe arranca do seu dorso. Com sua lança, tira a alma, fica o morto; a enterra bem e lhe sacode o corpo. Chapa a haste e o derruba do cavalo,</p>
--	---

XCIII-CIV. Nas sucessivas séries em que serão mortos os pares sarracenos pelos pares francos, à exceção de Margarino (s. CIII), podemos identificar estruturas formulárias, com algumas variações: a injúria do par sarraceno, o ataque do par francês e a resposta verbal ao morto da injúria cometida. O ataque de lança, por sua vez, também segue sua fórmula: aguilhoa o cavalo na direção do adversário, quebra seu escudo, desmalha sua loriga, atravessa seu corpo, brande a lança (*vide* nota ao v. 1204) e o derruba morto. Essas repetições formulárias, embora possam parecer monótonas, demonstra uma predileção do cantar pelos combates singulares, porque são tão extraordinariamente explorados, apesar dos movimentos de conjunto, caracterizando o heroísmo épico individual.

1189. O sobrinho de Marsílio lhe havia pedido a honra do primeiro golpe no v. 866.

1195. Assim como no v. 597, Aécio está aqui se referindo a Roldão, braço direito de Carlos Magno, no mando da retaguarda

1999. A expressão “*lofberc li deſclot*” (desmalha a loriga) significa quebrar os cravos em que estão atadas as placas de aço de que se compõe a loriga (*vide* nota ao v. 384).

1202. Nesse verso, à expressão *li getet forf* (joga-lhe fora), que sintetizamos com o verbo tirar, acrescentamos “fica o morto”, condição óbvia de Aécio nesse momento, que aparecerá no v. 1204.

1203. Havendo atravessado o corpo do adversário com a lança, é necessário sacudi-lo (sentido que cobra aqui o verbo *brandir*) a fim de recuperar a arma e seguir lutando.

1204. A expressão *pleine ja hanſte* não é consensual e foi objeto de insuperáveis discussões filológicas neste e em outros cantares de gesta franceses. Admitimos a hipótese adotada por Riquer (2003, pp. 154-155) de que, após recuperar a lança do corpo do morto, se lhe deveria infringir outro golpe, não com a ponta, mas com a haste longitudinal da lança, um golpe lateral a fim de derrubar do cavalo o corpo do defunto bem seguro pelos estribos, considerando *pleine* como o verbo *planer*, *pleiner* (aplainar). Moignet (1985, p. 104), por outro lado, admite a hipótese da expressão significar a distância a que é arremessado o corpo do adversário com o golpe, a de uma lança inteira, considerando *pleine* como o adjetivo *plein*, *pleyne* (inteiro, a). A palavra *mort*, como condição do adversário, foi omitida na tradução desse verso por já figurar antecipadamente na tradução do v. 1202.

en douf meitez li ad brijet le col.
 Ne leferat co dit q^e ni parolt
 vltre culuert carlef neſt mie fol.
 Ne traifun unkeſ amer ne uolt.
 Jl fiſt que pz q'l nuſ laiſad aſ porz
 Oj nen pdrat france dulce fun loſ
 Ferez i francſ noſtre eſt li premerſ colpf.
 Noſ auū dreit mais ciſt glutun unt tort. AOI.

1205 ^{em} duas metades foi quebrado o seu pescoço.
 Não deixará de lhe falar, assim foi dito:
 “*Vade retro*, coiso! Carlos não é tolo,
^{da} traição, jamais foi enamorado.
 Foi valente ao deixar-nos nos penhascos,
 1210 hoje a França não perde seu prestígio.
 Atacai, Francos, que o primeiro é nosso!
 Temos a justiça, o mal têm os monstrenegos!” AOI.

XCIV

Vn duc i eſt ſi ad nū falſaron.
 Jcil er frere al rei marſiliun.
 Jl tint la tere datliun y balbiun.
 Suz cel nen at pl³ encrifme felun.
 entre leſ douf oilz mult out large le front.
 Grant demi pied meſurer i pout hō.
 aſez ad doel quant uit mort fun neuold.
 Jſt de la preſe ſi ſe met en bandun.
 e ſeſ eſcriet lenſeigne paienor.
 enuerſ franceiſſ ~ mult cuntrariuſ.
 enquoi pdrat france dulce fonur.
 Ot le oliuer ſin ad mult grant irur.
 Le cheual brochet deſ oriez eſprunſ.
 vait le ferir en guiſe de baron.
 Leſcut li freint y loſbc li derūpt.
 el corſ li met leſ panſ del gunfanun,
 pleine ſa hanſte labat mort deſ arcunſ.
 Guardet a tere ueit geſir le glutun.
 Si li ad dit par mult fiere raiſon.
 De uoz manaceſ culuert io nai eſſoign.
 Ferez i Francſ kar treſ ben leſ ueintrū.
 Munioie eſcriet co eſt lenſeigne carlun. AOI.

Há um duque ali, se chama Falastrão,
 de Marsílio, ele era o irmão,
 1215 tinha as terras Datilônia e Balbisião,
 sob o céu não há mais feio histrião:
 Entre olhos tem tão largo o testão;
 meio pé se pode dar a medição,
^{Cau}sou-lhe, a morte do sobrinho, aflição,
 1220 ^ele se expõe, sai da sua formação,
^e grita forte a insígnia dos pagãos.
 Muito hostil, dos francos toma a direção:
 “Hoje a Doce França perde o galardão!”
 Oliveiro escuta em muita irritação,
 1225 de ouro a espora, aguilhoa o alazão.
 O acomete à guisa de um bom barão,
 rompe o escudo e da loriga faz fração.
^{No} corpo enfia-lhe o pano do pendão,
 chapa a haste e o morto cai do seu cilhão.
 1230 Olha o chão e vê jazer o tal glutão,
 e lhe diz com muito justa sua razão:
 “Sua ameaça não me assusta, seu vilão.
 Francos, fácil venceremos, ide então!
Monjoié!” Da sua insígnia dá um berrão. AOI.

1209. A palavra *colpf* (golpe) foi omitida na tradução por adequação métrica, mas é pressuposta.

1215. Topografia incerta. Alguns editores optam por corrigir o manuscrito trasevendo ali, em lugar de *datliun y balbiun*, os personagens bíblicos Dathan e Abiron (Numeri, 16: 25-34) que se levantaram contra Moisés e foram engolidos pela terra sob seus pés.

XCV

Vñf reif i ~ fi ad num corfablix.	1235 Há ali um rei, seu nome é Corsálio,
barbarinf ~ dun efrage paiſ.	bérbere, de país tão estrangeiro.
Si apelad leſ altref ſarrazinf.	Logo chama os outros sarracenos:
ceſte bataille ben la puum tenir.	“Sustentar essa batalha bem podemos,
kar de franceif i ad afez petit.	porque há muito pouco desses francos.
celſ ki ci ſunt deuũ aueir mult uil.	1240 Os que aqui estão por vil, vamos tomá-los,
Ia pur charleſ ni ert un ſul guarit.	nenhum deles vai ser salvo por rei Carlos,
Or eſt le iur queſ eſtuurat murir.	vão morrer hoje, seu dia é chegado.”
Ben lentendit li arceueſqueſ turpin.	Entendeu-o o Arcebispo Dom Turpino,
Suz ciel nat hume que tant uoellet hair.	sob o céu não há quem odeie tanto.
Sun cheual brochet deſ eſprunſ dor fin.	1245 Finca esporas de ouro em seu cavalo,
par grant uertut ſil eſt alet ferir.	por virtude ele vai acometê-lo.
Leſcut li freinſt loſbc li deſcumfiſt.	O escudo e a loriga decompostos,
Sun grant eſpiet par mi le corſ li miſt.	^{sua} grande lança a mete no meio do corpo;
empeint le ben que mort le fait brandir.	crava-a bem e a sacode do defunto.
pleine ſa hanſte labat mort el chemin.	1250 Chapa a haste e, no caminho, lança o morto,
Guardet a rere ueit le glutun geſir.	olha atrás e vê jazer o odioso;
Ne laiſſerat que ni parolt co dit.	não deixaria de falar, isso foi dito:
culuert paien uoſ i auez mentit.	“Seu pagão, seu velhaco, haveis mentido!
carleſ mi ſire nuſ .ě. guarant tuz diſ.	Sempre nos proteje meu senhor, o Carlos,
Nrě franceif nunt talent de fuir.	1255 não pretendem fugir os nossos francos.
Voz cūpaignunſ ferunſ treſtuz reſtiſ.	Vossos pares serão todos vencidos,
Nuueleſ uoſ di mort uoſ eſtoet ſuffrir.	outra morte deverás haver sofrido.
Ferez franceif nul de uuſ ne ſublīt.	De nenhum esquecei, avante francos!
ciſt premer colp ~ nrě deu mercit.	Glória à Deus, esse primeiro golpe é nosso!
Munioie eſcriet por le căp retenir.	1260 <i>Monjoie!</i> ” – Grita para manter o campo.

1257. Referência à segunda morte descrita no livro do apocalipse (20 : 12-14): “E vi os mortos grandes e pequeninos em pé diante do trono, e os livros foram abertos, e outro livro foi aberto, o da vida; e julgados foram os mortos por isso, pelas coisas que escritas estavam no livro, segundo a obra deles. E deu mortos, o mar, os que eram nele; e a morte e o inferno deram os mortos seus, que eram neles, e cada um foi julgado, segundo sua obra. E o inferno e a morte foram jogados num tanque de fogo. Essa é a segunda morte.” (*Et vidi mortuos magnos, et pusillos stantes in conspectu throni, et libri aperti sunt : et alius liber apertus est qui est vitae : et iudicati sunt mortui ex his, quae scripta erant in libris secundum opera ipsorum : et dedit mare mortuos, qui in eo erant : et mors et infernus dederunt mortuos suos, qui in ipisis erant : et iudicatum est de singulis secundum opera ipsorum. Et infernus et mors missi sunt in stagnum ignis. Haec est mors secunda.*).

XCVI

Engelerf fiert malp̄mif de brigal.
 Sif bonf efcuz un dener ne li ualt.
 tute li freint la bucle de cristal.
 Lune meitiet li turnet cuntreual.
 Loſberc li rūpt entreſque a la charn.
 Sun bon eſpiet enz el corf li enbat.
 Li paienf chet cuntreual a un quat.
 Lanme de lui en portet ſathanaſ. AOI.

Gerson ataca Malprimis, o de Barbastro,
 seu escudo não vale um dinheiro.
 Estilhaçou o cristal do seu brocado,
 a metade lhe cai toda abaixo.
 1265 A loriga se desgarra até o corpo,
 sua lança enfia bem entre seus ossos.
 O pagão, num só golpe, cai pesado,
 sua alma a carrega o Diabo. AOI.

XCVII

E ſif cūpainz gererf fiert lamurafle.
 Leſcut li freint y loſberc li deſmailet.
 Sun bon eſpiet li ment en la curaille.
 empeint le bien pmi le corf li paſſet.
 Que mort labat el camp pleine ſa hanſte
 Diſt oliuer gente ≈ noſtrē bataille.

O Emir é atacado por Geraldo,
 1270 para desmalhar a loriga, quebra o escudo,
 sua lança a enfia nos de dentro,
 a funda bem e atravessa o corpo inteiro.
 Chapa a haste e lança o morto ali no campo.
 “Belo é o nosso lidiar!” Diz Oliveiro.

XCVIII

Sanfun li dux il uait ferir lalmacur.
 Leſcut li Freinſt ki ≈ a flurf y ad or.
 Li bonf oſbecf ne li ≈ guarant prod.
 trenchet li le coer le firie y le pulmun.
 Que labat mort q'quen peiſt u qui nun.
 Diſt larceueſque ciſt colp ≈ de baron.

1275 Duque Sansão acomete o alcaçor,
 rompe o escudo que é de ouro ornado em flor.
 Nem a boa loriga o resguardou,
 os pulmões e o coração lhe arreventou.
 Doa a quem doer, já morto o derrubou.
 1280 “Golpe de barão!” O Turpino assim falou.

1261. *Engelerf*, o par francês, cujo nome traduzimos por Engels, reaparece na s. C atacando o par sarraceno Excremildo. Todos os editores são unânimes em ler aqui o par *Gerinf*, como lapso do copista, a fim de manter o padrão dos ataques de par a par. Mantivemos o ms., mas traduzimos com a correção.

1262. É um *topos* as comparações com objetos de escasso valor para reforçar uma negação.

1263. A palavra *bucle* (brocal) faz referência à parte central do escudo (*vide* nota ao v. 526), de aço, circular e saliente, onde geralmente eram incrustadas pedras e metais de valor.

1265-1266. Na tradução desses versos alteramos os termos *charn* (carne) e *corf* (corpo) por “corpo” e “entre os ossos”, respectivamente.

1267. Moignet (1985, p. 108) esclarece que a expressão *a un quat* deve ser traduzida por “*comme une masse*”; assim havia traduzido Bédier (1927) e traduzem os editores posteriores. O AND traduz a entrada *quat* por “*crash, blow*” (acidente, golpe) e utiliza esse verso como exemplo. Tentamos sintetizar as duas hipóteses, traduzindo a expressão *chet cuntreual* (vai abaixo), por “cai”.

XCIX

E anfeif laiſet le cheual curre.
 Si uait ferir turgif de turteluſe.
 Leſcut li freint defuz loree bucle:
 De ſun oſbc li derūpit leſ dubleſ.
 Del bon eſpiet el corſ li met la mure.
 empeinſt le ben tut le fer li miſt ultre.
 pleine ſa hanſte el căp mort le treſturnet.
 co diſt Roll ciſt colp eſt de produme.

^{An}selmo corre à cavalo em ofensiva,
 acomete o Turgão de Tortelosa,
 o escudo em broquel d'ouro destroça,
 descompõe as dobras da sua loriga.
 1285 Bem no corpo enfia a ponta da sua lança,
 empurra até sair o ferro na suas costas.
 Chapa a haste, que no campo o morto caia,
 “Esse golpe é de valente!” Roldão fala.

C

Et engelerſ li guaſcuinz de burdele.
 Sun cheual brochet ſi li laſchet la reſne.
 Si uait ferir eſcremiz de ualterne.
 Leſcut del col li freint y eſcantelet.
 De ſun oſberc li rompit la uentaille.
 Sil fiert el piz entre le douſ furceleſ.
 pleine ſa hanſte labat mort de la ſele.
 apref li diſt turnet eſteſ a perdre. AOI.

O gascão, é o Engels de Bordéus,
 1290 finca a espora e afrouxa a rédea do corcel.
^{Ao} Excremildo de Valterra acometeu,
 seu escudo no pescoço ele moeu;
 e o camal da loriga se rompeu.
 O seu peito, entre as clavículas, fendeu,
 1295 chapa a haste e cai da sela, pois morreu;
 Depois disse: “O condenado se perdeu!” AOI.

CI

E gualter fiet un paien eſtorganſ.
 Sur ſun eſcut en la pene deuant.
 Que tut li trenchet le uermeill y le blanc.
 de ſun oſbc li ad rumput leſ panſ.
 el corſ li met ſun bon eſpiet trechant.
 Que mort labat de ſun cheval curant.
 apref li diſt ia ni auez guarant.

Otto ataca um pagão, o Esturgão,
 bem na frente do escudo, no brasão,
^{Par}tiu-lhe todo, desde o branco ao vermelhão,
 1300 a loriga lhe rasgou até o fraldão,
 vara a lança no seu corpo feito um arpão
 e o derruba já morto do alazão.
 Depois diz: “Não tereis mais salvação!”

1293. O termo *ventaillei* (camal) se refere à proteção utilizada sob o elmo e sobre a loriga, como um capacete feito em malha de aço que cobria a cabeça, parte do rosto e os ombros do cavaleiro.

1297. Outro lapso do copista que corrigimos apenas na tradução. Gualter, o Huno, foi destacado da hoste por Roldão para ocupar, com mil francos, uma outra posição nas montanhas (vv. 803-811), de onde retornará na s. CLII. Seguimos a correção consensual entre os editores, atribuindo a Otto essa série.

1300. O fraldão é uma defesa complementar às malhas de aço que envolve toda a área do baixo-ventre e deve ser fendida para melhor acomodação na montaria.

CII

E berenger il fiert aſtramariz.
 Leſcut li freinſt loſbc li deſcumfiſt.
 Sun fort eſcut par mi le corſ li miſt.
 Que mort labat entre mil ſarrazinſ.
 Def .xii. pſ li .x. en ſunt ocif.
 Ne meſ que douſ nen i ad remeſ viſf.
 co ≈ chernubleſ y li quenſ margariz.

^A Estramarim, o Berenguer lhe dá um assalto,
 1305 rompe o escudo, faz loriga aos pedaços.
^A forte lança, no meio, crava o corpo,
 entre mil sarracenos cai defunto.
 Dez dos doze pares já ali são mortos,
 dois apenas resistem entre os vivos:
 1310 O Chernublo e o conde Margarino.

CIII

Margariz eſt mult uaillant cheualerſ.
 e belſ y forz y iſnelſ y legerſ
 Le cheual brochet uait ferir oliuer.
 Leſcut li freint ſuz la bucle dor mer.
 Lez le coſtet li conduiſt ſun eſpiet.
 D'ſ le guarit quell corſ ne lad tuchet.
 La hanſte fruiſſet mie nen abatiet.
 Vltre ſen uait quil ni ad deſt^rrber.
 Sunet ſun greſle pur leſ ſoenſ raliere.

Margarino é tão valente cavaleiro,
 é gentil, forte, rápido e ligeiro.
 Pica esporas para atacar a Oliveiro,
 fende o escudo no brocal de ouro puro;
 1315 sua lança lhe roçou bem o costado.
 Deus guardou-lhe o corpo intocado,
 parte a lança, mas não é derrubado.
 Sai dali sem que seja impedido,
 soa a trompa para os seus ver reunidos.

CIV

La bataille ≈ merueilleuſe y cumune.
 Li quenſ Roll mie ne ſaſouret.
 Fiert del eſpiet tant cume hanſte li duret.
 a .xv. colſ lad fraite y pdue.
 trait durendal ſa bone eſpee nue.
 Sun cheual brochet ſi uait ferir chernuble.

1320 A batalha é geral e espantosa,
^O Roldão, o conde, em nada se resguarda.
 Com a lança ataca o quanto a haste aguenta,
^{aos} quinze golpes a quebrou e está perdida.
 Durindana, a boa espada, ele a desnuda,
 1325 aguilhoa e a Chernublo ele ataca.

1306. O copista repete aqui a palavra *eſcut* (escudo), já quebrado no verso anterior. É necessário, pois, proceder a essa correção, conforme o padrão formulário dessas séries. Mantivemos a forma do manuscrito e substituímos, na tradução, o *eſcut* (escudo) por “lança”, conforme figura nas outras séries.

CIII. Essa série canta o único combate que não termina com sangue aos borbotões. Margarino, que é um dos poucos sarracenos que merecem uma descrição laudatória (v. 960), trava um combate singular contra Oliveiro, quem, curiosamente, não lhe oferece contra-ofensiva. O sarraceno se retira para reunir os seus (vv. 1318-1319) e não volta a aparecer no cantar. Podemos supor, no plano do narrado, que fosse relatar a Marsílio a derrocada do primeiro esquadrão e dos pares sarracenos, conforme aparece em V₄, e então fique isento dos combates seguintes.

Lelme li freint u li carbuncle luiſent.
 trenchet le corſ y la cheueleure
 Si li trenchat leſ oilz y la faiture.
 Le blanc oſbc dunt la maile eſt menue.
 e tut le corſ trefquen la furcheure.
 enz en la ſele ki eſt a or batue.
 el cheual eſt leſpee areſteue.
 trenchet leſchine hunc ni out (q'f iointure).
 tut abat mort el pred ſur lerbe drue.
 apref li diſt culūt mar i mouſteſ.
 de mahumet ia ni aūrez aiude.
 par tel glutun nert bataille oi uencue.

O elmo onde brilham os rubís se racha,
 corta o corpo e toda a cabeleira,
 então separa os olhos, fende a criatura:
 a loriga branca, pois é fina a malha,
 1330 e todo o corpo, atravessa a virilha,
 e a sela que é de ouro incrustada,
 e no cavalo se deteve a espada,
 onde não há joelhos, parte a espinha;
 mortos, os derruba sobre a relva espessa.
 1335 Disse então: “Bocó, vieste em má hora!
 De Maomé não tereis jamais ajuda,
 tal glutão não vence hoje a batalha!”

CV

Li quenſ Rolł par mi le chāp cheualchet.
 tient durendal ki ben trenchet y taillet
 Def farrazinſ lur fait mult grant damage.
 Ki lui veiſt lun geter mort ſu laltre.
 Li ſanc tuz clerſ geſir par cele place.
 Sanglant en ad y loſbc y la brace.
 Sun bon cheual le col y leſpalleſ.
 y oliuer de ferir ne ſe target.
 Li .xii. p nen deiuent aueir blaſme.
 y li franceiſ i fierent e ſi caplent.
 Moeret paien y alquāz en i paſment.
 Diſt larceueſque ben ait nrē barnage.
 Munioie eſcriet co ~ lenſeigne carle. AOI.

Conde Roldão, por ali vai e campeia,
 a Durindana, que bem corta e talha, empunha.
 1340 Grande dano causa à gente sarracena,
 lançar morto um sobre outro, quem o veja!
 E o sangue claro correr naquela terra!
 Ensangentados, o braço e a loriga,
 e o cavalo, do pescoço até as ancas.
 1345 E Oliveiro não cessa sua peleja;
 aos doze pares não deve haver censura:
 Os franceses acometem, vão à luta,
 os pagãos morrem, sempre algum desmaia.
 O arcebispo disse: “Qual nossa nobreza!
 1350 *Monjoye!*” De Carlos, grita a sua insígnia. AOI.

1333. Trecho com legibilidade comprometida. Aceitamos a paleografia consensual dos editores consultados (*quis jointure*) propondo pequenas alterações.

A HIPERBÓLICA ESPADADA – Rota a lança, Roldão desembainha Durindana e seu desempenho se torna ainda mais épico, naquilo me Menéndez Pidal chamava de a “hiperbólica espadada de Roldão”, que se repetirá nos vv. 1374 com Oliveiro, e 1545 e 1606 novamente com Roldão. No *Cantar de Mio Cid*, vai o herói montado em Babieca ao confronto com o rei Bucar e “Para cima alçou a Colada, e forte o golpeou, / o rubí do elmo lhe arrancou, / fendeu o elmo e tudo cortou / e na cintura, a espada então parou” (*arriba alçó Colada, un grant colpe dado.l' há, / las carbonclas del yelmo, tollidas ge las há, / cortól' el yelmo e, librado todo lo ál, / fata la cintura el espada llegado há.*, vv. 2421-2424); já na *Chanson de Guillaume*, o pequeno *Guiot* golpeia a um sarraceno e “todo o fendeu, inteiro até a chinha / do destreiro corta a sela e as costas / e no campo em quatro metades os joga.” (*Tut le purfent desque enz al baldré, / Colpe la sele e le dos del destrer, / En mi le champ em fist quatre meitez*, vv. 1849-1851).

CVI

E oliuer cheualchet par leſtor.
 Sa hanſte ≈ fraite nen ad q^e un truncun.
 e uait ferir un paien malū
 Leſcut li freint ki ≈ ad or y a flur
 Forſ de la teſte li met leſ (oilz a'fdouf)
 e la ceruele li chet af piez (defuz.)
 (Mort) le treſturnet od tut .vii. c. def lur.
 poiſ ad ocif turgif y eſtu^rguz.
 La hanſte briſet y eſcliket ioſq^az poiſ.
 co diſt Rolł cūpainz q' faiteſ uoſ
 en tel bataille nai cure de baſtun.
 Ferſ y acerſ ideit aueir ualor.
 v ≈ urē eſpee ki halteclere ad num.
 Dor ≈ li helz y de c'ſtal li punz
 Ne la poi traire oliū li reſpunt.
 kar de ferir oi io jī grant bofoign. AOI.

Na batalha, cavalga Oliveiro,
 sua lança está quebrada, só no toco.
 De um pagão, o Malão, vai no encalço,
 rompe o escudo de flor ornada em ouro.
 1355 Desorbita da cara os ambos olhos,
 e a seus pés, esparramam-se os miolos;
^{com} setecentos dos seus, derruba o morto.
 Depois matou o Esturgão e o Turgino,
 e até as mãos, estilhaça a lança-toco.
 1360 Roldão disse: “O que fazeis vós, companheiro?
 Nada vale, em tal batalha, esse tronco,
 tem valor somente o aço e o ferro;
 a Altaclara, vossa espada está convosco?
 De ouro a guarda e de cristal é o seu punho!”
 1365 “Não a pude sacar – diz Oliveiro –
 em atacar, pois, estava ocupado.” AOI.

CVII

Danz oliuer trait ad ſa bone eſpee.
 Que ſeſ cūpainz Rolł li ad tant demandee.
 e il li ad cū c^heualer muſtree.
 Fiert un paien iuſtin de ual ferree.
 tute la teſte li ađ par mi ſeūree.
 trenchet le corſ y bronie ſafree.
 La bone ſele ki a or eſt gemmee.
 y al ceval a leſchine trenchee.
 tut abat mort deuant loi en la pree
 co diſt Rolł uoſ rec^{eif} io frere.
 por iteſ colpf noſ eimet li empere.
 de tuteſ parz eſt munioe eſcriee. AOI.

Oliveiro saca a sua boa espada,
 que Roldão, seu companheiro, demandava,
^a ele, como cavaleiro, bem a mostra,
 1370 e ataca o Justino de Valsserra.
 Bem no meio lhe reparte a cabeça,
 corta o corpo e a cota de safira,
^{e a} boa sela que é de ouro cravejada.
 Do cavalo lhe talha a espinha,
 1375 ^derruba os mortos diante dele ali na relva.
 “Meu irmão, vos reconheço – Roldão fala –
^o Imperador, por esses golpes, mais nos ama!”
 “*Monjoye!*” Em toda parte já se grita. AOI.

1355-1357. Trechos ilegíveis. Seguimos a paleografia consensual entre os demais editores.

1370. No manuscrito, *ual ferree*, é consensualmente transcrito como *Val Ferree* e traduzido por Riquer (2003) como *Valferrera*. A toponímia é, em todo caso, desconhecida.

1372. Vide notas aos vv. 1032 e 2499.

CVIII

Li quenſ gerinſ ſet el ceual forel.	Vai o Gerson em Sorel, o seu cavalo,
y ſiſ cumpainz gererſ en paſſe cerf.	1380 e Geraldo, o seu par, em Passo-Certo.
Laſchent lor reiſneſ brochent amdui a ait.	Aguilhoam forte, afrouxam rédeas ambos,
e uunt ferir un paien timozel	e acomentem um pagão, o Teimozeldo,
Lun en leſcut y li altre en loſberc.	^{um} na loriga e o outro no escudo.
Lur douſ eſpiez enz el corſ li unt frait.	Suas lanças as quebraram no seu corpo,
Mort le treſturnent tref enmi un guaret.	1385 num roçado, reviram ele morto.
Nel oi dire ne io mie nel fai.	Eu não sei, pois jamais me fora dito,
Liquelſ delſ douſ en fut li pluſ iſnelſ.	qual dos dois foi ali o mais ligeiro,
eſpueſ icil fut filz burdel	[1388-9] persistiram, pois são homens de Bordéus.
e larceueſque lor ocift ſiglarel.	1390 Siglarel foi morto pelo Arcebispo;
Lencanteur ki ia fut en enfer.	era macumbeiro e esteve no inferno;
par artimal li cundoift iupiter.	foi por Júpiter levado com feitiço.
co diſt turpin iciſt noſ ert forſfait.	Diz Turpino: “Nos havia, este, ofendido!”
Reſpunt Rolſ uencut eſt le culuert.	^{Rol} dão replica: “O canalha está vencido,
olouer frere itelſ colpf me ſunt bel.	1395 Oliveiro, irmão, são golpes belos!

1388-1389. A partir da leitura de Bédier (1927), considera-se esse verso ininteligível. A sua hipótese, consensualmente aceita, é de que *eſpueſ* devesse se tratar de um nome próprio, a fazer sentido como uma unidade semântica apartada dos versos anteriores, e que devesse faltar ainda outro verso depois do 1388, razão porque contam-se aqui dois versos. Desse modo, Riquer (2003, p. 170, v. 1388) transcreve: “*Eſpveris, icil fut filz Burel*” (Espveris, que foi o filho de Borel) e, conforme a hipótese de Bédier, acrescenta um novo verso (*IDEM*, v. 1389): “*celui ocist Engeliers de Burdel*” (mataram a Engelier de Bordéus); nenhum dos quais mencionam em nota seu procedimento tradutológico. Moignet (1985, p. 116) anota ser trecho ininteligível e apresenta as reticências na tradução do termo *eſpueſ* e para um hipotético verso 1389; Bédier (1927) apresenta reticências para ambos os versos. A análise ultra-violeta do manuscrito proposta por Samaran (1929, p. 406), referenda nossa transcrição. O sentido do verso, não obstante, constitui um desafio filológico. A proposta tradutológica que apresentamos, segue o seguinte princípio: No AND, encontramos a entrada *apuiet, espueſ*, cuja sétima acepção é *to persist* (persistir). No mesmo dicionário, o termo *icil* pode ter o sentido de *man, woman, people (etc.) from* (homem, mulher, gente (etc.) de [um país, localidade]). Se o endendermos assim, o sujeito desse verso é Gerson e Geraldo e estes seriam também bordeleses como o outro par francês, Engels. Seguimos, não obstante, a contagem dos versos considerando o hipotético 1389 de Bédier, a fim de manter o padrão dos editores do cantar.

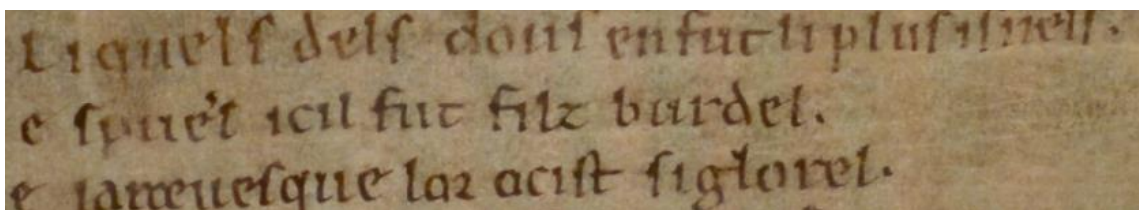


Figura 12: Ms. O. fl. 25v. vv. 1387-1390.

CIX

La bataille est aduree endementref.	Entretanto, endurecia a batalha,
Franc y paien merueilus colps i rendent.	^{Pa} gãos e francos, graves golpes assestavam.
Fierent li un li altre se defendent.	Atacavam uns e outros defendiam,
tant hanste i ad y fraite y fanglente.	^{há} tantas lanças sangrentas e alquebradas;
tant gunfanun rūpu y tant enfeigne.	¹⁴⁰⁰ aos farrapos os gonfalões e as insígnias.
tant bon franceis i pdent lor iuente.	Tantos jovens, francos bons, ali extraviam,
Nje reuerrunt lor meref ne lor fēmef.	não verão mais suas mães nem suas esposas;
Ne celf de france ki af porz lef atendent. AOI.	nem os francos que nos átrios os aguardam. AOI.

[...]

Karlef li magnef en pluret si se deñte.	Carlos Magno se desespera e chora,
8 co qui calt nen aurunt fucurance.	¹⁴⁰⁵ e o que importa? Pois não terão ajuda.
Maluais ferurf le iur li rendit guenef.	Mau favor fez Galalão naquele dia,
Quen farraguçe fa maisnee alat uendre.	ao vender, em Saragoça sua mesnada.
puiſ en pdit e fa uie y sef membreſ.	Perderá, tão logo, os membros e a vida,
el plait ad aif en fut iuget a pendre.	em juízo, condenado em <i>Aix</i> , à força.
De sef parēz ensēblod lui telf trente	¹⁴¹⁰ Seus parentes, juntos dele, foi uns trinta,
ki de murir nen ourent eſperance. AOI.	os que a morte não esperavam nem queriam. AOI.

CX

La bataille ~ merueilluſe e peſant.	O combate é sinistro, é severo,
Mult ben i fiert oliu y Rollant.	bem atacam o Roldão e o Oliveiro,
Li arceueſqueſ pluſ de mil colps irent.	e mais de mil golpes lança o Arcebispo,
Li .xii. p ne ſen targent nient.	¹⁴¹⁵ e os doze pares não deixarão por menos;
y li franceis i fierent cumunement.	e os franceses atacam em conjunto.

1404. É consensual, entre os editores do cantar, seguir aqui como a série CIX. Além da grafia das letras AOI no verso anterior, que guarda suas exceções quanto à posição final de série, o manuscrito inicia esse verso com letra capitular e com um novo bloco semântico, o que é critério suficiente para compreendermos a partir daqui uma nova série. Nenhum dos editores consultados anota qualquer aspecto acerca disso e Vassallo (1988, p. 54), curiosamente, interrompe sua tradução no verso 1405, ainda na série CIX, retomando-a apenas no verso 1412, com a série seguinte. Isto posto, marcamos a suposta passagem de série, mas seguimos a contagem de acordo com os demais editores.
1405. 8 = *De*.

Moerent paien a millere y a cent ki ne fen fuit de mort ni ad guarent. voillet o nun tut i laiſſet fun tenſ. Franceiſ i pdent lor meillorſ garnemenz Ne re uerrunt lor peſ ne lor parenz. Ne carlemagne ki aſ porz leſ atent. en france en ad mult múeill torment. orez i ad de tuneire y de uent, pluief y greſilz deſmeſurement. Chiedent i fuildref y menuſ y ſuuent. y terremoete co i ad ueirent. de feint michel del pariſ ioſquaſ feinz. Deſ beſentun treſqual de guitſand. Nen ad recet d't del mur ne crauent. Cuntre midi tenebref i ad granz. Ni ad clartet ſe li cieſſ nen i fent hume nel ueit ki mult ne ſeſ [^{ſpant}] Dient pluſor co ~ li definement. La fin del ſecle ki nuſ eſt en preſent Jl nel ſeuent ne dient ueir nient co eſt li grāz dulorſ por la mort de Rolſ.	1420 1425 1430 1435	Dos pagãos, morrem mais de mil, a centos, quem não foge, já não é preservado; todos deixam a vida, mesmo não querendo. Francos perdem os melhores dos soldados, ^{que} não verão mais pais nem aparentados; nem a Carlos que os espera já nos átrios. Cai na França, assombroso aguaceiro, ouvireis haver lá trovões e vento, ^{des} mesurados, a chuva e o granizo, amiúde e tão frequentes caem raios; ali há um verdadeiro terremoto. ^{De} São Miguel de Paris até em Santos, ^{de} Besançon até o porto de Vissanto, não há recinto sem haver perdidos os muros. ^{Ao} meio-dia é tudo tão escuro, só há luz quando é o céu fendido. Vendo, não há como não sofrer espanto, outros dizem: “É esse o fim do mundo!” ^{Nos} é presente o fim dos nossos tempos!” Eles não sabem, nem dizem o fato: Pela morte de Roldão, este é o dolo!
--	------------------------------	---

1428-1429. A fim de oferecer uma dimensão hiperbólica da tormenta – e do dolo de Roldão (v. 1437) – o autor traça um quadrilátero dos limites geográficos da França, em sentido linguístico de prevalência da *langue d'oïl*, à época da composição do cantar. Para *feint michel del pariſ*, conforme se encontra no manuscrito, os editores reconhecem a comuna Saint-Michel, na Normandia; a hipótese mais aceita para o topônimo *feinz* é a que o relaciona com *Saintes*, que traduzimos livremente por “Santos”, ao norte de Bordéus; *beſentun* e *guitſand*, reconhecidas como Besançon e *Wissant*, que livremente traduzimos por “Vissanto”, encontram-se no oposto extremo oriental do território *d'oïl*.

1433. Mão de corretor.

1437. A descrição hiperbólica da tempestade foi comumente comparada por comentadores do cantar ao apocalipse, e a antecipação da morte de Roldão, ao anúncio da paixão de Cristo. Essa antecipação, como anota Moignet (1985, p. 121), não se trata apenas do tópico recurso da retórica clássica, a *praemonitio*, mas, sobretudo, de um modo poético de envolver o auditório nesse efeito patético. Os personagens desconhecem seu destino, mas no auditório já é criada a expectativa que o envolve irredutivelmente na narrativa, tornando-o cúmplice do drama.

CXI

Franceif i unt ferut de coer y d uigur	Francos lutam com vigor e coração,
paien j̄t morz a millerf y a fulf.	morrem em massa e aos milheres os pagãos,
De cent millerf nen poent guarir douf.	1440 de cem mil se quer dois se salvarão.
Roll̄ Dift nr̄e hume f̄unt mult proz.	“Nossos homens são valentes – diz Roldão –
Suz ciel nad home pl̄ en ait de meillorf.	sob o céu não há quem os superarão!
Jl est efcrit en la gefte francor	^{Es} crito está na <i>Francor Gesta</i> , uma canção,
Que uaffalf ~ li nr̄e empeur.	que o nosso Imperador é um durão!”
Vunt par le camp f̄i requerent lef lor	1445 ^{Bus} car os seus, pelos campos, eles vão,
Plurent def oilz de doel y de tendrur	^{dos} olhos choram, em dor e aflição,
Por lor parenz. par coer y par amor.	^{por} seus parentes, por amor, de coração;
Li reif marfilie od fa grat of̄t lor furt. AOI.	^a seu encontro vai Marsílio e um batalhão. AOI.

1441. Todos os editores consultados atribuem esse discurso ao Arcebispo Turpino, dentre os quais, apenas Moignet (1981, p. 120) anota que o termo “*L’arcevesque*”, conforme transcreve este editor e os demais, está omitido no manuscrito, com uma segunda mão marcando à margem o nome *Rollant* (*sic*). A despeito do que possa constar nos demais manuscritos não consultados para esse trabalho, que pudesse justificar essa alteração, optamos por admitir o manuscrito *O* em sua integralidade, enquanto o sentido não seja comprometido.

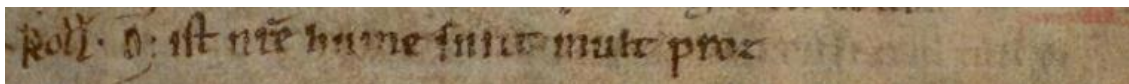


Figura 13: Ms. *O* fl. 26v. v. 1441.

1443. A hipótese referente a essa *geste francor* é que pode referir-se à mesma gesta citada em outros versos (vv. 1685, 2095, 3181, 3262, 3742 e 4002) e ser uma fonte consultada pelo autor do poema primitivo, talvez com o nome latino *Gesta Francorum*, totalmente desconhecida.

1444. A tradução desse verso não é consensual. Moignet (1985, p. 120) aponta à possibilidade de estar alterado (embora sem indícios de segunda mão no manuscrito), mas o traduz sem conjecturas, como o faz Riquer (2003, p. 173); Bédier (1927, p. 113) apresenta as reticências na tradução. Nossa tradução considera o termo *uaffalf*, não como o óbvio substantivo “vassalo”, mas como o adjetivo, traduzido no AND por *brave* (bravo, durão). Desse modo, estamos de acordo com a tradução de Moignet (*op. cit.*) e de Riquer (2003).

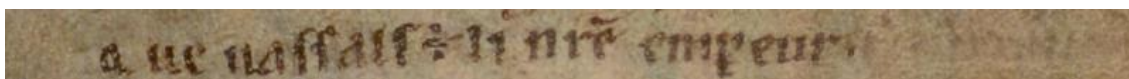


Figura 14: Ms. *O*. fl. 26v. v. 1444.

1446. *Vide* nota ao v. 773.

Esquadrão de Marsílio

CXII

<p>Marfilie uient par mi une ualee od fa grant oft que il out asemblee. .xx. efchelef ad li reif anübreef. Lacent cil elme af perref dor gêmeef. y cil efcuz y cez bronief faffreef. .vii. milie graiflef i funent la menee Grant eft la noiſe par tute la contree. co diſt Roll oliü compaign frere. Guenef li feif ad nrë mort iuree. La traifun ne poet eſtre celee. Mult g'nt ueniance en pndrat lempere. bataille aürü y forte aduree. vnchef maif hõ tel ne uit aiuftee. Jo i ferrai de durenal meſpee. y uof cõpaiz fërez de halteclere en tanz liuf lef auü nof porteeſ. tanteſ batailleſ en auü afineef. Male chancun nen deit eſtre cantee. AOI.</p>	<p>Pelo meio do vale vem Marsílio, 1450 grande hoste havia reunido. Tem contados, seus vinte agrupamentos, com seus elmos postos, incrustados dourado; com as douradas cotas e com seus escudos. Sete mil, à carga, soam os seus cornos, 1455 ^{por} toda área grande é o estampido. Diz Roldão: “Irmão Oliveiro, companheiro, nossa morte jurou Galalão, o infido. Esse engano não será desconhecido, fará grande vingança o Imperador. 1460 Um combate duro e forte nós teremos, nenhum homem, jamais viu igual encontro. Com Durindana, minha espada, eu ataco, e atacareis com a Altaclara, companheiro. ^A tantos sítios nós havemos-las levado, 1465 e batalha tanta havemos dado cabo. Delas, mau cantar jamais será cantado!” AOI.</p>
---	---

1452. Moignet (1985, p. 120) anota a correção dos editores para a palavra *Lacent*, considerando-a inadequada na frase. As demais edições consultadas transcrevem, nesse ponto, *luicent* (brilham) e assim traduzem, seguidos das traduções posteriores. Não há indícios de corrupção nesse verso em *O*, de modo que preservamos o étimo do manuscrito, cuja entrada, no AND, encontramos como o verbo *lacer*, traduzido por “*to lace on, fasten; to dress, lace into (a garment)*” etc. (prender, vestir, amarrar uma peça de roupa).

1452. Para *bronief faffreef*, que traduzimos aqui por “cotas douradas”, vide nota ao v. 1372.

1454. A expressão *funent la menee* (soam à carga) indica chamamento à batalha ao soar dos clarins.

CXIII

Marfilief ueit de ja gent le martirie.	Vê Marsílio, os seus, em tal martírio,
Si fait funer jef corf y jef buifinef.	^{que} faz soar suas cornetas e seus cornos,
Puif jfi cheualchet od ja grant oft banie.	seu exército cavalga embandeirado,
Deuant cheualchet un farrazin abifme.	¹⁴⁷⁰ na vanguarda um sarraceno, o Abismo;
pluf fel de lui nout en ja cūpagnie.	é o mais pérfido do seu ajuntamento.
Te'chef ad malef y mult g ^{anz} felonief.	Tem a marca do mal, é muito falso,
Ne creit en deu le filz feinte marie.	^{não} crê em Santa Maria, Deus e filho.
Jfffi est neirf cume peiz ki est demife.	É tão negro como o piche derretido,
pluf aimet il traifun y murdrie.	¹⁴⁷⁵ ama mais a traição e o assassinio,
Q'il ne fejift trestut lor de galice.	do que valha todo o ouro galego.
vnchef nulf hō nel uit iuer ne rire.	^{Ja} mais se viu, nele, diversão ou riso,
vaffelage ad e mlt g ^{ant} estultie.	tão valente é e muito furioso,
por co ~ drud al felun rei marfilie.	eis porque é o preferido de Marsílio.
Sun dragun portet a qui ja gent falient.	¹⁴⁸⁰ ^{Le} -va o dragão e em torno os seus são reunidos,
Li arceuefque ne lamerat ia mie.	^{não} amará jamais a este o Arcebispo;
cūm il le uit a ferir le defiret.	quando o vê, já deseja acometê-lo.
Mult quiement le dit a fei meifme.	^{Se} cretamente, disse a si mesmo:
cel farraz me femblet mlt herite.	“Muito herético parece o sarraceno,
Mielz est mult que iol alge ocire.	¹⁴⁸⁵ é melhor que seja eu quem vá matá-lo;
vnchef namai cuard ne cuardie. AOI.	jamais amei o covarde, ou o timorato. AOI.

CXIII – A partir dessa série até a CXXVI, Riquer (2003), seguindo outros editores, como Segre (*apud*) altera a ordem das séries nessa segunda fase da batalha, acreditando conferir maior coerência na progressão narrativa, supondo com isso equívocos do copista. Essa, a CXIII, que apresenta o sarraceno Abismo, e a seguinte, CIV, com a atuação do Arcebispo em matá-lo, são postas, respectivamente, antes da série CXXVII, a que Roldão canta um elogio a Turpino. Assim como em Riquer, poderemos encontrar em alguns editores a seguinte sequência de séries, segundo a enumeração que aqui dispomos de acordo com a ordem do manuscrito de Oxford: CXII, CXV, CVI, CVII, CVIII, CXIX, CXX, CXXI, CXII, CXXIII, CXXIV, CXXVI, CXXV, CXIII, CXIV e CXXVII. Prescindimos reputando desnecessárias essas alterações, de acordo com Moignet (1985, pp. 122-134 e nota crítica p. 133), já que esse procedimento, reservado às edições mais modernas do cantar, não encontrou consenso entre a crítica.

1469. A expressão *oft banie* (hoste embandeirada) pressupõe a relação de vassalagem entre o rei Marsílio e esses esquadrões, que, como veremos no cantar, provém de diversas regiões, as mais exóticas para o imaginário românico medieval. Tal relação implica serviços militares quando demandados pelo senhor feudal quem, por sua vez, lhes deve proteção. Signo dessa relação é o estandarte que levam esses esquadrões, por isso se trata de uma hoste embandeirada (*vide* nota ao v. 190). Essa estrutura vassalática aplicada aos povos muçulmanos é, não obstante, arbitrária e anacrônica em relação aos eventos históricos, mas reflete profundamente uma ideologia normanda, o que reforça a tese de autoria individual – ou pelo menos de uma intervenção autoral na matéria lendária e oral.

1480. Apesar de que os dragões sejam, no bestiário medieval, emparentados ao demônio e que estarão mais presentes na matéria de Bretanha, nesse verso sua referência é metonímica. Trata-se do estandarte do sarraceno Abismo, que leva estampado um dragão. As relações semiológicas que se possam inferir da presença dessa imagem são, não obstante, diversas.

CXIV

Li arceuesque cumcet la bataille.	A batalha, começou o Arcebispo,
Siet el cheual quil tolit a grossaille.	conquistou seu cavalo de Grossálio,
co ert unſ reif quil ociſt en denemarche.	que era um rei dinamarquês que havia matado,
Li deſtrereſ eſt y curanz y aateſ.	1490 seu destreiro é corredor e bem treinado:
piez ad copiez y leſ gambef ad plateſ	Guarnecidas perna, cascos aprumados,
curte la quiſſe y la crupe bien large.	^{bem} largas as ancas e curtos os seus quartos.
Lungſ leſ coſtez y leſchine ad ben halte.	A espinha bem alta e largo o lombo,
Blanche la cue y la crignete ialne.	branca a cauda e a crina em tom dourado.
petiteſ leſ oreilleſ la teſte tute falue.	1495 ^O relhas curtas e o chanfro acinzentado,
Beſte neneſt nule ki encontre lui alge.	animal nenhum a este é comparado.
Li arceuesq ^e brochet par tant grant vaſſelage.	Com valor, aguilhoa o Arcebispo,
Ne laiſſerat quabiſme nen aſaillet.	^{não} deixará de assaltar ao tal Abismo.
vait le ferir en leſcut amiracle.	Dá uma carga estupenda em seu escudo,
pierreſ i ad ametiſteſ y topazeſ.	1500 em que há pedras: ametistas e topázios,
eſterminalſ y carbuncleſ ki ardent.	esmeraldas e rubís tão abrasados,
en ual metaſ li dunat unſ diableſ.	que em <i>Valmetas</i> deu-lhe um diabo,
Si li tramiſt li amiralz galafeſ.	onde as recebera do Emir Galáfio.
turpinſ i fiert ki nient nel eſparignet.	Para não semear-se vai Turpino,
enpreſ fun colp ne quid que un den ^s uaillet.	1505 dado o golpe, já não vale um dinheiro,
Le corſ li trenchet treſ lun coſtet qual altre.	pois lhe corta em dois o corpo inteiro;
Que mort labat en une uoide place.	e o derruba morto num lugar vazio.
Dient franceiſ ci ad grant uaſſelage.	“Eis que grande valentia! – Dizem francos –
en larceuesque eſt ben la croce falue.	bem segura está a cruz com o Arcebispo!”

1490- Um destreiro se define não pela raça, mas pelo tipo de treinamento que o animal recebera antes de estar pronto para servir ao caveleiro. Um Corcel (v. 1290), tipo com o qual não se deve confundir o destreiro, é um animal rápido, também utilizado em torneios e batalhas, porém, sem as qualidades de um destreiro, mais valorizado porque preparado às manobras mais ágeis, capaz de suportar facilmente o peso extra do arnês do cavaleiro e destemido diante de ataque adversário. Partindo dessa distinção, o termo *aate*, traduzido no AND por *suitable, well-formed* (adequado, bem formado), define bem o tipo de animal descrito, em cuja tradução não se deve ler um par adjetivo com *curranz* (corredor), como se convencionou traduzir (rápido, veloz, ardente, andarião).

1491. O termo *plateſ*, traduzino do AND por *plate, sheet of metal, plate armour* (placa, folha de metal, armadura de placa), trata-se das placas de metal como guarnições complementares do lorigão, a proteção dos cavalos em couro ou malha de aço, chamadas na armeria medieval portuguesa de “solhas”, que eram atadas sobre a malha ou o couro que vestia o animal. Para os cascos, o termo *copiez*, do verbo *copier* (copiar) faz referência à qualidade do trato dos cascos, que devem ser idênticos entre si, os dianteiros e os traseiros, à pique e bem alinhados ao solo, nem longos ou curtos demais, o que garante bom equilíbrio e resposta rápida de movimentos. Agradecimentos ao prof. Amir Limana por essa contribuição.

CXV

Franceif ueient que paienf i ad tant.	1510	Os franceses veem que os pagãos são tantos,
de tutes parz en funt cuuert li camp.		que em todas as partes cobrem os campos.
Suuent regretent oliuer y Roll.		^A Oliveiro e Roldão vão implorando,
Lef .xiiI. p̄f quil lor feient guarant.		os doze pares: “Guardai-nos, paladinos!”
e larceuesque lur dift de fun semblant.		Deu-lhes o seu parecer, o Arcebispo:
Seignor̄f baron̄f nen alez mespenfant.	1515	“Meus senhores, não vades mal pensando!
pur deu uof pri que ne feiez fuiant.		^{Por} Deus, eu rogo não sejais vós fugidios,
Que nul̄f prozdom maluaisēmt nen chant.		que ninguém, digno, cante um mau canto;
ahez est mielz que moerium cūbatant		é melhor que morramos combatendo.
pramīf nuf est fin prendrū a i tant.		Prometeram nosso fim e será cumprido!
vltre cest iurn ne ferū plus uiuant.	1520	^{De} pois de hoje já não seremos vivos,
Maif dune chose uof foi io ben guarant.		de uma coisa, porém, sois garantidos:
Seint pareif uof est abandonant.		É aberto a vós o santo paraíso,
āf innocenz uof en ferez feant.		^{e os} inocentes sentarão ao vosso lado.”
a icēst mot j̄isēfbaldif̄sent franc.		Dito assim, francos são fortalecidos,
cel nen i ad munioie ne demant. AOI.	1525	“ <i>Monjoyé!</i> ” Todos vão já proclamando. AOI.

1499. (Ant.) Para o termo *miracle* (no AND, milagre, evento maravilhoso), Bédier (1927, p. 117) apresenta as reticências; Moignet (1985, p. 125), por aproximação, lê algo derivado de *Emir* e segue com reticências; Vassallo (1988, p. 56) lê a mesma relação, anotando ainda o *topos* de se relatar a origem das armas; os Riquer (2003 e 1999) leem *miracle* como um adjetivo ao escudo (*portentoso, prodigioso*). Trata-se, porém, de uma locução adverbial, *a miracle*, traduzida no AND por “*in a most amazing way*” (de uma forma muito surpreendente), e utiliza esse verso como exemplo.

1501. (Ant.) É consensual entre os editores compreender *esterminalf* como uma pedra preciosa rara, embora não haja nada documentado a respeito. Certo é que não se trata de esmeralda, mas optamos por adotar o termo hipotético a fim de preservar a oralidade do cantar. Os carbúnculos (*carbunclef*) traduzimos por “rubís” por se tratarem rigorosamente da mesma pedra, embora aquele nome, modernamente em desuso nesse sentido, guarde sinonímia com uma enfermidade infecciosa bacteriana (*clostridium cladovei*) que ataca principalmente a pecuária, razão porque evitamos o termo. O sintagma *carbunclef ki ardent* (rubís que brilham), por sua vez, que traduzimos por “rubís tão abrasados”, faz referência a um *topos* na literatura medieval que consiste na propriedade de os rubís emitirem luz na escuridão (*vide* vv. 2633-2634).

1502. (Ant.) *Val metaf* é toponímia desconhecida.

1504. (Ant.) Nesse verso nos deparamos com uma rara metáfora no cantar: O termo *espargnié, esparignet* é traduzido no AND por *semée* (semeado), com o sentido de reproduzir-se, fazer descendência.

1525. O verso original é uma oração negativa. Riquer (2003, p. 177) traduz: “*ninguno de ellos deja de invocar ‘¡Monjoya!’*”.

CXVI

Vn farrazin i out de farraguce.
 De la citet lune meitet est fue.
 co est climborinf ki paj ne fut pdume.
 Fiance pft de guenelun le cunte.
 par amiftiet len baijat en la buche.
 Si len dumat jespee y jescarbuncle.
 tere maior co dit metrat a hunte.
 a lempere ji toldrat la curone.
 Siet el ceual q'l cleimet barbamufche.
 plus est ifnelj que espreuer ne arunde.
 Brochet le bien le frein li abandunet
 Siuait ferir engeler de guafcoigne.
 Nel poet guarir sun escut ne ja bronie.
 De sun espriet el corj li met la mure.
 empeint le ben tut le fer li mist ultre.
 pleine ja hanfte el cap mort le tfturnet.
 apres escriet cist ft bon a cunfundre.
 Ferez paien pur la pffe derumpre.
 Dient franceif d'f quel doel de pdome. AOI.

De Saragoça, havia um sarraceno,
 da metade da cidade é o dono,
 Climborino chama e não é valoroso,
 com o conde Galalão tomou acordo.
 1530 Por amizade, na boca, deu-lhe um beijo,
 e a espada e seus rubís quis regalá-los.
 Diz que à Terra Maior fará opróbio,
 e roubará a coroa do rei Carlos.
 Monta o Barbamosca, que é o seu cavalo,
 1535 que o gavião e a andorinha é mais ligero.
 Finca bem a espora e abandona o freio,
 ao Engels da Gascunha vai acometê-lo.
 Não lhe podem guardar a cota e o escudo,
 crava a ponta da lança no seu corpo.
 1540 Afunda bem e o ferro sai do outro lado,
 chapa a haste e atira o morto ali no campo.
 Depois grita: “É Fácil! Eu vou alquebrá-los!
 Atacai, pagãos, para massacrar o grupo!”
 Francos dizem: “Deus, que bravo! Deus, que luto!”

/AOI.

CXVII

Li quenj Rol en apelet oliuer.
 Sire cūpainz ia .ě. morz engeler.
 Nus nauü plus uaillant cheualer.
 Respont li quenj d'f le me doinst uengz
 Sun cheual brochet des esprunf dor mier.
 tient halteclere fanglent en est lacer.
 par grant uertut uait ferir le paien.
 Brandift sun colp y li farrazin chiet.
 Lanme de lui en portent auerferj.
 puis ad ocif le duc alphiain.
 escababi i ad le chef trenchet.

1545 Rolão, o conde, chama a Oliveiro:
 “Meu Senhor, companheiro, é Engels morto,
 não havia mais valente cavaleiro!”
 Con testa o conde: “Deus permita ser vingado!”
 Finca em seu cavalo esporas de ouro puro,
 1550 Altaclara empunha, há sangue no seu aço.
 Por virtude, o pagão é atacado,
 brande o golpe e cai o sarraceno.
 Sua alma a leva os demônios,
 matou logo o duque Alfaieno;
 1555 e a cabeça cortou de Escababino.

1530. Para o beijo, *vide* nota ao v. 601.1532. Para Terra Maior, *vide* nota ao v. 600.

vii. arrabiz i ad defcheualcet.
 cil ne funt pz ia maif pur guerreier.
 co dift Roll mis cūpaiz eft irez.
 encuentre mei fait afez a pīfer.
 pur itelf colpf nof ad charlef pluſ cher.
 a voiz eſcriet ferez i cheualer. AOI.

^{Por} ele, setecentos àrabes caídos,
^{Para} guerrear já não são apropriados.
 Roldão diz: “Meu companheiro está irado,
 junto a mim deve ser muito estimado.
 1560 ^{Por} tantos golpes, Carlos nos tem mais amado.”
 Grita forte: “Atacai, meus cavaleiros!” AOI.

CXVIII

Daltre part eft un paien ualdabrun.
 celei leuat le rei marſiliun.
 Sire ~ par mer de .iiii.c. drodmunz.
 Ni ad eſchipe quiſ cleimt je par loi nun. 1565
 Jerlm p’jt ia par traifun.
 Si uiolat le temple ſalomon.
 Le pat’arche ocift deuant leſ funz.
 cil ot fiance del cunte guenelon.
 Jl li dunat ſeſpee y mil mangunſ.
 Siet el cheual quil cleimet ^amimund.
 pluſ ~ ifneſ que neneſt unſ falcunſ.
 Brochet le bien deſ aguz eſpunſ.
 Si uait ferir li riche duc Sanſun.
 Leſcut li freint y loſberc li derüpt.
 el corſ li met leſ panſ del gunfanun.
 pleine ſa hanſte labat mort deſ arcunſ.
 ferez paien car tref ben leſ ueintrum
 dient franceiſ d’ſ quel doel de baron. AOI.

Valdebrum, do outro lado, é um pagão,
 que à Marsílio, lhe deu a sagração,
^{de} quatrocentos dromos, no mar, é patrão,
 não há nauta que não o queira capitão.
 Já tomou Jerusalém por traição,
^e violou o templo do rei Salomão;
^o patriarca matou em profanação.
 A fiança recebeu de Galalão,
 1570 mil mancosos e a espada deu-lhe então.
 Monta o seu cavalo, o chama Gramunhão,
 é mais rápido do que qualquer falcão.
 Com aguda espora dá-lhe um picão,
 vai então acometer duque Sansão.
 1575 Rompe o escudo e destroça o lorigão,
 e lhe crava os panos do seu gonfalão.
 Chapa a haste e, morto, o joga do arção:
 “Venceremos fácil! Atacai pagãos!”
 Francos dizem: “Deus, que dolo, que barão!” AOI.

1563. O verbo *leuat*, com o sentido de “armar cavaleiro” (*vide* nota ao v. 618), aqui é traduzido por “deu a sagração”, admitindo com isso os mesmos ritos cristãos dessa investidura de estrato social para uma cultura islâmica, o que, evidentemente, trata-se de uma distorção da realidade e um absurdo histórico, ainda que coerente no âmbito do cantar.

1568. A locução adverbial *deuant leſ funz* (diante das fontes) refere-se às fontes batismais, onde um assassinato, sobretudo do patriarca, seria uma grave profanação das águas sagradas.

CXIX

Li quenſ Roldã q^{ant} il ueit ſanſun mort.
 poez ſaueir que mult grant doel en out.
 Sun ceual brochet ſi li curt ad efforz.
 tient durenſal q' pluſ ualt que fin or.
 vait le ferir li berſ quanque il pout.
 Defur ſun elme ki gēmet fut ad or.
 trenchet la teſte y la bronie y le corſ.
 La bone ſele ki eſt gēmet ad or.
 y alcheual parfunde^e le dof.
 ambure ocit ki q^{el} blaſme ne quil lot.
 Dient paient ciſt colp n^o ≈ mult fort.
 Reſpont Roldã ne poiſ amer leſ uoz .
 Deuerſ uoſ ≈ li orguilz y li torz. AOI.

1580 Já Roldão, o conde, vê o Sansão morto,
^{po}deis saber qual a dor que vai sentindo.
 Corre muito, aguilhando seu cavalo,
^{com} Duriandana, vale mais que fino ouro.
^Atacará o barão com todo esforço,
 1585 sobre o ouro incrustado no seu elmo.
 Parte a cara e a cota e o seu corpo,
^{e a} boa sela, incrustada, igual de ouro,
 e o cavalo, bem adentro do seu dorso.
 mata os dois, por maldito ou bem louvado.
 1590 Diz pagãos: “Esse golpe é tão duro!”
 E responde Roldão: “Não posso amar-vos,
 sobre vós é a injustiça e o orgulho!” AOI.

CXX

Daffrike i ad un affrican uenut.
 co eſt malquiant le filz al rei malcud.
 Si guarner^{nt} ſ^t tut a or batud.
 cunte le ciēl ſur tuz leſ altref luiſt.
 Siet el ceual quil cleimet ſalt p^{du}t.
 Beſte neneſt ki poiſſet currealui.
 Il uait ferir anſeiſ en leſcut.
 tut li trenchat le uermeill e lazur.
 De ſun oſberc li ad leſ panſ rump^ut.
 el corſ li met e lefer y le fuſt.
 Morz eſt li quenſ de ſun tenſ ni ad pluſ.
 Dient franceiſ barun tant mare fuſ.

^{Um} africano, da África é vindo,
^o Malpensante, filho do Malcuído,
 1595 ^{do} seu arnês, que todo em ouro é batido,
 contra o céu, mais que os outros, vê-se o brilho.
 Monta o seu cavalo, o Saltoperdido,
 não há besta que corra parecido.
 Contra Anselmo, no escudo, é ofensivo,
 1600 o vermelho do azul já é partido.
 Da loriga, os anéis estão rompidos,
^{no} corpo enterra o ferro e o fuste comprido.
 Morto é o conde, já não será mais vivo,
 Francos dizem: “O barão em má hora é vindo!”

1593. Refere-se à província da África, a atual Tunísia.

1602. A expressão *lefer y le fuſt* (o ferro e o fuste) refere-se à ponta (em aço) e à haste da lança.

1603. Verso construído sob estrutura de par sintagmático em *oppositum* (vide nota ao v. 724).

CXXI

Par le camp uait turpin li arceuesque.
 tel coronet ne chantat unchef meffe.
 ki de sun corf feift tantef proeccef.
 Dift al paien d’f tut mal te tramette.
 tel ad ocif dunt al coer me regrette.
 Sun bon ceual i ad fait efdemetre.
 Si lad ferut fur lescut de tulette.
 Que mort labat defur le herbe uerte.

1605 Pelo campo vai Turpino, o Arcebispo,
 que jamais cantou missa tonsurado,
 e proezas tantas fez com o seu corpo.
 Ao pagão diz: “Deus te envie o malefício,
^{meu} coração lamenta quem haveis matado.
 1610 Lança à rédea solta o seu bom cavalo,
 e atacou-o sobre o escudo de Toledo;
 sobre a relva verde o derruba morto.

CXXII

De laltre part est un paien grandonief.
 Filz capuel le rei de capadoce. neez
 Siet el cheual que il cleimet marmorie.
 plus est ifnel que nefst oisel ki volet.
 Lafchet la refne def espunf le brochet.
 Si uait ferir gerin par fa grant force.
 Lescut uermeill li freint de col li portet.
 apf li ad sa bronie desclofe.
 el corf li met tute lenfeigne bloie.
 Que mort labat en une halte roche.
 Sun cūpaignun gererf ocit uncore.
 y berenger y guiun de feit’ antonie.
 puif uait ferir un riche duc auftorie.
 ki tint ualeri y enuerf fur le rofne.
 Jl labat mort paien en unt grant ioie.
 dient franceif mult decheent li noftre.

^{Está} o pagão Grandonildo noutra banda,
 filho do rei Capuz da Capadócia.
 1615 Monta o cavalo que Marmório chama,
 que é mais rápido que o pássaro que voa.
 Solta as rédeas e finca as esporas,
 com sua força tanta ao Gerson lhe ataca,
 no pescoço, rubro escudo lhe arrebenta,
 1620 sua cota então é desmalhada.
 No seu corpo enterra toda a azul insígnia,
 e o derruba morto numa alta rocha.
^{Seu} companheiro, Geraldo, o mata ainda,
 a Berenguer e a Guido de Antonina.
 1625 E depois ao rico duque Austório assalta,
 tinha em feudo Envers de Ródano e Valéria,
 mas cai morto e os pagãos sentem alegria.
 Francos dizem: “Decai a retaguarda!”

1610. O verbo *efdemetre* é traduzido no AND pela expressão “*to give a horse its head*” (soltar as rédeas do cavalo) e utiliza esse verso como exemplo.

1611. Toledo, município da província de Castela-Mancha na Espanha, sob domínio muçulmano desde o século VIII, foi um importante centro de fabricação de armas em todo o período médio.

1612. Após esse verso, Riquer (2003, p. 183) conjectura: “*Dicen los franceses: ‘¡Bien lidia nuestro arzobispo!’*”, como um verso de tipo conclusivo de que careceria a série. Bédier, nesse mesmo ponto, acrescenta reticências, sem anotar nada.

1626. A região de Ródano-Alpes limita, com o rio Ródano, os reinos da França e Alemanha; Valéria é toponímia desconhecida.

1628. O objeto direto em Anglo-Normando é *li noftre* (os nossos).

[CXXIII]

(L)i quenſ Roll tint ſeſpee ſanglente.
 Ben ad oit que franceiſ ſe dementent.
 Si g^ant doel ad que par mi quiet fendre.
 Diſt al paien d’ſ tut mal te confente.
 tel aſ ocif que mult cher te q’d uendre.
 Sun ceual brochet ki ^{oit} del cuntence.
 ki quel cumpt uenuz en j’t enſemble.

^Roldão, o conde, empunha a espada toda em sangue,
 1630 bem ouviu que se lamentam os franceses.
 Sente tal dor que ao meio, crê, se fende,
 ao pagão diz: “Deus, o mal, vos encomende,
 muito caro pagarás por quem matastes!”
 Aguilhoa pois ouviu quais seus costumes,
 1635 vem a seu encontro, pague quem o pague.

CXXIV

Grandonie fut y prozdom y uaillant
 y uertuuf y uaſſal combatant.
 en mi ſa ueie ad encuntret Roll.
 enceiſ nel uit ſil recunut ueirement.
 al fier uifage y al corſ quil out gent.
 y al reguart y al contenement.
 Ne poet muer q’l ne ſen eſp^aent.
 Fuir ſen uoel maiſ ne li ualt nient.
 Li quenſ le fiert tant uertuufement.
 treſqual naſel tut le elme li fent.
 trenchet le neſ y la buche y leſ denz.
 treſtut le corſ y loſbc iazerenc.
 De loree ſele le douſ alueſ dargent.
 y al ceual le doſ parfundement.
 ambure ociſt ſeinz nul recoeurement.
 e cil deſpaigne ſen cleirnt tuit dolent.
 Dient franceiſ ben fiert nrē guarent.

Era bravo e valente o Grandonildo,
 um guerreiro muito forte e virtuoso.
 A Roldão, o encontra em seu caminho,
 nunca o vira e o reconheceu, seguro,
 1640 tal gentil o corpo era, altivo o rosto,
 o olhar e o seu comportamento.
 Já não pode evitar o seu espanto,
 quer fugir, de nada vale, nem um pouco.
 Pelo conde, fortemente é acometido,
 1645 e até o nasal, lhe fende todo o elmo.
 O nariz, a boca e os dentes são partidos,
 a loriga argelina e todo o corpo,
 a dourada sela e o prateado pito,
^e do cavalo, profundamente o dorso.
 1650 Mata a ambos e sem nenhum indulto,
 e os da Espanha, em dor, lamentam-se eles todos.
 “Bem lidia o protetor!” – Dizem os francos.

1634. Moignet (1985, p. 130) considera o sentido desse verso obscuro no segundo hemistiquio, e acrescenta um signo de interrogação na sua tradução. Nossa hipótese tradutológica considera o termo *cuntence* como variação de *cuntinace*, traduzido no AND por *behaviour* (comportamento); *ki oit del* não deixa margem à dúvida: “pois escutou (falar) acerca de...”.

1635. O verbo *cumper* (*cumpt*) é traduzido do AND pelas expressões *to pay for*, *be punished for* (pagar por, ser punido por); *ki quel* estão na sua acepção pronominal interrogativa indireta.

[CXXV]

La bataille ~ e merueilloſe y grant.	A batalha é grande e aterrorizante,
Franceif i Ferent def eſpiez brunifant.	assaltam francos com suas lanças brilhantes.
La ueiffiez fi grant dulong de gent	1655 Lá veries tanta dor dessa gente,
tant hume mort y nafret y ſanglent	homens mortos, feridos são em sangue,
Lun giſt ſur laltre y enuers y adenz.	empilhados, cara abaixo e arriba o ventre.
Li ſarrazin nel poent ſuffrir tant	Sarracenos com sofrer tanto não podem,
voelent unun fi guerpiſſent le cãp.	já desertam, se sim ou não o querem;
par uiue force leſ encacerent franc. AOI.	1660 em viva força os caçam os franceses. AOI.

CXXVI

La bataille eſt merueilluſe y haſtue.	A batalha é terrível e vai depressa,
Franceif i Ferent par uigur y par ire.	francos lutam com ira e com força,
trent cez poinz cez coſtez cez eſchineſ	1665 cortam mãos, cortam costas, cortam espinhas,
cez ueſtemẽz entreſque aſ charſ uiueſ	suas vestimentas até a carne viva.
Sur lerbe uerte li cler ſaneſ ſen afilet.	Claro sangue corre sobre a relva verde.
tere maior mahümet te maldie.	“Terra Maior, Mahomé que te maldiga!
Sur tute gent eſt la tue hardie.	1670 Sobre toda a gente a tua é corajosa.”
cel neniad ki ne criet marſilie.	Nenhum deixa de gritar ao rei da Espanha:
ceualche rei boſuign auñ daie.	“Cavalgai, Marsílio, vinde em nossa ajuda!”

CXXIII (Ant.)-CCCVI. Considerando a estrutura formulária dessas séries sucessivas, os editores admitem ler aqui um equívoco do copista ao não iniciá-las por letra capitular, pois os versos 1628 e 1652, imediatamente anteriores ao início das séries CXXIII e CXXV, são tipicamente versos conclusivos, e os versos 1629 e 1653, que as iniciam, são tipicamente versos de entonação. No início do que deve ser a série CXXIII, nota-se, no manuscrito, a ausência da letra /L/, que seria a inicial, com a lacuna de uma letra capitular (haveria faltado a tinta vermelha da capitular e olvidara-se o copista de voltar a ela?), mas se mantém a mesa assonância da série anterior – coincidências recorrentes no cantar, desde logo. No início do que deve ser a série CXXV, por sua vez, não há sinal de equívoco, não há espaço para letra capitular e mantém-se a assonância como se de uma mesma série se trate. Quanto às séries CXXV e CXXVI, que em Riquer (2003) aparecem, respectivamente, na posição das séries CXXIV e CXXIII (*sic*) que aqui se enumeram conforme o manuscrito *O* (*vide* nota à s. CXIII), todos os editores consultados invertem sua posição, pois a fuga dos sarracenos na série CXXV parece mais lógica depois do pedido de socorro (v. 1672). Consideramos desnecessárias para a apreciação do cantar tanto umas quanto outras alterações, porém, seguimos a numeração das séries consensual entre os editores, anotando as atribuídas sem letra capitular entre colchetes e mantendo-as rigorosamente na ordem de versos do manuscrito.

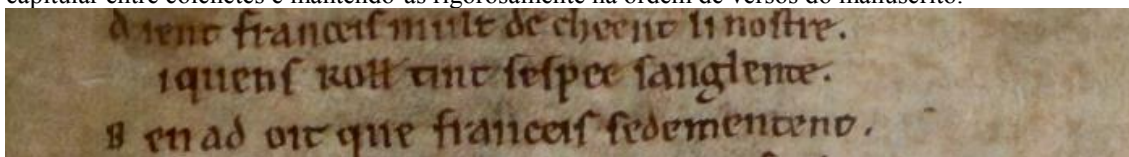


Figura 15: Ms. *O*. fl. 30r. vv. 1629-1631.

CXXVII

Li quenſ Rold̄ apelet oliuer.	^{Con} de Roldão invocou o Oliveiro:
Sire cumpaign ſel uolez otrier.	“Se consentes, meu senhor e companheiro,
Li arceueſque eſt mult bon cheualer.	é tão bom, o Arcebispo, cavaleiro,
Nen ad meillor en tere ne ſuz cel.	não há melhor nem sobre a terra ou sob o céu!
Ben ſet ferir y delance y deſpiet.	¹⁶⁷⁵ ^{Em} atacar com espada e lança é bem sabido.”
Reſpunt li quenſ kar li alunſ aider.	^{Res} ponde o conde: “Hemos ir lá ajudá-lo!”
a iceſt mot lunt françſ recuñcet.	Recomeçam os francos isto dito.
Dur ſunt li colpſ y li capleſ eſt greſſ	A peleja é grave, os golpes são mui duros,
Muñlt grant dulor i ad de xp̄ienſ.	os cristãos sentem tão grande o seu dolo.
Ki puiſ ueiſt Rold̄ y oliuer.	¹⁶⁸⁰ Quem, pois, visse, a Roldão e Oliveiro,
De lur eſpeef e ferir y capler.	com as espadas lutar bem golpeando!
Li arceueſque i fiert de ſun eſpiet.	Com a lança acomete o Arcebispo,
celſ quil unt mort ben leſ poet hom p̄ifer.	é possível saber quantos foram mortos:
Jl ~ eſcrit eſ cartreſ y eſ breſſ.	^{Es} tá escrito em cartas, documentos,
co dit la geſte pluſ de .iiii. millierſ.	¹⁶⁸⁵ mais de quatro mil, na gesta isso foi dito.
aſ quatre turſ lor eſt auenut ben.	Foram muito bem em quatro dos assaltos,
Li quint apreſ lor eſt peſant y gref.	porém grave e pesado foi o quinto:
tuz ſunt ocif ciſt franceiſ cheualerſ.	Todos mortos, dos franceses cavaleiros,
Ne meſ ſeiſante que d’ſ i ad eſparmiez.	só sessenta por Deus foram preservados;
einz que il moer gent ſe uendrūt mult cher.	¹⁶⁹⁰ ^{Ven} der-se-ão, antes que morram, muito caro.
/AOI.	/AOI.

1169. (Ant.) Anterior a esse discurso direto dos sarracenos, todos os editores consultados, exceto Moignet (1985, p. 132), que apenas o anota, incluem um verso que o introduz, como: “*Los paganos dicen: ‘No lo resistiremos más.’*” (Riquer, 2003, p. 187); Bédier inclui as reticências (1927, p. 129).

1683. A expressão *poet hom p̄ifer* (pode homem contar) tem valor de indeterminação de sujeito, *vide* nota ao v. 352.

1684-1685. Tratam-se de cartas e documentos (v. 1684) em que se estaria relatado (*co dit*) o que se cantava na primitiva gesta de transmissão oral (*geste*, seria a *geste francor* do v. 1443?). Para essas hipóteses, *vide* vv. 2095-2098. Quatro mil mortos pelas mãos de três franceses é um número hiperbólico inclusive para os cantares de gesta. Na *Chanson de Guillaume*, o conde Guilherme mata sozinho 60 e *Vivien* mata 1000; já o pequeno Guiot não mata tantos, mas, só com alguns golpes, põe em fuga a 20 mil.

Segunda altercação entre Roldão e Oliveiro
CXXVIII

<p>Li quenſ Rolſ def ſoenſ i ueit g^ant pte. AOI. Sun cūpaignun oliuer en apelet. Bel ſire cherſ cumpainz p' Deu que uoſ en haitet. “Belo e caro par, por Deus, que em vós exulta, tanz bonſ uaffalſ ueez geſir par tere. pleindre poumſ france dulce la bele. De telſ baronſ cum or remeint deferte. e reiſ amiſ que uoſ ici nen eſteſ. oliuer frere cū le prū nus faire. cūfaitement li manderū nuueleſ. Diſt oliu io nel ſai cumt quere. Mielz uoeill murir que hunte n^o ſeit retraite. AOI.</p>	<p>^{Rol}dão, o conde, vê, dos seus, a grande perda, AOI. seu companheiro, Oliveiro, ele chama: tantos bons vassalos jazem, vede, à terra! ¹⁶⁹⁵ Cho^rrar podemos pela França Doce, a bela, visto que, desses barões, ficou deserta. Rei amigo, ai! Por que vós não eis cá? Oliveiro, irmão, o que faremos já? De que modo o vamos avisar? ¹⁷⁰⁰ Diz Oliveiro: “Não sei como o encontrar, Morro antes que nos possam censurar!” AOI.</p>
--	--

CXXIX

<p>Co diſt Rolſ cornerai lolifant. Si lorrat carleſ ki ≈ aſ porz paſſant. Jo uoſ pleuiſ ia returner' franc. Diſt oliuer uergoigne ſereit grant. y repuer a treſtuz uoz parenz. Jceſte hunte dureit al lur uiuant. Qnt' iel uoſ diſ nen feiſteſ nient. Maiſ nel ferez par le men loement. Se uoſ cornez ner^t mie hardement. Ja auez uoſ ambſ douſ leſ braz ſanglanz. Reſpont liquenſ colpf i ai fait mult genz. AOI.</p>	<p>Diz Roldão: “Tocarei o olifante, ouvirá Carlos que está tão distante, ^{re}torarão, com certeza, os franceses.” ¹⁷⁰⁵ Oliveiro diz: “Seria um vexame e afronta a todos os vossos parentes; tal desonra dura a vida do vivente. Não fizeste nada quando eu vos disse, e agora não fareis com que eu vos louve. ¹⁷¹⁰ Soá-lo agora não é ato de coragem, tendes já, ambos braços só em sangue.” Diz o conde: “Desferi tão belos golpes!” AOI.</p>
--	--

1693. Todos os editores do cantar consultados atribuem a esse verso um sentido interrogativo e traduzem o segundo hemistíquio “*p’ Deu que uoſ en haitet*” como “...*por Dios ¿qué os parece?*” (Riquer, 2003, p. 143); ou “...*pour Dieu, que vous en semble?*” (Moignet, 1985, p. 135); “...em nome de Deus, que pensais?” (Vassallo, 1988, p. 61), etc. No AND, o verbo *haiter*, *haitet* é, não obstante, traduzido por *gladden*; *to exhilarate*; *to be happy* (alegrar-se, exultar, ser feliz), acepção não ignorada por Moignet (*op. cit.*) que anota ainda ser essa equivalente à expressão “*paraître bon*” (parece bom) e, logo, traduzem por aproximação? A preposição *en*, não contribui a confirmar essa hipótese tradutológica, porque lemos *haitet* como um elogio a Oliveiro.

1697. Moignet (*op. cit.*) discorda expressamente em que seja esse um verso interrogativo, mas assim também o traduzem Bédier (1927, p. 131) e Riquer (2003, p. 193). A partir desse verso até o final dessa série, a tradução apresenta uma alteração no padrão anterior de assonância, passando para a masculina, terminada em oxítone.

1703. O verso original, *eſt aſ porz paſſant*, em trad. lit., “está passando pelos desfiladeiros”.

1708. Vide as séries similares LXXXIII, LXXXIV e LXXXV.

CXXX

Co dit Roll forz est nrë bataille.	Diz Roldão: “Esforçada é a batalha,
Jo cornerai jil orrat li reif karlef.	^{eu} soarei e ouvirá o rei da França.”
Dift oliuer ne fereit vaffelage.	¹⁷¹⁵ Diz Oliveiro: “Não haveria valentia,
Quant iel uof dif cūpainz uof ne deignastef.	^{eu} quis e não vos dignasteis, camarada.
Si fuft li reif ni oufum damage.	^{Ha} vendo o rei não sofreríamos ruína,
cil ki la funt nen deiuent aueir blafme.	^{que} não imputem, aos que aí estão, censura.”
dift oliuer par ceſte meie barbe.	Oliveiro diz: “Por esta minha barba,
Se puiſ ueeir ma gente forur alde.	¹⁷²⁰ ^{se} volto a ver a minha irmã gentil, a Alda,
Ne ierreiez ia maiſ entre ja brace. AOI.	vós jamais dormireis entre seus braços!” AOI.

CXXXI

Co dift Roll por quei me portez ire.	Diz Roldão: “Por que vos zangais comigo?”
[E] il reſpont cumpainz uof le feiſtef.	^{Re} plica ele: “Vós buscastes, companheiro,
kar uaffelage par ſenſ neneſt folie.	^{pois} valentia com bom senso não é engano,
Mielz ualt meſure que ne fait eſtultie.	¹⁷²⁵ vale mais medida do que o arrojo;
Franceiſ jſt morz par urë legerie.	francos morrem por vosso estouvamento.
Jamaiſ karlon de nuſ naurat ſeruife.	Carlos já não terá nossos serviços,
Sem creiſez uenuz i fuft mi ſire.	se me crêsseis, meu senhor seria vindo.
ceſte bataille oufum faite y priſe.	^{Es} ta batalha, haveríamos ganhado,
V pſ u mort i fuft li reif marſilie.	¹⁷³⁰ ou preso ou morto estaria o rei Marsílio.
Vrë pecce Roll mar la ueineſf.	A bravura vossa, em má hora a vimos,
karlef li magneſ de noſ naurat aie.	não terá nossa ajuda Carlos Magno;
Nert maiſ tel home deſ qua deu iuiſe.	não haverá um homem tal até o Juízo.
Vof i murrez y France en ert hunie.	Morto vós, a França posta em opróbio,
oi nuſ defalt la leial cūpaignie.	¹⁷³⁵ do leal companheirismo, nós privados,
einz le ueſſpre mult ert gref la departie. AOI.	essa tarde, em dor, seremos separados. AOI.

1714. Está implícito que o verbo *cornerai* (soarei) refere-se ao olifante.

1719. Não é de estranhar a repetida indicação de discurso direto do mesmo personagem, *dift oliuer*, que vimos no v. 1715, pois este muda de assunto.

1720. A Dona Alda, irmã de Oliveiro, é a prometida de Roldão que voltará a aparecer nas ss. CCLXVIII e CCLXIX. *Vide* nota ao v. 104.

1733. A expressão é “*deu iuiſe*” (juízo de Deus), apenas pressuposto na tradução a ideia do Juízo Final.

CXXXII

Li arceuef lef ot' cuntrarier.
 Le cheual brochet def espunf dor mer.
 Vint tref qua elf fíf pít a castier.
 Sire Roll y uof fíre oliuer.
 pur deu uof pri ne uof cuntrialiez.
 Ja li cornerf ne nof aureit mefter.
 Maiñ nepurquant fí est il afez melz.
 Venget li reif fí nuñ purrat uenger.
 Ja cil deſpaigne ne ſen deiuent t^uner liez.
 Nrē franceif i deſcendru' a pied.
 truert' nof y morz y detrenchez.
 Leuerunt nof en bieref fur ſumerf.
 Si nuñ plurrunt de doel y de pitet.
 enfuerunt en aitreſ demuſterf
 Nen mangerunt ne lu ne porc ne chen.
 Reſpunt Roll fíre mult diteſ bien. AOI.

^A discussão toda escuta o Arcebispo,
^{que} finca a espora de ouro puro no cavalo,
 até eles vai e começa a repreendê-los:
 1740 “Senhor Roldão e senhor, caro Oliveiro,
 não brigeis, pelo Deus Senhor, vos peço,
 se de nada servirá soar o corno,
 mesmo assim é melhor ainda fazê-lo.
^{Que} venha o rei e possamos ser vingados,
 1745 e os da Espanha não fiquem jubilosos.
 Apearão aqui chegados, nossos francos,
 e encontrarão-nos todos mutilados.
 Levarão-nos sobre paletes em asnos,
 e, chorando-nos por lástima e dolo,
 1750 “^{en}terrorar-nos-ão no pátio de um mosteiro;
 não nos comerão os porcos, cães ou lobos.”
 Roldão diz: “Meu senhor, haveis bem dito!” AOI.

Roldão toca o olifante e Carlos empreende o retorno

CXXXIII

Roll ad miñ lolifan a ſa buche.
 empeint le ben par grant uertut le ſunet.
 halt ſunt li pui y la uoiz est mlt lunge.
 Granz .xxx. liweſ loirent il reſpundre.
 karleſ loit y ſeſ cūpaigneſ tuteſ.
 co dit li reif bataille funt nrē hume.
 e guenelun li reſpundit encuntre.
 Saltre le deſiñt ia ſemblaſt grant mencunge. 1760

O Roldão leva o olifante à boca,
^afirma bem e o soa assaz com força.
 1755 ^É prolongado o som nas cimas altas,
 ouve-se a ressonância em trinta léguas.
 Ouviu Carlos e toda a companhia,
 disse o rei: “Nossos homens têm batalha!”
 Galalão dá a réplica contrária:
^{Di}ssesse-o outro, pareceria mentira. AOI.

/AOI.

CXXXIV

Li quenſ Rolſ par peine y par ahanſ.
 par grant dulor ſunet ſun olifan.
 par mi la buche en ſalt forſ li cler ſancſ.
 De ſun ceruel le tēple en ~ rūpant.
 Del corn quil tient loie en eſt mult grant.
 1765 karleſ lentent ki eſt aſ porz paſſant.
 Naimeſ li duc loid ſil eſcultent li franc.
 ce diſt li reiſ io oi le corn Rolſ
 Vnc nel ſunaſt ſe ne fuſt cūbatant.
 Gueneſ reſpunt de bataille ~ nient.
 Ja eſteſ ueilz y fluriz y blancſ.
 par telſ paroleſ u^o reſemblez enfant.
 aſez ſauez le gr^{ant} orgoill Rollant.
 co ~ merueille que d'ſ le ſoefret tant.
 Ja priſt il nopleſ ſeinz le urē comant.
 1770 Forſ ſen eiſſirent li ſarrazinſ dedenz.
 [Siſ cumbatirent] al bon uaſſal Rolſ.
 puiſ od leſ eweſ lauāt leſ prez del ſanc.
 pur cel le fiſt ne fuſt (airiſſant).
 pur un ſul leüre (uatz) tute iur cornant.
 1775 Deuant ſeſ pſ uait il ore gabant.
 Suz^{cel} nad gent ki (oſaſt^{re}querre en champ).
 car (ceualcez) pur qualez areſtant.
 tere maior mult eſt loinz ca deuant. AOI.
 1760^{Co}nde Roldão, com empenho fadigado,
 ° olifante soa, muito dolorido.
 Pela boca lhe brota o sangue claro,
 suas tēporas, as rompe dos miolos.
 1765 À distancia grande escuta-se o corno,
 p^assando os átrios, o reconhece Carlos.
 Du^{que} Nemé ouve e escutam todos os francos,
 disse o rei: “De Roldão é esse corno!
 Não soaria jamais, não combatendo.”
 1770 Galalão diz: “Não há nenhum confronto,
 já sois velho, grisalho e florido,
 mas com tais palavras parece um menino.
 Conheceis assaz Roldão, tão orgulhoso,
 é incrível que Deus suporte-o tanto.
 1775 Conquistou Noples sem vosso comando,
 para fora, saíram os sarracenos,
 combatendo com Roldão, o bom vassalo.
 Com água, o sangue lavou daquele prado,
 para que nada vos fosse revelado.
 1780 Só por uma lebre soa o dia todo,
 a seus pares deve estar só se gabando.
 Sob o céu não há quem os requeira o campo,
 cavalgai ou, por que nos retrasamos?
 Terra Maior é tão à frente desse ponto.” AOI.

CXXXIV. Essa série contém trechos de legibilidade comprometida. Sigo com apoio da transcrição de Moignet (1985).

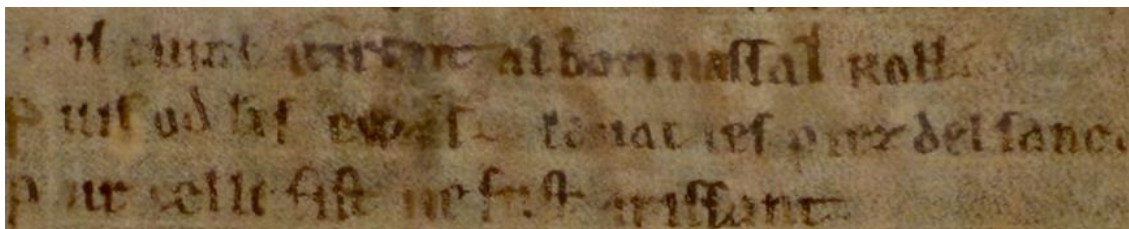


Figura 16: Ms. O fl. 32v. vv. 1777-1779.

1763-1764. Aqui tem início a lenta morte de Roldão, que termina no v. 2396.

1779. Segundo a leitura de Waters (1930, p. 97), a perífrase verbal que se lê é *fuſt airiſſant* e, claramente, não há nada entre as duas palavras. Trata-se de um equívoco comum de escribas para *fuſt apairiſſant*.

1780. A palavra *uatz* é leitura de Waters (1930, p. 97), mas a grafia é incomum.

CXXXV

Li quenſ Rolſ ad la buche ſanglente.	1785	^{Con} de Roldão tem a boca ensanguentada,
De ſun ceruel rūput en eſt li tēpleſ.		e o ſeu cérebro, as tēmporas vazadas.
Lolifan ſunet a dulor y a peine.		^O olifante ſoou com dor e pena,
karleſ loit y ſeſ franceiſ lentendent.		ouve Carlos e o reconhece a França.
co diſt li reiſ cel corn ad lunge aleine.		Disse o rei: “Esse corno extenso sopra!”
Reſpont dux neimeſ baron i fait la peinte.	1790	^{Re} plica o duque Nemé: “O barão ataca!
Bataille i ad par le men eſcientre.		Ciente eu, está havendo uma batalha,
cil lat trait ki uoſ en roeuet feindre.		nos traiu quem a quer dissimulada,
adubez uoſ ſi c’ez urē enſeigne.		armai-vos já, gritai a vossa insígnia,
Si ſucurez urē maiſnee gente.		socorrei a vossa tão gentil armada;
aſez oez que Rolſ ſe demented.	1795	já ouvisteis que Roldão assaz lamenta.

CXXXVI

Li empereſ ad fait ſuner ſeſ cornſ.		^O Imperador faz soar todos os cornos,
Franceiſ deſcendent ſi adubent lor corſ.		descavalgam e armam-se os francos,
doſbercſ y de helmeſ y deſppeeſ a or.		com lorigas, espadas e com elmos.
eſcuz unt genz y eſpiez granz y forz.		Lanças grandes, fortes, belos os escudos,
e gunfanunſ blancſ y uermeilz y bloiſ.	1800	gonfalões azuis, vermelhos e os brancos.
eſ deſtreſ muntent tuit li barun del oſt.		Todos os barões da hoste em seus destreiros,
Brochent ad ait tant cū durent li port.		picam forte ao longo dos desfiladeiros.
Ni ad celoi al altre ne parolt.		^{Não} há ali quem assim diga ao outro:
Se ueiſſum Rolſ einz quil fuſt mort.		“Se a Roldão virmos antes de que morto,
enſemblod lui i durriumſ granz colpf	1805	^{des} feriremos grandes golpes a seu lado!”
De co qui calt car demuret i unt trop.		De que adianta, se tardaram demasiado?

1775-1779. (Ant.) Galalão se remete, nesses versos, a um episódio narrado na versão irlandesa da lenda de Roldão, a *Karlamagnús saga*, em que Carlos envia na frente Roldão e Oliveiro para sitiarem a cidade de *Nobilis* (ou *Nopleſ*; vide nota e v. 198), com a expressa ordem de não matar seu rei *Fourré*. Como houvesse esse rei resistido ao sítio, Roldão acaba descumprindo a ordem, dando cabo de sua vida e, após ocupar a cidade, lava com água o campo de batalha, coberto em sangue, a fim de omitir sua insubordinação. Chegado Carlos, ante a confissão de Roldão, o rei dá-lhe uma bofetada.

1788. O segundo hemistiquio, *franceiſ lentendent* (os franceses reconhecem) está traduzido com uma metonímia do todo pela parte.

1789. Apesar das feridas, a dor e a pena,ouve Carlos que Roldão soa com vigor o olifante. A expressão *lunge aleine* (longo alento, fôlego) contrasta com o v. 2104.

1790. Na palavra *peinte* (ataque) distingue-se, pela leitura de Waters (1930, p. 97), toda a letra *t*, alterando assim o sentido empregado nas edições de Bédier (1927) e de Moignet (1985), que lêem *peine* (pena).

1791. Ablativo absoluto, vide nota ao v. 539.

CXXXVII

Eſclargiz eſt li ueſpreſ y li iurz.	O entardecer e o dia ſão tão claros,
cuntre le ſoleil reluifent cil adub.	contra o ſol, reluzindo o armamento:
oſbercſ y helmeſ i getent grant [flambur].	Muito luzem as lorigas e os elmos,
y cil eſcuz [ki] ben ſunt peinz a flurſ.	1810 e, de flores, bem pintados os escudos,
y cil eſpiezz cil oret gunfanun.	e as lanças e os gonfalões dourados.
Li emperes ceualchet par irur.	° Imperador vai cavalgando tão irado,
e li franceiſ dolenz y cur()uſ.	e os franceses, tão tristes, ansiosos.
Ni ad ceiſ ki durement ne plurt.	Nenhum deles segura o duro pranto,
y de Roll ſunt en grant pour.	1815 por Roldão, estão tão apreensivos.
Li reiſ fait prendre le cunte guenelun.	O rei deixa o conde Galalão detido,
Sil cumandat aſ couſ de ſa maiſun.	aos cozinheiros da sua casa é confiado.
tut li pl ^o maiſtre en apelet beſgun.	O Vesgão, que é o Master-Chefe, foi chamado:
Ben le me garde ſi cume tel felon.	“ ^{Guar} dai-o como convém a um fingido,
De ma maiſnee ad faite traifun.	1820 meu exército, por ele, foi traído.”
cil le receipt ſi met .c. cumpaignonſ.	^{Por} cem serventes ele é custodiado,
De la quiſine deſ mielz y deſ peiurſ.	na cozinha, entre os mais e os piorados.
Jcil li peilent la barbe y leſ gernunſ.	Sua barba e seus bigodes são cortados,
caſcun le fiert .iiii. colpſ de ſun puign.	cada um deu-lhe quatro bons sopapos.
Ben le batirent a fuz y a baſtunſ.	1825 Bem bateram com porretes e com mastros,
e ſi li metent el col un caeignun.	e lhe metem um grilhão no seu pescoço,
Si lencaieinent altreſi cum un urſ.	e depois o encadearam como um urso.
Sur un fumer lunt miſ adefhonor.	Por desonra o jogaram num jumento,
tant le guardent quel rendent acharlun.	e lhe guardam até o dar a Carlos.

1809. Esse verso tem a legibilidade muito comprometida, pois o fl. apresenta uma cesura. A última palavra é transcrita por Bédier (1927, p. 138) e Moignet (1985, p. 142) como “*flabur*”, já Riquer (2003, p. 200) o faz como “*flambur*” (brilhando, piscando) que, a despeito da corrupção do trecho no manuscrito, parece possível. Na acepção do substantivo *flambur* no AND, esse verso é usado como exemplo. Considerando, além de Riquer e do AND, a plausibilidade lexical, adotamos essa transcrição.



Figura 17: Ms. O fl. 33r. v. 1809.

1813. O termo que transcrevemos como “*cur()iuſ*” (ansiosos) é lacunar, transcrito pelos editores consultados como “*curuſus*” (angustiados). A terminação em *iuſ* é de mão de revisor; *vide* v. 1835.

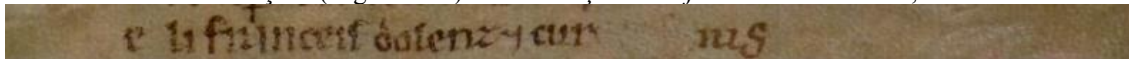


Figura 18: Ms. O fl. 33r. v. 1814.

1823. Depois desse verso, como última linha do fólio, consta no manuscrito o seguinte verso: “*Morz est turpinſ le guerreier charlun.*”. Nenhum editor apresenta tal verso nessa posição, já que se mostra totalmente inapropriado aqui. É consensual entre os editores colocá-lo depois do v. 2241, e assim procedemos.

CXXXVIII

Halt junt li pui e tenebruf e grant. AOI.	1830 São as cimas altas, tetras e tão grandes,
Li ual parfunt elef ewef curant.	corredias as águas, fundos esses vales.
Sunent cil graifl e y derere y deuant.	Soam os clarins atrás e adiante,
e tuit rachatent encuentre lolifant.	respondendo de volta o olifante.
Li emperef cheualchet ireement.	^o Imperador cavalga furiosamente,
e li franceif curi()uf y dolent.	1835 e os franceses, ansiosos e dolentes;
Ni ad celoi ni plurt y fe dement.	nenhum deixa de chorar, todos gementes.
y pent deu q'l guariffet Rolł.	Rogam por Roldão, que Deus ali o resguarde,
Jof que il uengent el camp cumunement.	^a té que ao campo, todos juntos, eles cheguem,
Enfemblod lui i ferrunt ueirement.	^e junto dele acometam francamente.
De co qui calt car ne lur ualt nient.	1840 A que serve isto? Se de nada vale.
Demurent trop ni poedent efre atenf. AOI.	Retrasaram muito, em tempo ser não podem. AOI.

CXXXIX

Par grant irur cheualchet li reif charlef.	O rei Carlos, iracundo, já cavalga,
defur fa brunie li gifl fa blanche barbe.	sobre a cota ostenta a branca barba.
puignent ad ait tuit li barun de france.	Cravam esporas todos os barões da França,
Ni ad icel ne demeint irance.	1845 entre eles não há quem não se ressinta,
Que il ne junt a Rolł le cataigne.	^{por} que Roldão ali não os capitaneia,
ki fe cūbat af farrazin f despaigne.	pois combate os sarracenos da Espanha;
Si efl blecet ne quit que anme i remaigne.	tão ferido, creio, a alma não sustenta.
D'f quel f feifante humef i ad en fa cūpaigne.	Quais sessenta, oh Deus, em sua companhia,
Vnchef meillurf nen out ^{reif} ne caignef. AOI. 1850	melhor rei ou capitão não haveria! AOI.

1835. Curiosamente, a exemplo do verso que é a esse similar, v. 1813, há uma lacuna que divide a mesma palavra, esta, porém, sem mão de corretor. Nesse ponto fica mais claro tratar-se de *curiuf* (ansiosos) e não *curoçus* ou *curuçus* (angustiados) como transcrevem Moignet (1985, pp. 142 e 144) e Riquer (2003, pp. 200 e 202). A despeito da lacuna, se por imperfeição do fólio ou equívoco rasurado do copista, a ausência das letras /u/ e /ç/ para a hipótese de Moignet e Riquer, poderia ser solucionada com grafia sobrescrita como há tantos outros exemplos no manuscrito.

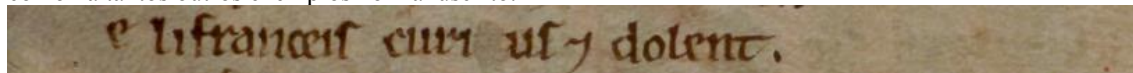


Figura 19: Ms. O fl. 33v. v. 1835.

1843. Ostentar a barba sobre a cota parece ser um gesto de desafio ao inimigo; *vide* nota aos vv. 48 e 117. 1850. O termo *caignef* é corrigido pelos editores por “*cataignes*”, como consta no v. 1846, pressupondo que o copista saltou uma sílaba. A entrada do étimo *cataigne* (capitão) no AND utiliza esse verso como exemplo; *caignef*, por outro lado, não apresenta entrada no AND. Adotamos a correção consensual na tradução e mantivemos a grafia do copista.

O esquadrão de Marsílio deserta
CXL

<p>Rol̄ reguardet ef munz y ef lariz. De celf de france i ueit tanz morz gefir. e illef pluret cū cheualer gentill. Seignor̄f baron̄f de uof ait d'f mercit. tutef uoz anmes otreit il pareif. en feintef flurf illef facet gefir. Meillor̄f uajfal̄ de uof unkef ne ui. Si lungement tuz tenf mauez feruit. a oef carlon fĩ granz paif cunquif. Li emperef tant mare uof nurrit. tere de france mult eftef dulz paif. oi desertet a tant (rubof̄ill) exill. Baron̄f franceif pur mei uof uei murir. Jo ne uof poif tenfer ne garantir. ait uof d'f ki unkef ne mentit. Oliuer frere uof ne dei io failir. de doel murra fe altre ne mi ocit. Sire cūpainz alum i referir.</p>	<p>^{Rol}dão contempla as montanhas e os penhascos, dos da França vê, tombados, tantos mortos. Ele chora à guisa de bom cavaleiro: “Deus vos seja, meus senhores, piedoso, ¹⁸⁵⁵ ^{e a} todas as vossas almas dê o paraíso, e entre santas flores vosso bom repouso. Jamais vi, ante vós, tão bons vassalos, ^{pois} tanto tempo vós me haveis servido, e por Carlos, quais países conquistado; ¹⁸⁶⁰ em má hora, pelo rei, fostes criados. Franca Terra, sois país tão mavioso, ^e nos destroços daqui hoje arruinado! Por mim, vejo morrerdes meus bons francos, defendê-los ou salvá-los já não posso, ¹⁸⁶⁵ Deus ajude-vos, pois não é mentiroso, Oliveiro, irmão, não vou falhar convosco, morrerei de dor se não me mata outro! Ao combate voltemos, companheiro.”</p>
--	--

CXLI

<p>Li quen̄f Rol̄ el champ ~ repairet tient durendal cume vajfal i fiert. Faldrun de pui i ad par mi trenchet. e .xxiiii. de tuz lef melz p̄sez.</p>	<p>^{Rol}dão, o conde, no campo está presente, ¹⁸⁷⁰ ^a Durindana empunha e ataca tão valente. Fraldalhão, de Puig, ao meio fende, ^e vinte e quatro melhores dos viventes.</p>
--	---

1862. O segundo hemistiquio não é claro no que transcrevemos por “*rubof̄ill*”. Riquer (2003, p. 204) transcreve “*reboſt*”, que não encontra fundamento lexical em Anglo-Normando, mas, não obstante, traduz a expressão “*reboſt exill*” como “áspera ruína”; Bédier (1927, p. 143) insere a interrogação; Moignet (1985, pp. 146-147) anota uma possível aproximação com *rubeste*, *rubestre*, por derivação de *rupestris*, como “selvagem” e, assim, traduz a expressão “*ruboste exill*” por *dur malheur* (ruim infortúnio). Nossa hipótese está embasada na leitura dessa expressão, *rubof̄ill*, com o étimo *rubous*, *rubouse*, no AND traduzido por *rubble* (destroço, entulho) e *ill* como o advérbio locativo *illoc*, *illonquez*, cuja contração, marcada pelo signo /A/ é recorrente no cantar. Em todo caso, trata-se de uma hipótese igualmente não definitiva.

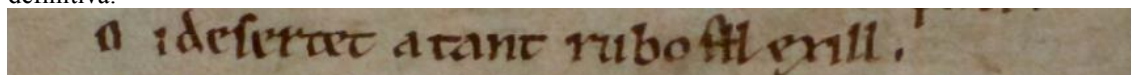


Figura 20: Ms. *O* fl. 34r. v. 1862.

1865. ...*Qui non mentitur, Deus*, na carta de São Paulo a Tito, 1:2. Gratos ao Pe. Alexandre Alves Filho.

Jamaif niert home pluſ ſe uoieillet uenger.
 Si cū li cerff ſen uait deuant leſ chienſ.
 deuant Rolſ jī ſen fuient paienſ.
 Diſt larceueſq; afez le faiteſ ben.
 Jtel ualor deit aueir cheualer.
 ki armeſ portet y en bon cheual ſet.
 en bataille deit eſtre forz y fierſ.
 V autrement ne ualt .iiii. denerſ.
 einz deit monie eſtre en un de cez muſtierſ.
 Si perat tuz iurz por noz pececz.
 Reſpunt Rollant ferez neſ eſparignez.
 a icect mot lunt francſ recumencet.
 Mult grant damage iout de xpīenſ.

Não há homem que vingança mais deseje,
 e como o porcos que dos cães correm à frente,
 1875 Assim pagãos, diante de Roldão bem correm.
 O Arcebispo diz: “Fazeis tão habilmente!
 Ter valor tal o cavaleiro deve,
 o que monte bom cavalo e armas porte.
 Deve ser, na batalha, duro e forte,
 1880 do contrário quatro pratas se quer vale;
 antes, num mosteiro, que se faça monge,
 para todo dia orar por nossa iniquidade.”
 Roldão diz: “Atacai, que não semeiem!”
 Dito isso, recomeçam os franceses;
 1885 dos cristãos ali há calamidade.

CXLII

home ki co ſet que ia naurat priſun.
 en tel bataill fait grant defenſion.
 pur co ſunt francſ jī fierſ cume leunſ.
 aſ uuf marſilie en guiſe de ba-runt.
 Siet el cheual quil apelet gaignun.
 Brochet le ben jī uait ferir beuon.
 Jcil ert ſire de belne y de digun.
 Leſcut li freint y loſberc li derūpt.
 Que mort labat ſeinz altre deſcunſiſun.
 puiſ ad ocif ſuoeries y ivon.
 enſemblod eſ Gerard de ruſſillun.
 Li quenſ Rolſ ne li eſt guaireſ loign.
 Diſt al paien dāneſ d’ſ mal te duiſt.
 a jī grant tort mociz meſ cūpaignunſ.
 colp en aūraſ einz que noſ departum.
 e de meſpee enquoi ſauraſ le nom.

É sabido: não haverá prisão;
 em tal batalha se faz grande defesa,
 francos são, por isso, bravos qual o leão.
 Eis Marsílio, à guisa de barão,
 1890 o cavalo que monta é o Gagão.
 Aguilha bem e acomete o Belvon,
 que é senhor de Beaune e de Dijon.
 Fende o escudo e a loriga lhe é em vão,
 derruba-o morto, sem mais qualquer lesão.
 1895 Depois matou também o Ivo e o Ivan,
 junto com o Girard de Rossilhão.
 Muito longe dali não é Roldão:
 “Deus te queira fazer mal!” – Diz ao pagão.
 “Injustamente matastes meus irmãos,
 1900 pearei-vos antes da separação,
 sabereis da minha espada o nome então!”

1871. (Ant.) Puig pode ser o municipio valenciano de *El Puig*, de domínio árabe desde a invasão bérbere no século VIII. Foi conquistada por *el Cid*, identificada no cantar como *Cebolla* (Moignet, 2000, p. 74, v. 1150), por deformação popular.

1883. Para o termo *eſparignez*, vide nota ao v. 1504.

1891. Beuane e Dijon são comunas de Borgonha.

1896. Girard de Rossilhão viveu no século IX sob o império de Luis, o Piedoso, sucessor de Carlos Magno. Presente em diversos cantares de gesta, protagoniza um extenso cantar provençal, *Girart de Roussillon*.

vait le ferir en guife de baron.
 trenchet li ad li quenſ le deſtre poign.
 puif prent la teſte de iurfaleu le blund.
 Jcil ert filz al rei marſiliun.
 païen eſcrient aïe noſ mahum.
 Li nrë deu uengez noſ de carlun.
 en ceſte tere nuſ ad miſ telf felunſ.
 Ja pur murir le camp ne guerpïrunt.
 Diſt lun al altre e car noſ en fuiumſ.
 a iceſt mot telf .c. miliefen uunt.
 ki queſ rapelt ia nen retournerunt. AOI.

Acomete-o à guisa de barão,
 e cerceou-lhe a sua destra mão.
 De^ecapitou depois o Jurfaláz lourão,
 1905 de Marsílo era filho e sucessão.
 “Maomé, socorro!” – Gritam os pagãos –
 “Oh Deuses, dai a Carlos a retaliação!
 Nessa terra nos deixou com tais vilãos,
 que nem por morte, o campo, não entregarão!”
 1910 Dizem uns aos outros: “Demos deserção!”
 Dito isto, bem uns cem mil se vão;
 que os chamem, já não retornarão. AOI.

O Califa Margonício e o terceiro esquadrão CXLIII

De co qui calt ſe fuit ſen eſt marſilieſ.
 Remef i eſt ſiſ unclēſ marganiceſ.
 ki tint kartagene al frere garmalie.
 e ethiope une tere maldite.
 La neire gent en ad en ſa baillie.
 Granz unt leſ neſ y leef leſ oreilleſ.
 e ſunt enſemble p¹³ de cinq^ante milie.
 Jcil cheualchent fierement e aïre.
 puif eſcrient lenſeigne paenime
 co diſt Rolł ci receûrumſ matyrie.
 y or ſai ben nauonſ guaireſ auiûre.
 Maiſ tut ſeit fel cher ne ſe uende pmeſ.
 Ferez ſeignurſ deſ eſpeeſ furbieſ.
 Si calengez ^{e uoz} y morz y uoz uieſ.

De que adianta se deserta rei Marsílio?
 Permanece, pois, seu tio, o Margonício,
 1915 que possui Al-Frer, Garmália e Cartago,
 e Etiópia, uma terra de malditos.
 A gente negra está sob o seu domínio,
 de orelhas grandes e narizes largos.
 Uns cinquenta mil ou mais são todos juntos,
 1920 e cavalgam firmemente tão irados.
 A insígnia dos pagãos já vão gritando,
 diz Roldão: “Teremos hoje tal martírio,
 que, agora sei, muito mais não viveremos;
 é infiel, porém, quem não se vender caro.
 1925 Atacai com espadas claras, cavaleiros,
 cui^edai então de vós, não morram fiquem vivos!

1903. Esse cerceamento da mão direita de Marsílio por Roldão recorda as ameaças de que Carlos perderia seu braço direito, nos vv. 597 e 1195.

1914. O personagem *marganiceſ* (Margonício), tio de Marsílio, fora, até aqui, chamado pelo seu cargo, *algalifeſ* (califa, *vide* nota ao v. 453), e é sobre quem Galalão inventa uma inverossímil história para justificar sua ausência entre os reféns de Carlos pelo acordo com Marsílio, *vide* nota aos vv. 681-691.

1915-1916. Exceto Cartago, a atual Tunísia, e Etiópia, as toponímias não são reconhecidas.

1926. Todos os editores consultados seguem, na tradução, a correção proposta por Lecoy (*apud* Moignet, 1985, p. 148) do termo *calengez* por “*disputez*” (disputai). Riquer (2003, p. 208), ainda transcreve “*si calengez e vos cors e voz vies*” (disputai vossos corpos e vossas vidas), alterando *morz* (morte) por *cors* (corpos). Nossa proposta tradutológica lê o termo, tal qual figura no manuscrito, como o verbo *calere*, *caleir* (importar-se com, cuidar de).

Que dulce france par nuf ne feit hunie.
 Quant en cest camp uendrat carl mi fire.
 De sarrazin^s uerrat tel discipline.
 cunte un def noz en truuerat morz .xv.
 Ne lefferat que noz ne beneiff^e. AOI.

Que, por nós, não caia a França em opróbio.
 Quando Carlos, meu senhor, chegar ao campo,
 aqui verá tal martírio sarraceno:
 1930 ^{Por} cada um de nós vão quinze deles mortos,
 e assim não deixará de bendizer-nos!” AOI.

CXLIV

Qvan Roll ueit la contredite gent.
 ki p¹⁹ junt neir^s que nen est arrement.
 Ne nunt de blanc ne maif que sul lef denz.
 co dift li quen^s or fai io ueirement.
 Que hoi murrum par le mien efcient.
 Ferez franceif car iol uof recumenz.
 dift oliuer dehet ait li plus lenz.
 A iceft mot franceif fe fierent enz.

Quando vê Roldão aquela ímpia gente,
 que mais negros do que o negro corante,
 não há branco que se veja exceto os dentes.
 1935 Disse o conde: “Estou agora crente,
 morreremos hoje, sendo eu ciente.
 Atacai, franceses, que eu vou na frente!”
 Diz Oliveiro: “O mais lento é um indolente!”
 Dito isso recomeçam os franceses.

A morte de Oliveiro

CXLV

Qvant paien uirent que franceif i out poi.
 entrel^s en unt y orgoil y cunfort.
 Dift lun al altre lempeor ad tort
 Li marganicef^s fift sur un ceual for.
 Brochet le ben def e^sprun^s a or.
 Fiert oliuer derere en mi le dof.
 Le blanc ofberc li ad de^scuft el corf.
 par mi le piz sun e^spriet li mi^st forf.
 e dit apref un col auez pri^s fort.
 carlef li magne^s mar uof lai^sfat a^s porz.
 tort nof ad fait nen est dreiz quil fen lot.
 kar de uof ful ai ben uenget lef noz.

Quando veem pagãos que os francos eram poucos,
 sentem muito orgulho e é grande seu conforto:
 “Está o mal com o Imperador!” – Diz um ao outro.
 Margonício monta um cavalo zaino,
 finca bem, as esporas são de ouro.
 1945 Pelas costas ataca Oliveiro,
 a loriga branca rasga-lhe no corpo.
 Faz a lança sair pelo seu peito,
 então disse: “Recebestes golpe duro!
 Em má hora aqui vos deixa Carlos Magno,
 1950 injustiça fez, gabar-se não é certo,
^{Por}tanto só em vós bem me vinguei dos nossos.

1943. O adjetivo *for* refere-se especificamente a cavalos de coloração castanho-escuro, como cerne de um jacarandá, aos que se chamam zainos.

CXLVI-CXLVII. São séries similares com destaque para os versos de entonação, perfeitamente semelhantes, apenas alterada a assonância. Note-se a bravura épica de Oliveiro que, com uma lança atravessana no peito por um golpe covardemente desferido pelas costas (v. 1945), segue lutando e empilhando mortos (v. 1971) até que, no limite, chama a Roldão (vv. 1964, 1975).

CXLVI

Oliuer fent que a mort est ferut.
 tient halteclere dunt li acer fut brunf.
 Fiert marganicef fur lelme a or agut.
 e flurf^{e criſtauf} en acrauentet iuf.
 trenchet la teſte dici quaſ denz menuz.
 Brandiſt ſun colp ſi lad mort abatut.
 e diſt apreſ paien mal aieſ tu.
 Jco ne di que karleſ ni ait pduſt.
 Ne a muiler ne a dame quaiſ ueud.
 Nen uanteraſ el regne dunt tu fuſt.
 Vaillant a un dener que mi aieſ tolut.
 Ne fait damage ne de mei ne daltrui.
 apreſ eſcriet Roll quil li aiut. AOI.

^{Se}nte Oliveiro que de morte está ferido,
^a Altaclara empunha, de aço polido.
 No elmo agudo acomete a Margonício,
 1955 e as flores e os cristais lhe são caídos.
 A cabeça corta até os dentes miúdos,
 brande o golpe e o derruba morto.
 Depois disse: “Pagão, sejais maldito!
 Não que Carlos nada haja aqui perdido,
 1960 mas nem a mulher ou dama que haveis visto,
 não vos vangloriareis em qualquer reino
 de ceifar-me por que vale um dinheiro,
 ou aos outros ou a mim de haver ferido.”
 Depois grita a Roldão por seu auxílio. AOI.

CXLVII

Oliuer fent quil ~ a mort naſfret.
 de lui uenger ia maiſ ne li ert fez.
 en la grant pſſe or i fiert cume ber.
 trenchet cez hanſteſ y cez eſcuz buclerſ.
 e piez y poinz y ſeleſ y coſtez.
 ki lui ueiſt ſarrazinſ deſmembreſ.
 Vn mort ſur altre geter.
 de bon uaſſal li pouſt remembreſ.
 Lenſeigne carle ni uolt mie ublier.
 Munioie eſcriet e haltement y cler.
 Roll apelet ſun ami y ſun per.
 Sire cūpaign amei car uuf iuſtez
 a grant dulong ermeſ hoi defeürez. AOI.

1965 ^{Se}nte Oliveiro que ferido está de morte,
 nunca mais se vingará completamente.
 Por barão, na grande turba acomete,
 lanças e escudos no brocal os fende,
 e as mãos e pés e selas e lombares.
 1970 Desmembrando sarracenos, quem o visse,
 arremessar um sobre outro em mortandade,
 poderia recordar-se de um valente.
 Da real insígnia não quer esquecer-se:
 “*Monjoie!*” – Grita claro e fortemente.
 1975 De Roldão, seu amigo e par, carece:
 “Companheiro, senhor, junto a mim vinde,
 vamos já nos separar, a dor é grande. AOI.

1954. Para o modelo de elmo agudo, *vide* nota ao verso 629.

1959-1963. Nesse discurso de Oliveiro, há um caso raro no cantar de longo encavalgamento (*enjambement*), rompendo a estrutura mais recorrente dos dísticos, em que a unidade sintática de estende dos dois mais comuns a esses cinco versos.

1968. Para escudos abroquelados, *vide* notas aos versos 526 e 1263.

CXLVIII

Rol̄ reguardet oliuer al uifage. teint fut e p̄f defculuret y pale.	O Roldão contempla o rosto de Oliveiro, macerado, esqualido e descolorido.
Li fancef tuz clerf par mi le corf li raiet. encunt'e tere en cheent lef efclacef.	1980 Pelo corpo, borbota o sangue vivo, e pelo chão esparramam-se os coágulos.
D'f dift li quenf or ne fai ío que face.	Diz Roldão: “Deus! Que fazer nesse momento?”
Sire cūpaiz mar fut uoftre barnage.	Em má hora fostes nobre, companheiro.
Jamaif niert hume ki tun corf cuntreuaillet. e france dulce cun hoi remendraf guafte.	Ninguém vai se comparar nunca contigo!
de bonf uaffalf cunfundue y chaiete.	1985 Doce França, sois país tão devastado, de bons vassalos, confundido, arruinado;
Li empere en aurat grant damage.	receberá o Imperador tão grande dano.”
a iceft mot fur fun cheual pařmet AOI.	Isso dito, desmaiou sobre o cavalo. AOI.

CXLIX

Af uuf Rol̄ fur fun cheual pařmet e oliuer ki ~ a mort naffret. tant ad feine ^{nt} li oil li funt trublet. Ne loinz ne pieř ne poet uedeir ři cler. Que reconoiřtre poiřfet nulř hom mortel. Sun cumpaignun cum il lat encuntret. Sil fiert amunt fur lelme a or gemet. tut li detrenchet dici qual nafel. Maiř en la teřte nel ad mie adeřet. a icel colp lad Rol̄ reguardet Si li demandet dulcement e řuef. Sire cūpain faiteř le uof degred. Ja eřt co Rol̄ ki tant uof foelt amer. par nule guiře ne mauiez deřfriet. dift oliuer or uof oi io parler. Jo ne uof uei ueied uuf dānedeu. Ferut uof ai car le me pardunez.	Eis Roldão desmaiado no cavalo, 1990 e, ferido de morte, Oliveiro; sangrou tanto que enturvam os seus olhos, nem de longe nem de perto vê bem claro, para assim reconhecer mortal humano. Quando então encontrou seu companheiro, 1995 golpeou seu elmo em ouro cravejado, desde o topo até o nasal está fendido, mas o crânio, se quer, foi-lhe tocado. A esse golpe, Roldão quer contemplá-lo, e lhe pergunta com doçura e com afeto: 2000 “Companheiro, o fizeste de arbítrio? Sou Roldão que vos tanto tenho amado, de modo algum me haveis desafiado!” “Só agora vos ouvi – diz Oliveiro – que vos veja o Senhor Deus, eu não vos vejo! 2005 Perdoai-me não queria golpeá-lo!”
--	---

1979. *pf* = *pers* (lívido, descolorido, de tom azulado da carne machucada).

1988. Para desmaio, *vide* nota ao v. 27.

2002. Pelo código ético da cavalaria, um golpe não se dá em desaviso; afora uma batalha, requer-se antes um desafio.

Rol̄ respunt io nai nient de m^al.
 Jol uof parduinf ici y deuant deu.
 a icel mot lun al altre ad clinet.
 par tel amur af lef u^o d^efeured.

Diz Roldão: “Eu não tenho nenhum dano,
 bem aqui e ante Deus eu vos perdoo!”
 Isso dito inclinaram-se um ao outro,
 hei-vos aqui, por amor tal, separados!

CL

Oliuer fent que la mort mult languiffet.
 anf douf lef oilz en la teste li turnent.
 Loíe pert y la ueue tute.
 defcent a piet al tere se culchet.
 Durement en halt j̄i reclimet ja culpe
 cuntre le ciel ambedouf sef mainf iuintef.
 Si priet deu que pareif li dunget.
 e beneif̄t karlun y France dulce.
 Sun cūpaignun Rol̄ fur tuz humef.
 Falt li le coer le helme li embrunchet.
 Trestut le corf a la tere li iuftet.
 Morz eft li quenf que plus ne se demuret.
 Rol̄ li ber le pluret j̄il dulufet.
 Jamaif en tere norrez ^{pluif} dolent hume.

2010 Oliveiro sente, a morte lhe angustia,
 os dois olhos na cabeça se extraviam.
 Perde toda a audição, também a vista,
^{des}monta sobre os pés, na terra então se prostra.
 Em alta voz ali confessa suas culpas,
 2015 contra o céu ambas as mãos, as mantêm juntas.
 Pede a Deus que o paraíso lhe conceda,
 ° que bendiga a Carlos e a Doce França,
 e a Roldão, sobre toda a criatura.
 Cai o elmo e o coração lhe falha,
 2020 ° todo o corpo reúne-se à terra.
 Morto é o conde, já não mais perdura.
 O barão Roldão o chora e o lamenta,
 mais dolente homem não ouvireis na terra!

CLI

Or ueit Rol̄ que mort eft fun ami.
 Gef̄ir adenz ala tere fun uif.
 Mult dulcement a regreter le priſt.
 Sire cūpaign tant mar fuſteſ hardiz.
 enſemble auum eftet y anz y dif.
 Nem feſif̄ mal ne io nel te forſif̄.
 Quant tu ef mor dulur .ě. que io uif.
 a iceſt mot ſe paſmet li marchif.
 Sur fun ceual q^e cleimet ueillantif.
 afermet ~ a ſeſ eſtreuf dor fin.
 Quel part quil alt ne poet mie chair.

Agora vê Roldão que seu amigo é morto,
 2025 ° jaz entrado na terra o seu rosto.
 Docemente, invoca o seu lamento:
 “Em má hora bravo fostes, companheiro,
 dias, anos, nós juntos estivemos.
 Não vos ofendi nem me causastes dano,
 2030 sendo morto vós, dói-me seguir vivo.”
 Desmaiou o marquês ao dizer isto,
 sobre Vigilante que é o seu cavalo.
 Está firme nos estribos de ouro fino,
 onde quer que vá não haverá caído.

2015. A face contra a terra é um *topos* como atitude de contrição; *adenz*, do lat. *ad dentes*.

A fuga dos sarracenos

CLII

Ainz que Roll se feit aperceut.	2035	Antes que Roldão houvesse recobrado,
De pafmeifunf guariz ne reuenuz.		° despertasse curado do desmaio,
Mult grant damage li eft apareut.		um desastre lhe foi manifestado:
Morz junt franceif tuz lef i ad p d ut.		Todos mortos, os franceses são perdidos,
Senz larceuefque y fenz gualter del hum.		^{ex} ceto Arcebispo e o Gualter, o Huno,
Repairez eft def muntaigne f iuf.	2040	^{quem} da montanha, descendo, é retornado.
a celf despaigne mult fi eft cūbatuz.		Os da Espanha ali foram combatidos,
Mort junt fi hume fif unt paienf uencut.		os pagãos venceram, seus homens são mortos.
Voeillet ^{ill} o nun defuz cez ualf fen fuit.		^{Que} rendo ou não, desceu ao vale já fugindo,
Si reclaimet Roll quil li aiut.		e reclama a Roldão o seu auxílio:
e gentilz quen f uaillanz hom ú ief tu.	2045	“Onde estás conde gentil, homem tão bravo?
Vnkef nen oi pour la u tu fuf.		^{Ja} mais temi onde quer fosse convosco.
co ~ gualter ki cunquif t maelgut.		Sou eu, Gualter, quem conquistou Malgúrio,
Li nief droun al uieill y al canut.		^{neto} de Droom o tão velho e grisalho.
pur uaffelage fuleie eftre tun drut.		^{Por} valentia eu era seu dileto,
Ma hanfte eft fraite y percet mun efcut.	2050	^{que} brei a lança e perdi o meu escudo.
e mi f ofberce f defmailet e rumput.		A loriga desmalhada, o aço roto,
par mi le corf hot ^{une} lance ^{ferut}		toda a hoste, em lanças, atacou meu corpo.
Sempref murray maif cher me fui uendut.		Morrerei já mas me vendi tão caro!”
a icel mot lat Roll entendut.		Tais palavras, Roldão estava ouvindo,
Le cheual brochet fi uient poignant uerf lui.	2055	^{em} direção a ele vem esporeando. AOI.

/AOI.

2039-2040. Gualter, o Huno, retorna de haver sido destacado por Roldão para combater nas montanhas, *vide* vv. 803-811 e notas aos vv. 800 e 1297.

2047. Aebisher (*apud* Riquer 2003, p. 217) anota a possibilidade de *maelgut* referir-se tanto a uma cidade, como a espada do persogagem, ou mesmo uma dama.

2052. É possível que as palavras *hot*, *une* e *ferut* sejam de segunda mão e, em qualquer caso, o sentido não é óbvio. Bédier (1927, pp. 156-157) e Moignet (1985, pp. 156-157) apresentam reticências. Riquer (2003, p. 215) apresenta a seguinte reconstrução: “*Estoy herido de lanza en medio del cuerpo*”. Nossa proposta tradutológica tentou incluir a palavra *hot*, *host* (hoste), que parece oferecer maior desafio semântico.

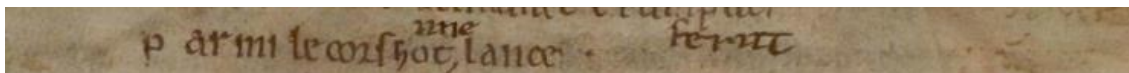


Figura 21: Ms. O. fl. 37v. v. 2052.

CLIII

Rol̄ ad doel j̄i fut maltalentiff.	^E stá Roldão furibundo e tão triste,
en la grant preſſe cumencet a ferir.	contra turba ataca e investe.
De celf deſpaigne en ad getet mort .xx.	Dos da Espanha já liquidou com vinte,
y gualter .vi. e Larceueſque .v.	quatro o Arcebisto e mais seis o Gualter.
Dient paien felun felunſ humeſ ad ci.	²⁰⁶⁰ “Cruéis homens há aqui – os pagãos dizem –
Guardez feignurſ q’l nen algent uif.	^{que} não conserve-se nenhum, cuidai senhores!
tut par feit fel ki neſ uait enuair.	^A quele que não acometa é um verme!
e recreant ki leſ lerrat guar(ir).	^E quem deixá-los se salvarem é um covarde!”
Dunc recumentent ele hu e lecri.	Recomeça a gritaria e os urros deles,
de tuteſ parz le reuunt enuair. AOI.	²⁰⁶⁵ e voltaram a acometer por toda parte. AOI.

CLIV

Li quenf Rol̄ fut noble guerrer.	É o conde Roldão nobre guerreiro,
Gualter de humſ eſt bien bon cheualer.	Gualter, o Huno, é bem bom cavaleiro,
Li arceueſque pzdomb y eſſaiet.	é um bravo veterano o Arcebispo,
Li unſ ne uolt laltre nient laiſſer.	nenhum quer abandonar ali o outro;
En la grant preſſe i fierent aſ paienſ.	²⁰⁷⁰ na peleja, os pagãos são atacados.
Mil ſarrazinſ i deſcendent a piet	^A li apeiam sobre os pés mil sarracenos,
e a cheual ſunt .xL. millerſ.	^{qua} renta mil vão ainda a cavalo.
Men eſcientre neſ ofent apifmer.	^{Ci} ente eu, de aproximar não são ousados,
Jl lor lancent y lanceſ y eſpiez.	^e agora lançam as lanças e os dardos,
e wigreſ y darz y muſeraſ y agiez y gieſer.	²⁰⁷⁵ ^{vi} rotos, achas, alabardas e venábulo.
aſ premerſ colpf i unt ocif gualter.	Ao primeiro golpe Gualter já é morto,
turpinſ de reinſ tut ſun eſcut percet.	^e de Turpino atravessaram o escudo.
Quaſſet ſun elme ſil unt naſſret el chef	Sua cabeça está ferida, roto o elmo,
e ſun ofberc rumput y deſmailet.	e a loriga já desmalhou o aço;
par mi le corſ naſſret de .iiii. eſpiez	²⁰⁸⁰ ^{por} quatro hastes, o corpo é ferido.
D’deſuz lui ocient ſun deſtrer.	^{De} baixo dele lhe mataram seu destreiro,
or eſt grant doel quant larceueſque chiet. AOI.	^a gora sente grande dor o Arcebispo! AOI.

2074-2075. Armas de choque, próprias a cavaleiros, como lanças (*lanceſ*) e alabardas (*eſpiez*), entre as que figuram na tradução desses versos (*vide* nota ao v. 541), só poderiam ser lançadas em situações limite. Já a proposta tradutológica para as armas de arremesso é um ensaio das obscuras especificidades de cada uma: os virotos (*wigreſ*, *weiggeſ*), como dardo por acionamento, utilizado em besta ou balestra; os, propriamente, dardos (*darz*), estes de propulsão muscular; a acha, ou acha de armas (*agiez*), é semelhante a uma alabarda, porém mais curta, em forma de lança com ponta de machado em meia-lua; e o venábulo (*muſeraſ*), uma pequena lança de arremesso, própria para montaria; *vide* Reis (1961). A ordem da tradução segue princípios métricos e de assonância.

CLV

Turpinſ de Reinſ quant ſe ſent abatut.
 de .iiii. eſpiez par mi le corſ ferut.
 Jſnelement li ber reſailit ſuſ.
 Rolſ regardet puis ſi li ~ curut.
 e diſt un mot ne ſui mie uencut.
 Ja bon uafſal nen ert uif recreut.
 Jl trait almace ſeſpee de acer brun.
 en la grant pſſe mil colpſ (...)
 (...) i fiert y pluſ.
 puis le diſt carleſ quil nen eſparignat nul.
 telſ .iiii. cenſ i troeuet entur lui
 alquanz nafrez alquanz par mi ferut.
 Si out dicelſ ki leſ cheſſ unt pſdut.
 co dit la geſte e cil ki el camp fut.
 Liber Gilie por qui d'ſ fait uertuz
 e fiſt la chartre el muſter de loum.
 ki tant ne ſet nel ad pſ entendut.

Quando cai o Turpino, lá de Reims,
 de quatro lanças o seu corpo lesões tem,
 2085 incorporado tão presto o barão, eis!
 Vai correndo até Roldão, pois logo o vê,
 e lhe diz: “Vencido não estou de vez,
 sou bom vassalo e vivo não me renderei!”
 Puxa a espada polida, Almacem,
 na peleja, de mil golpes...
 2090 ... dá além.
 Dirá o rei, depois, que não poupou ninguém,
 pois verá em volta dele mais de cem.
 Fez ferir e partir ali e aquém,
 e outros há que a cabeça já não têm –
 2095 diz a gesta e quem no campo houve também,
 o barão São Gil por quem Deus fez mercê,
 e em Lauduno, quis sua carta escrever;
 quem não sabe disso, pouco há de entender.

2090. Há uma cesura no folio que obrigou o copista a desmembrar os hemistíquios desse verso em duas linhas; nada sugere, portanto, que seja mais de um verso. Reproduzimos a diagramação manuscrita, marcando com reticências parentéticas a ideia de continuidade do verso.

2092. No verso original em Anglo-Normando são .iiii. cenſ (quatrocentos) os mortos por Turpino a seu redor.

2095-2098. Como autoridade de verdade à façanha de Turpino, de matar quatrocentos sarracenos já ferido de morte, o autor do cantar lança mão de dois documentos do ocorrido, a *Gesta Francorum* – que pode ser a mesma mencionada, até aqui, nos vv. 1443 e 1685 – e a carta de São Gil, a quem Bédier (*apud* Moignet, 1985, p. 161), em sua tese das cantilenas, atribui autoridade documental para a composição do cantar. Não obstante, o anacronismo é patente: *Saint Gille*, ermitão de Provença, viveu dois séculos depois do desastre de Roncesvales, embora em *Vita Sancti Egii*, do final do século X, apareça como contemporâneo de Carlos Magno. Para a lenda de São Gil, *vide* nota 30 à p. 28.

CLVI

Li quenſ Rolſ gentement ſe combat.
 Maiſ le corſ ad treſſuet y mult chalt.
 en la teſte ad e dulor y grant mal.
 rumpuſ ~ li tēpleſ por co que il cornat.
 Maiſ ſaueir uolt ſe charleſ i uendrat
 trait lolifan fieblement le ſunat.
 Li empere ſeſtut ſil eſcultat.
 Seignurſ diſt il mult malement noſ uait.
 Rolſ miſ nieſ hoi ceſt iur n^o default.
 Jo oi al corner que gua(i)reſ ne uiurat.
 ki eſtre i uoelt iſnelement cheualzt.
 Sunez uoz graſleſ tant q' en ceſt oſt ad.
 Seiſante milie en i corment ſi halt.
 Sunent li munt y reſpondent li ual.
 paien lentendent nel tindrent m'e en gab.
 Dit lun a laltre karlun aürü nuſ ia.

^{Rol}dão, o conde, combate bravamente,
 2100 mas o corpo está suado e tão quente.
 Muito mal tem a cabeça excruciante,
^{ro}mpeu as fontes com o sopro do olifante,
^{mas} quer saber se o rei será ou não presente.
 Pega o corno e o sopra debilmente,
 2105 para ouvir, o rei para de repente.
 Diz: “Senhores, eu vou muito descontente,
 meu sobrinho Roldão hoje perece,
 sua morte ouvi no sopro do olifante.
 Quem quiser chegar cavalgue velozmente,
 2110 os clarins, quantos há, soai na hoste!”
^{Se}ssenta mil soam juntos, estridentes,
 as montanhas soam, ressoam os vales,
 sem deboche os pagãos bem o entendem;
 um ao outro dizem: “Logo é o rei presente!”

CLVII

Dient paien lempere repairet. AOI.
 de celſ de france oēz ſuner leſ graiſleſ.
 (Se carſ) uiet de n^o i aürat pte.
 Se .R. uit nrē gue're nouelet.
 pdud auſſeſpaigne nrē tere.
 telſ .iiii. cenſ ſen aſemble a helmeſ.
 e deſ meillorſ ki el cāp quient eſtre.
 a Rolſ rendent un eſtur fort y peſme.
 or ad li quenſ endreit ſei aſez que faire. AOI.

2115 ^{Pa}gãos murmuram: “O Imperador já não espera,
 os clarins que estão soando são da França.
 Se vem Carlos será grande a nossa perda,
 se Roldão ficar vivo volta a guerra;
 perderemos a Espanha, nossa terra.”
 2120 Dos com elmo, quatrocentos já se juntam,
 os melhores que no campo estiveram.
 A Roldão dão uma dura investida,
 muito o que fazer o conde tem agora. AOI.

2104. *Vide* nota ao v. 1789.

2113. *Gab, gaber* (deboche) é um jogo de corte medieval que consiste em disputar quem pode dizer a maior barbaridade entre os participantes. No cantar *Pélerinage de Charlemagne*, Oliveiro ganha a disputa dizendo que cometeria cem proezas sexuais com a filha do Imperador de Constantinopla, de quem são hóspedes, numa mesma noite. Entre os participantes do jogo, Oliveiro é o único que leva a cabo seu *gab*. Para o *gab* de Oliveiro, *vide* Aebischer, 1956.

2117. O início desse verso está parcialmente comprometido por uma cesura no fólio. Aceitamos a consensual reconstrução dos editores consultados.

CLVIII

Li quenſ Rolſ quant il leſ ueit uenir.
 tant ſe fait fort y fierſ y maneuz.
 Ne lur ^{ler}at tant cū il ſerat uif.
 Siet el cheual quō cleimet ueillantif.
 brochet le bien deſ eſpunſ dor fin
 en la grant pſſe leſ uait tuz enuair.
 enſemblod lui arceueſqueſ turpin.
 diſt lun a laltre ca uuf traiez ami.
 de celſ de france leſ cornſ auunſ oit.
 carleſ repairet li reiſ poeſteifſ.

Quando o conde os vê aproximados,
 2125 já se faz alerta, forte e muito bravo,
 não irá se dobrar enquanto vivo,
 monta o Vigilante que é o seu cavalo.
 Crava bem as esporas de ouro fino,
 na peleja grande vai para assaltá-los;
 2130 vai com ele o Arcebispo dom Turpino.
 Dizem um ao outro: “Achegai, amigo,
 são da França esses cornos que ouvimos.
 Carlos volta, nosso rei tão poderoso!”

CLIX

Li quenſ Rolſ unkeſ namat cuard.
 Ne orguilloſ ne maluaiſ hume d^e male part.
 Ne cheualer ſe il ne fuſt bon uaffſal.
 Li arceueſqueſ turpin en apelat.
 Sire a pied eſteſ y io ſui a ceual.
 pur urē amur ici pndrai eſtal.
 enſemble aurunſ y le ben y le mal.
 Ne uoſ lerrai pur nul hume de car.
 encui rendrunſ a paienſ ceſt aſalt.
 Leſ colpf deſ mielz celſ ſunt de durendal
 Diſt larceueſque fel ſeit ki ben ni ferrat.
 carleſ repairet (ki) ben uuf uengerat.

^{Rol}dão, o conde, não amou nunca o covarde,
 2135 ^{nem} orgulhoso, nem malvado ou de má classe,
^{nem} cavaleiro que vassalo bom não fosse.
^{Ao} Arcebispo dom Turpino ele disse:
 “^{Se}nhor eu vou a cavalo e vós andante,
^{por} vosso amor eu estarei aqui bem firme,
 2140 ^{se}remos juntos no bem e no desastre.
 Não vos deixarei por homem feito em carne,
^{re}turnaremos aos pagãos hoje o ataque;
^{da} Durindana são os melhores golpes.
^O Arcebispo diz: “É vil quem não acomete!
 2145 Vai vingar-vos Carlos pois pronto ele volve!”

2142-2143. Riquer (2003, p. 225) faz uma tradução criativa desses versos: “*Hoy, en este ataque, aprenderán los paganos los nombres de Almanace y de Durandarte*”.

2145. Pela leitura de Walter (1930, p. 97), *uuf* (vos) ao invés de *nuf* (nos).

CLX

Paien dient fī mare fumeſ nez.
 cum peſ(me) iurz n³ eſt hoi aiurnez.
 p̄dut auñ noz ſeign^aſ y noz perſ
 carleſ repeiret od ſa grant oſt li ber.
 de celſ de france odum leſ graiſleſ clerſ
 Grant eſt la noiſe de munioie eſcrier.
 li quenſ Rollant ~ de tant grant fiertet.
 Ja nert uencut pur nul hume carnel.
 lancunſ a lui puiſ ſil laiſſums eſter
 y il ſi firent darz y wigreſ aſez.
 eſpiez y lanceſ y muſeraz enpennéz.
 Le ^{eſcut} Roll unt frait y eſtroet.
 e ſun oſberc rūput y deſmailet.
 Maiſ enz el corſ nel ad mie adefet.
 Maiſ ueillantif unt en .xxx. liuſ nafret.
 Defuz le cunte ſi li unt mort laiſſet.
 paien ſen fuint puiſ ſil laiſent eſter.
 Li quenſ Roll i eſt remeſ a pied. AOI.

Os pagãos dizem: “Em má hora nós nascemos!
 Terrível dia nos é hoje amanhecido,
 nossos pares e senhores nós perdemos.
 Com sua grande hoste volta o rei Carlos,
 2150 os clarins dos da França ouvimos claro.
 Grande é o fragor de *Monjoie* seu grito,
 e o conde Roldão é tão ferino,
^{que} não o vence nenhum homem em carne e osso;
 lançaremos contra ele e o deixaremos.”
 2155 E lhe atiram os virotes e os venábuloſ,
 alabardas, lanças, dardos emplumados.
 O escudo de Roldão é perfurado,
 sua loriga rota, o aço desmalhado.
 Bem não conseguiram alcançar seu corpo,
 2160 ^{mas} Vigilante em trinta pontos foi ferido;
 sob o conde, já morto está caído.
 Os pagão deixam estar, saem fugidos,
 resta o conde Roldão descavalgado. AOI.

2147. Acatamos a correção consensual do termo *peſ*, sem referência léxica em Anglo-Normando, para *peſme* (terrível).

2155-2156. Para armas de impacto e arremesso *vide* nota aos versos 2074 e 2075; para o termo *enpennéz*, *vide* nota ao verso 439.

O minuto triunfal de Roldão

CLXI

Paien fen fuint curuços y irez.	Os pagãos vão irados e ofendidos,
enuerf espaigne ten ^{dēt} del espleiter.	2165 em chegar na Espanha estão tão empenhados.
Li quenſ Rolł nef ad dunt encalcer.	A Roldão, persegui-los, não lhe é dado,
pđut i ad ueillantif fun deſtrer.	pois perdeu o Vigilante, seu destreiro;
Voellet o nun remef i eſt apiet	queira ou não, resta o homem apeado.
a larceueſque turpin alat aider.	Foi socorrer o Arcebispo dom Turpino,
fun elme ad or li deſlacat del chef.	2170 ^{des} envergou, da cabeça, o seu elmo,
ſi li tolit le blanc oſberc leger	da loriga leve e branca foi despi-lo.
e fun blialt li ad tut detrenchet	Seu laudel teve todo que rasgá-lo,
en feſ granz plaieſ leſ panſ li ad butet.	e as feridas, vendou-as com seus panos.
cuntre fun piz puif ſil ad enbracet	Abraçou-o então contra o seu peito,
Sur lerbe uerte puif lat fueſ culchet.	2175 sobre a verde relva o deita cuidadoso.
Mult dulcement li ad Rolł preiet.	Docemente, Roldão fez-lhe um pedido:
e gentiliz hom car me dunez cunget.	“Gentil homem, dai-me o vosso permitido,
Noz cūpaignunſ que oumeſ tanz cherſ.	^{os} companheiros que foram tão queridos,
or sunt il morz nef i deunſ laiſer	não os abandonemos quando jazem mortos.
Joeſ uoell aler querre y entercer.	2180 Quero ir buscá-los e reconhecê-los,
Dedeuant uoſ iuſter y enrenger.	° ante vós, em formação, já reuni-los.”
Diſt larceueſque alez y repairez	“Ide e voltai – falou o Arcebispo –
ciſt camp eſt urē mercit deu y mien.	vosso e meu, pela mercê de Deus, é o campo!”

UM MINUTO TRIUNFAL – A dramática cena de Roldão caminhando sobre os tombados, sozinho entre cristãos e sarracenos, buscando pelos seus pares da França, revela um grande privilégio reservado apenas a um herói épico, o mestre do campo. Morrerá o herói, mas não por combate singular, pois a ninguém é dado matar Roldão (*vide* vv. 2152-2153). Se bem Roldão não pôde salvar a vida de seus pares e vassalos, empenhará suas últimas forças em perfilá-los, inanimados, ante o Arcebispo, a fim de uma suprema bênção fúnebre, o que garante a salvação de suas almas; se faltou à retaguarda por excesso de valentia (v. 1731), por isso mesmo se redime nessa cena triunfal.

2170. Traduzimos o termo *deſlacat*, do verbo *lacer* (amarrar) por “desenvergou”, no sentido que cobra em língua portuguesa o termo “envergadura” e o verbo “envergar”, próprios para referência de todo arnês do cavaleiro, das vestimentas defensivas às armas ofensivas; *vide* Agostinho (2013), onde se lê: “...a adarga (*sic*) potenciou a ameaça de quem a envergava...” (p. 49) e também, “...a cota é envergada pelos principais actores das contendidas...” (p. 94), entre outras passagens.

2172. Traduzimos aqui o termo *blialt* por “laudel”; *vide* nota ao v. 282.

2183. Roldão e Turpino são os únicos que restam vivos no campo de batalha quando todos os inimigos estão mortos ou desertaram, o que explica o sentido da expressão do Arcebispo.

CLXII

Rol̄ sen turnet par le camp uait tut ful̄.	Vai sozinho pelo campo o Roldão,
cercet lēf ual̄f y f̄i cercet lēf munz.	2185 busca em vale, busca em monte e espigão.
Jloec truvat gerin y gerer fun cūpaignun.	Encontrou Geraldo e Gerson, quase irmãos,
e f̄i truuat berenger y atuin.	e o Otto e o Berenguer ali estão,
Jloec truvat an̄feis y fansun.	encontrou também Anselmo e Sansão.
truuat gerard le ueill de ruff̄illun.	Vê o velho Girard de Rossilhão,
par un̄f y un̄f lēf ad prīf le barun.	2190 um a um vai recolher quem é barão.
a larceuesque en ēst uenuz a tut.	^{Ao} Arcebispo os levou todos então,
f̄īf mīst en reng de deuant sēf genuilz.	diante dele, os pôs em formação.
Li arceuesque ne poet muer nen plurt.	O Arcebispo chora sem consolação,
Lieuet ja main fait ja beicun.	dá a bênção, levantando as suas mãos,
apref ad dit mare fustef̄ seignurf̄.	2195 Depois diz: “Desditosos esses são!
tutēf uoz anmēf ait d’f̄ li gloriuf̄.	Queira Deus, vossas almas em perdão,
en pareīf lēf metet en fentef̄ flurf̄.	^{ao} paraíso ide em santa floração!
La meie mort me rent f̄i anguīffuf̄.	A morte causa-me tamanha aflição,
Ja ne uerrai le riche empereur.	^{ao} nosso rico Imperador verei mais não!”

CLXIII

Rol̄ sen turnet le camp uait recercer	2200 ^{Rol} dão se afasta e vai sozinho pelo campo,
Sun cūpaignun ad truuat oliuer.	encontrou seu companheiro Oliveiro.
encuntre fun piz ēstreit lad enbracet.	Estreitou-o, abraçando contra o peito,
Si cum il poet a larceuesques̄ en uent,	já retorna, como pode, ao Arcebispo.
Sur un ēscut lad āf altrēf culchet.	Junto aos outros o recosta num escudo,
e larceuesque lēf ad āfol̄f e feignet.	2205 por Turpino é perdoado e abençoado.
Jdunc agreget le doel y la pitet.	^{Pe} sar e contrição lhes são acrescentados,
co dit Rol̄ bel̄f cumpainz oliuer	diz Roldão: “Belo amigo Oliveiro,

2186-2189. Supõe-se aqui a falta de um ou dois versos que incluiriam os pares Ivan, Ivo, mortos por Marsílio no verso 1895, e Engels, morto por Climborino no verso 1541. Figurando em outros manuscritos do cantar, eles totalizariam aqui os doze pares da França. Pode o copista de *O* haver saltado essas linhas? Ou admitimos que o prototípico cantar já os despresara? De outra parte, a despeito desses outros manuscritos, podemos imaginar até que o cantar sugira que Roldão não os encontrou.
2197. Assim como no v. 1856, a relação entre flores e paraíso trata-se de um *topos* litúrgico.

CLXIII. Depois de já dada a bênção fúnebre conjunta aos pares da França, o autor oferece uma série exclusiva para a bênção e a despedida de Roldão a Oliveiro.

Vof fuſteſ filz al duc reiner.	de Renê, o duque, vós fostes o filho,
ki tint la marche del ual de runerſ.	tinha a marca no Vale do rio Reno.
pur hanſte freindre y pur eſcuz peceier	2210 Para lanças romper, quebrar escudos,
pur orgoilloſ ueintre y eſmaier.	para vencer e esvair o orgulhoso,
e pur pzdomeſ tenir y cunſeiller.	para os bravos acolher e dar conselho,
e pur glutun ueintre y eſmaier.	para vencer e esvair os mais gulosos,
en nule tere nad meillor cheualer.	^{em} terra alguma se vê tão bom cavaleiro!”

CLXIV

Li quenſ Rolł quant ^{il} ueit mort ſeſ perſ.	2215 Quando viu, conde Roldão, seus pares mortos,
e oliuer quil tant poeit amer.	e Oliveiro, a quem queria, tão amado,
tendrur en out cumencet a plurer.	começou a chorar enternecido.
En ſun uifage fut mult deſculurer.	O seu rosto ficou tão descolorido,
Si grant doel out que maiſ ne pout eſter.	^e tal pesar não será mais suportado.
Voeillet o nun a tere chet paſmet.	2220 Queira ou não, caiu já desfalecido,
Diſt larceueſq; tant mare fuſteſ ber.	o Arcebispo diz: “Barão tão desditado!”

A morte de Turpino

CLXV

Li arceueſqueſ quant uit paſmer Rolł.	O Arcebispo, ao ver Roldão desvanecente,
dunc out tel doel unkeſ maiſ nout ſi grant.	^{sen} tiu tal dor que jamais outra tão grande.
tendit ſa main ſi ad priſ lolifan.	^{Est} ica a mão para pegar o olifante,
en renceſualſ ad un ewe curant.	2225 há um curso de água em Roncesvales,
aler i uolt ſin durrat a Rolł.	a Roldão quis dali então levar-lhe.
Sun petit paſ ſen turnet cancelant.	^{Em} curtos passos voltou cambaleante,
Jl eſt ſi fieble quil ne poet en auant.	^{est} á tão débil, não pode ir adiante;
Nen ad uertut trop ad perdut del ſanc	não tem forças pois perdera muito sangue.
einz queom alaſt un ſul arpent de camp.	2230 Antes que uma milha em campo percorresse,
Falt li le coer ſi eſt chaeit auant.	falha o coração e cai o homem à frente;
La fue mort li uait mult angoiſſant.	sua morte lhe vem tão angustiante.

2208-2209. A origem e a genealogia de Oliveiro, como um dos cinquenta e dois personagens ficticiais do cantar, é desconhecida e não consensual na tradição oral e literária. A despeito disso, o cantar oferece, nessa despedida de Roldão, algumas evasivas informações: filho do duque *Reiner*, do *Val de Runers*. Sem qualquer referência histórica ou toponímica, nossa proposta tradutológica, atenta à excepcionalidade desse nome latino entre os guerreiros de Carlos, localiza sua marca no Vale do rio Reno, ao Norte da Itália, que também convém, evidentemente, à proposta de assonância do verso 2209.

2213. Riquer (2003, p. 229) suprime esse verso na sua tradução e anota haver sido copiado equivocadamente no manuscrito, dada a semelhança com o v. 2211.

CLXVI

Li quenſ Rolſ reuient de paſmeiſunſ.	Do desmaio, Roldão se reanima,
Sur piez ſe drecet maiſ il ad grant dulur.	fica em pé, mas já tudo lhe doía.
Guardet aual y ſi guardet amunt.	2235 Olha abaixo e olha para cima,
Sur lerbe uerte ultre ſeſ cūpaignunſ.	mais adiante, vê seus pares pela grama.
La ueit geſir le nobilie barun.	Vê que o nobre barão ali jazia,
co ~ larceueſque q' d'ſ miſt en ſun num.	o Arcebispo que, em seu nome, Deus queria.
cleimet ſa culpe ſi regardet amunt.	Para cima olhando, as culpas clama,
cuntre le ciel amſdouſ ſeſ mainſ ad iuinz.	2240 para o céu, as mãos juntas as levanta,
Spet deu que pareiſ li duinſt.	e pede a Deus que o paraíso lhe conceda.
(Morz eſ turpin le guerreier charlun.)	Turpino é morto, o guerreiro da coroa,
par granz batailleſ y par mult beſſ fermonſ.	por sermões tão belos, grandes as batalhas,
cuntre paienſ fut tuz tenſ campiunſ.	foi campeão contra os pagãos toda a sua vida;
d'ſ li otreit ^{la sue} ſeinte beneicun. AOI.	2245 ^{con} ceda Deus, sua benção mais santa. AOI.

CLXVII

Li quen ſ Rolſ ueit larceueſque a tere.	^{Con} de Roldão vê o Arcebispo em terra,
deforſ ſun corſ ueit geſir la buele	vê para fora do corpo escorrer tripas,
defuz le frunt li buillit la ceruele.	e derramarem-se os miolos pela testa,
defur ſun piz entre leſ douſ furceleſ.	sobre o peito, entre as duas clavículas,
cruifiedeſ ad ſeſ blancheſ leſ beſeſ.	2250 ^{cru} izou as suas brancas, suas belas.
Forment le pleignet a la lei de ſa tere.	Fortemente chora ao uso de sua terra:
e gentilz hom cheualer de bon aire.	“Oh, gentil homem, cavaleiro boa casta,
hoi te cumant al gliuſ celeſte.	encomendo-vos ao Pai da eterna glória,
Jamaiſ nert hume p ^l uolenterſ le ſerue.	não haverá quem O sirva com mais gana.
Def leſ apoſtleſ ne fut hõ tel pphete.	2255 ^{Des} de os Apóstolos não houve tal profeta,
pur lei tenir y pur humeſ atraire.	em manter a Lei, pastorear ovelhas.
Ja la urẽ anme nen ait ſufraite.	Que sua alma em nada vá privada,
de pareiſ li ſeit la porte uerte.	^{do} paraíso que vos abram-se as portas.”

2242. Vide nota ao verso 1823. Seguimos o consensual posicionamento desse verso entre os editores do cantar. Aqui traduzimos *charlun* (Carlos) como “coroa”, por princípio metonímico.

2250. É consensual entre os editores do cantar transcrever esse verso com um acréscimo: “*cruifiedeſ ad ſeſ blancheſ [mains] leſ beſeſ*”, incluindo o termo *mains* (mãos) por óbvia pressuposição. Admitindo-a, não obstante de traduzir com a mesma omissão do manuscrito, compreendemos o gesto de cruzar as mãos sobre o peito como um ritual funerário destinado a clérigos e cavaleiros, como nos mostram diversos relevos de tumbas no século XII (vide Riquer, 1999, p. 172), com possível relação à cruz de Santo André, apóstolo que haveria sido morto numa cruz em forma de /x/.

2256. A tradução do segundo hemistíquio segue a parábola bíblica: *Dominus pastor meus* (*Psalms* 22).

A morte de Roldão
CLXVIII

<p>Co fent Rolł que la mort li est pref. par les oreilles forf se ist la ceruel. De sef perf p'et deu quef apelt. e poif de lui al angle gabriel. priſt lolifan que repce nen ait. y durendal seſpee en laltre main. Dun arcbaſte ne poet traire un q^arrel. deuerf eſpaigne en uait en un garet. Muntet fur un tertre defuz un arbre bele. Quatre prunf i ad de marbre faite. Sur lerbe uerte j'i est caeit enuerf. La feſt paſmet kar la mort li est pref.</p>	<p>Roldão sente que a morte se aproxima, 2260 vazam os miolos por suas orelhas. Roga a Deus que a seus pares bem receba, e a Gabriel, o anjo, por si reza. ^{Que} não o ultrajem, o olifante agarra, ^e com a outra mão, a espada Durindana. 2265 ^{Lá} onde a besta não alcança sua flecha, num baldio vai em direção à Espanha. Entre árvores subiu a ribanceira, feitas em mármore, há quatro soleiras. Cai de costas ali na verde relva, 2270 desmaiou, pois a morte não espera.</p>
--	--

CLXIX

<p>halt junt li pui e mult halt les arbres. Quatre prunf i ad luiſant de marbre. Sur lerbe uerte li quenſ Rolł se paſmet. Vnſ farrazinſ tute ueie lesguardet. Si se feiſt mort j'i giſt entre les altres. Del ſanc luat fun corſ y fun uiſage. Met ſei en piez y de curre ſaſtet. Bels fut y forz y de grant uaſſelage. par fun orgoill cumencet mortel rage. Rolł ſaiſit y fun corſ y ſef armeſ. y diſt un mot uencut est li nieſ carleſ. Jceſte eſpee portera i en arabe. encel tirereſ li quenſ ſapcut alqueſ.</p>	<p>Altas as montanhas e altas são as árvores, as soleiras são brilhantes, são de mármore; sobre a verde relva o conde desmaiou-se. ^{Um} sarraceno o fita tão atentamente, 2275 finge morto, com os corpos permanece. Suja em sangue o seu corpo e seu semblante, fica em pé e corre apressadamente. Era belo e forte e também valente, por orgulho, mortal raiva ali já sente. 2280 Para si toma as armas e o olifante, “^{Ven}cido é Roldão – vai maledicente – Com esta espada, para Arábia, vou contente!” ^{Mas} ao puxá-la, de algo, o conde se adverte.</p>
---	--

2265. Medida comparativa de distância. As bestas ou balestras eram temidas por atingir maior alcance que os arcos.

2268. O termo *prunf* (*perruns*) está em sentido diferente do que cobra no verso 12, pois é acrescentado aqui o participio do verbo *faite*, “*faite*” (feito, construído); *vide* nota aos vv. 11-12.

CLXX

Co ſent Rolſ que ſeſpee li tolt.
 Vùrit leſ oilz ſi li ad dit un mot.
 Men eſcientre tu nieſ mie deſ noz.
 tient lolifan que unkeſ pdre ne uolt.
 Sil fiert en lelme ki gēmet fut a or.
 Fruiffet lacer e la teſte y leſ óf.
 amſdouf leſ oilz del chef li ad mi forſ.
 Juſ a ſeſ piez ſi lad treſturnet mort.
 apref li dit culuert paien cū fuſ unkeſ ſi óf.
 Que me ſaiſiſ ne a dreit ne a tort.
 Ne lorrat hume ne ten tienget por fol.
 Fenduz en ~ miſ olifanf el groſ.
 caiuz en eſt li criſtalſ y li orſ.

Roldão sente que lhe tira a espada,
 2285 ^abriu os olhos e lhe disse essas palavras:
 “Vós não sois nenhum dos nossos, que eu saiba.”
 O olifante, que não quer perder, agarra.
 No elmo cravejado em ouro o golpeia,
 quebra o aço, o osso e a cabeça.
 2290 Os dois olhos da cara os arranca,
 sob os seus pés, já morto o desmantela.
 Depois diz: “Pagão, patife! Que ousadia!
 Com ou sem razão de mim assim tomá-la!
 Esta não ouvirão sem crer-vos idiota.
 2295 ^{Meu} olifante está gretado na campana,
 e caíram o seu ouro e suas pedras.

CLXXI

Co ſent Rolſ la ueúe ad pdue.
 Met ſei ſur piez quanquil poet ſeſuertuet.
 en ſun uiſage ſa culur ad perdue.
 dedeuant lui ad une pre byſe.
 .x. colpf i fiert par doel e par rancune.
 cruift li acerſ ne freint neſgruignet.
 e diſt li quenſ ſtē marie aiue.
 e durendal bone ſi mare fuſteſ.
 Quant io mei pd de uoſ nen ai maiſ cure.
 tantef batailleſ en câp en ai uencueſ.
 e tantef tereſ largeſ eſcumbatueſ.
 Que carleſ tient ki la barbe ad canue.
 Ne uoſ ait hume ki p^u altre fuiet.
 Mult bon uaſſjal uoſ ad lung tenſ tenue.
 Jamaif nert tel en france laſolue.

Roldão sente que a vista foi perdida,
 esfouçou-se a levantar quanto podia.
 O seu rosto todo já descoloria,
 2300 diante dele uma pedra cinza havia.
 Dá dez golpes com dor e muita ira,
 range o aço, não rompe nem arruína.
 Disse o conde: “Ajudai, Santa Maria!
 Oh Durindana sois tão boa na desdita!
 2305 ^{Quando} eu morrer, cuidar-vos já não poderia.
 Nós vencemos, no campo, tantas lidas,
 conquistamos tanta terra em demasia,
 já de Carlos, quando a barba florescia.
 Não vos terá homem que de igual desvia,
 2310 envergada, bom vassalo vos mantinha;
 não haverá igual na França, a divina.”

CLXXII

Rol̄ ferit el prun de fardónie.	Golpeou Roldão os degraus de calcedônia,
cruift li acêf ne brifet ne nefgrunie.	range o aço, não rompe nem arranha.
Quant il co uit que nen pout mie freindre	Quando viu que quebrá-la não podia,
a fei meifme la cumencet a pleindre.	2315 a si mesmo começa a ladainha:
e durendal cum eſ bele y clere y blanche.	“Oh Durindana, bela, branca e luzidia,
cuntre ſoleill ſi luiſef y reflambef.	contra o sol, vosso brilho ilumina.
carlef eſteit eſ ualf de moriane.	^{Est} ava Carlos no Vale Moriana,
Quan d’ſ del cel li mandat par ſun agle.	quando Deus, por um anjo, lhe dizia,
Quil te dunaſt a un cunte cataignie.	2320 que vos desse a um conde que capitaneia;
dunc la me ceĩſt li gentilz reiſ li magneſ.	o rei Magno e belo assim me vos cingia.
Jo len cunquif namon y bretagne	Para ele conquistei Anjou e Bretanha,
Si len cunquif e peitou e le maine.	e lhe conquistei Le Maine e Aquitânia.
Jo len cunquif normendie la franche.	^{Para} ele conquistei a franca Normandia,
Si len cunquif prouence y equitaigne	2325 e lhe conquistei inteira a Occitânia,
e lumbardie y treſtute romaine.	a Lombardia e toda a România.
Jo len cunquif baiuer et tute flandref	Conquistei para ele Flandres, Baviera,
e burguigne y treſtute puillanie.	e Borgonha e toda a Polônia.
coſtentinoble dunt il out la fiance	^{Cons} tantinopla, que o recebeu com vênia,
y enſaiſonie fait il co quil demandet.	2330 e a subserviente Saxônia.
Jo len cunquif y eſcoce y [ualeſ iſlonde]	Para ele consquistei Escócia, Islândia,
y engleterre que il teneit ſa cambre.	^e Inglaterra que a tem por camarinha.
cunquif len ai paiſ y tereſ tantef.	Conquistei países, terra em abundância,
Que carll tient ki ad la barbe blanche.	^{que} tinha Carlos quando a barba já floria.
pur ceſte eſpee ai dulor y peſance.	2335 Por esta espada, sinto dor e agonia,
Mielz uoeill murir quentre paienſ remaigne.	morro antes que um pagão dela se cinja.
d’ſ pre nen laiſeit chunir france.	Deus defenda a França dessa má vergonha!”

2312. A Calcedônia é uma variedade de quartzo cristalino, normalmente confundido com o mármore-ônix, o que, evidentemente, ocorre no cantar (vv. 2268, 2272).

2316. O discurso de Roldão começa com um vocativo (*e durendal*) que introduz um diálogo em prosopopeia com a espada. Mais adiante (v. 2335), Roldão se refere à Durindana em terceira pessoa. Não é de estranhar, contudo, essa alternância no cantar, já que poderia passar inadvertida na divulgação oral.

2318-2332. Relação parcialmente ficcional das conquistas de Carlos Magno que, efetivamente, conquistou a Lombardia e a România (v. 2326), a Baviera (v. 2327), e a Saxônia (v. 2330), que se trata da Baixa Saxônia, atual Vestfália, e que, ao contrário do que diz esse verso, foi para o reinado de Carlos uma região sempre insubmissa. Maine, Anjou (por correção dos editores para a desconhecida toponímia *namon*, v. 2322), Bretanha, Escócia e Inglaterra são conquistas de Guilherme I, o Conquistador, e a conquista de Constantinopla por Carlos é ficcionalmente narrada no cantar *Pélerinage de Charlemagne. Valeſ iſlonde* (v. 2331) é mão de revisor, e traduzimos como Islândia conforme Moignet (1985), e Riquer (2003).

CLXXIII

Roll ferit en une pre bife.
 plus en abat que io ne uof fai dire.
 Lespee cruist ne fruiſſet ne ne briſe.
 cuntre ciel amunt eſt reſortie.
 Quant ueit li quenſ que ne la freindrat mie.
 Mult dulcement la pleinſt a ſei meifme.
 e durendal cum eſ bele y ſeintifme.
 en loriet punt aſez i ad reliqueſ.
 La dent ſeint pre y del ſanc ſeint baſilie.
 e deſ cheuelſ mun ſeignor ſeint deniſe.
 Del ueſternt i ad ſeinte marie.
 Il nen eſt dreiz que paienſ te baillifent.
 De xp̄ienſ deuez eſtre ſerueie.
 Ne uof ait hume ki facet cuardie.
 Mult largeſ tereſ de uuf aurai Ðquiſeſ.
 q' e carl tent ki la barbe ad flurie.
 e li emperes en ~ ber y richeſ.

Na escura pedra dá Roldão o golpe,
 nem direi quão profundo aquele corte.
 2340 Range o aço, mas não quebra nem se rompe,
 contra o céu, alto é o seu rebote.
 Não a romperá, percebe assim o conde,
 docemente então a ela lamentou-se:
 “Oh Durindana, santíssima e tão nobre,
 2345 ^{do} d'ouro pomo suas relíquias são melhores:
 De São Pedro o sangue, São Basílio o dente,
^{de} São Dionísio o cabelo é presente.
 De Maria um pedaço da sua veste,
 não é justo que um pagão a vós empunhe;
 2350 de um cristão vale mais que se acompanhe.
 Não vos tenha um homem se covarde,
^{con}vosco conquistei terras abundantes,
 que tem Carlos, o da barba que floresce;
^{por} elas o Imperador é rico e nobre.

CLXXIV

Co ſent Roll que la mort le treſprent.
 Deuerſ la teſte ſur le q'r li deſcent.
 Defuz un pin i eſt alet curant.
 Sur lerbe uerte ſi eſt culchet adenz.
 Defuz lui met ſeſpee y lolifan enſumet.
 turnat ſa teſte uerſ la paiene gent.
 pur co lat fait que il uoelt ueirement.
 Que carl diet y treſtute ſa gente.
 Li gentilz quenſ quil fut mort cunquerant.
 cleimet ſa culpe e menut y ſuuent.
 pur ſeſ pecchez deu enpur offrid lo guant.

2355 Que a morte lhe apodera, Roldão sente,
 desde a cabeça ao coração descende.
 Sob um pinheiro foi rapidamente,
^ali deitou de bruços sobre a relva verde;
^{de}baixo dele o olifante e a espada esconde.
 2360 Para a gente pagã volta a frente,
 isso fez porque queira realmente,
^{que} Carlos diga e toda sua gente,
 que morrerá conquistando, o belo conde.
^{Cl}a mou suas culpas amiúde e várias vezes,
 2365 ^{por} seus pecados, sua luva a Deus estende. AOI.

/AOI.

2360-2636. Carlos recordará que Roldão já manifestara esses propósitos para sua morte (*vide* s. CCIV).
 2365. Com o oferecimento da luva (*vide* nota ao v. 247), como símbolo de submissão feudal, Roldão rende a última homenagem a Deus.

CLXXV

Co sent Rold de fun tenf ni ad plus.
 Deurf espaigne est en un pui agut.
 al une main fi ad fun piz batud.
 d'f meie culpe uerf lef tuef uertuz.
 De mef pecchez def granz y def menuz.
 Que io ai fait def lure que nez fui.
 tresqua cest iur que ci fui consout.
 Sun destre quant en ad uerf deu tendut.
 anglef del ciel i descendent a lui. AOI.

Roldão sente que se esvai o seu tempo,
 põe-se à Espanha em face a um escarpado,
 com a mão ele golpeia-se o peito:
 “Ante vosso poder, Deus, sou culpado,
 2370 por miúdos e grandes, meus pecados,
 desde que nasci, aqueles consumados,
 até hoje, aqui tão alquebrado.”
 Estende a luva em gesto elevado,
 anjos do céu até ele são baixados. AOI.

CLXXVI

Li quenf Rold se iut desuz un pin
 enurf espaigne en ad turnet fun uif.
 De plusurf chofes a remembrer li pft.
 De tante^f tere^f cum li berf Ðquist.
 De dulce france def humef de fun lign.
 De carlemagne fun seignor kil nurrit.
 Ne poet muer nen plurt y ne fuspirt.
 Maif lui meifme ne uolt mettre en ubli.
 cleimet fa culpe fi priet deu mercit.
 veire patene ki unkef ne mentif.
 Seint lazaron de mort resurrexif.
 e daniel def leonf guaresif.
 Guar(if) de mei lanme de tuz pilz.
 pur lef pecchez que en ma uie fif.
 Sun destre quant a deu en puroffrit.
 Seint gabriel de fa main lad prif.
 Defur fun braz teneit le chef enclin.
 Juntef sef mainf est alet a fa fin.
 D'f tramift fun angle cherubin.
 e feint michel del pil.
 ensemblod elf sent gabriel i uint.
 Lanme del cunte portent en pareif.

2375 ^{Con}de Roldão, sob um pinheiro se deita,
 e voltou o seu cenho à Espanha,
 a lembrar começou de coisas quantas:
 Das terras que, como barão, tomou em sanha,
 dos seus homens, sua casta e a Doce França.
 2380 ^{De} Carlos Magno que o criou desde criança,
 não evita chorar e já suspira.
 Recordou-se de si, não se abandona,
 a Deus pede perdão e as culpas clama:
 “Verdadeiro pai, que não mentisteis nada,
 2385 que a Lázaro, o tiraste da sua campa.
^A Daniel, dos leões, fostes guarida,
 dos perigos, guardai a alma minha,
 por pecados que eu cometi em vida.”
 Ofereceu a Deus a sua destra luva,
 2390 ^{São} Gabriel, de sua mão a recolhia,
 a cabeça, sob o seu braço, sustinha.
 Juntas suas mãos, ali seu tempo finda,
 e um anjo querubim Deus lhe envia,
^e São Miguel, do perigo que havia,
 2395 junto a Gabriel que então já descendia;
 sua alma ao paraíso já subia.

2384. (Ant.) As orações são comuns nos cantares de gesta, conhecidas como “credo épico”, como a de *Ximena* no *Cantar de Mio Cid* (vv. 330-365), em que se enumeram os mistérios do novo e do velho testamento. Assim também o faz *Vivien*, na *Chanson de Guillaume*, quando, à beira da morte e arrastando sob os pés seus intestinos, implora a Jesus pela vinda de *Willame* ou do Imperador *Lowis*, sucessor de Carlos Magno, orando ao longo da série LXXII. Nesse credo de Roldão, pode-se ainda identificar a fórmula litúrgica da ordem de comenda da alma (*ordo commendationis animae*).

2385. (Ant.) Campa é a pedra sepulcral que cobria a caverna onde jazia Lázaro, quando foi ordenado por Jesus que de lá saísse ressuscitado. (João 11: 25) E Jesus lhe disse: Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá (*Dixit ei Iesus: Ego sum resurrectio et vita: qui credit in me, etiam si mortuus fuerit, vivet*).

2386. (Ant.) Daniel, 6. Recorde-se a oração que *Ximena* faz ao *Campeador*, no *Cantar de Mio Cid*: “*salvest a Daniel, con los leones en la mala cárcel*” (v. 340).

2395. (Ant.) *Jeint michel del pil* (São Miguel dos perigos) trata-se de São Miguel Arcanjo, em referência à Abadia normanda situada no monte *Saint-Michel*, uma ilha rochosa originalmente ligada ao continente por um istmo em marés baixas. A Abadia foi chamada de *Mons Sancti Michaeli in periculo mari*, devido a uma lenda do século VIII de um maremoto que haveria dado origem a essa ilha onde então havia apenas o monte *Tombe*, em que se construiu o oratório dedicado a São Miguel.

A MORTE DE ROLDÃO (Ant.) – Nesse episódio culminante do cantar, vemos como Roldão enaltece suas conquistas, rendendo, com isso, homenagem mais à espada do que a si mesmo. Durindana é mais do que uma arma, é um objeto sagrado que, com cujas relíquias (vv. 2346-2348), lhe fora confiada pelo próprio Deus (vv. 2318-2321). Conta-se que, porque alguém em La Mancha não houvera compreendido a prosopopeia dos versos em que Roldão se dirige à espada, surgiu no *romancero* espanhol um cavaleiro chamado *Durandarte* (tradução de *durendal* para o castelhano), morto em Roncesvales. Tal foi sua repercussão nas terras ibéricas que o fidalgo *Don Quijote de La Mancha* conta como o conheceu, já morto, porém encantado pelo mago Merlin, no episódio da *Cueva de Montesinos* (Segunda Parte, cap. XXIII). Mais adiante, Carlos Magno encontrará com o corpo de Roldão o olifante e o fará depositar na Basílica de São Severino, em Bourdeaux, mas Durindana já não volta a aparecer no cantar. Na versão irlandesa *Karlamagnús saga*, no entanto, ela está de tal modo segura pela mão direita de Roldão que nenhum cavaleiro é capaz de soltá-la até que o tente Carlos Magno, e a mão se relaxa; um possível paralelo se fará com a espada do mítico Rei Arthur. Depois de frustradas as tentativas de romper Durindana e da justa elegia, Roldão inicia seu credo épico em confissão de culpas (ss. CLXXIV-CLXXVI), mas é notória a sua indiferença quanto à prometida Alda, a quem se quer um verso é consagrado (*vide* nota ao v. 3721). A detenção do narrado, com as séries similares, ganha aqui uma espetacular dimensão, abolindo o tempo, progredindo o idêntico e prolongando a morte do herói, a que presenciamos com mais intensidade. Inadvertidas perspectivas nos são paulatinamente reveladas com as pequenas alterações do mesmo, no detalhe, no íntimo, no aprofundamento do sentido.

HIPERBÓLICOS MORIBUNDOS – Se parece fantástico que Roldão siga combatendo e derrubando inimigos após ter rotas as têmperas (vv. 1764, 1786, 2102) e ter a boca ensanguentada (v. 1785); que fenda um elmo e um crânio, arrancando os olhos num golpe de olifante a um sarraceno que lhe quis tomar as relíquias (vv. 2287-2290), tudo com os miolos vazados (v. 2260); e que, já perdidas as vistas, empreenda, dessa vez sem sucesso, romper Durindana a fim de preservá-la de mãos inimigas, devemos recordar os hiperbólicos moribundos da *Chanson de Guillaume*. Quando, no fragor da batalha, *Vivien* percorre a cima da colina e se depara com trezentos dos seus, vê que não há quem não leve a sela vermelha de sangue e que “Sobre seus braços, sustêm os intestinos / que não os destroem pela terra seus cavalos.” (*Devant as braz sustenent lur bouele, / Que lur chevals nes destrunpent par tere*, vv. 498-499); e, em seguida, “Setecentos mais encontram da sua terra, / entre os pés, arrastavam suas tripas. / Os seus cérebros lhes saem pela boca, / e pelo escudo escorrem até a relva. / Turvas vistas e pálidas bochechas, / desencaixados os olhos, pendem das cabeças” (*Tels set cenz homes trovent de lur terre, / Entre lur pez trainant lur bowele; / Par mi lur buches issent fors lur cerveles / e de lur escuz se courent sur l’erbe; / Trubles unt les vis e palles les meisseles, / Turnez les oilz qui lur sistrent as testes*, vv. 529-534) e, nessas condições incitados, voltam ao combate e matam mais quinze mil sarracenos (v. 552).

III - A VITÓRIA

Lamentando os mortos CLXXVII

Morz ≈ Roldão d'f en ad lanme ef celf.
 Li empere en rence[f]ual paruient.
 Jl nen i ad ne ueie ne fenter.
 Ne uoide tere ne alne ^{illi} plein pied.
 Que il ni ait o franceif ó paien.
 carl escriet ú estef uof belf nief.
 v ≈ larceuesque y li quenf oliuer.
 v eft gerinf y fíf cūpainz gererf.
 v eft otef y li quenf berengerf
 Jue y ivorie que io aueie tant cherf.
 Que eft deuenuz li guafcuinz engeler.
 Sanfun li dux y anseif li berf.
 v eft gerard de ruffillun li ueilz.
 Li .xii. per que io aueie laifet.
 De co qui chelt q^{ant} nul nen respundiet.
 d'f dift li reif tāt me pois e'ma[i]er.
 Que io ne fui al estur cumencer.
 turet fa barbe cū hom ki eft iret.
 plurent def oilz fi baron cheualer.
 encuentre tere fe pasment .xx. millerf.
 Naimef li dux en ad mult grant pitet.

Roldão tem com Deus sua alma, pois é morto.
^O Imperador em Roncesvales já é vindo,
 onde não há vereda nem caminho,
²⁴⁰⁰ ^{nem} pé nem jarda ou sítio que vazio,
 que não haja pagãos, não haja francos.
 Carlos grita: “Onde estais, gentil sobrinho?
 Onde está o Arcebispo e o Oliveiro?
 Onde estão Gerson e Geraldo, os companheiros?
²⁴⁰⁵ Onde está o Berenguer, o conde, e o Otto?
 O Ivan e o Ivo, quem eu tanto adoro?
 Com o gascão Engels, o que haverá ocorrido?
^E com o duque Sansão e com o Anselmo?
 Onde está Girard de Rossilhão, o velho?
²⁴¹⁰ ^{Os} doze pares que eu havia aqui deixado?”
 Se não lhe respondem, de que adianta isso?
 Diz o rei: “Deus! Quanto eu fico transtornado!
^{Pa}ra peleja eu cheguei tão atrasado!
^Arranca a barba como quem tão irritado.
²⁴¹⁵ ^{Dos} olhos choram seus barões, os cavaleiros,
 contra a terra, vinte mil vão desmaiados;
^{Ne}mé, o duque está tão desconsolado!

2415. Para a expressão “chorar dos olhos” *vide* nota ao v. 773.

CLXXVIII

IL nen i ad cheualer ne barun.		^A li não há cavaleiro nem barão,
Que de pitet mult durement ne plurt.		que não chore muito por consternação.
plurent lur filz lur freref lur neuolz.	2420	Choram filhos, sobrinhos e irmãos,
y lur amif y lur lige feignurf.		e amigos e senhor de condição.
encuntre tere fe pajment li plusur.		^A maioria desvanece pelo chão,
Naimef li dux dico ad fait que proz		^{Du} que Nemé se comportou como um barão,
tuz premereinf lad dit lempereur.		foi dizer ao Imperador de antemão:
veez auant de douf liwef de nus.	2425	“Adiante, vede, a duas léguas vão,
ve(d)e(i)r puez lef granz chemin f puldruf.		no caminho em polvorenta direção,
q’ Quaifz i ad de la gent paienur.		quantos há dessa raça de pagãos.
car cheualchez uengez ceste dulor.		Cavalgai, para vingar esta aflição!”
e d’f dift carlef ia junt il ia fi luinz.		Disse o rei: “Meu Deus! Quão longe já estão!
cunfe[l][ez mei y dreit(ure) y honur.	2430	^{Meus} conselheiros, por honra e por razão,
De france dulce munt tolud la flur.		eu perdi, da França, a flor e a perfeição!”
Li reif cumandet gebuin y otun.		^O rei comanda a Gebuíno e a Otão,
tedbalt de reinf y le cunte milun.		^a Teobaldo e ao conde de Milão:
Guardez le cháp y lef ualf y lef munz.		“ ^{Guar} dai o campo, o vale e o espigão,
Leffez gefir lef morz tut iffĩ cun il junt.	2435	^{dei} xai jazer os mortos como aí estão;
Que ni adeift ne beste ne lion.		^{que} não se acerquem nem besta nem leão,
Ne ni adeift esquier ne garcun.		^{nem} escudeiro e nem mesmo um garção.
Jo uuf defend que ni adeift nuls hom.		Que os toquem eu não dou a permissão,
Jofque d’f uoeil(g)e que en cest cãp revengum.		^a té voltarmos, queira Deus, para esse chão.”
e cil respudent dulcement par amur.	2440	^E les respondem, docemente, em afeição:
Dreiz empere cher fire fi ferum.		“Justo Imperador, será assim então!”
Mil cheualer i retienent def lur. AOI.		^{Mil} cavaleiros, com eles, guardarão. AOI.

2421. Traduzimos por “senhor de condição” a expressão *lige feignur*, que faz referência ao estatuto de direito (ou à condição de) de senhor feudal.

2430. Moignet (1985, p. 184) anota que o termo lacunar que aparece no manuscrito como “*cunfe l ez*” é obra de revisor mal inspirado. O termo original, pela leitura de Walter (1930, p. 98), é *cunfeiliez* (aconselhais).

2439. A letra *g* foi apagada da palavra *uoeilge*, segundo a leitura de Walter (1930, p. 98).

O encalço aos pagãos
CLXXIX

Li emperef fait jef graifles funer.	° Imperador faz soar suas trombetas,
puiſ jſi cheualchet od ſa grant oſt li ber.	o barão com sua grande hoste cavalga,
De celf deſpaigne unt lur leſ dof turnez.	2445 e os da Espanha dão ali a meia-volta,
tenent lenchalz tuit en ſunt cumunel.	e em conjunto ali todos os acossa.
Quant ueit li reif le veſpreſ decliner.	Quando nota o rei que a tarde já declina,
Sur lerbe uerte deſcent li reif en un pred.	sobre um prado em relva verde o rei apeia.
culchet ſei a tere jſi priet damnedeu.	Roga a Deus ali prostrando-se à terra,
Que li ſoleilz facet pur lui areſter.	2450 que por ele faça que o sol se detenha,
La nuit targer y le iur demurer.	^{re} tarde a noite e prolongue-se o dia.
aif li un angle ki od lui ſoelt parler.	Eis que um anjo, que com ele sempre fala,
Jſnelement jſi li ad comandet.	prontamente, então já lhe ordena:
Charle cheualche car tei ne fa(lt) clartet.	“ ^{Rei} , cavalgai que a claridade não vos falta!
La flur de france aſ p̄dut co ſet d’ſ.	2455 Que perdestes, sabe Deus, a flor da França,
Venger te poez de la gent criminel.	^{vin} gai-vos, pois, dessa gente criminosa.”
a icel mot eſt lempere muntet. AOI.	Monta o Imperador, ouvindo essas palavras. AOI.

2445. A tradução desse verso não é consensual. Tanto o manuscrito, sem marcas de rasura ou revisão, quanto o sentido da expressão *lef dof turnez* (dar a meia-volta, virar as costas) são claros, sempre que se considere, de forma pressuposta, que a hoste de Carlos não sai em perseguição já nos vv. 2443-2444, mas realiza uma manobra tática, favorecida pelo terreno acidentado de Roncesvales, e surge de súbito diante dos sarracenos, o que os obrigaria a, em fuga, mudar de rota. Supondo, por outro lado, que os versos iniciais já pressupõem uma perseguição não inadvertida, esse verso parece carecer de sentido, o que fez Riquer (2003, p. 247), seguindo uma correção proposta por F. Lecoy (*apud* Moignet, 1985, p.184), traduzir esse verso como: “*Han encontrado las huellas de los de España*” (Eles encontraram as pegadas dos da Espanha), sentido que carece de coerência frente ao verso 2445, pois, às vistas dos francos, não haveria razão porque buscar os rastros dos sarracenos ou guiarem-se por eles.

2454. Há a intervenção de segunda mão no verbo, corrigido por editores do cantar como “*falt*”, onde se lê o incompreensível étimo “*fa^{udad}*”.

DETENÇÃO DO SOL – Não se quer representar Carlos apenas como um homem investido do poder temporal, mas como o defensor da Cristandade, à própria imagem das Cruzadas que se empreenderão. Como tal, Deus está de sua parte, como em seus sonhos premonitórios (ss. LVI, LVII), nos conselhos dos anjos do Senhor (vv. 3599-3601) e na operação de milagres que não deveriam espantar os ouvintes dos séculos XI e XII. A detenção do sol para perseguição dos inimigos do senhor está também em Josué, 10: 7-15, mas Riquer (2003, pp. 248-249), seguindo os argumentos de Menéndez Pidal, nega essa referência e anota como preferente uma lenda de Roncesvales acerca de uma vitória de Carlos em Saragoça, de meados do século X, em que estaria registrado esse milagre em anais de um monastério na França occitana: “*et de hora nona factus est sol hora secunda*” quando, ao pôr do sol (a hora nona, na cronologia medieval) adveio o amanhecer (hora segunda). Essa reflexão, não obstante, não nos faz desmerecer a possível influência da tradição bíblica na matéria lendária.

CLXXX

Pur karlemagne fïft d'j uertuz mult granz.	Deus fez grande milagre a Carlos Magno,
car li foleilz eft remef en eftant.	pois o sol se deteve, então, parado.
paien fen fuint ben lef chalcent franc.	²⁴⁶⁰ Fogem os pagãos, vão francos no encalço,
el ual tenebruf la lef uunt ateignant.	^{no} Vale Tenebroso os vão alcançando;
verf farraguce lef enchalcent [ferant] franc.	e os atacam, até Saragoça, os francos.
a colpf plenerf lef en uunt ociant.	^A plenos golpes, são mortos, massacrados,
tolent lur ueief y lef cheminſ pl ^o granz.	^e obstruem-lhes as vias e os caminhos.
Lewe de febre el lur eft dedeuant.	²⁴⁶⁵ Diante deles, só resta o rio Ebro,
Mult ≈ parfunde merueille e currant.	tão terrível, tão rápido e profundo;
Jl nen i ad barge ne drodmund ne caland.	não há barcas, chalanas, não há dromos.
paienſ reclieiment un lur deu teruagant.	^{Pa} gãos por Tervagão, seu deus, vão invocando,
puiſ failient enz maiſ il ni unt guarant.	^{então} se jogam dentro, mas não serão salvos.
Li adubez en funt li pluſ peſant.	²⁴⁷⁰ Os de armadura são os mais pesados,
enüerſ lef funz fen turnerent alquanz.	estes se revolvem até o mais profundo;
Li altre en uunt cuntreal flotant.	e os outros, cara abaixo, vão boiando.
Li miez guariz en unt boud itant.	Sorvem tanto os que ainda preservados,
tuz funt neiez par merueilluf ahan.	que em afã terrível serão afogados.
Franceiſ eſcrient mare fuſteſ Roll. AOI.	²⁴⁷⁵ Francos gritam: “Roldão, fostes malogrado!” AOI.

CLXXXI

Quant carlef ueit que tuit funt mort paiens	Quando Carlos vê que todos são já mortos,
alquanz ocif y li pluſur neiet.	^e xecutados uns, os mais são afogados,
Mult grant eſchec en unt ſi cheualer	^{que} bom butim tem ali seus cavaleiros,
Li gentilz reiſ deſcendut ≈ a piet.	é, o gentil rei, sobre os pés, descavalgado,
culchet ſei a tere ſin ad deu graciet.	²⁴⁸⁰ dá a Deus, graças, na terra prostrado;
Quant il ſe drecet li foleilz eft culchet.	quando em pé, se levanta, o sol é posto.
Diſt lempere tenſ eft del herþger.	Diz o rei: “Acampai, pois já é tempo,
en renceſualſ ≈ tart del repairer.	^é tarde para, em Roncesvales, retornarmos.
Noz cheualſ funt e laſ e ennuiez.	São cansados e exauridos os cavalos,
tolez lur lef ſeleſ le freinſ q'l unt eſcheff.	²⁴⁸⁵ ^{ti} rai as selas; das cabeças, os seus freios;
e par cez prez leſ laiſez refreider.	^{dei} xai-os refrescar aqui por esses prados.”
Reſpudent franc ſire uoſ diteſ bien.	“Senhor, vós disseste bem!” – Respondem francos.

CLXXXII

Li empere ad pfe sa herberge.	^O Imperador assentou sua campanha,
Franceif descendent en la tere deferte.	desmontaram francos na terra deserta,
a lur cheualf unt toleitef lef selef.	²⁴⁹⁰ dos cavalos, já tiraram as suas selas,
Lef freinf a or emetent iuf lef telef.	freios d'ouro, desenfrenam das suas caras.
Liürent lur prez afez i ad fresche herbe.	Entregados sobre o prado em fresca erva,
Daltre cunreid ne lur poeent plus faire.	não lhe podem ofertar melhor cautela.
ki mult est laf il se dort cuntre tere.	^{Os} mais cansados adormecem sobre a terra,
Jcele noit nunt unkef escalguaite.	²⁴⁹⁵ ^{na} quela noite nem fazem sentinela.

CLXXXIII

Li empere seft culcet en un pret.	Recostou-se sobre o prado o Imperador,
Sun grant espriet met a sun chef li ber.	sua lança, com a cabeça, o rei juntou,
Jcele noit ne se uolt il defarmer.	^{na} quela noite ele não se desarmou.
Si ad uestut sun blanc ofberc saffret.	^{Lo} riga branca posta é de safira a cor,
Laciet sun elme ki est a or gēmet.	²⁵⁰⁰ feito em ouro, o elmo não desenvervou.
ceinte ioiufe unchef ne fut sa per.	A Joiosa ali, nenhuma a pareou,
ki caşcun iur muet .xxx. clartez	^{ao} dia trinta vezes muda o seu fulgor.
afez sauum de la lance parler.	^{Da} sua lança muito sabe quem falou,
Dunt nrē fire fut en la cruz naffret.	pois, na cruz, da que feriu nosso Senhor,
carlef en ad la mure mercit deu.	²⁵⁰⁵ Carlos tem o ferro em graça e louvor,
en loret punt lad faite manuürer.	com o que, a ponta em ouro, ele forjou.
pur ceſte honur y pur ceſte bontet.	^{Por} essa honra e por esse favor,
Li numf ioiufe leſpee fut dundet.	de Joiosa sua espada batizou.
Barunf franceif nel deiuent ublier.	^{Qual} quer barão francês é um conhecedor:
enfeigne en unt de munioie crier.	²⁵¹⁰ ^{de} vem gritar <i>Monjoié</i> , que é seu clamor,
pur co nef poet nule gent cuntrefter	^a ssim, nenhuma gente pode-lhes se opor.

2499. Para a dupla adjetivação *blanc* (branca) e *saffret* (safira) da loriga (*ofberc*), vide nota ao v. 1032; essa opção tradutológica tem por hipótese que pedras de safira compusessem com os anéis de aço.

2501-2510. Segundo essa explicação, o grito de armas dos franceses recorda o nome de sua espada, Joiosa que, por sua vez, fora batizada em homenagem à Lança do Destino ou Lança Sagrada, utilizada para transpassar o lado de Jesus (João 19:34) “mas um soldado perfurou o seu lado com a lança” (*sed unus militum lancea latus eius aperuit*). Parte dessa lança, como relíquia, haveria sido forjada na lança de Carlos Magno por graça de Deus. Considerando uma antiga tradição que identificava a lança de Carlos Magno como a própria da paixão, o material lendário no entorno dessa relíquia é vasto, presente em diversos cantares de gesta e havendo motivado grandes buscas desde a trama de *Perceval* de Chrétien de Troyes, que a vira gotejando sangue no Castelo do rei pescador, passando por pretextos das históricas cruzadas em Jerusalém, até as possíveis motivações à guerra de Hitler inspirado no *Perceval* de Wagner.

CLXXXIV

Clere eſt la noit y la lune luiſant.
 Carleſ ſe giſt maiſ doel ad de Roll.
 e doliü li peiſet mult forment.
 Def .xii. perſ y de la franceiſe gent.
 en renceſualſ ad laiſet morz ſangenz.
 Ne poet muer nen plurt y neſ demente.
 e p̄et deu quaſ anmeſ ſeit guarent.
 Laf eſt li reiſ kar la peine eſt mult grant.
 endormiz eſt ne pout maiſ en auant.
 par tuz leſ prez or ſe dorment li franc.
 Ni ad cheual ki puiſſet eſter en eſtant.
 ki herbe uoelt illa p̄nt en giſant.
 Mult ad apriſ ki bien conuiſt ahan.

^A noite é clara, a lua é brilhante,
 Carlos deita por Roldão tão penitente,
 de Oliveiro, pesa muito fortemente,
 2515 ^{dos} doze pares e da francesa gente.
^{Em} Roncesvales jazem com sangue vertente,
 não evita de chorar tão condolente;
 pede a Deus que as almas deles, todas guarde.
^{Está} cansado o rei, a pena é muito grande,
 2520 ^a dormecido está já não é vigilante;
^{por} todo o prado já os francos adormecem.
^{Não} há cavalo que, por força, se levante,
 o que quer pasto, come ali jacente.
 Quem conhece o sofrimento, muito aprende.

Novas premonições de Carlos Magno

CLXXXV

Karleſ ſe dort cū hume traueillet.
 Seint gabriel li ad d'ſ enueiet
 Lemp̄eur li cumandet a garder.
 Li angleſ eſt tute noit a ſun chef
 par auiſiun li ad anunciet.
 Dune bataille ki encuntre lui ert.
 Senefiance len demuſtrat mult gref.
 carleſ guardat amunt enuerſ le ciel.
 veit leſ tuneireſ y leſ uenz y leſ gielf.
 e leſ orez leſ merueill³ tempez.
 e fouſ y flambeſ i eſt apareillez.
 Jſnelement ſur tute ſa gent chet.
 Ardent cez hanſteſ de fraiſne y depumer.
 e cez eſcuz ieſq^aſ bucleſ dor mier.
 Fuiſez cez hanſteſ de cez trenchanz eſpiez.
 cruiſſent oſberceſ e cez helmeſ dacer.
 eng^ant dulor i ueit ſeſ cheualerſ.

2525 Carlos dorme como um homem transtornado,
 por Deus, São Gabriel foi-lhe enviado,
 para cuidar do Imperador como um soldado.
^À noite, junto à cabeceira, está o anjo,
 em visão ele faz anunciá-lo,
 2530 de um embate que a ele será dado.
 Demonstrou-se grave o significado,
^O rei olhou, para cima, o firmamento,
 viu trovões, viu granizos e viu vento,
 e depois viu um temporal tremendo.
 2535 Raios e chamas são já preparados,
 sobre toda a gente são, ágeis, caídos.
 Ardem lanças de macieira e freixo,
^e até o brocal de ouro puro dos escudos.
 Estilhaçam hastes no aço afiado,
 2540 rangem as lorigas e também os elmos,
 o rei vê em grande angústia os cavaleiros.

vrf y leuparz lef uoelent puiſ manger.
 Serpenz y guiüref dragun y auerſer.
 grifunſ i ad pluſ de trente millerſ.
 Nen i ad cel a franceiſ ne ſagiet.
 e franceiſ cr'ent carlemagne aidez.
 Li reiſ en ad e dulur y pitet.
 aler i uolt maiſ il ad deſturber.
 Deuerſ un gualt unſ granz leonſ li uint.
 Mult par ert peſmeſ y orguilluſ y fierſ.
 Sun corſ meiſmeſ i aſalt y requert.
 e prenent ſei abraz ambeſdouſ por loiter.
 Maiſ co ne ſet liquelſ abat ne quelſ chiet.
 Li empere neſt mie eſueillet.

Por devorá-los estão ursos, leopardos,
 ser^{ser}pentés, víboras, dragões e os diabos.
 Também há trinta mil ou mais de grifos,
 2545 e nenhum deixa de atacar os francos.
 Eles gritam: “Ajudai-nos, Carlos Magno!”
 O rei sente muita dor e sofrimento,
 quer^{quer} ajudar, mas encontra impedimento.
 Desde um bosque um leão pois fora vindo,
 2550 tão feroz, tão perverso e orgulhoso.
 Sobre o seu próprio corpo incita o assalto,
 e para a luta tomam-se ambos os braços,
 mas^{mas} não se sabe qual bateu, qual é caído;
 todavia o Imperador não é acordado.

CLXXXVI

Apreſ icel li uien unaltre auifün.
 Quil ert en france ad aiſ a un prun.
 en douſ chaeineſ ſi teneit un brohun.
 Deuerſ ardene ueeit uenir xxx. urſ.
 caſcun parolet altreſi cume hum.
 Diſeient li ſire rendez le nuſ.
 Jl nen eſt dreiz que il ſeit maiſ od uoſ.
 Nrë parent deuum eſtre a ſucurſ.
 De ſun paleiſ uerſ leſ altreſ acurt.
 entre leſ altreſ aſaillit le greignur.
 Sur lerbe uerte ultre ſeſ cüpaignunſ.
 La uit li reiſ ſi merueilluſ eſtur.
 Maiſ co ne ſet liquelſ ueint ne quelſ nun.
 Li angleſ deu co ad muſtret al barun.
 carleſ ſe dort treſqual demain al cler iur.

2555 ^A essa visão, sucedeu-lhe uma outra:
 Sob um pórtico estava em *Aix*, na França,
 tinha um urso pardo preso em duas coleiras.
 Vê^{vê} vindo trinta ursos de Ardenas,
 como um homem, cada um dos quais, falava.
 2560 “Senhor – dizem – devolvi-nos ele agora,
 não é justo que convosco permaneça;
 nós devemos ajudar a parentela.”
 No seu paço os javalis se acocoram,
 um mais forte, ao maior urso vai e ataca,
 2565 diante dos seus iguais na verde relva.
 Viu o rei tal terrorífica peleja,
 mas não sabe qual vencido, qual derrota.
 Tudo isso o anjo ao rei lhe mostra,
 Carlos dorme até a próxima aurora.

2556. O termo *prun*, *perrun*, que pode ser traduzido por degrau, escada, soleira, átrio, pedra ou pórtico, diferente do que lemos nos vv. 11-12 (*vide nota*) e do cenário no v. 2268, aqui antecede o palácio de rei. As edições e traduções consultadas traduzem o termo por *graderia* (escadaria) ou *perrun* (plataforma), mas, considerando que no projeto Palácio de Aquisgrão de Carlos Magno a sala da assembleia, como edificação principal do complexo palaciano, seguiu o projeto arquitetônico da Basílica de Tréveris, na Alemanha, que é um retângulo apoticado, e que ambas, tanto a edificação romana quanto a carolíngia, não possuem elevação do pórtico para a presença de escadas, optamos pela tradução como “pórtico”.

2563. Todas as traduções consultadas optam por cão-de-caça (*lebrél*, *levrel*, galgo), para o quê se faz necessária uma correção na transcrição: “*De sun paleis uns veltres i acut*”. Seguimos o manuscrito.

Rei Marsílio em Saragoça
CLXXXVII

<p>Li reis marfilie fen fuit en farraguce. Suz un oliue est descendut en lumbre. Sejpee rent estun elme esa bronie. Sur la ute herbe mult laidement seculcet. La destre main ad pdue trestute. Del fanc quen ist se pasmet y angoiſet. Dedeuant lui sa muiller bramimunde pluret y criet mult forment se dolufet. enſemblod li pl^o de .xx. mil humef. Si maldient carlun y france dulce. ad apolin en curent en une crute. tencent a lui laidement le despsunent e maluaiſ d'ſ por quei nuf faiſ tel hunte. cest nrē rei por quei leſſaſ cunfundre. ki mult te ser^T maluaiſ luer len duneſ. puiſ jī li tolent seſ ceptre y sa curune. par ^{ler} mainſ le pendent sur une culūbe. entre lur piez a tere le tresturnent. a granz bastunſ le batent y de fruiſent. e tuagan tolent sun escarbuncle. e mahumet enz en un foffet butent e porc y chen le mordent e defulent.</p>	<p>2570 Rei Marsílio se mandou para Saragoça, desmontou sob a sombra da oliveira. Desenverga a cota, o elmo e a espada, humilhado, se prostra à verde relva. ^Até o toco, a destra mão perdera, 2575 ^{ver}tendo sangue ele desmaia e se angustia. Diante dele é sua mulher, a Bramimonda, fortemente se condói e grita e chora. Mais de vinte mil, os homens se juntaram, e maldizem Carlos e a Doce França. 2580 Correm a Apolo, que está numa gruta, com calúnias o derrubam por afronta: “Ah, malvado deus, por que a tal infâmia? Por que o nosso rei deixastes em vergonha? ^{Re}ceberá o mal aquele que vos sirva.” 2585 ^{De}pois tiraram-lhe o cetro e a coroa, suspenderam-no com as mãos sobre a coluna, entre os pés, derrubaram-no à terra. Com porretes o bateram e o quebraram, ^a Tervagão lhe tiram, de rubí, sua pedra. 2590 ^A Maomé, o enfiaram numa fossa, pisoteiam-no e mordem cães e porcas.</p>
--	--

NOVAS PREMONIÇÕES CARLOS MAGNO (Ant., ss. CLXXXV-CLXXXVI) – Assim como nas séries LVI e LVII, nesses sonhos Carlos tem mais visões premonitórias e enigmáticas, mas dessa vez com intervenção divina, pois é o próprio anjo Gabriel quem lhe mostra as visões, cuja tormenta é o pano de fundo. A intervenção do leão que impede o Imperador de ir ao socorro de seus suplicantes francos (vv. 2549-2553), é uma clara referência à intervenção do Emir Baligão e do combate singular entre os Senhores representantes da Cristandade e do paganismo, cujo resultado, até aqui, está indefinido. Qualquer questionamento acerca do episódio de Baligão (*vide* comentário na página seguinte) deveria supor essa passagem como apócrifa. A visão seguinte é uma premonição do que ocorrerá nas séries CCLXXVII-CCLXXXIV, que é o juízo de Galalão num combate singular, entre Pinabel, da parte do réu, e Teodorico, da parte de Roldão. Galalão, portanto, é o urso mantido preso por Carlos Magno, cuja liberdade será reclamada por seus parentes, os demais ursos. Entre os javalis, Teodorico entra em combate com o maior dos ursos (*vide* nota aos vv. 3839-3840), Pinabel, e o desenlace, o sonho não revela.

2564. (Ant.) O termo *altref*, também presente no verso anterior, mas omitido na tradução por exigência métrica, é igualmente omitido em todas as traduções consultadas por, ao que parece, não contribuir ao sentido do verso. Nossa tradução lê o termo como *halt*, *hals*, *hautre*, *alt*, [*altres*], *etc.*, traduzido no AND como *high*, *potent*, *strong*, *great*, *important* (alto, potente, forte, grande, importante).

2570. Quinto dia na cronologia do cantar.

CLXXXVIII

<p>De paſmeifunſ unſ ≈ uenuz marſilieſ. Fait fei porter en ſa cambre uoltice. pluſurſ culurſ i ad peinz y eſcriteſ. e bramimunde le pluret la reine. trait jeſ cheuelſ ſi je cleimet caitiue. al altre mot mult haltement jeſcriet. e farraguce cum ief oi deſguarnie. del gentil rei ki taueit en baillie. Li nrē deu i unt fait felonie. ki en bataille oi matin le faillirent. Li amiralz i ferat cuardie. Sil ne cūbat a cele gent hardie. ki ſi ſunt fierſ nunt cure de lur uief. Li empere od la barbe flurie. Vaſſelage ad e mult grant eſtultie. Sil ad bataille il ne ſen fuirat mie Mult eſt grant doel que nen eſt ki lociet.</p>	<p>Rei Marsílio do desmaio se recobra fez levar-se a sua alcova abobadada, onde há escritos e cores pintadas. ²⁵⁹⁵ É aos prantos a rainha Bramimonda, Arrancando-se os cabelos diz: “Coitada!” De outro modo, tão fortemente grita: “^{Ai} Saragoça, estais desguarnecida, ^{do} rei gentil que por seu dono a tinha! ²⁶⁰⁰ Nossos deuses nos fizeram felonias, de manhã, malogrando a batalha. O Almirante fará tal covardia, ^{se} não combate a essa gente tão ousada, ^{são} tão ferozes que desprezam suas vidas. ²⁶⁰⁵ ^O Imperador que tem a barba tão florida, tão valente e de tanta imprudência, ^{não} fugirá se lhe apresentar batalha; que não haja quem o mate é grande pena!”</p>
--	---

O EPISÓDIO DE BALIGÃO (Seg.) – A partir da série CLXXXIX tem início o episódio de Baligão que ocupa a quarta parte do cantar. Esse episódio foi objeto de sucessivas contestações por parte da crítica, que tentou imputar-lhe sentido apócrifo, talvez obnubilada por um título, esse sim tardio, que até bem poderia haver sido preterido pelos primeiros editores do cantar do século XIX por outros, como *La Chanson de Charlemagne* ou *La Chanson de Roncevaux*. Uma vez morto Roldão, bastariam poucas séries para punir Galalão e encerrar a gesta, mas por que então mais uma longa batalha sem a presença do paladino e dos doze pares da França? Se bem essa contestação é já superada entre a crítica, a reflexão dela decorrente é basilar para a compreensão da estrutura argumental do cantar. Martín de Riquer sintetiza, em um parágrafo, o imperativo de se admitir a autenticidade do episódio: “Sem o episódio de Baligão, a *Chanson de Roland* que conservamos não tem razão de ser. Sem o episódio de Baligão, nosso cantar seria um engendro artístico e um despropósito dentro da hierarquizada mentalidade feudal dos séculos XI e XII. Imaginemos que depois da derrota da retaguarda em Roncesvales, o exército de Carlos Magno voltasse diretamente para França e que em Aquisgrão (*Aix*) se julgasse e condenasse a Galalão. A traição haveria sido castigada, mas o desastre militar não haveria sido vingado. Que pouco glorioso seria o papel do Imperador! A flor de seus cavaleiros mortos (*sic*) pelos sarracenos sem digna réplica; um de seus conselheiros mais próximos, por isso, traidor. A *Chanson de Roland* seria a epopeia de uma derrota” (Riquer, 2009, p. 121). Mesmo considerando já não fazer sentido discutir a autenticidade de um episódio de uma gesta, cuja essência é o acúmulo de materiais lendários, a “hierarquizada mentalidade feudal” determina que um senhor supremo se enfrente com outro, quando os vassalos o necessitam. Se Carlos Magno é senhor supremo de todos os cristãos, o Emir Baligão é apresentado como equivalente sarraceno; Roldão é morto e Marsílio afrontado, só a justiça divina determinará com quem está a razão, pelo fio da espada do representante temporal do Deus verdadeiro.

Emir Baligão chega à Espanha
CLXXXIX

<p>Li empere par ja grant poestet. .vii. anz tuz plenſ ad en eſpaigne eſtet. prent i chaſtelf y alquantef citez. Li reiſ marſilie ſen purcacet afez. al premer an fiſt ſeſ breſſ feieler. en babilonie baligant ad mandet. co ≈ lamiraill le uiel dantiquitet. tut ſur ueſquiet y uirgilie y omer. en farraguce alt ſucurre li ber e ſil nel faitſ il guerpirat ſeſ d'ſ. e tuz ſeſ ýdeleſ que il foelt adorer. Si receûrat ſtê xpïentet. A charlemagne ſe uuldrat acorder. e cil ≈ loinz ſi ad mult demuret. Mandet ſa gent de .XL. regnez. Seſ granz drodmunz en ad fait apreſter. eſchiez y bargeſ y galieſ y neſſ. Suz alixandre ad un port iuſte mer. tut ſun nauilie i ad fait apreſter. co ≈ en mai al pmer iur deſted. tuteſ ſeſ oz ad empeintef en mer.</p>	<p>° Imperador, por ſeu grande poderio, 2610 na Espanha ficou por ſete anos. Conquistou quantas cidades e castelos, precaviu-se baſtante o rei Marsílio. No primeiro ano fez a carta e o ſelo, em Babilônia Baligão foi avisado – 2615 que é o Emir, tão antigo e tão velho, sobre viveu a Virgílio e a Homero – para que vá a Saragoça ſocorrê-lo. Se não o faz ſerá ſeu deus já renegado, e os ídolos também mais adorados. 2620 Receberá, então, de Cristo, o batismo, e ficará de acordo com o rei Carlos Magno. Mas ele está longe, tardou demasiado, em convocar ſua gente de quarenta reinos. Faz então prepararem os ſeus barcos, 2625 ſuas galeras, eſquifes, naves, dromos. Junto ao mar, em Alexandria, há um porto, onde faz preparar todos os barcos. Era eſtío, já em maio, dia primeiro, todos os ſeus ao mar foram lançados.</p>
---	--

CXC

<p>Granz ſunt leſ oz de cele gent auerſe. Siglent a fort y nagent y guuernent. en ſum cez maz y en cez l^{ET}altes uerneſ. afez i ad carbuncleſ e lanterneſ. La ſuſ amunt par getent tel luiſerne. par la noit la mer en eſt pluſ bele. e cum il uienent en eſpaigne la tere. tut li paiſ enreluiſt y eſclairret. Jeſqua marſilie en paruunt leſ nofeleſ. AOI.</p>	<p>2630 Grande é a hoſte deſſa gente inimiga, ſingram forte, navegam, timoneiam. Em ſeus altos maſtros e em ſuas vergas, há muitas pedras de rubí como lanternas. Lá do alto, tal brilho ſe diſperça, 2635 que pela noite, as águas ſão mais belas. Quando à terra da Espanha eles chegam, o país todo fulgura e clareia; a notícia, até Marsílio chega. AOI.</p>
--	---

CXCI

Gent paienor ne uoelent ceſſer unkeſ.
 Jſſent de mer uenent aſ eweſ dulceſ.
 Laiſent marbroſe y ſi laiſent marbriſe.
 par ſebre amunt tut lur nauirieſ turnent
 aſez i ad lanterneſ y carbuncleſ.
 tute la noit mult grant clartet lur dunent.
 a icel iur uenent a ſarraguçe. AOI.

Essa gente pagã não para mais,
 2640 ^{dei}xaram o mar para em água doce entrar,
 já Maiorca e Menorca estão para trás,
 pelo Ebro navegam suas naus.
 De rubís e faroletes tanto há,
 que à noite tudo fazem clarear;
 2645 ^{na}quele dia Saragoça os verá. AOI.

CXCI

Clerſ eſt li iurz y li ſoleilz luiſant.
 Li amiralz eſt iſſut del calan.
 eſpaneliz forſ le uait adeſtrant.
 .xvii. reiſ apreſ le uunt ſiwant.
 cunteſ y dux i ad ben ne fai quanz.
 Suz un lorer ki eſt en mi un camp.
 Sur lerbe uerte getent un palie blanc.
 v faldeſtoed i unt miſ dolifan.
 Deſur ſaſiet li paien baligant.
 tuit li altre ſunt remeſ en eſtant.
 Li ſire delſ pmer parlat auant
 oiez ore franc cheualer uaillant.
 carleſ li reiſ lempere deſ francſ.
 Ne deit manger ſe io ne li cumant.
 par tute eſpaigne mat fait guere mult grant.
 en france dulce le uoeil aler querant.
 Ne finerai en treſtut mun uiuant.
 Joſquil ſeit mort utut uif recreant.
 Sur ſun genoill en fiert ſun deſtre guant.

Claro é o dia, é o sol brilhante,
 da chalana desceu o Almirante,
^{Es}panelino é o seu acompanhante,
 dezessete reis a eles vão seguintes;
 2650 condes, duques, quantos são não há quem conte.
^{Sob} um loureiro que está numa planície,
^{um} manto branco estende sobre a relva verde.
 Põem ali um trono em dente de elefante,
 sobre o qual Baligão, pagão, sentou-se;
 2655 todos os demais em pé, pois, permanecem.
 Por falar primeiro o Emir já adiantou-se:
 “Ouvi, francos cavaleiros, tão valentes,
 Carlos Magno, que é dos francos o regente,
^{não} deverá comer até que eu ordene.
 2660 ^{Por} toda a Espanha me fez guerra muito grande,
^a Doce França quero eu ir requerer-lhe.
 Eu não pararei enquanto for vivente,
^até que eu morra ou ele se sujeite.”
 Sua destra luva em seu joelho bate.

2647. Baligão, por vezes, é chamado de Emir, por vezes, Almirante. Emir ou Amir é um título nobiliário do Estado Islâmico que responde diretamente ao Califa, este, representante de Maomé. Apesar de muitas variações ao longo da história, originalmente o título de Emir era adotado por todos os descendentes de Maomé, mas passou a designar também o Chefe de Estado em *Al-Andalus*. Almirante, por sua vez, é o comandante do mar ou o “amir dos mares” (*‘amir al-bahr*), que cobra, no cantar, esse sentido etimológico e não o da patente militar da marinha, como se entende modernamente.

2657-2658. Mantivemos, na tradução, a homonímia, que configura um evidente calembur do autor, entre os “francos cavaleiros” muçulmanos, e os cavaleiros “francos” cristãos. Geralmente no v. 2657 se traduz “*franc*” por “nobres”, mantendo-se o sentido, mas perdendo o jogo de palavras que o autor nos propõe.

CXCIII

Puif quil lad dit mult fen ≈ afichet.
 Que ne lairat pur tut lor desuz ciel.
 Que il ainz ad aif o carl foelt plaider.
 Si hume li loent fi li unt cunfeillet.
 puif apelat douf de fef cheualerf.
 Lun clarifan y laltre clarien.
 vof estef filz al rei maltraien.
 ki meffagef soleit faire uolenterf.
 Jo uof cumant quen farraguce algez
 marfiliun de meie part li nunciez.
 cuntre franceif li fui uenut aider.
 Se io truiſ o mult ġnt bataille iert.
 Si len dunez cest quant ad or pleiet.
 el destre poign fi li faitef chalcer.
 Si li portez cestuncel dor mer.
 e a mei uenget pur reconoiſtre fun feu.
 en france irai pur carl guerreier.
 Sen ma mercit ne se culzt a mef piez
 e ne guerpiſſet la lei de xpïenf.
 Jo li toldrai la corune del chef
 paien respudent fire mult ditef bien.

2665 Dito isto, está muito seguro,
 que não deixará, por quanto houver de ouro,
 de ir a Aix onde a corte faz rei Carlos.
 Aconselham-no e o louvam seus vassalos,
 chamou então dois dos seu mais cavaleiros,
 2670 ° Clarifano é um e o outro é o Clarieno:
 “Vós sois filhos do rei que é o Maltraiendo,
 que as mensagens, de levar foi voluntário.
 Ide vós a Saragoça, eu vos ordeno,
 e anunciai de minha parte ao rei Marsílio,
 2675 que eu vim, contra os franceses, ajudá-lo.
 Haverá grande batalha se há ensejo,
 dai a ele essa luva de ouro em vinco.
 Calçá-la em sua mão direita ali fazei-o,
 e levai também o báculo em ouro puro;
 2680 que venha, pois, reconhecer-me o seu feudo.
 Vou à França guerrear contra o rei Carlos,
 se em mercê de mim aos pés não me é prostrado,
 e se não for, da lei cristã, um renegado,
 da coroa da cabeça hei de livrá-lo.”
 2685 Respondem os pagãos: “Senhor, está bem dito!”

CXCIV

Dift Baligant car cheualchez barun.
 Lun port le quant li alte le bastun.
 e cil respudent cher fire fi ferum.
 tant cheualcherent que en farraguce sunt.
 paſſent .x. portef trauerfent .iiii. punz.
 tutef lef ruef u li burgeif estunt.
 cum il aproifment en la citet amunt.

“Cavalgai, barões!” Disse Baligão,
 um leve a luva e o outro o bastão.
 Respondem ao seu senhor que o farão.
 Cavalgaram tanto, em Saragoça estão,
 2690 passaram quatro pontes e tanto portão,
 que pelas ruas dos burgueses eles vão.
 Logo no alto da cidade chegarão,

2667. Traduzimos o verbo *plaider* (alegar, propor argumento), de acepção jurídica, pela expressão “fazer a corte” que, entre tantos sentidos que pode cobrar num contexto feudal (galantear, recepcionar em corte, etc.) aqui tem valor jurídico de proceder a um julgamento. É em *Aix*, efetivamente, que Galalão será julgado na última parte do cantar (série CCLXX e segs.).

2680. Reconhecer em feudo significa o reconhecimento do suserano como senhor supremo das terras de onde se tem a posse, senhor por quem um vassalo fora investido como possuidor de uma marca.

Verf le paleif oirent grant fremur.
 afez i ad de cele gent paienur.
 plurent e crient demeinent grant dolor.
 pleignent lur d'f teruagan y mahum.
 e apollin dunt il mie nen unt.
 Diſt caſcun al altre caitiff q^e deuendrũ.
 Sur n³ ≈ uenue male confuſiun.
 perdut auum le rei marſiliun.
 Li quenſ Rolł li trenchat ier le deſtre poign.
 Nuſ nauũ mie de iurfaleu le blunt.
 treſtute eſpaigne iert hoi en lur bandun.
 Li dui meſſage deſcendent al prun.

já escutam do palácio a agitação,
 há ali tantos desses, os pagãos.
 2695 Gritam, choram e desmaiam em aflição,
 queixam-se a Maomé e Tervagão,
 e a Apolo que por eles já não são:
 “Patifes deuses! Quais males nos virão?
 Sobre nós advém má confusão!
 2700 Rei Marsílio caiu em perdição,
 o Roldão cerceou sua destra mão;
 já não temos Jurfaláz, o mais lourão.
^{Es}tá a Espanha sob sua jurisdição.”
 Os mensageiros descavalgam no portão.

CXCIV

Lur cheualf laiſent dedeſuz un oliue.
 Dui farrazin par leſ reſneſ leſ priſtrent.
 e li meſſage par leſ mantelſ ſe tindrent.
 puiſ ſunt muntez ſuſ el paleiſ altiſme.
 cum il entrerent en la cambre uoltice.
 par bel am^a maluaiſ ſaluz li firent.
 cil mahumet ki nuſ ad en baillie.
 e teruagan y apollin nrẽ ſire.
 Saluent le rei y guardent la reine.
 Diſt bramimunde or oi mult grant folie.
 ciſt nrẽ deu ſunt en recreantiſe.
 en renceſual ^{mu}uaueſ uertuz firent.
 Noz cheualerſ i unt leſſet ocire.
 ceſt mien ſeignur en bataille faillirent.
 Le deſtre poign ad pduť nen ad mie.
 Si li trenchat li quenſ Rolł li richeſ.
 treſtute eſpaigne aũrat carł en baillie.
 Que deuendrai duluruſe caitiue.
 e laſſe que nen ai un hume ki mociet. AOI.

2705 ^{Dei}xaram sob uma oliveira os cavalos,
 pelas rédeas os têm dois sarracenos.
 Se tomaram pelas mantas mensageiros,
 e subiram no altíssimo castelo.
 Como entrando no aposento abobadado,
 2710 ^{Por} amizade fazem infeliz cortejo:
 “^{Por} Maomé, que nos tem sob o seu mando,
 e os senhores nossos, Tervagão e Apolo,
 a rainha e o rei sejam guardados!”
 Bramimonda disse: “Ouço muito engano!
 2715 Esses deuses nossos são acovardados!
^{Em} Roncesvales nos fizeram mau prodígio,
^{lar}gando à morte os nossos cavaleiros,
 na batalha meu senhor, desamparado.
^A destra mão, já não tem, é só o toco,
 2720 a cerceou conde Roldão, o poderoso.
 Toda a Espanha terá Carlos por seu dono,
 Miserável eu, qual é o meu destino?
 Ai! Que, para me matar, não haja um amigo! AOI.

2698. Leitura conjecturável. Em trad. lit.: “Cada um disse ao outro: ‘... o que nos advirá?’”

2700. Jurfaláz, o lourão, era filho de Marsílio e foi morto por Roldão no v. 1904.

2708. Trata-se do Palácio de Aljafería, em Saragoça, erigido na época de composição do cantar.

CXCVI

Diſt clarien dame ne parlez mie itant.
 Meſſageſ ſumeſ al paien baligant.
 Marſiliun co dit ſerat guarant.
 Si len enueiet ſun baſtun y ſun guant.
 en febre auum .iiii. milie calant.
 eſchiez y bargeſ y galeeſ curant.
 Drodmunz i ad ne uoſ ſai dire quanz.
 Li amiralz ≈ richeſ y puiſant.
 en france irat carlemagne querant.
 Rendre le quidet u mort o recreant.
 Diſt bramimunde mar en irat itant.
 pluſ preſ dici purrez truer leſ francſ.
 en ceſte tere ad eſtet ia .vii. anz.
 Li empere eſt ber y cumbatant.
 Meilz uoel murir que ia fuiet de camp.
 Suz ciel nad rei quil pſt a un enfant.
 carl ne creint nulſ hō ki ſeit uiuant.

“Señhora, tanto não faleis – diz Clarieno –
 2725 do pagão Baligão eis mensageiros.
 Diz que será protetor do rei Marsílio,
 eis a luva e o bastão aqui enviados.
 Quatro mil chalanas temos no rio Ebro,
 galeras rápidas, esquifes e mais barcos;
 2730 nem sei dizer quantos são os nossos dromos.
 O Almirante é rico e poderoso,
 na França irá a Carlos Magno requerê-lo;
 dar-lhe morte ou então ali rendê-lo.
 Bramimonda diz: “Tão longe, não é preciso,
 2735 muito perto daqui estão os francos.
 Nessa terra ficaram sete anos,
 o Imperador é um combatente bravo;
 prefere a morte do que fugir do campo.
 Não há rei que ele não tome por menino,
 2740 e não teme Carlos nenhum homem vivo.

CXCVII

Laiſſez co eſter diſt marſilief li reif.
 diſt aſ meſſageſ ſeignaf parlez a mei.
 Ja ueez uoſ que a mort fui deſtreit.
 Jo ſi nen ai filz ne fille ne heir.
 vn en aueie cil fut ocif her ſeir.
 Mun ſeignur diteſ quil me uienge ueeir
 Li amiraill ad en eſpaigne dreit.
 Quite li cleim ſe il la uoelt aueir.
 puiſ la defendet encuntre li franceiſ.
 verſ carlmagne li durrai bon conſeill.
 cunquif laurat doi ceſt iur en un meiſ
 De ſarraguce leſ cleſſ li portereiz.
 pui li diteſ il nen irat ſil me creit.
 cil reſpudent ſire uuſ diteſ ueir. AOI.

Rei Marsílio falou: “Deixai para lá!”
 Aos mensageiros disse: “Comigo falai!
 Vede a morte me atormentará,
 não tenho filho ou filha que de mim herdar.
 2745 Um que eu tinha, foi morto ontem lá,
 dissei a meu senhor que venha ver-me cá.
 Direito do Emir sobre a Espanha há,
 se a quer, a declaro livre já,
 e logo, contra os francos, a defenderá.
 2750 Sobre Carlos posso um bom conselho dar:
 dentro de um mês, sei, ele o vencerá.
 De Saragoça, a chave ide levar,
 e dissei-lhe, se me crê, que não se vá.”
 E respondem-lhe: “Verdade nisto há!” AOI.

CXCVIII

Co dist Marfilie carl lempere.
 Mort mad mef homef ma tere deguaſtee.
 e mef citez fraitef y uioleef.
 Jl iut anuit fur cel ewe de febre.
 Jo ai cunte ni ad maiſ que .vii. liweſ.
 Lamirail ditef que fun hoſt i amein
 par uoſ li mand bataille i ſeit iuftee.
 De ſarraguce leſ clefſ li ad liúreeſ.
 Li meſſager ambedui lenclinerent.
 prenent cuiget a cel mot ſen turnerent.

2755 ^{Mar}sílio diz: “Carlos, o Imperador,
^{ma}tou meus homens, minha terra devastou.
 minhas urbes varreu e violou,
 nessas margens do Ebro pernoitou,
 sete léguas daqui não ultrapassou.
 2760 ^{Que} a hoste traga o Emir,izei-lhe, pois,
 que batalha os dê, quero propor.”
^{De} Saragoça a chave entregou,
 ante ele, inclinaram-se os dois;
 com a licença retornaram depois.

CXCIX

Li dui meſſage ef cheualſ funt muntet.
 Jſnelement iſſent de la citet.
 al amiraill en uunt eſfreedenīt.
 De ſarrace li preſentent les clef.
 Diſt baligant que auez uoſ truet.
 v ≈ marfilie que io aueie mandet.
 Diſt clarien il ≈ a mort naffret.
 Li empere fut ier aſ porz paſſer.
 Si ſen uu^ol t en dulce france aler.
 par grant honor ſe fiſt rereguarder.
 Li quenſ Roll i fut remeſ ſiſ nieſ.
 e oliuer e tuit li .xii. per.
 De celf de France .xx. milie adubez.
 Li reiſ marfilie ſi cumbatit li berſ.
 Jl y Roll el camp furent remeſ.
 De durenal li dunat un colp tel.
 Le deſtre poign li ad del corſ ſeüret.
 Sun filz ad mort quil tant ſuleit amer.
 y li baron quil i out amente
 Fuiant ſen uint quil ni pout meſ eſter.
 Li empere lad ench^{ac}et aſez

2765 ^{Os} mensageiros montaram a cavalo,
 da cidade, saíram apressados.
^{Al}o Almirante chegaram assustados,
^{da} chave de Saragoça vão portados.
 Baligão perguntou do averiguado:
 2770 “E Marsílio? Não o havia chamado?”
 “^{De} morte é ferido – diz o Clarieno –
 e esteve ontem, Carlos, nos desfiladeiros;
^{que}ria ir à Doce França de retorno.
^A retaguarda formou com tanto orgulho,
 2775 ^{ali} ficaram Roldão, o seu sobrinho,
^{os} doze pares todos e o Oliveiro,
 e vinte mil dos da França bem armados.
 Os barões, por rei Marsílio, atacados,
 ele e o Roldão, no campo, são sobrados.
 2780 ^{Da} Durindana, um golpe tão bem dado,
 cerceou a destra mão do rei, coitado!
 O seu filho morto, que era tão amado,
 e os barões, que consigo havia levado.
 Não podendo mais ali saiu fugindo,
 2785 por rei Carlos, foi muito perseguido.

Li reis uof mandet q^e uof le fucurez.
 Quite u³ cleimet despaigne le regnet.
 e baligant cumcet a penfer.
 Si grant doel ad por poi quil nest defuet. AOI.

o rei nos manda pedir a vós socorro,
 e vos declara da Espanha livre o reino.”
 Baligão tanto vai já refletindo,
 que em tanta dor, quase está enlouquecido. AOI.

CC

Sire amiralz dist clarienf
 en rencefulf une bataille out ier.
 Morz ≈ Rolf y li quenf oliue.r
 Li .xii. per que carl aueit tant cher.
 De lur franceif i ad mort .xx. millerf.
 Li reis marfilie le destre poign i pdit
 e lempere afez lad enchalcet.
 en ceſte tere nest remef cheualer.
 Ne ſeit ocif o en ſebre neiet.
 Deſur la riue ſ^t francef herbgiez.
 en ceſt paif nuſ ſ^t tant aproeciez.
 Se uof uolez li repaireſ ert greff.
 e baligant le reguart en ad fierf.
 en ſun curage en eſt iouſ y liet.
 Del faldeſtod ſe redrecet en piez.
 puis eſcriet barunſ ne uof targez.
 eiſſez deſ neſf muntez ſi ch^eu^alciez.
 Sor ne ſen fuit karlemagne li ueilz
 Li reis marfilie enqui ſerat uenget.
 pur ſun poign deſtre len liuerai le chef.

2790 Clarieno diz: “Senhor, meu Almirante,
 em Roncesvales, batalha houve ontem.
 Oliveiro e Roldão ganharam morte,
 e os queridos por Carlos, doze pares.
 Vinte mil ali morreram dos franceses,
 2795 e quando a sua destra mão Marsílio perde,
 o Imperador então muito o persegue.
 Cavaleiro aqui não remanece,
 que não fora morto ou no Ebro não soçobre.
 Os franceses acampam às suas margens,
 nes se país nos estão tão iminentes,
 que voltar será difícil se quiserdes.”
 o Baligão tem o olhar tão arrogante,
 no seu peito está feliz e tão alegre.
 Do seu trono em pé então se ergue,
 2805 depois grita: “Barões, que não se tardem,
 em montar e cavalgar, saí das naves!
 Se o velho Carlos Magno não nos foge,
 o rei Marsílio será vingado hoje;
 por sua destra mão uma cabeça eu dou-lhe.

MENSAGENS REITERADAS: As mensagens reiteradas são comuns na épica medieval e, assim como ocorre nas séries similares, essas mensagens atendem às necessidades da transmissão oral, cuja audiência, sempre em movimento e sujeita a diversas interferências, pode frequentemente se dispersar dos eventos aqui recapitulados. Sobre isso, comprova J. Rychner (*apud* Moignet, 1985, p. 203) que essa fórmula é ainda presente nas epopeias modernas que se podem observar na Sérvia.

CCI

Paien darabe def neff fe f't eiſſut.	2810 Saem dos barcos os pagãos que são da Arábia,
puiſ ſunt muntez eſ cheualſ y eſ mulſ.	logo montam nos cavalos e nas mulas,
Si cheualcherent que fereient il pluſ.	cavalgaram, ou tinham outra escolha?
Li amiralz ki t'eftuz leſ eſmut	O Almirante, que a todos mobiliza,
Sin apelet gemalſin un ſun drut.	^{seu} preferido, o Gemalſino, ali chama:
Jo te cumant de tuteſ meſ oz. [lau ⁿ ade]	2815 “Vos ordeno: reuni minha armada!”
puiſ en un ſun deſtrer brun. [eſt munte]	Monta o destreiro baio em seguida,
eñſemblod lui em meinet .iiii. dux.	° quatro duques, consigo ainda leva.
tant cheualchat quen ſaraguze fut.	Cavalgaram até que em Saragoça estavam,
a un pron de marbre eſt deſ[cēdut].	° num marmóreo portal descavalgaram;
e quatre cunteſ leſtreu li unt tenut.	2820 os estribos, quatro condes apoiaram,
parleſ degrez el paleiſ muntet ſuſ.	^até o palácio subiram as escadas,
e bramidonie uient curant cuntre lui.	ao encontro deles corre Bramidona,
Si li ad dit dolente ſi mare fui.	e lhes diz: “Mal-nascida, desgraçada!
a itel hunte ſire mon ſeignor ai pdut.	Eu perdi meu senhor em tal vergonha.”
chet li aſ piez li amiralz la recut.	2825 Cai aos pés do Emir, quem a levanta,
Suſ en la chambre ad doel en ſunt uenut. AOI.	e dolentes sobem até as alcovas. AOI.

CCII

Li reiſ marſilie cū il ueit baligant.	Quando viu a Baligão, o rei Marsílio,
dunc apelat dui ſarrazin eſpanſ.	^{então} chamou, da Espanha os sarracenos:
pnez maſ braz ſim °drecez en ſeañt.	“Pelo braço, mantei-me aqui sentado!”
al puign ſeneſtre ad priſ un de ſeſ guanz.	2830 Uma luva, com a sinistra ali tomou:

CCI. Uma presença de segunda mão nos vv. 2815-2816 ainda requereria um deslocamento para outra posição do verso a fim manter o padrão de assonância da série. Mantivemos, não obstante, os étimos e a sintaxe conforme apresenta o manuscrito, onde outros editores corrigem, deslocando ou omitindo. Considerando como está, o sentido não fica comprometido para a proposta tradutológica.

2816. O termo *brun* (escuro, moreno), procedente do germânico *brūn*, nesse contexto se refere à coloração do cavalo, assim como o termo *for* no v. 1943 (*vide* nota). Traduzimos por “baio” pois este pode apresentar variações de pelagem que vai do cinza e marrom claros até os quase negros. Etimologicamente, *brun* pode estar relacionado à variedade de “baio cebruno”, de cor barro escuro com as quatro meias negras.

2822. O nome próprio *Bramidonie* (Bramidona) se refere à rainha da Espanha, que a partir desse verso já não volta a ser chamada pelo nome de *Bramimund* (Bramimonda) conforme lemos até aqui (vv. 634, 2576, 2595, 2714 e 1734). Embora todos os comentadores e editores do cantar padronizem-na como Bramimonda, seja por lapso do copista ou simples variação de exatas cinco ocorrências para cada forma, reproduzimos na tradução a variante Bramidona a partir daqui, conforme lemos *Bramidonie* no manuscrito.

co dist marfilie sire reif amiralz
 teref tutes ici [rengnes vos redemas]
 y farraguce y lonur qui apent.
 mei ai pdut y tute ma gent.
 e cil respunt tant sy io plus dolent
 Ne pois a uof tenir lung parlament.
 Jo fai afez que carlef ne matent.
 e nepurquant de uof receif le guant.
 al doel quil ad fen ~ turnet plurant. AOI.

“Almirante, rei, senhor – diz o Marsílio –
 essa terra, de reinar a vós me eximo,
 e Saragoça e todos os seus feudos;
 da minha gente eu fui aqui privado.”
 2835 Reponde o Emir: “Vos sou tão solidário,
 mas alongar essa prosa já não posso.
 Eu bem sei que não permanece Carlos,
 e, a pesar de tudo, a luva eu aceito.”
 Sente tal a dor que retorna chorando. AOI.

[...]

Par les degrez iuf del paleif descent.
 Muntet el ceual uient a fa gent puignant
 tant cheualchat quil est pmerf deuant.
 De [unf] ad altref ji fe uait escriant.
 Venez paien car ia fen fuient f'anc. AOI.

2840 Pela escada desce, então, do seu palácio,
 a sua gente vai aguilhando o cavalo.
 Cavalgou tanto até ser o primeiro,
 a cada tanto ele ia ali gritando:
 “Pações, vinde que já fogem esses francos!” AOI.

2832. O segundo hemistiquio desse verso está raspado e completado por mão de corretor. Moignet (1985, p. 206) anota ser ininteligível a segunda mão e apresenta reticências. Riquer (2003, pp. 276-277) anota a corrupção do manuscrito e propõe leitura hipotética, omitindo esse verso e alterando o v. 2831, de modo a completar o sentido, mantendo a assonância: “*Señor Emir, os entrego todas mis tierras*” (“*Sire amiralz, tutes terres vos rant*”). Todos os demais editores e tradutores consultados mantêm o mesmo sentido da “entrega” das terras de Marsílio ao Emir. Nossa tradução considera plausível a mão do corretor com os verbos *rengner* (reinar) e *redemer* (redimir, eximir):

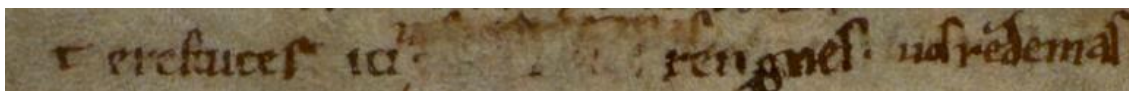


Figura 22: Ms. O fl. 51v. v. 2832.

2840. É consensual entre os editores do cantar que esse verso trate-se ainda da série CII, a despeito da marcação AOI e da presença da letra capitular /P/. Se bem já pudemos observar a ocorrência de AOI excepcionalmente após versos não finais de série e, por outro lado, de diversas séries seguidas com a mesma assonância, a presença da letra capitular não deixa margem à dúvidas de que esse verso inicia uma nova série (*vide* nota ao v. 1404). Optamos por manter o padrão da contagem de séries como havendo aqui uma única, deixando, porém, marcada a clara indicação do manuscrito em contrário.

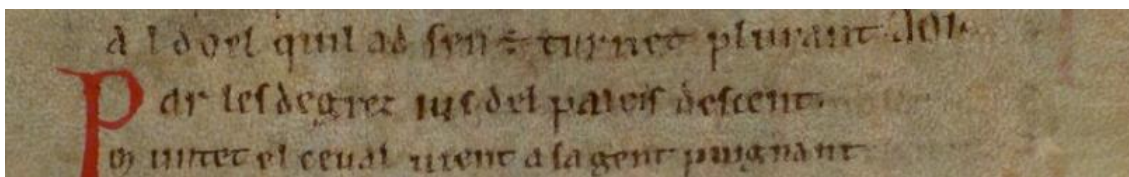


Figura 23: Ms. O fl. 51v. vv. 2839-2841.

De volta a Roncesvales
CCIII

<p>Al matin quant p̄meſ pert li albe. eſueillez eſt li epere carleſ. Sein gabriel ki de part deu le garde. Leuet ſa main ſur lui fait ſun ſignacle. Li reif deſcent ſi ad rendut ſeſ armeſ. Si ſe deſarment par tute loſt li altre. Puiſ ſunt muntet par grant ûtut cheualchent. cez ueiez lungeſ y cez cheminſ mult largeſ. Si uunt ue(d)eir le merueilluſ damage. en renceſualſ la o fut la bataille. AOI.</p>	<p>2845 De manhã, quando abre a prima alva, Carlos Magno, o Imperador, já se desperta. São Gabriel, que, por Deus, tão bem o guarda, leva a mão sobre ele e o persigna. De suas armas, o rei se desenverga, 2850 ^{por} toda a hoste os outros se desarmam. Montam com grande virtude e já cavalgam, pelos largos caminhos, longas vias. Eles vão ver a bárbara ruína, ^{em} Roncesvales, onde houve a batalha. AOI</p>
---	--

CCIV

<p>En renceſualſ en .ě. carl uenuz. Deſ morz quil troeuet cum̄cet a plurer. Diſt a franceiſ ſegnuſ le paſ tenez. kar mei meifme eſtoet auant aler. pur mun neud que uuldreie truer. a eiſ eſteie a une fêſte anoel Si ſe uanttent mi uaillant cheualer. De granz batailleſ de forz eſturſ plenerſ. Dune raiſun oi Rolł parler. Ja ne murreit en eſtrange regnet. Ne treſpaſſaſt ſeſ humeſ y ſeſ perſ. Verſ lur paiſ aũreit ſun chef turnet cunquerrantment ſi finireit li berſ. pluſ quē ne poet un baſtuncel ieter. Deuant leſ altreſ ~ en un pui muntet.</p>	<p>2855 ^{Em} Roncesvales, o Carlos já é vindo, vai chorando ao encontrar seus mortos, diz aos francos: “Senhores ide ao passo, adiante, convém que vá eu mesmo, pois queria encontrar o meu sobrinho. 2860 ^{Est}ava em <i>Aix</i>, num festejo natalino, e jactavam-se os meus nobres cavaleiros, de batalhas e combates vigorosos. ^{Ou}vi Roldão dizer o seu pensamento: não morreria em reino estrangeiro, 2865 sem ir, dos seus pares e homens, avançado, com a cabeça voltada ao inimigo; o barão morreria conquistando.” Mais além do que se lançaria um dardo, ^a ribanceira vai adiante já subindo.</p>
--	---

2845. Sexto dia na cronologia do cantar.

2857. A expressão *le paſ tenez* (ide ao passo) faz referência a uma das três andaduras do cavalo, o passo, o trote e o galope, em 4, 3 e 2 tempos, respectivamente.

2860. Diferente de como traduz genericamente Riquer (2003, p. 204) por “aniversário”, *fêſte anoel* é clara referência a uma das quatro festas do ano litúrgico: Natal, Páscoa, Pentecostes e Todos os Santos.

2866. Para os mortuários preparativos de Roldão, *vide* vv. 2360-2363.

2868-2869. Para o local da morte de Roldão, *vide* vv. 2265-2268.

CCV

Quant lèperef uait querre fun neuold.
 De tanteſ herbeſ el pre truat leſ florſ.
 ki funt ùmeilz del ſanc de noz baronſ.
 pitet en ad ne poet muer nen plurt.
 Defuz douſ arbref paruenuz eſt ^{li reis}
 Leſ colpſ Rolł conut en treif prrunſ
 Sur lerbe uerte ueit geſir fun neuuld.
 Nen eſt merueille ſe karł ad irur.
 Defcent a pied aled i eſt pleinf curſ.
 entre ſeſ mainſ anſ douſ [leſ pèſt ſuuſ]
 Sur lui ſe paſmet tant par eſt anguiſſuſ.

2870 Seu sobrinho, buscava o Imperador,
 e sobre a relva encontrava tanta flor
 que de sangue dos barões seus era a cor.
 Não segura o pranto, sente tanta dor,
 em duas árvores o rei se apoiou,
 2875 vendo os três degraus que o Roldão sulcou.
 Jazendo ao chão, seu sobrinho encontrou,
 não é extranho ali sentir tanto furor.
 Desmontado, na corrida se lançou,
 suas mãos apresenta então aos céus;
 2880 sobre ele, em tanta angústia, desmaiou.

CCVI

Li empereſ de paſmeiſunſ reuint.
 Naimeſ li dux y li quenſ acelin.
 Gefrei daniou y fun frere henri.
 prenent le rei ſil drecent ſuz un pin.
 Guardet a la tere ueit fun neuod geſir.
 tant dulcement a regreter le pſt.
 Amiſ Rolł de tei ait d’ſ mercit
 Vnqueſ nulſ hõ tel cheualer ne uit.
 por granz batailleſ iuſter y de fenir.
 La meie honor eſt turnet en declin.
 carł ſe paſmet ne ſen pout aſte(ni)r. AOI.

Recobrou-se o Imperador de seu desmaio.
 Ne^{me}, o duque, e o conde Acelino,
 e os irmão d’ Anjou, o Henri e o Godofredo
 pegaram o rei e o levaram sob um pinho,
 2885 onde olhando ao chão viu morto seu sobrinho,
 tão docemente começou a lamentá-lo:
 “Deus vos tenha compaixão, Roldão, amigo!
 Nenhum homem jamais viu tal cavaleiro,
 em batalhas definir ou no duelo;
 2890 da^{da} minha honra, começou o seu declínio.
 Des^{des}maia Carlos, não pode evitá-lo. AOI.

2878. A expressão “*pleinf curſ*” tem o sentido de correr a toda velocidade.

2879. O manuscrito apresenta mão de corretor no segundo hemistiquio em trecho que não encontrou consenso de leitura e tradução entre os editores do cantar. Bédier (1927, pp. 218-219) apresenta reticências; Moignet (1985, p. 208) anota pouca inteligibilidade de sentido do que ele lê como “ele o pegou” (*le prist suus*). Riquer (2003, p. 278) apresenta uma transcrição hipotética do verso: “levanta o conde com as duas mãos” (*si prent le cunte entre ses mains ansdous*). Consideramos o termo *pèſt* como abreviação do verbo *prester* (apresentar) e *ſuuſ* como variação do advérbio *sus* (para cima, aos céus).

2883. Riquer (2003, p. 280) anota que a maioria dos editores corrigem o nome do irmão de Godofredo d’ Anjou que aparece no verso de Henri, pelo já conhecido no cantar, Teodorico, quem voltará a aparecer no juízo de Galalão.

2879. O termo *iuſter* (justar) que traduzimos pelo mais comum “duelo” é uma instituição jurídica de combate singular para se buscar o direito de um dos contendentes pela ordália (justiça de Deus). Essa fórmula foi transposta aos torneios medievais em que cavaleiros mediam sua nobreza, primeiro com o choque de lanças a cavalo e, não havendo nenhum derrotado por queda ou ferimento grave, o torneio segue com as espadas.

CCVII

Carlef li reif se uint de paſmeifunſ. par ^{leſ} mainſ le tienent .iii. de ſeſ baronſ. Guardet a tere uei geſir ſun neuld corſ ad gaillard p̄due ad ſa culur. turnez ſeſ oilz mult li ſunt tenebroſ. carl le pleint par feid e par amur. Ami Roll d'ſ metet tanme en florſ. en pareiſ entre leſ gloriuſ. cum en eſpaigne ueniſ (a) mal ſeignur. Jamaif nert iurn de tei naie dulur cum decarrat ma force e mabaldur. Nen aurai ia ki ſuſtienget monur. Suz ciel ne quid aueir ami un ſul. Se io ai parenz nen i ad nul ſi proz. Trait ſeſ crignelf pleineſ ſeſ mainſ amſdouſ. cent milie franc en unt ſi grant dulur. Nen i ad cet ki durement ne plurt. AOI.	O rei Carlos, do desmaio se desperta, três barões, pelas mãos, já lhe sustentam, vê jazer seu sobrinho ali à terra: 2895 ^R obusto é o corpo, a cor é apagada, os seus olhos giram, postos são em trevas. Com amor e com fé o rei lamenta: “ ^R oldão amigo, em flores Deus pôs sua alma, ⁿ o paraíso, entre os que gozam da glória. 2900 Como vieste, senhor, ao mal na Espanha! Sem por vós doer-me não haverá mais dia, quão decaem meu valor e minha força! Já não há quem sustente minha honra. Sob o céu já nenhum amigo resta, 2905 só parentes, mas sem tal valentia.” Puxa todo seu cabelo com as mãos, ambas, cem mil francos estão em grande pena que não há quem as lágrimas não verta. AOI.
---	---

CCVIII

Ami Roll io men irai en france. cum io ferai a loun en ma chambre de pluſurſ regneſ uendront li hume eſtrange. deman()derunt u eſt li quenſ cataigneſ. Jo lur dirrai quil eſt morz en eſpaigne. a grant dulur tendrai puiſ mun reialme. Jamaif nert iur q' ne plur ne nẽ pleigne.	“Eu irei à França, amigo Roldão, 2910 quando em Lauduno, a minha habitação, estrangeiros de outros reinos lá irão, perguntando pelo conde capitão, e eu direi que foi morto nesse chão. ^{Com} grande dor seguirei reinando então, 2915 ⁿ ão haverá dia sem lamentação!”
--	---

2900. Bédier (1927, p. 221): “*Quel mauvais seigneur in suivis en Espagne! (?)*”; Moignet (1985, p. 211) “*Comme tu es venu en Espagne avec un mauvais seigneur!*”; e Riquer (2003, p. 281) “*¿Con qué mal señor viniste a España?*”. Nossa hipótese tradutológica se afasta das traduções consultadas na medida em que *cum* (como) é advérbio que indica admiração, e não preposição (com) como ablativo de companhia. Assim, *ſeignur* passa a ser lido como um vocativo.

CCIX

Ami Roll pzdoem iuuenta bele.
 cum io ferai a eif em ma chapele.
 vendrunt li hume demanderunt nouelef.
 Jef lur dirrai merueillufef y pefmef.
 Morz eft mij nief ki tant me fift cūquere
 encuentre mei reuelerunt li feifne.
 y hungre y bugre y tante gent auerfe.
 Romain puillain y tuit icil de palerne.
 e cil daffrike e cil de califerne.
 puif ent'runt mef peines e mef fuffraitef
 ki guierat mef oz a tel poefte.
 Quant cil eft (morz) ki tuz iurz nof cadelet.
 e france cum remeines deferte.
 Si grant doel ai que io ne uuldreie efre.
 Sa barbe blanche cumencet adetraire.
 ad ambef mainf lef cheuef de fa tefte.
 cent milie franç fen pajment cuntre tere.

“^{Rol}dão amigo e nobre, juventude bela!
 Quando esteja eu em *Aix*, na minha capela,
^{virão}vassalos pedindo as notícias,
 e eu direi as terríveis, pavorosas:
 “É morto quem conquistar só me fazia!”
^E contra mim já virão os da Saxônia,
 da Bulgária, Hungria, a gente inimiga.
 Os romanos, os de Palermo e os da Apúlia,
 e os da África e de Alepo, lá na Síria;
^{com}meçarão minhas privações e minhas penas,
^{Quem}guiará minha hoste com tal força,
 quando é morto quem nos capitaneava?
 Doce França, oh, como restais tão deserta!
^{Quão} grande a dor, que estar vivo não quisera!”
²⁹³⁰ Começou a arrancar sua barba branca,
 e com as mãos, os cabelos da cabeça;
 cem mil francos desmaiam sobre a terra!

CCX

Ami Roll de tei ait d'f mercit.
 Lanme de tei feit mife en pareif
 Ki tei ad mort frāce ad mij^{en} exill.
 Si g^{ant} dol ai que ne uoldreie uiüre.
 de ma maisnee ki p mei ~ ocife.
 co duinfet deuf le filz jtē marie
 einz que io uienge af maifstref porz de sirie.
 Lanme del corf me feit oi departie.
 entre lef lur aluee y mife
 y ma car fuft delez elf enfuie.
 ploret def oilz fa blanche bar(b)e turet.
 y dift dux naimes or ad carl grant ire. AOI.

“^{Rol}dão amigo, Deus lhe seja piedoso,
 e sua alma, envie ao paraíso!
²⁹³⁵ Arruinou a França quem vos quis por morto,
 tão grande a dor que não quero ser mais vivo,
 pois, por mim, mortos são meus cavaleiros.
^{Per}mita Deus, de Maria Santa, o filho,
 que em Cícera já hoje não chegemos,
²⁹⁴⁰ sem que o espírito se arranque do meu corpo,
 e entre os seus seja posto e guardado,
 e meu corpo com o vosso enterrado.”
 Puxa a barba branca e chora dos seus olhos,
^{Ne}mé o duque diz: “Em grande ira é Carlos!” AOI.

2924. O topônimo *Califerne* foi objeto de muitas hipóteses e discussões, entre as que adotamos Alepo, incluindo Síria por exigência de assonância; *vide* síntese anotada por Riquer (2003, pp. 282-283).
 2939. Em trad. lit.: Antes que eu chegue aos grandes desfiladeiros de Cícera; *vide* nota ao v. 583.

CCXI

Sire empere co dist gefrei daniou.
 ceſte dolor ne demenez tant fo't.
 par tut le cāp faiteſ querre leſ noz.
 Q^e cil deſpaigne en la bataille unt mort.
 en un carnel cumandez que hom leſ port.
 co dist li reis funez en urē corn. AOI.

2945 “Señhor Imperador – diz, d’Anjou, o Godofredo –
 não demonstreis tão penoso esse luto.
 Pelo campo, fazei buscar aos nossos,
 que morreram em batalha aos sarracenos;
 e ordenai que os levem a um jazigo.”
 2950 Disse então o rei: “Soai o vosso corno!” AOI.

CCXII

Gefreid daniou ad fun greiſle funet.
 frāceiſ deſcendent carl lad comandet.
 tuz lur amiſ quil i unt morz truuēt.
 ad un carner ſempreſ leſ unt portet.
 afez i ad eueſqueſ e abez.
 Munieſ canonieſ proueireſ coronez.
 Siſ unt aſalſ y ſeignez de part deu.
 Mirre y timonie i firent alumer.
 gaillardement tuz leſ unt encenſez.
 a grant honor poiſ leſ unt enterrez.
 Siſ unt laiſez quen fereient il el. AOI.

Godofredo d’Anjou soou a trompa,
 comandou Carlos, franceses desmontam.
 Todos os amigos mortos que encontram,
 já os levam para dentro de uma fossa.
 2955 Ali bispos e abades tanto havia,
 padres, cônegos e monjes de tonsura,
 que, por Deus, os absolvem e persignam.
 Fazem acender a mirra e a timiama,
 e belamente a todos perfumaram.
 2960 Com grande honra, assim os enterraram,
 e são deixados ali, o que mais fariam? AOI.

CCXIII

Li empere fait Roll coſteir.
 y oliuer y () y larceueſq; turpin
 deuant ſei leſ ad fait tuz uûrir
 e tuz leſ querſ y paille recuillir.
 vn blanc ſarcou de marbre ſunt enz miſ.
 e puiz leſ corſ deſ baronſ ſi unt pſ.
 en quirſ de cerſ leſ ſeignurſ unt miſ.
 Ben ſunt lauez de piment y de uin.

Em Roldão, o Imperador ordena os ritos,
 em Oliveiro e no Arcebispo.
 Ante si faz abrirem os seus corpos,
 2965 e envolveram os corações em puro linho;
 nas brancas tumbas de mármore são postos.
 Os seus corpos são, depois, dali tomados,
 para envolvê-los com as peles de porcos,
 com aromáticos vinhos são lavados.

2958. Timiama, como a mirra, é um tipo de incenso.

2962. O termo *coſteir* tem o sentido de oferecer o tratamento funerário, derivado de *custōdio* (custodiar, velar, proteger). Trata-se, nessa série, de procedimentos de tanatopraxia, semelhantes a uma mumificação.

2965. *Vide* nota ao v. 2973.

Li reif cumandet tedbalt y gebuin.	2970	O rei ordena a Gebuíno e a Teobaldo,
Milun le cunte y otef le marchif.		ao Milanês e a Otão, o embaeirado:
en .iii. carettef lef guiez [t'es ben]		“Guiá-lo-eis no camino em três carros.”
bien junt cuuerz dun palie galazin. AOI.		São cobertos com o galaciano linho. AOI.

Formação das hostes CCXIV

Venir fen uolt li empere carlef.		O rei Carlos quer iniciar a volta,
Quant de paienf li furdent lef enguardef.	2975	quando, dos pagãos, lhe surge a vanguarda.
de celf deuant i uindrent dui meffagef.		Dois mensageiros vêm da linha avançada,
del am'rail li nuncent la bataille.		e, do Emir, lhe anunciam a batalha:
Reif orguillof nen est finf que ten algef.		“Rei orgulhoso, não é digno ir agora!
Veiz baligant ki apref tei cheualchet.		Baligão, vede, detrás de vós cavalga.
Granz ^{junt} lef oz quil ameinete darabe	2980	Grandes hostes vos traz desde Arábia,
encoi uerrü fe tu af uaffelage. AOI.		“remos logo, qual é a vossa bravura!” AOI.

[...]

Carlef li reif en ad pfe fa barbe.		O rei Carlos afaga a sua barba,
Si li remembret del doel y damage.		da sua dor e da ruína ele recorda.
Mult fieremnt tute fa gent reguardet.		Ativamente, contempla sua mesnada,
puij fi fescriet a fa uoiz grand e halte.	2985	então grita com voz forte e impostada:
Baronf franceif af cheualf y af armeif. AOI.		“Meus barões, aos cavalos e às armas!” AOI.

2971. Em trad. lit.: O conde de Milão e Otão, o marquês. Para “embaeirado”, vide nota ao v. 190.

2973. A origem (*galazin*) se refere à Galácia, região central da Anatólia, a atual Turquia, ocupada pelos povos celtas, denominados Galos pelos romanos. O tipo de tecido utilizado para a mortália (*palie*), considerada a topografia, só pode ser o linho, produzido pelo talo de uma herbácea (*linum usitatissimum*) cujo cultivar é originário das regiões banhadas pelos rios Nilo, do cultivar egípcio, e Tigre e Eufrates, do cultivar mesopotâmico, onde está a Anatólia.

2982. Vide nota ao v. 2840, idem.

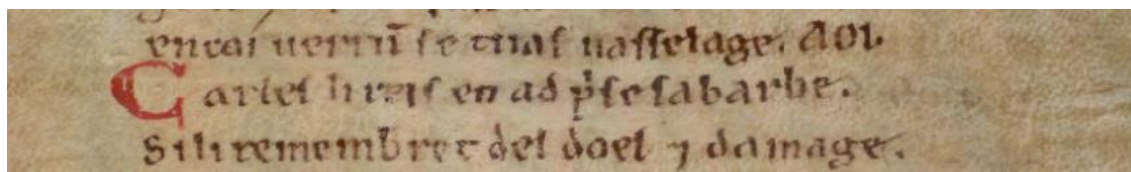


Figura 24: Ms. O fl. 54r. vv. 2981-2983.

CCXV

Li emperef tuz pmereinſ ſadubet
 Jſnelement ad ueſtue ſa brunie.
 Lacet ſun helme ſi ad ceinte ioiuſe.
 ki pur ſoleill ſa clartet nen muet.
 pent a ſun col un eſcut de biterne
 tient ſun eſpriet ſin fait brandir la hanſte.
 en tencendur ſun bon cheual puiſ muntet.
 JI le cunquiſt eſ guez deſfuz marſune.
 Sin getat mort malpalin de nerbone.
 Laſchet la refne mult ſuuent leſponet,
 fait ſun eſlaiſ ueant cent mil humes. AOI.
 Reclimet deu y lapoſtle de rome.

^O Imperador, de todos, armou-se primeiro,
 sua cota já vestiu-a tão ligeiro.
 Envervou-se da Joiosa e do seu elmo,
 2990 ^{que} nem o sol pode ofuscar seu brilho.
^{Pen}dura, no pescoço, o escudo de Viterbo,
 toma a lança e brande o seu tronco.
 Depois monta Tencedor, seu bom cavalo,
 em Marsônia o conquistou sobre um passo;
 2995 derrubou dele morto o Malpalino.
^Afrouxa as rédeas e esporeia muito,
^o veem a todo galope, cem mil francos; AOI.
ⁱⁿvoca a Deus e ao apóstolo romano.

CCXVI

Par fut le chāp cil de france deſcendent.
 pluſ de cent milie ſen adubent enſemble. 3000
 Guarnemenz unt ki ben lor atalentent.
 ceualſ curanz y lur armeſ mult genteſ.
 puiſ ſunt muntez y unt grant ſcience.
 Sil troeuent oi bataille quident rendre.
 cil gunfanun ſur leſ helmeſ lur pendent. 3005
 Quant carleſ ueit ſi beleſ cuntenanceſ
 Sin apelat jozerā de pvence.
 Naimon li duc antelme de maience.
 en telſ uaſſalſ deit hom aueir fiance.
 afez eſt folſ ki entreſſe deme(n)te.
 Si arrabiz de uenir ne ſe repentent.
 La mort Rolſ lur quid cherelement rendre.

Pelo campo descavalgam os da França,
 3000 mais de cem mil, sincrônicos, se armam.
 Seus arneses são bons e lhes agradam,
 são velozes os cavalos, belas as armas.
 Logo montam com tão grande destreza,
 se há ensejo hoje querem dar batalha;
 3005 ^até o elmo, os gonfaldões eles ostentam.
 Quando Carlos viu tão bela a aparência,
 já chamou o Jozerano da Provença,
^{Ne}mé o duque e o Antelmo da Mongúcia:
 “^{Em} tais vassalos, posso eu ter confiança,
 3010 tolo é quem, entre eles, se lamenta.
 Se não arrependem mouros de sua vinda,
^a morte de Roldão será, tão caro, paga.”

Reſpunt dux neimeſ e d’ſ le noſ cunſente. AOI. Diz Nemé, o duque: “Deus assim permita!” AOI.

2991. “*Biteme*” foi identificada com Viterbo, uma comuna italiana na região do Lácio, hipótese de L. Foulet (*apud* Moignet, 1985).

2993. O nome do cavalo de Carlos Magno, *Tencedor*, é derivado do verbo *tencer* (briga, lutar, disputar).

2994. *Marſune* é toponímia desconhecida; *guez* (vau, passo) é um alagado de pouca profundidade.

2998. Pode ser uma referência ao Papa, hipótese de Riquer (2003, p. 288).

3008. Mongúcia é a capital de um dos Estados Federais da Alemanha, o Renânia-Palatiano.

CCXVII

Carlef apelet rabe y guineman.	Carlos chama a Ravel e a Ginemâncio,
co dist li reif feignurf io uof cumăt.	³⁰¹⁵ e diz o rei: “Ouvi, senhores, meu comando:
Seiez es liuf oliuer y Roll.	^{Os} postos, tendes, de Roldão e Oliveiro,
Lun port lefpee y laltre lolifant.	um a espada e o olifante outro levando.
Si cheualez el premer chef deuant.	Cavalgai na frente, sede então primeiros,
ensembloed uof. xv. milie de franc ^{eif} .	junto a vós, quize mil soldados francos,
De bachelerf de noz meillorf uaillanz.	³⁰²⁰ ^a infantaria, os mais valentes desses nossos.
apref icelf en aurat altretant.	Depois deles seguirão mais outros tantos,
Sif guierat gibuinjf y guinemanjf.	^{gui} ados por Gebuíno e Ginemâncio.”
Naimef li dux y li quenjf jozeranf.	^{Ne} mé, o duque, e o conde Jozerano,
Jcez efchielef ben lef uunt aiuftant.	^{seus} esquadrões vão tão bem já reunindo;
Sil troeuent oi bataille i ert mult g ^{ant} . AOI.	³⁰²⁵ haverá batalha dura se há ensejo. AOI.

CCXVIII

Le franceif j ^t lef pmeref efchelef.	De franceses são os esquadrões primeiros,
apref lef donf etablifent la terce.	depois desses dois, formado está o terceiro,
en cele sunt li uafjal de baiuere.	em que são, da Bavária, os vassalos,
A .xx. milie cheualerf la preiferent	^{dos} que se estima uns vinte mil soldados;
Ja deuerf elf bataille nert lefjee.	³⁰³⁰ que se saiba, jamais vão desertados.
Suz cel nad gent que carlef ait plus chere.	Sob o céu, não há gente mais querida a Carlos,
Forf celf de france ki lef regnef cunquerent.	^{de} pois dos francos, que lhe tomaram os reinos.
Li quenjf oger li daneis li puinneref.	^O lutador danês, o conde Ogiero,
Lef guierat kar la cumpaigne est fiere. AOI.	^{os} guiará, pois o esquadrão é fero. AOI.

OS ESQUADRÕES DE CARLOS MAGNO – Ao longo de oito séries (CCXVII – CCXXV) narra-se a formação dos dez esquadrões cristãos, sob o comando de alguns personagens inéditos no cantar. A dinâmica, no passo das séries, é um *crescendo*, em virtude de cavaleiros e de armas, em número de contingente e em perspectiva narrativa que vai da suposição até a afirmação precisa. O décimo esquadrão, como ápice dessas forças é, acompanhado pelo próprio Imperador, composto pelos mais afamados anciãos da França, que ostentam as melhores armas. Toda essa gloriosa hoste parece contrastar enormemente com a lamentação do rei Carlos, de volta à Roncesvales (*vide* vv. 2902-2905; 2926-2928). Não é de estranhar, porém, como incoerência narrativa; trata-se, antes, da apresentação do Imperador numa dimensão humana, que chora, desmaia e se desespera, até ser trazido à luz da razão por algum de seus melhores barões, como faz Nemé, o duque (*vide* vv. 2425-2428) e Godofredo d’Anjou (v. 2946).

CCXIX

Treif eschelef ad lempere c'arlef.
 Naimef li dux puif establist la quarte
 De telf baronf quafez unt uaffelage.
 Alemanf junt y fi f' t dalemaigne.
 Vint milie junt co dient tuit li altre.
 Ben junt guarniz e de cheualf y darnef.
 Ja por murir ne guerpirunt bataille.
 Sif guierat hermanf li dux de trace.
 einz i murat que cuardife i facet. AOI.

3035 ^O Imperador Carlos tem suas esquadras,
 e o duque Nemé vai com a quarta,
 com barões que são de muita valentia.
 Alemães, que são vindos da Germânia,
 vinte mil, dizem que são suas forças,
 3040 bem providas com cavalos e com armas.
 Por morrer não abandonam a batalha,
 guiará o Hermes, duque que é da Trácia;
 morrerá sem incorrer em covardia. AOI.

CCXX

Naimef li dux y li quenf iozeranf.
 La quinte eschele unt faite de normanf
 xx. milie junt co dient tuit li franc.
 arnef unt belef y bonf ceualf curanz
 Ja pur murir cil nerent recreanz.
 Suz ciel nad gent ki pl⁹ poijsse^{nt} en camp.
 Richard li uelz lef guierat el camp.
 cil i ferrat de sun espiet trenchant. AOI.

^{Ne}mé o duque e o conde Jozerano,
 3045 formam a quinta esquadra de normandos,
 vinte mil são, dizem todos nossos francos,
 belas armas e ligeiros seus cavalos.
 Nem por morte se deixarão rendidos,
 sob o céu não há quem possa mais no campo,
 3050 onde os guiará tão velho, o Ricardo,
^{quem} vai à afiada lança aferrado. AOI.

CCXXI

La fiste eschele unt faite de bretunf.
 xxx. milie cheualerf od elf unt.
 Jcil cheualchent en guise de baron.
 peintef lur hanstef fermez lur gunfanun.
 Le feignur delf est apelet oedun.
 Jcil cumandet le cunte neuelun.
 tedbald de reinf e le marchi^f otun.
 Guiez ma gent io uof en faz le dun. AOI.

Logo o sexto agrupamento é o bretão,
 trinta mil cavaleiros ali são,
 e cavalgam à guisa de barão,
 3055 ^{pin}tadas lanças e fixo o gonfalon.
 O senhor deles chama Odeão,
 quem ordena ao conde Novelão,
^a Teobaldo e ao marquês Otão:
 “Gui^{ai} minha gente, pois vos concedo o dom.” AOI.

3055. Outros textos medievais documentam lanças pintadas e coloridas, como em *Li chevaliers de la charrete*, de Chrétien de Troyes (*apud* Riquer, 2003, p. 294; Gual, 2013, p. 71): “Assim que esteve armado sem tardança / monta e toma o escudo e a lança / que era pintada, forte e longa” (*Quant armez fu, sanz demorance / Monte et prant l'escu et la lance / Qui estoit granz et roide et peint*, vv. 2391-2393).

CCXXII

Li empere ad .vi. escheles faitef.
 Naimef li dux puif establiſt la sedme.
 De peitevinſ y deſ baronſ daluerne.
 xl. milie cheualerſ poeent eſtre.
 cheualſ unt bonſ y leſ armeſ mlt beleſ.
 cil funt par elſ en un ual fuz un tertre.
 Siſ beneiſt carles de ſa main deſtre
 elſ guierat iozeranſ y godſelmeſ. AOI.

3060 ^O Imperador já formou seis esquadrões,
 com a sétima Nemé se apresentou,
 com auvernheses e os barões de Poitou,
^{qua}renta mil cavaleiros, se supõe.
 Belas armas, seus cavalos são tão bons,
 3065 ^{est}ão à parte, entre cerros, bem no vão.
 Com a destra Carlos os persignou,
 Jozerano e Goselmo os guiarão.

CCXXIII

E loidme eschele ad naimeſ establie.
 de Flamengſ .ě. deſ baronſ de friſe.
 cheualerſ unt pluſ de .xl. milie.
 Ja deuerſ elſ nert bataille guerpie.
 co diſt li reiſ ciſt ferunt mun ſeruiſe.
 entre rebalt y hamon de galice.
 Leſ guierunt tut par cheualerie. AOI.

Nemé leva ainda o oitavo,
 com barões de Frise e com os flamengos.
 3070 Passam de quarenta mil os cavaleiros,
^{por} eles não será o combate desertado.
 Disse o rei: “Esses vão a meu serviço!”
 O Hamão da Galícia e o Riobaldo
^{os} guiarão à guisa de bons cavaleiros. AOI.

CCXXIV

Entre naimon et iozerã le cunte.
 La noefme eschele unt faite de pzdomeſ.
 De loherengſ y de celf de borgoigne
 .L. milie cheualerſ unt par cunte.
 helmeſ laciez e ueſtueſ lor bronieſ.
 eſpiez unt forz y leſ hanſteſ funt curteſ.
 ſi arrabiz de uenir ne demurent.
 cil leſ ferrunt ſil a elſ ſabandunent.
 Siſ guierat tierris li dux dargone. AOI.

3075 O Nemé e o Jozerano, o conde,
^{for}maram o nono esquadrão só de valentes,
^{os} lorenos e também os borgonheses.
 São cinquenta mil ali, exatamente,
 com os elmos e as cotas já se vestem.
 3080 Levam fortes lanças, curtas suas hastes,
 se os árabes não mais se demorarem,
^{at}acarão, mesmo se eles desertarem,
^{os} guia Teodorico, o duque de *Argonne*. AOI.

3073. Hamão da Galícia é o único personagem do cantar, até então desconhecido, que é cristão e de origem espanhola.

3083. *Argonne*, *Pays d'Argonne*, ou Argona, é uma comuna francesa de bosques e paragens naturais que foi palco de muitas batalhas e das sucessivas grandes guerras. Contíguo ao *Pays d'Argonne*, no nordeste da França, está a comuna *Chatêau-Thierry*, cujo nome fora atribuído quando ali, em 737, Carlos Martel, avô de Carlos Magno, sepultou o último rei merovíngio Teodorico IV, ou *Thierry* IV, em francês, e tratou a sucessão hereditária dos pipínidas, marcando assim o início da dinastia carolíngia.

CCXXV

La difme efchele eft def barunf de france.
cent milie junt de noz meillorf cataigneſ.
corf unt gaillarz y fieref cuntenanceſ.
Leſ cheſſ Fluriz y leſ barbeſ unt blancheſ.
oſbercſ ueſtuz e lur brunieſ dubleineſ.
ceintef eſpeeſ franceiſeſ y deſpaigne.
eſcuz unt genz de multef cunoiſanceſ.
puiſ junt muntez la bataille demandent.
Munioie eſc'ent od eſf ~ carlemagne.
Gefreid daniou portet lorie flambe.
Seint piere fut ſi aueit num romaine.
Maiſ de munioie iloec out priſ eſchange.
/AOI.

° décimo esquadrão são os barões da França,
3085 os cem mil capitães de maior fama,
corpos belos e postura tão altiva,
as cabeças floridas as barbas brancas.
^{En}vergam duplas cotas e também lorigas,
e espadas da França e da Espanha;
3090 os escudos são belos, com insígnias.
Quando montam já demandam a batalha,
“*Monjoié!*” Carlos lhes faz companhia.
Godofredo d’Anjou leva a oriflama,
de São Pedro foi, quando era a “Romana”,
3095 ^{mas} *Monjoié*, desde então assim se chama. AOI.

CCXXVI

Li empere de ſun cheual deſcent.
Sur lerbe uerte ſe ~ culchet adenz.
Turnet ſun uif uerſ le ſoleill leuant
Reclimet deu mult eſcorduſement.
Veire paterne hoi ceſt ior me defend.
ki guareſiſ ionaſ fut ueirement.
de la baleine ki en ſun corſ laueit.
y eſparignaſ le rei de niniven.
e daniel del merueilluſ turment.
enz en la foſſe deſ leonſ o fut enz.
Leſ .iii. enfanz fut en un fou ardent.
La tue amurſ me ſeit hoi en preſent.
par ta mercit ſe tei plaiſt me cunſent.
Que mun neuold poiſ uenger Roll.

° Imperador desmontou do seu cavalo,
sobre a relva, prostrou-se cara abaixo,
para o sol nascente volve o seu rosto,
vai clamando a Deus, tão fervoroso:
3100 “Defendei-me hoje, oh, Pai verdadeiro,
pois a Jonas mantiveste bem guardado
da baleia, quando estive no seu corpo,
e de Nínive, por vós, foi o rei salvo,
e o Daniel em seu atroz tormento,
3105 quando estive, com os leões naquele fosso,
e os três jovens, no mais ardente fogo.
^{Por} vosso amor, permaneci hoje comigo,
^{quei}rais por vossa mercê ser concedido,
que eu vingue Roldão, o meu sobrinho!”

3088. Fica claro, nesse verso, que os termos *oſberc* (cota) e *brunieſ* (loriga) não se tratam da mesma proteção; *vide* nota ao v. 384.

3093-3095. Conforme indica Bédier (*apud* Riquer, 2003, p. 299), no ano de 795 o papa Leão III presenteou o rei Carlos com o Estandarte da cidade de Roma (*vexillum Romanae urbis*), uma auriflama, seguramente, porque fora vermelho o estandarte francês até o século XV. Carlos Magno, por sua vez, teria depositado o presente no castelo de Monschau, que então se chamava *Montjoie*, numa vila homônima, em Aquisgrão. Se isso for assim, esses versos são claros: o papa presenteou um estandarte, então denominado “a romana” que, em posse do rei, passou a se chamar *Monjoié*, esse que se tornaria também o grito de armas dos franceses, *vide* notas as vv. 1179 e 1181.

[...]

Cum ad oret jī fe drecet en estant.	3110	Levantou-se quando já havia orado,
Seignat fun chef de la uertut poissant.		na cabeça se persigna virtuoso.
Muntet li reif en fun cheual currant.		O rei monta no seu veloz cavalo,
Leftreu li tindrent neimef y ioceranf.		^{sus} têm-lhe o estribo o Nemé e o Jozerano,
prent fun escut e fun espriet trenchant.		toma a lança afiada e o escudo.
gent ad le corf gaillart y ben feant.	3115	Tem o corpo bonito e apumado,
cler le uifage y de bon cuntenant.		boa a postura e claro o seu rosto;
puij jī cheualchet mult aficheement.		^{vai} cavalgando, e tão determinado.
Sunent cil greif le y derere y devant.		Os clarins já soam por todos os lados,
Surtuz lef altref bundift li olifant.		^e o olifante ressoa sobre os outros;
plurent franceif pur pitet de Rol.	3120	por Roldão, choram piedosos os francos.

CCXXVII

Mult genternt li empere cheualchet.		Muito nobre, o Imperador cavalga,
defur ja bronie forf ad mife ja barbe.		sobre a grossa cota pôs a sua barba.
pur fue amor altretel funt li altre.		Por amor a ele todos o imitam,
cent milie francf en f ^o t reconoifable.		cem mil francos, assim, se identificam.
passent cez puij y cez rochef pl ^o haltef.	3125	Passam cerros e as mais altas rochas,
y cez parfunz cez ^{valees} destreiz anguifablef.		^{est} reitos vales, angustia a profundeza.
Jffent def porz y de la tere guafte.		Deixam as terras baldías das encostas,
deuerf espaigne f ^o t alez en la marche.		vão em direção à marca da Espanha.
en un emplein unt pje lur estage.		^{Nu} ma planície vão tomando suas marcas,
a baligant repairent sef enguardef.	3130	para Baligão se volta sua avançada.
Vnf julianf ki ad dit fun mesage :		Eis que um Sírio levou-lhe a notícia:
Veud auū li orguilluf uif carlef.		“O orgulhoso Carlos já está às vistas.
Fierf funt jī hume nunt talent quil li failent.		Os seus bravos homens nunca lhe falharam,
Adubez uuf fēpref aūrez bataille.		^{ar} mai-vos, pois, logo haverá batalha!”
Dift baligant or oi grant uaffelage	3135	^{Diz} Baligão: “Agora ouvi grande bravura!”
Sunez uoz graif lef que mi paien le facet.		^{So} ai os clarins para que os meus pagãos o saibam!”

3100-3106. (Ant.) Diversas referências ao velho testamento nessa oração, nos livros de Jonas 1: 15; 2: 10; e 3: 6-10, e Daniel 3: 12-27; e 6: 16-23. *Vide* nota ao v. 2386.

3110. Esse verso inicia por letra capitular, o que, mesmo não lhe antecedendo as letras AOI e mantendo-se a mesma assonância, é o bastante para considerarmos nova série (*vide* nota aos vv. 1140, 2840 e 2982). Mantivemos, contudo, a contagem de séries padrão da maioria dos editores.

3122. A barba sobre a cota parece tratar-se de um gesto desafiador.

3132. Os sírios estão historicamente ligados à espionagem, *vide* p. 241.

CCXXVIII

Par tute loſt funt lur taburſ funer
 e cez buifineſ y cez greiſleſ mult cler.
 paien deſcendent pur lur corſ aduber.
 Li amiralz ne ſe uoelt demurer.
 Veſt une bronie dunt li pan ſ't ſaſſfret.
 Lacet ſun elme ki ador eſt gēmet.
 puiſ ceint ſeſpee al ſeneſtre coſtet.
 par ſun ^ogoiſl li ad un num truuēt.
 p la ^{suee} carlun dunt il oit parler.
 [...]

co ert ſenſeigne en bataille cāpel.
 Seſ ^heualerſ en ad fait eſcrier.
 pent a ſun col un ſoen g^{ant} eſcut let.
 Dor ~ La bucle y de criſtal liſtet.
 La guige en eſt dun bon palie roet.
 tient ſun eſpiet ſi lapelet maltet.
 La hāſte groſſe cume unſ tinel(ſ).
 De ſul le fer fuſt unſ mulez truſſet.
 en ſun deſtrer baligant ~ muntet.
 Leſtreu li tint marculeſ dultre mer.
 La forc^heuēre ad aſez grant li ber.
 Graiſleſ eſ flancſ y largeſ leſ costez.
 Groſ ad le piz beleſnt ~ mollet.
 Leeſ leſ eſpalleſ y le uiſ ad mult cler.
 Fier le uiſage le chef recercelet.
 tant par ert blancſ cume flur en eſtet.
 de uaſſelage eſt ſiuiēt eſprouet.
 d'ſ quel baron ſouſt xpīentet.
 Le cheual brochet li ſancſ en iſt tuz clerſ.
 Fait ſun eſlaiſ ſi treſſalt un foſſet.
 cinquante ^{pez} i poet hom meſurer.
 paien eſcriēt ciſt deit marcheſ tenſer.
 Ni ad franceiſ ſi a lui u(i)ent iuſter.

^{Por} toda a hoſte os tambores vão ſoando,
 as cornetas e os clarins ſão muito claros.
^{Pa}gãos deſmontam e armam os ſeus corpos,
 3140 o Almirante não quer ſer mais demorado.
 Veſte a cota com ſeus panos adornados,
^{en}laça o elmo que é de ouro incrustado.
 Cinge a eſpada no ſeu direito lado,
^{por} ſeu orgulho um nome a ela é imputado:
 3145 ^{Por}que ouviu chamar aquela que é de Carlos,
 [...]

^{tam}bém a ſua é o grito da batalha em campo;
 fez gritar todos os ſeus cavaleiros.
 Ao peſcoço leva o grande e largo eſcudo,
 3150 o brocal de ouro e, de criſtal, liſtrado;
^{as} alças ſão do mais bem urdido linho.
 Toma a ſua lança, a chama de Maltino,
 é ſua haſte tão groſſa feito um tronco;
^{su}portaria em ſua ponta até um burro.
 3155 Baligão já montou em ſeu deſtreiro,
 o Marcúleo de além-mar ſuſtém o eſtribo.
 O barão é tão grande e tão forçado,
^{qua}dris eſtreitos e forte o ſeu dorſo.
 Groſſo o peito, belamente eſtá moldado,
 3160 largos ombros e roſto muito claro.
 Olhar altivo e os cabelos cacheados,
^e, como a flor do eſtío, já eſtão tão brancos.
 Seu valor, muitas vezes, foi provado,
 que barão, Deus! Se criſtianizado!
 3165 Aguilhando, arranca ſangue do cavalo,
 vai a todo galope e ſalta um foſſo;
^{cin}quenta pés tinha, ſe bem meſurado.
 Os pagãos gritam: “Eſtamos defendidos!
 Não há francês que a ele enfrentado,

voeillet o nun ni pdet fun edet.
 carlef est folf que ne fen est alet. AOI.

3170 queira ou não, não acabe derrotado;
^{por} não haver partido, Carlos é um tolo!” AOI.

CCXXIX

Li amiralz ben refemplet barun.
 Blanche ad la barbe ensemnt cume flur.
 e de ja lei mult par ~ faiues hom.
 e en bataille est fierf y orgoilluf.
 Sef filz malp^amiſ mult est cheualeruf.
 Granz ~ y forz y trait af^{cef} anceifurf.
 Diſt a sun pre fire car ceualchum.
 mult me merueill fe ia uerrũ carlun.
 Diſt baligant oil car mult ~ proz.
 en plusurf geſtes de lui funt granz hon^{uf}.
 Jl nen at mie de Rolſ fun neuold.
 Naürat uertut queſ tienget cuntre nuf. AOI.

O almirante a um barão bem assemelha,
 exatamente como a flor tem branca a barba.
 É tão sábio nas leis, as que professa,
 3175 é orgulhoso e bravo na batalha.
 É cavalheresco o filho Malpromessa,
 grande e forte, lembra a sua casta.
 Disse então: “Cavalguemos, pai, agora!
 Não ver a Carlos me admiraria.”
 3180 Diz Baligão: “Sim, pois, nele há valentia,
 muitas honras se contam dele em gestas.
 Seu sobrinho, Roldão, já não tem vida,
 já não há virtude que se opor mais possa. AOI.

CCXXX

Belf filz malpramiſ co li diſt baligant.
 Li altrer fut ocif le bon uaſſal Rolſ.
 y oliuer li proz y li uaillanz
 Li .xii. per qui carlef amat tant
 De celf de france .xx. milie cumbatanz.
 treſtuz leſ altreſ ne priſ io mie un quant.

Diz Baligão: “Malpromessa, belo filho,
 3185 foram mortos Roldão, o bom vassalo,
 e o nobre e valente Oliveiro,
 os doze pares, que tanto amava, Carlos,
 e dos da França, mais vinte mil soldados;
 uma luva nem valem, creio, os outros.

3137. (Ant.) A presença dos tambores nesse verso foi um elemento decisivo para a datação do prototípico cantar.

3145. (Ant.) Todos os editores e tradutores do cantar, na contagem de versos, colocam, após esse, um outro, embasados, sobretudo no manuscrito V₄, que inclui o nome da espada de Baligão, a Preciosa, que será mencionada nos vv. 3298, 3471 e 3564. Seguimos a contagem de versos conforme os editores, mas mantivemos a omissão do manuscrito.

3149. (Ant.) O adjetivo *let*, aqui referido ao escudo, está traduzido no AND por “feio, surrado, de qualidade inferior” (*ugly, shabby, of inferior quality*). Os editores do cantar leem, por outro lado, uma latinização do adjetivo como derivado de *latus, latum* (amplo, largo), procedimento que adotamos, visto que o sentido literal posto pelo AND é contraditório com as demais descrições do arnês inimigo e do próprio personagem Baligão. Como Senhor de todos os sarracenos que protagonizará o embate final contra os cristãos, Baligão deve ser um inimigo à altura das virtudes de Carlos Magno, sob pena de diminuir a glória da vitória se fosse um personagem, um arnês, ou apenas um escudo de “qualidade inferior”.

3164. (Ant.) Verso célebre que nos é recordado pelo v. 20 (fl. 1) do *Cantar de Mio Cid*: “Deus, que bom vassalo se tivesse bom Senhor!” (*Dios q’ bue bajfalo fi ouieſſe bue Señor*).

3189. Esse verso utiliza a mesma fórmula daqueles com comparações a objetos de escasso valor, como “um dinheiro”, embora a luva, em outras situações, tenha uma simbologia muito importante (*vide* nota ao v. 1262).

[...]

Li emperef repairet ueirement.
 Sil mat nunciet ^{mef} mef li julianf.
 .x. efchelef enuñt mult granz.
 cil eft mult pz ki funet lolifant.
 Dun graiſle cler racatet ſeſ cumpaignz.
 e ſi ceualcēt el premer chef deuant.
 enſemblod elf .xv. milie de francf.
 De bachelerf que carl cleimet enfanz.
 apreſ icelf en i ad ben altretanz.
 cil i ferrunt mult orgoilluſement.
 Diſt malpramiſ le colp uoſ en demant.

/AOI.

3190 “O Imperador está mesmo retornando,
 me anuncia isto o meu enviado.
^{Dez} esquadrões grandes são-nos destinados,
 o que soa o olifante é elevado,
 Com o clarim replica o seu companheiro,
 3195 e cavalgam frente à frente, os primeiros.
 Junto deles, são quinze mil os francos,
 tão jovens que o rei os chama de garotos.
 Depois destes ainda há outros tantos,
 lutarão muito, todos com orgulho;
 3200 ^{Diz} Malpromessa: “O primeiro golpe eu quero!”

/AOI.

CCXXXI

Filz malpramiſ baligant li ad dit.
 Jo uoſ otri quanque mauéz ci quiſ.
 cuntre franceiſ ſempreſ irez ferir.
 Si i merrez torleu le rei perſiſ.
 y dapamort un altre rei leutiz.
 le grāt orgoill ſe ia puez matir.
 io uoſ durrai un pan de mun paiſ.
 Def cheriant entreſquen ual marchiſ.
 cil reſpunt ſire urē mercit.
 paſſet auant le dun en requeillit.
 co ≈ de la terre ki fut al rei flurit.
 a itel ore uncheſ puiſ ne la uit.
 ne il nen fut ne ueſtut ne ſaiſit.

Baligão diz: “Malpromessa, belo filho,
^{do} que pediste, a graça vos consinto.
^Acometei os franceses, ao momento,
 o Torleu, rei persa, levareis convosco,
 3205 ^e Dapramorte que é um rei letício.
 Se podeis extinguir aquele orgulho,
^{do} meu país, vos darei um bom pedaço,
 de Kairuão a Marraquexe, no Marrocos.
^{Re}sponde ele: “Senhor, vos agradeço.”
 3210 ^O dom recebe, dando à frente só um passo,
 isto é, as terras do rei Florimondo,
^agora quando jamais as tenha visto,
 nem poderá ser delas dono, ou investido.

SÍRIOS E ARMÊNIOS – No seu comentário à *Chanson de Roland*, anota Bédier: “Mas entre essas persas, turcos, árabes, entre outros no cantar, para a nossa surpresa, como cristãos, o Emir Baligão é informado sobre as forças de que dispõe Carlos Magno por um sírio (vv. 3131, 3191); e um dos seus esquadrões é formado por armênios (v. 3227). A nossa surpresa não é outra do que aquela de que se encheram os cruzados, quando eles constataram a presença de armênios e de sírios nas armadas de Corbaran e de Cassian (...) Os armênios e os sírios, apesar de cristãos, assediaram os comboios (...) abasteceram os turcos durante o cerco de Antioquia e lhes serviram de espíões; foi um grande escândalo, o que explica porque o poeta da *Chanson de Roland* os represente como auxiliares dos sarracenos.” (*apud* Moignet, 1985, p. 229; *vide* vv. 3190-3199).

3190. Apesar de que continue o mesmo discurso de Baligão, porque os editores do cantar não considerem aqui uma passagem de série, esse verso inicia com letra capitular, *vide* nota ao v. 3110.

3205. O topônimo *leutiz* refere-se à Lícia, na região da Anatólia, na Ásia Menor, atual Turquia.

CCXXXII

Li amiraill cheualchet par cez oz.		O Almirante cavalga pela hoste,
Sif filz le fñut ki mult ad grant le corf.	3215	é seguido por seu filho, muito grande.
Li reif torleuf y li reif dapamort.		O rei Torleu e também o Dapramorte,
.xxx. efchelef eſtabliſſent mult toſt.		formam prontamente trinta esquadrões,
cheualerf unt a merueilluf eſforz.		de cavaleiros tão terrivelmente fortes.
en la menur .L. milie en out.		Cinquenta mil há somente nos menores,
La premere eſt de celf de butentrot.	3220	da Capadócia é o primeiro e vai à frente.
e laltre apreſ de miceneſ aſ cheſſ grof.		Os cabeça-gorda, da Boêmia os seguem,
Sur leſ eſchineſ quil unt en mi leſ doſ.		no espinhaço, que no lombo eles exibem,
Cil funt feiet enſement cume porc. AOI.		são sedosos, feito porcos, e suaves. AOI.

[...]

E la terce ~ de nubleſ y de bloſ.		No terceiro, os azulões e os nublados,
e la quarte ~ de brunſ y deſclavoz.	3225	e no quarto são escravos e são pardos.
e la quinte ~ de forbref y de forz.		Já no quinto, como o malte, avermelhados,
e la ſiſte ~ dermineſ y de morſ.		e no sexto, são mouros e armênios.
e la ſedme ~ de celf de iericho.		Já no sétimo são os de Jericó,
y loitme ~ de nigref y la noefme de grof.		vão no oitavo e nono os negros e os gordos.
e la diſme ~ de balide la fort.	3230	E o décimo de Bálida, o castelo,
co eſt une gent ki uncheſ ben ne uolt.		é uma gente que nunca quis o certo.

OS ESQUADRÕES DE BALIGÃO – O contraste é enorme. Com contingente muito superior, Baligão reúne gente dos lugares mais exóticos, e com características insólitas, o que talvez retrate muito bem o imaginário estereotipado de um cristão medieval acerca dos povos médio-orientais. Como anota Riquer (2003, p. 306), todos esses lugares mencionados no cantar apenas permitem conjecturas de identificação, o mais das vezes, muito audazes por parte dos editores e comentadores do cantar e se essas coordenadas hoje nos parecem estranhas, tampouco da plateia original poderíamos imaginar alguma afinidade geográfica com elas que nos escapa, de modo que as mais suspeitas hipóteses tornem-se plausíveis no cantar enquanto um ato poético de linguagem. Assim, porque algumas supostas toponímias coincidem exatamente com substantivos ou adjetivos em Anglo-Normando, sempre pejorativos à etnia ou ética do inimigo, que bem poderia, mais do que mera coincidência, denotar uma intencional polissemia talvez buscada pelo autor, adotaremos a pejoração quando identificada e a toponímia aproximativa quando não. Para as toponímias, seguimos as notas da tradução de Riquer (*op. cit.* pp. 306-313), considerando sempre a possibilidade de pequenas alterações na grafia de um mesmo topônimo, absolutamente toleradas no cantar (*vide* nota aos vv. 3284-3285), seja por conveniência de métrica, ritmo ou assonância, seja por construção lexical em língua portuguesa.

3224. Apesar de seguir com a enumeração das esquadras e com mesma assonância, esse verso inicia com letra capitular. Pelo imperativo tradutológico em língua portuguesa, a assonância está alterada em relação aos versos antecedentes, o que reforçaria a hipótese de que se deva tratar de uma série diferente, com o que, não obstante, não estamos inteiramente de acordo.

[...]

Li amiralz en iuret quanquil poet.
 de mahumet leſ uertuz y le corſ.
 karleſ de france cheualchet cume folſ.
 bataille i ert ſe il ne ſen deſtolt.
 Jamaif naurat el chef corone dor.

O almirante vai jurando o quanto pode,
^{por} Maomé, por seu corpo e sua virtude:
 “O rei Carlos como um tolo vem adiante,
 3235 haverá batalha se ele não foge;
^{não} usará mais coroa áurea e brilhante.”

CCXXXIII

Dif eſcheleſ eſtabliſent apreſ.
 La p̄mere ≈ deſ caneliuſ leſ laiz.
 De ual fuit ſun uenuz en trauer.
 Laltre ≈ de turcſ y la t̄ce de p̄ſ.
 e la quarte ≈ de pinceneiſ y de p̄ſ.
 e la quinte ≈ de ſolt’af y dauerſ.
 e la ſiſte ≈ dormaleuſ y deugiez.
 e la ſedme ≈ de la gent ſamuel.
 Loidme ≈ de bruiſe y la noefme 8 clauerſ
 y la diſme ≈ doccian la deſert.
 co eſt une gent ki dānedeu ne ſert.
 de pluſ felunſ norrez parler iamaif.
 Durſ unt leſ quirſ enſement cume fer.
 pur co nunt ſoign de elme ne doſbc.
 en la bataille ſunt felun y engreſ. AOI.

Depois formam mais dez outras esquadras,
^{de} cananeus, os tão feios, a primeira,
 desde o vale, que vindo, atravessam.
 3240 A segunda e a terceira, turcos, persas,
 e na quarta pechenegos e mais persas.
^{Na} quinta os ávaros e os da Soltania,
 e na sexta os eslavos e os de Warmia.
^{Na} sétima os de Samuel, o profeta,
 3245 na oitava e nona, eslavos e os da Brúsia.
 São da décima os niceus, da deserta,
 é uma gente que nosso Deus não ama,
 ouvireis falar jamais de outra mais falsa.
 Como o ferro têm sua casca-derme dura,
 3250 não precisam assim de elmo nem loriga;
 são selvagens e cruéis em qualquer briga. AOI.

3232. Esse verso inicia com letra capitular, *vide* nota ao v. 3224, *idem*.

3240-3241. Os cantares de gesta toleram a repetição do mesmo termo no lugar da assonância.

3245. 8 = “de”.

3246. Traduzimos *occian* pela conjectura de Jenkins (*apud* Riquer, 2003, p. 311).

CCXXXIV

Li amiralz .x. eschelef ad iustedef.
 La p̄mere ≈ def iaianz de malp̄se.
 Laltre ≈ de humf y la terce de hungref
 la quarte ≈ de baldife la lunge.
 e la quinte ≈ de celf de ual penufe.
 e la f̄ifte ≈ de (...) marufe
 e la fedme ≈ de leu^f e dastrimonief.
 Loidme ≈ dargoillef y la noefme de clarbone.
 e la disme ≈ def barbez de fronde.
 co ≈ une gent ki deu nen amat unkef
 Gefte francor .xxx. eschelef i numbrent.
 Granz funt lef oz u cez buifinef funent.
 paien cheualchent en guife de pdume. AOI.

O Almirante juntou mais dez esquadras,
 a primeira dos gigantes de Marprésia,
 noutra hunos, na terceira os da Hungria,
 3255 e na quarta os de Bagdá, a vasta.
^{Do} vale do Peloponeso é a quinta,
 e na sexta vão os turcos da Anatólia.
^{Na} sétima, estrimônios que são da Bitínia,
 na oitava e nona, argolas e clarbonas.
 3260 E na décima, de Fronda, os de barba,
 essa gente que Deus não ama nunca.
^Enumerou trinta esquadões a gesta franca,
 são grandes hostes em que soam as cornetas;
 à guisa de barão, pagãos assim cavalgam. AOI.

CCXXXV

Li amiralz mult par ≈ richef hoem.
 dedauant fei fait porter fun d'agon.
 e lestandart t̄uagan y mahum.
 e un ymagene apolin le felun.
 def caneliuf cheualchent enuirun.
 Mult haltement escrient un fermun.
 ki par noz d'f uoelt aueir guarifon.
 Sif prit y feruet par grant affliction.
 paien i bassent lur cheff y lur mentun.
 Lor helmef clerf i fuz clinent en brunc.
 Dient franceif femp̄f murrez glutun.
 De uof feit hoi male confufion.
 Li nr̄e deu garantisez carlun.
 ceſte bataille feit vulget en sun num. AOI.

3265 O Almirante é um poderoso rico-homem,
 faz levar seu dragão na sua frente,
^{de} Maomé e Tervagão o estandarte,
 e de Apolo o pérfido, a imagem.
 Os canélios cavalgam em torno dele,
 3270 e aos berros seu sermão eles proferem:
 “^Aqueles que proteção do deuses querem,
 que os sirva em aflição e a eles rezem.”
 Queixos e cabeças os pagãos já pendem,
 cabisbaixos, inclinam elmos brilhantes.
 3275 “^{Já} morrereis, seus glutões – dizem franceses –
 seja hoje o dia de vosso desastre!
 Que o nosso Deus, de Carlos, se encarregue,
^{que} se decida por seu nome esse combate!” AOI.

3265. Numa organização feudal, um rico-homem é uma condição daquele que dispõe de hereditariedade.

3266. Para “dragão”, *vide* nota ao v. 1480.

CCXXXVI

Li amiralz est mult de grant faueir.	É de grande sapiência o Emir,
a fei apelet jif filz e lef douf reif.	3280 ^{cha} mou seu filho e os dois reis perto de si:
Seignurf baronf deuant cheualchereiz.	“Na avançada, meus barões, cavalgareis,
Mef eschelef tutes lef guiereiz.	minhas esquadras todas, vós que guiareis.
Maif def meillorf uoeill io retenir treif.	^{Mas} das melhores eu quero levar três,
Lun ert de turcf y laltre dormaleif.	uma os turcos, outra com os dormaleis.
e la terce ~ def iaianz de malpif.	3285 A terceira de gigantes de Malpreis,
cil dociant ierent esemblot mei.	e comigo irão esses niceus.
Si iusterunt a charlef y a franceif.	Lutarão contra Carlos, o francês,
Li emperere jil se cumbat od mei.	° se, comigo, o Imperador for combater,
Defur le buc la teste pdre en deit.	a cabeça do tronco irá perder;
treftut feit fiz ni aurat altre dreit. AOI.	3290 ^{ou} tro direito não terá, já sabereis!” AOI.

CCXXXVII

Granz junt lef oz y lef eschelef belef.	Grandes hostes, as esquadras são tão belas,
entrelf nenat ne pui ne ual ne tertre.	entre elas não há vale ou montanha,
Selue ne boif asconfe ni poet estre.	bosque ou selva para haver uma emboscada,
Ben sentreueient en mi la pleine tere.	bem se veem ali na terra plana.
Dift baligant la meie gent auerfe.	3295 Baligão diz: “Minha gente tão canina,
car cheualchez pur la bataille quere.	cavalgai para travar essa batalha!”
Lenfeigne portet amborref do luferne.	De Alepo, Amburro leva a insígnia,
païen escrient preciufe lapelent.	os pagãos gritam, chamam a Preciosa.
Dient franceif de uof feit hoi grant pte.	Francos dizem: “Tereis hoje grande perda!”
Mult haltement munioie renuuelent.	3300 <i>“Monjoié!”</i> Repetem com voz impostada.
Li empere i fait funer sef greifsef.	^o Imperador faz soar as suas trompas,
y lolifan ki treftutuz lef esclairer.	°° olifante que a todos glorifica.
Dient païen la gent cafun est bele.	Diz pagãos: “De Carlos, essa gente é bela!
Bataille aürum y aduree y pefme. AOI.	Haverá batalha dura e pavorosa.” AOI.

3284-3285. Compare-se aqui *dormaleif* e *malpif* com a forma dos mesmos topônimos *dormaleuf* (v. 3243) e *malpfe* (v. 3253). Considerando o anotado por Riquer (2003, p. 310) os *ormaleus* ou *ormaleis* são os eslavos (v. 3243) da região da atual Polónia.

3295. Não é de estranhar essa adjetivação pejorativa dos sarracenos na voz do próprio Baligão, assim como também “pagãos” referem-se como tal, em perspectiva estritamente cristã (*vide* vv. 1542, 1578, 2844 e 3136). *Averse*, que aqui traduzimos por “canina”, no AND, é traduzido como *enemy*, *wicked* (inimigo, ímpio), mas, conforme anota Moignet (1985, p. 126), é um nome comumente atribuído ao diabo (*vide* v. 1553), o que apenas reforça a ideologia que imprime o cantar.

A Batalha
CCXXXVIII

<p>Grant .ě. la plaigne y large la cuntree. Luisent cil elme ař p̄ref dor g^emmeef. y cez eřcuz e cez bronief řafreeř. y cez eřpiez cez enřeigneř fermeef. Sunent cez greiřlef leř voiz en ř^t mult clereř. Del olifan halteř řunt leř meneef. Li amiralz en apelet řun frere. co ≈ canabeuř li reiř de floreee. cil tint la terre entreřquen ual řeuree. Leř eřcheleř charlun li ad muřtreeř. veez lorgoil de france la loee. Mult fierement cheualchet li empere. Jl ≈ darere od cele gent barbee. Defur ^{lur} bronief lur barbeř unt geteeř. altreřĩ blanchef cume neif řur gelee. cil i ferrunt de lanceř y deřpeeř. Bataille aũřũ y forte y aduree. vnkeř nulř hũ ne uit tel aiuřtee. pluř quũ ne lancet une uerge pelee. Baligant ad řeř cũpaigneř treřpařřeeř. vne riřřun lur a dit y muřtree. venez paien kar ion irai en leřtree. De řun eřpiet la hanřte en ad branlee. e nũř karlun la mure en ad turnee. AOI.</p>	<p>3305 Grande é a comarca e vasta a planura, brilham elmos de incrustadas as pepitas, ^e seus escudos e as cotas de zafira, ^e suas lanças, atadas as insígnias. ^{Com} timbres claros já soam suas trompas, 3310 alta é, do olifante, sua troada. Pelo seu irmão o Almirante chama, ^é Canabeuso, que é o rei da Floredea; ^{até} o Vale Sevre é a sua terra. Vai mostrando-lhe, de Carlos, as esquadras: 3315 “Vede o orgulho da França, a afamada! ^{At}ivamente o Imperador cavalga, vai atrás aquela gente tão barbada. Sobre a cota derramam suas barbas, como a neve sobre o gelo são tão claras. 3320 ^{At}acarão com suas lanças e espadas, forte e dura haveremos a batalha; ^{ja}mais se viu outra igual assim travada.” ^{Mais} longe do que alcança a vara descascada, Baligão, de sua hoste, se adiantava; 3325 suas razões lhes dizia e mostrava: “Meus pagãos, vinde, que eu me ponho em marcha!” Vai brandindo a haste da sua lança, ^e contra Carlos direciona sua ponta. AOI.</p>
--	---

CCXXXIX

Carlef li magnef cū il uit lamirail y le dragon lenfeigne y lestandart. De celf darabe fī grant force ipar ad. De la contree unt p̄priefef lef parz. Ne mef que tant fcue lemperes en ad. Li reif de france fen efcriet mult halt. Baronf franceif uof eſtef bonf uafſalf. tantef bataillef auez faitef en cāpf. veez paien felun ſunt y quart. tutef lor leif un dener ne lur ualt. Sil unt grant gent dico feignurf qui calt. ki errer uoelt amei uenir fen alt. Def eſponf puiſ brochet le cheual. e tence nd or li ad fait .iiii. ſalz. Dient franceif iciſt reif eſt uafſalf. cheualchez berf nul de nuſ ne uuf falt.	Carlos Magno quando viu o Almirante, 3330 seu dragão, sua insígnia e o estandarte, e que dos árabes as forças são tão grandes, que ocuparam a comarca em toda parte, exeto aquela em que o rei tem sua hoste, o rei da França gritou tão fortemente: 3335 “Sois bons vassalos, oh meus barões franceses! Dado, em campo, batalhas tanto houvestes. Os pagãos, vede, pérfidos, covardes! Toda a sua lei, nem um dinheiro vale. O que importa se há deles tanta gente? 3340 Quem para agir quer vir comigo se aprume!” Em seu cavalo, finca a espora, nesse instante, e Tencendor deu ali quatro pinotes. Dizem francos: “Nosso rei é tão valente! Cavalgai! Que nenhum a ele falhe!”
--	--

CCXL

Clerf fut li iurz y li ſoleilz luiſanz. Lef oz ſunt belef y lef cūpaignef granz. Juſteef ſunt lef eſcheleſ deuant. Li quenſ rabelſ y li quenſ guinemanſ. Laſcent lef refneſ a lor ceualſ curanz. brochent a eit dunc laiſent c ^a re francſ. Si uunt ferir de lur eſpiez trenchanz. AOI.	3345 Claro está o dia, o sol está brilhando, belas hostes, grandes os agrupamentos, avançam as esquadras para o enfrentamento. Conde Ravel e o conde Ginemâncio, soltam rédeas aos cavalos tão ligeiros, 3350 deixam já correr, aguilham forte francos, com suas lanças afiadas, enfrentados. AOI.
--	--

3331-3332. Estruturas subordinativas não são predominantes no cantar, cujos versos tendem à coordenação ou à unidade semântica. Nesses dois versos excepcionalmente subordinados, não obstante, devemos pressupor os pronomes relativos, eclipsados no manuscrito.

3333. O termo *fcue* (?) não tem sentido claro, consensualmente corrigido por *cume*, formando a perífrase adverbial *tant cume* (tanto quanto). Seguimos o sentido consensual dos editores para a tradução, sem corrigir a transcrição.

3340. Bédier corrige o verso para “Aquele que agora não queira vir comigo, que se vá” (*Ki or ne voelt amei uenir fen alt*) e é seguido pelos demais editores do cantar. Apesar de o sentido não ser claro com o termo *errer* (viajar, errar, para agir), conjecturamos uma tradução que prescindia da hipótese de construção negativa do verso, por nada indicá-la. Por outro lado, a expressão *fen alt* tampouco é plenamente satisfeita com a hipótese de Bédier, porque admitimos uma construção de participio *ſe en alt* (esteja levantado), no sentido de apumar-se para aguilhoar ao galope.

CCXLI

Li quenſ rabelſ ~ cheualer hardiz.	^{Ra} vel o conde tem muita ousadia,
Le cheual brochet def eſpunſ dor fin.	no cavalo a espora de ouro fino finca,
Si uait ferir torleu le rei pſiſ.	e acomete o Torleu que é o rei da Pérsia,
Nefcut ne bronie ne pout fun colp tenir.	3355 não há escudo ou cota que ao golpe resista.
Leſpiet a or li ad enz el corſ miſ.	Sua lança no corpo lhe enfia,
Que mort labat ſur un boiſſun petit.	e o derruba morto sobre uma moita.
Dient franceiſ dāneſd’ſ noſ ait.	Dizem francos: “Nosso Deus nos auxilia,
carleſ ad dreit ne li deuom failir. AOI.	justo é o rei, sua hoste não lhe falharia!” AOI.

CCXLII

E guineman iuſtet a un rei leutice.	3360 ^E Ginemâncio ataca um rei eslavo,
tute li freint la targe ki eſt flurie.	fende todo o seu florido escudo.
apref li ad la bronie deſcunfite	^{De} pois, da cota, lhe desmalha todo o aço,
tute lenſeigne li ad enz el corſ miſe.	^{en} fia a insígnia inteira no seu corpo.
Que mort labat ki quen plurt u kin riet.	Doa a quem doer já o derruba morto,
A iceſt colp cil de france ſeſcrient.	3365 dado o golpe, os da França gritam todos:
Ferez baron ne uoſ targez mie.	“Atacai, barões, não ide retrasados!
carleſ ad dreit uerſ la gent ieſnie.	^{So} bre essa gente, de Carlos é o direito,
d’ſ n ^o ad miſ al pl ^o uerai iuiſe. AOI.	Deus nos pôs o juízo verdadeiro.” AOI.

CCXLIII

Malp ^a miſ ſiet ſur un cheual tut blanc.	^{Em} seu cavalo branco monta Malpromessa,
cunduit fun corſ en la pſſe def francſ.	3370 e se larga rumo aos francos, à peleja.
&u ^{um} ſ eſ altreſ granz colpf i uait ferant.	Como os outros, deve dar grande investida,

3360. Segundo anota Riquer (2003, p. 306) os povos leutícios estão associados aos eslavos que habitavam o nordeste da Alemanha, em Mecklemburgo.

3361. O termo *targe* se refere ao escudo. A diferença, porém, desse e do *eſcut* parece residir em que o *targe* é aquele que cobre todo o corpo, inteiriço e que, portanto, não é abroquelado (*vide* nota aos vv. 526 e 1263). Esse modelo de escudo podemos observar na Tapeçaria de Bayeux, *vide* fig. 3, p. 44.

3367. O manuscrito não é claro onde se lê *gent ieſnie* (?). A correção consensual entre os editores do cantar altera a expressão por *gent paienne* (gente pagã); optamos, porém, por um sentido genérico.

3371. O sentido do termo *&u^{um}ſ* (*devuns*) do verbo *deveir* (dever de um vassalo) é perdido quando da alteração, por parte dos editores do cantar, para a expressão *d’ures en altres* (de quando em quando), conforme se lê em Bédier (1927, p. 254), Moignet (1985, p. 238) e Riquer (2003, p. 322), e como traduzem os demais consultados. A despeito das letras “un” estarem sobrescritas por corretor, a clareza do sentido dese termo e da conjunção *eſ* (como), sugere-nos não ser necessária a alteração.

Lun mort jur laltre fuuent uait tresceuant.	um sobre outro, tanto morto entremeia.
tut premereinſ ſeſcriet baligant.	Baligão, antes que qualquer outro grita:
Li mien baron nurrit uoſ ai lung tenſ.	“Meus barões, vos criei por toda a vida!
veez mun filz carlun ^{le} uait querant.	3375 Meu filho vede requerendo o rei agora,
a ſeſ armeſ tanz baronſ caluniant.	ta ^{ta} nto barão, com suas armas desafia.
Meillor uaffal de lui ia ne demant	Um vassalo melhor não pediria,
Succurez le a uoz eſpiez trenchant.	socorrei-o com suas lanças afiadas!”
a iceſt mot paien uenent auant.	Dito isto, os pagãos se adiantaram,
Durs colpf i fierent mult eſt li capleſ granz.	3380 duros golpes dão, é grande a peleja.
La bataille eſt merueilluſe y peſant	É terrível e assombrosa a batalha,
Ne fut ſi fort enceiſ ne puis cel tenſ. AOI.	nem antes ou depois não se viu tão dura. AOI.

CCXLIV

Granz ſunt leſ oz y leſ cūpaigneſ fiereſ.	Grandes hostes, as companhias fortes,
juſteeſ ſunt treſt ^u eſ leſ eſcheleſ.	são enfrentados todos os esquadrões,
y li paien merueilluſement fierent.	3385 os pagãos atacam prodigiosamente,
D’ſ tanteſ hanſteſ i ad par mi briſeeſ.	Deus! Quantas lanças partidas na metade!
eſcuz fruiſez y bronieſ deſmailleeſ.	Des ^{Des} malham cotas e os escudos fendem,
La ueiſez la tere ſi iunchee.	tu ^{tu} do espalhado na terra ali verieis,
Lerbe del camp ki eſt verte e delgee	3389/3390 no ^{no} campo onde a relva é suave e muito verde.
Li amiralz reclimet ſa maiſnee.	O Almirante chamou a sua hoste:
Ferez baron jur la gēt xpïene.	“Acometei, meus barões, a Cristandade!”
La bataille eſt mult dure y afichee.	A batalha é dura e tão inclemente,
vnc einz ne puis ne fut ſi fort aiuſtee.	ja ^{ja} mais se viu, antes ou depois, tão rude;
Jofqua la (nuit) nen ert finſ otriee. AOI.	3395 não vão consentir seu fim até a noite. AOI.

3372. Como anota Moignet (1985, p. 238), o verbo *tresceuant* (tecer, entrelaçar) foi corrigido por Bédier por *tresturnant*, do verbo *tresturner* (virar, tombar, derrubar morto), mais comum em passagens semelhantes do cantar. Assim também traduzem todos os demais tradutores consultados. Admitindo, não obstante, tratar-se de uma rara metáfora, preferimos manter o sentido do termo que é claro no manuscrito.

3389/3390. Após o verso 3389, Th. Müller (*apud* Moignet 1985, p. 240) supôs a ausência de outro, porque tradicionalmente se usa enumerá-lo duplamente. Riquer (2003, pp. 322-323) conjectura: “do sangue que está ali, tudo avermelha” (*del sanc qu’en ist est tute envermeille*). Prescindimos dessa reconstrução e de apresentar as reticências, lendo o verso como um apostro explicativo de *tere* (terra) no verso anterior.

3395. A palavra *nuit* (noite), ausente no manuscrito, é uma conjectura amplamente admitida.

CCXLV

Li amiralz la fue gent apelet.
 Ferez paien por el u^enud ni eſteſ.
 Jo uoſ durrai muillerſ gentef y beleſ.
 Si uoſ durai feuf y honorſ y tereſ.
 paien reſpudent nuſ le deuunſ ben fere.
 a colpſ plenerſ de lor eſpiez ipdent.
 pluſ de cent milie eſpeeſ i unt traiteſ.
 aiſ uoſ le caple y duluruſ y peſmeſ.
 Bataille ueit cil ki entreſ uolt eſtre. AOI.

O Almirante, a sua gente chama:
 “Atacai! Não haveis vindo a outra coisa!
 Vos darei gentis mulheres e tão belas,
 e vos darei honra, feudos, muitas terras.”
 3400 “De^evemos bem fazer!” Pagãos então contestam,
 em^e plenos golpes eles perdem suas lanças.
 Mais de cem mil sacaram as espadas,
 eis aqui atroz e dura a refrega;
 quem ali haja vê o que é uma batalha. AOI.

CCXLVI

Li empere reclimet ſeſ franceiſ
 Seignorſ baronſ io uoſ aim ſi uoſ crei.
 tanteſ batailleſ auez faiteſ pur mei.
 Regneſ cunquiſ y defordenet reiſ.
 Ben le conuiſ que gueredun uoſ en dei.
 e de mun corſ de tereſ y daueir.
 vengez uoz fi(1)z uoz frereſ y uoz heirſ.
 Quen renceſualſ furent morz laltre ſeir.
 Ja ſauez uoſ cuntre paienſ ai dreit.
 Reſpondent franc sire uoſ diteſ ueir.
 Jtelſ xx. milierſ en ad od ſei.
 cumenerít len prametent lor feiz.
 Ne li faldrunt p^a mort ne p^a deſtreit.
 Nen i ad cel ſa lance ni empleit.
 De lur eſpeeſ i fierent demaneſ.
 La bataille eſt de merueilluſ deſtreit. AOI.

3405 ^O Imperador vai arengando os seus francos:
 “Meus senhores barões vos creio e amo!
 Ba^talhas tantas haveis por mim travado,
 reis depostos e reinos conquistados.
 Que vos devo recompensa, reconheço,
 3410 desde terras, haveres e a mim mesmo.
 Vin^gai a vossos irmãos, filhos, herdeiros,
 que outra tarde, em Roncesvales, foram mortos!
 Já sabeis, contra os pagãos, meu é o direito.”
 “Di^zei verdades, meu senhor!” – Respondem francos.
 3415 ^Aqueles vinte mil que Carlos tem consigo,
 de sua fé lhe vão juntos prometendo:
 Não lhe falharão por morte nem por medo.
 Não há quem à lança não lhe dê emprego,
 e as espadas sacarão em justo momento;
 3420 o combate é terrível e tremendo. AOI.

CCXLVII

E malp^amif par mi le căp cheualchet.
 de celſ de france i fait mult grant damage
 Naimeſ li dux fieremēt le reguardet.
 vait le ferir cum hume vertudable.
 De ſun eſcut li freint la pene halte.
 de ſun oſbc leſ douſ panſ li deſaffret.
 el corſ li met tute lenſeigne ialne
 Que mort (labat) entre .vii. c. deſ altreſ

Pelo campo cavalga o Malpromessa,
 grande estrago fez aos barões da França.
^{Ne}mé o duque altivamente o observa,
 atacá-lo vai em sua virtude tanta.
 3425 Fende o escudo do brocal à borda alta,
 da loriga, desmantela as duas fraldas.
^{En}fia no seu corpo a insígnia amarela,
 entre setecentos mais, morto o derruba.

CCXLVIII

Reiſ canabeuſ le frere al amiraill.
 Deſ eſporunſ ben brochet ſun cheual.
 trait ad leſpee le punt eſt de criſtal.
 Si fiert naimun en lelme pncipal.
 Lune meitiet len fruiſſed dune part.
 al brant dacer len trenchet .v. deſ laz.
 Li capelerſ un dener ne li ualt.
 trenchet la coife entreſ que a la char.
 Juſ a la tere une piece en abat.
 Granz fut li colpſ li dux en eſtonat.
 Semþſ caiſt ſe d’ſ ne li aidaſt.
 de ſun deſtrer le col en enbracat.
 Se li paienſ une feiz recuüraſt.
 Semþſ fuſt mort li nobilies uaiſſal.
 Carſ de france i uint kil ſucurrat. AOI.

3430 O irmão do Emir, rei Canabeuso,
 finca bem as esporas no cavalo,
 saca a espada que em cristal tem o seu pomo,
 a Nemé ataca no supino elmo.
 O destroça em meia parte do seu todo,
 corta as cinco cintas com seu fio de aço.
 3435 Não lhe vale um dinheiro o capelo,
 corta a coifa, corta a carne até o osso;
 para o chão, vai caindo aos pedaços.
 Foi tão forte o golpe, está o duque aturdido,
^{se} não ampara Deus, teria já caído;
 3440 ^{mas} agarrou-se ao pescoço do destreiro.
 Se o pagão, de novo, houvesse insistido,
 já estaria morto tão nobre vassalo;
^O rei da França, porém, veio em seu socorro. AOI.

3426. Para as fraldas (*panſ*) da loriga, *vide* nota ao v. 1300; o termo *deſaffret*, que traduzimos por “desmantela”, conforme anota Moignet (1985, p. 242), significa “fazer saltar as safiras”, para as quais, *vide* nota ao v. 1032.

3433. Moignet (1985, p. 242) anota como “obscuro” o termo *pncipal* (*principal*) como determinante do substantivo *elme* (elmo), traduzindo como “elmo principal”, embora ensaie em nota o sentido que adotamos em nossa tradução. Bédier (1927, p. 261) adota as reticências; Riquer (2003, p. 327), por sua vez, traduz como “elmo principesco”, o que não condiz com o título de Nemé, o duque; o sentido mais específico, que buscamos reproduzir com a expressão “supino elmo”, trata-se do elmo superior que está sobre o capelo (v. 3435), esse, uma espécie de “capacete” metálico bem moldado ao crânio, que fica entre o elmo “principal” e a coifa (v. 3436), que é a parte superior do camal (*vide* nota ao v. 1293), como última proteção que antecede à cabeça.

CCXLIX

Naimef li dux tant par est anguiſſablef.
 y li paienf de ferir mult le haſtet.
 carl li diſt culuert mar le baillaſtef.
 Vait le ferir p ſun grant uaſſelage.
 Leſcut li freint cuntre le coer li quaſſet.
 De ſun oſbc li deſrũpt la uentaille.
 Que mort labat la fele en remeint guaſte.

Tanto o duque Nemé se angustia,
 3445 o pagão, de atacá-lo, muito o instiga.
 Carlos diz: “Biltre, o feriste em má hora!”
 Vai atacá-lo por sua grande valentia,
 fende o escudo e contra o coração o aplasta.
 Da loriga o camal todo desmalha,
 3450 e o derruba morto, esvazia a sela.

CCL

Mult ad grant doel carlemagnef li reif.
 Qua(n)t naimun ueit nafret deuant ſei.
 Sur lerbe uerte le ſanc tut cler caer.
 Li emperef li ad dit a cunſeill.
 Bel ſire naimef kar cheualez od mei.
 Morz ~ li gluz ki en deſtreit uuf teneit.
 el corſ li miſ mun eſpiet une feiz.
 Reſpunt li dux ſire io uof en crei.
 Se io uif alqueſ mult grant prod i aureiz.
 puiſ ſunt iuſtez par amur y par feid.
 enſemblod elſ telſ .xx. milie franceif.
 Ni ad celoï ^q ni fierge o ni capleit. AOI.

Muito se doeu Carlos Magno, o rei,
 quando viu Nemé ferido ante de si,
 na relva verde, sangue claro seu cair.
 O Imperador, em segredo então lhe diz:
 3445 “Cavalgai junto a mim, senhor Nemé,
 o imundo que lhe pressionava, morto é,
 no seu corpo, minha lança lhe meti.”
 Responde o duque: “Só posso, rei, vos crer!
 Se vivo, benefício só tereis de mim.”
 3460 Por amor se uniram e por fé,
 junto deles, são os francos vinte mil;
 nenhum deixa de atacar nem de ferir. AOI.

CCLI

Li amiralz cheualchet par le cãp.
 Si uait ferir le cunte guneman.
 cuntre le coer li fruiſſ_R leſcut blanc.
 De ſun oſberc li derũpit leſ panſ.
 Leſ douſ coſtez li deſfeiüret deſ flancſ.
 Que mort labat de ſun cheual curant.
 puiſ ad ocif gebuin y lorain *R*
 Richart le ueill li ſire deſ normanſ.
 paien eſcrient precieuſe eſt uaillant.
 Ferez baron n^o i auom guarant. AOI.

O Almirante cavalga pelo campo,
 e ataca o conde Ginemâncio.
 3465 Contra o coração destroça o escudo branco,
 da loriga desmantela a fralda em aço.
 As costelas lhe separa dos dois flancos,
 e do destreiro, já o derruba morto.
 Depois matou a Gebuíno e a Lorano,
 3470 e a Ricardo, o velho, senhor dos normandos.
 Pagãos gritam: “Preciosa tem tal vulto!
 Atacai Barões, estamos protegidos!” AOI.

CCLII

Ki puiſt ueiſt li cheualer darabe.
 celf docciant y dargoillie y de baſcle.
 de lur eſpiez ben i fierent y caplent.
 y li franceiſ nunt talent que ſen argent.
 afez i moerent y deſ unſ y deſ altreſ.
 entreſqual ueſpre .ě. mult fort la bataille.
 Deſ francſ baronſ i ad mult gran damage.
 doel i aũrat enceiſ quele departed. AOI.

Quem visse então os cavaleiros da Arábia!
 Os niceus, os da Gascunha e os da Argélia,
 3475 bem atacam e golpeiam com suas lanças,
 em desertar nem cogitam os da França.
 Muitos de um e de outro lado ali expiram,
 até o poente é muito forte a batalha.
 Nos barões franceses é tal a ruína,
 3480 quanta dor antes que tudo se defina! AOI.

CCLIII

Mult ben i fierent franceiſ y arrabit.
 Fruiffent cez hanſteſ y cil eſpiez furbit.
 ki dunc ueiſt cez eſcuz ſi malmiſ.
 cez blancſ oſbeſ ki dunc oiſt fremir.
 e cez eſcuz ſur cez helmeſ cruiſir.
 cez cheualerſ ki dunc veiſtſrair.
 e humeſ braire contre tere murir.
 de grant dulong li pouſt ſuuenir.
 ceſte bataille eſt mult fort a ſuffrir.
 Li amiralz reclimet apolin.
 e teruagan y mahumet altreſi.
 Mi damneſdeu io uoſ ai mult feruit.
 tuteſ teſ ymageneſ ferai dor fin. AOI.
 aſ li deuant un ſoen drut gemalfin.
 Maleſ nuueleſ li aportet y dit.

Muito acometem árabes e francos,
 atacam com suas lanças de aço polido.
 Quem houvesse visto escudos destruídos!
 E o tremular das lorigas quem, ouvido;
 3485 dos escudos contra os elmos o rangido;
 quem, pois, visse cair tanto cavaleiro;
 morrer à terra os vassalos dando guinchos,
 de tanta dor, lembrado haveria sido.
 Suportar esse combate é muito duro,
 3490 o Almirante invoca a deus Apolo;
 a Tervagão e a Maomé do mesmo modo:
 “Meus senhores deuses, vos servi já muito,
 vosas imagens vos farei em ouro puro.” AOI.
 3495 Eis diante seu dileto Gemalfino,
 más notícias lhe traz e vai dizendo:

3474. Na conjectura para *baſcle*, traduzimos como “Gascunha”, região que, embora pertencente ao reino franco, historicamente foram os algozes da retaguarda de Carlos Magno, *vide* p. 62.

3485. Riquer (2003, p. 331) altera o termo *eſcuz* (escudos) por *espees* (espadas), decerto considerando que a preposição *ſur* (sobre, contra) seja indicativo do lugar-comum de golpe espada contra elmo. Embora não seja a forma de ataque principal, podemos supor não raro um golpe com escudo. De qualquer modo, a despeito da estranheza que possa causar, parece desnecessária a alteração, por não haver prejuízo de sentido.

Baligant fire mal esteſ oi baillit.
 p̄dut auez malpramiſ urē filz.
 e canabeuſ urē frere eſt ocif.
 a douſ franceiſ belement en auint.
 Li empereſ en ~ lunſ co meſt uiſ.
 granz ad le corſ ben reſenblet marchiſ.
 Blanche ad la barbe cume flur en aürill.
 Li amiralz en ad le helme en clin.
 y en apreſ ſin enbrüket ſun uiſ.
 Si grant doel ad ſempreſ quiad murir.
 Sin apelat iangleu lultremarin.

“Baligão, senhor, mal vai vosso destino,
^{ha}veis perdido Malpromessa, o vosso filho,
 e está morto vosso irmão o Canabeuso;
 3500 dois franceses foram bem favorecidos.
 Um foi o Imperador, assim eu creio –
 bem parece um marquês, grande é seu corpo,
 branca a barba como as flores de maio.”
 O seu elmo o Almirante inclina tanto,
 3505 e depois fica muito cabisbaixo.
 Crê morrer de dor no mesmo momento,
 então chama, de além-mar, o Janglenildo.

CCLIV

Dift lamiraill iangleu uenez auant.
 voſ esteſ p̄z y urē ſaueir ~ grant.
 voſtre conſeill ai [oc^{uud}] tuz tenſ.
 Que uoſ enſemblet darrabiz y de francſ.
 aürum noſ la uictorie del champ.
 y cil reſpunt morz esteſ baligant.
 ia urē deu ne uoſ erent guarant.
 carleſ ~ fierſ y ſi hume uaillant.
 vnc ne ui gent ki ſi fuſt cūbatant.
 Maiſ reclamez leſ baronſ docciant.
 Tureſ y enfrunſ arabiz y iaianz.
 co que eſtre en deit nel alez demurant.

Diz o Emir: “Janglenildo, vinde adiante,
 3510 ^{sois} nobre e vossa sabedoria é grande.
 O conselho vosso sempre é pertinente,
^{dos} árabes e francos, o que vos parece?
^{Con}seguiremos a vitória nesses vales?”
 “Baligão, estais morto – ele responde –
 vossos deuses, já nada vos garante.
 3515 Carlos é feroz, seus homens, tão valentes,
 jamais vi tão lutadora outra gente!
 Mas chamai a seus barões do Oriente,
 turcos, árabes e efrunos, os gigantes;
 ° que será de nós não deve estar distante.

3493. (Ant.) O termo *ymagenef* (imagens), assim como no v. 3268, significa, especificamente, “estátuas”, como se os muçulmanos fossem idólatras. Depois desse verso, Bédier (1927, p. 264) supõe haver a lacuna de um verso e apresenta reticências. Seguindo essa hipótese, Riquer (2003, p. 330) conjectura: “Contra Carlos, deveis proteger-me” (*cuntre Carlun devez mei garantir*); seguimos apenas a numeração dos versos, seguindo desse para o v. 3495.

3503. Em trad. lit.: Branca tem a barba como a flor de abril.

3511. A tradução é uma conjectura, dada a inteligibilidade de *oc^{uud}* (?).

3513. Em trad. lit.: Haveremos a vitória nesse campo?

3517. Tradução genérica para o que vimos traduzindo por “niceus”, *vide* nota ao v. 3246.

CCLV

Li amiraill ad ja barbe forf mife.
 altrejī blanche cume flur en eſpine.
 cument quil feit ne jī uoelt celer mie.
 Met a ja buche une clere buifīne.
 Sunet la cler que jī paien loirent.
 par tut le camp ſeſ cūpaigned ralien.
 cil dociant y braient y heniſſent.
 arguille jī cume chen i glatiſſent.
 Requerent franc par jī grant eſtultie.
 el pi^o eſpeſ ſeſ rūpent e partiſſent.
 a iceſt colp en ietent mort .VII. milie.

3520 O Almirante descobriu a sua barba,
 também branca como a flor da espinheira.
 Não se esconderá o que quer que ocorra,
 uma clara corneta leva à boca.
 Para que os pagãos escutem, forte soa,
 3525 ^{por} todo o campo, reúne as companhias.
 Os niceus, ali rugem e relincham,
 e como cães uivam os que são da Argélia.
 Desafiam os francos com arrogância,
 no mais denso rompem e partem a linha;
 3530 sete mil, nesse golpe, derrubaram.

CCLVI

Li quenſ oger cuardiſe nout unkeſ.
 Meillor uaffal de lui ne ueſtit bronie.
 Quant de franceiſ leſ eſcheleſ uit rumpe.
 Si apelat tierri le duc dargone.
 Gefrei daniou y iozerã le cunte.
 Mult fierement carl en araiſunet.
 veez paien cū ocient uoz humeſ.
 Ja deu ne placet quel chef portez corone.
 Sor ni ferez pur uenger urē hunte.
 Ni ad icel ki un ſul mot reſpundet.
 Brochent adeit lor ceualſ laiſſent cure
 vunt leſ ferir la o illeſ encuntrent. AOI.

Nunca foi, conde Ogiero, um covarde,
^{me}lhor vassalo que ele a cota ninguém veste.
 Quando vê romper a linha dos franceses,
^{cha}mou Teodorico, o duque de *Argonne*,
 3535 Godofredo e Jozerano, o conde,
 e interpela a Carlos, tão altivamente:
 “Os pagãos, vede, matam nossos homens!
 A coroa Deus não praza por levardes,
^{se} não atacardes por vingar o vosso ultraje!”
 3540 Não há quem se quer palavra respondesse,
^aguilham bem, cavalos largam ao galope;
^atacarão onde quer que os encontrem. AOI.

3529. Em trad. lit.: No mais espesso, lhes rompem e partem. A interpretação consensual desse verso não é no sentido de ataques singulares que rompem e partem o mais espesso do corpo do adversário, mas de uma tática militar em falange, já usada por Felipe e seu filho sucessor Alexandre, o grande. A falange consiste em dispor o contingente em forma de seta de modo que avance perfurando e separando a linha de combate inimiga, disposição que deixa os adversários sempre longe e sem possibilidade de contra-atacar a falange. Excetuando-se as bordas da seta, em que poderia haver algum contato com o inimigo, as grandes lanças que levavam à frente, que poderiam superar os 5 metros, garantiam a segura distância do adversário. No cantar, ao que parece, somente em falange o exército sarraceno conseguiria abater sete mil francos numa mesma investida, o que alarma o conde Ogiero da Dinamarca.

CCLVII

Mult ben i fiert carlemagnef li reif.	Muito bem lutam o rei Carlos Magno,
Naimef li dux y oger li daneif.	^{Ne} mé o duque e o danês, o Ogiero,
Geifreid daniou ki lenfeigne teneit.	³⁵⁴⁵ e, com a insígnia, d'Anjou, o Godofredo.
Mult par ≈ pz danz ogerf li daneif.	Ogiero, o danês, é muito bravo,
puint le ceual laiſſet curre ad eſpleit.	finca a espora e faz correr com muito arrojo,
Si uait ferir celui ki le dragun teneit.	acomete a quem o dragão é estampado,
Q ^a mbure crauente en la place deuant ſei.	bem ali, ante de si, cai o Amburro;
y le dragon y lenfeigne le rei.	³⁵⁵⁰ e a insígnia de dragão do sarraceno.
Baligant ueit ſun gunfanun cadeir.	Baligão vê o gonfaloão caído,
y leſtandart mahumet remaneir.	e o estandarte pagão em desprestígio.
Li amiralz alquef ſen apeit.	O Almirante em algo está apercebido,
Que il ad tort y carlemagnef dreit.	que ele está errado e Carlos Magno certo;
paien darabe ſen turnent pluſ .c.	³⁵⁵⁵ já são os pagãos só pouco mais de um cento.
Li empere reclimet ſef parenz.	O Imperador invoca os seus francos,
Dites baron por deu ſi maidereiz.	diz: “Barões! Por Deus! Serei eu ajudado?”
Reſpudent francf mar le demandereiz.	^{Res} pondem eles: “Fazeis mal em demandá-lo!
treſtut ſeit fel ki ni fierget a eſpleit. AOI.	^{Quem} não acometa bem que seja um vulpino!” AOI.

3549. O substantivo *ambure* tanto pode significar um numeral, “os dois” ou “ambos” (vv. 1589 e 1650), como pode nos remeter ao personagem que aparece no verso 3297, o Amburro, de Alepo.

3555. Tradução conjectural. Seguindo hipótese de Bédier (*apud* Moignet, 1985, p. 250), Riquer (2003, pp. 334-335) corrige esse verso para “Os pagãos da Arábia se contêm mais quietamente” (*Paien d’Arabe s’en cuntinent plus quiet*).

3556. Bédier (1927, p. 268) corrige o termo *parenz* (parentes) por *franceis* (franceses). É possível, porém, imaginar um amplo sentido de relações parentais, em que os termos não fossem restritos à cosanguinidade, como podemos perceber na Nota Emilianense (*vide* fig. 6, p. 67), em que aparecem enumerados os *neptis* (sobrinhos) de Carlos Magno tombados em Roncesvales, referindo-se aos Doze pares da França, desde que não se tratasse de um equívoco de interpretação. Ainda, portanto, que não estejamos totalmente de acordo com a necessidade dessa alteração de Bédier, nossa tradução por “francos” segue os princípios da assonância.

Combate singular entre Carlos Magno e Baligão
CCLVIII

Paffal li iurz Ji turnet a la uefpree.	3560	Passa o dia e inicia o poente,
Franc y paien i fierent def espees		^{com} as espadas, francos e pagãos combatem.
cil Junt uaffal ki lef oz aiufterent.		Os que reuniram as hostes são valentes,
Lor enfeignes ni unt mie ublieef.		das insígnias, nunca se esquecem.
Li amiralz preciufe ad criece.		Grita forte, Preciosa, o Almirante,
carlef munioie lenfeigne renumece.	3565	Carlos, <i>Monjoié</i> , a insígnia eminente.
Lun conuift laltre af haltesf uoiz y af cleresf.		^{se} reconhecem pelas claras, fortes vozes,
en mi le căp amdui Jfen trencunterent		pelo meio do campo se percebem.
Si Je uunt ferir granz colpf Jfen tredunerent		Se acomentem e darão tão grandes golpes,
De lor espiez en lor targesf roeef.		com suas lanças nos escudos circulares.
Fraitesf lef unt defuz cez buclesf leef.	3570	Sob as largas brocas todos os dois se rompem,
De lor ofbercf lef panf en defeûrerent.		os fraldões das lorigas se desfazem,
Dedenz cez corf mie ne Jadesferent.		dentro do seus corpos elas não se inserem.
Rumpent cez cenglesf y cez Jelesf uerferent.		Rompem chinchas, selas voam pelos ares,
cheent li rei a tere Je tur ^[beche] (ne)rent.		^{ro} dopiando, à terra, os reis caem.
Jfnelement fur lor piez releuerent.	3575	Se puseram em pé tão agilmente,
Mult uaffalrnt unt traitesf lef espeesf.		e sacaram as espadas, tão valentes.
cefte bataille nenert maif deJtornee.		^{Es} sa batalha já não é mais hesitante,
Seinz hume mort ne poet eJtre acheuee. AOI.		^{sem} homem morto, não há como termine. AOI.

CCLIX

Mult ≈ uaffal carl de france dulce.		É valente Carlos, rei da Doce França,
Li amiralz il nel crent ne ne dutet.	3580	não lhe tem o Emir, nem medo, nem hesita,
cez lor espeesf tutesf nuef i muJtrent.		suas espadas, as mostram tão desnudas,
Sur cez efcuz mult granz colpf Jfen tredunent.		nos escudos, grandes golpes eles trocam.

3569. Para *targesf*, vide nota ao v. 3361.

3570. A expressão *buclesf leef* (largas brocas) refere-se à parte estrutural e interna do escudo. São eixos de aço que atravessam cavidades sobressalentes, também em aço, afixadas na placa principal de defesa, esta, em aço ou madeira, que poderia ainda ser dupla.

3572. O sujeito desse verso é *espiez* (lanças), que apareceu no v. 3569.

3573. O termo *cenglesf* (chinchas) faz referência a uma cinta de couro com argolas em aço que prendem a sela ao abdôme do animal.

3574. O manuscrito apresenta uma palavra em sobrescrito (*beche*) feita por mão de corretor. O sentido, porém, é muito obscuro e, consensualmente, se corrige a palavra alterada com a sílaba */ne/*, reconstituindo, assim, o verbo *turnerent*, de *turner* (voltar, virar, girar).

trenchent leſ quirſ y cez fuz ki ſ ^t dubleſ.	Rompem couros e também as duplas placas,
cheent li clou ſi pecerent leſ bucleſ.	os rebites caem, quebram-se as brocas,
puiſ fierent il nud a nud ſur lur bronieſ.	3585 logo atacam espadas nuas sobre cotas.
deſ helmeſ clerſ li fuuſ en eſcarbunet.	Fa ^F zem voar, dos elmos claros, as centelhas,
ceſte bataille ne poet remaneir unkeſ.	já não pode prosseguir essa batalha,
Jofque li unſ fun tort i reconuiſſet. AOI.	sem que um reconheça a injustiça. AOI.

CCLX

Diſt lamiraill carl kar te purpenſeſ.	O Almirante disse: “Carlos, pensa bem,
Si pren cunſeill que uerſ mei te repentet.	3590 ^{to} mai conselho e, ante mim, arrependei.
Mort aſ mun filz par le men eſciente.	O meu filho é morto, pelo que eu sei,
a mult grant tort mun paiſ me calengeſ.	injustamente meu país me requireis.
deuen meſ hom en fedeltet uoeill rendre.	^{Meu} homem sede e em feudo eu vos o darei,
ven mei seruir dici quen oriente.	^{da} qui ao Oriente, vós me servireis.”
carleſ reſpunt mult grant uiltet me ſemble.	3595 Carlos diz: “Pois, me parece estupidez!
paiſ ne amor ne dei a paien rendre.	^A um pagão, paz ou amor não vou render,
Receiſ la lei que d’ſ noſ aſſentet.	^a lei que Deus nos revelou, pois, recebei,
xpientet y pui te amerai ſempref.	^o cristianismo, e assim vos amarei,
puiſ ſerſ e crei le rei omipotentet.	^{cre} de e servi depois o onipotente Rei.”
Diſt baligant maluaiſ ſermun cumenceſ.	3600 Baligão diz: “Mal sermão já me fazeis!”
puiſ uunt ferir deſ eſpeeſ quunt ceinteſ. AOI.	Com as espadas logo voltam a acometer. AOI.

UM COMBATE ENTRE DEUSES - Embora se possa haver reiteradamente aventado, na pugna teórica acerca da autenticidade desse episódio de Baligão, uma segunda autoria menos liricamente inspirada ou menos refinada do que a suposta primeira autoria daquilo que lhe antecede, é justamente no combate singular entre Baligão e Carlos Magno que o cantar atinge seu ponto alto como propagador de uma ética e moral cristã. A cena é magnífica: entre golpes de espadas nuas e sob centelhas de elmos atingidos, os combatentes tentam mutuamente se dissuadir pela rendição do outro e pela prevalência de sua própria lei, como num duelo judiciário, e é somente reconhecendo-se amplamente a injustiça de uma das partes que se dará fim ao combate (vv. 3587-3588). Não havendo acordo entre os homens, a justiça será disputada entre os deuses muçulmanos e o Deus verdadeiro. Desse modo, no momento decisivo de um combate físico entre os valentes anciãos que incorporam o poder temporal, como imagem viva e representação de leis espirituais opostas, o vencedor não será necessariamente o mais forte ou melhor esgrimista, mas aquele que está com a razão e o direito, porque seu Deus prevalece. Esse combate simboliza todos os combates; esses guerreiros, todos os guerreiros; e a vitória, a vitória de um Deus no mundo sobre todos os deuses.

3583-3584. Os couros são as cintas do escudo que ficam cingidas ao braço do combatente. Para as partes do escudo, *vide* nota ao v. 3570.

3585. Optamos por traduzir a expressão *nud a nud* por “espadas nuas” (em trad. lit. nua-nua) preterindo da expressão mais comum em referência aos combatentes, “corpo-a-corpo” (Riquer, 2003, p. 337). Por outro lado, as tentativas tradutológicas pela literaridade do sentido como “eles se atacam sobre suas lorigas” (*ils se frappent sur leurs brogues*), conforme Bédier (1927, p. 271) e todos os demais tradutores consultados, foram igualmente preteridas. Tentamos, desse modo, reproduzir o sentido de *nud a nud*, que expressa o horror de uma luta de espadas, sem a proteção dos escudos, quebrados nos versos anteriores; as espadas nuas, uma contra a outra, quando havendo a própria espada como única proteção do fio inimigo. Nessa perigosíssima circunstância, *nud a nud*, uma falha qualquer é morte ou mutilação certa.

CCLXI

Li amiralz est mult de grant uertut.
 Fier carlemagne sur lelme dacer brun.
 Defur la teste li ad frait y fendut.
 Met li lespée sur lef cheuef menuz.
 prent de la carn grant pleine palme y plus.
 Jloec endreit remeint li of tut nut.
 carl cancellet por poi quil nest caut.
 Mais d'f ne uolt q'l feist mort ne uencut.
 Seint gabriel est repairet a lui.
 Si li demandet reif magnef que faif tu.

É de tanta virtude o Almirante,
 ataca Carlos bem no seu elmo brilhante,
 sobre a cabeça, quebra-o e fende,
 3605 e nos cabelos curtos sua espada mete.
 Um grande palmo ou mais lhe corta da sua carne,
 no lugar, o osso nú já aparece.
 Titubeia Carlos, pernas amolecem,
 mas Deus não quer sua derrota ou sua morte.
 3610 São Gabriel, para ele, ali ressurge,
 e lhe pergunta: “Rei Magno, o que fazes?”

CCLXII

Qvant carlef oit la feinte uoiz del angle.
 Nen ad pour ne de murir dutance
 Repairet loi uigur y remembrance.
 Fiert lamiraill del efpée de France.
 Lelme li freint o li gême refläbent.
 trenchet la teste pur la ceruele efpandre.
 e tut le uif tresquen la barbe blanche.
 Que mort labat senz nule recouurance.
 Munioie escriet pur la reconuifance.
 a iceft mot uenuz i est dux neimef.
 prent tencendur muntet i est li reif magnef.
 paien sen turnent ne uolt d'f quil i remainent.
 or sunt franceif a icelf quil demandent.

Quando Carlos ouviu a voz do anjo,
 da morte não teve pânico ou medo,
 recupera seu vigor e o seu tino.
 3615 Ao Emir ataca com seu gládio franco,
 onde brilham as pedras fende o elmo.
 Parte o crânio, esparramam-se os miolos,
 até a barba branca, abre todo o rosto;
 sem qualquer remissão o derruba morto.
 3620 “*Monjoie!*” Grita em reconhecimento,
 ao que o duque Nemé, presto, é vindo.
 Toma a Tencendor e o monta o rei Magno,
 pagãos recuam, não os quer, Deus, resistidos;
 o que buscavam, então alcançam os francos.

A tomada de Saragoça
CCLXIII

Paien fen fuint cum damnef d'f le uolt. encalcent franc e lempere auoec. co dist li reif seignurf uengez uoz doelf. Si eſclargiez uoz talenz y uoz coerf. kar hoi matin uof ui plurer def oilz. Reſpondent franc fire co nuſ eſtoet. caſcunf i fiêt tanz granz colpf cũ il poet. poi fen eſtoerftrent dicelf ki funt iloec.	3625 Pagãos fogem como quer nosso Senhor, no encalço, os francos e o Imperador. Disse o rei então: “Vingai a vossa dor! Aplacai corações e o ardor, pois os vi chorar dos olhos no alvor.” 3630 Res ^o pondem francos: “Convém-nos, sim Senhor!” Cada um golpeia ao próprio sabor, ali poucos se salvaram no fragor.
--	---

CCLXIV

Granz eſt li calz fi ſe leuet la puldre. paien fen fuint y franceif leſ anguiſſent. Li enchalz duret dici quen ſarraguce. en fum ſa tur muntée eſt bramidonie. enſemblod li fi cleric y fi canonie. De falſe lei que d'f nen amat unkeſ. ordref nen unt ne en lor cheff coroneſ. Quant ele uit arrabiz fi cunfundre. a halte uoiz ſeſcrie aiez noſ mahum e gentiſ reiſ ia funt uencuz noz humeſ. Li amiralz ocif a fi g ^a nt hunte. Quant lot marſilie uerf ſa pareit ſe turnet. pluret def oilz tute ſa chere en brunchet. Morz eſt de doel fi cũ pecchet lencumbret. Lanme de lui aſ uif diableſ dunet. AOI.	Grande é o calor, levanta-se a poeira, Pagãos fogem e os perseguem os da França. 3635 O encalço foi daqui à Saragoça, ^{em} sua torre, subira Bramidona, e os cônegos e clérigos com ela, são da lei que Deus não ama, pois é falsa; não têm ordens nem tonsura na cabeça. 3640 Quando vê a gente árabe confusa: “Ajudai-nos, Maomé! – Bem forte grita – Gentil rei, nossa mesnada foi vencida, e o Almirante morto com grande vergonha!” Quando ouviu, Marsílio, ao muro, já se volta, 3645 chora dos olhos inclinando a cara; ^{mor} reu de dor, pecados que o sobrepesam, que entregou ao próprio cão a sua alma. AOI.
---	---

3631. Em trad. lit.: Cada um desfere tão grandes golpes quanto pode.

3632. Em trad. lit.: Poucos [pagãos] se salvaram dos que estão ali.

3639. O sujeito desse e do verso anterior são os cônegos e os clérigos, do v. 3637. A expressão *cheff coroneſ* (cabeças coroadas) faz referência ao rito eclesiástico de primeiro grau do clérigo, realizado pelo bispo. É simbolizado pelo corte de cabelo em círculo no topo da cabeça, restando apenas a forma de uma coroa de cabelo na sua circunferência, corte que também se chama tonsura.

3641. A palavra *mahum* está em desacordo com a assonância da série.

3644. No livro dos Reis (IV *Regum* 20:2), o rei Ezequias, enfermo, ao ouvir o anúncio de sua morte pelo profeta Isaías, “voltou sua face à parede e orou ao Senhor” (*convertit faciem suam ad parietem, et oravit Dominum*).

CCLXV

Païen sunt morz alquant [cũfundue]
 y carl ad ja bataille uencue.
 De farraguce ad la porte abatue.
 or fet il ben que ^[elle neft] maiſ defendue
 prent la citet ^[od] ja gent i eſt uenue.
 par poeſtet icele noit i iurent.
 Fierſ eſt li reif a la barbe canue.
 e bramidonie leſ turf li ad rendueſ
 Leſ diſ ſunt grandeſ leſ cinquante menueſ.
 Mult ben eſpleitet qui dãneſ d'f aiuet.

Mortos são os pagãos, alguns em fuga,
 Carlos Magno venceu sua batalha.
 3650 De Saragoça já derrubou as portas,
 bem sabe agora, não será mais defendida.
 A cidade toma e sua gente entra,
 por possessão, aquela noite ali repousam.
 Orgulhoso está o rei da barba branca,
 3655 entregou-lhe as torres Bramidona;
 dez são grandes e cinquenta, as miúdas.
 Muito bem obra quem o Deus ajuda.

CCLXVI

Paſſet li iurz la noit eſt aſerie.
 clerſ eſt la lune y leſ eſteileſ flambient.
 Li empere ad farraguce pſe.
 a mil franceiſ funt ben cercer la uile.
 Leſ ſinagogeſ y leſ mahumerieſ.
 a mailz de fer y a cuigneſ quil tindrent.
 Fruiſſent leſ ymageneſ y treſtuteſ leſ ydeleſ.
 Ni remeindrat ne ſorz ne falſerie.
 Li reif creit ^{en} deu faire uoelt ſun ſerviſe.
 e ſi eueſque leſ eueſ beneiſſent.
 Meinent païen enteſ qual baptiſterie.
 Sor i ad cel q' carl cuntredi^[f]e [uoillet]
 Jl le fait pndre o ardeir ou ocire.
 Baptizet ſunt aſez pluſ de .c. milie.
 veir xpïen ne maiſ ſul la reine.
 en france dulce iert menea caitiue.
 co uoelt li reif par amur cunuertiſſet.

Cai a noite e já passou o dia,
 clara lua e as estrelas brilham.
 3660 O Imperador, Saragoça possuía,
 reenseavam, mil francos, toda a vila;
 as sinagogas e as maometerias.
 Com marretas e machados que ali tinham,
 as imagens e os ídolos rompiam;
 3665 não restaram farsas nem feitiçarias.
 O rei crê em Deus e cumpre a sua sina,
 os bispos já, suas águas bendiziam,
 e levavam pagãos à benta pia.
 Se algum contradizer Carlos queria,
 3670 prender, queimar ou matar já o fazia.
 Batizados, mais de cem mil já havia,
 tal cristãos, mas exceto a rainha.
 Será levada à Doce França, por cativa,
 por amor, o rei quer que seja convertida.

3648. A palavra *cũfundue* (confundidos) está escrita por segunda mão e não convém ao sentido do verso. Moignet (1985, p. 256) anota que no manuscrito V₄ consta: “postos em fuga” (*ternez em fuie*) e assim traduzem os demais editores e tradutores do cantar.

3655. As torres constituem a praça de defesa mais forte do castelo, porque o ato de entregá-las e/ou tomá-las, mais do que um grande simbolismo, é objetivo prioritário na estratégia militar. Para o nome de Bramidona, *vide* nota ao v. 2822.

IV - A Justiça

Regresso a Aix
CCLXVII

<p>Paſſet la noit ſi apt le cler ior. De ſarraguçe carl guarniſt leſ turſ. Mil cheualerſ i laiſſat puigneurſ. Guardent la uile a oef lempeor. Mandat li reiſ y ſi hume treftuz. e bramidonie quil meinet en ſa pfun. Maiſ nad talent que li facet ſe bien nun. Repairez ſt a ioie y a baldur. Paſſent nerbone par force y par uigur. uint a burdeleſ la citet de (...) deſur lalter ſeint ſeurin le baron. Met loliphan plein dor y de manguſ. Li pelerin le ueient ki la uunt. paſſet girunde a mult granz nefſ q' ſunt entrefque ablaiue ad Eduit ſun neuold.</p>	<p>3675 Passa a noite, o dia claro amanhece, ^{em} Saragoça Carlos guarneceu as torres, ^{onde} deixou mil cavaleiros lutadores, em seu benefício, guardam a cidade. ^{Mon}tou o rei e também todos os seus homens, 3680 ^e Bramidona, pois, levá-la presa querem, ^a intenção com ela é só fazer o bem. Retornaram em júbilo e felicidade, ^{Nar}bona passam em força e vitalidade. Chegam a Bordéus, famosa a cidade, 3685 sobre o altar do barão São <i>Severine</i>, ^{com} ouro e com mancusos deixa o olifante; ^{os} peregrinos que vão ali o veem. À Gironda passam com as grandes naves, ^e conduziram seu sobrinho até <i>Blaye</i>,</p>
---	--

3668. (Ant.) O termo *baptifterie*, que traduzimos por “benta pia”, trata-se da pia batismal, ou batistério.

3668. (Ant.) O termo *voillet*, do verbo *voler* (querer, desejar) está grafado por segunda mão e nenhum dos editores ou tradutores consultados o traduzem por considerá-lo supérfluo. Não obstante de sê-lo, convém a nossa proposta tradutológica em virtude da assonância.

3675. Sétimo dia na cronologia do cantar.

3679. O termo *mandat*, do verbo *mander* (enviar, fazer saber) não tem sentido satisfatório no verso, porque consensualmente os editores corrigem por *muntet* de *munter* (montar, montar a cavalo).

3681. A assonância desse verso, na tradução, é excepcionalmente à serie, masculina.

3683. O trajeto de Saragoça até Bordéus não justifica uma passagem por Narbona, muito próxima à costa mediterrânea francesa, portanto, em sentido oposto a Bordéus. É, não obstante, uma região profusa em lendas carolíngias, *locus* de um cantar do ciclo, *Aymeri de Narbonne*, aspecto que talvez tenha prevalecido à geografia, para o reconhecimento da plateia.

3684. Verso lacunar no manuscrito, sem rasura, porém. O segundo hemistíquio é, portanto, conjectural. Riquer (2003, p. 344, v. 3684) acrescenta o termo *renum*, que respeita o padrão de assonância e confere sentido ao verso, traduzindo por “cidade de renome”, conforme Bédier (1927, p. 279). Moignet (1985, p. 258) insere as reticências.

3686. Em trad. lit.: “Deposita o olifante cheio de ouro e de mancusos”; para “mancuso”, *vide* n. ao v. 621. Sobre esse verso, Riquer adverte que o olifante possivelmente não era o de Roldão, e que, provavelmente se tratasse de uma peça apócrifa, mas é de qualquer modo evidente que os visitantes contemporâneos à redação do cantar, poderiam contemplar a relíquia naquela igreja (RIQUER, 2009, p. 60).

3687. Esse verso, como os antecedentes, serviu de argumento para Bédier desenvolver a teoria individualista para a origem dos cantares de gesta (*vide* p. 28).

3688. Bordéus e *Blaye* estão divididas pelo Estuário da Gironda que desagua no Golfo da Biscaia, no Atlântico Norte e é formado pelos rios Dorgonha e Garona, entre os quais, encontra-se o mesopotâmico departamento de Gironda, na Nova Aquitânia. A travessia, portanto, só poderia se dar por via náutica.

y oliuer fun nobilie cumpaignun.	3690 ^e Oliveiro, seu companheiro nobre,
y larceuesque ki fut fagef y proz.	^e o Arcebispo, que foi sábio e valente.
en blancf farcouf fait metre lef feignurf.	^{Em} brancas tumbas, dispostos os senhores,
a feint Romain la gifent li baron.	^{ali} em São Romão, onde os barões, pois, jazem;
Francf lef cumadent a deu e a fef nunf.	^{fran} cos os encomendam a Deus e a seus nomes.
carlef ceualchet y lef ualf y lef munz.	3695 ^{Ca} valga Carlos por montanhas e por vales,
entrefqua aif ne uolt pndre fuiurn.	até <i>Aix</i> , tomar pouso já não querem;
tant cheualchat q'l descent al prun.	cavalgaram até no pórtico apearem.
cume il .ẽ. en fun paleif halcur.	Como estanto em seu palácio eminente,
par fef meffagef mandet fef iugeorf.	faz chamar seus juizes por mensagens.
Baiuerf y falfnef loherencf y Frijfurf.	3700 Frisões, bávaros, saxões e lorenenses,
alemanf mandet fi mandet borguignurf.	^e convocou alemães e borgonheses,
y peiteuin f y normanf y bretunf.	^a poitevinos, normandos e bretões,
de celf de france def plus faiuef q' funt.	e os mais sábios que há entre os franceses,
def ore cumencet le plait de guenelun.	^{de} Galalão o juízo é doravente.

Morte da Bela Alda CCLXVIII

Li emperef eſt repairet deſpaigne	3705 ^O Imperador é retornado da Espanha,
e uient a aif a meillor fied de france.	^e chega a <i>Aix</i> , a melhor sede da França.
Muntet el palaiſ eſt uenut en la fale.	^{Su} biu ao palácio, entrou na sua sala,
aſ li alde uenue une bele damifele.	eis ali, Alda, a bela donzela.
co diſt al rei o eſt Rolſ le catanie	Diz ao rei: “Cadê Roldão, para que eu o veja?”
ki me iurat cume ſa per a pndre.	3710 Pois jurou me tomar por companheira.”
carſ en ad e dulor y peſance.	Carlos sente tanta dor e tal tristeza,
pluret deſ oilz tiret ſa barbe blanche.	^{dos} olhos chora e arranca a branca barba:
Soer cher amie de hume mort me demandef.	“Minha irmã, por homem morto me perguntas!

3693. Trata-se de uma tradição que, evidentemente, transcendeu os limites literários de um cantar de gesta, pois as descrições desses lugares como ponto de adoração de relíquias, como no v. 3686, encontravam-se no Guia de peregrinos de Santiago de Compostela (*vide* pp. 40-41) e, conforme ainda anota Riquer (2003, p. 345), em 1526, Francisco I da França fez exumar o cadáver de Roldão que se encontrava na basílica de São Romão de *Blaye*, da que hoje restam apenas ruínas.

3694. O sentido de se encomendar alguém aos “nomes” de Deus (*De divinis nominibus*) faz referência a orações que os relacionam em diversas línguas que também aparecem em diversos escritos medievais. A novela occitana *El Román de Flamenca* (vv. 2278-2281) menciona “uma oração pequena (...) que é a dos setenta e dois nomes de Deus / tal como se diz em hebreu, latim e grego...” (em trad. livre da edição em castelhano traduzida pelo prof. Antoni Rossell, 2009).

3697. *Blaye*, na França, dista de Aquisgrão (*Aix*), na Alemanha, em mais 1000 km, trajeto percorrido por Carlos Magno e sua tropa nesse mesmo dia. Para o pórtico (*prun*) de *Aix*, vide nota ao v. 2556.

3709. Em trad. lit.: “Isto disse ao rei: ‘Onde está Roldão, o capitão?’”.

Jo ten durai mult eſſorcet eſchange.	^{Mas} te darei uma grande recompensa,
co eſt Loewiſ mielz ne fai a parler.	³⁷¹⁵ é Luís, alguém melhor não haveria;
Jl ~ meſ filz y ſi tendrat meſ marcheſ.	é meu filho e terá as minhas marcas.”
alde reſpunt ceſt mot mei eſt eſtrange.	^{Res} ponde Alda: “São palavras tão estranhas!
Ne place deu ne ſeſ ſeinz ne ſeſ angleſ.	Nem os anjos, ou santos ou Deus queira
apreſ Roll que io uiue remaigne.	que depois de Roldão eu reste viva!”
pert la culor chet aſ piez carlemagne.	³⁷²⁰ Perde a cor e, aos pés de Carlos, estatela,
Sempreſ eſt morte d’ſ ait mercit del anme.	morta já, queira Deus a sua alma;
Franceiſ baronſ en plurent y ſi la pleignent.	choram e lamentam os barões da França.

CCLXIX

Alde la bel eſt a ſa fin alee.	O seu fim já encontrou a bela Alda,
Quidet li reiſ que el ſe ſeit paſmee.	crê o rei que ela apenas se desmaia.
pitet en ad ſin pluret lempere	³⁷²⁵ Chora o Imperador e se lastima,
prent la aſ mainſ ſi len ad releuee.	e tomando-a pelas mãos já a levanta;
Defur leſ eſpalleſ ad la teſte clinee.	sobre os ombros inclinava a cabeça.
Quant carl ueit que morte lad truuee.	Quando Carlos viu que então estava morta,
Quatre cunteſſeſ ſempſ i ad mandeeſ.	já mandou chamar a quatro das condessas,
a un muſter de nuneinſ eſt portee.	³⁷³⁰ que a conduziram ao claustro de freiras;
La noit la guaitent entreſ qua laiurnee.	toda noite até o amanhecer a velam.
Lunc un alter belement lenterrent.	^{Jun} to ao altar, tão belamente, a enterraram,
Mult grant hon ^a i ad li reiſ dunee. AOI.	pois o rei lhe concedera grandes honras. AOI.

3715. Luís I, o piedoso; ou Luís, o justo; ou Ludovico Pío, como único filho sobrevivente de Carlos Magno e Hildegarsa de Vinzgouw, segunda esposa do Imperador, foi coroado co-imperador com o pai em 813, tornando-se o único em 814, com a morte de Carlos; antes, porém, quando à frente do governo de Aquitânia, já havia tomado ao pai a cidade de Barcelona dos muçulmanos em 801. Na batalha de Roncevaux, contudo, Luís não havia superado as fraldas, pois nascera naquele ano de 778.

UMA MANIFESTAÇÃO DO AMOR: Acerca da morte de Alda, Riquer (2009, p. 125) considera que “a *Chanson de Roland* é uma epopeia de guerreiros, e esses guerreiros são rudes francos, não meigos bretões como Tristão ou Lancelot, que por amores esqueceram tantas vezes de seus deveres de vassallos militares. Precisamente, com refinada arte, o autor do cantar nos faz ver esse aspecto tão característico de seus heróis, contrapondo a indiferença sentimental de Roldão e a grosseira frase de Oliveiro (vv. 1719-1721) ao profundíssimo amor da bela Alda, que não precisou de poções, como a loura Isolda, para que a levasse à morte”. O amor, que aparece em apenas quinze versos do cantar, não é referido ao sentimento de Alda. O amor é pacto (v. 622); é companherismo de batalha (vv. 1447, 2139, 3460); é fidelidade vassalática (vv. 3107, 3123, 3596, 3770, 3810, 3893); é jura a Deus (v. 3768); é o que une o par épico quando da morte de Oliveiro (v. 2009); é como deverá ser convertida a rainha Bramimonda (v. 3674); e é, finalmente, o que sente Carlos quando busca por seu sobrinho (v. 2897), mas, mesmo ele, o Imperador que também quer a morte ante a falta de Roldão (vv. 2939-2940), em seu lamento (ss. CCVI-CCIX) reclama mais pela diminuição da própria glória. Morrer gratuitamente por amor, como Isolda, apenas Alda, a bela, cujo amor é negligenciado pela ética guerreira do cantar.

O Juízo de Galalão CCLXX

<p>Li empere eſt repairet ad aif. Guenef li feſ en caeineſ de fer. en la citet eſt deuant le paleiſ. a un eſtache lunt atachet ^{eil} ferf. Leſ mainſ li lient a curreieſ de cerf. tref ben le batent a fuz y a iamelz. Nad deferuit que altre ben i ait. a grant dulur iloec atent ſun plait.</p>	<p>Para <i>Aix</i> o Imperador é retornado, ³⁷³⁵ o vil Galalão está em grilhões de ferro, ^{na} cidadela, diante do palácio, em um pau-de-arara ataram-no os servos, as mãos amarradas em cintas de couro. ^{Com} varas e porretes é bem açoitado, ³⁷⁴⁰ não merece nada melhor do que isto; ^{com} grande dor espera ali o seu processo.</p>
---	---

CCLXXI

<p>Jl eſt eſcrit en lanciene geſte. Q^e carl mandet humeſ de pluſurſ tereſ. aſemblez ſunt ad aif a la capele. halz eſt li iurz mult par [~] grande la feſte. Dient alq^{anz} del baron ſeint ſilueſtre. Def ore cumencet le plait y leſ noueleſ. De guenelun ki traifun ad faite. Li empere deuant fei lad fait traire. AOI.</p>	<p>^{Es}tá escrito numa tão antiga gesta, ^{que} o rei chamou vassalos de todas suas terras. Reuniu-os todos em <i>Aix</i>, na Capela, ³⁷⁴⁵ ^{solene} é o dia, muito grande é a festa; dizem que, de São Silvestre era o dia. ^{Co}meçarão alegações e as arengas, ^{de} Galalão, que em traição caíra; ^o Imperador manda que ante si o tragam. AOI.</p>
--	---

3742. Para a *anciene geſte*, vide nota ao v. 1443.

3746. A grande festa refere-se ao último dia do ano, dia de São Silvestre, data de falecimento de Silvestre I, o 33º papa, que viveu no século IV.

3747. O termo *noueleſ* (notícias) está aqui empregado no sentido das alegações de acusação e de defesa para o juízo de Galalão.

O PROCESSO DE GALALÃO – De acordo com Ruggero M. Ruggieri (*apud* Moignet, 1985, p. 267 e Riquer, 2003, p. 346), o juízo de Galalão se reveste de um arcaísmo que remonta o século IX. Nesses moldes, apesar de que Carlos Magno possa mandar torturar Galalão (vv. 1819-1820), como numa espécie de instauração do processo, não lhe é facultado o direito de julgá-lo nem de lhe dar a morte. Seu julgamento se dará por uma alta corte formada por representantes da aristocracia de todo o império. Procedido assim o conselho, mas havendo, porém, um desafio em contrário do seu parecer, o veredito final não caberá a um poder temporal, mas ao próprio Deus. O desafio, conforme anota Velasco (2000, p. 119), é um privilégio facultado à nobreza para demonstrar sua inocência ou culpabilidade alheia. Esse procedimento legal chamado de “juízo de Deus” ou “ordália” pode consistir em combates singulares ou provas atroztes como o caminhar pelo fogo, sustentar de mãos nuas ferros incandescentes, ou até verificar se uma vítima morta, ante a presença de seu suposto assassino, sangra ou mesmo o indica. Na opção dos combates singulares, como no *Cantar de Mio Cid* com o processo contra os infantes de Carrion (vv. 3533-3707) e como veremos nesse juízo de Galalão, enfrentam-se os representantes de cada parte e, do resultado, pressupõe-se a vontade de Deus, que não consentirá ao justo sofrer dano. Essa arcaica estrutura legal, tanto feudal como monárquica, garantia a autonomia jurídica da nobreza.

CCLXXII

Seignorſ baronſ diſt carlemagneſ li reiſ.
 de guenelun car me iugez le dreit.
 Il fut en loſt trefque en eſpaigne od mei.
 Si me tolit .xx. milie de meſ franceiſ.
 e mun neuold que iamaiſ ne uerreiz.
 e oliuer li proz y li curteiſ.
 Leſ .xii. perf ad trait por aueir.
 Diſt guenelon fel ſeie ſe iol ceil.
 Rolſ me forfiſt en or & en aueir.
 pur que io quiſ ſa mort y ſun deſtreit.
 Maiſ traifun nule nen i otrei.
 Reſpudent franc ore en tendrũ cunſeill.

3750 “Meus senhores barões – diz Carlos Magno –
^{de} Galalão, julgai-me agora seu direito.
^Até a Espanha, em minha hoste foi comigo,
^{Ar}rebatou-me então vinte mil francos,
^e quem jamais reverei, o meu sobrinho,
 3755 e o nobre e cortês, o Oliveiro;
^e por haveres, doze pares que, traídos.”
 Galalão diz: “Serei falso se o escondo,
^{Rol}dão lesou-me em haveres e em ouro,
^{bus}quei assim sua ruína e seu decesso;
 3760 mas nenhuma traição eu reconheço.”
 Francos dizem: “Teremos já conselho!”

CCLXXIII

Deuant le rei la feſtut guenelun.
 corſ ad gaillard el uif gente color.
 Sil fuſt leialſ ben reſemblaſt barun.
 veit celſ de france y tuz leſ iugeurſ.
 De ſeſ parenz .xxx. ki od lui ſunt.
 puiſ ſeſ criat halternt a grant uoeiz.
 p^a amor deu car mentendez baronſ.
 Seignorſ io fui en loſt auoec lempeur.
 Serueie le par feid y par amur.
 Rolſ ſiſ nieſ me coillit en haur.
 Si me iugat a mort y a dulur.
 Meſſage fui al rei marſiliun.
 par mun ſaueir uinc io a guarifũ
 Jo deſſiai Rolſ le poigneor.
 y oliu y tuiz lur cumpaignun.
 carſ loid y ſi nobilie baron.
 venget men ſui maiſ ni ad traifun
 Reſpudent francſ a conſeill en irumſ.

Frente ao rei, Galalão ali estava,
^{robusto} corpo, face bela e corada;
 se leal, um barão pareceria.
 3761 Observa os juízes e os da França,
^e os seus parentes que com ele ali são trinta.
^A grandes vozes, fortemente, depois grita:
 “Entendei-me, barões, por Deus, agora!
 Com o rei eu estive na armada,
 3770 e por fé e por amor eu o servia.
 Seu sobrinho, Roldão, tomou-se em ira,
^e condenou-me à morte e à agonia.
 Fui ao rei Marsílio como embaixada,
 só logrei garantir-me por astúcia,
 3775 e desafiei Roldão, que é dado a lutas,
^e Oliveiro e toda sua companhia;
 ouviu Carlos e os barões da sua nobreza,
^{vin}guei-me, mas, traição não há nenhuma.”
 “Teremos o conselho!” – Dizem os da França.

CCLXXIV

Quant guenef ueit que jef g^{anz} plaiz curñcet.³⁷⁸⁰ Galalão viu começar o seu juízo,
 De jef parenz ensemble (en) i out trente. ^{com} ele trinta dos parentes estão juntos.
 v nen i ad a qui li altre entendent. ^{Ha}vía um mais escutado pelos outos,
 co ~ pinabel del castel de forence. ^o Pinabel, em Sorença é seu castelo;
 Ben jet parler e dreite raifun rendre. em falar e manter razão é sábio,
 vassals ~ bons por jef arnef defendre. AOI. ³⁷⁸⁵ e para defender as armas, bom vassalo. AOI.

[...]

Co li dist guenef en uof ami Galalão diz: “Sois vós o meu amigo,
 getez mei hoi de mort y de calunie. que me livrará da morte e do infortúnio!”
 Dist pinabel uof ferez guarit sempref. Pinabel diz: “Sereis vós logo salvo.
 Ni ad francef ki uof iuget a pendre. ^{Que} vos condene à força não há nenhum franco,
 v lempe le^r noz douf corf en asemblent. ³⁷⁹⁰ onde o Imperador nos junte corpo-a-corpo,
 al brarant dacer que io ne len desfmente. ^{que} eu não desminta em minha lâmina de aço.”
 Guenef li quenf a jef piez je presente. Galalão, a seus pés, está prostrado.

CCLXXV

Bauier y faifnef junt alet a conseill Foram bávaros, saxões para o conselho,
 e peiteuin y norman y franceif. e franceses, normandos, poitevinos;
 afez i ad alemanf y tiedeif. ³⁷⁹⁵ ali há muitos alemães e galos.
 Jcelf daluerne i sunt li plus curteif. Os da Alvernia são os mais educados,
 pur pinabel se cuntient plus quei. ^{por} Pinabel, se contêm, estão mais calmos:
 Dist lun al altre bien fait a remaneir. “Por aqui, parar, convém – diz um ao outro –
 Laifum le plait y fi preium le rei. ^{dei}xemos o processo e ao rei roguemos,
 Que guenelun cleimt quite ceste feiz ³⁸⁰⁰ desta vez, por Galalão inocentado;
 puij fi li seruet par amur y par Feid ^{que} vá então, por amor e fê, servi-lo.
 Morz est Roll ia maif nel reuereiz. O Roldão já não veremos, pois é morto,
 Nert recuuret por or ne por aueir. não se o recupera nem mesmo por ouro;
 Mult jereit folf ki aa se cumbatreit. quem, por ele, combater será um tolo.”
 Nen i ad celoi nel graant y otreit. ³⁸⁰⁵ Não há quem não esteja de acordo,
 Forf ful tierri le frerere dam geifreit. AOI. ^{Ex}ceto Teodorico, irmão do Godofredo. AOI.

3795. O termo *tiedeif*, os tiedeses, que traduzimos por “galos”, faz referência linguística aos povos de línguas de *oïl* para as galo-românicas da França setentrional, em oposição aos valões, de fala germânica.

CCLXXVI

A charlemagne repairent fī barun.	Os barões voltam ao Imperador,
Dient al rei fīre n ^o uof prium.	ao rei dizem: “Rogamo-vos, senhor,
Que clamez quite le cunte guenelun.	^a Galalão declareis quite, sem rancor;
puiſ fī uof seruet p feid y par amor.	³⁸¹⁰ e vos sirva já, por fê e por amor.
viüre le laifez car mult ~ gentilz hoem.	^{Dei} xai-o vivo pois é homem de valor,
Ja por murir nen ert veud gerun.	e se morto não veremos nem sua cor;
Ne por aueir ia nel recuuerum.	não o teremos mais nem por qualquer valor!”
co diſt li reiſ uof eſteſ mi felun. AOI.	“Desleais sois comigo!” – O rei falou. AOI.

Combate entre Teodorico e Pinabel
CCLXXVII

Quant carl ueit que tuz li funt faillid.	³⁸¹⁵ Quando Carlos vê que todos lhe falharam,
Mult len brunchit y la chere y le uif.	^a baixa muito o seu rosto e sua cara;
al doel quil ad fī ſe cleimet caitif.	^{de} tanta dor, um coitado se achava.
aif li deuant unſ cheualerſ	Ante ele um cavaleiro, eis que havia,
Frere gefrei a un duc angeuin.	^{Ir} mão de Godofredo, o angevino, era.
heingre out le corſ y g ^a iſle y eſchewid.	³⁸²⁰ ^{Es} belto, ágil, de compleição magrela,
Neirſ leſ cheuelſ y alqueſ bruni.	^{Ca} belos negros e a pele algo morena.
Nefſ guereſ granz ne trop nen eſt petiz.	Estatura nem grande nem pequena,
Curteifement al empere ad dit.	cortesmente ao Imperador falava:
Belf fīre reiſ ne uof dementez fī.	“Belo rei, meu senhor, já não se aflija,
Ja ſauez uof que mult uof ai ſeruit.	³⁸²⁵ vós sabeis que vos servi sobremaneira.
par anceiſurſ dei io tel plait tenir.	Quero, por meus ancestrais, que o pleito siga,
Que que Roll a guenelun forſſeſiſt	que Roldão, a Galalão lesado haja,
vrē ſeruife len douſt bien guarir.	^{ser} vindo a vós, guardar-vos ele deveria.

3786. (Ant.) No manuscrito esse verso inicia com letra capitular e é antecedido por AOI, mas não foi considerado, entre os editores, como nova série. O termo *ami* (amigo), ligeiramente afastado e menos nítido, porém legível, deu margem a suposição de corrupção do verso. Assim, Riquer (2003, pp. 352) conjectura: “Galalão disse: ‘Em vós tenho minha confiança’” (*Ço li dist Guenes: “En vos ai ma fiance”*). Bédier (1927, p. 287) e Moignet (1985, p. 265) apresentam reticências. Lemos, contudo, como completo seu sentido.

3809. Em trad. lit.: Que declareis inocente o conde Galalão.

3812-3813. O termo *gerun* tem tradução não consensual. Alguns editores, suprimindo esse termo, leem esses versos como referidos a Roldão, recuperando o argumento exposto nos vv. 3802-3803, acrescentando seu nome à tradução, assim faz Bédier (1927, p. 289). Seguimos a leitura de Segre, conforme Riquer (2003, p. 276) e conforme a exemplificação do AND, que traduz *gerun* por *trace* (traço, vestígio). Nesse sentido, entendemos esses versos, em paralelismo aos vv. 3802-3803, como uma variação condicional aplicada à Galalão para o argumento daqueles.

Guenef est felf dico quil le trait.		Galalão é falso porque traiçoa,
verf uof fen ≈ pariurez e malmif.	3830	por lesar-vos ele assim só vos renega.
pur co le iuz io a pendre y a murir.		Por isso o condeno à morte pela forca,
e fun corf metre si cume fel ki felonie fist.		como pérfido, seu corpo submeta.
Se or ad parent ki men uoeille desfírtir.		Se há um parente seu que desmentir me queira,
a cefte efpee que io ai ceinte ici.	3835	com essa espada que eu levo aqui cingida,
Mun iugement uoel fempref garantir.		dou do meu julgamento a garantia!”
Refpudent franc or auez uof ben dit.		“Bem dissestes!” – Respondem os da França.

CCLXXVIII

Deuant lu rei est uenuz pinabel		De Carlos Magno, Pinabel está diante,
Granz ≈ y forz y uaffalf y ifnel.		é valente, ligeiro, grande e forte;
Quil fiert a colp de fun tenf ni ad maif.	3840	não há quem sobreviva a seu golpe.
y dift al rei fire urē ≈ li plaiz.		“Vosso é o pleito – ao rei ele disse –
car cumandez que tel noiße ni ait.		ordenai que já não haja tais rumores.
ci uei tierri ki iugement ad fait.		Teodorico, seu juízo já emite,
Jo fi li fals od lui men cumbatrai.		pois o desminto e combaterei com ele.”
Met li el poign de cerf le destre quant.	3845	Com sua luva de cervo a destra veste.
Dift li empes bonf pleges en demant.		“Bom calção eu exijo!” – O rei disse;
.xxx. parenz li pleuiffent leial.		os parentes, trinta, juram lealdade.
co dift li reif e iol uof recraai.		Disse o rei: “Devolverei a liberdade.”
Fait celf garder tresque li dreiz en ferat. AOI.		Faz guardá-los até que o pleito se julgue. AOI.

3818. (Ant.) Todos os editores e tradutores consultados acrescentam nesse verso o nome de Teodorico, o duque de Argona, sem admitir sua possível pressuposição pelo parentesco com Godofredo d’Anjou; comparem-se os vv. 3806 e 3819.

3826. Riquer (2003, p. 355) anota a possibilidade de ser facultado à dinastia dos angevinos a apelação judiciária já que gozavam da dignidade hereditária de serem gonfaloneiros e senescals do rei.

3832. Em trad. lit.: [e] a seu corpo subjugar como um pérfido que cometeu perfidia. Esse verso extrapola, em AN, a métrica decassílaba. Todos os editores consultados o particionam: “*e fun corf metre... / si cume fel ki felonie fist*” admitindo, com isso, uma possível lacuna depois do verbo *mettre*, *meter* (submeter), e Riquer (2003, pp. 354-356, vv. 3832-3833) conjectura: “e a submeter seu corpo vivo a grande tortura / como pérfido que cometeu perfidia” (*e sun cors metre a grant turment tut vif, / si cume fel ki felonie fist*). Bédier (1927, p. 290) e Moignet (1985, p. 266) particionam o verso e apresentam reticências nesse, 3832. Na nossa proposta tradutológica admitimos a variação métrica como uma tolerância da oralidade e a plausibilidade da pressuposição do objeto indireto do verbo *mettre* (submeter).

3839-3840. Esse combate foi comparado, pelos comentadores do cantar, com o do jovem David, de gentil aspecto (*Erat enim adolescens, rufus, et pulcher aspecto*) contra aquele que saiu do campo dos filisteus, o bastardo de nome Golias de altitude de 2,83m, cujo peso da loriga era de 57 kg (*Et egressus est vir spurius de castris Philistinorum nomine Goliath ... altitudinis sex cubitorum et palme ... porro pondus loricae eius, quique milia siclorum eris erat*). Comparem-se esses, ao v. 3820 e a I Samuel 17:4-5, 42.

3848. Ao verbo *recrerai* falta, no manuscrito, a vogal temática /e/. Moignet (1985, p. 268) anota seu sentido como “libertar sob fiança”, o que poderíamos atualizar pela medida judicial da prisão preventiva.

CCLXXIX

Qvant ueit tierri quor en ert la bataille.	3850	Vê Teodorico que haverá batalha,
Sun destre guant en ad presentet carle.		e apresenta a Carlos sua destra luva.
Li empere li recreit par hostage.		^o Imperador o deixa livre em garantia,
puiſ fait porter .iiii. bancſ en la place.		faz levar quatro bancos lá para fora,
La uunt fedeir cil kif deiuent cūbatre.		^{on} de sentar-se, os combatentes possam.
Ben sunt malez par iugement deſ altreſ.	3855	Estão bem desafiados, assim pensam,
Sil purparlat oger de denemarche.		^{os} termos pôs Ogiero, que é da Dinamarca,
e puiſ demandent lur cheualſ y lur armeſ.		então pedem cavalos e as armas.

CCLXXX

Puiſ que il sunt a bataille iustez. AOI.		Logo estão para a batalha reunidos,
Ben sunt cunfes y aſolſ y feignez		^{per} signados já, confessos e absoltos.
oent lur meſſeſ e sunt acuminiez.	3860	Já ouviram missa e vão comungados,
Mult granz offrendeſ metent par cez muſterſ.		oferendas tantas deixam aos mosteiros.
Deuant carlun andui sunt repairez.		Os dois voltam diante do rei Carlos,
Lur eſpunſ unt en lor piez calcez.		já de esporas, eles vão bem envergados:
veſtent oſbc blancſ y forz y legerſ.		Com lorigas brancas forte e leve o aço,
Lur helmeſ clerſ unt fermez en lor cheſſ.	3865	e bem firmes nas cabeças, elmos claros.
ceinent eſpeeſ en heldeef dor mier.		^{Cin} gidas as espadas, guardas de ouro puro,
en lur colſ pendent lur eſcuz de quarterſ.		^{es} cudos quartelados pendem dos pescoços.
en lur puinz deſtreſ unt lur trenchanz eſpiez.		Afiadas lanças no lado direito,
puiſ sunt muntez en lur curanz deſtreſ.		já vão montados em seus ágeis destreiros.
Jdunc plurerent .c. milie cheualierſ.	3870	Então choram cem mil dos cavaleiros,
Qui pur Rolſ de tierri unt pitiet.		^{que} por Roldão, têm compaixão de Teodorico;
d'ſſet aſez cument la finſ en ert.		Deus bem sabe a que fim o leva isto.

A DEFESA – Galalão faz sua própria defesa ao longo de dez versos (3768-3778) alegando não haver traição em seus atos, pois desafiara publicamente a Roldão, a Oliveiro e aos doze pares (vv. 322-326). Sobre esse aspecto jurídico, comenta Menéndez Pidal (*apud* MOIGNET, 1985, pp. 269; 271): “Não acho que seja necessário conhecer cientificamente a história do direito francês para afirmar que Galalão confunde injustificadamente o direito público e o direito privado. Galalão poderia executar sua vingança cara-a-cara com Roldão e os doze pares, pois os desafiara, mas ele não pode exercer seu direito causando a morte de vinte mil franceses da hoste do Imperador, o senhor natural daquele que lançou o desafio e daqueles que foram desafiados. Não há necessidade de nenhuma prova jurídica para determinar o caráter criminoso dessa vingança.” Nessa perspectiva, é justificado o desafio de Teodorico a Pinabel. Haverá combate, e a justiça de Deus só pode se manifestar em uma direção.

CCLXXXI

Dedeſſuz aif ≈ la pe mult large.
 def douf barunf iuftee eft la bataille.
 cil ſt produme y de grant uafſelage.
 y lur cheualf ſt curanz y aatef.
 brochent lef bien tutef lef reſnef laſquent.
 par grant uertut uait ferir lunf li altre.
 tuz lur eſcuz i fruiſſent y eſquaſſent.
 Lur oſbcf rūpent y lur cenglef depiecent.
 Lef aluef turnent lef felef cheent a tere.
 .c. mil humef i plurent kif eſguardent.

Frente a *Aix* há um prado muito grande,
 dos barões está ajustado o combate.
 3875 São de grande valentia os bravos homens,
 e seus cavalos bem treinados e velozes.
 Aguilhoam à toda rédea, as que bem cedem,
 com vigor, um ao outro acometem.
 Seus escudos tanto esfrangalham, rompem,
 3880 arrebentam chinchas, lorigas destroem.
 Volcam os arções e à terra as selas caem,
 lá, chorando, os fitam cem mil homens.

CCLXXXII

At tere ſunt ambdui li cheualer. AOI.
 Jſnelement ſe drecent ſur lur piez.
 pinabelf ≈ forz y iſnef y legerf.
 Li unſ requiert laltre nunt mie def deſtrerf.
 de cez eſpeef en heldeef dor mer.
 Fierent e caplent ſur cez helmeſ dacer.
 Granz ſunt leſ colpf aſ helmeſ detrencher.
 Mult ſe deſtent cil franceif cheualer
 e d'ſ diſt carl le dreit en eſclargiez.

À terra são os dois cavaleiros, AOI,
 eles erguem-se, já sobre os pés, tão prestos.
 3885 Pinabel é forte, rápido, ligeiro,
 um defronta o outro, já não têm destreiros.
 Com as espadas em guarda de ouro puro,
 atacam e golpeiam nos elmos de aço.
 Grandes golpes para destroçar os elmos,
 3890 desesperam-se os cavaleiros francos;
 Carlos diz: “Iluminai, Deus, o direito!”

CCLXXXIII

Diſt pinabel tierri car te recreiz.
 teſ hom ſerai par amur y par feid.
 a tun plaiſir te durrai mun auer.
 Mais guenelun fai acorder al rei.
 Reſpont tierri ia nen tendrai cunſeill.
 tut ſeie fel ſe io mie lotrei.
 d'ſ facet hoi entre nuſ douf le dreit. AOI.

“^{De}tem-vos Teodorico! – diz o Pinabel –
^{va}ssalo vosso eu serei em amor e fé!
 Em proveito vosso deixo o meu haver,
 3895 ^{se} a Galalão, reconciliardes com o rei.”
 Diz Teodorico: “Isto eu não aceitarei,
 do contrário todo pérfido eu serei;
 a justiça, entre nós, Deus vai fazer!” AOI.

3892. Ao contrário de todas as demais obras consultadas, Moignet (1985, p. 270) anota que o verbo *recreire* cumpre aqui o sentido de “cessar a batalha” e não de se declarar vencido ou render-se (*vide v.* 393), como comumente foi traduzido, mesmo entrando em contradição com o verso seguinte.

CCLXXXIV

Co dift tierri pinabel mult ief ber.
 granz ief e forz e tif corf ben mollez.
 De uafjelage te conoiſſent ti per.
 ceſte bataille car la laiſſef eſter.
 a carlemagne te ferai acorder.
 De guenelun iuſtife ert faite tel.
 Jamaif nert iur que il nen feit parlet.
 Dift pinabel ne placet dānedeu.
 Suſtenir uoeill treſtut mun parentet.
 Nen recerrai pur nul hume mortel.
 Mielz uoeill murir quil me feit repuet.
 De lur eſpeef cumencent a capler.
 Defur cez helmeſ ki funt a or gomez
 cuntre le ciel en uolet li fouſ tuz clerſ.
 Jl ne poet eſtre quil ſeient deſfeurez.
 Seinz hume mort ne poet eſtre afinet.

/AOI.

Diz Teodorico: “Pinabel, sois muito bravo,
 grande e forte e de corpo bem moldado.
 Sois, por valentia, tão reconhecido,
 deixar essa batalha nós devemos.
 Eu vos ponho em acordo com o Carlos Magno,
 de Galalão justiça tal nós a faremos,
 que não haverá dia em que não falem disso.”
 Pinabel diz: “Não praza a nosso Deus!
 Defender a parentela toda eu quero,
 por nenhum mortal homem retrocedo!
 Eu prefiro a morte a ser reprochado.”
 Com as espadas golpeiam em duelo,
 sobre o ouro incrustado dos seus elmos.
 Contra o céu, faíscas claras voam alto,
 já não é possível serem separados,
 nem ao fim chegar sem que haja um homem morto.

/AOI

CCLXXXV

Mult par eſt pz pinabel de ſorence.
 Si fiert tierri ſur lelme de puence.
 Salt en li fouſ que lerbe en fait eſprendre.
 del brant dacer la mure li preſentet.
 defur le frunt li ad faite deſcendre.
 par mi le uif li ad faite deſcendre.
 La deſtre ióe en ad tute ſanglente.
 Loſbc del doſ ioſque par ſum le uentre.
 D’f le guarit que mort nel acrauentet. AOI.

Muito bravo é Pinabel, o de Sorença,
 ataca em Teodorico, o elmo de Provença,
 saltam tantas chispas que incendeia a relva,
 da sua lâmina de aço mostra a ponta;
 sobre a frente, lhe dá a investida;
 bem na cara, lhe dá a investida.
 A bochecha está toda ensanguentada,
 e desde as costas até o ventre, a loriga;
 porque não desmorte morto Deus o guarda. AOI.

3919-3920. O segundo hemistíquio repetido foi considerado por Bédier equívoco do copista e apresenta reticências no v. 3920 (1927, pp. 296-297); Riquer (2003, pp. 362-363) conjectura: “[a ponta de aço] fez cair sobre a frente, corta-lhe o elmo na metade do rosto.” (*desur le frunt li ad faite descendre / par mi de vis sun helme li detrenchet*); Moignet (1985, p. 273) traduz tal como se apresenta no manuscrito, com o que concordamos, mesmo considerando o suposto equívoco apontado por Bédier, mas cabe a inegável possibilidade de que seja uma epístrofe intencional do poeta, especialmente eficiente na transmissão oral.

CCXXXVI

Co ueit tierriř que el uif eřt ferut.	Teodorico vê que o rosto está ferido,
Li řancř tuz clerř en chiet el pred herbuř.	³⁹²⁵ seu sangue claro escorre no herboso prado,
Fiert pinabel řur lelme dacer brun.	^a Pinabel ataca no elmo polido,
Juřqual nařel li ad fait efendut	^a té o nasal o deixa roto e fendido.
Del chef li ad le ceruel eřpandut.	Espalhou da cabeça seus miolos,
Brandit řun colp ři lad mort abatut.	^{bran} diu o golpe e o derruba morto;
a iceřt colp eřt li eřturř uencut.	³⁹³⁰ com esse golpe o desafio foi vencido.
eřcrient franc d'ř i ad fait uertut.	“Deus nos fez um milagre! – Gritam francos –
ařez ~ dreiz que gueneř řeit pendut.	É justo que Galalão seja enforcado,
e ři parent ki plaidet unt pur lui. AOI.	^e seus parentes que, em fiança, estão guardados.” AOI.

CCLXXXVII

Qvant tierriř ad uencue řa bataille.	Ao vencer, Teodorico, sua batalha,
venuz i eřt li empere carleř.	³⁹³⁵ Carlos, o Imperador se aproxima,
enřemblod lui de řeř barunř quarante.	junto dele seus barões, lá vão quarenta,
Naimeř li dux oger de danemarche.	Nemé, o duque e <i>Ogier</i> da Dinamarca,
Geifrei daniou y wiřłalme de blaive.	^o Godofredo e o Guilherme da Aquitânia.
Li reiř ad priř tierri entre řa brace.	^A Teodorico, entre os braços, o rei toma,
tert lui le uif od řeř granz pelř de martre.	³⁹⁴⁰ ^{en} xuga sua face com peles de marta;
celeř met iuř puiř li afublēt altreř.	estas jogam, logo vestem-no de outras.
Mult řuauet le cheualer deřarment.	^o cavaleiro suavemente desenvergam,
(Muntet l'unt) Fait en une mule darabe.	^{mon} tar o fazem numa mula da Arábia.
Repairet řen a ioie y a barnage.	Retornou o baronato em alegria,
vient ad aiř deřcendent en la place.	³⁹⁴⁵ ^{che} gando a <i>Aix</i> , desmontaram na pracinha;
Deř ore cumencet lociřiun deř altreř.	a matança dos demais começa agora.

3931. O substantivo *vertut* tem aqui o valor de “milagre”, como manifestação divina para o resultado do pleito, o que reforça a ideia do Juízo de Deus para essa forma de combate. O fato de ser esse veredito um milagre se justifica dada a discrepância física dos combatentes, em desfavor a Teodorico (*vide* nota aos vv. 3839-3840).

3936. Todos os editores e tradutores consultados corrigem o numeral *quarante* (quarenta) por *quatre* (quatro), visto que são apenas quatro relacionados nos dois versos subsequentes.

3937. Na tradução desse verso procedemos a uma variação, não rara no cantar, do nome Ogiero por *Ogier*, como em AN, por imposição métrica e rítmica.

3938. Traduzimos *Blaye* por Aquitânia, considerando se tratar esta da região administrativa daquela.

3943. Todas as edições e traduções consultadas acrescentam ao primeiro hemistíquio a conjectura que transcrevemos parentética.

Suplício de Galalão
CCLXXXVIII

<p>Carlef apelet Jef cuntet y Jef dux. Que me loez de celf quai retenuz. pur guenelun erent a plait uenuz. pur pinabel en ofstage renduz. Refpudent franc ia mar en uiurat unj. Li reif cumandet un joen ueier bajbrun. va jif pent tuz al arbre de mal fuft. (par) ceſte barbe dunt li peil funt canuz. (Se unj) eſcapet morz iez y cunfunduz. cil li reſpunt quen fereie io el. (od) .c. ferianz par force lef cunduit. .xxx. en i ad dicelf ki funt pendut. ki hume traift fei ocit y altroi. AOI.</p>	<p>Os seus condes e duques chama Carlos: “Aconselhai-me sobre os que estão guardados. ^{Por} Galalão eles vieram ao juízo, ³⁹⁵⁰ ^{por} Pinabel, como reféns, foram entregados.” “Que em má hora viva um só!” – Respondem francos, O rei diz que venha Basbrun o seu carrasco: “Vê, pendura todos em algum mal tronco! ^{Por} essa barba que brancos tem os pelos, ³⁹⁵⁵ ^{se} escapa um, sejas morto e arruinado!” ^{Res}ponde ele: “O que mais fazer eu posso?” ^{Com} cem serventes vão, por força, conduzidos. Trinta são os que foram enforcados, mata a si, o que trai, e mata a outros. AOI.</p>
---	---

CCLXXXIX

<p>Puif funt turnet bauier y aleman. e peiteuin y bretun y norman. (Sor tuit) li altre lunt otriet li franc. Que guenef moerget par merueilluf ahan. (Quatre) deſtreſ funt amener auant. puif jfi li lient y lef piez y lef mainj. Li cheual funt orgoilluf y curant. Quatre ferianz lef acoeuillent deuant. deuerf un ewe ki eft en mi un căp. Guenef eft turnet a pditiun grant. treſtuit jfi nerf (mult) li funt eſtendant. y tuit li membre de fun corf derũpant. (Sur) lerbe uerte en eſpant li cler ſanc. Guenef ~ mort cume fel recreant. hõ ki traift alt’e neneſt dreiz quil ſen uant.</p>	<p>³⁹⁶⁰ Já retornam os alemães, também os bávaros, e bretões e normandos, poitevinos. Sobre os outros, julgaram nossos francos, e Galalão, que morra em grave suplício. Quatro dos destreiros são ali trazidos, ³⁹⁶⁵ e os pés e as mãos a eles são atados. São velozes e indomáveis os cavalos, por serventes, a avançar foram incitados, sobre um charco no meio daquele campo. Galalão chegou ao seu profundo ocaso, ³⁹⁷⁰ foram muito estendidos os seus nervos, até do corpo arracarem-se seus membros. Sobre a relva verde espalha o sangue claro, Galalão, como pérfido, é morto, pois quem trai, jactar-se não é justo.</p>
---	--

3968. Parece forçada a hipótese de Riquer (2003, p. 365) em ler o termo *ewe*, apenas aqui, como derivação latina de *equa* (égua), já que não há amparo lexical em AN e os destreiros já foram incitados por serventes no verso anterior. Concordamos com Moignet (1985, p. 275) que traduz *ewe* como “curso de água”, como nos vv. 1778, 1831, 2225, 2465, 2640 e 2758.

A conversão CCXC

Quant li emperef ad faite fa ueniance.
Sin apelat sef euesquef de france.
celf de bauiere y icelf dalemaigne.
(en) ma maifun ad une caitiue franche.
tant ad oit y fermunf y effamplef.
creire uoelt deu xpientet demandet.
baptizez la pur quei d'f en ait lanme.
cil li respudent or feit fait p marrenef.
afez cruiz y linees dames.
af bainz ad aif mult funt granz lef CL.
La baptizent la reine despaigne.
truue li unt le num de iuliane.
xpïene est par ueire conoifance.

3975 Quando fez, o Imperador, sua vingança,
já chamou os seus bispos lá da França;
os da Baviera e os da Alemanha:
“Em minhas mãos há uma tão nobre cativa,
ouviu tantos sermões, tantos *exempla*.
3980 Crê em Deus e o cristianismo quer agora,
batizai-a, que Deus tenha sua alma.”
Respondem eles: “Seja feito com madrinhas,
muitas cruces e muitas nobres damas!”
Nos grandes banhos d’*Aix* são cento e cinquenta,
3985 lá batizaram a rainha da Espanha,
encontraram-lhe o nome Juliana;
é cristã, por verdade e por ciência.

A sina do Imperador CCXCI

Qvant lempere ad faite fa iustife
e esclargiez est la fue grant ire.
en bramidonie ad xpientet misse.
paffet li iurz la nuit ~ aserie.
culcez fest li reis en fa cambre uoltice.
Seint gabriel de part deu li uint dire.
Carlef fumun lef oz de tun empie.
par force iraf en la tere de bir(e).
Reif uiuien fi succuraf en imphe.
a la citet que paien unt asise.
Li xpïen te recleimen(t y) crient.
Li empere ni uolifit aler mie.
d'f dist li reis fi penuse est ma uie.
pluret des oilz fa barbe blanche turet.
ci falt la geste que tuold^o declinet.

Quando fez, o Imperador, sua justiça,
e fez mitigar a sua grande ira,
3990 e Bramidona deixou cristianizada,
caiu a noite, então passado o dia.
Recolheu-se o rei na alcova abobadada,
São Gabriel, da parte de Deus, lhe falava:
“Junta, Carlos, do império, toda a armada,
3995 por força irás para a terra de Bira.
So correrás o rei Viviano em Infa,
a cidade que pagãos ainda sitiam;
os cristãos invocam e a ti reclamam!”
O Imperador, que acudir mais não queria,
4000 disse então: “Deus, penosa é minha vida!”
Chora os olhos e da barba branca tira.
Eis finda a gesta que Tuoldus declina!

3979. (Ant.) O termo *effamplef* tem o sentido de narrativas exemplares, o que traduzimos pelo termo latinizado em plural, como usado na retórica clássica, pois dessa disciplina se tratava quando da provisão cultural desses paradigmas ético-moralizantes.

3984. (Ant.) Apesar de Bédier (1927, p. 302) e Moignet (1985, p. 276) transcreverem esse verso até a última letra /c/, seguindo com as reticências, entendemos que o verso possa estar completo, uma vez tratando-se do numeral CL, após o qual se vê o ponto de fim de verso. O sentido, não obstante, não deixa de ser um desafio tradutológico, e Riquer (2003, pp. 366-367) conjectura: “Nos banhos de Aix há grande concurso de gente” (*As bainz ad Ais mult sunt granz les cumpaignes*). Moignet (1985, p. 277) conjectura na tradução: “Nos banhos, em Aix, grandes são as piscinas (?)” (*aux bains, à Aix, grandes sont les piscines* (?)).

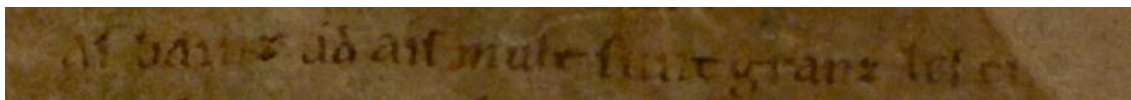


Figura 25: Ms. O., fl. 72r., v. 3984.

3986. (Ant.) Conforme anota Rodríguez Velasco em sua tradução da gesta *Daurel y Betón* (2000, p.125), o batismo pressupõe a alteração do nome, a fim de mostrar a totalidade da conversão, como uma nova identidade espiritual que carrega no novo nome. Diferente, porém, ocorre com com a Erimena, princesa de Babilônia, quando o jovem *Betos* envia a buscá-la como esposa, “mantém seu nome, pois ela não quer alterá-lo” (*So nom li laissa, que (no) nolh vol cambier*, v. 2082), e também com Guibourc, esposa do conde Guilherme de Orange na *Chanson de Guillaume*, o que revela não ser menos virtuoso o período dessas damas como infiéis.

3988. Paralelismo com o v. 3975.

3995-3996. (Ant.) Diversas identificações foram conjecturadas para os topônimos de *Bira* e *Infra*, sem que haja alguma definitiva. Para uma sumária apresentação delas, *vide* Riquer (2003, p. 368).

4002. (Ant.) Para o *explicit* do cantar, *vide* p. 42.

BIBLIOGRAFIA

Edições do Cantar

- Anônimo. (1985). *La chanson de Roland*. (G. Moignet, Ed., & G. Moignet, Trad.) Paris: Bordas.
- Anônimo. (1829). *La chanson de Roland*. (L. Gautier, Ed. crítica) Tours: Alfred Mame et fils.
- Anônimo. (1988). *A canção de Rolando*. (L. Vassallo, Trad.) Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Anônimo. (2003). *Chanson de Roland, Cantar de Roldán y el Roncesvalles navarro*. (M. d. Riquer, Ed., & M. d. Riquer, Trad.) Barcelona: Acanalado.
- Bédier, J. (1927). *La Chanson de Roland commentée par Joseph Bédier*. Paris: L'édition D'art.
- Vallcorba, J. (2012). *Lectura de la "Chanson de Roland"*. (M. d. Riquer, Trad.) Barcelona: Acanalado.

Dicionários

- Cascudo, L. C. (1972). *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint.
- Martins, R., ed. (2015). *Dictionnaire du Moyen Français*. Lorraine: ATILF - CNRS & Université de Lorraine. Disponível em: <http://www.atilf.fr/dmf>.
- Mir, J. M., ed. (1998). *VOX Diccionario ilustrado latino-español / español-latino*. Barcelona: Biblograf, S.A.
- Randel, D. M., ed. (2003). *The Harvard Dictionary of Music*. Cambridge: Belknap Press.
- Taylor & Francis. (2000-2006). *The Anglo-Norman Dictionary*. United Kingdom: MHRA, disponível em: <http://www.anglo-norman.net/>.
- Urbina, J. M. P. S., ed. (1970). *VOX Diccionario manual griego-español*. Barcelona: Biblograf, S. A.
- Von Wartburg, W., ed. (2003). *Französisches Etymologisches Wörterbuch. Le dictionnaire étymologique et historique du galloroman (français et dialectes d'oïl, francoprovençal, occitan, gascon)* Französisches Etymologisches Wörterbuch (FEW). Lorraine: ATILF - CNRS & Université de Lorraine. Disponível em: <https://apps.atilf.fr/lecteurFEW/>.

Estudos sobre *La Chanson de Roland*

- Aebischer, P. (1956). *Le gab d'Olivier*. In: *Revue belge de philologie et d'histoire*, tomo 34, fascículo 3, pp. 659-679.
- Aebischer, P. (1965). *Roland. Mythe ou personnage historique?* In: *Revue belge de philologie et d'histoire*, tomo 43, fascículo 3, pp. 849-901.
- Aebischer, P. (1973). *Oliveriana et Rolandiana*. In: *Revue belge de philologie et d'histoire*, tomo 51, fascículo 3, pp. 517-533.

- Bédier, J. (1912). *De l'autorité du manuscrit d'Oxford pour l'établissement du text de la Chanson de Roland*. In: Romania, 41, pp. 331-3345.
- Bédier, J. (1937). *De l'édition princeps de la Chanson de Roland aux éditions les plus récentes*. Nouvelles remarques sur l'art d'établir les anciens textes (primeiro artigo). In: Romania, 63, pp. 433-469.
- Bédier, J. (1938). *De l'édition princeps de la Chanson de Roland aux éditions les plus récentes*. Nouvelles remarques sur l'art d'établir les anciens textes (segundo artigo). In: Romania, 64, pp. 145-244.
- Bédier, J. (1938a). *De l'édition princeps de la Chanson de Roland aux éditions les plus récentes*. Nouvelles remarques sur l'art d'établir les anciens textes (terceiro artigo). In: Romania, 64, pp. 489-521.
- Bédier, J. (1921). *Les assonances en -è et en -iè dans la Chanson de Rolando*. In: Romania, tomo 47, n° 188, pp. 465-480.
- Bliss L. F. (1913). *The reconstruction of the original Chanson de Roland*. The Romanic Review, 4, pp. 112-117.
- Carton, J. P. (1987). *Aesthetic Considerations Based on "Elaborate Style" in the Chanson de Roland: Diminution in Laisses 232-234*. Olifant, Revista da Société Rencesvals American-Canadian branch. Vol. 12, n° 1, pp. 29-45.
- Carton, J. P. (1990). *Aesthetic Considerations Based on "Elaborate Style" in the Chanson de Roland: Patterns of Intensification and Narrative Progression in Laisses 40-42*. Olifant, Revista da Société Rencesvals American-Canadian branch. Vol. 15, n° 2, pp. 135-155.
- Carton, J. P. (1996). *Aesthetic Considerations Based on "Elaborate Style" in the Chanson de Roland: Patterns of Intensification and Narrative Progression in Laisses 83-85*. Olifant, Revista da Société Rencesvals American-Canadian branch. Vol. 20, n° 1-4, pp. 63-108.
- Crowley F.; Crowley C. (1960). *Le problème de l'étymologie de AOI dans la Chanson de Roland*. In: Cahiers de civilisation médiévale. Ano 3, n° 9, pp. 12-13.
- Duggan, J. J. (1992). *El juicio de Ganelón y el mito del pecado de Carlomagno en la versión de Oxford de la Chanson de Roland*. Mythopoesis: literatura, totalidad, ideologia. Barcelona: Anthropos, pp. 53-64.
- François, G. (2006). *L'émergence de la majuscule dans la Chanson de Roland*. In: Revue de linguistique romane, 70, pp. 41-52.
- Grace, F. (1933). *Aoi in the Chanson de Roland*. Modern Language Association. Vol. 48, N° 3, pp. 629-635.
- Heinemann, E. A. (1973). *Composition stylisée et technique littéraire dans la Chanson de Roland*. In: Romania, 94, pp. 1-28.
- Jenkins, T. A. (1921). *Why did Ganelos hate Roland?* Modern Language Association of America, 36, pp. 119-133.
- Kinoshita, S. (2001). *"Pagans are wrong and Christians are right": alterity, gender, and nation in the Chanson de Roland*. Journal of Medieval and Early Modern Studies, 31:1, pp. 79-111.
- Le Gentil, P. (1968). *A propos de la démesure de Roland*. In: Cahiers de civilisation médiévale, ano 11, n° 42, pp. 203-209.

- Lejeune, R. (1954) *Une allusion méconnue à une Chanson de Roland*. In: Romania, tomo 75 n° 298, pp. 145-164.
- Misrahi, J. e Hendrickson, W. (1979). *Roland and Oliver: prowess and wisdom, the ideal of the epic hero*. Romance Philology, 33, pp. 357-372.
- Pidal, R. M. (1959). *La chanson de Roland y el neotradicionalismo: orígenes de la épica románica*, Madrid: Espasa-Calpe.
- Rapsarda, S. (2013). *Would another Roland be possible? Ganelon's reasons*. L'immagine riflessa. Ano XXII, pp. 151-175.
- Raynaud, G. (1874). *Les assonances du Roland*. Romania, 3, pp. 290-291.
- Riquer, M. d. (2009). *Los cantares de gesta franceses*. Madrid: Gredos.
- Roncaglia, A. (1967) *Geografia storica di leggende e fiabe, da Roland a Aberon*, Cultura Neolatina, LVI, pp. 45-99.
- Roncaglia, A. (1955) *Il silenzio del Roland sur Sant'Iacopo: le vie dei pellerinaggi e le vie dela storia*. In: Coloquios de Roncesvalles, pp. 151-171.
- Ross D. J. A. (1963). *L'originalité de « Turolodus » : le maniement de la lance*. In: Cahiers de civilisation médiévale, ano 6, n° 22, pp. 127-138.

Manuscritos

- Agostinho, Sto. (354-430). *Enchiridion de fide, spe et caritate; Liber questionum / Augustinus [Hipponensis]. Instructionum libri II / Eucherius Lugdunensis*. Madrid: Biblioteca Digital de la Real Academia de História. Disponível em: <http://bibliotecadigital.rah.es>
- Anônimo. (2002). *Cantar de mio Cid : el manuscrito de Per Abbat*. Madrid: Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Madrid: Biblioteca Nacional Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmct1509>.
- Anônimo. *La Chanson de Roland. Digby 23 part b*. (Judith Siefring, Dir.) Coleção *Western Medieval Manuscripts*. Bodleian Libraries, university of Oxford. Disponível em: <https://digital.bodleian.ox.ac.uk/inquire/p/79097275-ef1d-4107-85d3-e8402120f365>
- Anônimo. (1882). *Liber de miraculis S. Jacobi*. In: *Le codex de Saint-Jacques de Compostelle*. Livro IV (Ed. científico: Fita, F.; Vinson, J. Paris: Bibliothèque nationale de France. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1025581/f24.item>
- Eginhardus. (825-826). *Vita Karoli Magni*. In: *Monumenta Germaniae Historica*, Hannover: Scriptorium, 1911, disponível em: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost09/Einhardus/ein_ka00.html
- Homero. (1920). *Homeri Opera in five volumes*. Oxford, Oxford University Press, vv. 1-3, disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/>.
- Pertz, G. H. (1829). *Monvmenta germaniae historica*. Tomo II. Hannover: Scriptorium, disponível em: <http://www.mgh.de/>.

Referências

- Agostinho, P. J. (2013). *Vestidos para matar: O armamento de guerra na cronística portuguesa de quatrocentos*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Anônimo. (1880). *Daurel et Beton*. (P. Meyer, Ed.) Paris: Firmin Didot.
- Anônimo. (1949). *Chanson de Guillaume*. (D. M. Millan, Ed.) Paris: Picard.
- Anônimo. (1997). *Cantar de Guillhermo*. (J. Rubio, Trad.) Madrid: Gredos.
- Anônimo. (1998). *Antología de la épica y el romancero*. (M. d. Gutiérrez, Ed., & M. d. Gutiérrez, Trad.) Barcelona: Grupo Hermes Editora General.
- Anônimo. (2000). *Cantar de Mio Cid*. (A. Montaner, Ed.) Madrid: Real Academia Española.
- Anônimo. (2000). *Daurel y Betón*. (J. D. Velasco, Trad.) Valladolid: Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, Universidad de Valladolid.
- Aristóteles. (1997). *Arte poética*. São Paulo: Cultrix.
- Barros, L. G. (2012). *A batalha de Oliveiros com Ferrabrás*. Cordel. São Paulo: Editora Luzeiro.
- Barros, L. G. (2012a). *A prisão de Oliveiros e seus companheiros*. Cordel. São Paulo: Editora Luzeiro.
- Bodel, J. (1839). *La chanson des saxons*. (F. Michel, Ed.) Paris: J. Techener Libraire Place du Louvre.
- Catalán, D. (1969). *Siete siglos de romancero*. Madrid: Gredos.
- Corbí, F. M. (2007). *Figuras, gesto, afecto y retórica en la música*. In: Nasserre: Revista aragonesa de musicología, vol. 23, Nº 1, pp. 11-52.
- Curtius, E. R. (2013). *Literatura europeia e Idade Média latina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Duby, G. (1982). *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. (M. H. Dias, Trad.) Lisboa: Editorial Estampa.
- Eco, U. (2015). *Arte y belleza en la estética medieval*. Barcelona: Debolsillo.
- Eginhardo. (1999). *Vida de Carlomagno*. (A. d. Riquer, Trad.) Madrid: Gredos.
- Ferreira, J. P. (2012). *A cavalaria no Sertão*. In: M. Mongelli (org.), *E fizerom taes maravilhas... - histórias de cavaleiros e cavalarias*. Cotia: Ateliê, pp. 223-232.
- Gres, C. d. (1979). *L'ideal human et l'experience morale chez les heros des chansons de geste*. Paris: Université de Provence.
- Gual, C. G. (1974). *Primeras novelas europeas*. Madrid: Istmo.
- Gual, C. G. (1997). *El redescubrimiento de la sensibilidad en el siglo XII*. Madrid: Akal.
- Heusch, C. (Diretor). (2017). *Le Cid chanté par Antoni Rossell* [Filme Cinematográfico]. França.
- Huizinga, J. (2016). *El otoño de la Edad Media*. Madrid: Alianza Editorial.
- Luckács, G. (2000). *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34.
- Martin, A. v. (1970). *Sociologia de la cultura medieval*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos.
- Mello e Castro, D. A. (1932). *A nomenclatura das signas medievais*. (I. P. Heráldica, Ed.) Armas e Troféus: Revista de História e de Arte, pp. 21-27.
- Meschonnic, H. (2010). *Poética do traduzir*. São Paulo: Perspectiva.
- Monachi, W. M. (1840). *Gesta regum anglorum, atque Historia novella*. (T. D. Hardy, Ed.) Londres: Sumptibus societatis.
- Ortiz, F. (1991). *El contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*, La Habana: Pensamiento cubano.
- Pirenne, H. (2015). *Las ciudades de la Edad Media*. Madrid: Alianza Editorial.

- Pirenne, H. (2017). *Mahoma y Carlomagno*. Madrid: Alianza Editorial.
- Reboul, O. (2004). *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Reis, J. C. (30 de Junho de 1961). *Noções da arte da armaria*. (USP, Ed.) *Revista de História*, 23(47), pp. 183-219.
- Reis, J. C. (20 de Setembro de 1961). *Noções da arte da armaria* (II). (USP, Ed.) *Revista de História*, 23(48), pp. 501-529.
- Riosalido, J. (1997). *Los vikingos en al-Andalus*. Al-Andalus-Magreb. Homenaje póstumo al profesor Braulio Justel Calabozo, pp. 335-344.
- Rossell, A. (1993). *Anisossilabismo: Regularidad, irregularidad o punto de vista?* In: Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval. Lisboa: Edições Cosmos.
- Rossell, A. (2016). *De épica, escanciación, métrica y música*. In: Antes se agotan la mano y la pluma que su historia. San Millán de la Congolla: Cilengua, pp. 269-299.
- Rossell, A. (2017). *Floripes y Fierabrás: retrotopía y contextualización*. Saberes compartidos, pp. 181-211.
- Rossell, A. (2004). *Llengua, identitat i estratègies de poder a l'Edat Mitjana europea*. *Eurocongrés 2000*, pp. 109-140.
- Ruiz-Domenéc, J. E. (1997). *La Chanson de Guillaume: relato de frontera*. In: Anônimo, *Cantar de Guillermo* (pp. 496-506). Madrid: Medioevo Romanzo.
- Rychner, J. (1999). *La Chanson de Geste: Essai sur l'art épique des jongleurs*. Geneve: Droz.
- Spina, S. (2003). *Manual de versificação românica medieval*. Cotia : Ateliê Editorial.
- Troyes, C. d. (2017). *El caballero de la carreta*. (C. G. Gual, & L. A. de Cuenca, Trads.) Madrid: Alianza Editorial.
- Zumthor, P. (1993). *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Zumthor, P. (2007). *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify.